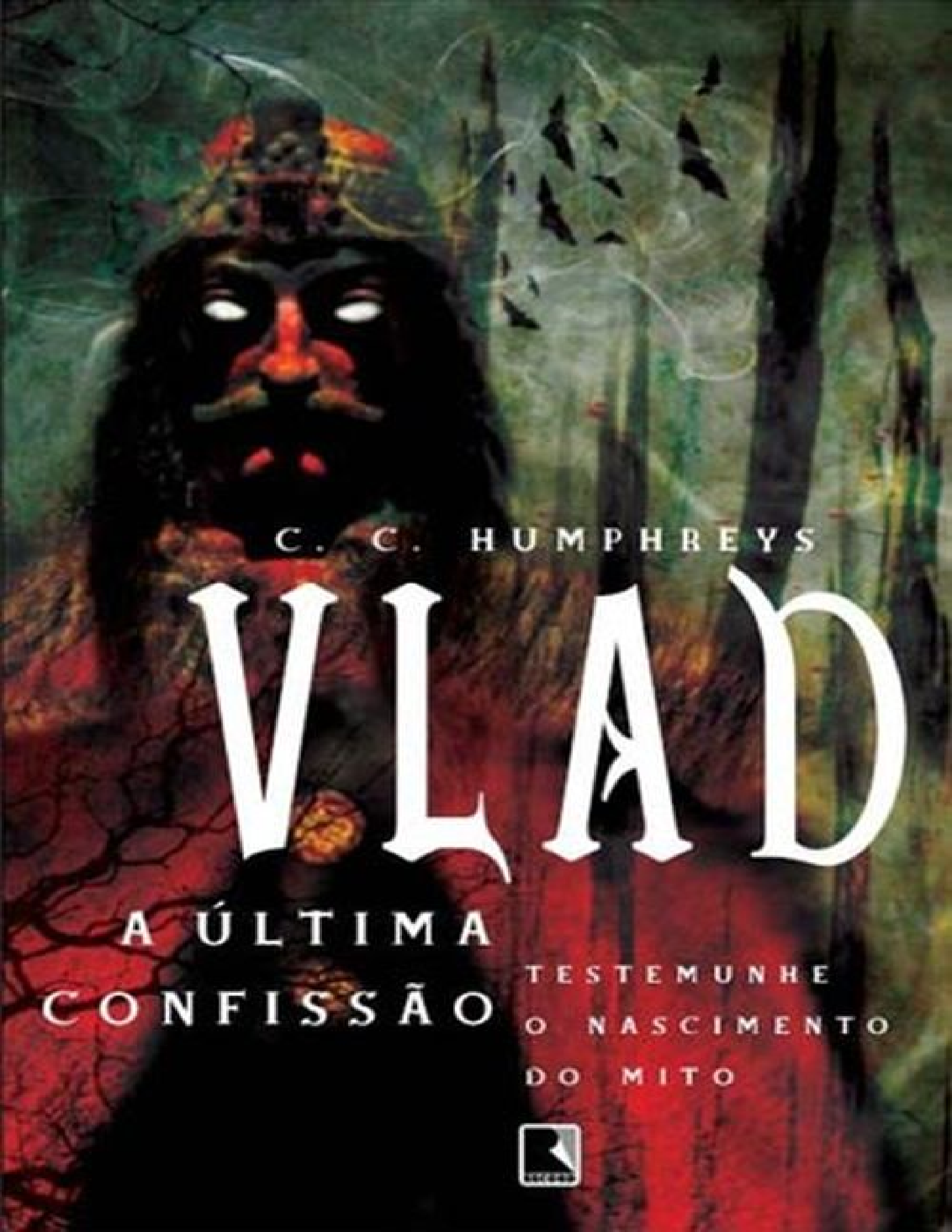


The background of the book cover is a dark, atmospheric illustration. It depicts a figure, presumably Vlad the Impaler, with a pale, almost white face and glowing white eyes. The figure has a dark, possibly black, beard and mustache. The background is a dense, dark forest with tall, thin trees and a ground covered in red, possibly blood-soaked, earth or leaves. The overall tone is dark and mysterious.

C. C. HUMPHREYS

VLAD

A ÚLTIMA
CONFISSÃO

TESTEMUNHE
O NASCIMENTO
DO MITO





C. C. HUMPHREYS

Vlad: A Última Confissão



Título original

VLAD: THE LAST CONFESSION
2009

Tradução

MARIA JOSE SILVEIRA

Editora Record
Rio de Janeiro – São Paulo
2010

C. C. HUMPHREYS

Vlad: A Última Confissão

Tradução de Maria José Silveira

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

2010

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Humphreys, C. C. (Chris C.)

H912v

Vlad : a última confissão / C. C. Humphreys; tradução Maria José Silveira.

Rio de Janeiro : Record, 2010.

Tradução de: Vlad: The Last Confession

ISBN 978-85-01-08711-9 1.

Vlad III, Príncipe da Valáquia, 1430 ou 31-1476 ou 7

Ficção. 2. Valáquia — Reis e governantes

Ficção. 3. Valáquia — História

Ficção. 4. Ficção histórica canadense.

I. Silveira, Maria José. II. Título.

10-0623. CDD: 819.13

ISBN 978-85-01-08711-9

CDU: 821.111(71)-3

Título original em inglês: VLAD: THE LAST CONFESSION

Copyright (c) 2009 by C. C. Humphreys

Editoração eletrônica: FA Editoração

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Prólogo

Confissão

"Cometeste um pecado?

*Então adentra a Igreja e arrepende-te do teu pecado. Pois aqui está
aquele que cura, não o que julga: aqui serás não investigado, mas
perdoado."*

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

1



As Convocações

Valáquia, março de 1481

Tudo estava quieto na floresta. Os últimos flocos de neve da tempestade repentina tinham acabado de cair. Tudo estava parado.

Um homem se sentava no tronco de uma faia-europeia. Seus braços estavam cruzados, as mãos enluvadas apoiadas no colo, a direita por baixo para apoiar o peso do aço na esquerda. Estavam ali havia muito tempo, desde que a nevasca começara. Homem e pássaro — parte da quietude, parte do silêncio. Ambos de olhos fechados. Nenhum dos dois dormia.

Esperavam pelo primeiro som. Algo que reconhecesse o fim da tempestade que fosse o primeiro a se mexer antes que a próxima chegasse.

Ali. Uma contração de narinas, seu rosado a única cor em um mundo branco. Uma inspiração — o primeiro som, seguido pela mais leve das brisas vinda do vale. A lebre não conseguira sentir o cheiro dos que estavam atrás dela.

Quase não chegava a ser um som — mas homem e falcão abriram os olhos. Os da ave eram vermelhos, vermelho-fogo,

vermelho-inferno, porque ela era velha: tinha 9 anos, cinco além de seu ápice, quando podia pegar dez lebres, meia dúzia de esquilos, alguns arminhos, tudo em um único dia. Não pela carne; ela não precisava de tanto. Não pelas peles que vestiam o homem em cujo pulso ela se apoiava. Pelo puro prazer de matar.

Quatro olhos fixaram-se no monte de neve na clareira, procurando a origem do som que não poderiam ter escutado.

A lebre ergueu a cabeça através da crosta de neve. Quando a nevasca começou, fora pega entre faias e choupos, cavando em busca de raízes. Surpreendida pela repentina ferocidade branca, havia parado. A neve nova tinha a profundidade de seu corpo, mas suas pernas traseiras apoiavam-se na terra dura lá embaixo. O abrigo estava apenas vinte saltos adiante. Lá, no emaranhado dos galhos caídos, ela estaria a salvo.

Na árvore, o homem levantou o punho, uma muralha de neve macia desmoronando de seu braço, trovão no silêncio.

A lebre saltou. Jovem, ligeira, estava a meio caminho da segurança quando o homem ergueu o braço e a ave se lançou da árvore. Cinco batimentos e planou. A lebre avançou, tão magra pelo inverno que, na neve mais rasa perto das árvores, deslizou pela superfície macia. À frente, um galho caído formava um arco, como o pórtico de uma catedral.

O falcão atacou, garras atravessando a pele, perfurando a carne. A lebre contorceu-se, arrancando a liberdade de um triunvirato de garras, um jato de sangue se seguindo, uma flecha vermelha apontando para a escuridão e o santuário de madeira.

Então, o movimento cessou e tudo ficou outra vez quieto na floresta.

Com cuidado, o homem saltou da árvore, gemeu, apesar da maciez em que caíra. Neve desmoronou de seu casaco, das faixas alternadas de lebre, esquilo e doninha, da pirâmide de pele de lobo em sua cabeça. Caminhou lentamente, acariciando a suja barba

branca que se curvava, espessa, para cima, até seus pômulos livres do gelo.

Curvando-se, ele passou os dedos em volta da ave, puxando-a gentilmente. Falcão e lebre deslizaram no monte de neve. O pássaro soltou-se instantaneamente, os olhos fixados na bolsa de couro presa à cintura do homem. Ele enfiou a mão livre ali e tirou um pedaço de carne fresca. O pássaro a engoliu, emitindo um pequeno som com a garganta.

A lebre olhava para cima, congelada de terror. Por um momento, o homem a observou de volta. Então, mexeu levemente o polegar, pressionou-o para baixo e quebrou o pescoço.

Foi um som minúsculo. Minúsculo demais para o estalo que veio um momento depois a ser um eco. Ele prestou atenção... e logo ouviu homens tentando não serem ouvidos.

Outro estalo, este vindo do vale. Mais homens ali, e isso o fez entender. Havia pouca caça na pequena montanha no final do inverno; os homens estavam ali por ele.

Ficou surpreso por estarem vindo agora, atravessando a neve fofa. Mas a nevasca havia caído rapidamente, um impacto tardio do inverno, portanto os caçadores deviam ter saído antes que ela começasse. Havia apenas alguns caminhos para sair da montanha e, se ele conhecia todos, presumia que os homens que o caçavam os conheceriam também. Eles se espalhariam como uma rede pelas árvores — soldados, madeireiros e ciganos. Teriam colocado cães... Ali. Um curto latido veio de baixo, outro respondeu de cima, coleiras puxadas tarde demais para silenciá-los.

Ele sabia que um dia viriam atrás dele.

Enfiando o corpo da lebre em sua bolsa, fechou a mão esquerda em um punho. O falcão instantaneamente saltou até ele, olhos vermelhos observando os dele.

— Está na hora — sussurrou.

A ave inclinou a cabeça levemente para um lado, como se o questionasse. Mas sabia tão bem quanto ele. A nevasca fora apenas um eco do inverno.

— Vá — falou. — Encontre um par...

Parou. Toda primavera ele a deixava ir, depois achava seu ninho no final do verão, pegava o filhote, treinava-o, vendia-o para um comerciante na cidade por uma dúzia de moedas de ouro, tão valioso era um pássaro domado. Mas este ano? Ela estava velha e talvez não acasalasse. Além disso, e os homens vindo em direção a eles lá de baixo, lá de cima? Talvez fosse ele quem não retornasse.

— Vá — disse outra vez, e ergueu o braço.

Cinco impulsos com as asas e ela planou. No entanto, antes de ir embora entre duas árvores e talvez da vida dele, a ave virou brevemente de costas, como se fosse pegar um pombo. As garras esticadas, como em saudação. Depois desapareceu.

Ele fechou os olhos para ouvir, depois se moveu em direção oposta ao voo do falcão. Logo os troncos ficaram mais próximos, ramos entrelaçando-se no alto, e a neve já não era tão profunda. Ele começou uma corrida trôpega.

O caçador tornara-se a caça. Agora era ele quem procurava um santuário...

Havia névoa. Apesar das tapeçarias nas paredes, das peles de ovelha sob seus pés, o inverno ainda penetrava na alcova. A água na tina exalava seu calor na friagem e, onde o vapor encontrava a pedra, transformava-se em líquido. Gotas juntavam-se, corriam e paravam, congeladas.

Ela havia tirado todas as roupas, exceto as de baixo. Tremendo, um pé sobre o outro, esperava. A água havia acabado de ser fervida, ainda estava quase insuportável ao toque. No entanto, tinha que permanecer aquecida, pois precisava mergulhar naquela água por um longo tempo, para acalmar suas dores, para seu prazer.

Ela enfiou um braço na tina. Ele ficou vermelho, mas ela conseguiu mantê-lo dentro d'água. Estava quase na hora.

Tirou a rolha de um frasco, inclinou-o com cuidado, observando o líquido viscoso gotejar. Dois batimentos do coração, suficiente, o vapor enriquecido agora com camomila, com sálvia, com sândalo. Ela fechou os olhos, respirou, suspirou. Era revigorante, energético, mas faltava-lhe alguma coisa na base. Óleo de bergamota, pensou. Não conseguiria nem um frasco até os mercadores turcos chegarem para a Feira da Primavera. Dali a um mês.

Ela agora tremia com o frio, mas ainda assim esperou. Fora-lhe ensinado — muito tempo antes, pelos que sabiam bem disso — que prazer adiado era prazer dobrado. No entanto, esperou também por outra razão. Quando retirava seu traje, vislumbrava seu corpo novamente. Não havia espelhos no convento. Ela, que costumava se deleitar ao olhar para si mesma no mais fino vidro veneziano, não havia se visto em nenhum espelho durante os 19 anos em que aceitara as Ordens Sagradas. O corpo pelo qual príncipes haviam lutado mudara.

Ela tremeu de novo, não apenas de frio. Era o momento. A água, perfeita. A mistura perfumada, perfeita. Seu corpo... tal como era. Cruzou os braços, segurou o pano que estava sobre os quadris largos, puxou-o, tirou. Olhou.

Um mês antes, em uma aldeia perto de Targoviste, estigmas haviam florescido em uma estátua da Virgem. As feridas de Cristo, o Filho, apareceram em Maria, a Mãe, em suas palmas, em seus tornozelos, chorando sangue. Milhares tinham ido se maravilhar, de toda a Valáquia, alguns inclusive lutando contra os desfiladeiros da Transilvânia, apesar do inverno mais cruel de que todos se lembravam.

Quantos teriam ido ver as feridas dela? Entrou lentamente na tina, gemendo com a deliciosa dor. Por fim, recostou-se e seguiu com

a ponta dos dedos as linhas púrpura que se levantavam altivas na pele avermelhada, doendo com o calor súbito. Doendo mais com a lembrança do homem que as provocara. Doendo ainda mais quando ela relembrava os outros modos como ele a tocara.

A água envolveu-a, penetrou-a, aliviou suas feridas e suas lembranças. Perfume e calor faziam sua mente deslizar, afastando-se da dor em direção ao prazer; daí para a alegria. Seus órfãos ficavam mais fortes a cada dia, apenas três perdidos para o inverno, trazidos demasiado tarde até para seus cuidados. O resto, todos os cinco, florescendo. Em seu catre estava uma trança feita com ramos de alecrim, que a menor, Florica, lhe dera naquela manhã. Estava entrelaçada com um cacho de seu cabelo cor de trigo. A menina não precisava poupá-lo, tinha tanto quanto ela própria um dia tivera, antes de desposar Cristo.

Sentiu as batidas na porta principal do convento ao mesmo tempo que as ouviu. Três batidas que viajaram através da pedra, subindo pela madeira, ondulando a superfície da água. Mas não abriu os olhos. O sino das matinas havia chamado as noviças para as orações pouco tempo antes. Nenhum visitante seria admitido no convento até o amanhecer, por maior que fosse sua dor.

Pam. Pam. Pam. Fosse quem fosse, não usara a aldrava de ferro contra a madeira. E então, reconhecendo o som, ela se ergueu. Só o escutara uma vez antes, no dia em que as feridas foram feitas.

Estavam batendo na porta com o punho de uma espada.

Escutou o raspar distante do gradeado da porta, o queixume do velho Kristo, o porteiro, depois uma voz baixa, de comando. Ela não conseguia ouvir as palavras, mas sabia o que eram. Ela sempre soube que as escutaria, um dia.

"Por ordem do voivoda, estou aqui para prender..." O portão se abria e ela se levantava. Havia lençóis para secá-la, mas ela mal os usou. Era mais importante estar vestida, oculta. Então, quando estava prestes a colocar a roupa por sobre sua cabeça, ela parou. Pois

o homem, cujas passadas com sapatos ferrados estavam agora soltando faíscas no pavimento de laje do pátio, provavelmente sabia quem ela era. Ele vinha para lhe perguntar sobre o último homem que a vira nua, o primeiro a ver seus ferimentos. O homem cujo cadáver ela preparara para a tumba cinco anos antes.

Todas as coisas terminam. Dezenove anos de vida no convento terminaram. Freira, abadessa eram apenas títulos, já no passado, junto com os outros que tivera — escrava, concubina, amante real. Só se entristecia por não estar presente quando seus órfãos ficassem mais fortes; mas outros tomariam conta deles, com certeza.

Ela ainda não tremia. E de repente imaginou como seria ver a si mesma outra vez, nua no espelho dos olhos de outro homem.

Jogando os panos de lado, pegou a trança feita com alecrim e os cabelos da menina. Alecrim, ela tinha dito a Florica justo naquela manhã, era a erva das lembranças.

Então agora, segurando-a à frente do rosto, ela se lembrava de tudo e se virou sorrindo para a porta que se abria...

Na perfeita escuridão do calabouço, o cavaleiro estava caçando.

Ele não se movia. Não apenas porque estava quase cego; isso não importava muito ali. Mas cada terreno exigia uma habilidade, cada tipo de presa, uma técnica. Algumas caças deviam ser perseguidas, outras, atraídas. Nos cinco anos em que vivera na noite constante, aprendera a conhecer aquele mundo como antes conhecera vales e florestas, desertos e mares. Ele o moldara, com o que estava disponível. O junco do piso não fora trocado desde o outono e, portanto, estava grosso com a sujeira; quando a temperatura se elevava acima do ponto de congelamento, como naquele dia, tornava-se maleável. Assim, ele havia formado ali passagens que uma criatura, tão faminta quanto ele, poderia seguir. Elas enroscavam-se e se curvavam ao redor da cela, um labirinto

com ele no centro. Ele não as fizera fáceis demais, pois toda caça é desconfiada; mas os famintos o eram um pouco menos, e havia pão mofado a seus pés.

Esperou, mas não no calabouço. Não havia necessidade de ficar ali. Uma parte sua tinha que permanecer para escutar, mas o resto estava livre para partir para outros terrenos, com caças maiores. Ele não pensava em si mesmo em outro lugar, na memória, simplesmente. Ele ia a qualquer lugar que escolhesse, com quem quer que escolhesse.

Um sempre estava lá. Como menino, como jovem, como adulto.

Sim! Eles estão no Fagaras agora, entre aqueles picos, caçando naqueles vales. São meninos, mal chegando aos 10 anos, mas ainda assim deixaram os outros bem para trás, pois tinham os melhores cavalos e maior habilidade em dominá-los. E têm o desejo, não apenas pela caça, mas também pela vitória sobre o outro. Vencer é tudo, agora, sempre.

A caça deles é um javali. Há um que eles viram e perderam nesse vale antes, um monstro de costas prateadas e presas como cimitarras.

O javali sai do esconderijo. As esporas dos meninos ficam vermelhas com o sangue dos flancos de seus garanhões enquanto se esforçam para alcançá-lo primeiro. Há um pequeno bosque à frente cujos galhos entrelaçados não permitirão a passagem nem do caçador nem do corcel, só da presa. Portanto, eles batem com os calcanhares, com um ritmo combinado. É uma investida longa, uma última chance. Ele vai, se lança e sua lâmina de aço corta as costas prateadas, o gume da navalha tirando sangue, indo mais devagar, sem parar. Seu companheiro, irmão em tudo menos no sangue, também se arremessou, mas se arremessou de verdade. O javali tropeça várias vezes até que a árvore que o teria salvo faz com que

pare. Ele está morrendo, mas ainda vive. E, nos últimos momentos de sua vida, é o mais perigoso que pode ser.

— Não — ele murmura, com um medo súbito, enquanto seu companheiro desliza de sua sela, com outra lança de javali já nas mãos. — Espere até que esteja morto.

Era estranho. A maior parte dos rostos desaparecera da memória, dos sonhos. Mesmo os mais familiares — pais, filhos, amantes, inimigos. O dele, nunca.

Ele para agora, olha para cima através do cabelo negro, com aqueles olhos verdes. O sorriso vem. — Quantas vezes, Ion — diz, com aquela voz suave. — Você precisa olhar nos olhos deles enquanto estão morrendo.

Na memória indistinguível do sonho, seu amigo avança. O javali levanta, bramindo, sangue escorrendo da boca, a haste da lança estremecendo em seu flanco. Ele ataca e o menino se firma, sua lança deitada como na liça. Enquanto o animal se desvia, o menino dá um passo para o lado e ataca. A lâmina em forma de folha pega o animal no peito, mas não o detém. O aço precede o cabo enfiando-se na carne enquanto o javali empurra o comprimento da arma para dentro de seu corpo. Só quando atinge a mão que firma a lâmina, quando absorveu quase toda a madeira, ele para, abaixa sua grande cabeça, apoia uma presa sobre a mão, gentilmente, como uma carícia.

— Morra bem — diz o filho do Dragão, sorrindo.

Muito acima, um ferrolho foi solto. Foi um rumor de som, mas agudo naquele silêncio. Enquanto ele estava caçando em outro lugar, escutou outro animal, farejando um jeito de sair do cano. O barulho o afugentara. Ele gritara de frustração, por ter perdido a chance de ter carne fresca — tudo porque estavam trazendo um prisioneiro, destinado a uma cela muito acima da dele.

Então outra porta se abriu e ele ergueu o rosto, como que para ver através da pedra. Raramente um prisioneiro era levado ao

segundo piso. Alguém de posição mais elevada, talvez, ou um crime mais hediondo? Ele suspirou. No segundo piso, uma fenda seria aberta no alto da parede e, embora sua vista agora fosse ruim, ainda seria capaz de ver a pequena mancha de céu mudar de tom. Melhor, seria capaz de sentir o cheiro... o pelo de um cão de caça molhado pela neve, uma macieira queimando, um vinho esquentando. Escutar... o relincho de um cavalo, o choro de uma criança, a risada com alguma piada.

Então, no piso diretamente sobre o dele, um ferrolho foi solto. Ele agora estava animado, a presa perdida, esquecida. Não seria dia de comer, mas alguém estava chegando.

Prendeu as pálpebras com os indicadores e polegares para ter certeza de que não piscaria. O raro cintilar de luz passando pela abertura da grade era tudo que o impedia de ficar totalmente cego.

Ele se ajoelhou, pressionando os lábios contra o piso, umedecendo-os no musgo molhado. A porta da cela acima rangeu, abrindo-se. Mas então ele escutou apenas um único passo... e se agachou, gritando. Pois guardas sempre vinham em pares; só um padre ou um assassino viria sozinho.

Seus olhos agora estavam arregalados sem necessidade de segurá-los, terror no som daquele único homem se aproximando da pedra de abertura no piso. Pois se fosse um assassino e não um padre...

Tateou ao seu redor à procura do osso afiado, então agarrou-o e pressionou-o contra a veia de seu pescoço. Ele tinha visto prisioneiros serem torturados até a morte; ele mesmo torturara alguns. Sempre jurara que não morreria daquele jeito.

No entanto, não empurrou. Ele poderia ter se matado antes, dado fim àquele sofrimento. Mas morrer antes de fazer sua última confissão? Isso faria com que os tormentos que sofrera naqueles últimos cinco anos durassem por toda a eternidade. Pior! A menos que fosse absolvido de seus pecados, o destino do suicida não

significaria nada para ele — pois o nono, último e mais profundo círculo do inferno, assim como a masmorra do castelo de Bucarest, estava reservado apenas para os traidores.

Ele escutou o tilintar do metal. Não era o ferrolho na grade sendo tirado. Era uma barra sendo enfiada em um gancho. E então a pedra, que não havia sido levantada em cinco anos, foi erguida.

A tocha flamejando acima dele era como o sol do deserto ao meio-dia. Uma sombra negra a mantinha no alto. Padre ou assassino? Ele pressionou a ponta afiada do osso na pele. Mas ainda não conseguia enfiá-la em sua carne, podia apenas coaxar sua única e definitiva esperança. "Pai, eu pequei contra o céu e perante o senhor." Por um momento de silêncio, nada se moveu. Então um braço se estendeu lentamente...

2

A câmara

Ele procurou por ela como sempre fazia, pouco antes de acordar, como sempre fizera a cada manhã durante vinte anos. Por um tempo, outras anônimas estiveram ao lado dele e, ao tocar a maciez delas, ele às vezes a confundia com a de outra, despertando, por um momento, com alegria. Mas a amargura do instante seguinte, quando a compreensão se tornava desespero, fizera com que havia tempos ele tivesse escolhido dormir só. As companhias eram despachadas depois que cumpriam suas funções, mitigada alguma necessidade. Por dez anos, ele nem sequer tinha se incomodado com isso.

Janos Horvathy, conde de Pecs, procurou, compreendeu... mas mesmo assim manteve seu único olho fechado. Estava tentando

ver o rosto de Katarina. Algumas vezes conseguia, naquele breve instante de procura, de compreensão — o único momento em que era possível. Havia um retrato dela, mas aquilo mostrava meramente sua beleza; nada do que ele realmente amava: o tato de sua pele, sua calma, seu riso.

Não. Esta manhã ela não viria, nem mesmo brevemente, seus traços se dissolvendo em uma inadequada lembrança feita de tinta. Uma brisa agitou o tecido embebido em cera de abelha na frecheira, permitindo a entrada de um pouco de luz, tornando o quarto ainda mais frio. A princípio, ele se perguntou por que seus servos não tinham consertado isso; e então se lembrou de que não estava em seu próprio castelo, na Hungria. Estava no castelo de outro homem, em outro país.

E então lembrou por quê. Lembrou que hoje talvez fosse o começo do fim da maldição que matara sua esposa vinte anos antes; que mandara seus três filhos para a câmara mortuária da família: um nascido morto, um derrubado na batalha, outro levado pela peste.

Uma batida na porta.

— Sim? — respondeu.

Um homem entrou. Era Petru, o jovem spatar que protegia essa fortaleza para seu príncipe, o voivoda da Valáquia. Ele ficou parado à porta, mudando o peso de um pé para o outro, tão nervoso quanto ficara na chegada do conde, no dia anterior. Horvathy compreendia a razão. Não era frequente um dos nobres mais importantes da Hungria ir a um lugar tão remoto com propósito tão ímpar. E, antes que ele chegasse, Petru tivera que fazer vários arranjos, em grande sigilo.

— Está tudo pronto? — perguntou Horvathy.

O homem umedeceu os lábios.

— Eu... eu acredito que sim, meu senhor. Se desejar, o senhor, por favor... — Fez um gesto para as escadas às suas costas.

— Sim. Espere por mim.

O fidalgo se curvou e fechou a porta atrás de si. Horvathy deslizou de sob as peles, sentou-se por um momento na beira da cama, coçando os grossos e espetados pelos de sua barba grisalha. O quarto, apesar da brisa, não era mais frio do que o seu, em Pecs. Além disso, já havia descoberto havia longo tempo que o castelo pelo qual negociara a alma nunca poderia ser aquecido se ninguém que ele amava podia sobreviver lá dentro.

Rapidamente, vestiu-se e foi à procura de calor. Não para seu corpo; ele nunca realmente exigira isso. Para sua alma.

— Meu senhor — disse o jovem spatar, empurrando a porta para dentro e dando um passo para trás.

Horvathy entrou. O salão, iluminado por quatro tochas de junco e pela luz da alvorada atravessando as frecheiras, era tão modesto quanto o restante do castelo — uma câmara de pedra retangular com 20 passos de comprimento por 12 de largura, paredes revestidas com tapeçaria barata e peles espalhadas pelo piso, ambos recursos para reter o calor vindo da grande lareira acesa à toda potência do lado leste, e fracassando em fazê-lo. Era um quarto funcional no centro de uma fortaleza simples. Comum.

No entanto, o que fora colocado no cômodo tornava-o... incomum.

Ele olhou em volta, depois para o jovem à sua frente.

— Conte-me o que você fez.

— Obedeci às ordens do meu príncipe, o voivoda da Valáquia.

Petru ergueu uma folha de pergaminho.

— Ao pé da letra, acredito.

— E como essas ordens chegaram a você? — Foram deixadas à noite, do lado de fora do portão três semanas atrás, em uma sacola. Traziam o selo do voivoda, mas... — Ele molhou os lábios. — Mas outra nota avisava que o voivoda não devia ser procurado, nem contatado de nenhuma maneira.

Horvathy assentiu. O voivoda sabia tanto quanto qualquer um o perigo do jogo que estavam jogando.

— E algo mais foi deixado? — Sim, meu senhor. — O jovem engoliu em seco. — Para fazer peso na sacola, havia diversas partes de uma espada de mão e meia. Uma lâmina, guarda-mãos, a empunhadura.

Havia a ordem para forjá-la novamente. Tive que mandar buscar um ferreiro em Curtea de Arges. Ele chegou esta manhã e já começou o trabalho. Nossa forja é pobre, mas ele diz que tem tudo de que necessita.

— Não exatamente tudo — retrucou Horvathy, procurando por algo dentro de seu gibão. — Ele vai precisar disso. — Tirou dois círculos de aço, do tamanho do aro formado pelo indicador e polegar juntos. As bordas eram grossas, pois tinham sido goivadas do punho de uma espada. — Tome. Isso me foi enviado, com a convocação que me trouxe aqui. — Seu único olho estava fixado nos do homem mais jovem esperando por sua reação.

O rapaz exclamou: — O Dragão! — Você reconhece isso? — Certamente, meu senhor. — Petru girou as peças em seus dedos, sobressaltando-se quando as beiras serrilhadas o fizeram sangrar. — É o símbolo tanto do homem que construiu este castelo como da Ordem Sagrada que ele comandava. O homem, a Ordem, ambos desonrados, desgraçados...

A rapidez da investida de Horvathy assustou Petru. O conde era uma cabeça mais alto do que o fidalgo, assomando agora sobre ele.

— Eu teria cuidado com termos como desonra e desgraça, spatar — gritou, o rosto marcado por cicatrizes à distância de um palmo. — Porque eu também sou um Dragão.

Ele sustentou o olhar, seu único olho acinzentado brilhando, ainda mais luminoso em contraste com o outro vão enrugado.

Petru gaguejou: — Eu... eu... eu não quis ofender, conde Horvathy. Eu meramente... repeti o que escutei...

O olhar se manteve um momento a mais. Então o homem mais velho deu-lhe as costas e falou, mais calmo: — Você repete boatos, compilados das fantasias sobre um Dragão, Vlad Drácula, seu antigo príncipe. No entanto, parte do que você diz é verdadeiro: foram seus feitos sombrios que contaminaram a Ordem à qual ele fez seu juramento. Fantasias que fizeram tudo menos destruí-lo.

— Menos destruí-lo? — Petru perguntou, com cuidado. — Ele foi destruído, com certeza, não foi? O húngaro inspirou profundamente.

— Até ser atravessado pela lança mágica de São Mihail, um Dragão não pode ser morto. Ele só dorme. Dorme talvez para um dia despertar... — A voz de Horvathy sumiu, abafada atrás da mão em frente ao seu rosto.

— Meu senhor, eu... — Petru deu um passo em direção ao conde com um tom de voz cauteloso. — Fui criado para honrar o Dragão. Sonhei em me tornar um irmão.

Se ele pudesse despertar, com honra, eu cavalgaria sob sua bandeira com alegria. E não estaria sozinho.

Horvathy virou-se. Viu o anseio no olhar do jovem. Ele uma vez tivera essa fome, essa ambição. Quando tinha dois olhos. Antes de ser um Dragão. Antes de ser amaldiçoado.

Suspirou profundamente. Ele também se sobressaltara com sua ira repentina. E sabia que ela não deveria ser dirigida ao jovem a sua frente, mas a si mesmo. Levantou a mão, passando os dedos sobre a cicatriz onde antes estivera seu olho. Talvez este fosse o dia da redenção de todos os pecados, o começo da esperança. Outros também deviam ter pensado assim. Se não, por que todos esses preparativos elaborados e secretos? Ele quis saber sobre essa questão. Com uma voz mais calma, disse: — Diga-me o que mais fizeram.

O homem mais novo assentiu, o alívio óbvio em seu rosto. Fez um gesto para o estrado, erguido em frente à lareira, e para as três cadeiras sobre ele.

— Devemos nos sentar ali, meu senhor, mais perto do fogo. As cadeiras são as mais confortáveis que possuo. Minha esposa sentiu por ter de renunciar à dela, pesada como está com nosso primeiro filho... — Interrompeu-se, ruborizado, e para ocultar seu embaraço conduziu-o para além do estrado, em direção à uma mesa ao lado. — E eis aqui o melhor que uma humilde fortaleza, no final do inverno, pode oferecer como alimento.

Horvathy observou a mesa, que estava bem provida com vinho, pão rústico, queijo de cabra conservado em cinzas e salsichas temperadas com ervas. Então viu o que estava ao lado da comida.

— E isso é... — perguntou, embora soubesse.

— Eles vieram na sacola, meu senhor. O voivoda ordenou que ficassem expostos. — Petru levantou o de cima. Na folha de rosto, uma xilogravura tosca representava um nobre jantando rodeado por fileiras de corpos se retorcendo em estacas. À sua frente, um servo cortava membros, separava narizes e orelhas.

— "A história do louco sedento de sangue", Petru leu em voz alta, depois lhe ofereceu o panfleto. — Deseja ler, meu senhor? — Não — retrucou Horvathy, lacônico. Já os vira antes, muitas vezes. — E agora — disse, virando-se para trás.

Ele tinha evitado olhar para aquilo, depois do primeiro relance ao salão, embora fossem o que de maior havia ali. Pois eles falavam muito claramente a seus pensamentos mais profundos. Ao pecado. À redenção. À absolvição, procurada e jamais encontrada.

Os três confessionários estavam alinhados exatamente no centro do cômodo, de frente para o estrado. Cada um era dividido em dois cubículos, um para o suplicante, outro para o padre. As cortinas estavam abertas, e Horvathy pôde ver que eles haviam sido

adaptados para longos períodos de uso. Havia almofadas, peles de lobo.

— Por que isso? — disse com suavidade, adiantando-se e tocando a manchada madeira escura.

— O voivoda ordenou, meu senhor — disse Petru, aproximando-se dele. — E essa foi a tarefa mais difícil de cumprir. Como o senhor sabe, nós, da fé ortodoxa, não os temos, pois nos contentamos em ajoelhar perante nossos padres, a plena vista, à frente do retábulo. Assim, fui forçado a procurar os malditos saxões católicos do outro lado da fronteira aqui da Transilvânia, que me enganaram como é do feitio deles... — Ele se interrompeu e enrubesceu. — Eu... não quis desrespeitá-lo, conde Horvathy. Sei que o senhor segue a fé romana.

Horvathy desculpou-o com um gesto.

— Não se inquiete, spatar.

Ele deu um passo, entrando no lado do padre do cubículo.

— O que é isto? — perguntou, abrindo uma mesa com dobradiças.

— Mandeí que as instalassem. A ordem falava de escribas que se sentariam aí. As... confissões devem ser anotadas, não devem?

— Devem. Eu trouxe os escribas. Você pensou bem. — Horvathy virou-se rapidamente. — E por fim... — Ele olhou para as sombras no canto distante do salão, oposto à lareira. — O que tem ali?

— Ah. Talvez esta tenha sido a única vez que excedi minhas ordens. — Ele fez um gesto e Horvathy o seguiu até outra mesa. — Aqui tem comida simples para os escribas e para as... testemunhas — ele engoliu em seco. — Meu latim é pobre e fiquei inseguro sobre o que exatamente o voivoda quis dizer com... *quaestio*. Se algum tipo de interrogatório está planejado, pensei...

Ele apontou para os objetos na mesa. Horvathy estendeu a mão, tocou o metal da gaiola para cabeça, pressionou o dedo contra os agulhões dentro dela. Relanceou para os outros instrumentos — a bota de esmagar ossos, o parafuso de aperto manual, as pinças para carne. Dificilmente seria considerado um conjunto completo; era só o que o spatar levava em suas viagens para reforçar a vontade do voivoda nas aldeias locais, sem dúvida.

Levando o dedo à boca — os agulhões haviam cortado sua pele —, ele assentiu. Não acreditava que seriam necessários, mas não queria condenar o zelo do spatar. Então viu, sob a mesa, alguma coisa encaixada na parede.

— O que é isso? — murmurou.

O homem mais jovem sorriu.

— Uma curiosidade. Dizem que o antigo voivoda puniu os nobres traidores obrigando-os, assim como a suas famílias, a trabalhar como escravos e construir este castelo. Como tantas outras histórias contadas sobre ele, eu não acreditava nisso. Até que encontrei... isto. — Ele puxou uma vela do bolso e foi acendê-la em um dos archotes de junco queimando em um candeeiro e voltou. Abaixando a fonte de luz, ainda sorrindo, ele disse: — Veja, meu senhor. E sinta.

Sem pensar, Horvathy fez ambos. Soube instantaneamente o que se projetava da argamassa, entre dois tijolos.

Era o maxilar de uma criança.

Puxou rapidamente a mão de volta, deixando uma mancha de sangue no dente de leite enegrecido. Ele também escutara a história da construção do castelo. Como muitas outras sobre o Drácula, sempre pareceu improvável. Como tantas outras, era, sem dúvida, pelo menos parcialmente verdadeira.

Janos Horvathy, conde de Pecs, olhou outra vez para os três confessionários no salão. As lendas que viriam deles seriam similares. E piores. Muito piores. De repente, toda a esperança que

tivera quando primeiro recebeu a cobertura da espada do Dragão, a esperança que o sustentara na travessia dos vales bloqueados pela neve da Transilvânia até essa fortaleza remota na Valá-quia, desapareceu. Que histórias emergiriam ali que fossem capazes de liberar tanto mal? Que confissão possível seria capaz de libertar a Ordem do Dragão de sua desgraça — e ele, de sua maldição? Levantou o dedo até o olho ausente, também deixando ali uma mancha de sangue, também limpando-a.

— Mande o restante da espada para o ferreiro. E chame-os. Chame a todos.

Com uma reverência, Petru virou-se para obedecer.

3

Confissões

Os primeiros a chegar foram os escribas, monges de tonsura, cada um carregando seus tinteiros, seus pergaminhos e penas, suas pequenas facas. Encaminharam-se ao lado do padre dos confessionários, colocaram os equipamentos sobre a prateleira, puxaram a mesa de escrever dobrável que Petru havia arranjado, então se acomodaram, puxaram a cortina.

Um momento depois, Bogdan, braço direito em Poenari, apareceu. Ele fora enviado para encontrar o grupo do conde e guiá-lo até o castelo. Durante a jornada, Horvathy havia lhe perguntado sobre os prisioneiros que buscara por ordem do voivoda — o primeiro dos quais Bogdan agora estava praticamente carregando até o saguão. Esse homem — um antigo cavaleiro, Horvathy fora informado — agachou-se por um momento na soleira da porta, incapaz de ficar de pé após cinco anos em uma masmorra, uma cela

que tinha a metade de sua altura. Isso explicava seu andar, como um caranguejo na praia, e sua quase cegueira, pois quase nunca via a luz. Também explicava seu cheiro, que mesmo um banho completo no cocho dos cavalos no pátio do castelo mal conseguira diminuir.

Com a ajuda de Bogdan, o prisioneiro se ergueu até o banco do primeiro confessionário e acomodou-se ali, puxando os joelhos para cima sob a veste que usava. Uma luz chegou até seus olhos enquanto ele inalava o aroma de incenso e cera. O homem estendeu a mão e tocou a grade, balbuciando de alegria. Bogdan fechou a cortina.

O segundo prisioneiro, a mulher, também usava uma veste. Bogdan havia contado como fora ao convento para capturar a abadessa e encontrara não uma velha dama respeitável e sim uma lunática nua, que jogara uma trança sobre ele. Ele não a tocara — todos sabiam que esta era a primeira maneira de uma bruxa laçar sua vítima. Não havia parado para examinar sua nudez. Simplesmente a envolvera em uma manta e a jogara na carroça.

A cabeça da mulher estava descoberta agora, e, sob o cabelo curto e espetado, sua pele brilhava à luz do fogo. Os olhos também brilhavam ao apreender o que estava à sua frente. Bogdan não a tocou nem a guiou. Petru, de pé na frente do estrado, apontou para o confessionário do meio, dando um grande passo para trás quando ela passou. Depois que a mulher se acomodou, ele fechou a segunda cortina.

E, por fim, veio o eremita, uma repulsiva juba de cabelo caindo sobre seus olhos baixos, a barba cheia movendo-se ao redor da boca, os lábios escondidos formando palavras em silêncio. Desde que Petru em pessoa o capturara — em uma caverna na própria floresta que cercava o castelo Poenari —, o homem não tinha falado.

Petru ergueu os olhos para o conde.

— Agora, meu senhor? Horvathy assentiu e Petru se voltou para o tenente.

— Vá dizer a Vossa Eminência que tudo está pronto.

Uma medida, e o soldado se foi. Agora, prestes a começar, Horvathy não sentia nada, salvo uma curiosa letargia. Seu único olho perdia o foco enquanto olhava para o chão sob seus pés. Ao seu redor, o salão estava tomado por pequenos sons. O crepitar das chamas, na lareira e nos archotes, o afiar das penas, um gemido baixo.

Então, através das frecheiras, escutou primeiro o grito agudo de um corvo e depois o crik crik de um falcão caçador. Levantou a cabeça em direção ao som e desejou também estar caçando.

A porta se abriu. Um homem entrou.

Ele destoava daquele cômodo frugal como um pavão em um galinheiro. Em contraste com os homens de vestes cinzentas que o serviam, vestia-se com reluzentes roupas escarlates, e, comparado à magreza lupina deles, era gordo, mais um novilho que um touro. Ao subir no estrado, respirava pesadamente, como se estivesse escalando uma torre. Quando empurrou seu capuz para trás, o rosto que se revelou estava mergulhado em um pescoço cheio de papadas, olhos negros guarneciam a pele de seu rosto como passas em um pudim. Seu cabelo era curto, louro e grosso e estava preso sob um barrete vermelho. Ele se deixou cair sobre a cadeira.

Com um gesto, o húngaro indicou que o spatar se sentasse. Mas ele mesmo não o fez. Em vez disso, olhou para a frente e falou diretamente aos três confessorais.

Ao fazer isso, de cada uma das câmaras veio o arranhar da pena sobre o pergaminho.

— Que se saiba que sou Janos Horvathy — ele disse, falando clara e vagarosamente —, conde de Pecs. Fui enviado aqui por ordem do meu senhor suserano, meu rei, Matthias Corvinus da Hungria, para... para interrogá-los.

— ele gaguejou um pouco na mentira, e fez um gesto abarcando o salão. — E embora considere este método, tudo isso...

algo estranho, não questiono as ordens do voivoda da Valáquia, em cujo reinado, e por cuja graça, esse interrogatório ocorrerá. — Fez um gesto para o homem mais jovem. — Que também se saiba que Petru Iordache, spatar de Poenari, cumpriu as ordens de seu soberano até os mínimos detalhes. — Sentou-se e olhou para o cardeal.

— É preciso? — o bovino homem da igreja suspirou.

Horvathy apontou para os confessionários.

— Tudo será anotado. O senhor tem aqueles a quem se reportar, eu tenho os meus. Precisamos ter um registro preciso.

— Ah, um registro? — Estremecendo ao se inclinar para a frente e apoiar um pouco do peso sobre os pés inchados, o homem retrucou: — Que seja então, para os registros, eu sou Domenico Grimani, cardeal de Urbino e, como núncio do papa na corte do rei Matthias, represento Sisto IV. E, para os registros, acredito que o Santo Padre ficaria espantado de me ver aqui, nestas montanhas bárbaras, fazendo parte de uma... pantomima! — Uma pantomima! O cardeal não recuou ante o rugido de Horvathy.

— O senhor me pediu para acompanhá-lo nesta jornada, conde.

Disse que precisavam de mim para julgar alguma coisa. Mas o frio, as tabernas infames, as estradas assustadoras... bom, elas afastaram completamente de minha cabeça qualquer razão para que eu esteja aqui. — Ele levou a mão gorda à testa, arremedando uma reflexão. — Era para escutar as lendas sobre um monstro? Era para ver se podemos reabilitar Drácula? — O cardeal deu uma risada, apontando a sua frente. — E tudo isso? Tudo isso para que a fraternidade secreta que ele dirigia, e levou para a cova com seus horrores, possa se levantar outra vez? — Ele agora estava se sacudindo com as risadas. — Para os registros... quem se importa? — Eu me importo! — rugiu o homem a seu lado. — Talvez o senhor tenha esquecido, embora eu duvide, que a fraternidade da qual

zomba é a fraternatis draconem, a sagrada Ordem do Dragão. Da qual eu e meu pai fomos... somos!... membros orgulhosos. Fundada com o único propósito de combater os infiéis e os heréticos. Os inimigos da Hungria, os inimigos de Cristo, os inimigos do papa, cardeal Grimani. — Horvathy voltou a baixar a voz, em volume, mas não em paixão. — E o homem do qual fala não foi um líder, mas seu membro mais famoso durante certo tempo. Foi o último a marchar sob a bandeira do Dragão contra os turcos. E sob ela, quase os derrotou.

Teria conseguido, talvez, se o papa, meu rei e, sim... — gaguejou — ...seus companheiros Dragões não o tivessem abandonado.

Assim como o cardeal tremera com o riso, também o conde agora tremia com ira. Mas, respirando profundamente, recostou-se e continuou, com mais calma: — E vou lembrá-lo, cardeal, de por que o senhor está aqui. De por que concordou em me acompanhar a esta terra "bárbara". — Ele se inclinou para a frente, falando tanto para os escribas quanto para o romano: — Foi porque uma Ordem do Dragão restaurada poderia outra vez tornar-se a espada de Cristo, unindo líderes em todos os estados dos Bálcãs e além sob nossa bandeira. E, portanto... preciso lembrá-lo disso?... ajudando a retirar a cimitarra que atualmente pressiona a garganta de Roma.

— Meu senhor Horvathy — o cardeal retrucou, diplomacia substituindo a rispidez em sua voz —, peço perdão. Não quis colocar nenhuma nódoa em sua Ordem, que sem dúvida já foi uma poderosa arma da causa da cristandade. Mas estou confuso: não é uma tarefa impossível, limpar o nome de alguém tão sujo? Com certeza, o mundo inteiro conhece a infâmia de Drácula, sua crueldade, sua depravação.

— O que o mundo sabe — o tom do conde também se acalmou — é a história que seus conquistadores contaram. E, considerando que controlam tantas prensas de impressão, foram

essas histórias que se espalharam por toda parte. — Fez um gesto para a mesa e para a pilha de panfletos sobre ela.

— Mas e se o Santo Padre perdoasse... por que então, afinal, não existiriam outras prensas em Roma, em Buda, prontas para imprimir outras histórias? Uma versão diferente da verdade? — Ah, a verdade. — O cardeal deu um sorriso superficial. — A verdade da história. Muitas vezes me perguntei o que é isso. É a verdade o que procuramos aqui? Ou será apenas uma versão dela, que satisfará todas as nossas ambições? — Suspirou. — Mas você está certo, conde Horvathy. Prensas são armas tão fortes quanto espadas e machados. Em alguns casos, até mais. Muitas vezes pensei: se o demônio tivesse uma Bíblia impressa, seria tão impopular quanto é agora? — Um sorriso foi a resposta à reação de Petru, que arfou de susto. Então ele se inclinou para a frente. — Então, qual é a verdade que você os fará contar? — Isto é o que ouviremos — retrucou o conde. — O que procuramos talvez não seja possível. Pode ser que o monstro seja a única coisa que emergirá dos relatos.

Mas, considerando já que os turcos agora têm um pé cravado na Itália, em Otranto, e que o estandarte do sultão foi erguido em frente às paredes da perdida Constantinopla, e quem sabe até onde ele levará seu exército?, não é esta uma história que precisa desesperadamente ser contada? Grimani recostou, agora com um conciliador sorriso no rosto. Quando respondeu, falou devagar, claramente. Para os registros: — Muito bem, meu senhor. Reconheço que os tempos são perigosos. O senhor me chamou aqui para ser juiz. Então, deixe-me começar a tarefa. — Olhou para a sequência de confessionários. — Quem são estes que esperam aqui, atrás dessas cortinas? E por que foram escolhidos para nos contar esta história? — Deixe que eles respondam. — O conde fez um gesto para Petru.

O spatar deu uma batida forte no primeiro confessionário.

— Quem é você? — perguntou.

O cavaleiro estivera escutando as vozes. Havia escutado tantas em um dia, era difícil saber se essas eram mais reais. Mas, de repente, ele reconheceu a voz de um dos juizes: percebeu que já encontrara o homem antes, nos dias de luz e luxúria. Isto, e o fato de que agora entendia exatamente por que tinha sido retirado da escuridão, fez com que sua mente, que girara em círculos de insanidade por longos anos, lentamente se aquietasse.

— Meu nome é Ion Tremblac — disse. E, ao dizê-lo, lembrou-se de que era verdade.

Houve exclamações, uma vinda do conde, quando o reconhecimento se tornou mútuo, outra feminina, vinda do confessor do centro.

Petru continuou: — E como você conheceu Drácula, o antigo voivoda da Valáquia, cuja história procuramos escutar hoje? — Como o conheci? Desde a meninice, dei todos os meus passos ao lado dele. Cavalguei estribo a estribo com ele na caçada e na guerra. Fui torturado, compartilhei triunfos. Fui seu companheiro mais próximo. — O homem começou a chorar. — E eu o traí. Eu o traí! Houve um silêncio quase total, violado apenas pelo som de outras lágrimas no segundo confessionário. Horvathy voltou-se para ele agora, e Petru bateu na madeira uma vez, depois fez o sinal da cruz.

— E a senhora — perguntou —, quem é? Ela também estivera ali, sentada, escutando e tentando entender. Sempre soube que um dia teria que prestar contas, e não apenas em suas preces. Estava pronta, calma, disposta... até escutar a voz que pensou que jamais ouviria outra vez, do único homem que ela havia chamado de amigo, um homem que acreditava estar morto havia muito tempo. Respirou agora para se acalmar, limpou o rosto e, quando se sentiu pronta, falou: — Por muitos anos tenho sido conhecida apenas como a abadessa das Irmãs da Misericórdia, em Clejani. Mas, sob o véu, sempre fui Ilona Ferenc.

E, do momento em que o vi pela primeira vez, quando era escrava do sultão, até a hora em que preparei seu corpo para o túmulo, eu o amei. Pois fui sua mulher.

Foi a vez de o cavaleiro soluçante dar um grito, novamente inseguro de que alguma coisa fosse real, de que não estava mais em sua cela, entre seus fantasmas. Pois a mulher que acabara de falar estava morta. Ele a vira ser assassinada — perversamente assassinada. Ganindo, começou a bater a cabeça contra a madeira.

Do último confessionário não veio nenhum som, nenhum movimento. Quando Petru bateu ali, o eremita não se mexeu.

— E você? Fale! — ordenou.

Silêncio.

— Meu senhor — disse Petru, virando-se —, acho que ele não pode falar. Viveu em uma caverna nesta montanha durante muitos anos, e ninguém jamais o ouviu.

Horvathy se curvou, falando alto.

— Então, homem? Ordenaram que você também fosse trazido aqui. Pode nos dizer quem é? O que significava para a pessoa que estamos aqui para julgar? As penas pararam. O silêncio se prolongou. Então, justo quando Petru já ia estender a mão e puxar o eremita para o canto extremo do salão, para o alcance dos instrumentos de coerção, a voz surgiu. Era áspera pela falta de uso, mal se fazendo ouvir. No entanto, devido à acústica perfeita do salão, eles compreenderam.

— Eu o conheci. De certas maneiras, melhor do que qualquer um. Ouvi-o falar de cada ato dele. Ouvi as razões por trás delas. — A voz ficou mais forte. — Pois meu nome é Vasile, irmão Vasilie, e eu fui seu confessor.

As penas começaram a se mover outra vez, uma a uma, enquanto os escribas rabiscavam essas últimas palavras.

— Interessante — disse o cardeal. — E deixando de lado, por enquanto, o fato de que você estará traindo a privacidade do

confessionário...

— Ele se acomodou de novo na cadeira. — Bom, quem falará primeiro, então? Quem começará a lenda do Drácula? No primeiro confessionário, Ion Tremblac se lançou à frente, seu rosto empurrando a cortina por trás. Todos podiam ver suas feições marcando o tecido, os lábios se movendo.

— Eu o farei — disse rapidamente. Tinha esperado tanto tempo. Cinco anos de escuridão. Agora, aqui, finalmente, podia ver alguma luz. Havia um padre no salão; ele estava em um confessionário. Não importava que tivesse crescido na fé ortodoxa, que não os utilizava. Deus, seja lá qual fosse sua roupagem, já o abandonara muito tempo antes. Porém, por maiores que fossem seus pecados, esta era sua única chance de se arrepender, de trazê-Lo de volta. De ser perdoado.

— Eu o farei — Ion repetiu, antes que qualquer outro o fizesse. — Porque, vocês sabem, eu o conheci desde o começo...

Parte um

O filhote

"É muito mais fácil para alguém se defender dos turcos se for familiarizado com eles do que alguém que não conhece seus costumes."

KONSTANTIN MIHAILOVIC, janízaro sérvio

Um



O refém

Erdine, capital do Império Turco, setembro de 1447 — Então? Nenhum de vocês, seus broncos, consegue ler isso para mim? Ion Tremblac olhou para as espirais e curvas das letras árabes na tabuleta à sua frente e suspirou. Em silêncio, pois não seria bom que vissem seu desespero. Se não podia apresentar uma resposta, pelo menos que se empenhasse diligente e silenciosamente. Mas as letras que ele copiara estavam ficando menos claras, não mais.

Sua mente estava demasiado cheia! Os meninos tinham entrado na classe ao alvorecer, e o sol agora estava perto do zênite. Primeiro foi grego, depois matemática, depois uma demoníaca poesia persa. Quando tudo acabou, os alunos tinham começado a se levantar, presumindo pela posição do sol que o dia acabara, e que eles estavam livres. Mas então Hamza, o agá deles, o tutor, dera um sorriso provocador.

— Vamos terminar o dia com as palavras de Alá, o Misericordioso, o que Tudo Abarca. Só um curto verso do Corão.

O sérvio, Mardic, havia resmungado audivelmente e levou uma pancada. Por isso o suspiro abafado de Ion. Ele queria que o bastinado de madeira, que ficava no chão ao lado da almofada do tutor, permanecesse ali.

— Vamos, meus filhotes, meus jovens falcões. A ignorância de vocês seria um teste para a paciência do imã de Tabriz, cuja serenidade permaneceu imperturbável mesmo enquanto os bárbaros queimavam as paredes à sua volta, e que apenas perguntou: "Ninguém vai abrir a janela?" Hamza riu baixo e se inclinou sobre as pernas cruzadas, olhando de seu estrado elevado para as sete cabeças curvadas abaixo. Estava obviamente esperando alguma reação a suas palavras. Não houve nenhuma.

— Ninguém? — Agora foi a vez de Hamza suspirar. — Saiam, então, suas pedras. Vejam se um pouco do ar limpo do Misericordioso pode clarear suas cabeças! — Acima da desordem dos meninos se levantando, dos pequenos resmungos quando os membros, dobrados por demasiado tempo, se soltavam, ele acrescentou: — Mas retornaremos a isso de manhã. E não haverá nenhuma fábula de Heródoto enquanto não terminarmos.

Ninguém levantou mais rápido do que Ion. Também teria sido o primeiro a passar pela porta, à frente de sua orte até a galeria central do enderun kolej, unindo-se ali à aglomeração das outras ortas liberadas de seus estudos. Agora que estava de pé, podia vê-los por sobre os muros baixos que dividiam as classes no grande salão, e ansiava se unir a eles. Todos estavam em silêncio, como ordenado, mas era possível ver a contenção no rosto dos estudantes, o grito que irromperia assim que passassem pelas portas. Mas ele não podia sair. Não quando aquele que sentava ao seu lado ainda estava estudando as palavras. Ion estalou os dedos na frente do rosto do amigo, o significado do gesto óbvio.

Sua impaciência não teve resultado. Hamza, que havia se levantado e estava alongando suas pernas doloridas, olhou para Ion e seu companheiro de braços. Examinou a cabeça curvada, o cabelo escuro como a noite caindo como um véu sobre o rosto, e sorriu.

— Você entendeu, meu jovem? Os lábios do menino se moveram uma vez mais, recitando em silêncio antes de erguer a

vista.

— Acho que sim, agá Hamza — ele disse.

— Então por que não falou na frente de seus colegas? Idiota, pensou Ion. Não era óbvio? Seu amigo poderia responder à maioria das questões, se quisesse. Mas o restante da orta, composta de reféns assim como eles, já era invejoso o suficiente. Com frequência, era mais fácil, e atraía menos machucados, manter-se em silêncio.

Hamza desceu do estrado, colocando-se em uma faixa de sol. Sob seu turbante preto, os olhos azuis brilharam no rosto escuro, um leve sorriso dividindo sua barba loura. Vendo-o mais claramente, Ion constatou mais uma vez que o agá era mais velho do que eles, é óbvio, mas não mais do que sete anos. Até sua promoção, três anos antes, Hamza tinha sido o copeiro encarregado de servir o vinho do sultão.

— Muito bem, então — disse o agá, indicando o menino com um gesto. — Recite-o para mim, Vlad Drácula. Deixe-me escutar de sua boca a sabedoria do Sagrado Corão.

Vlad limpou a garganta, depois falou: — "Interrogam-te a respeito da bebida inebriante e do jogo de azar. Dize-lhes: em ambos há benefícios e malefícios; porém, os seus malefícios são maiores que os seus benefícios." — Bom — Hamza assentiu. — Você equivocou-se na pronúncia de talvez três palavras. Mas o fato de saber pronunciar qualquer coisa do árabe me espanta. — Ele se aproximou e agachou-se. — Quantas línguas você fala? Vlad deu de ombros. Ion falou por seu amigo, animado: — Grego, latim, frâncico...

Vlad lhe lançou um olhar, mandando que ele se calasse. Ion conhecia o olhar e obedeceu.

— E é fluente em osmanli, claro. Mas árabe? — Hamza assobiou.

— Está se esforçando para ser um hafiz? — Alguém que pode recitar todo o Corão? — Vlad balançou a cabeça.

— Não.

— Mesmo assim, você consegue recitar muito mais do que quase... qualquer um que eu conheço. — Enquanto falava, Hamza deu um soco no ombro de Ion. Quando o menino se desequilibrou, soltando um ganido de ultraje, os outros dois riram.

— Eu... eu admiro o Corão — retrucou Vlad. — E o recito porque as palavras e os pensamentos que estão ali representados são bonitos e devem ser lidos em voz alta, como o anjo Gabriel os falou para o Profeta, que a paz esteja com ele. Na página, são só palavras. Mas faladas... — ele agitou o ar a sua frente — ...são energia liberada.

— Acho que você está inebriado com palavras, meu jovem. — Hamza colocou a mão sobre o ombro de Vlad e inclinou-se. — Somos semelhantes nesse ponto. E talvez a verdade delas conduza você a outras verdades. Quem sabe a Alá? — Ah, não. Não é por isso que aprendo e recito. Admiro as palavras, sim, mas...

O sorriso de Hamza não desapareceu. A dúvida era boa, um passo se afastando da queda.

— Mas? Vlad ergueu os olhos, escutou a última das ortas saindo, os gritos, risadas e desafios, a juventude enjaulada explodindo quando liberada.

— Aprendo para conhecê-los — ele disse. — Realmente conhecê-los. Pois a Turquia é o poder que sacode a árvore do mundo, e a fé é o que a leva a fazê-lo. A menos que eu conheça isso tudo sobre vocês, bem... — Ele olhou diretamente dentro dos olhos do homem mais velho. — Como poderia detê-los? Duas arfadas vieram, de ambos os ouvintes. Hamza se recuperou primeiro, retirando a mão.

— Você não teme minha punição por falar tal coisa? — Gesticulou para o bastinado que deixara ao lado de sua almofada no chão.

— Por que, efendi? — Por seus pensamentos rebeldes. Vlad franziu a testa.

— Por que você se surpreenderia com eles? Todos os reféns são filhos de rebeldes. É por isso que somos reféns, para que nossos pais, que governam suas terras pela graça da Turquia, continuem a reconhecer quem é o verdadeiro senhor. Dracul, meu pai, deixou a mim e a meu irmão Radu sob seus... cuidados cinco anos atrás.

Não apenas para que recebêssemos a melhor educação que é possível ter, mas para que, se ele se rebelar outra vez, você possa nos matar.

Ion estendeu a mão, pegou seu cotovelo.

— Pare...

Vlad se afastou dele.

— Por que, Ion? O agá Hamza conhece nossa história. Ele já viu reféns chegarem e partirem, viverem e morrerem. Ele ajuda a nos dar do melhor: comida, línguas, filosofia, as artes da guerra e da poesia. — Ele apontou para sua tábua. — Eles nos mostram sua fé, uma fé de tolerância e caridade e, no entanto, não forçam nossa conversão, pois isso é contra a palavra do Sagrado Corão. Se tudo caminhar bem, eles nos mandam de volta para nossas terras para tratar em seu nome de todos os problemas que existem lá, para pagar-lhes tributo em ouro e jovens, e agradecer-los pelo privilégio. Se as coisas não acabarem bem... — Ele sorriu. — Então espalham nossos cérebros bem-educados pelo chão. — Ele voltou a olhar para Hamza. — Falo alguma coisa que não seja verdade, efendi Se sim, então me bata com força por mentir, por favor.

Hamza o olhou por um longo momento, sua expressão nula. Por fim, perguntou: — Quantos anos você tem? — Farei 17 em março.

— É demasiado jovem para ter pensamentos tão cínicos.

— Não, agá Hamza — retrucou Vlad, suavemente —, sou apenas demasiado jovem para fazer algo sobre isso.

Encararam-se por um longo momento. Depois, ambos sorriram de novo, e Ion olhou para os dois, excluído e subitamente

com inveja. Ele nunca teria o intelecto de seu amigo e podia ver perfeitamente que Hamza e Vlad compartilhavam alguma coisa da qual nunca faria parte.

O silêncio continuou até o Turco se levantar e se virar.

— Vá, meu falcão — ele disse, por sobre os ombros. — Seu companheiro está desesperado para voar.

Vlad também se levantou, mas não saiu.

— Efendi, você nos deixará logo, não? O tutor estava se abaixando para recolher os livros e, ao ouvir a pergunta, se endireitou.

— Como você sabe o que acabou de ser decidido? — Quando Vlad apenas deu de ombros, Hamza balançou a cabeça e continuou: — É verdade. Viajo no final da semana.

Por ordens do sultão, que Alá lhe dê saúde. Você sabe que não sou um dos agás comuns.

— Eu sei. Você é também um dos melhores falcoeiros entre Os Exaltados. É esta a tarefa que lhe foi dada? Ion se mexeu, incomodado. Não era comum fazer perguntas a um agá, só respondê-las. Perguntar era visto como impertinência — e era passível de punição.

No entanto, o Turco não pegou o bastinado a seus pés.

— Vou caçar — ele disse, gentilmente —, mas não aves.

Outra vez Ion se mexeu, ansiando ainda mais por ir embora, para estar longe do alerta na voz. Todos sabiam que Hamza era um poder ascendente no Estado. Seu título de falcoeiro era verdadeiro, pois todos os homens tinham um ofício, contra o dia do desastre — até o próprio sultão, pois Murad transformava metal em ferraduras, anéis, cabeças de flecha. No entanto, todos sabiam também que, se Hamza ia fazer algum negócio para o sultão, seria um trabalho de intriga e perigo. Para Vlad estar até mesmo pensando nisso...

Porém, seu compatriota não piscou.

— No entanto, talvez você tenha a chance de usar seu falcão? E se isto acontecer... — Ele procurou dentro de sua camisa de linho perto do ponto onde ela encontrava o frouxo shalvarí vermelho que envolvia suas pernas, e tirou um embrulho de pano azul. Estendeu-o.

Hamza estendeu a mão e pegou o embrulho. Um pequeno puxão desatou a fita de seda vermelho-cereja, fazendo desenrolar o pano. Por um momento, ele examinou o que segurava... depois a vestiu na mão.

— Pude apenas adivinhar as medidas — disse Vlad. — Espero que...

Hamza levantou a mão e flexionou os dedos.

— Você tem um bom olho, meu jovem. Ela serve... como uma luva! Ele sorriu, fechou a mão em punho e levantou sob a luz do sol para poder examinar o couro polido na parte de cima, a pele que devia resistir ao aperto de uma garra, grosso e com costura dupla. Mas embaixo, no couro mais macio que cobria o punho por dentro...

— O que é isto? — ele perguntou, espiando.

Ion viu um fio dourado tecido em um padrão. Seu persa era melhor que o árabe, e ele reconheceu a escrita; depois identificou as palavras quando Hamza recitou-as em voz alta.

— "Fui capturado. Preso nesta gaiola de carne. E, no entanto, pretendo ser um falcão voando livre." O professor ergueu os olhos.

— Jalaluddin. Rumi. Meu favorito entre os poetas.

— E o meu.

O Turco releu a inscrição para si mesmo, em silêncio.

— Você tomou liberdade no último verso. O poeta não diz meramente "pássaro"? A única resposta de Vlad foi um leve dar de ombros.

— Bem. — Hamza levantou sua luva, virando-a na luz. — De qualquer maneira, é um trabalho extraordinário. Agora sei que ofício é o seu, Vlad Drácula, contra o dia do desastre. — Tirou a luva com

cuidado, depois ergueu os olhos e sorriu. — Agradeço por ela. De agora em diante, quando caçar, a usarei. E, quando o fizer, me lembrarei de você.

— Isso é tudo que eu poderia desejar, efendi.

Curvando-se levemente, Vlad se virou e se dirigiu para a porta divisória, com Ion, aliviado, seguindo às suas costas. Eles estavam quase atravessando-a quando a voz macia de Hamza os fez parar.

— E você considera a si mesmo engaiolado, meu jovem? Porque seu corpo é refém do sultão? Vlad não se virou.

— Você sabe o que mais está escrito, efendi — respondeu suavemente. — "Eu não crio falcões. Eles vivem comigo." — Ele sorriu, embora só Ion visse. — E eu vivo com você — acrescentou, passando pela porta —, por enquanto.

Então estava atravessando o corredor a passos largos.

Ion o seguiu, ombros pressentindo a ordem de retornar, talvez para receber o golpe do bastinado. Ela não veio.

Dois



Rivaís

Vlad ficou parado por um momento na soleira da porta, piscando no clarão da luz, acostumando os olhos. Pensando em Hamza. Sentiria falta dele. Pela sabedoria de seus ensinamentos, quase sempre transmitidos com palavras e não golpes. Pelo amor compartilhado entre eles por muitas coisas — poesia sufi, filosofia grega, falcoaria.

Eles tinham caçado juntos com falcões apenas uma vez, quando Hamza levou sua orte para as montanhas, fora do kolej. Os sacres que pegaram emprestados das cavalariaças do sultão toleravam os estranhos em cujos punhos se sentavam, e três abateram abertadas, incluindo o de Vlad. Mas Hamza tinha um shungar, um falcão tão branco quanto as neves das quais veio. Hamza o lançou contra todo tipo de aves e coelhos, e ele matou repetidamente, sempre voltando no entanto para seu punho, para se aninhar na mão à procura de carne. Foi então que Vlad notou a luva gasta de seu agá. Naquela noite, começou sua tarefa, enquanto os outros dormiam.

Uma zombaria interrompeu suas lembranças.

— "E eu vivo com você... por enquanto!" — remedou Ion em um sussurro, enquanto eles caminhavam em direção à luz do sol. — Você procura ser um mistério para eles? — Pretendo manter meus inimigos se questionando sobre mim.

— Hamza é seu inimigo? — Claro. Ele é turco. Mas gosto dele mesmo assim.

Vlad saiu do corredor para o pátio interno. O sol do meio-dia lançou sua sombra para trás, cobrindo seu outro seguidor. Ele podia sentir todas as perguntas que perturbavam Ion e sorriu, imaginando qual irromperia à superfície primeiro. Deu uma olhada para trás, depois ergueu os olhos. Seu amigo havia ficado mais alto da noite para o dia? Ambos tinham crescido nos cinco anos como reféns dos turcos, mas o crescimento de Ion havia sido quase somente para cima e só recentemente, para os lados.

Ion ainda caminhava com os tropeções de um potro desacostumado com as longas pernas. Enquanto ele... nunca olharia muitos homens de cima. A maioria dos homens teria que se afastar para ver além de seus ombros, mas... como ele gostaria de ter um pouco mais de altura! De repente, parou. Ion, tentando escolher suas perguntas, tropeçou nele.

— Ei — falou, surpreso, instantaneamente desconfiado, dando um passo para trás e olhando para as mãos de Vlad.

— Onde você está, Ion? — Onde? — Ion olhou em torno e então entendeu a que o amigo se referia. — A luva? Quando você... por que você...? Vlad recomeçou a caminhar, ambas as sombras seguindo-o.

— Quando fiz a luva? Quando você estava na taverna, babando por Aisha. Por quê? — Ele reduziu o passo. — Eu mesmo me pergunto isso.

— Diga-me, Vlad — Ion gracejou —, pois você não faz nada sem motivo.

— Não faço? — Vlad suspirou. — Talvez você esteja certo. Talvez eu pense demais. Bom, então... — Ele expirou pela boca. — Fiz a luva porque posso, e porque gostei de fazê-la. Dei-a a Hamza porque gosto dele. — Ergueu os olhos. — Isso é motivo suficiente?

— Não, Vlad. Porque você gosta de mim. E nunca fez uma luva para mim, nem nenhuma outra coisa.

— Verdade.

— Então me diga.

— Bom, então. — Vlad respirou fundo. — Se você quer saber, há duas razões além do fato de eu gostar dele. Uma óbvia para qualquer um que não seja idiota.

Uma, menos.

Ion ignorou a troça.

— A óbvia? — Hamza é um poder nesta terra. Ele foi copeiro do Murad, e continuou crescendo na corte. Nada mau para o filho de um sapateiro vindo de Laz. Esse é um homem para se conhecer. Para respeitar e ganhar seu respeito. Talvez nós tenhamos que tratar com ele algum dia.

— Nós? — Os Draculesti. Meu pai, meus irmãos e eu. Os príncipes da Valáquia.

— Hmm! E a outra razão? — Ele não o faz pensar em um Dragão? Ion parou, de boca aberta.

— Seu pai? Ah! — Ele riu. — Vlad Dracul é atarracado, como você...

— Atarracado? Veja como fala! — Sombrio, olhos verdes, pele morena, excessivamente cabeludo, como você...

— São homens que você está descrevendo ou macacos? — Enquanto Hamza — Ion circulou a palma da mão à sua frente — é alto, magro, claro, e quase tão bonito quanto eu. — Passou a mão pelos longos cabelos dourados, sacudiu-os. — Ele e eu somos de uma raça de anjos, enquanto os Draculesti...

Ele não deveria ter afastado o olhar enquanto insultava o amigo. Vlad pegou seu braço, quadril com quadril, e o colocou de costas na poeira em um segundo. Seu rosto estava a um palmo do de Ion.

— O que você diz do meu pai é verdade. Mas é ao interior que me refiro. Os dois amam a vida, cada faceta dela. E, no entanto, ambos desistiriam completamente dela, de todo prazer, de todo vício, pelo que acreditam estar certo.

Uma pedra machucava as costas de Ion. Doía onde Vlad prendera seu braço. Provocado, ele retrucou: — Pensei que você odiasse seu pai! O rosto de Vlad mudou. A brincadeira acabara. Ele se levantou, erguendo Ion junto.

— Ódio? Por que você diz isso? Ion espanou o pó de seu shalvari.

— Porque ele deu você e seu irmão para os turcos, como reféns. Afastou-os de tudo que amavam: seu lar, sua mãe, suas irmãs...

Vlad limpou a sujeira de suas mãos.

— Eu odiei-o por tê-lo feito. Da maneira como o fez.

— Ele não teve escolha.

— Não — Vlad disse baixo. — Quando você está amarrado à roda de uma carreta, beijando o rabo do sultão, não tem muito controle sobre o que faz.

Ion imediatamente se arrependeu de despertar a lembrança de cinco anos atrás. O convite do sultão para uma conferência em Galípoli. O Dragão levando seus dois filhos mais jovens com a embaixada. Mas não era uma embaixada. Era uma jogada para trazer para seu jugo um vassalo que participara de demasiadas manobras ao lado do maior inimigo dos turcos: Hunyadi, o "Cavaleiro Branco" da Hungria. Dracul, aprisionado e enfraquecido, fez o que lhe foi exigido. Jurou pagar seu tributo anual em ouro e jovens promissores para o enderun kolej. Jurou apoiar apenas o sultão na guerra. No final, ele foi desacorrentado e retornou a seu país. Mas teve de deixar os filhos como reféns de sua palavra.

Vlad tinha começado a caminhar outra vez. Ion o alcançou.

— Sinto muito...

— Não. Não é nada — retrucou Vlad. — Se odiei o que ele fez, isso agora é passado. Compreendo por que o fez. Fez o que era necessário para ficar livre e poder fazer o correto. E assim todos nós devemos agir. — Ele olhou para trás. — Agá Hamza me ensinou isso. Uma luva, meu trabalho para fazê-la, é um preço pequeno a pagar por tal sabedoria.

Eles chegaram aos limites dos jardins do pátio interno. Ao atravessarem a porta para o pátio externo, o aumento súbito do barulho fez com que parassem. Centenas de jovens de todas as ortas se misturavam ali, levantando as vozes e a poeira sob seus pés. Perto da entrada estavam os outros estudantes da mesma orta de Vlad e Ion. Juntos, os meninos tentaram mudar de direção. Tarde demais.

— Vladia! Oh, Vladia! — Mais sons de beijos. — Seu nariz, como está sujo! Até onde você o enfiou na bunda do agá? Vlad parou, logo Ion fez o mesmo. Depois de anos na mesma orta, todos os reféns conheciam os pontos fracos dos outros. O nariz de Vlad era um. Sua relação com Hamza, outro. O sérvio, Gheorghes Mardic, acertara ambos. Com um suspiro, Ion seguiu Vlad até o grupo, cada membro com o mesmo sorriso zombeteiro no rosto, a mesma excitação nos olhos. Esse confronto estava sendo construído havia uma semana, desde o dia da competição de luta corpo a corpo, quando Vlad havia derrotado os dois Mardics e depois todos os outros, um após o outro. Separadamente, eles não podiam vencê-lo. Juntos...

Vlad parou a poucos passos de distância, mãos postas ao lado do corpo.

— Você tem alguma coisa a me dizer, Mardic Maximus? O maior dos irmãos sérvios — e ambos tinham ossos grandes — assentiu.

— Você me escutou, Vlad... Narinas! — Gargalhadas seguiram o título. — Mas fico feliz em me repetir. Essa coisa enorme que você chama de nariz está coberta de merda. De merda turca. —

Ele franziu o cenho de modo exagerado. — E agora que você está mais perto, posso ver... sobrelhas sujas! Sujeira em seu cabelo! — Ele balançou a cabeça. — Você enfiou a cabeça toda no rabo do agá? Ion deu um passo para o lado para poder observar Vlad mais claramente. Quando ele sorriu, Ion se pôs de prontidão. Era um sinal, mais ou menos.

Os outros também devem ter pensado isso, pois subitamente avançaram juntos, como a lâmina de uma lança — os sérvios na frente, Petre, o transilvano, à direita, o croata Zoran à esquerda, o pequeno bósnio Constantin logo atrás.

— Cinco contra dois. — Vlad suspirou, ainda sorrindo. — Vantagem para os valáquios.

— Cinco contra três, irmão.

A voz aguda veio do meio de outra orte.

— Radu — Vlad disse sem olhar —, fique atrás. Deixe isto conosco.

— E perder a diversão? — Um garoto deu um passo à frente, ficando ao lado de seu irmão e gerando um contraste imediato. Radu era mais claro do que o irmão, seu cabelo também comprido, porém castanho-escuro e não preto como a meia-noite, rajado de mechas vermelhas; seus olhos eram azuis assim como os do Dragão eram verdes; o nariz era pequeno e proporcional ao rosto cuja pele era impecável e corada. — Além disso — ele disse, acomodando-se, imitando a postura do irmão, braços postos ao lado do corpo, uma perna ligeiramente para a frente, o peso equilibrado —, aprendi um novo golpe ontem, "Como quebrar a costela de um bósnio". — Radu olhou para Constantin. — Mal posso esperar para experimentá-lo.

Vlad moveu-se ligeiramente. Eles haviam lutado em trio antes, e isso sempre teve um custo. Radu tinha só 11 anos, seu corpo ainda mais infantil do que juvenil. Além disso, sua beleza deixava os outros igualmente desejosos e invejosos. Em uma luta, tentariam machucá-lo. Vlad e Ion, ao defendê-lo, muitas vezes se deixavam

ficar vulneráveis. No entanto, estava orgulhoso de ter o irmão ao seu lado, os Draculesti unidos.

— Então, irmão, mostre-nos o que você aprendeu.

Vlad esperou. Os irmãos Mardic arrastaram os pés. Estava claro que não tinham um plano, pois não haviam pensado que precisariam de um.

Os oito jovens se entreolharam. Então todos tomaram consciência do som que estivera crescendo havia tempo, da vibração sob seus pés. Mais perto, cada vez mais perto.

Os dois grupos simultaneamente moveram dois passos para trás, fora do alcance de um ataque súbito. Depois, viraram-se para olhar.

À frente deles estava o campo dos ginetes, e varrendo-o havia uma nuvem de poeira, formas se movendo em seu ventre, gritos emergindo do pó. Todos queriam sair do caminho desse cone rodopiante que cresceu quando os cavalos que o causavam foram forçados a se erguerem nas pernas traseiras, em uma parada repentina. A poeira cheia de escombros caiu sobre eles, cegando, ferroando, trazendo lágrimas e tosses. Então começou a assentar, e os que cavalgavam no redemoinho tornaram-se nítidos.

Cavaleiros, claro. Um, em particular, manteve as patas de seu soberbo árabe branco agitando-se, levantadas, bem depois de as outras terem se acalmado.

— Mehmet — sussurrou Vlad, engasgando com o nome, e a poeira.

Três



O desafio

Vlad olhou para o príncipe turco, que por fim afrouxou a rédea e fez as patas de sua montaria abaixarem. Não o via fazia mais de um ano, mas ele não mudara muito — pelo menos, não na aparência. Sua barba estava um pouco mais vermelha, mais grossa, mais bem-aparada. Seu nariz ainda era como o bico de um papagaio, encimando lábios cheios. No entanto, havia uma mudança clara em suas vestimentas. Ele nunca fora um jovem modesto, mas, dois anos antes, seu pai, Murad, inexplicavelmente abdicara, fazendo de seu filho o sultão em seu lugar. Mehmet fora criado para o poder desde o berço, mas ainda era apenas um jovem de 14 anos governando um dos mais poderosos impérios do mundo. Ignorara seus conselheiros, alienara as tropas mais fiéis, os janízaros, encorajara os místicos rebeldes das montanhas, travara batalhas tolas. O Divã, o conselho do sultão, implorou a Murad para retornar, e Murad concordou. Mehmet era um mero príncipe outra vez, herdeiro do trono que ocupara por dois anos. Humilhado ao ter de se submeter outra vez a seus tutores, a obedecer ao invés de comandar. E Vlad podia ver como isso caíra no rosto do homem-garoto: nada bem. — Drácula — ele exclamou, devolvendo-lhe o olhar. — Dois Dráculas. Dois filhos do demônio... e sua pequena gangue de ímpios. — Ele deu uma olhada ao redor para os outros, desconsiderando-os, voltando o

olhar para Vlad. — Estou feliz por seu pai continuar se comportando como um carneiro, para que seus cordeiros possam viver.

— E seu pai governa outra vez, Mehmet — retrucou Vlad tranquilamente —, para regozijo universal.

A vermelhidão do príncipe se acentuou. Ele conduziu seu cavalo um passo à frente, forçando o grupo a abrir espaço.

— Eu serei sultão outra vez — sussurrou —, enquanto você continuará como refém. Meu refém! E o farei lambar a poeira dos meus pés.

— Terá dificuldade para caminhar depois, sem um dedo.

Ion ficou tenso, esperando a explosão. Mas, depois de um momento, Mehmet apenas sorriu.

— Pequeno Dragão — disse. — Sempre tão ousado. É fácil, quando se esconde atrás do status de refém. Sabe que não posso tocar em você... por enquanto.

— Sei que nunca o fará, príncipezinho.

— Não? — O sorriso de Mehmet se ampliou. — Nem mesmo com isto? — Estendendo a mão sobre os ombros, retirou algo de uma bainha em suas costas. Todos sabiam o que era: o dardo quase do comprimento do braço do jovem. — Mas você nunca poderá me tocar com um jereed, não é? — Ele olhou ao redor. — Nenhum de vocês, rebotalho dos Bálcãs, tem a habilidade com armas ou com cavalos necessária nem mesmo para conseguir... um acerto em oito? Ion percebeu a astúcia da pergunta. Vlad também, com certeza. Ainda assim, respondeu, tranquilo: — Um em oito, é? Boas chances.

— Não, Vlad...

A mão erguida parou as palavras de Ion.

— Nós oito contra você e os seus? — disse Vlad gentilmente. — Acredito que poderemos aceitar isso.

O assobio dos reféns foi sufocado pelo alarido dos cavaleiros turcos. Acima de tudo, Mehmet gritou: — Mas o que é um jereed sem uma aposta? — O que você oferece? — Bom — Mehmet olhou

para cima, para o céu. — Disseram-me que você é amigo do agá Hamza. Que partilham o amor pelos falcões. Se você conseguir acertar uma vez, eu lhe darei meu belo, meu amado Sayehzade.

Todos se sobressaltaram, cavaleiros ou não. Era possível comprar uma casa em Edirne pelo preço de uma ave dessas. Até Vlad ficou espantado.

— Eu... eu tenho pequenas posses a oferecer em comparação...

— Exatamente! — exultou Mehmet. — Você tem um pequeno... irmão. Radu, o Belo. Aposte-o contra o meu Sayehzade.

Radu cuspiu.

— Eu não sou uma aposta. E eu nunca...

O braço de Vlad rodeou os ombros de Radu.

— Meu irmão não é meu para que o dê — disse. — Que outra coisa de minha pouca posse você aceitaria? — Bem... — O olhar de Mehmet deslizou de maneira bastante óbvia da virilha de Radu para a do irmão. — Você tem um pequeno pedaço de pele aí que é seu. Uma coisa tão pequena entre você e Alá, o Mais Misericordioso. Dizem que você lê o Corão tão bem quanto eu. Então, por que não dar o passo seguinte? Meu pai fará uma grande cerimônia de circuncisão quando você vier para a verdadeira fé... depois que nosso jereed achar seus oito alvos.

— Ele se inclinou para baixo, sorrindo. — O que me diz? Não, pensou Ion, observando seu amigo, temendo a resposta. Que veio.

— Meu prepúcio é meu para oferecer, príncipe. E eu o ofereço.

Os reféns novamente se sobressaltaram, berros outra vez vieram dos turcos.

— Trato feito — gritou Mehmet, fazendo seu cavalo girar, excitado.

— Se nenhum jereed nos atingir antes que todos vocês sejam atingidos, ordenarei que as toalhas sejam preparadas para a mesa de couro. Eu mesmo afiarei a faca! — Ele girou para trás. — Busquem suas montarias e nos encontrem nos campos.

Com isso, num tumulto, ele conduziu seus homens de volta pelo caminho por onde vieram, suas figuras rapidamente engolidas pela poeira.

— O que você fez, valáquio? — Era o sérvio mais velho, Gheorghes, que tossiu as palavras. — Não conseguiremos marcar nem um contra vinte competindo com eles, muito menos um contra oito. Ele o enganou com péssimas chances! Eles praticam desde a infância, enquanto nós...

— Nós cavalgamos tão bem quanto eles — Vlad retrucou, com voz firme. — Lançamos também no alvo. O que não fazemos é nos unirmos, como eles fazem. Aqui, no campo de Jereed. Lá, em nossas planícies, em nossas montanhas. — Vlad fez um gesto para o norte, começando a caminhar nessa direção, em direção às fileiras de cavalos, falando enquanto caminhava. — Nós lutamos como sérvios, croatas, transilvanos, valáquios... e húngaros, francos, venezianos. Todas terras cristãs. Separando-nos, eles nos retalham. Mas, de vez em quando, nós nos unimos. E, quando fazemos isso, tomamos Jerusalém. Nós apenas nunca permanecemos juntos por tempo o bastante para mantê-la nossa.

— Devemos começar com nossos prepúcios, Vlad, e conquistar a Terra Sagrada amanhã? Todos riram com as palavras abatidas de Ion. Até Vlad.

— Então, lutamos pelo Sagrado Prepúcio, não pela Sagrada Cruz, é isso? — rugiu o croata.

— Não — disse Vlad, voltando a ficar sério. — Lutamos porque, por mais que possamos odiar um ao outro, temos que odiá-los mais. Eles são os inimigos. De nossa fé em Cristo, seja como for

que a encaremos, ortodoxos ou católicos. E lutamos por nossas terras. Livres, não sob o jugo do islã e dos turcos.

Eles haviam chegado aos cavalos. Cavalariços, que os viram se aproximando, estavam aprontando os animais.

— Mas como vamos vencê-los, unidos ou não? — perguntou o transilvano, Petre.

— Tenho algumas ideias para isso — disse Vlad. — Lembre-se que precisamos de um ponto. Só um.

À sua volta, os companheiros reféns estavam montando, cada um controlando seus cavalos a sua própria maneira. Todos tinham as esporas presas, forçando, puxando forte as rédeas, controlando o animal. Vlad sabia que um cavalo podia ser comandado desse jeito, com dor e crueldade. Seguiria os comandos de seu cavaleiro. Mas não se esforçaria verdadeiramente pelo que não amava.

Diferentemente de Kalafat. Cada vez que via sua égua, ainda permanecia um traço do encantamento que sentira no primeiro encontro. Haviam-lhe permitido escolher nos estábulos do próprio Murad — e Vlad fora ridicularizado pela escolha, pois quisera uma égua, nem mesmo completamente crescida, e da raça turcomana; portanto, muito menor e mais frágil do que os cavalos de guerra machos, os enormes cavalos de guerra que os outros reféns haviam escolhido. Mas não foi por sua beleza que ele a escolheu, ainda que sua pelagem fosse de cor cinza mosqueada e sua crina, um grosso emaranhado branco que lhe dera o nome — Kalafat, a mais vistosa das toucas. Ele a escolheu porque reconheceu nela o que procurava em um cavalo desde o momento em que começara a cavalgar, cerca de uma semana depois de começar a andar: espírito.

Ele não procurava dominar, mas trabalhar em parceria. Quando a montava, era como se se fundisse a ela, tornando-se centauro, não homem e cavalo, separados. Suas mãos eram um sussurro nas rédeas, suas coxas, uma carícia nos flancos dela. E ele não usava esporas.

Os outros passaram pelas prateleiras de dardos, cada um a sua vez se inclinando para pegar um, e saindo para o campo. Vlad estava seguindo-os quando Ion agarrou sua manga e o puxou para trás.

— Por que você está fazendo isso?

Vlad olhou a distância, para onde uma nuvem de poeira mostrava os turcos fazendo círculos, empinando.

— Kismet.

— O quê?

— Falamos disso na semana passada.

— Lembro de você e Hamza falando sobre isso. A conversa rapidamente botou o resto da orta para dormir. — Ion resmungou.

— É destino, não é?

— De certa forma. Cada um de nós nasce com seu kismet vaticinado. Não podemos mudá-lo. Mas podemos nos preparar para ele. — Vlad apontou para a nuvem de pó. — Combater os turcos é o destino para o qual nasci. E Mehmet, que tem a mesma idade que eu, será quem os conduzirá.

— O que isso tem a ver com o jereed?

— Tenho que aprender a vencê-lo. Sempre será um grande risco. Um dia, arriscarei mais do que um pequeno pedaço de pele. Posso muito bem começar agora.

Ion balançou a cabeça.

— Você é louco.

Vlad sorriu.

— Quando você percebeu pela primeira vez? Ele se inclinou para a frente, curvando-se sobre o pescoço de Kalafat, e agarrou um dardo. Lançou-o com força para o céu, observou sua descida firme, levantou a mão para agarrá-lo... e o deixou cair.

Ion levantou as sobrancelhas.

— Vlad! Seu príncipe sorriu para ele.

— Só porque sou louco não significa que não tenho medo.

Ele comandou sua montaria com uma série de estalos na garganta. Imediatamente Kalafat curvou-se até o chão, pegou o dardo com os dentes e levantou a cabeça. Inclinando-se, Vlad pegou a arma da boca da égua.

— Para o campo — disse, para a montaria e para o amigo.

Quatro



Jereed

Eles cavalgaram para a área equestre, um retângulo grosseiro, empoeirado, que ia dos muros da corte externa do kolej até as primeiras casas de Edirne. Tinha cerca de cento e vinte passos de comprimento e metade disso de largura. Dirigindo-se de volta para os muros do kolej, passaram pelo mourão vermelho que marcava a pequena zona neutra, onde nenhum competidor podia ser atacado.

Os reféns formaram um semicírculo lá dentro. Vlad cavalgou para o meio deles.

— Escutem bem — disse com urgência, indicando com um gesto o outro canto do campo, onde Mehmet e seus sete cavaleiros estavam reunidos atrás de seu mourão vermelho, em segurança —, pois sei de um jeito simples de vencê-los.

Ele saltou para o chão, enfiou a ponta mais grossa do jereed na terra seca e desenhou o retângulo grosseiro do campo de jogos, com as pequenas zonas neutras cortadas nos cantos.

— Todos conhecemos o método turco. No jereed, como na guerra, eles saem de suas terras — espetou o bastão na zona de segurança turca — e nos desafiam, um de cada vez. E que cavaleiro cristão recusaria um desafio para um combate individual? Assim, aceitamos, perseguimos o desafiante, atiramos, em geral falhamos... e outro turco aparece e nos acerta! Mas não há nada nas regras dizendo que temos de lutar separadamente. E se cavalgarmos juntos,

os oito, e desafiarmos oito deles? Lutarmos juntos, para variar? E se vocês, Mardics Maximus e Minor, nos liderarem pela honra da Sérvia, enquanto os outros...

— Escondem-se atrás de nós — interrompeu Gheorghes — e nos deixam levar o jereed em seu lugar. Então, sentamo-nos e observamos você lançar sorrateiramente e salvar sua virilidade! — Não! Escutem! Escutem! Isso vai funcionar. Um escudo, sim, mas armado e...

— E você atrás dele — zombou o transilvano. — Exatamente onde seu pai ficou quando meu tio, Hunyadi, o Cavaleiro Branco da Cristandade, precisou dele em Varna.

Ficou com o estandarte do Dragão recolhido, deixou os outros assumirem todo o risco, esgueirando-se...

— Esgueirando? — gritou o mais jovem dos Dráculas, empurrando seu cavalo para a frente. — Meu pai? Você me pagará por isso...

— Escutem! — gritou Vlad, inutilmente. E já era tarde demais, de qualquer maneira. Sua voz não conseguiria sobrepor-se ao tumulto. Mas o som do chifre de caça, sim.

Todos olharam. Dois cavaleiros estavam parados a quarenta passos. O que abaixou a trompa de caça de seus lábios era Abdullah-i-Raschid. Era o favorito atual de Mehmet, um escravo nascido grego. Cachos pendiam em fileiras bem ordenadas a cada lado de seu rosto azeitonado.

— Príncipes insignificantes! Reféns baixos! Escória! Ele curvou-se, zombeteiro, sua voz tão oleosa quanto seu cabelo.

— Existem dois homens entre vocês? Algum deles ousaria desafiar os guerreiros de Mehmet? — Esperem — avisou Vlad. — Vamos escolher...

— Escolha por si mesmo! — O Mardic mais velho enfiou suas esporas, puxou a rédea, seu cavalo deixando escapar um relincho agudo ao se levantar nas patas traseiras.

Quando a montaria abaixou, ele exclamou "Pela Sérvia e por São Sava!", e esporeou forte. Seu irmão fez o mesmo. Ambos acicataram seus cavalos para o campo.

Os turcos não ficaram surpresos. Estavam prontos. Com um puxar de rédeas deram meia-volta, com três trancos estavam a galope. O ataque dos sérvios os levou perto o suficiente para uma jogada, e o jovem Mardic inclinou-se para trás e lançou-se para a frente, seu jereed voando desesperançosa-mente ao largo. Ele puxou a cabeça de sua montaria para o outro lado, mas um turco girou muito mais rápido, correndo paralelo ao giro desesperado do sérvio tentando chegar ao mourão vermelho. Não foi rápido o suficiente, e seu movimento frenético foi inútil. O dardo o pegou de lado, a três passos da segurança.

Um grito veio do outro canto, e foi ecoado pelos muitos espectadores que se espremiavam na passarela erguida sobre as linhas dos cavalos. Um grito que duplicou em triunfo quando o Mardic mais velho, perseguindo o sinuoso Abdullah, atirou justo quando o Grego cruzava a linha de segurança e errando de qualquer maneira, sendo imediatamente atingido por outro turco que entrara no campo. De cabeça baixa, ele se juntou ao irmão e trotou para os estábulos, tentando ignorar as zombarias da plateia.

— Agora — gritou Vlad —, vocês vão me escutar? Ainda somos seis, nós...

— Tarde demais — disse Ion, apontando.

Todos olharam. Dois outros turcos se uniram ao que tinha atirado, galopando a seu lado ao vê-lo se inclinar para fora da sela e, abaixando-se pelo flanco do cavalo, agarrar seu jereed, balançando-o alto em triunfo, para mais aclamação. Ele chegou a vinte passos da área de segurança dos reféns e estalou os lábios, com um som inconfundível de desprezo.

— Vou acabar com ele! — gritou o croata, Zoran.

— É meu! — gritou o bósnio.

— Não! Meu! — berrou o transilvano.

— Esperem — gritou Vlad. Tarde demais. Enquanto os três avançavam, seus oponentes se espalhavam, dois à esquerda, um à direita, mas não a todo galope: seguiam devagar o suficiente para dar esperanças e um alvo. Três jereed voaram; três falharam. Os cristãos tentaram afastar seus cavalos da linha de segurança dos turcos, galopando de volta para a deles.

Mas Mehmet, Abdullah e mais um saíram cavalgando, não tão rápido, firmes, pois a distância curta não exigia a velocidade extra que um cavalo em ataque lhes daria.

Pelo menos um dardo não acertou... por milésimos. Por um momento pareceu que o pequeno Zoran escaparia. Mas os cavalos turcos eram mais rápidos e mais bem controlados.

Um cortou-o pela frente, fazendo sua montaria se retrair: este havia atirado seu único jereed permitido, logo não podia atacar. Tampouco podia o outro, que deslizou para o lado oposto de Zoran, fechando-o. Mas os dois conduziram o menino em direção ao homem que podia — Mehmet, que agarrou o jereed que havia errado o alvo e mantinha seu cavalo parado no centro do campo.

Não havia nada que Vlad e os outros pudessem fazer. Só podiam observar os cavaleiros em suas montarias entregar o croata para o príncipe deles, como cães de caça dirigindo a presa para o arco do caçador. Mehmet deixou-o chegar cada vez mais perto, então subitamente se inclinou para trás e lançou seu dardo. Ele chocou-se contra o rosto do garoto. Por seu grito de agonia, antes de cair do cavalo, todos souberam que ele havia sido gravemente ferido. Quando caiu no chão, o menino não se moveu.

O braço de Mehmet se ergueu em triunfo enquanto cavalgava de volta à linha turca.

Os escravos correram. O jogo sempre fazia uma pausa quando havia ferimentos, então Vlad e os outros apressaram seus cavalos para a frente, chegando ao ferido antes dos homens que

corriam. Em um momento, Vlad desmontou, no seguinte, virou o garoto e colocou a cabeça dele em seu colo.

— Cristo, salve-me — murmurou, fazendo o sinal da cruz. O rosto estava em frangalhos, o nariz amassado em direção à bochecha, um olho já ficando preto, fechado com o inchaço. O garoto estava sufocando e Vlad o sentou, batendo em suas costas. Sangue e osso caíram na poeira.

— Jesus — disse Ion, desmontando e ajoelhando.

Em seu cavalo, Radu se virou.

— Como...? Enquanto os homens corriam, enquanto vários chegavam para levantar o garoto inconsciente, Vlad deu alguns passos e então curvou-se.

— Eis como — explicou, pegando o jereed de Mehmet. A capa de couro almofadada, que teria evitado um ferimento tão grave, estava dependurada de lado, expondo a ponta de álamo virada, — Ele tirou a proteção dos cravos — disse. — Vai negar isso, claro, mas...

— O cão! — disse Ion, levantando-se, a fúria fazendo-o tremer. — Eu vou...

— Espere! — disse Vlad, voltando a montar. — Faremos isso. Mas faremos direito. — Ele olhou para cada um deles. — Pelo menos os valáquios me ouvirão? Ambos os garotos assentiram. Enquanto Zoran era levado, eles cavalgaram para sua própria linha. Olhando para trás, Vlad viu Mehmet, desmontado, cercado por seus sete companheiros. Estavam passando um odre de couro entre eles, já celebrando a vitória certa com leite de asno fermentado. Por um momento, Vlad sentiu um aperto nítido em sua virilha. Então, controlando-se, virou-se para os outros.

— Escutem com atenção. Teremos que fazer com três o que eu havia planejado para oito.

— Mas irmão — murmurou Radu, sua voz ainda trêmula, olhando nervosamente para o outro canto do campo —, nenhum

deles foi atingido. Eles podem cavalgar os oito contra nós. Não temos nenhuma chance.

— Conheça seu inimigo, Radu. Mehmet não perderá a chance de se exhibir para seu povo... — fez um gesto para os espectadores — para aqueles que governou há dois meses e que, sem dúvida, governará outra vez. Vai querer provar que é invencível. E ele quer me vencer, homem contra homem. Se pudesse brandir a faca ele mesmo, e remover o que me separa de Alá, faria isso. — Vlad estremeceu. — Seu orgulho é sua fraqueza. Se três dos nossos avançarem para desafiá-lo, só três aceitarão o desafio. Um será ele. Então, isso é o que devemos fazer.

Ele falou rapidamente, a urgência o guiando. E era um plano bastante simples. Uma vez seu pai havia lhe dito que, no campo de batalha, com todas as suas infinitas complicações, a simplicidade em geral era o melhor. Ele só podia esperar que o mesmo se aplicasse a um campo de /ereed.

— Eles estão montando — disse Ion.

— E nós já estamos montados — retrucou Vlad. — Vamos tomar o terreno. — E, com um toque dos calcanhares nos flancos de Kalafat, Vlad avançou com seus conterrâneos.

Mehmet ergueu-se em seus estribos.

— Está sentindo, filho do Dragão? — ele gritou, agarrando sua própria virilha. — Confie em mim, tudo é muito melhor sem a pele extra.

— Eu sei que você é hábil em cortar coisas, Mehmet. Já vi a prova disso. — Vlad lançou o jereed do príncipe turco para o ar e a proteção de couro girou para trás. — Mas acho que não lhe darei chance para fazê-lo.

O dardo foi capturado por sua mão. Em um movimento, ele se inclinou para trás e lançou-o. Mehmet agachou, soltando um guincho de raiva.

— Não é permitido atirar enquanto estamos atrás do mourão — ele gritou.

— E não atirei — disse Vlad, girando Kalafat para se afastar. O ultraje fez Mehmet parar, permitindo aos três valáquios chegarem até a metade do campo antes que os turcos avançassem.

— Aqui — disse Ion, dando-lhe outro dardo, olhando para trás. — Agora? — Espere... Agora! Radu gritou "Iaaa!", batendo os calcanhares, e girou seu cavalo em um arco para a esquerda. Um turco o seguiu, lançou, errou, voltando então para a linha. Radu virou em perseguição.

Todos estavam cavalgando a pleno galope. Mehmet e Abdullah estavam a trinta passos de distância, um lançamento distante mas que um bom jogador de jereed conseguiria marcar. Mas Vlad estava contando com a fúria de Mehmet, sua necessidade do golpe certo. Assim, abaixou-se sobre o pescoço de Kalafat e cavalgou estribo a estribo com Ion, o corpo alto de seu amigo servindo de barreira entre o inimigo e ele.

Eles estavam sendo forçados para o oeste, em direção às fileiras dos cavalos. Ali, poderiam sair dos limites, o que seria uma vergonha. Ou...

— Agora! — gritou Vlad, e Ion girou sua montaria abruptamente à esquerda, de volta à perseguição, com Vlad paralelo a ele, ainda protegido. Então, a vinte passos e se aproximando, Vlad girou, revelando-se e se levantando.

A súbita brecha fechada, o alvo repentino; os dois turcos se inclinaram para trás. O escravo atirou primeiro, inclinando-se para o lado, e seu dardo voou baixo e rápido e pegou Ion pelo lado. Vlad escutou o baque e o grito estridente do amigo. Mas seus olhos estavam em Mehmet, todo para trás em sua sela, arremessando-se para a frente.

Tudo se moveu em câmera lenta, o som recuou, como se os espectadores agora estivessem sussurrando seus gritos de torcida, os

cavalos segurando seus grunhidos, os homens, seus gritos de dor ou triunfo. Tudo que Vlad escutava claramente era o voo do jereed de Mehmet, o vento zunindo na proteção de couro que voava para a frente e para trás na ponta. Vlad deixou seu próprio dardo escapar de seus dedos...

Então tudo estava se movendo rápido outra vez. A arma se aproximando da sua cabeça, a súbita curvatura do seu corpo, seu braço erguendo-se para agarrar o jereed no espaço vazio sobre si. Era um movimento que muitos se esforçavam para fazer e poucos conseguiam, arrancando vivas, até mesmo da turma de Mehmet. Não do próprio príncipe, ocupado como estava em girar a cabeça de seu cavalo na outra direção, voltando para seu próprio canto do campo e para a segurança de sua linha.

Mas ele estava fazendo a curva. Vlad ainda estava avançando em linha reta, aproximando-se cada vez mais, até estar a três cavalos de distância; não tão perto que poderia ser considerado inadequado. Perto o bastante para não errar.

Um leve toque na rédea fez com que Kalafat movesse a cabeça para a direita. Então, aproveitando o ímpeto total da corrida do cavalo e de seu próprio corpo curvado para trás, ele arremessou de repente e, pouco antes de o Turco cruzar a linha de segurança, atirou seu jereed certeiro no meio da coluna de Mehmet.

Vlad ficou feliz ao escutar a madeira estalar, o que significava que atirara o dardo com força suficiente. Mehmet deve ter pensado isso também, porque deu um grande grito e pareceu voar para fora de sua sela, e rolou várias vezes no pó. Olhando para trás, Vlad ficou aliviado ao ver o corpo se mexendo — não pensava ser o destino de nenhum dos dois Mehmet morrer pela mão de um refém, naquele dia. Mas ficou ainda mais aliviado enquanto cavalgava em direção às fileiras de cavalos, ao abaixar sua mão e apertar a virilha.

— Ainda aí — murmurou. E sorriu.

Cinco



A concubina

A maior parte da multidão seguia em frente para ver a mais rara das visões — um príncipe caído. Só uns poucos retardavam os reféns, mãos avançando para cumprimentá-los, batendo em suas costas. Os escravos cristãos, principalmente, temporariamente livres por esse triunfo raro. Mas Ion forçou a passagem, sabendo que não deveriam ficar ali. Logo estavam passando pelos que haviam ficado muito atrás para ver o que acontecera, que não os conheciam.

Eles subiram as escadas até a passarela erguida sobre a área equestre, parte ameia de defesa da cidade interior, parte passagem sobre as ruas lotadas. Havia quiosques, e eles se enfiaram nas sombras sob o toldo de um vendedor de sucos, parcialmente ocultos por um palanquim treliçado que fora deixado ali pelos carregadores que, sem dúvida, estavam no meio da multidão que tagarelava, admirada, e especulava enquanto olhava para o campo. Bebericando suco de romã, eles olhavam também, observavam enquanto Mehmet era virado de costas, depois erguido lentamente para se levantar. Ele continuou curvado, mãos nos joelhos, falando sem parar. Seus homens procuravam em volta — Vlad sabia por quem —, sacudindo os ombros, virando-se para informar seu chefe. Eles o viram bater em um deles, e retrain sua mão lentamente com óbvia dor.

— É dos escravos que tenho pena — disse Ion. — Haverá muitas surras em seu saray esta noite.

— E muitas trepadas — disse Radu, animado. — Vai bater nos homens e foder as mulheres. Ou então talvez seja ao contrário. — De repente, ficou ruborizado, lembrando-se de como quase fora a principal parte da aposta.

— Todas essas trepadas! — resmungou Ion. — Dizem que ele já tem cinco concubinas. E só tem 16 anos, como nós! — Deixou sair um gemido.

— Enquanto isso, não posso sequer ter a morena Aisha da taverna para rolar comigo pelo menos uma vez.

Vlad sorriu.

— No mínimo, você está discriminando, Ion. Mehmet não precisa nem de homens, nem de mulheres. Ele treparia com um poste de madeira, se estivesse tempo suficiente ao sol.

A gargalhada — profunda, saborosa, das entranhas — os sobressaltou. Não porque veio do palanquim que supunham vazio. Não porque era um riso feminino. Eles se sobressaltaram porque estavam falando em sua língua nativa, a "limba romana" da Valáquia, sua língua de segredos, e nunca haviam conhecido ninguém em Erdine que a falasse. Até agora.

O palanquim era um gabinete de treliças com varas, com um assento dentro, suas laterais pintadas com cenas do dia a dia — caçada, falcoaria, banquetes. Olhando mais de perto agora, Vlad viu o que não vira antes — uma pessoa lá dentro. Olhou além, para os carregadores, um deles tentando chamar os outros para seus deveres. Mas eles resistiam, ainda empolgados com a cena lá embaixo.

— Quem é você? — ele sussurrou, inclinando-se.

Silêncio, por uma era. Por fim, uma resposta inesperada em sua língua: — Sou uma concubina.

— De quem? — perguntou Vlad.

Outra vez, a resposta demorou a vir.

— O homem que a multidão me diz que agora rola em desgraça no pó.

— Mehmet?

— Sim. Sou sua nova gozde. Ou serei, amanhã à noite. Você conhece essa palavra?

— A moça escolhida.

— Sim.

Ion estava cada vez mais alarmado com a progressão da conversa sussurrada.

— Vamos embora — ele disse, pegando o braço do amigo. — Você sabe que será chicoteado se for pego conversando com uma concubina. Especialmente com a de Mehmet.

Vamos embora agora, antes...

Vlad retirou o braço e inclinou-se mais para as treliças.

— Você fala nossa língua. De onde você é? — Uma aldeia perto de Curtea de Arges. É...

— Sei onde é — disse Vlad. — Minha família tem terras perto de lá.

— E você é? — Drácula — Vlad sussurrou. — Vlad...

A exclamação dela o interrompeu: — O filho do Dragão! — Sim.

Um enorme berro veio da área dos cavalos. Mais pessoas correram para a beira da passagem, bloqueando a vista.

— Radu, vá ver o que está acontecendo.

Relutantemente, ele se ergueu.

— Sim, irmão.

Vlad virou-se outra vez para o palanquim.

— Qual é seu nome?

— Meu nome de escrava é Lama.

— "Lábios das Trevas" — sussurrou Ion.

— Sim. Mas meu nome de batismo é Ilona.

— Ilona — Vlad repetiu. — É húngaro. Quer dizer "Estrela".

- Você fala essa língua?
- O suficiente.
- Meu pai era húngaro. Minha mãe, valáquia.
- E você foi pega?
- Em um ataque de surpresa dos turcos. Eu tinha 10 anos.

Fui vendida para um mercador para limpar sua casa. Então a esposa do mercador me achou bonita, bonita demais... e fui vendida para uma ex-concubina do velho sultão. Ela me criou, ensinou-me... a dançar, cantar, a agradar com poesia e com o alaúde. — Sua voz ficou mais suave, mais rouca. — E centenas de outras maneiras de deliciar um homem.

Apesar de seu desconforto, Ion se mexeu, aproximando-se um pouco mais. — Você... você já conheceu muitos homens? — Vlad perguntou.

Havia um traço de tristeza na pergunta. Ela provocou uma segunda risada.

— Nenhum, mas o senhor ficaria surpreso com os brinquedos da Rua dos Oleiros! — A risada enfraqueceu. — Mas não se desperdiça o que os homens pagarão a mais para ter. Meu dono lhe dirá isso. Portanto, ainda sou goti. E amanhã à noite, no saray de Mehmet...

A tristeza não havia substituído a risada. Nada a substituíra. E isso entristeceu Vlad.

— Você quer que isso aconteça?

— Querer? — veio o eco. — Eu não tenho... querer. Existo para o querer de outras pessoas. Esse é meu kismet. Tenho de aceitá-lo.

— Kismet? — disse Vlad. Ele olhou em volta para a multidão se mexendo, agitada, e curvou-se ainda mais, até que seus lábios quase tocassem a treliça. — E se você tivesse outro kismet? E se lhe fosse dada uma escolha?

Um resmungo irritado.

— Nunca tive escolha. Como poderia ter uma agora?

— Porque eu poderia lhe oferecer uma.

Ao lado dele, Ion recuou. Por alguns segundos, ele ficara perdido na voz da moça, imaginando os lábios pelos quais ela recebeu o nome. Mas então compreendeu que Vlad estava indo além de uma já perigosa conversa. Muito além! Ele agarrou seu braço outra vez.

— Não!

Desta vez Vlad não puxou o braço. Apenas virou-se e olhou para o amigo. Sem palavras, Ion deixou cair a mão outra vez.

A voz dela veio fraca, quando Vlad olhou-a de novo.

— Qual é a escolha que você me oferece?

Ele sorriu.

— É a escolha entre a decisão de todos a seu respeito e a sua própria decisão.

Silêncio outra vez no palanquim, enquanto em volta deles o murmúrio da multidão começava a se fazer compreensível.

"Mehmet! Mehmet!", vinha o grito, cada vez mais perto. Os homens estavam retrocedendo na escada. O príncipe e seu séquito deviam estar subindo em direção a eles. Radu, retornando, o confirmou com um polegar levantado.

— Tenho um amigo aqui — Vlad continuou, em voz baixa —, um mercador de nossa terra. Sua barcaça fica nas docas. Ele odeia os turcos e ama prata. Prata que meu pai lhe dará se ele levar você para casa.

— Casa? — ela perguntou, como se a palavra lhe fosse desconhecida. Então, continuou com voz mais forte, tocada pela raiva: — Mas, se estamos falando de escolha, essa é ainda sua, não é? Você escolherá fazê-la ou não? Os lábios dos dois estavam agora pressionados contra a treliça. Só a madeira fina os separava.

— Eu já escolhi — Vlad sussurrou. — É a sua vez.

— O que ele está fazendo agora? — perguntou Radu, nervoso.

Ion apenas balançou a cabeça.

A multidão que aumentava irrompeu no parapeito. Muitos se jogaram no chão quando Mehmet apareceu. Seu rosto estava distorcido pela dor. Abdullah o apoiava pelo lado direito. Com a mão esquerda, usava um bastinado contra os que estavam mais perto.

— Cachorros! — ele gritava. — Chacais!

A multidão seguia paralela ao parapeito: golpes, imprecações e preces recuavam. Os quatro carregadores do palanquim, de peitos descobertos, estavam se aproximando.

Vlad tinha se enfiado nas sombras do toldo no momento em que Mehmet passou. Agora, avançou outra vez.

— Escolha — disse.

Os servos curvaram-se em direção às suas varas. O líder empurrou o peito de Vlad com seu bastão. Ele se inclinou sobre o palanquim que era levantado, esforçando-se para ouvir alguma palavra. Então, justo quando os homens o ergueram totalmente, ele as escutou.

— Venha me buscar.

E ela se foi. Eles observaram o lento avançar da liteira por entre a multidão ainda densa. Quando Vlad deu um passo na mesma direção, Ion puxou sua manga.

— Você não pode... — disse.

Vlad virou-se para seu amigo, os olhos verdes sem expressão.

— Por quê?

— Derrotar Mehmet no jereed é uma coisa. Todos viram que foi justo. Raptar sua concubina... — Os olhos não mudaram. — Vlad, este é o homem que ama tanto seu jardim que, quando um de seus estimados pepinos desaparece, pessoalmente corta os estômagos de sete jardineiros para encontrá-lo.

— E o encontrou, disseram. E?

— E? E então este não é um homem para se ter como inimigo!

— Ele já é meu inimigo. Nada que eu possa fazer o tornará mais ou menos inimigo. E sabe o que mais? — Voltou-se para olhar para onde os homens ainda estavam seguindo, gritando o nome de Mehmet. — Eu verdadeiramente acredito que, um dia, um de nós causará a morte do outro.

— Voltou-se para trás, levantou a jarra de suco de romã, esvaziou-a. O líquido vermelho reluziu, manchando seus dentes no sorriso que apareceu depois. — Mas esqueça tudo isso, meu amigo, porque... você não escutou aquele riso?

Antes que Ion pudesse responder, Vlad tinha abaixado a jarra.

— Vamos — disse —, devemos segui-los. Temos que saber onde ela mora, se nós vamos roubá-la.

Vlad começou a andar. Por um momento, Ion e Radu não se mexeram, apenas se entreolharam.

— Nós? — ambos disseram, debilmente.

Seis



A moça escolhida

Não foi de todo desagradável, a preparação para o defloramento dela.

Realmente, eles a acordaram cedo, justo quando o muezim chamava os mais fiéis para as primeiras preces. Ilona continuaria dormindo a essa hora facilmente, como sempre fez. Mas não neste dia.

O ar estava gelado quando eles a tiraram da cama que dividia com Afaf, que só grunhiu e voltou a dormir. Um manto a cobria, mas não lhe era permitido se vestir, pois precisariam considerar cada uma de suas partes. Ela foi conduzida a uma laje de pedra na entrada da casa do pequeno banho turco, e subiu. O manto foi retirado e ela ficou lá de pé, tentando não tremer, o olhar baixo, a expressão afável, as mãos abertas ao lado, o peso repousando no pé direito, que foi virado para fora para que toda ela ficasse exposta. As servas caminhavam a seu redor, beliscando aqui, apalpando ali. Elas tentavam ficar calmas — com frequência uma moça era enviada para ser a concubina de generais vitoriosos ou governadores das províncias. Algumas vezes, raramente, uma esposa para um oficial do Estado. Mas hoje era diferente e Ilona podia sentir a excitação. Dentro de minutos, até a mais reticente das servas estava tagarelando.

Hoje, uma moça seria enviada para o sultão.

Mas ele era o sultão? Ilona franziu a testa, depois relaxou ao receber uma ordem brusca. Havia sido, dois meses antes. E agora diziam que ele não era mas seria outra vez, com a graça de Alá. Isso a confundia, mas na verdade não importava. Tudo que importava era que ele a escolhera por alguma razão, alguma faceta dela que Ilona não compreendia. Vinte moças tinham desfilado em frente ao biombo no saray de Mehmet. Ela não o vira, claro, mas ele a vira. Agora ela era gozde, a moça escolhida.

Por isso o rebuliço das servas ao andar ao redor dela, e a atenção a cada um de seus detalhes. Disseram-lhe o que isso podia significar — podia já haver cinco concubinas no saray de Mehmet, mas nenhuma lhe dera um filho ainda. Se ela o agradasse o suficiente para atraí-lo com frequência a seu divã e engravidar — com um filho macho... bem! Concubinas que pariam filhos homens muitas vezes se tornavam esposas. Esposas tinham liberdade e poder.

Liberdade. Ela não deixou o suspiro sair. O que era isso? Ela espiou por entre os cílios baixos quando a kahya kadin, a própria Hibah, entrou. Senhora da casa na Rua do Néctar, ela raramente se incomodava com detalhes pequenos.

Mas dessa vez a mulher parou, dobrou os braços sobre a enorme barriga, levantou a cabeça. Depois, bateu suas gordas mãos, os braceletes de ouro estrepitando, e exclamou: — Comecem! Banhem-na. Levem-na.

Não era de todo desagradável, a vida de uma escrava. Nos primeiros dez anos de sua vida, quando era chamada de livre, ela nunca se banhara. Na casa da Rua Rahiq, ela se banhava diariamente e adorava: o calor delicioso de um mergulho, o choque divertido de outro; o vapor que a envolvia e abria cada poro; a água gelada com a qual a enxaguavam antes de envolvê-la em lençóis macios e aquecidos. Hoje eles demoraram ainda mais e tiveram mais cuidado. Esfregaram ainda mais com as luvas de fibras naturais, os sabões

aromáticos; rasparam cada parte dela, abriram e exploraram cada fenda. Seu cabelo grosso, cor de avelã, foi lavado com água de lavanda e cascadeou por suas costas. Então ela se deitou em um divã enquanto pequenas mulheres com mãos fortes esfregaram e massagearam e pressionaram até doer, voltando, lentamente, à delicadeza. Finalmente, os óleos foram aplicados. Tinha sido motivo de preocupação, o perfume cujo rastro durasse até a noite. E então um janízaro das relações de Hibah lhe disse que ele havia lutado corpo a corpo com Mehmet na semana anterior e o jovem tinha o cheiro de gengibre e sândalo, uma combinação que era direta, masculina. Hibah tinha arriscado que aquilo que agradava em uma forma de corpo a corpo agradaria em outra, e ordenou uma jarra dos perfumistas do próprio sultão.

No final, Ilona sentou-se em outra cadeira, ainda despida mas não fria, pois o quarto fora aquecido com braseiros e com a presença das mulheres, tanto as que a atendiam quanto as que davam as ordens. Estas descansavam em divãs, comendo confeitos e bebendo chá de maçã, embora a Ilona fosse permitida apenas uma porção mínima de cada.

Seu cabelo foi esfregado até secar, depois arrumado em cachos. Aparentemente, o favorito atual de Mehmet, Abdurascid, usava seus cabelos dessa maneira. E houve muita discussão sobre qual dístico, de qual poeta, seria escrito à tinta em sua pele, em uma espiral que corria de sua nuca, sobre a protuberância dos seios e barriga, até o clímax no púbis, a vermelhidão ali deixada pelos cremes cáusticos, que removeram todo o pelo dois dias antes, tendo finalmente desaparecido. A mulher calígrafa ficou de pé esperando a decisão pacientemente. Quando elas decidiram por Jalaluddin — algo sobe voo, Ilona não entendia o persa —, ela tentou não rir enquanto o pincel dançava por sua pele.

Levou o dia todo, a preparação para seu defloramento. Um dia de risadas e música, pois a ney foi tocada ininterruptamente, as

notas da flauta de junco erguendo-se ora em alegria, ora com um toque tristonho. Em certo momento, ordenaram-lhe que dançasse. Apenas o suficiente para lembrar que era uma das melhores que já tinham visto. Não o bastante para provocar uma gota de suor.

Uma a uma, as servas completaram suas tarefas e saíram, até que ali permaneceram só três mulheres: Hibah, que a venderia; Tarub, a festiva, que a acompanharia até o divã do príncipe; e Ilona.

Ela ficou de pé outra vez em postura neutra, os olhos baixos, enquanto Hibah dava voltas e voltas em torno dela, ordenando um toque mais de pintura nos lábios que realmente de nada precisavam, trocando um anel de prata do dedo do pé por outro, certificando-se de que cada sino em seu cinto soava com um repique complementar.

Todos exceto um, que ficou em silêncio.

Hibah o pegou entre os dedos.

— Você conseguirá achar este? No escuro?

— Sim, senhora.

— Feche os olhos e me mostre.

O cinto foi colocado no chão. De olhos fechados, Ilona se curvou, procurou com os dedos, encontrou a aresta reveladora e apoiou uma unha pintada sob ele.

— Devo abri-lo, senhora?

— E arriscar manchar seus véus? Garota tola! Não. Desde que se lembre de fazer isso antes de dormir. À luz do amanhecer, os homens gostam de ver que tiveram uma virgem. Portanto, se você não tiver sangue seu, o que pode acontecer, então use o sangue da pomba dentro dele. Esfregue-o em você mesma, mas especialmente nele.

Lambuzando a cimitarra em sangue, hein? — Ela cacarejou, depois se virou para Tarub. — Esquecemos alguma coisa?

Tarub sorriu.

— Minha Lama espalha a luz pura da estrela da manhã, como sempre.

— Hummm! — Hibah resmungou. — Pureza pode ser bom na luz do dia. Mas os homens querem algo diferente à noite. — Voltou-se para Ilona.

— Você se lembrará de tudo que lhe ensinamos? A boca de Ilona ficara seca. Ela engoliu, assentiu.

— Eu... eu acho que sim, senhora.

— Acha? — Hibah retrucou rispidamente. — Você precisa saber. Esteja preparada para qualquer coisa. Todos os homens são diferentes em seus desejos, e dizem que Mehmet é mais diferente que a maioria... e tão mutável quanto o vento do Levante! Ele pode desejar escrever poesia para você e adorá-la como uma estrela do leste, curvando-se diante de você para orar... aqui! — Ela deslizou um dedo pela barriga de Ilona até seu púbis. — Ele pode desejar tomar você como a um menino... aqui! — O dedo se moveu, pressionou, e Ilona sentiu suas entranhas remexerem. — Ele pode querer suas lágrimas, seu riso ou uma coisa depois da outra. Você está preparada para lhe dar qualquer coisa que ele desejar? O medo veio outra vez, o medo do qual as preparações lentas do dia a distraíram. Medo... e algo mais.

— Eu tenho escolha? — ela rebateu.

Tarub sobressaltou-se com a explosão. Hibah levantou uma das mãos e depois a abaixou, sem querer marcar a mercadoria.

— Garota estúpida! Onde você pensa que está? Sua única escolha está na leitura dos desejos dele! — Ela se virou para Tarub. — Ponha-lhe o véu! Tarub foi até o estrado, curvando-se para levantar o toucado, tal era o peso das moedas de prata e bronze que pendiam de sua frente. Foi uma exigência pouco comum do emissário de Mehmet, pois moedas em geral eram dote ou usadas por prostitutas para mostrar sua riqueza e, conseqüentemente, suas habilidades. Hibah tinha pressentido que isso era talvez uma indicação do papel que Ilona teria que desempenhar — esposa ou prostituta. Talvez ambas. A touca de couro por dentro do véu havia

sido preparada para a cabeça de Ilona antes e serviu perfeitamente agora. A extensão das moedas pendia, obscurecendo o que estava a sua frente. Hibah era uma forma, dando um passo para trás, aprovando.

— Ótimo — sua voz disse, por fim. — Vá, Lama dos Lábios das Trevas. Dê-nos orgulho. Que Alá a abençoe em sua jornada e a recompense por suas habilidades.

Ao entrar no corredor principal da casa, suspiros e sussurros a saudaram. Ela só podia ver lampejos através do véu balouçante, mas podia escutar e reconhecer as vozes das garotas com que vivera pelos últimos quatro anos. Nunca mais as veria. Lágrimas começaram e ela as forçou a voltar, procurando a raiva que sentira um momento antes. Seus olhos estavam pintados... e ela não devia estragar a mercadoria, tampouco. Este era seu destino, este dia, a noite que viria. Escrito. Inalterável. Ela não tinha escolha.

E então teve um pequeno sobressalto. Pois se lembrou do que o dia de atividades a fizera se esquecer. Outra pessoa falando de escolhas. Oferecendo a ela o que nunca lhe havia sido oferecido antes.

Enquanto a porta se fechava com murmúrios de adeus, enquanto esperava a outra que dava para a Rua do Néctar se abrir, ela sentiu a surpreendente retornar. Que direito tinha esse Drácula de oferecer-lhe qualquer esperança? O que ele podia fazer? Um refém! Ele mesmo era pouco melhor que um prisioneiro, acima apenas do escravo. Um escravo se definia por ter perdido o direito de escolher. Ela seria levada em um palanquim para o saray de Mehmet. Ele a tomaria do jeito que quisesse. Ela quebraria o frasco de sangue de pomba sobre ele se não sangrasse o suficiente. Ela nada escolheria por si mesma.

A porta da frente da casa das concubinas se abriu. A cadeira era uma forma atarracada a sua frente, vislumbrada através do véu balouçante. Seis homens da guarda do palácio estavam de pé ali,

armados com alabardas. Quatro outros, gigantes, de peitos nus, estavam de pé ao lado das varas, entrando e saindo de seu campo de visão.

Ela se sentiu tonta, oscilou. A mão de Tarub apertou seu cotovelo, firmando-a, guiando-a por cada passo do caminho. Até o último.

Ela continuou descendo as escadas. Então, na metade do caminho, alguma coisa a fez parar. Ela olhou para cima, por sobre o teto da liteira, do outro lado da rua estreita, para a soleira da porta oposta, a meia de dúzia de passos de distância. Ali estava parado um homem. Oculto, também, um lenço sobre a cabeça, cobrindo-lhe o rosto. Só seus olhos apareciam. E, embora o tivesse visto apenas uma vez, através das treliças e, portanto, não claramente, ela soube que era ele.

Virou a cabeça abruptamente, tentando vê-lo melhor. As moedas balançaram outra vez, escondendo-o. Quando balançaram de volta, a soleira da porta estava vazia. Portanto, ela só podia se lembrar dele com aquele único olhar. Lembrar de olhos tão verdes como as encostas das montanhas da Valá-quia na primavera. Lembrar do seu olhar, do calor de seus olhos; o sorriso.

Ela sorriu para si mesma, de si mesma. De sua raiva, arrebatada para longe como uma pomba subitamente capturada por um falcão.

Sete



O rapto

Ele a vira. Não sabia se ela o vira também.

Enquanto seguia à frente do palanquim pela rua, Vlad sorriu. Ele não a vira realmente, claro. Nunca a vira. Ela estava fechada atrás da treliça quando conversaram.

Estava usando um véu de metal agora. Vlad se perguntou como ela seria, sob o véu. E se fosse horrorosa? E se aquela voz rouca emergisse do rosto de uma aspirante a velha enrugada? Sacudiu a cabeça. Parecia improvável. Os gostos de Mehmet eram conhecidos como peculiares, mas Vlad nunca ouvira falar que tendiam ao feio. Além disso, como ela era não fazia diferença para ele. Era uma dama de sua terra, em perigo. E embora ele tivesse escutado contos maravilhosos em seu tempo com os turcos, eram as lendas de sua infância, cantadas à frente da lareira do pai, que ele amava ainda mais. E nas cortes do mundo cristão, eram as histórias de Arthur e seus cavaleiros que o inspiravam. Ele se via como Lancelot neste momento, comprometido com uma Guinevere.

Mas a história teria sido diferente se Guinevere fosse uma velha megera? Troia teria caído se o nariz de Helena tivesse uma verruga na ponta? Isso não deveria importar.

Não importava. Apenas sua promessa importava, e como cumpri-la. Nada mais.

Havia duas rotas para o saray de Mehmet. Uma óbvia, outra menos. Vlad precisava que o palanquim tomasse a última.

A Rua do Néctar, comprida e sinuosa, terminava em uma bifurcação em uma fonte. Uma avenida mais larga seguia para a esquerda, embora se estreitasse um pouco pelos quiosques que ocupavam cada lado e houvesse pessoas em torno, comprando provisões para a última refeição do dia. O outro caminho, ainda mais estreito, subia levemente o morro depois de uma mesjid, uma pequena mesquita, e, perversamente, uma fila de tavernas logo ao seu lado. Dando uma espiada nessa ruela, esperando que tudo estivesse pronto, Vlad entrou pela multidão na frente dos quiosques. Não tinha um plano preciso, a não ser o caos. Mas como aplicá-lo? O primeiro quiosque pertencia a um vendedor de melancias, inteiras ou em pedaços. Amarrado a ela havia um asno, que estava parado à maneira de tais criaturas, uma pata traseira em ponta, olhos vidrados na cabeça baixa, mastigando o vento. Besta estúpida, pensou Vlad, escutando por sobre o regateio e o tilintar de moedas a aproximação constante de homens de bota, o grito de "Abram caminho!".

Ele olhou para trás, viu o adorno prateado e a pluma de garça do bolukbasi, o oficial da guarda, a vinte passos de distância. Mordendo os lábios, olhou outra vez à frente, e pensou em algo. Tirando seu bastinado do cinto, levantou o rabo do asno e enfiou na traseira do animal o bastão do comprimento de um braço.

Teve o que queria. Caos instantâneo. Um coice errou sua cabeça por um fio de cabelo. Ele pulou para trás, para dentro do abrigo da soleira de uma porta, fora do alcance das patas voadoras. Mesmo assim foi atingido por coisas que começaram a voar — pedaços do quiosque do seu dono que o asno destruiu, melões —, no entanto, como o animal estava preso ao quiosque, também estava arrastando-o para o centro da rua.

Sob os destroços voadores, Vlad olhou para os guardas, parados a apenas dez passos de distância, na bifurcação. Por cima do alarido do animal zurrando, o dono aos berros e compradores em pânico, a voz do bolukbasi ainda se fazia ouvir: "Liberem o caminho, bobalhão!" O vendedor de melancias — um velho corcunda — avançou um passo em direção a eles, curvou-se, mãos juntas à frente, em súplica.

— Tentarei, efendi, mas este animal está amaldiçoado por Alá...

Foi tudo o que conseguiu dizer antes que o asno o atingisse, catapul! — chutando-o para o quiosque oposto, destruindo metade da banca. O seu próprio quiosque foi arrastado ainda mais para o meio da rua pelo animal em fúria, que finalmente conseguiu se libertar e foi embora galopando, a marcha esbaforida cindindo os espectadores.

Examinando o pandemônio, o bolukbasi balançou a cabeça e gritou uma ordem: — Por aqui! — E dirigiu os homens para o outro caminho.

Vlad deixou que eles avançassem vinte passos, depois os seguiu.

— Você está pronto? — sussurrou.

— Nada? Radu sacudiu a cabeça. Ele havia descido até a bifurcação pela quarta vez. Ao passar pelo quiosque ao lado do qual estava Ion, murmurou: — Talvez eles já tenham passado pelo outro caminho.

— Não. Vlad teria vindo nos pegar. Ele sabe que temos pouco tempo. — Ion olhou outra vez para a mescid ao lado da taverna. O muezim parara de chamar para as orações poucos minutos antes. Porque era sexta-feira, aos reféns era permitido permanecer na cidade até que as orações terminassem. Se ficassem depois disso, sentiriam mais do que um toque do bastinado do agá.

Não foi apenas a dureza do tamborete que fez Ion se mexer. Ele se virou e olhou para as cabeças balouçantes dos ocupantes da taverna e viu Aisha, ainda-ser-conquistada, com uma onda de seu cabelo castanho e úmido sobre a testa. Observou-a limpá-la com um lenço vermelho, e viu um homem tomar o pano e ostensivamente chupá-lo, para risada dela e dos outros.

Ion gemeu, e Radu entendeu mal.

— Eu sei! Se ele não vier, será que essas pessoas não responderão ao chamado do muezim para irem para suas devoções?

— Esses? — Ion forçou seu olhar para longe de sua amada. — Esses são bektashi. Têm outras devoções.

— Pensei que eles fossem janízaros.

— Eles são.

— E todos os janízaros são muçulmanos, não?

— Sim. Seja de onde forem, para se juntar às ortas têm que adotar o islã.

Radu franziu a testa, observando.

— E o Corão não proíbe as bebidas e o vinho?

— Proíbe. Seu irmão pode lhe citar o versículo. Mas isso não impede que muitos bebam. Dizem que até o sultão, Murad, é dado a rodadas de autoindulgência.

E muitos janízaros pertencem ao culto dervis e dos bektashi. Muçulmanos, mas diferentes. Esses da... — Ele observou o músculo desnudo de uma panturrilha, o desenho do elefante ali tatuado — da orta adotaram os modos bektashi. Mulheres sem véus. — Espiou amargo a sorridente Aisha. — Cabelo solto. Bebida.

— Mas...?

Ion levantou uma das mãos. Se permitisse que o fluxo de perguntas de Radu começasse, jamais pararia.

— Vá outra vez à encruzilhada.

— Mas acabei de voltar de lá.

— Vá! — Quem é o filho do príncipe aqui? — Radu resmungou, mas levantou-se.

Ion olhou de novo para a taverna, mas não conseguiu ver Aisha. Foi buscar mais raki, provavelmente. Ele havia comprado várias jarras — "isca para as chamas", dissera Vlad. Ele tinha um plano para tudo, desde vencer no jogo de dardos até roubar filhotes de falcão no ninho. Mas a concubina de Mehmet não era um filhote de pássaro no alto de uma árvore, para ser pega depois da sua primeira muda. A Ion só restava esperar que o que fora planejado acontecesse logo, antes que terminassem as orações que ele podia escutar na mesquita na porta ao lado, e os primeiros golpes de bastinado acertassem em seus traseiros cristãos.

Então viu Radu subindo a rua correndo. Atrás dele, uma pluma prateada de garça balouçava sobre a multidão. Levantando-se, ele fez como Vlad havia lhe dito para fazer.

— Olhem — gritou —, lá vem um bando dos lambedores da bunda de Mehmet! Vlad, a dez passos atrás do palanquim, escutou o grito, viu os primeiros clientes da taverna saírem sob seu toldo e sorriu. A rivalidade entre os janízaros e os guarda-costas do palácio era intensa. Ambas eram tropas de elite, os escolhidos do sultão. Mas os peyk — os alabardeiros da guarda — eram quase todos turcos e homens livres; os janízaros eram todos cristãos convertidos e ainda escravos, apesar do status. Isso aguçava a inimizade entre os grupos e, ele esperava, ajudaria sua causa.

Vlad se aproximou até estar a um asno de distância da liteira coberta até que, pelas dobras do lenço em sua cabeça, pudesse ver o perfil do bolukbasi dos peyk.

O homem estava se esforçando para ignorar os comentários sobre sua masculinidade, seu parentesco e suas predileções pela bestialidade. Vlad sabia que ele tinha suas ordens, não podia se permitir ser arrastado para a briga de rua de que Vlad precisava.

Também sabia que, se ninguém começasse uma, ele teria de começá-la.

A guarda avançava em marcha, abaixando suas alabardas ao comando dado. Por um segundo, Vlad pensou que poderiam escapar sem nada exceto insultos, até que um homem enorme apareceu na rua... e levantou a camisa.

— Vejam como minha pele é suave! — ele exclamou. — Vejam a abundância de meus pelos. — Ele correu os dedos por uma densa cobertura loura, da virilha ao peito.

— Mostre-nos os seus, efendi. Vamos comparar belezas! Vlad conhecia o homem. Seu nome de escravo era Abdulkarim, "Servo do Poderoso". Mas ele era conhecido por todos por seu nome e pela terra de seu nascimento: Sweyn da Suécia. Ninguém sabia por quais caminhos viera a ser soldado e escravo do sultão. Mas todos sabiam o que esse desnudamento de sua pele significava. Pois Mehmet, em seus dois anos como sultão, tinha adotado os costumes gregos, assim como suas vestimentas. Para se rodear de homens felizes, mandara cortar seus baços, removendo assim, daqueles que sobreviviam à operação — e muitos sobreviviam, pois os cirurgiões persas eram muito bons —, o próprio lugar do mau humor.

Isso parecia não funcionar com o bolukbasi.

— Saia do caminho, cão intemperado! — ele gritou, pegando no cabo da espada embainhada. — Antes que eu remova seu baço e metade de suas tripas junto.

— Ah, terror! — gritou o sueco, abanando-se com a camisa levantada. — Mas diga-me! Você poderia também remover algumas hemorroidas? — Com isso, virou-se e mostrou a bunda.

Mais zombarias. Mais gargalhadas. Por um momento, Vlad pensou que o bolukbasi ia desembainhar sua espada e arremessá-la no alvo tentador. Mas então o sueco se endireitou, subiu as calças e, com grandes vivas, começou a sair do caminho. O oficial se virou e acenou para os homens seguirem em frente.

Vlad olhou em torno de si, procurando desesperadamente não sabia o quê. Viu que alguns dos janízaros mais jovens ainda estavam agarrando os tamboretos de três pernas, querendo lutar. Mas, enquanto ele olhava, os tamboretos estavam sendo relutantemente abaixados.

Então Vlad se curvou e agarrou um. Ele também tinha visto as tatuagens da orta que estava na taverna.

— Elefantes! — gritou e lançou o banco direto na cabeça do bolukbasi. Ele o viu vir e abaixou-se o bastante para que o banco batesse em seu elmo, não no rosto.

Mas o som da madeira contra o metal estrepitou como outro grito de batalha. Uma onda de tamboretos, copos, jarras veio explodir contra os guardas. Muitos caíram no palanquim, que fora rapidamente abaixado por homens tentando se proteger. Gritos vieram lá de dentro.

— A mim! — gritou o bolukbasi, sangue correndo do golpe em sua cabeça. Seus homens se juntaram a ele, alabardas desviando a madeira atirada, as pontas abaixadas em direção aos janízaros.

Vlad tinha se encaminhado para o abrigo do canto oposto da liteira. Ion e Radu juntaram-se a ele ali.

— E agora? — gritou Ion.

Eles estavam do lado oposto à porta. Vlad espiou pela treliça. Viu duas formas lá dentro.

— Isso — disse, tirando sua adaga, afundando-a no teto.

Gritos de uma mulher vieram lá de dentro, mas foram subitamente interrompidos, como se abafados. Ion juntou-se ao corte pelo outro lado, serrando madeira fina. Quando chegou ao fim, Vlad já estava cortando a lateral do teto. Quando alcançou o corte de Ion, os três enfiaram os dedos na fenda e puxaram.

A lateral da liteira cedeu com um grande rasgão. E ali, no piso, uma houri mascarada e pintada estava agachada, sua mão

cobrindo a boca de uma serva. Através do véu de moedas, seus olhos brilharam.

— Venha — disse Vlad, falando osmanli —, rápido agora. E você...

— acrescentou, olhando para a serva de bruços, tocando o cabo de sua adaga outra vez em sua bainha — silêncio ou morte! Pegando a mão de Ilona, ele a puxou para fora dos destroços do palanquim.

Mais adiante, os peyk começaram a entrar na taverna. A madeira fora substituída por aço, machucados, trocados por sangue. Todos estavam focados na luta, em sobreviver a ela, portanto ninguém viu as quatro figuras cobertas se afastando.

Aninhada ao lado da nova ponte de pedra que Murad construía sobre o rio Ergene, havia uma extensão de molhes, balsas chatas batendo contra eles. Com a noite caindo, e trabalhadores na mesquita ou nas tavernas, poucos viram a passagem deles até um certo píer.

— Vocês estão atrasados! — exclamou Alexandru, o capitão. — Eu já ia partir. — Olhou para a mulher de véu. — É essa? — Sim.

— Então, ponha-a a bordo, para que possamos ir. É muito perigoso o que você está fazendo, Vlad Drácula. E meu navio tem ordens de zarpar do porto de Enez em dois dias, com ou sem a minha presença.

— Aqui está o que lhe prometi.

O capitão pesou a sacola com uma das mãos.

— Parece leve.

— É leve. Metade do que lhe prometi.

— Metade? Agora, espere...

— Meu pai lhe dará a outra metade quando você entregá-la a ele... com esta carta. — Ele lhe passou um rolo selado. — Além disso, você falou que não fazia isso só pelo dinheiro.

O capitão ergueu a vista para os telhados de Edirne.

— Passei cinco anos acorrentado a um banco das galeras deles. Portanto, se puder retribuir os fodedores de bode... — Olhou outra vez para Vlad.

— Você disse que isso vai feri-los?

— Sim — disse Vlad. — Acho que vai feri-los muito.

— Ótimo. Então, coloque-a a bordo. E pegarei a outra metade do meu preço das reservas do Dragão, ou de você, quando eu retornar.

Com isso, ele voltou para seu deque, ordenando a sua tripulação para suas tarefas.

Vlad, que não havia largado a mão de Ilona, agora a puxou, conduzindo-a para a rampa.

Pela primeira vez, ela resistiu.

— Você não vem? — perguntou.

Vlad parou, preso por ela, por sua voz e pelas primeiras palavras que ela dizia desde o rapto.

— Não posso. Sou um refém e dei minha palavra. Aos turcos. A meu pai. Também — engoliu —, o sultão não é alguém para ser enganado. Alguns anos atrás, outros reféns, filhos do déspota sérvio Gheorghes Brankovic, tentaram passar informação ao pai sobre os preparativos dos turcos para a guerra. No terrível castelo de Tokat, Murad enfiou ferro incandescente nos olhos deles. Assim... por favor.

Ele a puxou de novo. Outra vez ela resistiu.

— Você não será punido da mesma maneira? Pelo que fez hoje?

— Não acho que fomos vistos. Mesmo sua serva nos viu como estávamos, com roupas turcas, rostos escondidos. Só você e o capitão sabem quem somos. E ele é um bom valáquio, ainda que rude. Ele vai fazer de tudo para levar uma mulher de seu país para casa.

— E depois? Vlad pegou outro rolo de pergaminho de sua bolsa.

— Aqui está uma carta para meu pai. Você será bem cuidada.

— Não foi isso que eu quis dizer — falou Ilona. — Quis dizer... eu o verei outra vez?

— Se Alá quiser — Vlad retrucou. — Deus, quero dizer — acrescentou com um sorriso. — Realmente já fiquei tempo demais entre esse povo. Mas sim, acredito que meu kismet é retornar à minha terra um dia.

— Kismet — ela ecoou, finalmente cedendo à pressão da mão dele e subindo na rampa. — O meu mudou quando vi você pela primeira vez.

— Kismet não muda — ele retrucou. — Tudo isso já estava escrito.

— Deixando o deque, ele se virou imediatamente, descendo, e assim que saiu da rampa, ela foi içada. Cabos foram puxados, remos entraram na água. A balsa começou a flutuar lentamente, afastando-se da doca.

Eles ainda estavam à distância de um braço quando um pensamento ocorreu a ela. Ele não me viu! Vivendo sempre sob um véu, ela estava acostumada a observar os homens através dele, nunca sendo, ela mesma, observada. Mas, se ele não a visse agora, como poderia encontrá-la outra vez?

— Vlad — ela chamou. E ao fazer isso, ergueu a mão e levantou o véu. As moedas penduradas bateram em seu rosto ao serem erguidas. Então ela deixou o toucado cair no deque.

Ela ainda estava perto o bastante para ver a mudança em seus olhos verdes.

— Ah — ele disse, suavemente. — Sim. Sim, estou vendo.

Ao lado dele, Ion deu um passo à frente e prendeu a respiração. Todos os pensamentos sobre as moças da taverna foram varridos de sua mente, ao ver o rosto dela.

Mas era para Vlad que ela olhava, só os olhos de Vlad ela viu enquanto a balsa flutuava na corrente. Viu-os quando o rosto dele se tornou um borrão. Viu-os ainda enquanto o navio passava sob um arco de pedra.

E ele ainda via os dela, e tudo o mais nela.

Oito



Urdidura e Trama

Castelo Poenari, 1481

— O que é isto? Uma história de amor cortês? Se quiséssemos uma dessas, poderíamos ter contratado um trovador! As palavras ásperas do cardeal os trouxeram de volta ao salão do castelo Poenari, onde nenhum deles esteve completamente durante algum tempo. Eles estavam na história, todos eles juntos, tanto os que contavam quanto os que escutavam.

Ion estava lá outra vez, ao lado de Vlad, servindo Vlad, conhecendo Vlad. Ilona também, contando o que se passara entre eles. Os dois haviam se perdido nele. Em quem ele fora. Embora estivesse morto havia cinco anos, continuava vivo em ambos.

Os que ouviam estiveram modelando seu próprio Vlad, de acordo com suas necessidades. Para Petru, era simples. Ele queria que o homem que construía o castelo que ele comandava fosse um herói; mais, um herói valá-quíio. Escutara falar de uma época de justiça, ordem, força em sua terra. Dos inimigos de Cristo punidos. Ele queria aquele tempo de volta.

Para o conde Pecs, não era simples... e ele se mexeu em sua cadeira com a explosão do cardeal, observando nervosamente o italiano se alavancar da dele, observando-o gíngar até a mesa. Ele

precisava que o homem julgasse bem — e favoravelmente. Seu desejo era a ressurreição do Dragão. Não um Dragão lavado de todo sangue. Quem poderia usar uma fera aleijada dessa forma? Mas se ele pudesse se levantar com fúria e não depravação, poder e não barbárie... E se Drácula pudesse ser perdoado — parcialmente, pelo menos, o bastante para os propósitos de Deus e do Homem —, então talvez ele também pudesse ser. Talvez, a maldição que levara seu olho e as vidas de seus familiares pudesse ser suspensa.

O cardeal parou em frente à mesa, arrancando folhas de urtiga de um queijo de cabra redondo, esmagando a brancura pungente em um pedaço de pão grosseiro. O conde se juntou a ele e serviu-se de vinho.

— Eminência? — disse. Com seu assentimento, Horvathy encheu outro copo e os dois homens beberam. Petru, enquanto isso, fez um gesto para Bogdan, que levou água e pão para os confessionários dos dois prisioneiros e dos escribas. Não era gentileza. Petru teria feito o mesmo com o gado, mantendo-o vivo para seus propósitos.

Depois, juntou-se aos outros.

O cardeal abaixou a voz. Nem tudo tinha que ser gravado nos pergaminhos.

— Realmente, conde. Isto é tudo muito divertido. Tanto quanto qualquer outro, gosto de uma história em um dia de inverno. Mas não foi isso que viemos ouvir, certo? — Ele estendeu a mão, pegou o panfleto no topo de uma pilha e leu alto o título. — "A História de um Louco Sanguinário Chamado Drácula da Valáquia." — Examinou as xilogravuras sob o texto, corpos contraindo-se nas estacas. — Você diz que estamos aqui para provar que isto não é verdade?

— Não... não exatamente provar que não é verdade. Não tudo, de qualquer maneira. — O conde mordeu uma salsicha. —

Escutar uma versão diferente. Talvez, mitigar o pior. Enfatizar o melhor.

— Reescrever a história?

— Eminência, como você disse antes, isto é o que todos fazemos com a história. Usá-la para nossos próprios propósitos. — Ele levantou outro panfleto. — Os homens que escrevem isso certamente o fizeram. Pelo lucro. Por vingança. A história é um instrumento; mais, uma arma. Para nós. Para a Igreja.

— Para a cruzada? — O italiano sacudiu a cabeça. — Mas a bandeira da cruzada, como você sabe, é a mais difícil de tecer, muito mais complexa que essas rudezas.

— Ele fez um gesto para as tapeçarias que circundavam o salão de Poenari. — Se a urdidura dessa bandeira é o branco puro de Deus, a Cruz é a trama vermelha, e é feita de dúzias de fios e tons diferentes. Meu senhor, o papa. O seu, o rei da Hungria. Os príncipes, nobres... e, sim, os financistas da Europa, tudo tem que ser reunido, cuidadosamente alinhado na tecelagem, não é verdade? Horvathy assentiu.

— É verdade. Mas lembre-se, Eminência, os Bálcãs sempre foram o crisol da Guerra Santa, seus líderes, a linha de frente na luta contra os Infiéis.

— Fios vitais, realmente. — Grimani engoliu, franziu o cenho para a aspereza do vinho, depois olhou de novo no único olho do conde. — E você acredita que pode unir esses líderes sob o Dragão?

— Oro por isso. Mas orar raramente é suficiente, como você sabe.

— Ele apontou de volta para os confessionários. — É a história que estamos ouvindo que importa. E o que poderemos tirar dela para contarmos, nós dois, aos nossos senhores.

Grimani olhou também.

— E, por mais divertida que essa história possa ser, até agora me deu muito pouco a recomendar, a julgar. — Ele apontou outra

vez para a tapeçaria nas paredes, a caçada em andamento urdida ali.

— Então, devemos partir para a caçada? Esses batedores fizeram a presa sair. Não é o momento da primeira morte?

Horvathy esvaziou seu copo, abaixou-o.

— Concorde.

Ele voltou para o estrado, subiu, esperou que os outros dois se juntassem a ele e se sentassem antes de começar a falar.

— Chega dos sonhos de um jovem. De torneios e missões de amor. Contem-nos agora das crueldades. Contem-nos das mortes.

Silêncio, por um momento. Os dedos dos escribas fizeram uma pausa sobre os tinteiros. A cada narrador foi dada uma cor diferente. A do aleijado era preta. A da concubina, verde. As perguntas dos juízes, quando haviam, eram anotadas em azul. Mas foi para o quarto tinteiro, o menos usado até então, que os escribas estenderam a mão quando o silêncio foi interrompido. Pois foi o confessor de Drácula que falou agora. Sua voz ainda era um grasnido, pela falta de uso. No entanto, elevou-se pelo salão: — Estranho pedido — ele sussurrou —, pois estávamos justamente chegando a isso.

Palavras em vermelho apareceram no pergaminho.

Nove



O ferreiro

Eles foram buscá-lo antes do amanhecer. Uma semana se passara desde o rapto e Vlad recém-recomeçara a dormir com os dois olhos fechados outra vez.

Chegaram no escuro, pela passagem central do enderun kolej, pés deslizando em silêncio pelo piso de madeira encerado. Passaram pela maioria das salas de aula com divisórias, onde cada orta estudava e dormia, e nenhum dos pajens acordou com seus passos. Só quando eles chegaram a uma brecha entre as paredes divisórias, onde dormia a orta dos reféns, uma única palavra foi sussurrada.

— Agora.

Vlad a ouviu e acordou, tarde demais para fazer alguma coisa. Não que houvesse muito a ser feito, com dois homens para cada colchão. Um para puxar a manta de lã.

Outro para pressionar uma adaga curva na garganta.

Os gritos de terror despertaram a todos no kolej. Os dois eunucos, que deitavam em camas altas no meio do salão, despertaram berrando para proteger os seus. Também o fizeram os dois agás mais velhos, irrompendo de suas câmaras de treliças no final do salão. No entanto, assim que viram quem tinha vindo, com a luz das lanternas que agora haviam sido acesas, gritaram apenas uma única vez mais para aquietar os aterrorizados sussurros dos garotos.

Como todos, Vlad reconheceu as jaquetas vermelhas, o shalvari azul brilhante e as botas amarelas da escolta do sultão. No momento do despertar assustado, ele pensou que poderia ser o bolukbasi dos peyk que estava parado na soleira da porta. Mas então se lembrou de que aquele infeliz tinha sido estripado na praça central de Erdine, junto com toda a sua companhia, como reparação pelo fracasso.

O homem na porta não iria falhar.

— Qual desses cães não circuncidados é Drácula? — berrou para o eunuco à sua frente.

O homem apontou. Imediatamente, Vlad foi puxado para fora do colchão pelos cabelos e arrastado pelo chão até a entrada.

— E o irmão?

— Ele... ele... ele está com os meninos mais jovens, efendi — gaguejou o eunuco. — Eu... eu vou buscá-lo.

— Você mostrará a meus homens onde ele está — disse o capitão.

— E você... — Ele se abaixou, pegou o braço de Vlad, levantando-o e torcendo-o às costas. — Vem comigo! Com o braço esticado e seguro às costas, e a outra mão do capitão em sua nuca, Vlad foi levado pelo corredor, por entre as fileiras de estudantes atônitos, até a porta principal. Ali, foi colocado junto a um Radu pálido, preso a maneira semelhante. Sem pausa, foram empurrados para a corte interior do outro lado. Havia um bando ali, e um porteiro aterrorizado procurava as chaves. Vendo que sua cabeça estava ao lado da do irmão, Vlad sussurrou em sua própria língua: — Lembre-se do que eu disse! Não admita nada! — Silêncio! — gritou o capitão, apertando mais. Vlad não pôde conter o grito. Então eles foram arrastados pelo portão, passando pelos campos equestres rapidamente.

O porteiro em pânico tinha deixado o molho de chaves cair. Ao se curvar para pegá-lo, não viu Ion passar.

O grupo foi até as baías dos cavalos. Para além delas, os portões dos estábulos estavam totalmente abertos. Dentro, sob a luz das tochas de junco, homens e cavalos moviam-se. Os prisioneiros foram levados à frente, depois tomaram a direita, passando pelas cocheiras, depois por um lugar onde Vlad passara um bom tempo — os poleiros dos falcões. Curvado, erguendo os olhos, ele viu os pássaros, suas cabeças encapuzadas atentas ao ruído dos homens, procurando ver através da cegueira. Estranhamente, perguntou-se qual seria Sayehzade, o prêmio da aposta no jereed que Mehmet teimosamente não cumprira. Um pássaro começou a gritar, com as asas abertas, tentando alçar voo do poleiro, preso ali de cabeça para baixo por tiras de couro. Ele viu pernas se aproximando; alguém chegou, deduziu.

Então, saíram dos poleiros; os gritos diminuíram, mas não cessaram; outro som chegou aos seus ouvidos. Esse era o bater ritmado de metal no metal. Só então Vlad compreendeu para onde estava sendo levado; veio o terror. Ele nunca pensara que a punição pelo que fizera seria a morte. Seu único valor para os turcos estava em sua vida — mas eles eram mestres em punição. Ele havia falado sobre um tipo para Ilona, nas docas. Os filhos reféns do déspota sérvio, Brankovic, haviam sido pegos tentando enviar mensagens para o pai. Eles não foram mortos. Metal rubro, aquecido, fora simplesmente enfiado em seus glóbulos oculares.

Ele sentiu o calor da forja como um tapa. Ao ser forçado a se ajoelhar, Radu ao seu lado, vislumbrou duas coisas, duas pessoas: Mehmet, com sua jaqueta de brocado e roupas gregas, sorrindo; ao lado dele, o ferreiro, encapuzado como um falcão, puxando alguma coisa brilhante do fogo.

Vlad sentiu seus intestinos soltarem. Seu rival no jereed era a única pessoa que ele não queria ver ali, junto com metais aquecidos. Mesmo assim, odiando seu medo, ele conseguiu provocar: — Você me deve um falcão — gritou.

Ele foi estapeado e jogado sobre o piso de terra duro na frente da bigorna. Ficou deitado ali, piscando, hipnotizado pelo vermelho da brasa, e se perguntou, em uma descarga que fez suar todas as partes de seu corpo, se essa era a última coisa que jamais veria. Ao seu lado, Radu chorava.

E então Vlad percebeu que eles não eram os únicos no chão; que todos estavam se abaixando, dos pés para os joelhos e para as barrigas. Por fim, Mehmet deixou sua jaqueta reluzente tocar o pó. Até haver apenas uma pessoa na forja ainda em pé.

O ferreiro.

Ele estava vestido como qualquer um da profissão. Um avental de couro o protegia do pescoço ao joelho, suas mãos dentro de luvas grossas, seu rosto oculto pelo capuz, uma fenda coberta de cota de malha na frente dos olhos. Eles brilhavam, refletindo o ferro quente que o homem segurava com pinças, examinava por um momento, depois abaixava sobre a bigorna. Um martelo batia, em pancadas rítmicas. O vapor o engolfou, enquanto ele abaixava o martelo, levantando a pinça à altura dos olhos, virando-a.

Tudo que Vlad vira era o ferro. Havia-o imaginado na forma que temia — um espeto com uma ponta derretida. Agora, mais calmo, viu sua verdadeira forma, e o que era: uma ferradura.

Com um suspiro, o ferreiro a colocou sobre uma pilha de outras, levantando imediatamente outra barra de metal, e colocando-a entre as brasas. Então, tirou o capuz da cabeça, falando enquanto o fazia.

— Alá seja louvado pelo valor deste trabalho. Pois dele é a habilidade, e meu é apenas o serviço.

O capuz foi colocado de lado. O homem se virou. E Vlad soube por que todos estavam deitados a sua frente.

— Murad! — ele suspirou, tão alto a ponto de alguém ouvir, pois a Magnificência do Mundo, o Farol da Criação, o sultão dos turcos saiu do lado da bigorna.

Dez



Punições

Na escuridão logo depois das portas abertas da ferraria, com o olho pressionado contra uma fenda, Ion hesitou. Ele havia se esgueirado atrás dos outros enquanto eram arrastados até lá. Se avançasse mais agora, deitasse no chão, será que suporiam que ele estava ali o tempo todo? Agarrou a armação da porta... e espiou os menores movimentos nas sombras atrás da forja. Havia duas sombras ali, a cada lado de Murad. Dois dos arqueiros do sultão, seus guarda-costas especiais, flechas ajustadas no entalhe. Ion sabia que um deles atirava com a mão esquerda, outro com a direita, assim podiam cercar seu senhor. Também sabia que nunca erravam.

Ele hesitou mais... e o momento passou. Murad estava caminhando à frente e Ion só podia olhar, e nada mais, para a Rocha do Mundo. Só o tinha visto duas vezes antes e a distância. Aqui, tão de perto, tudo que Ion escutara se confirmava. Ele parecia tão... comum, como qualquer trabalhador nas ruas de Erdine. De altura mediana, mas com o peito e os ombros largos e os braços musculosos de ferreiro, tinha uma barba despenteada acinzentada como os olhos no rosto redondo e comum, as feições agora manchadas de fuligem. Dizia-se que ele podia caminhar por seu povo em uma rua atulhada e não ser notado. Que com frequência fazia isso. E que, ao contrário de seu filho pavão, as roupas por baixo do avental de ferreiro eram, no máximo, de tecido grosseiro.

Comum! E, no entanto, completamente incomum. Pois este era o homem que havia convocado a Galípoli o guerreiro mais forte que Ion jamais conhecera — Vlad Dracul, voivoda da Valáquia — e o acorrentara por uma semana a uma carreta dentada. Este era o homem que, dois anos antes, em Varna, vencera o mais forte exército que a Cristandade colocara em campo em mais de um século e o varrera para longe. Que depois, bizarra e quase imediatamente, abdicara em favor de seu filho de 14 anos, para que pudesse se retirar para a ilha de Manisa e conviver com seus poetas, sua contemplação e seus vinhos. Que havia sido forçado a voltar depois de dois anos devido ao mau governo de Mehmet.

Este era o homem que agora dava um passo à frente e pisava sobre o pescoço de Vlad. Por um momento, nada falou. Quando o fez, sua voz era baixa, quase um sussurro: — Dracul-a — disse, pronunciando-o como duas palavras e na "limba romana", a língua deles; não em osmalin, a língua de sua terra. — Filho do Dragão. — Havia algo em seu tom que Ion, esperando retribuição selvagem pelo crime cometido, não esperava escutar: certa tristeza.

— O agá do enderun kolej me disse que você é um dos melhores estudantes. Que recita belamente as palavras do Sagrado Corão, assim como as poesias da Pérsia, e as filosofias de Atenas e Roma. Que você é tão habilidoso com a costura como eu sou com a forja, para o dia do desastre. E que você tem excelência em muitas atividades, na luta corpo a corpo, no cavalo com laço, no jereed. — Ele deu uma olhada para a jaqueta de brocado vermelho do filho, e um leve sorriso veio, depois desapareceu. — Mas devo lhe dizer o que não me agrada? Murad fez uma pausa, pressionou mais com o pé. E aí vem, pensou Ion, engolindo. Ele conhecia as punições turcas. Experimentara algumas. Nada, tinha certeza, como a retribuição que seria dada pelo rapto de uma moça escolhida.

E então Murad continuou: — Não me agrada que você seja o filho do Dragão. — As três últimas palavras foram gritadas. Assim

como a seguinte. — Levantem-se! Foi instantaneamente obedecido, embora todos se erguessem apenas nos joelhos, costas curvadas, esperando de cabeças baixas; Vlad, agora com o pescoço livre, braços ainda presos, ali entre eles. Só o sultão, seus guardas nas sombras e íon, atrás das portas da ferraria, estavam de pé.

Murad continuou, a voz baixa outra vez: — O Dracul pensou que, porque mantinha sua bandeira de Dragão enfurnada, eu não perceberia o filho mais velho, seu irmão, Mircea, conduzindo os valáquios contra mim em Varna? Ele não sabe que tenho espiões em todos os lugares, que me informam cada um de seus gestos? — Olhou para baixo. — E eles me contam que, embora Dracul afirme que odeia tanto quanto eu meu inimigo mais amargo, Hunyadi, o maldito Cavaleiro Branco, agora há um pacto entre eles. Para fornecer-lhe tropas, marchando outra vez sob uma bandeira enrolada. Para facilitar sua passagem por portões que deveriam lhe estar fechados.

Murad voltou a sua forja e começou a vestir as luvas que havia tirado.

— Ele parece ter esquecido o que a palavra "refém" significa... em qualquer língua. Precisa saber quais as consequências disso.

Enquanto falava, tirou das brasas as pinças aquecidas.

— Pai! — Mehmet gritou, excitado. — Eu poderia...

— Sua habilidade é com plantas, não com metais, meu filho — Murad disse ríspidamente —, e quando eu puder lhe ensinar a transformar uma semente em um pepino, você poderá trabalhar com minha forja. — Apertando as pinças, ele examinou a ponta reluzente do metal. — E, ainda que eu não deseje punir, os mandamentos de Moisés, honrado entre os profetas, não falam sobre os pecados dos pais e suas consequências para os filhos? — Ele caminhou de volta a Vlad, o metal reluzindo à sua frente. — Dracul deve receber uma mensagem. Bem clara.

Atrás da porta, Ion estremeceu. Ele estava com uma adaga na cintura. Não deveria se arremessar agora, apunhalar Murad, salvar os olhos de seu amigo? Com certeza morreria, mas morreria como herói, se Murad morresse também. Entretanto, sua mão jamais chegou ao cinto. Nada se moveu, além de uma lágrima correndo em sua face, quando o sultão se curvou, aproximando seu rosto suficientemente do de Vlad para que o brilho do metal derretido iluminasse os dois.

— Portanto, digo isso a vocês, filhos do Dragão. A vocês dois. Suas aulas aqui terminaram. Outras começarão. Vocês serão levados para a fortaleza de Tokat. Lá, terão agás diferentes, aprenderão matérias diferentes. Menos refinadas. Igualmente edificantes. E seu pai aprenderá, pelo sofrimento de vocês, as consequências da traição. — Ele afastou as pinças, endireitou o corpo. — Leve-os.

Os homens que seguravam Vlad puxaram-no até ficar de pé. Algemas apareceram e foram presas a seus pulsos. Os homens que seguravam um ainda choroso Radu viraram-no em direção à porta.

Mas então Mehmet deu um passo à frente, levantando uma das mãos a fim de parar os guardas.

— Um obséquio, pai — ele exclamou.

Murad se virou.

— Peça-o.

— Não existem maneiras diferentes de enviar a mesma mensagem? — Ele olhou de rabo de olho para Vlad, sorrindo. — Não posso pensar em nada mais benéfico do que as lições que esperam por ele em Tokat. Mas este...

— Ele estendeu a mão, pôs um dedo nos cachos castanhos de Radu, desceu-o, passando pelo nariz, deixando-o pousar nos lábios. — Não existe mais de uma maneira de fazer um Dragão se curvar aos nossos desejos? Até aquele momento, Vlad se sentira como se um djim tivesse jogado um feitiço paralisante. Não eram os homens que o prendiam, mas sua própria vontade, congelada.

Este era seu destino, ser cegado pelo sultão. Não havia nada que pudesse fazer para se salvar. Então seu destino mudou e, outra vez, nada podia fazer a não ser aceitá-lo.

Mas quando alguém mais foi ameaçado — seu irmão, seu sangue —, o feitiço se despedaçou.

Com um rugido, ele se curvou e arrancou suas mãos algemadas do aperto do homem à esquerda, erguendo-se subitamente para atingir com o topo de sua cabeça o queixo do outro, que caiu. O primeiro homem tentou agarrá-lo outra vez, mas Vlad girou as algemas de metal para cima e para o lado, golpeando-lhe o rosto. Ele caiu e Vlad ficou livre, avançando para Mehmet, consciente de cada pequeno som agora como antes não tivera consciência de nenhum — o choro de seu irmão, os gritos dos homens, o estalido das cordas dos arcos sendo puxadas pelos homens nas sombras.

— Esperem! — exclamou Murad, o braço erguido em comando.

As flechas não eram necessárias. Vlad era troncudo, forte como um touro. Mas nem mesmo ele poderia derrotar a meia dúzia de homens que pularam à frente, socando-o, chutando-o e finalmente jogando-o no chão, a um braço de distância de seu alvo.

Mas Mehmet tinha dado um passo atrás, preparando-se. E, embora ainda estivesse com uma das mãos em Radu, já não o estava segurando com firmeza. Com certeza não forte o suficiente para impedir o mais jovem dos Dráculas de agarrar o cabo cravejado da faca no cinto de Mehmet.

— Deixe-me sair — Radu gritou, desembainhando-a e estocando a lâmina na mão estendida.

Mehmet gritou. Mais guardas entraram correndo. Radu foi desarmado, preso ao chão.

— Você está muito ferido, meu filho? — perguntou Murad, aproximando-se outra vez.

— O suficiente — Mehmet choramingou, mostrando o corte na palma.

Murad a pegou, fechando a mão do filho e segurando-a.

— Você sobreviverá. E nós aprendemos: mesmo o mais jovem dos Dragões tem dentes. — Ele sorriu. — Você ainda o quer?

Mehmet assentiu, um brilho em seus olhos.

— Mais do que nunca.

— Então você o terá. — Murad ergueu a voz. — Leve-o ao saray de meu filho. O outro para os vagões. Partirá imediatamente. O resto de vocês também. Só Mehmet deve ficar.

— Vlad! — Radu gritou.

No chão, o grito do irmão chegou a ele através da névoa aonde os golpes o levaram. Ele tentou se insurgir de novo, lutar outra vez. Mas o sultão foi instantaneamente obedecido, como sempre. Os homens levantaram os dois rapazes e os levaram para fora da ferraria.

Em um momento, todos tinham saído. Todos menos o sultão e seu filho; as duas sombras só então afrouxando a tensão na corda dos arcos. E Hlon, ainda paralisado atrás da porta.

Por um momento, silêncio. Ion tinha certeza de que eles poderiam ouvir sua respiração, suas lágrimas caindo. Então passos macios entraram no chão sujo. Um homem entrou com um falcão no pulso.

— Então, agá Hamza — disse Murad —, meu ousado Zeki está pronto para voar? — Está pronto. Para voar para o senhor. Para matar pelo senhor, enishte.

Ele o chama de enishte, "tio", pensou Ion. Então se lembrou de que Hamza só recentemente fora nomeado falcoeiro. Antes disso, o bem-apanhado filho do curtidor de Laz era o copeiro de Murad. E mais, diziam.

O sultão pegou um pedaço de carne crua da bolsa na cintura de Hamza, atraindo a ave da luva de seu falcoeiro para a sua, as tiras

de couro transferidas sem esforço.

Com o pássaro acomodado, Murad ergueu os olhos.

— E este outro falcão, o valáquio. Você poderá domá-lo assim? Ele, algum dia, também poderá matar por mim?

— Eu... acho que sim, enishte. Tenho algumas ideias.

Murad riu.

— Ah, tenho certeza de que sim. Você sempre foi o mais esperto dos meus rapazes, sobrinho. — Olhou para o lado, e a afeição abandonou seu rosto. — Muitas vezes pressionei meu filho a estudar com você. — Enquanto Mehmet ruborizava, seu pai desviou os olhos. — Essas ideias? Você gostaria de compartilhá-las?

— É como o senhor disse. Drácula é um falcão. Existem muitas maneiras de treiná-los. Alguns com severidade. Outros com amor. Alguns com um depois do outro.

Como neste caso. — Ele suspirou. — Creio que podemos deixar os agás de Tokat lidarem com ele primeiro.

— Eu queria poder ver isso — murmurou Mehmet.

Murad franziu levemente o cenho, embora não tenha sido, ao que pareceu, pela interrupção.

— Isso o perturba, Hamza? Você lamenta as lições que o refém vai aprender? Hamza deu de ombros.

— Às vezes, com um pássaro orgulhoso, a única maneira de quebrá-lo é mergulhá-lo na água, depois sentar durante toda a noite fria com ele. Eu lamento isso também, embora em alguns momentos reconheça que é necessário.

Murad inclinou-se para a frente, levantando a mão enluvada de Hamza para o brilho do fogo.

— "Estou preso" — leu em voz alta. — "Mantido nessa prisão de carne. E mesmo assim pretendo ser um falcão voando livre." — Ergueu os olhos.

— Isso é o que ele costurou para você?

— Sim.

Murad leu outra vez, em silêncio.

— Jalaluddin. Ele tomou algumas liberdades com o verso.

— Eu disse isso a ele, enishte.

Murad soltou a mão.

— Ele tem uma paixão de escolar por você, não tem? Hamza deu de ombros.

— Talvez.

— E você por ele? Hamza não disse nada.

Murad sorriu.

— Bom, você falou que alguns pássaros precisam de amor depois da severidade.

Os dois homens tinham se virado para a forja para que o sultão pudesse ler. Mehmet, esforçando-se para não ser excluído, tinha se aproximado, e os três formavam quase uma barreira para os arqueiros nas sombras. Então, contornou a porta.

Olhos o seguiram. Não humanos. O falcão era sem dúvida um presente de algum príncipe vassalo do norte, pois caçava nas mesmas florestas de faias de onde Ion viera.

Ele se moveu, rezando silenciosamente para seu contrterrâneo ficar em silêncio.

Não foi atendido. "Criei-ak, criei-ak", veio o grito de caça.

Ele pulou. E seus joelhos, enfraquecidos pela tremedeira, cederam... e salvaram sua vida, pois uma flecha voou à distância de um dedo sobre sua cabeça e estremeceu ao acertar a porta.

— Esperem! — O grito de Murad era para o segundo arqueiro, que se afastara da barreira e estava prestes a atirar. — Guardas! — ele chamou, e cinco homens entraram para pegar o valáquio caído.

— Você — disse Murad, voltando-se para o primeiro arqueiro — está banido de meu serviço por seu erro. E você... — continuou, voltando-se para Ion — venha aqui.

Enquanto o arqueiro em desgraça saía, Ion foi arrastado e jogado no chão. Murad se abaixou, levantando-o pelo cabelo.

— Um jovem — ele disse —, e vestido como estudante. Você o conhece, sobrinho?

— Sim, enishte. Seu nome é Ion Tremblac. O filho de um boiardo da Valáquia, enviado para ser companheiro de Vlad.

— Sim — Murad o examinou por um momento. — E agora se tornou um espião.

Ion olhou nos olhos cinzentos do sultão. Sabia que sua morte estava neles. Estranhamente, sentiu menos medo, agora que ela era certa.

— Espião não, Murad Han. Só um servo leal do meu senhor e meu amigo, Vlad Drácula.

As palavras foram faladas de maneira desafiadora, talvez mais asperamente do que pretendia. Completamente tensas, esperando pela retribuição. Mas a voz de Murad foi macia quando veio: — O rapaz tem coragem, Hamza. Ele é tão talentoso quanto aquele a quem ele serve?

— Não. Nem de longe. Mas há de se considerar que poucos são. Mehmet deu um passo à frente.

— Ele foi um dos que conspiraram para me ferir no campo de jereed, pai. E um espião deve ser silenciado. Permita que eu fique com ele...

A mão erguida interrompeu suas palavras. Como se não as tivesse escutado, Murad continuou: — Seria uma pena extinguir essa chama. E ele pode ser útil para nós.

— Como, enishte?

— Ele sabe o que fazem no Tokat?

Hamza assentiu.

— Todos sabem. À noite, no enderun kolej, eles assustam uns aos outros até dormir com histórias desses calabouços.

— Ótimo — Murad sorriu. — Nossa mensagem para o Dragão será mais adequadamente entregue por um dos seus. Esse rapaz pode contar o que está acontecendo com seus filhos. Vai ser capaz de adivinhar o que Mehmet pretende com Radu. Saberá que lições o mais velho aprenderá em Tokat. Ele lhe contará de nossa moderação em puni-los... por enquanto.

O sultão estendeu outra vez a mão para a cintura de Hamza. Pegando mais carne, alimentou o pássaro ainda apoiado calmamente em seu pulso.

— Mehmet, faça que tudo seja providenciado para nosso mensageiro em sua viagem. É hora de Hamza e eu testarmos o brio desse pássaro. À caça! Ele se dirigiu para a saída. Os guardas o envolveram de cada lado, o único arqueiro seguindo nas sombras, a flecha sempre pronta no arco. Na entrada, Murad parou, olhou para trás, para seu filho, que tinha se aproximado de Ion, ainda preso.

— Lembre-se, Mehmet. O mensageiro que envio deve estar para falar.

Com isso, ele se foi, Hamza e a maioria dos guardas com ele. Ficando só os dois que seguravam Ion. E Mehmet.

Ion observou os olhos castanhos de Mehmet. O formato era o mesmo dos do pai. Mas nos de Mehmet não havia nenhum traço de humor nem de paixão. Ele ergueu sua mão agora como se fosse estapeá-lo, então lentamente abaixou-a, pegando o cabelo de Ion, tirando-o gentilmente de seu rosto.

— Sua vida foi poupada, cão. Para que possa latir sua mensagem para seu mestre. — Sorriu. — Mas isso não significa que a mensagem deva ser apenas em palavras. — Ele passou os olhos pela forja. Por fim, seu olhar se deteve nas brasas ardentes. — Segure-o firme. Pela cabeça.

Ele foi obedecido. Enquanto os homens arrastavam um Ion que lutava, Mehmet procurava na prateleira das varas de ferro. Então, com um grito de alegria, puxou uma e enfiou-a no fogo.

Colocando um par de luvas, falou: — Você sabe, cão, que cada sultão tem sua tugra, um símbolo único para afixar nos documentos, como os selos de seus príncipes. Bem, às vezes precisamos colocar nossa marca em nossa propriedade, nossas ovelhas, camelos, cavalos. Eu havia pensado que, quando ele me tirou do trono, havia jogado fora minha marca. — Mehmet girou o ferro entre as brasas reluzentes, depois o levantou, soprou sua ponta, que brilhou com um vermelho mais escuro. — Mas parece que não.

Não havia nada que Ion pudesse fazer. O aperto das mãos era inquebrável. Podia apenas fechar seus olhos, rezar para que o destino dos filhos cegos de Brankovic não fosse também o dele. Murad disse que ele devia ser capaz de falar. Mas enxergar? Foi um alívio o momento quando o calor veio a seu rosto, quando ele escutou e cheirou seu cabelo queimando. Só naquele único momento, no entanto, antes que chegasse a agonia quando Mehmet queimou sua tugra na carne de Ion.

Onze



Tokat

Em um mundo para sempre escuro, Vlad não tinha como marcar a passagem do tempo. O vagão fechado que o trouxera a Tokat permitira alguma luz, e ele vira sete alvoreceres por suas fendas. Mas eles o vendaram quando o tiraram de lá, e enquanto era levado pelos corredores de pedra e descia lances infindáveis de escada. E não havia a menor brecha entre as paredes de sua cela. Ele a conhecia apenas pelo toque, uma exploração que tomara meros momentos. Era um cilindro de pedra inclinado, com duas vezes sua altura em profundidade. Na metade de sua altura, projetava-se um tipo de prateleira onde teoricamente ele devia se empoleirar, mas mal era capaz de dormir sobre ela, mesmo curvando os joelhos até o queixo. Mas se dormia, cedo ou tarde caía, acordando com sua pele sendo arranhada pela pedra áspera, pés ou mãos afundados na palha suja que forrava o chão de pedra e onde eram depositados todos os seus excrementos.

Não havia como contar os dias pela alimentação. Ela podia chegar na mesma hora toda manhã ou talvez só duas vezes por semana. Era sempre a mesma. A sopa de cevada mais fina e fria, fios do que poderia ter sido carne flutuando nela; um pedaço de pão duro como pedra, no qual sentia o cheiro de mofo. Ele comia tudo,

fosse o que fosse, bebia a caneca de água malcheirosa que vinha junto. Era pouco, mas ele tinha que se manter o mais forte possível: para se preparar para o futuro. Conhecia as histórias de Tokat, das celas de tortura. Deixar de comer não o ajudaria a sobreviver.

O alçapão circular se abrindo rápido, a comida batendo contra as paredes enquanto era abaixada em uma rede, a porta batendo para se fechar. Ele gritava, implorava, ameaçava. Nunca havia resposta. Ele afundava em sua saliência e tremia. Ainda usava apenas o que vestia durante o sono no enderun kolej e o frio era a companhia constante na escuridão.

A única coisa que escutava, às vezes, nos breves momentos que a porta do alçapão se abria, eram gritos distantes.

Uma vez, em sua fúria, pegou um punhado de sua merda do chão e esperou, mais pacientemente do que jamais esperara pela mais das presas. Quando a porta se abriu, ele avançou com um enorme grito. O lamento posterior foi tão gratificante quanto o grito de Mehmet quando o jereed de Vlad o atingiu nas costas. Mas a rede foi imediatamente retirada.

Na escuridão total, a luz aparecia apenas em sonhos indistinguíveis da vigília. Então, um dia (ou uma noite), vozes começaram a emergir de um clarão ofuscante, falando uma língua que ele não entendia, como o chilreio rostos através das lágrimas. Não conseguiu.

Até que, um dia (ou uma noite), em seus sonhos entrou o arrastar de uma corrente, o raspar de madeira na pedra. Luz, luz baixa e verdadeira, não luz de uma visão, a forma de uma cabeça à frente. Uma palavra falada, uma que ele entendeu.

— Venha.

Mãos avançaram, puxando-o. Ele agachou, os dois de cada lado apoiando-o, porque não podia se pôr totalmente de pé no tempo que estivera sob o chão. Apertou os olhos tentando vê-los, olhos entreabertos contra o brilho das tochas de junco. Ele foi

arrastado, dedos raspando contra a laje desigual, tentando resistir a ela para sentir alguma coisa com seus pés. Não sabia o que o esperava no final dos corredores úmidos. Mas queria se erguer para enfrentar o que quer que fosse.

Ele nunca via quem trazia a comida, nem mesmo escutava passos, só a porta, fechada. E pelo menos ele foi capaz de marcar o tempo de uma ma — de estorninhos. Ele apertou os olhos na luz do clarão, tentando distinguir. Entretanto, a primeira coisa que enfrentou foi água. Seus guardas — rostos magros, usando turbantes, os dedos feitos de aço retorcido — jogaram-no em uma cela. Em seu centro havia uma cuba de pedra. Os homens silenciosos ficaram atrás, de braços cruzados, esperando.

Vlad tropeçou para a frente, enfiou uma mão na cuba. A água estava quase morna, mas lhe pareceu o mais quente banho turco, depois do mundo frígido que habitara.

Havia também luvas de banho de tecido áspero e já usadas para outras limpezas, mas quando pressionadas contra a pele... ah! Despindo os farrapos que seu shalvari e sua camisa tinham se tornado, Vlad começou a se banhar. A água ficou marrom com sua sujeira, rosa com o sangue que saiu das muitas cascas de mordidas de insetos.

Mas o sangue o tranquilizou. Significava que estava vivo, algo do que muitas vezes duvidara em sua cela. E estar limpo significava que era outra vez um homem. Muitas vezes ele duvidara disso também.

Quando terminou, um gomlek de lã grosseira lhe foi atirado, uma túnica no comprimento do joelho, parecendo alegremente quente depois de seus trapos de verão. Sandálias, também, que ele enfiou nos pés em frangalhos. Então, como os dentes de uma roda de moinho, girando com movimentos espasmódicos, ele ergueu o corpo pouco a pouco, até ficar totalmente de pé pela primeira vez depois de uma era de escuridão. Assim que o fez, os homens partiram para

cima dele, agarrando seus braços, puxando-o pelo corredor em direção a outra porta baixa. Curvando-se, eles o jogaram na sala. Suas pernas enfraquecidas o fizeram vacilar, caindo sobre os joelhos. Era mais escuro lá, também, sem ar, quase como sua cela. Mas havia luz, e seu olhar se dirigiu a ela. Era o brilho vermelho de um braseiro.

Quando seus olhos se ajustaram à luminosidade, olhou em volta e viu que estava em uma câmara sem janelas, grande o suficiente para que o teto se perdesse na sombra... embora não fizesse sumir o que pendia dele: polias, correntes, cordas. Mais coisas estavam empilhadas contra as paredes — varas de metal, pinças, uma prateleira de facas. Havia o que parecia uma armação de divã, com as pernas para cima. Ao lado, o esqueleto de uma armadura.

Seu olhar voltou-se para o braseiro. Duas formas haviam aparecido a seu lado, uma grande e outra menor; ou talvez elas estivessem ali o tempo todo. Enquanto ele olhava para elas a sombra maior se moveu, lançando uma barra de metal nas brasas. Isso causou uma erupção de faíscas, um aumento repentino da luz, e Vlad viu que as duas formas eram humanas.

Uma deu um passo à frente.

— Bem-vindo, filhote de príncipe. Bem-vindo a Tokat.

Era uma voz surpreendentemente profunda, considerando quão baixo era seu dono. Quando seus olhos se ajustaram, Vlad viu que ele não era um anão, não tinha os traços inchados de um anão, mas, em altura, era pouco maior do que um. Era como outro homem qualquer, mas em miniatura, com um nariz curvo e olhos que se assentavam sob pálpebras pesadas, como se ele ansiasse para dormir. Usava uma jaqueta de lã pesada, abotoada até o alto do pescoço. Estava coberta com fios coloridos, costurados em padrões elaboradamente cerzidos que pareciam, a uma olhada rápida, uma caçada de cervo.

O segundo homem havia se curvado em direção ao brilho vermelho. Era tão alto quanto o outro era baixo, sua barriga nua sob o peito amplo e musculoso.

Todo o seu tronco era elaboradamente tatuado, com criaturas dos mitos e da vida. Um basilisco perseguia uma manticora em direção à sua axila. Um tigre emergia da caverna de seu umbigo. Havia algo escrito em torno de sua enorme cabeça, que era careca. Na verdade, não havia pelo em lugar algum; embora, o mais estranho de tudo, duas linhas vermelhas estivessem pintadas no lugar das sobrancelhas.

— O nome dele é Mahir — soou a voz profunda —, e significa "o habilidoso". E ele é mesmo habilidoso, como lhe mostrará. Mas não lhe dirá sobre isso, porque não pode falar. Mostre-lhe por que, Mahir.

O homem se inclinou sobre o braseiro. Abriu sua enorme boca. Os dentes dentro dela eram brancos, quase brancos demais. Talvez porque estivessem incrustados em tal caverna, escura e vazia. O homem não tinha língua.

— Não foi a primeira coisa que Mahir perdeu — disse o outro homem, dando uma risadinha. — Pois ele foi um eunuco no harém em Erdine durante muitos anos.

Então, viu uma coisa que não deveria ter visto, começou a falar sobre isso e... pliiish! — Tremeluziu sua língua como a de uma serpente. — Fizeram ele mesmo mastigá-la. Consegue imaginar isso? Talvez gostaria de tentar? Não? — A risadinha seca veio outra vez. — De qualquer maneira, Mahir estava sendo desperdiçado, passando a vida a tagarelar no harém. Perdeu a língua e encontrou outras habilidades. Como logo você verá.

O calor que Vlad estivera sentindo se foi. Ele sabia agora o que preferira não ver antes. Cada item na câmara era um instrumento para infligir dor. E ele estava prestes a aprender para

que cada um servia. Punição para os pecados de seu pai contra o sultão. Tentou falar, protestar, talvez implorar. Mas a voz não saiu.

O minúsculo homem falou outra vez: — E eu sou chamado de Wadi. Significa "O tranquilo"... — Ele se interrompeu. — Mas por que fico traduzindo para você? Você fala bem a nossa língua, não é? Vlad conseguiu falar: — O suficiente.

Ao escutá-lo, Mahir, que havia mantido sua boca bem aberta, fechou-a e se encaminhou para o braseiro. Começou a colocar instrumentos de metal em uma armação suspensa sobre as brasas.

— Você é modesto — continuou Wadi — pois fui informado que você era um dos mais competentes alunos do enderun kolej. Bom — disse com um sorriso —, você agora está em um kolej diferente. Suas aulas também serão diferentes. Mais... — ele fez um gesto para os metais no braseiro — práticas de natureza. E nós não somos como aqueles agás que lhe ensinavam antes, Mahir e eu.

Com isso, ele de repente bateu palmas. Só uma vez, e isso sobressaltou Vlad como se fosse uma explosão de pólvora. Começou, ele pensou. Quis correr, fugir da câmara.

Talvez agarrar a barra de metal e lutar. Mas compreendeu que não conseguiria mexer as pernas. Mesmo quando a porta se abriu e meia dúzia de jovens mais ou menos de sua idade entrou. No entanto, eles não o agarraram, não o prenderam, não o jogaram no chão. Formaram um semicírculo, ajoelharam-se, tocaram o solo de pedra com as testas.

Wadi inclinou a cabeça.

— Seus companheiros estudantes — declarou. — Não da qualidade da orta com que você estava acostumado. Jovens camponeses, esses, incapazes de ler, escrever, citar o Sagrado Corão, debater sobre os poetas. Mu são fortes e rápidos no aprendizado. E em seu próprio campo se tornarão tão talentosos quanto qualquer outro graduado, embora seus talentos não sejam em engenharia, administração ou letras. Talvez viagem tanto quanto os colegas, sejam

tão necessários ao sucesso de nosso sultão na Morada da Guerra como qualquer soldado. Pois, como você sabe (ou, se não souber, logo saberá), toda sociedade precisa de torturadores.

Ele retornou mais uma vez ao braseiro.

— Então, alunos — continuou —, cumprimentemos uma nova adição à nossa orta. Ele precisará se esforçar para alcançá-los, mas tenho certeza de que todos o ajudarão nas lições. E nos sentimos honrados, porque ele é o filho de um príncipe da Valáquia. Nunca ouviram falar? Não importa, poucos conhecem. É uma terra de pouca importância, que deve tudo à indulgência do Murad Han, Asilo do Mundo, que Alá guarde seu reino. É o Mais Abençoado que deseja que ensinemos ao filhote de príncipe nossas técnicas.

Portanto, obedeceremos.

Com isso, o pequeno homem bateu palmas outra vez. Imediatamente os homens de rosto magro reapareceram na porta, arrastando outro homem com eles. Esse estava chorando.

Wadi sorriu.

— Então, seja bem-vindo, Vlad Drácula. Bem-vindo à sua nova escola.

Doze



A escolha

O homem estava vestido como a maioria dos pastores da Anatólia, em shalvari de lã e uma túnica de pele de ovelha sobre uma camisa vermelha desbotada. Tudo foi rapidamente retirado, reduzindo-o à carne trêmula. Ele cobriu a virilha com as mãos, fazendo os alunos darem risadinhas. Piscava sem parar, terror nos grandes olhos castanhos.

Era gorducho, um contraste com os homens que ainda estavam de pé a seu lado e que, a um sinal de Wadi, imediatamente forçaram o camponês a se ajoelhar.

— Qualquer idiota pode infligir dor, príncipe — disse o agá —, mas é preciso um homem habilidoso para sustentá-la. — Ele parou ao lado do homem agachado que piscava para ele. — Nesse ponto, é como qualquer outra arte. Uma corda de alaúde é tocada de tal maneira que sua harmonia vibra no ar. Nós não a arrancamos nem alargamos, interrompendo sua beleza. Procuramos distendê-la.

Wadi subitamente estendeu a mão, beliscando uma dobra de carne do antebraço do homem. Ele gritou algo no dialeto local. Wadi o ignorou.

— Porém muito disso depende do instrumento no qual praticamos. O alaúde melhor sustentará por mais tempo. — Ele soltou a pele do homem e virou-se para os estudantes. — Portanto,

estudem bem seus instrumentos. Reparem em sua saúde, sua carne, seu vigor. E depois comecem a tocar.

Então Vlad se ouviu falar antes de pensar em fazê-lo, sua voz praticamente um grunhido: — Que crime ele cometeu? A testa do pequeno homem franziu.

— Crime? O que importa isso? Não somos juizes. É suficiente que ele tenha sido julgado por outros. Eles poderiam tê-lo enforcado em uma árvore. Em vez disso, enviaram-no para cá, pois sabem que somos uma parte da justiça tanto quanto eles.

Fez um gesto para os dois homens. Imediatamente eles colocaram o camponês de pé. Um prendeu algemas em seus pulsos, o outro foi até a parede e puxou uma corda, uma ponta da qual corria por uma polia, guinchando sobre um trilho acima de suas cabeças. A outra ponta foi rapidamente passada por entre as algemas e presa.

Ambos os homens então foram até o final da corda e a puxaram, içando os braços do homem nu até ele ficar na ponta dos pés. Ele balançou no lugar, os olhos agora fechados, os lábios se movendo em um pedido ou prece.

Wadi pegou um bastão. Parou na frente do homem pendurado.

— Ouvi dizer que, nas terras dos cristãos, o tormento é usado para extrair uma confissão. Mais do que isso, eles o usam especialmente nos que têm uma fé diferente. Bárbaros! — exclamou.

— Deixando de lado a sabedoria que existe em nosso Sultanato de Rum, onde todo homem pode manter a fé que escolher sem perseguição, embora a mais sábia venha de Alá, louvado seja...

— Louvado seja! — Que utilidade tem uma confissão extraída por tormentos? Os homens dirão qualquer coisa para escapar da dor. As mulheres, também. Ora, se eu tivesse os santos cristãos Pedro e Paulo nesta câmara por uma hora, poderia fazê-los negar seu Deus, seu Salvador, e proclamar o amor por Satanás.

— Olhou em volta para os rostos atentos, seu olhar finalmente pousando em Vlad. — Diga-me, filhote de príncipe, no enderun kolej você não dividia seu tempo entre a prática e a filosofia? Da geometria aos diálogos de Sócrates? Bom, fazemos o mesmo em nossas aulas. Nós também temos nossa filosofia: a filosofia do tormento, que tenho estudado durante toda a minha vida.

— Ele balançou a cabeça. — Nós torturamos por duas razões. A primeira, pela informação. Na guerra, para descobrir onde se esconde a emboscada, ou qual o ponto fraco de uma fortaleza. Durante os tempos de paz, onde bens roubados ou uma criança podem ser mantidos. O tormento usado deve ser rápido, intenso, insuportável, pois o que se busca é apenas um fato. Mas a segunda razão para a tortura, a que, como o alaúde, sustentamos pelo tempo que for... — ele sorriu — humanamente possível, é esta.

Ele ergueu o bastão, fazendo um gesto para que a turma falasse. Eles obedeceram, como se fossem um só: — Torturamos os outros para que eles não possam nos torturar.

O coro ecoou pela câmara de pedra. Fez o homem tonto abrir os olhos e erguê-los, como se tivesse sido chamado.

Wadi assentiu.

— Nós torturamos os outros para que eles não possam nos torturar. Como todas as grandes respostas, esta é muito simples. Por que procuramos as mais engenhosas maneiras de prolongar a dor? Não é pela própria dor. Não, isso seria apenas crueldade. Mas como um exemplo, tão impactante e claro quanto possível. Para dar o alerta: Isto é o que acontece quando você se opõe a mim. Este será seu destino. — Ele sorriu para os alunos. — Bem — disse —, chega de filosofia. Agora, a prática.

Virou-se e acenou para Mahir, que estava parado muito quieto, fazendo um som de estalido na garganta, depois bateu com seu bastão sobre a mesa.

— Venham, meus aprendizes — disse Wadi. — Cada um pegue um. Todos avançaram, ansiosos, pegando alguma coisa de uma bandeja.

Só Vlad permaneceu parado.

— Não, príncipe? — Wadi sorriu. — Bem, você logo se unirá a nós, acredite em mim. Quando vir como é divertido. Quando compreender que isto... — Ele bateu forte no corpo nu a seu lado, e o homem gritou — já não é humano. Nem mesmo animal. É um conceito. E, claro, um exemplo. Para seus inimigos. Talvez, mais particularmente, para seus amigos.

Os alunos haviam formado um semicírculo em volta do camponês. Wadi abriu a portinhola de uma lanterna e ergueu-a. Mahir se aproximou e Vlad agora viu o que ele segurava, o que todos seguravam. Era um bastinado, não como a vara de madeira de castigo no enderun kolej. Era uma vara fina de metal, do comprimento de um antebraço, da grossura de um polegar. Mahir bateu uma vez na barriga do homem, que deu um berro e arregalou os olhos. Então o professor deu um passo atrás.

— Repararam, estudantes, no golpe de Mahir? Não forte demais, nem tampouco fraco demais. Um equilíbrio. Nunca se devem romper a pele. Viram a marca que ficou? — Wadi usou o bastinado para apontar. — Um roxo minúsculo, causado pelos vasos sanguíneos rompendo logo abaixo da superfície. Mas quando unido ao próximo, e depois ao próximo, e quando não tiver mais espaço na pele... — Ele bateu perto da marca de Mahir, provocando outro grito, acrescentando outro vergão. — Bom, vocês verão o que acontece quando um homem se transforma em uma ferida viva. — Fez um sinal para os estudantes se aproximarem. — Encontrem uma área. Trabalhem nela. Mas lembrem-se, sem sangue! Os golpes vieram. Wadi comentava, recomendando força ou comedimento. Depois de um tempo, os gritos do homem se transformaram em tosses. Vlad não se aproximou, não se virou. Queria fazê-lo, mais do

que desejara a maioria das coisas. Mas não iria lhes mostrar essa fraqueza.

Um bastinado foi jogado para ele. Vlad o pegou sem pensar. A cada golpe, ele o segurava com mais força, seus dedos comprimindo o aço.

No tormento, havia alívio.

Na escuridão, havia luz.

Na solidão, havia companhia.

Eles chegaram em seus sonhos e ficavam na vigília. Cada um vinha de acordo com as necessidades do rapaz, que mudavam com a hora da noite ou do dia.

— Mas como você pode dizer que horas são, meu filho? Vlad Dracul, seu pai, estava ali, compartilhando sua prateleira na pedra. Tinha os ombros enormes, assim como o peito, e mesmo assim havia espaço para os dois se agacharem, ao estilo turco, coxa na panturrilha.

— Pelo tipo de tormento — disse Vlad, sempre ansioso para agradar ao pai. Ele sabia que o Dragão se interessaria. — As manhãs de inverno são frias. Então é quando praticam os estilos mais quentes. Os que exigem chamas.

— Bom garoto. Garoto observador. Observe-os bem de perto, Vlad. Só conhecendo-os você será capaz de derrotá-los. — Ele passou a mão, pesada de joias, por seu cabelo negro cacheado. — O que mais você sabe sobre eles?

— Sei que são obcecados por comida. Os coronéis dos janízaros não são conhecidos como "cozinheiros de sopa"? Eles tratam a carne humana como tratam a carne de carneiro. Cozinham. Grelham e assam.

— E também a comem?

— Isso eu não vi.

Estranhamente, seu pai começou a chorar. Vlad já o vira rir, muitas vezes. Nunca chorar. Isso o perturbou.

— Por favor... não...

— Falhei com você, garoto — gemeu Vlad Dracul. — Sou a razão pela qual você está sendo obrigado a ver tudo isso. A razão pela qual você está aqui. Não consegui manter o equilíbrio. Se eu não tivesse ajudado Hunyadi, os húngaros teriam me comido e depois, cuspidos meus ossos. Mas os turcos descobriram. Puniram-me através de você. E tudo por nada. Meu tempo acabou. É tarde demais. — Ele afundou o rosto nas mãos gritou: — Tarde demais! Orei todas as noites, pedi a Deus, a São Jorge, para protegerem meus preciosos filhos. No entanto, aqui está você. E Radu! Radu!

Vlad estremeceu.

— Meu irmão? O que há com ele?

A voz saiu de entre os dedos.

— Você o deixou. Você o deixou para mim.

A língua era diferente. Também o era o rosto que agora se erguia. Mehmet sorriu, passou a língua sobre os lábios cheios.

— E agora ele é meu, e muito mais doce do que qualquer puta que você pudesse roubar.

— Não! — Vlad gritou, pulou, as mãos esticadas à frente para agarrar e despedaçar. Mas não agarrou nada, escorregou, e sua cabeça acabou batendo na pedra.

Sentiu a umidade pegajosa em sua testa, ergueu a mão... e outra mão interceptou-a, tocando-lhe a testa, acariciando-a. Ele a reconheceu instantaneamente, pois era a única mão que o havia tocado assim desde que sua mãe morrera.

— Ilona — sussurrou, estendendo sua mão para a que não estava lá.

— Estrela.

— Meu senhor — ela murmurou, inclinando seu rosto para a luz. Havia muito tempo ele havia desprendido os cabelos dela, soltando E os cachos apertados que Mehmet ordenara. Eles agora

caíam em ondas cor de avelã, emoldurando o oval quase perfeito de um rosto que não trazia traço de pintura nem precisava.

— Você está a salvo, minha estrela?

— A salvo, meu senhor. A salvo em nossa terra. Lá, eu o espero.

— Espera? Não! Não espere. Você é pura, intocada. Inocente. Não espere por um monstro.

— Você? Você é meu herói. Meu salvador. Meu príncipe.

— Monstro! — ele gritou, erguendo-se, tentando afastá-la.

Mas suas mãos só encontraram o ar e ele se retraiu, cobrindo o rosto.

— Monstro — repetiu, mais calmo. — Pois eu me tornei um deles.

— Como?

Ele não sabia de quem era a voz que perguntava. Não importava agora. Ele contaria a todos eles — Ilona, seu pai, Mehmet. Os outros.

Wadi estava diante da fornalha ardente, Mahir no escuro atrás dele, o resto da orte espalhada em um semicírculo em volta. O homem pequeno tinha um machucado pálido no rosto.

— Então, filhote de príncipe — ele cuspiu, assim que os carcereiros trouxeram Vlad para a câmara —, há meses você está aqui e não toma parte nas lições. Você meramente... observa. — Ele zombou da palavra. — Mas não é por isso que está aqui, para observar. Não é o que é esperado de você. Nem de mim. — Ele levantou a mão e tocou no machucado em seu rosto.

— Há quem esteja ficando impaciente. Eu estou ficando impaciente. Então já é hora de suas lições se tornarem mais... diretas.

Ele fez um gesto para os carcereiros, que saíram, mas voltaram rapidamente, segurando outro homem entre eles. Vlad viu imediatamente o quanto ele era diferente dos pobres trabalhadores com os quais usualmente praticavam. De meia-idade, tinha uma barba aparada e um bigode sobre a pele pálida e estava vestido com

roupas ocidentais — um gibão de veludo verde, calções, sapatos de fivelas.

— Um presente, escolares — exclamou Wadi. — Um mercador e capitão, de Roma, nada menos. Um homem educado e, no entanto, estúpido o suficiente para tentar contrabandear peças e escravos sem pagar a tarifa. Portanto, pagará agora. — Sorriu. — Seus gritos e suas preces serão uma grande mudança em relação aos grunhidos de nossos camponeses usuais, não? Será um prazer escutá-los. Ou... não. — Ele se virou para Vlad, sua mão tocando a ferida no rosto. — Pois você também é educado.

Talvez seus gritos sejam ainda mais divertidos? Vlad engoliu.

— Você não ousaria.

— Não? — A risada de Wadi foi áspera. — Este é o meu reino, filhote de príncipe, não seu. Nele, posso fazer qualquer coisa que desejar. — Virou-se para a orte. — Desnudem ambos.

Os estudantes avançaram e obedeceram. Em momentos, Vlad e o mercador ficaram de frente um para o outro, nus exceto por uma tanga, com os braços presos.

Wadi pegou alguma coisa atrás deles, depois se aproximou. Ele chegava apenas até o peito de Vlad, mas olhou-o nos olhos.

— Qual é o lema de nosso kolej? Diga-o, filhote de príncipe. Diga-o.

Vlad desviou o olhar, em silêncio.

— Não? Esqueceu? — Wadi olhou para os estudantes que seguravam Vlad. — Digam a ele.

Os dois gritaram: — Você tortura os outros para que os outros não possam torturá-lo.

— Você tortura os outros para que os outros não possam torturá-lo. — Wadi repetiu em voz baixa. Então, ergueu a mão e encostou algo frio na pele de Vlad. Espiando para baixo, Vlad viu que era uma faca com uma lâmina não maior do que a pequena palma do homem, que se curvava, alargava, terminando em uma

ponta quadrada. Ele a reconheceu... pois usam uma pessoalmente e havia pouco tempo, para cortar faixas de couro para a luva do agá Hamza.

Ela desancou sobre sua pele por um momento. Então, subitamente, Wadi enfiou um canto da ponta no peito de Vlad. Cortou, deslizou, fatiou um pedaço da largura da lâmina, do comprimento de um dedo, segundos antes do grito de Vlad.

Wadi deu um passo para trás e virou-se para os outros, levantando a peça. Elevou sua voz sobre os gemidos: — Todos vocês já repararam como é fácil arrancar a pele? Como deslizei a face da lâmina superficialmente? Como usei seu gume, não minha força? Esta técnica é chamada de tosquiar. E dizem que, no Extremo Oriente, eles podem manter um homem vivo com milhares de cortes. Acreditamos nisso? Poderemos ultrapassar essa conta? Vamos tentar? — Sim! — veio o grito.

Ele jogou o pedaço de pele no braseiro. Ela chiou, tostando rapidamente e enegrecendo, queimando com um cheiro doce, obscuro.

— Soltem-nos — ordenou para os que seguravam os prisioneiros.

Eles foram liberados. Vlad apertando com uma das mãos o sangue que escorria por entre seus dedos. Ficou em pé, apesar da dor, observou Wadi se aproximar, curvar-se e deixar a faca no piso de pedras entre os dois homens desnudos.

— Um de vocês vai tosquiar o outro — disse Wadi, dando um passo atrás. -Já que você é o hóspede de honra, filhote de príncipe, e ele o criminoso, a escolha é sua.

Vlad deixou a mão cair, esticando as costas. Não podia ver muito claramente o torturador através das lágrimas, mas sua voz era forte: — Não — falou.

Wadi sorriu.

— Escolha interessante — disse, virando-se para o mercador cujo rosto estava distorcido pelo terror, os lábios formando palavras que ninguém podia escutar.

— Pegue a faca. Se você conseguir tirar dez fatias dele sem matá-lo, estará livre para ir embora.

Vlad observou os olhos do mercador. Viu o terror neles transformar-se em desespero e depois em uma espécie de esperança. Viu-o dar um passo à frente e curvar-se para a faca de tosquiá-lo. A dor em seu peito era insuportável. Algo dentro dele mudou.

— Não — ele repetiu. De maneira diferente. Curvou-se rapidamente enquanto falava.

Pegou a faca.

A mão dele ainda estava na dela. Ele a apertava com tanta força que pensou que poderia quebrar seus dedos.

— Eu já havia usado uma, Ilona — sussurrou —, para fazer uma luva de falcoaria. Mas carne era... diferente de couro. E havia sangue — ele soluçou —, tanto sangue...

— Meu amor! Não! Não...

— E sabe de uma coisa? — sussurrou. — Ele foi só o primeiro. Agora que Wadi viu como sou com uma faca, fica empurrando outros para minhas mãos.

O aperto nele mudou. A pele era mais áspera e Vlad podia sentir suas cicatrizes na palma da mão antes que a retraísse.

— Jesus — disse Vlad, maravilhado. Alegre. Ele ergueu os olhos, mas a forma se dissolveu em luz. Dourada, maravilhosa luz.

O Salvador nunca o visitara antes, ainda que Vlad tivesse lhe implorado para vir. Ele havia negligenciado suas orações desde que a mãe morrera. Mas não agora, não em sua cela.

— Estou aqui com você, meu filho — disse a voz. — Entendo seu sofrimento. Pois meu pai também não me enviou para o tormento? Vlad ajoelhou-se, joelhos esfolando na pedra áspera.

— Perdoe, Senhor — disse ele —, meus pecados.

— Você está perdoado, filho — veio a resposta. — Porque você pediu, porque se arrepende, porque você irá reparar-se, seus pecados estão removidos. E, no entanto...

— A voz veio mais dura. — Há tão pouco o que perdoar. Pois não foi um romano que você torturou? Os romanos não me pregaram em uma cruz? Não está escrito no Livro de Mateus que procurarei por todo o mundo aqueles que ofendem e cometem o mal, e os lançarei nas fornalhas incandescentes? — Senhor? — Vlad piscou na luz. — Você quer dizer...

— Lembre-se do meu sacrifício. Lembre-se do que o libertou. Eu fui torturado e assassinado para que o Homem pudesse viver.

Vlad ouviu passos se aproximando na laje acima.

— Senhor — exclamou —, o que está me dizendo? O alçapão de madeira foi levantado. Apareceu uma luz, mas a luz do sol não a luz celestial. Esta desapareceu. Mas, enquanto ela se apagava, vozes vieram: de seu pai, de Ilona, de Mehmet, de Jesus. Falando como um só.

"Você tortura os outros para que eles não possam torturar você." Mãos se estenderam para ele. Mãos reais, puxando-o de sua cela.

Treze



Primeira vez

Enquanto havia durado sua prisão — quanto tempo foi, Vlad nunca pôde saber —, seu caminho sempre conduzia para baixo, cada lance de escada levando-o mais profundamente nas entranhas de Tokat. Dessa vez, ele foi levado para cima. Assustou-o, essa mudança na rotina. Não sabia o que poderia significar. Não achou que seria boa.

E então ele foi jogado para fora de um pórtico, em plena luz do dia. Ficou deslumbrado, depois de sua vida de escuridão e tochas. Era maravilhoso, também, o ar limpo de toda fetidez, o vento agreste soprando sobre ele e o fazendo tremer de frio e deleite. Ele farejou como um cão de caça, abrindo seus sentidos para tudo: para o vento, arremessando cristais de gelo em seu rosto; para as turvas nuvens cinzentas; para um cheiro no ar, que remetia a outra terra, outra estação...

É quase primavera, pensou. Fiquei preso aqui por quase seis meses.

Olhou em torno, então. Estava de pé sob uma passagem abobadada que seguia em direção ao pátio principal da fortaleza. Os muros fechavam o espaço em forma de estrela, com o ajuntamento usual de cabanas de telhado de palha encostadas contra eles. Cavalos se moviam dentro de algumas delas, soldados, de outras. Em uma, um forno brilhava, um ferreiro brandia o martelo junto a ele. Em outra, escravos giravam uma roda, moendo cevada.

Aos olhos de Vlad, famintos de vida, tudo era maravilhoso. Até que viu as figuras no exato centro do pátio. Os estudantes de sua orte estavam ali, amontoados, procurando calor, Wadi no meio deles. O agá viu Vlad imediatamente, e chamou-o.

— Ah, bom! Aqui, filhote de príncipe, aqui — gritou. — Hoje, tenta algo especial para nós.

O grupo se separou para que ele se aproximasse — e sentado ao lado, antes oculto pelos estudantes, estava Mahir, o peito desnudo como sempre, apesar da chuva gelada.

Uma longa estaca de madeira estava deitada sobre suas coxas. Era quase do comprimento de um homem alto e meio, sua circunferência combinando com o antebraço carnudo que a segurava. Sua extremidade fora talhada em uma ponta mais ou menos redonda, e Mahir estava aplicando ali uma luva de lixar, tornando-a completamente lisa, transformando-a na metade de um globo.

— Aqui você testemunhará algo extraordinário hoje, filhote de príncipe. Um experimento, quase. Mahir nunca praticou essa forma de sua arte, Não tem sido muito usada na Morada da Paz, embora seja frequente nos reinos grosseiros do outro lado do Danúbio, pelo que ouvimos dizer. Mesmo assim, gostamos de extrair o melhor de nossos vassalos do norte.

Mahir havia tirado sua luva de lixar e passou os dedos sobre a ponta da estaca, guinchando da maneira aguda que era sua fala, mostrando que estava pronto.

— Excelente — disse Wadi. — Mas, antes de começarmos, lembrem que não somos apenas artesãos. Somos historiadores e filósofos. E o que empreenderemos hoje vem de uma antiga linhagem. Pois o poderoso Sennacherib, rei dos assírios, não praticou esta técnica com os israelitas? Eles não aproveitaram a lição e a usaram, por sua vez? Sua Torá fala de homens pecadores, cravados na madeira. — Ele bateu as mãos, sinal e prazer, ambos.

— Sim, meus escolares, mais uma vez vocês são herdeiros de uma tradição antiga. Olhem! O bater de suas mãos trouxe os homens que estavam esperando pelo sinal. O primeiro deles saiu de uma cabana trazendo cordas, outro trouxe um asno dos estábulos, enquanto um grupo aparecia no pórtico, de frente para o interior, olhando para alguém no meio deles. Então se separaram, e Vlad viu um jovem, não muito mais velho que ele próprio, de cabelos lisos e compridos, sem turbante. Ele não resistiu ao ser conduzido em direção aos aprendizes de torturador; na verdade, não parecia ter muita consciência do que estava acontecendo a seu redor. Olhava para as nuvens.

— O nome dele é Samuil — disse Wadi, começando seu resumo usual do objeto de estudo — e vem, talvez como a própria técnica, de algum lugar do outro lado do Danúbio. Capturado por nosso sultão, Bálsamo do Mundo, em uma de suas muitas campanhas bem-sucedidas.

Vlad aproximou-se. A valáquia ficava do outro lado do Danúbio.

— E é, claro, um seguidor de Cristo — continuou Wadi. — Nenhum problema nisso. Muitos que vivem na Morada da Paz o são. Tudo o que pedimos é que mantenham suas crenças enganosas para si mesmos. — Apontou para o jovem. — Mas este aqui se recusou a manter o silêncio e seu Profeta para si mesmo. Foi punido, chicoteado, ficou sem comida. Mesmo assim, continuou falando.

Vlad examinou o rosto erguido do jovem. Seus olhos estavam fechados, e seus lábios se moviam.

— Assim, foi-nos enviado para ser punido. E foi Mahir quem pensou que ele deveria receber esta punição! O asno havia chegado, e foi conduzido até o centro do círculo aproximado, cabeça baixa, tão distraído quanto o jovem. Vendo-o, Vlad se lembrou de outro asno, na rua do mercado de Erdine, e o que havia feito com o animal. Estremeceu.

Mahir estendeu a mão e tirou dois itens de seus alforjes — uma navalha e uma jarra. A primeira, ele enfiou no cinto, depois puxou a tampa da jarra e despejou seu conteúdo esverdeado na ponta lisa da estaca. Todos sentiram o cheiro delicado do azeite de oliva.

— Estamos prontos? Mahir deu seu guincho, assentindo. Deixou a estaca de lado, levantou-se, foi até o jovem e puxou seu fino gomlek. O rapaz não tentou cobrir sua nudez. Não teve nenhuma reação quando Mahir o pegou e o deitou no chão, rosto para baixo, sua cabeça entre as patas traseiras do asno. Havia uma armação fixada no lugar da sela, nas costas do asno. Mahir amarrou ali as cordas, com nós triplos. Depois, amarrou as outras pontas na metade da estaca antes de colocá-la entre as pernas nuas e abertas do jovem. Mahir ergueu os olhos e soltou um guincho.

Wadi sorriu.

— Realmente, Mahir. Vamos começar.

O torturador indicou que os outros homens avançassem, um para segurar cada membro, outro para sentar nas costas do rapaz. Então, tirou a navalha de seu cinto... e os olhos do jovem finalmente se abriram, procurando entre os rostos que o observavam. Por fim, seu olhar parou em Vlad. E ele disse uma palavra.

Vlad deu um passo à frente, levantou a mão, deixou-a cair. Sabia que era o único ali que tinha entendido a palavra, falada na língua da Valáquia.

Salvação.

E então a palavra se perdeu em um grito, quando a navalha cortou seu ânus para permitir que a estaca rombuda e oleosa entrasse mais facilmente. Mahir enfiou-a, guinchando para Wadi, que começou a puxar devagar o asno. O animal não reagiu aos gritos agudos, ao tremor, às vibrações viajando através das cordas. Apenas arrastou-se para a frente, puxando a estaca, apesar da leve resistência que ficava cada vez menor.

Vlad viu o jovem cair inconsciente quando a estaca estava pela metade de seu corpo. Sabia que ele não estava morto, pela pulsação que ainda latejava em suas têmporas.

Foi então que Mahir desamarrou as cordas, acenando para os outros estudantes se aproximarem. Juntos, ao seu comando, eles ergueram a estaca e sua carga no ar, dirigindo a ponta para um buraco cavado no chão para esse fim. De pé, o corpo começou a escorregar por seu próprio peso. Mas Mahir, embora um novato em empalação, entendia de seu ofício. Pois quando os pés do jovem chegaram à metade da estaca, ele os agarrou, cruzando-os em um degrau fixado na madeira. Então, com três rápidas marteladas, enfiou um prego comprido através dos dois pés, fixando-os na madeira embaixo.

— Salvação!

Vlad gritou, porque o jovem já não podia, não com a ponta arredondada da estaca se projetando agora de sua boca. Gritou por ambos e por Jesus, que estivera em sua cela e estava ali naquele momento, tomando a mão de outro mártir, como fizera com outro Samuil, o primeiro mártir cristão. Isto era glória! Isto era sacrifício! Jesus pelo Homem; o Homem por Jesus. Todo sofrimento dedicado a Deus.

— Salvação — gritou outra vez. — Louvor a ele! Louvor a Deus! Wadi não poderia saber o que ele estava dizendo. Mas todos podiam ver o êxtase em seu rosto, escutá-lo em sua voz.

— Sim, filhote de príncipe — exclamou. — Agora você está vendo. Agora você entende.

Vlad entendeu. Mas não da maneira que seu agá pretendia. E foi o seu significado, e não o de Wadi, que Vlad levou consigo quando finalmente foi jogado no chão e cinco homens lutaram para arrastá-lo de volta a sua cela. Porque ele não parava de gritar. Porque não parava de louvar.

Quatorze



O falcão migratório

Eles não vieram buscá-lo durante vários dias, embora Vlad não pudesse saber, naquele mundo de noite perpétua. Traziam o caldo e a água suja e ele tomava, ou jogava fora, como escolhesse. O excremento espalhado nas paredes, nele mesmo. O mártir fora coberto com ele, portanto ele também o fizera. Não o incomodava, mas incomodava os guardas que tentaram várias vezes puxá-lo de seu buraco. Amaldiçoando, por fim conseguiram.

Ele se agachou na laje do corredor, nu e imundo, murmurando. Ficava olhando para trás, esperando pelos outros. Mas ninguém se juntou a ele, na luz. Preferiam permanecer na escuridão.

Por fim, tomou consciência de alguém de pé ao seu lado, chamando-o. Ergueu os olhos e viu um homem cujo nome sabia mas não conseguia lembrar.

— Vlad — disse o homem, gentilmente.

Ele voltou a olhar para baixo, retomando suas preces sussurradas.

A voz do homem se repetiu: — Talvez tenhamos ido longe demais — murmurou. Depois, falou mais alto: — Levem-no para o banho turco. Limpem-no. Façam sua barba, Não assim! Com

gentileza agora. Façam as coisas gentilmente. Deem-lhe roupas limpas e o coloquem na cama nos meus alojamentos.

Vlad observou o jovem alto e bonito caminhando para fora do corredor. Comparado com os rostos finos e encovados dos homens que estavam a seu lado, o recém-chegado parecia um deus antigo.

— Hamza — grunhiu. — Para onde você está me levando? Hamza parou, virou-se em sua sela para olhar o jovem a seu lado. Essas eram as primeiras palavras que Vlad falava em uma semana desde que fora tirado da cela. O tratamento agradável que se seguiu — o melhor da comida e bebida (quando ele voltou a conseguir sentir os ricos sabores depois de meses de mingau), banhos diários, a mais macia das sedas para cobri-lo, sob as mantas mais quentes —, tudo era recebido com os mesmos olhos baixos. Ele falava, mas só consigo mesmo; pelo menos, Hamza via seus lábios moverem. Mas nenhum som saía. Até agora.

— Eu não o estou levando, meu jovem. Você está me acompanhando.

Vlad levantou os olhos — outro passo à frente.

— Então, estou livre para seguir outro caminho? — Bem... — Hamza balançou a cabeça, sorriu. — Mas por que você escolheria fazer isso se eu ofereci um esporte tão agradável? Ele fez um gesto para trás, para além dos seis servos montados que os seguiam, indicando os três vagões. Do primeiro, projetava-se e balançava toda a parafernália para acampamento: caldeirões, mastros de tendas, lonas e tapetes. O segundo retinha a cada balanço, recheado com as jarras e barris que fariam o acampamento agradável.

Mas era ao terceiro vagão que Hamza se referia. Sua cobertura grossa fora esticada sobre as armações altas e depois fixada, protegendo o interior da luz. No entanto, não podiam conter o som, os piados que começaram assim que eles deixaram Tokat e, meio dia mais tarde, não diminuía nessa estrada para as montanhas.

Vlad deu uma olhada.

— O que são? — Você não consegue dizer pelos piados? Uh!

— Hamza tampou um ouvido com o dedo. — Sacres. Filhotes tirados do ninho no último verão e maltratados pelo idiota de quem os comprei. Talvez estejam além da redenção, mas talvez estejamos todos nós. — Ele olhou de rabo de olho.

— Devemos dar-lhes uma chance? Você me ajudará a resgatá-los, príncipe? Vlad manteve um silêncio tão longo que Hamza temeu que tivesse voltado para dentro de si mesmo. Mas, por fim, ele respondeu: — Tudo isso... para treinar falcões? — Isso realmente seria tolice. Não. Eu os trouxe para nos entreter enquanto esperamos. Pois há outros falcões em nosso destino, espero. Eles são a razão para a nossa jornada.

Isso não era completamente verdade. O jovem a seu lado era a razão, os falcões, o pretexto.

— E qual é nosso destino? Hamza apontou.

— Lá.

Vlad ergueu os olhos. O caminho da montanha tinha sido íngreme por um tempo. À frente, erguia-se em zigue-zague.

— Ak Daghari. O ponto mais alto desta parte da Anatólia. Estaremos lá amanhã, ao cair da noite.

— E lá encontraremos nossos falcões? — Se Alá o quiser, sim. Há homens que vivem lá em cima. Estranhos, de língua bárbara, homens do extremo norte, um lugar chamado de Terras Baixas, o que acredito significar que o lugar é um cu. — Riu. Vlad não, então Hamza continuou: — No entanto, eles têm uma rara habilidade em caçar falcões recém-desaninhados.

E vieram de terras tão distantes porque Murad, Luz da Terra, recompensa-os mais generosamente do que qualquer monarca cristão. Dizem que, se pegam três pássaros em um verão, ganham sua fortuna. — Hamza suspirou. — Mas eles só subiram depois do primeiro degelo da neve, e podem não ter sido abençoados ainda.

Mesmo assim, encontraremos maneiras de nos divertir, não? Ele apontou para os cavalos em movimento, mas Vlad não respondeu, simplesmente abaixando os olhos outra vez. Hamza examinou-o, perguntando-se se ele suspeitaria de alguma coisa. Depois, deu de ombros. Não importava. Tudo que se podia fazer com um falcão era ensiná-lo a voar e voltar para o punho. E, claro, matar antes de retornar.

Não havia pássaros esperando-os no pico de Ak Daghari. Só três homens troncudos e barbados que fediam aos bodes que vigiavam, e responderam a Hamza com acenos — nenhum falava a língua do outro —, grunhidos e gestos próprios.

— É difícil ter certeza — Hamza balançou a cabeça. — Mas acredito que estão me dizendo que os falcões foram vistos mas não atraídos.

— Como são atraídos? Hamza se virou, contente com uma das raras perguntas de Vlad.

— Iremos ver como eles fazem... embora seja um negócio monótono. Três em um verão, lembra? Entretanto, acredito que, em teoria, eles amarrem um pássaro chamariz em um mastro, usando uma corda comprida, para que ele possa voar e bater as asas. Um falcão o vê e ataca. Eles ficam observando em um esconderijo, deixam o mastro cair e jogam uma rede escondida. — Enquanto falava, Hamza conduziu Vlad de volta ao acampamento, montado em um desfiladeiro escondido abaixo do pico. — Mas vamos nos divertir com o que temos, não com o que não temos, não é? Ele pôs o braço em volta dos ombros de Vlad. O jovem se retesou até reconhecer o primeiro toque, em um longo tempo, que não era um golpe.

Dois dos vagões já tinham sido esvaziados, seu conteúdo transformado em um pequeno pavilhão, inteiramente acarpetado, luxuosamente equipado com sedas pendendo das paredes e peles grossas e couro nos dois divãs, para ambos. Outra tenda, maior e

mais grosseira, foi erguida para os servos. Hamza levou Vlad, passando pelas duas tendas até o vagão fechado, ainda intocado. Ali, começou a desamarrar cuidadosamente as correias da cobertura. No entanto, apesar de sua delicadeza, a gritaria, que tinha cessado desde que o vagão fora desenganchado, recomeçou.

Hamza suspirou, desfazendo as amarras sem cuidado agora, ruidosamente.

— Este é o problema com os filhotes tirados de seus ninhos cedo demais. Eles gritam pela mãe. Os falcões desaninhados são muito melhores. Raramente gritam; e, claro, já sabem como matar.

Levantando a cobertura, acenou para Vlad entrar, depois o seguiu, deixando a cobertura cair outra vez. Tudo estava escuro até que a portinhola da lanterna foi aberta, e uma luz se espalhou; fraca, mas suficiente para revelar a fonte da gritaria — dois falcões, empoleirados, as cabeças encapuzadas agitando-se enquanto tentavam localizar a fonte da perturbação. Um começou a bater as asas, esticando ao limite suas amarras, pendurado de cabeça para baixo, asas abertas e batendo.

— Shh. Shh. Minha pérola. Minha joia. Calma! Relaxe! — Hama cacarejava tranquilizador, vestindo sua luva.

Foi esta visão, do poema cuidadosamente bordado em ouro sobre o couro finamente cortado, que trouxe à mente de Vlad, que circulava, aumentando e diminuindo sua marcha, aumentando e diminuindo, desde o momento em que ele viu o homem ser empalado, a uma parada completa e final. Não transpareceu em seu rosto, embora seu corpo tenha estremecido levemente. Mesmo assim, quando falou, parecia pela primeira vez em eras que era ele falando, e não outra pessoa.

— Você a usa? Hamza se virou, percebendo o tom diferente na voz. Viu, mesmo na luz fraca, que agora o jovem estava realmente olhando para ele, não através dele. Sorriu.

— Sempre. Se minha casa estivesse pegando fogo, acho que seria isso que eu pegaria antes de correr.

Ele começou a desenrolar as tiras que prendiam o pássaro que ainda batia as asas, cacarejando o tempo todo.

— Este se chama Erol, "Forte" ou "Corajoso". Um nome que foi dado mas ainda não comprovado, não é, minha beleza? — Enquanto falava, tirou o pássaro livre de seu poleiro, onde,, gradualmente ele se acomodou quando Hamza lhe deu um pedaço de carne crua. Ele apontou para a outra luva e Vlad a vestiu. — Aquela é para você. Uma fêmea, muito maior. Acho que nunca será Sayehzaàe, a beleza que Mehmet perdeu para você no jereed e nunca lhe deu. Mas ela também pode servir bem ao sultão. — Sorriu. — O nome dela é Ahktar. Significa... — Seu pássaro começou a bater as asas outra vez. — Fique quieto! Mostre sua coragem! — Estrela — disse Vlad, terminando o nome. Mas, enquanto desatava as tiras de couro, um momento antes de atrair o sacre para seu punho, ele sussurrou a palavra outra vez, em uma língua diferente. Uma das raras palavras que havia falado em voz alta naqueles meses.

Ilona.

Os falcões tinham recebido pouco treinamento, apenas o suficiente para ficar em um punho e pegar pedaços de carne da mão do tratador. Assim, por dois dias, os homens passaram o tempo dentro do vagão, alimentando os pássaros, falando com eles. No terceiro dia, as aves foram levadas para fora, para um passeio, embora permanecessem encapuzadas. Dois dias mais tarde, ao anoitecer, os capuzes foram retirados por um tempo, que foi aumentando nas noites subsequentes. Logo, eles começaram a caminhar pelo acampamento, às margens de um riacho de neve derretida, Vlad imitando Hamza: tirando os capuzes, recolocando-os, girando os pássaros enquanto caminhavam, forçando-os a olhar de novo. E cada noite, depois que retornavam os falcões a seus poleiros, eles voltavam para o pavilhão, para uma comida boa e

simples, um braseiro reluzente e a conversa de Hamza sobre o treinamento dos pássaros e outras filosofias de vida. Vlad escutava, mas falava pouco.

Na décima alvorada, nenhum pássaro tinha sido pego no cimo da montanha. Mas era hora de fazer os que tinham voar.

— É a hora arriscada — disse Hamza, ao saírem para a luz suave da manhã. — Temos a esperança de que o pássaro nos conhecerá o suficiente, confiará em nós o suficiente para retornar. Mas só há uma maneira de ter certeza.

Eles subiram a outro pico quase descampado, com apenas algumas árvores de cobertura. Hamza escolhera-o com cuidado e os dois pararam algumas centenas de passos antes do pico.

— Aquele que é "O Corajoso" vai voar primeiro e provar seu nome? — disse Hamza, e imediatamente começou a afrouxar as tiras de couro. Depois, mantendo-o apenas levemente entre seus dedos, removeu o capuz de Erol. O pássaro piscou repetidamente, olhos girando para apreender o súbito espaço. Hamza deu-lhe um pequeno pedaço de carne. Então, ergueu o braço e soltou o pássaro.

— Voe, Baz Shah — ele gritou, chamando-o pelo nome persa dos Reis dos Falcões. — Voe!

O pássaro voou. Baixo e rápido, dirigindo-se para o pico e suas poucas árvores. Os dois perderam de vista sua forma escura, e nenhum deles respirou pelo que pareceu séculos. Então, Hamza deu um passo à frente, circulando com isca de pele de coelho na ponta de uma longa corda, girando-a e gritando alto: — Venha, Baz Shah. Venha, Corajoso! Volte para mim! Pelo mais longo dos momentos, nada se mexeu. Então, um ponto negro se destacou de um ramo, transformando-se de mancha em pássaro pela simples velocidade. E, quando ele pegou a isca, fez Hamza cair de joelhos.

Erol começou a comer.

— Louvado seja Alá — exclamou Hamza, deliciado. Por um momento, eles observaram o pássaro despedaçar e rasgar a carne.

Então Hamza puxou-o, pegou as tiras de couro, atraiu-o para seu pulso com carne mais fácil. Levantando-se, sorriu para Vlad. — Sua vez.

Vlad deu um passo à frente, soltando as tiras que prendiam sua ave a ele, e vice-versa. Lentamente, removeu o capuz. O sacre, como o outro, piscou, olhou em volta.

Vlad manteve a voz baixa, para que apenas o pássaro pudesse escutá-lo.

— Vá, minha beleza. Vá, minha... estrela! — E com essa palavra, lançou seu braço para o céu.

Eles observaram a forma mudar de ave para ponto, para nada, enquanto deslizava por sobre o pico da montanha. Viram-na ir e Vlad, sentindo isso, não se curvou para pegar a isca.

Eles esperaram por um tempo até que finalmente Hamza disse, simplesmente: — Oh! — Voltou-se para Vlad. — Acontece. Com os melhores entre nós. Com os melhores pássaros. A primeira vez é a mais arriscada. Ela...

Vlad começou a descer rapidamente o monte. Hamza correu para alcançá-lo, e ficou surpreso com a expressão em seu rosto. Não eram as lágrimas que esperava. Era algo que todas as brincadeiras, conversas e entusiasmo não haviam trazido.

— Você sorri?

— Sim.

Hamza balançou a cabeça, sua voz tocada pela raiva.

— É porque o falcão é do sultão? Você o está punindo? Ou é por que não se importa?

Vlad parou, ergueu os olhos, ainda sorrindo.

— Mas eu me importo — disse. — Ilona está livre.

Hamza franziu a testa.

— Ahktar — corrigiu.

— Ah, sim — assentiu Vlad, caminhando outra vez. — Ela também.

Quinze



Iniciação

Dois homens esperavam por eles no acampamento. O primeiro era um dos incompreensíveis caçadores com armadilhas. Trazia com ele seu primeiro sucesso.

— Um açor — Hamza exclamou, deliciado, pegando a ave amarrada e encapuzada, examinando-a cuidadosamente, uma quietude cinza-azulada em suas mãos. — Fêmea, e eu diria que tem dois anos de idade, pelo peso. — Ele ergueu os olhos. — O Pássaro do Cozinheiro, assim chamamos açor, Vlad. Pelo que ele traz para a panela. Ele mata repetidas vezes e só para quando está exausto. Os olhos dela já mostram um matiz rosado. Quando estiver com nove anos, estarão inteiramente vermelhos. Cheios do sangue de suas vítimas, dizem. — Ele sorriu. — O sultão não se entristecerá pela falta de seu sacre, quando vir essa beleza.

Então o sorriso fechou quando viu o segundo visitante, um homem que parecia feito do pó da estrada, de tão inteiramente coberto, do turbante aos pés.

— Um mensageiro de Murad — murmurou Hamza. Entregando o açor, fez um gesto para o caçador de armadilhas em direção aos poleiros e acenou para o mensageiro entrar em seu pavilhão.

Vlad, agora segurando Erol, acompanhou o caçador de pássaros. Ele lutava para conter o sacre. Também encapuzado, a ave

não podia ver o açor, mas podia senti-lo e, piando, saiu do pulso de Vlad, puxando suas tiras de couro até o limite, asas batendo.

O açor fêmea foi para um compartimento separado. Vlad estava ajudando a segurar as abas do vagão do poleiro quando escutou passos suaves atrás de si. Virou-se a tempo de notar a preocupação no rosto de Hamza, rapidamente substituída pela neutralidade.

— Novidades. Fui chamado de volta a Erdine e...

Vlad, sentindo seu coração parar, adivinhou a preocupação de Hamza e o interrompeu: — E você vai me levar de volta para Tokat — disse, com a voz áspera.

Hamza balançou a cabeça.

— Não. Devo levar você comigo.

Vlad, escondendo o alívio, examinou o rosto à sua frente, o nervosismo escondido aí. Não perguntaria sobre isso, no momento.

— Temos que partir agora? — Ao amanhecer — foi a resposta. — Foi mais cedo do que desejava, pelo seu bem. Acho que ainda está... cansado. — Um sorriso afugentou o franzir do cenho.

— Pelo menos não voltaremos com o punho vazio, hein? Mas com a novidade do belo falcão desenhado que levaremos. Presente de Alá para Murad. — Ele descansou a mão no ombro do jovem. — Portanto, esta noite, para celebrar, teremos um banquete.

Os servos fizeram um fogo nas margens do riacho que descia a montanha. A água foi aquecida nas grandes chaleiras e despejada em um buraco largo e raso que fora cavado em uma das margens e então coberto com peles de camelo curtidas. No ponto onde o riacho fazia uma curva, foi formada uma piscina natural.

— Primeiro, o mergulho frio. Venha — disse Hamza, começando a tirar suas roupas.

— É mesmo necessário? — disse Vlad, relutantemente tirando seu casaco de pele de ovelha, olhando para o gelo derretido

com matizes de verde. Embora o calor da primavera permanecesse durante o dia, o alvorecer trazia uma lembrança do inverno.

— Com certeza não é meu banho turco em Erdine, para o qual o convido ao voltarmos, mas servirá. Além disso — falou, estendendo a mão para tirar o gomlek que estava no meio da cabeça de Vlad só porque estamos acampando com pastores de cabras não significa que teremos que cheirar a cabra.

E com isso plantou a mão no peito de Vlad, levando-o de costas até a piscina.

Ele tinha passado frio no buraco do calabouço. Este era um tipo diferente de frio, repentino e intenso. Tentou escapar dali, mas Hamza tinha pulado, bloqueando sua saída.

— Fodedor de camelo, que frio! — gritou o Turco. Mas quando Vlad tentou sair, ele o empurrou de novo. — Espere! Quanto mais você sofrer na terra, maiores serão as delícias no paraíso.

Eles permaneceram por um minuto, ficando azuis de frio, batendo os dentes. Por fim, Hamza se levantou, olhando para Vlad.

— Vamos — disse —, antes que nossa masculinidade desapareça totalmente e só sirvamos para os serviços do harém.

Após a pequena corrida até o buraco que os servos tinham cavado para eles, veio um tipo diferente de dor. O calor era quase insuportável, apesar da tremedeira, eles só conseguiram se abaixar lentamente na água. Por fim, estavam com água até o queixo, o vapor subindo pelos rostos.

— Ah! — suspirou Hamza, inalando o ar quente, perfumado com óleos, bergamotas, sândalo. Ele esticou o braço. — Assim está melhor. Minhas esposas não terão de procurar outro para satisfazê-las.

— Quantas esposas você tem, Hamza?

— Só duas, louvado seja Alá. Tenho permissão para ter mais duas, por Sua Graça, e posso ter concubinas, além disso, se desejar. Não desejo mais mulheres! — exclamou de repente, jogando a

cabeça para trás. — São uma bênção e uma alegria para nossas noites, com certeza. Mas durante o dia... Misericórdia, como conversam! Sem parar, por horas. Sobre absolutamente nada! — Olhou para Vlad. — Você não concorda?

— Eu... — Vlad ruborizou-se. — Eu nunca...

— O quê? Nunca? — Hamza se endireitou, esticando os braços para a beirada da piscina. — Nenhuma moça das tabernas? Nenhuma concubina afoita o atraiu para trás das cortinas? — Vlad balançou a cabeça. — E temos Mehmet, com suas seis mulheres... não, cinco na verdade, já que uma sumiu misteriosamente.

— Ele dirigiu-lhe o olhar, mas Vlad não pôde ler nada nele e manteve o próprio rosto sem expressão. — Mehmet já é pai e... vocês são da mesma idade, não são? — Não preciso seguir o exemplo de Mehmet em nada — disse Vlad com convicção.

— Você não gosta dele.

— Eu o odeio. Ele é um provocador e um bruto e ele... — Vlad hesitou. Havia uma coisa que ainda não fora capaz de perguntar. — Meu irmão Radu. Como está? Hamza fechou os olhos, mergulhando o corpo mais uma vez.

— Bastante bem, creio. Mehmet tem sido... gentil com ele. — Abriu de novo os olhos. — Mas você não deveria repudiar Mehmet com palavras fáceis. Provocador? Talvez. Bruto? Algumas vezes. Mas ele tem a mente tão educada quanto a sua, sonhos tão grandes quanto os seus. E lembre-se sempre... ele terá o poder, um dia, de fazer alguma coisa quanto a isso.

— Você me lembra de que não tenho nenhum. Que sou um mero refém — respondeu Vlad amargamente.

— Outra palavra fácil, "mero". Não existe isso. Você é refém por algo importante. É um príncipe. Um poder.

— Mas não um poder como o de Mehmet.

— Ah, não. — Hamza balançou a cabeça. — E anote isso, meu jovem: com seu poder, Mehmet deseja conquistar o mundo.

Com essas palavras, ele bateu as mãos. Um servo escondido apareceu trazendo luvas de fibras naturais. Mas, em vez de entrar na piscina para esfregar suas costas, o servo entregou-as para Hamza e se retirou.

— Tome — disse o Turco, passando uma delas. — Às vezes é necessário sujar nossas próprias mãos para limpar nossas costas.

Ele aproximou-se, deslizou atrás de Vlad, que se retesou. Mas os esfregões que se seguiram não eram lascivos e sim firmes, diretos, tão brutais quanto qualquer tellak nos banhos de Erdine. Seus músculos encaixaram-se sob a pressão. Quando Hamza ofereceu suas costas, ele retribuiu o favor com um vigor que provocou gemidos.

Depois de um tempo, Hamza se ergueu, tomou Vlad pela cintura, amparando-o.

— Vamos, meu jovem — disse, suavemente —, para outros prazeres.

O pavilhão deles havia sido transformado. As simples peles de ovelha nas quais eles dormiam tinham sido enroladas, servindo como encostos pau kilims Izmiri lindamente tecidos que Vlad não vira antes, deslumbrantes com seus tons e padrões. Entre os dois divãs, uma mesa baixa fora colocada. Lanternas reluziam nos cantos, enquanto os braseiros queimavam óleos perfumados. A tenda estava deliciosamente quente depois da caminhada fria voto do da piscina, e roupões grossos, ornados de sedas, esperavam por eles, com chinelos de lã de ovelha.

Hamza bateu palmas e servos trouxeram comida. Esta era diferente da refeição simples que haviam comido até agora: carne de cabra outra vez, mas em kebabs com ervas em vez de cozido; um delicioso pilaf recheado com pistaches, passas e damasco seco; pães recheados com geleia de sementes de papoula, incrustados de alecrim e cobertos de mel. E, em vez da água clara do rio que normalmente bebiam, beberam sherbets de laranja e romã.

Na cabeça de Vlad, só havia uma coisa faltando, e foi seu olhar demorado para um copo vazio que provocou a pergunta de Hamza.

— Você está precisando de um pouco de vinho, não? — Precizando? Não. Desejando? Bem... — Ele deu de ombros.

— Qual era o versículo do Corão que você citou tão lindamente no enderun kolej?

Vlad limpou a garganta. O árabe veio fácil: — "Eles lhe perguntarão sobre tóxicos e jogos de azar. Diga: Em ambos há grande pecado, assim como alguns benefícios para o homem; mas o mal que eles causam é maior que o benefício que trazem." — Você acredita nisso? — Não. Mas não sou muçulmano. Além disso... — Fez uma pausa.

Hamza se inclinou para a frente.

— Além disso, muitos muçulmanos não cumprem essa lei. É isso que ia dizer?

— Incluindo Murad, Asilo do Mundo, nosso sultão, que ama o vinho, alguns dizem, até demais.

— E você, Hamza, não?

— Não. Mas não é tanto pelas palavras do Profeta, embora eu as honre. — Sorriu. — Simplesmente não gosto dos efeitos que o vinho tem sobre os homens. Alguns ficam relaxados, sentimentais, não controlam a língua. Outros procuram por brigas sem uma boa razão. — Ele se inclinou para trás. — Não; se for para quebrar os mandamentos do Sagrado Corão, acredito que existem maneiras melhores.

Vlad franziu a testa.

— Que maneiras?

No lugar da resposta, Hamza bateu palmas. Servos entraram instantaneamente e limparam os restos da refeição. Um trouxe um pequeno braseiro, outro, uma pequena panela de metal, um terceiro, um frasco. Eles se curvaram, então saíram.

Hamza procurava algo dentro de uma bolsa. De lá tirou um torrão amarronzado, mostrou-o, segurando entre um dedo e o polegar.

— O que é isso? — perguntou Vlad.

— Outros prazeres — murmurou Hamza, estendendo a mão para esmigalhá-lo dentro da panela aquecida. — Haxixe, do Líbano. Conhece? — Sim. Não — respondeu Vlad. — Alguns garotos no kolej iam a casas em Erdine, mas eu... — Ele balançou a cabeça. — Como é? — Um sonho. — Hamza despejou gotas do frasco. — Isto é um destilado de figo — disse. Enquanto a panela esquentava, ele acrescentava outras coisas. Vlad sentiu o cheiro de noz-moscada, cravo. Hamza mexeu o bule em silêncio e, depois de pouco tempo, tirou-o do braseiro. Então, mergulhou uma concha e despejou o líquido em dois copos pequenos. Levantou ambos e estendeu um.

Vlad esticou as costas, com a palma aberta.

— Acho que não.

Hamza não abaixou o copo.

— Só estou lhe oferecendo um esquecimento temporário. Um vinho, Vlad. Uma fuga do agora. Nada mais. — Quando Vlad negou com a cabeça outra vez, Hamza continuou, suavemente: — Só posso imaginar horrores pelos quais você passou em Tokat. Implorei a Murad para permitir que eu viajasse e acabasse com eles. Este copo ajudará a curar. — Ele balançou a cabeça. — Confie em mim.

Ofereceu o copo outra vez. Depois de um momento, Vlad pegou e Hamza levantou o seu.

— Aos sonhos.

Vlad seguiu Hamza, tomando pequenos goles lentamente até o copo esvaziar, desfrutando os sabores, os que conhecia, até o leve amargor desconhecido.

— Posso beber mais? — perguntou, estendendo o copo.

Hamza pegou o copo, mas abaixou-o. Levantando o braseiro, levou-o até o canto da tenda.

— Espere — disse. — Deite-se de costas.

Vlad obedeceu. Por um momento, seus membros, que nem mesmo no calor da água tinham relaxado, ainda se mantiveram rígidos. Então, muito repentinamente, se renderam, afundando-o nas almofadas macias. No entanto, sua mente estava clara. Muito clara. Além disso, de seu súbito relaxamento, não notou nenhuma diferença em si mesmo, nem os excessos que os colegas de sua orte murmuravam a respeito.

Começou a se sentir ludibriado.

— Não acontece mais nada? — Espere. E... olhe! Hamza fez um gesto para o alto. As chamas intrincadas da grelhado braseiro faziam formas se moverem pelo teto da tenda. Vlad olhou, focou, perdeu o foco. Sentiu que estava tonto observando as chamas quanto começando a flutuar entre elas.

Uma voz apareceu. Aparentemente muito distante. No entanto, era clara, pura, como um sino de prata repicando em uma igreja.

— Você está vendo?

— Sim — disse Vlad, sua própria voz alta aos seus ouvidos.

— Estrelas.

— Estrelas? — veio a resposta. — Eu estava falando dos camelos.

— Que camelos? — Mas, subitamente, ele via camelos. Dois deles, cabeças próximas, as corcovas se fundindo e multiplicando. E então ele estava rindo com o grotesco daquilo, a estupidez simples dos animais. E sua risada era como um órgão, havia um longo tempo parado, voltando à vida. Depois que começou, não podia mais parar, nem queria. Olhou para Hamza. O rosto dele! Cada parte se expandia — a barba, o nariz, os globos oculares, o azul extraordinário dos olhos. No entanto, não era o mesmo, não permanecia como Hamza. Havia outros rostos...

Seu pai. Seu Salvador.

— Não — disse Vlad, tentando se sentar. Balançou a cabeça, e então outra onda de gargalhadas o tomou. Só Hamza estava ali, embora seus dentes fossem grandes e amarelos como os da boca de um camelo.

— Você me prometeu o esquecimento — exclamou Vlad. — Eu quero o esquecimento! É meu direito como príncipe! — Direito? — exclamou Hamza. — Tenho seu direito bem aqui.

E com isso, rindo loucamente, ele se lançou em cima de Vlad.

Uma colisão de corpos. Braços envolvendo, dedos pegando, deslizando, encontrando, perdendo. Hamza era alto, corpo comprido. Vlad era menor, compacto, a força centrada.

Eles lutaram pelo domínio, enfraquecidos pelas gargalhadas, então, de repente, pararam de rir, sérios, nervosos com cada lance, cada golpe que espalhava as almofadas, o sangue pulsando nos ouvidos como tambores.

Hamza o dominou, uma perna comprida lançada sobre a de Vlad, mãos prendendo seus punhos, afundando-o, narizes quase se tocando. Então Vlad sentiu um ímpeto dentro dele, agarrou-o, focou-o, usou-o, girando e empurrando. Ele atingiu um eixo, lançou-se, e agora era Hamza quem estava sob ele, seus braços no carpete, seu rosto a centímetros de distância, tão perto que Vlad viu, mesmo na meia-luz da tenda, as finas espirais verdes nos olhos azul-cobalto do Turco.

Eles pararam de lutar, de rivalizar. Mantiveram a posição, o olhar.

E então Hamza conseguiu se erguer, só um pouco. Apenas o suficiente para colocar seus lábios aos de Vlad.

— Não — Vlad soltou os membros que segurava, sentando rapidamente. Mas não conseguia encontrar forças para se afastar, nem para impedir Hamza de esgueirar-se por trás dele, as mãos deslizando sobre seu peito, segurando-o ali.

— Você é tão solitário, Vlad. — murmurou Hamza. —
Sempre. Você passou por muita coisa. Aqui. Em Tokat.

De repente, Vlad estava soluçando.

— Eu vi... coisas terríveis. Eu fiz...

Palavras, lembranças, lágrimas o engasgaram.

— Eu sei — veio a voz, a voz de Hamza, mas ao mesmo
tempo não. Sua mão, não sua mão, descendo.

— Não — disse Vlad outra vez, tentando parar a mão que
deslizava. Mas não teve a força, a vontade de fazer mais do que dizer
"não".

— Um fim para a solidão, príncipe — disse Hamza, e curvou
Vlad sobre as almofadas.

Não era exatamente o esquecimento que ele prometera. Era
escuro, o lugar para onde ele deslizou, mas mesmo assim ainda pôde
sentir um pouco de dor; mais tarde, um pouco de prazer. E ouvir
também a voz que dizia amar, que pedia amor em retribuição. Ouvir
a voz que respondia-a sua, não era a sua — dizendo: "Sim. Sim, eu
amo você. Agora. Para sempre, Eu amo você."

Dezesseis



Morada da Guerra

Eles partiram à primeira luz — Hamza, Vlad e três dos guardas. O acampamento seria desmontado depois, e seguiria de acordo com seu próprio ritmo. A convocação do sultão era urgente. Se galopassem rápido e dormissem pouco, e se os cavalos estivessem prontos nos caravancará ao longo do caminho, estariam em Erdine em cinco dias.

Avançaram rápido, forçando suas montarias ao limite, nunca além. A velocidade da jornada deles dificultava a conversa e, durante os descansos à beira do caminho, Vlad a evitava também.

— Meu jovem — disse Hamza, estendendo a mão quando eles deitaram sobre as mantas, no primeiro pôr do sol.

Vlad, sem uma palavra, cobriu-se bem e rolou para o outro lado, oferecendo nada além de suas costas.

Eles cavalgaram por uma terra que estava no ápice da primavera e se preparando para a guerra. Como os arroios que desciam dos picos de neve das montanhas para se juntarem aos rios, aquele pequeno grupo era apenas uma gota que logo se incorporaria a uma corrente de homens e animais. O tug do sultão, seu estandarte de seis rabos de cavalo, fora hasteado na frente da tenda de guerra em Erdine, e guerreiros de muitas nações estavam se dirigindo a ele. Sob os rabos, sinos de prata repicavam.

Diziam que sua música suave podia ser ouvida desde as ilhas mais distantes do Egeu até as pirâmides do Egito. Das montanhas do Tártaro aos oásis do deserto do Sinai. Era o chamado para a dar ul harb — a Morada da Guerra —, e ecoava pelos desfiladeiros da Transilvânia, atravessando os corredores de pedra dos castelos dos Cárpatos, pelas cortes dos reis e pelos palácios dos bispos. O Grande Turco está vindo, alertavam os minúsculos sinos. Ouçam e se desesperem.

Hamza pode não ter sido capaz de fazer Vlad erguer os olhos, mas ele os erguera por vontade própria, para apreender as maravilhas e começar a analisar seus inimigos, conhecê-los como seu pai, o Dragão, havia lhe ordenado. Por todo lugar que olhava havia cavalos — montarias altas e enxutas das planícies da Anatólia; bestas pequenas e rudes das montanhas. As primeiras eram montadas por sipahis, cavaleiros turcos, homens de categoria elevada que cavalgariam para as batalhas em túnicas de malha e elmos de feno, mas que aqui usavam os mantos e os turbantes domésticos. Ignoravam qualquer um que passasse por eles na estrada e estivesse abaixo do sultão.

As outras pertenciam a homens tribais, com frequência tártaros, selvagens de olhos puxados que consideravam uma ultrapassagem como um desafio, e galopariam até passar o outro grupo seguidamente, clamando o triunfo com gritos ululados, batendo com estrépito as espadas nos escudos, ou sinalizando com um bando de flechas que passaria desconfortavelmente perto de suas cabeças.

Arroios tornavam-se rios, que se tornavam enchentes, e avançavam cada vez com mais dificuldade. Quando, com o sol do terceiro dia a pino, eles tiveram que esperar na ponte de Ilgaz — a única passagem sobre o rio Gokirmak, que estava bloqueada por milhares de cavaleiros avançando e praguejando —, Hamza ordenou uma pausa até o anoitecer. Quando a Lua se levantou, eles

avançaram, galopando a noite toda e até bem depois do alvorecer, repetindo o plano na igualmente atulhada travessia do Sakrya.

A cada parada, Hamza tentava conversar. Não sobre o que acontecera entre eles. Era óbvio que Vlad não discutiria isso. Mas comentários sobre falcões, sobre guerra, sobre armas, todos provocavam a mesma resposta — silêncio. Só quando estavam de pé às margens do Bósforo, em um penhasco sobre o pequeno porto de Uskudar, Vlad falou.

Uma palavra.

— Constantinopla — murmurou.

Hamza seguiu seu olhar rio abaixo. A cidade era uma confusão de torres e muros na luz do crepúsculo.

— Você planeja visitá-la um dia, meu jovem? Ele esperou que sua pergunta fosse ignorada, como se tornara costume. Ficou surpreso. Duplamente.

— Eu sonho em rezar... ali — apontou —, em frente ao altar de Santa Sophia.

— É mesmo? — Embora ele próprio rezasse as cinco vezes por dia exigidas, nunca, nem uma vez, vira seu companheiro dobrar os joelhos.

— E pelo que você rezará ali, Vlad? O jovem se virou. Pela primeira vez em três dias, aqueles olhos verdes se fixaram nos olhos do homem mais velho.

— Salvação — respondeu.

Desconcertado, Hamza desviou os olhos de novo para o domo da grande igreja, brilhando à luz do entardecer.

— Você sabe que é o sonho dos sultões transformar Santa Sophia em uma mesquita — disse. — E com os gregos ficando cada ano mais fracos, perdendo seus territórios, abandonando seus aliados, traídos pelos seus...

Mas Vlad já estava se afastando, dirigindo seu cavalo pela ladeira inclinada até as docas, à espera das balsas. Hamza olhou

outra vez para a reluzente Constantinopla, suspirou e o seguiu.

Duas manhãs mais tarde, eles subiram até o pico do último monte antes de Edirne, esperando ver a cidade... e a viram transformada em outra. O rio dos guerreiros do islã, agrupados em torno do estandarte de rabo de cavalo, fluía ali no turbulento mar do campo de guerra. Parecia um caos. As áreas externas eram uma confusão de pequenas tendas e cercados de cavalos onde os gazis acampavam, tão rudes e com os olhos tão arregalados quanto suas montarias, incendiados pela fé, pelo leite de asno fermentado e pelo paraíso que os esperava, fosse na vida, fosse morte. O relincho dos corcéis de guerra não era o único grito animal, pois vastas fileiras de camelos tossiam, cuspiam e trombeteavam, asnos zurravam suas queixas, e cães sarnentos latiam e brigavam entre si.

No começo, havia ordem apenas na estrada pela qual desciam, uma das quatro que separavam as seções do acampamento e que tinha que ficar vazia, para os mensageiros do sultão que chegavam de cada canto do reino e dos reinos de seus inimigos. Mas depois de passarem pelas multidões, eles finalmente alcançaram uma barreira. Era feita de seda vermelha, e nela a convocação por escrito deles foi examinada por um oficial fortemente armado. Foi-lhes permitido passar.

A paliçada de seda separava o caos da ordem. Além dela, a cidade das tendas fora levantada em círculos precisos, concêntricos. No começo, as tendas eram menores, mais simples, mas à medida que se aproximavam do centro, elas se tornavam maiores, os pavilhões, mais opulentos, cobertos com tapeçarias exuberantes e coloridas, onde caberiam cem homens, mas, como Vlad sabia, era na maioria das vezes cama de um só — o belerbey, o governador da província, rodeado por seus sipahis, que se juntavam nas suas tendas mais modestas. Cada pavilhão tinha o estandarte de seu governador à frente, o número de rabos de cavalo sobre ele subindo à medida que avançavam pela avenida. Quando viram um com

cinco, foram de novo parados, dessa vez por um enorme oficial com um chapéu alto, cônico, coroadado pelo toucado de plumas de garça, o kalafat que dera o nome ao cavalo de jereed de Vlad. Das costas do chapéu pendia a manga vermelha que indicava que o homem era membro da ordem bektashi dos dervixes. Ele e mais seis soldados revistaram completamente Hamza e Vlad, suas mãos grosseiras examinando por baixo das peças de roupas, tirando suas botas e confiscando as adagas. Por fim, foi-lhes permitido passar.

— Janízaros — comentou Hamza. Desnecessariamente, pois Vlad conhecia bem a elite dos soldados do sultão; havia treinado no enderun kolej com eles em matéria de espada e golpes, arco e cavalo, tão duramente quanto tinha estudado latim e o Sagrado Corão.

As tendas dos janízaros eram mais baixas, cones de couro para dois homens, espalhando-se ao redor dos pavilhões de seus comandantes. Esses eram bastante grandes, mas nada como o que Hamza e Vlad agora viam no exato final do caminho, de todos os caminhos, porque os quatro raios da roda terminavam aqui — o otak de Murad. Era um palácio vasto e magnífico, sustentado por três gigantescos mastros, enormes tecidos de seda escondendo cada pedaço da lona, cada um mostrando uma formação de árvores e flores, como o mais luxuriante dos jardins.

E ali, antes da entrada, estava o tug de Murad, seu estandarte de guerra. Abaixo dos seis rabos de cavalo, balançavam amontoados de sinos de prata, soltando o doce repique que havia convocado as hordas do islã até seu líder e fazia seus inimigos tremer.

Murad iria guerrear. E, deitado no chão ao lado de Hamza, reverenciando o tug, Vlad se perguntou duas coisas: Contra quem esse poder seria dirigido? E que força na Terra poderia detê-lo?

Dezessete



Cruzado

Eles sentaram-se de pernas cruzadas e observaram a sombra do tugim ver-se pelo chão. Ela diminuiu, vinda do oeste, desapareceu ao meio-dia, reapareceu logo depois, deslizando para o leste, enquanto beis, soldados e escravos entravam, marchavam ou saíam apressados do otak de Murad. Eles não foram esquecidos; ao meio-dia trouxeram-lhes água, um espeto de carne e pão. Mas não foram chamados até a sombra quase tocar as cordas do lado mais oriental da tenda.

Um servo apareceu, chamando-os. Gemendo com a dureza de suas pernas, Hamza levantou-se, limpando o pó da roupa. Vlad ficou agachado mais um pouco, respirou fundo, depois também se levantou.

Foi difícil ver o sultão no começo, tal era a aglomeração. Cavaleiros sipahis de botas e roupas de montar, capitães janízaros com proteção no peito e nas cotas, o atecibari, cozinheiro-chefe do exército, com seus símbolos do ofício, colheres e tigelas, balançando pendurados no cinto, indicando a todos que seu pai, o sultão, alimentaria todo o exército em campanha. A presença do cozinheiro-chefe era tão vital ali quanto a de qualquer guerreiro ilustre.

E então Vlad viu Murad, conspícuo porque estava, como sempre, tão inconspícuo, vestindo uma simples túnica azul-escura caindo até os joelhos. Ele estava de pé ao lado da mesa de mapas e listas, no centro da aglomeração de oficiais. À sua esquerda, um

pintassilgo comparado ao pai pardal, O homem que era sultão, e o homem que o fora e seria outra vez, se Alá quisesse, ergueram os olhos, ambos, quando Vlad e Hamza entraram. Mehmet imediatamente voltou a olhar para baixo, mas Murad sustentou o olhar de Vlad até que este se ajoelhasse e pressionasse a testa no chão atapetado.

— Basta, por enquanto — a voz de Murad chegou suavemente aos homens agachados. — Todos podem sair.

— Pai...

— Todos, meu filho. Mas você pode retornar... com o irmão deste homem.

— Ele não deseja...

— Não me importo com o que ele deseja. Quero-o aqui.

Agora.

O volume da voz não havia aumentado. Mas todos escutaram sua força e reagiram. Chinelos vistosos entraram na visão limitada de Vlad, e pararam. Ele sentiu um leve aroma de gengibre e sândalo, depois Mehmet se foi.

Outro par de chinelos. Couro puro.

— Sobrinho.

— Olho da Tempestade — retrucou o falcoeiro, estendendo-se para beijar o chinelo.

— Príncipe Drácula.

Ele havia se preparado para beijar, em sua vez. Mas Murad usar um título que nunca usara antes o fez hesitar. Então se inclinou para a frente e beijou, com mais fervor do que planejava.

Os chinelos se afastaram.

— Levantem. Vocês bebem um pouco de vinho? Murad retornou à mesa, liberando um servo que se aproximava, pegando a jarra ele mesmo. Atrás dele, dois arqueiros, com um clique audível, afrouxaram a tensão das cordas do arco.

— Ah, não você, Hamza. Sua obediência às palavras do Mais Misericordioso é uma repreensão a nós, pecadores. Que seja! — Ele se virou para Vlad. — Mas você não me envergonhará ainda mais me fazendo beber sozinho? — Não farei isso.

— Ótimo. — Enquanto um servo trazia a Hamza uma caneca de sherbet, Murad encheu dois cálices e depois os trouxe à frente. — Beba bastante, príncipe — falou, estendendo um.

Vlad tomou um gole. O vinho era tão bom quanto o esperado; néctar, depois de seis meses de negação.

Murad bebeu, observando-o.

— Beba mais. Acho que vai precisar, para ouvir as notícias que devo lhe contar.

O cálice estava a caminho da boca de Vlad. Ele o parou.

— Que notícias, sultanim? Murad olhou para Hamza.

— Você não lhe contou? — Conforme seu desejo, enishte. E mesmo se eu tivesse escolhido desobedecê-lo... — Ele olhou para Vlad. — ...nenhum momento parece oportuno.

— Compreendo. — Murad ergueu as sobrancelhas, capturando algo mais pelo tom do falcoeiro. Olhou outra vez para Vlad. — Bem, então, É meu infortúnio ser o mensageiro de más notícias. Espero que você perdoe o mensageiro. — Com Vlad ainda em silêncio, ele suspirou, e continuou: — Tem duas coisas que preciso lhe dizer, príncipe. A primeira é que seu pai está morto.

Vlad apenas moveu uma perna, avançando-a para manter o equilíbrio.

— Como ele morreu? — perguntou, com a voz baixa.

— Foi decapitado.

Vlad, controlado, ergueu o cálice, tomou um gole longo, depois falou: — Como? Todos sabiam que ele não estava perguntando sobre a mecânica.

— Por ordem de Hunyadi. — Esperou uma reação. Não houve nenhuma. — Hunyadi — repetiu ele —, o Cavaleiro Branco

húngaro, como o chamam, o que, considerando o negror de seu coração, sua crueldade, sua traição... — O sultão se interrompeu. — Mas você foi criado para considerá-lo um herói das Cruzadas, não foi? A Chama Açoitante da Cristandade?

Ainda assim, Vlad não reagiu. Murad olhou para Hamza outra vez, depois continuou: — Mas não importa o que você pensava dele antes. Nem precisa aceitar minha opinião sobre meu inimigo. Só precisa saber por que você mesmo deveria odiá-lo.

E deve saber disso a partir de um dos seus.

Ele fez um gesto. Houve um movimento na entrada da tenda. Vlad não se voltou, fixando o olhar apenas em um ponto sobre a cabeça de Murad, uma papoula ondulando na seda que estava ali. Só quando um homem entrou na sua visão periférica, um homem que não via havia muitos anos, ele se virou.

O recém-chegado estava vestido, em contraste com as túnicas turcas, com um pesado gibão acolchoado. O suor brilhava no alto de sua testa, correndo para o cabelo branco que circulava as têmporas como uma franja encrespada.

— Você se lembra de... Perdão, os títulos em sua língua me confundem. Vocês chamam seus nobres de boiardos, não? Mas ele é um... jupan? Está correto? Sim? Ótimo.

Jupan Cazan. Talvez você não saiba que, nos últimos tempos, ele havia sido o chanceler de seu pai.

O homem se curvou.

— Príncipe Vlad.

O fato de esse homem também se dirigir a ele como príncipe aumentou a confusão de Vlad. Havia algo mais ali, além do assassinato de um pai. Mas, antes que pudesse refletir sobre isso, Cazan se ajoelhou à sua frente, desenrolando a grande peça disforme de tecido vermelho que segurava, voltando a falar.

— Vlad, filho de Dracul, de sua terra infeliz eu lhe trago as preces de seus cidadãos e essa esperança no futuro de todos nós.

Dentro do cetim havia o aço. Dentro do pano estavam o selo do Estado e uma espada. Ambos com o mesmo símbolo incrustado no metal. O Dragão, a língua para fora, o rabo escamoso enrolado para cima e ao redor de seu pescoço, a cruz de Cristo apoiada em suas costas. E foi ao ver o brasão de sua família que Vlad compreendeu o que havia de estranho.

— Você trouxe isso para o Drácula errado, Cazan — disse Vlad, mantendo sua voz baixa e firme. — Deveria apresentá-lo a meu irmão mais velho.

O jupan engoliu, hesitou e ergueu os olhos para Murad.

— E esta é a segunda coisa que devo lhe contar — disse o sultão — Seu irmão Mircea também está morto.

— Decapitado? — Vlad tentou manter sua voz estável, mas ela tremeu levemente.

— Infelizmente, não. — Murad acenou para o outro homem. — Diga-lhe, jupan. Tome este vinho e lhe conte.

O cálice foi trazido por um servo. Cazan engoliu, derramando líquido pelo copo. Limpando a boca, voltou-se para Vlad.

— Foi... antes de seu pai ser pego, príncipe — começou a contar, — Mircea estava sozinho no palácio em Targoviste. Todos sabiam que Hunyadi estava vindo, junto com o homem que ele queria colocar no trono da Vali-quia; seu primo Vladislav, do clã Danesti. Então os boiardos... — ele engoliu em seco. — Alguns boiardos mataram os poucos guardas que estavam ali, arrastaram Mircea de sua cama e...

Ele olhou para Murad, que assentiu, encorajando-o.

— Sim. Ele precisa escutar tudo.

— Primeiro, cegaram-no. — Cazan continuou, com pressa: — Fenos em brasa em seus olhos. E então eles... — O homem parou, tossindo.

— E então o enterraram. Aparentemente, ele ainda estava vivo quando o fizeram. — Murad sacudiu a cabeça. — Bárbaros.

Cazan secou os olhos, depois se curvou para os objetos à sua frente.

— Portanto, eu lhe trouxe o selo e a espada de seu pai. Para oferecê-los a você, a última esperança dos Draculesti.

Em um movimento tão repentino quanto todos os anteriores haviam sido lentos, Vlad curvou-se e pegou a espada. Era pesada, comprida, um palmo e meio, e quando colocou sua outra mão sobre ela e a levantou para o alto, parecia que um membro que lhe faltava havia sido subitamente recuperado. Lembrou-se então de que o pai chamava-a de Garra do Dragão.

— Esperem! O comando de Murad parou as flechas que teriam matado o homem que erguera uma arma perto do sultão. No silêncio que se seguiu ao grito, tudo que se escutava na tenda era o estalido das amarrações e da corda do arco.

Então Murad falou lentamente: — Esta é a espada de seu pai, príncipe. Agora é sua. Eu o conheci, um pouco. Fizemos guerra um contra o outro. Fizemos a guerra lado a lado. Por um tempo, fizemos a paz, para o benefício de ambos e alegria de nossos povos. Ele foi, tanto quanto se pode ser nesses dias de cão, um homem de palavra. Ele estava tentando manter essa palavra quando Hunyadi, o Cavaleiro Branco de coração negro, cortou-lhe a cabeça e enterrou vivo seu irmão. -Ele começou a se mover lentamente para a frente. — A espada que você levanta agora Dracul não teria levantado contra mim, mas sim contra seus verdadeiros inimigos, os homens que usurparam o trono dele.

Seu trono agora, se você aceitá-lo.

Ele se aproximou de Vlad, sua mão ainda levantada para impedir os arqueiros.

— Eu não posso coroa-lo príncipe da Valáquia. Isso só pode ser feito em sua própria terra, por seu próprio povo. Mas posso lhe

dar um exército para comandar.

E, enquanto sigo para a Sérvia para confrontar esse odiado Cavaleiro Branco, você pode seguir para sua terra e usar a espada de seu pai para reivindicar o que é seu. O trono. As cabeças dos assassinos e traidores.

Vlad tinha segurado a espada apontada direto para o teto, sem movê-la. Mas agora, com o peso, a dor suprimida, ela começou a tremer. E Murad, ao lado dele, ergueu a mão e gentilmente a pegou, seus dedos substituindo os de Vlad, que lentamente se abaixaram.

— Que arma — disse Murad, aproximando sua ponta da luz da tocha. — Acho que os mestres da espada de Toledo excedem até os damascenos nesta arte. — Olhou para Vlad ao lado da lâmina reluzente. — Quando um bei é feito comandante em meu exército, ele recebe um tug, para que seus homens sigam o rabo de seu cavalo até a vitória.

Mas vocês fazem as coisas de modo diferente em sua terra, não fazem? — Ele se virou. — Hamza? Quando um cavaleiro é nomeado na terra dos francos,* ele não se ajoelha e recebe a lâmina sobre seu corpo? *Denominação dada aos cristãos europeus no Oriente, especialmente no período das Cruzadas. (N. do E.) — Sim, sultão. Lemos isso nas grandes lendas de Kral Artus, a quem o príncipe chama de Arthur, não lemos? — É verdade. — Murad baixou a espada até que sua ponta tocasse o tapete, pousando suas mãos nos grandes guarda-mãos curvados. — Devo lhe dar seu comando da mesma maneira, filho do Dragão? Todos olharam para Vlad. Seus olhos verdes estavam baixos, tão imóveis quanto seu corpo. Ele não deu sinal de ter escutado. De súbito, todos se tornaram conscientes outra vez das amarrações da tenda e da corda dos arcos, E então Vlad se moveu. Caiu de joelhos, cabeça abaixada, pescoço exposto, braços abertos para o chão. Sua voz, quando saiu, era firme e forte: — Dê-me seu comando, ó Pilar do Mundo.

Empreste-me sua força, para que eu possa me vingar de meus inimigos.

Murad sorriu e ergueu a espada. Como Hamza dissera, ele conhecia as histórias dos cavaleiros, as três batidas da espada que honravam a Trindade Cristã. Portanto, pousou a lâmina da espada no ombro esquerdo de Vlad e disse: — Tome a minha força, Vlad Drácula, príncipe da Valáquia. — Levantou a espada e a abaixou sobre o outro ombro. — E eu o nomeio bei Kilic, por sua espada poderosa, e todos o conhecerão assim em nosso exército. — Levantou a espada outra vez, abaixando-a para pousar no cabelo escuro e volumoso. Mas, antes que pudesse falar as palavras finais da bênção, uma voz interrompeu: — Vlad! Vlad! Vlad se virou, o peso do aço ainda sobre sua cabeça. Na entrada da tenda estava Mehmet. À frente dele, com as mãos do Turco sobre seus ombros, estava Radu Drácula.

O garoto havia mudado no meio ano desde que Vlad o vira pela última vez. Tinha crescido, quase alcançava a altura do irmão. Seu cabelo castanho, que sempre caía solto sobre seus ombros, estava cacheado e oleoso à maneira grega. Estava vestido de forma muito parecida com a do homem que o segurava, com um extravagante colete de brocado vermelho, bordado a ouro, e o shalvari que envolvia suas pernas era de um azul-celeste profundo.

Havia algo mais nele, na maneira como se posicionava, a maneira como tolerava a mão pousada sobre si, tão facilmente quanto seu irmão mais velho suportava o metal sobre sua cabeça. No longo momento que durou aquele primeiro olhar, Vlad percebeu o que era. Como ambos os filhos do Dragão sobreviventes tinham sucumbido ao Turco. E, no momento de fazer um juramento a Murad, Vlad fez outro para si mesmo. Como ele e os seus nunca mais ficariam sem o poder.

Murad levantou a espada.

— Levante-se, bei Kilic.

Vlad levantou-se. Radu foi liberado. Quando havia chamado anteriormente, parecia que iria voar para os braços do irmão. Agora, avançou lentamente, braços estendidos.

— Irmão, você está bem? — disse, sua voz mudando do agudo ao grave.

Vlad tomou os braços estendidos pelos cotovelos e ambos se abraçaram.

— O suficiente, irmão.

Ainda segurando-o, virou-se para Murad.

— Grande Poderoso, posso pedir meu primeiro recruta? Seu sangue, como o meu, grita por vingança.

Ele sentiu Radu começar a tremer. Já devia saber havia algum tempo sobre sua família, enquanto Vlad aprendia suas lições no Tokat. Estaria mais pronto do que o próprio Vlad para agir.

Mas ele interpretara incorretamente a perturbação de Radu. O braço do irmão começou a se retrair e Vlad o segurou mais forte, tentando mantê-lo. Então viu, nos olhos tão parecidos com os seus, e também escutou nas vozes turcas, do pai e do filho.

— Ele fica comigo.

— Infelizmente, príncipe, precisamos ficar com um de vocês.

Ele deixou o braço de Radu escapar e observou-o voltar para o conforto de Mehmet, que não fazia nenhum esforço para esconder seu triunfo. Um Drácula cavalgaria à frente do exército turco. Um ficaria, ainda um refém... e algo mais. E, ao olhar para o sultão e seu herdeiro, ao olhar pela última vez para seu irmão, ele repetiu seu juramento em silêncio, mas em voz alta falou palavras diferentes: — Quando partimos?

Dezoito



Primeiro Reinado

Targoviste, dezembro de 1448, nove meses mais tarde

Ion Tremblac estava a vinte passos dos portões da Corte dos Príncipes em Targoviste, olhando a chuva. Ela caía a cântaros, e havia muito já transformara a capa do homem em um pedaço de lã encharcado. Ele estava no mesmo lugar quando a tempestade se aproximou, em nuvens que obliteraram as estrelas, no vento que primeiro era como uma carícia e depois como sopros que o fizeram oscilar. Quando a tempestade chegou, outros observadores fugiram aos poucos. Ele não poderia fazer o mesmo, até que toda a sua esperança terminasse. Se mantivesse sua vigília, testemunhasse tudo o que Deus lhe reservara, talvez o Todo-Poderoso fosse aplacado e enviasse o mensageiro.

Mas a Estrada do Oeste estava vazia. Nenhum homem de bom-senso passaria por ali esta noite. Só alguém com uma necessidade urgente e uma mensagem para entregar.

Trazendo esperança ou desespero.

Ion estendeu a mão, afastou o cacho ensopado de cabelo que caía sobre seus olhos e puxou-o para trás, um gesto tão natural para ele quanto respirar, e o motivo pelo qual mantinha o cabelo tão

comprido. Não era a marca de um criminoso que Ion trazia na testa, mas era uma marca e ele a odiava.

Ali! Uma brecha nas nuvens feita pelo vento rodopiante, um vislumbre a luz da lua, logo depois desaparecendo. Mas, sob o brilho momentâneo, ele viu um cavalo empinar, escutou um relincho de terror. O animal rodopiou em um círculo, depois avançou em direção ao portão. Ion, na emoção de ter sua prece atendida, teve somente um momento para sair do caminho. Só em frente ao portão o cavaleiro conseguiu comandar o animal enlouquecido. Por fim, o cavalo se acalmou e o cavaleiro se inclinou por sobre seu pescoço.

— Qual a notícia, amigo? — Ion avançou, pegando as rédeas frouxas, uma mão erguida para acariciar, acalmar.

— Só que é uma noite cruel, Ion. E que todos deveríamos estar em nossas camas.

Ele esperava um homem estranho. Estava duas vezes enganado.

— Ilona! — exclamou, estendendo a mão para ajudá-la a descer. Segurou-a com um braço enquanto ela se apoiava, exausta, nele, e gritou por um servo repetidas vezes até que um finalmente apareceu: um garoto de não mais que 10 anos. Entregando as rédeas, disse: — Cuide deste cavalo.

O garoto, com os ombros curvados contra a tempestade e olhos arregalados, pegou as rédeas e saiu. Envolvendo-a com seus braços, Ion caminhou praticamente carregando Ilona até um lugar protegido do portão.

— Você está encharcada, Ilona.

— Estranho — murmurou ela. — Não sei por quê.

Então ela riu. Aquela risada, escutada pela primeira vez através das treliças em Erdine um ano antes, nunca fora esquecida pelo homem que agora olhava seu rosto molhado, tão diferente do que ele vira pela primeira vez e instantaneamente amara, enquanto uma barça a levava para longe. Nenhuma pintura agora, nenhum

enfeite, estava cercado pelo cabelo de avelã que caía, ensopado e solto, sombreando os olhos da mesma cor. Como a risada, não era um rosto para se esquecer. Ion não o esquecera.

E suspeitava de que o homem no andar de cima, com todas as suas preocupações, tampouco esquecera.

— Venha — falou, tomando o braço dela —, precisamos encontrar roupas secas para você.

Ela resistiu ao puxão.

— Ele está aqui?

— Ilona...

— Está? — Sim. Mas não receberá você. Não quer receber ninguém a não ser os mensageiros.

— Ele me receberá — argumentou ela, avançando para os grandes portões de madeira. — Se você lhe disser que sou eu.

Ion não a seguiu.

— Ele está diferente, Ilona. Tanta coisa aconteceu com ele. Coisas sobre as quais não quer falar. E agora ele está esperando para saber se seu exército marchará com ele ou contra ele. Se ainda estará sentado no trono meia-noite, depois de ter sentado nele por menos de dois meses. — Deu um passo à frente, pegou a mão dela. — Espere um dia melhor.

— Esperei por dois meses para ser chamada — retrucou ela. — Dois meses com freiras, rezando e costurando, costurando e rezando. A vida de Deus — ela riu.

— Entendo por que não deveria cavalgar por uma terra em guerra, que meu príncipe tinha outras preocupações. Mas agora, de um jeito ou de outro, essa guerra pode estar acabando. Não há dia melhor para vir.

Ele tentou outra vez: — Suas roupas...

— Se ele não me receber, eu trocarei de roupa. Se ele me receber...

— Ela deu de ombros. — Bem.

Putá, ele pensou, passando por ela subitamente, abrindo com força as portas, que acertaram as paredes atrás. O que ele podia esperar? Havia resgatado uma concubina, não? O que era isso se não uma puta? Então ele diminuiu o passo, deixou-a alcançá-lo, embora não olhasse para ela, nem mesmo quando enganchou a mão sob o braço dele. Pois se lembrou de como toda a corte de Dracul tinha tentado corrompê-la, desde que o capitão a trouxera, um ano antes. O Dragão foi um; nomeou-a dama de companhia da própria esposa para mantê-la acessível.

Mas Ilona, gentil e firmemente, recusou tudo, do voivoda para baixo, até... Ion. Desesperado, ele até a pediu em casamento, uma grande honra para a filha de um curtidor, vinda do filho de um boiardo. Foi gentil e firmemente recusado. Ela estava esperando por um homem. Por uma noite. Esta.

Enquanto atravessavam o palácio, Ion tinha consciência de duas coisas: o vazio dos corredores, que deviam estar atulhados de soldados; e uma certeza crescendo dentro dele de que o homem que estava lá em cima estava para rejeitar tudo o que os outros haviam desejado. Ele não estava mentindo quando disse a ela que Vlad havia mudado.

Quando isso fosse provado, quando ela fosse rejeitada, Ion estaria esperando. De repente, cheio de esperança, ele começou a caminhar mais rapidamente.

Pelo menos ainda havia guardas do lado de fora da câmara, dois jovens nervosos, que apontaram suas alabardas assim que os dois dobraram a esquina.

— Sou eu — disse Ion.

As alabardas estavam levantadas.

— Passe, meu senhor.

Havia uma cadeira do lado da porta. Ion tomou a mão de Ilona, sentou-a ali.

— Espere aqui — ordenou. — Mantenham-na aqui — acrescentou para os guardas.

Então bateu à porta. Depois de um momento, escutou um grunhido vindo de dentro. Empurrou para abri-la e entrou, e estava prestes a fechá-la outra vez. Mas não o fez, deixou-a aberta.

Vlad estava de pé em frente à mesa, onde esteve a maior parte da noite, apoiando o peso nos punhos pousados a cada lado de um mapa. Havia muito já perdido a sensibilidade nos nós dos dedos, mas não os movia, oferecendo essa pequena dificuldade, esse pequeno sofrimento, junto com suas preces. Talvez a combinação pudesse conjurar um exército entre os contornos de tinta de seu reino, sua Valáquia, aberta à sua frente. Um exército que marcharia sob a bandeira do Dragão. Mas o único que ele continuava vendo, marchando vindo do oeste, era o exército de seu inimigo, seu primo, Vladislav do clã Danesti — unido agora com o seu, aquele que ele enviara para interceptá-lo.

O que ele havia feito? Como havia falhado? Dois meses antes, varrera Targoviste sob a mesma bandeira. Nem mesmo teve que desembainhar a Garra do Dragão. As pessoas enfileiraram-se nas ruas, dando vivas! Ajoelharam-se diante dele na Biserica Domneasca e lhe juraram fidelidade. Ele não havia sido coroado. O pretendente, Vladislav, ainda tinha a coroa, o círculo de ouro que o príncipe da Húngaro-Valáquia deveria usar. Mas seus nobres lhe disseram que ele a teria logo. O mais poderoso, Albued Mare, "o Grande", tinha jurado que a traria, com a cabeça de Vladislav ainda a usando, dentro de um mês. Vlad havia dispensado seus aliados turcos, pois o voivoda da Valáquia tinha que se erguer sozinho. Ficara em Targoviste para consolidar seu governo, despachando Albu e três quartos de seu exército para os desfiladeiros ocidentais.

Esse foi seu grande erro. Pois, embora Vladislav e seu protetor Hunyadi tivessem lutado e perdido para Murad em Kossovo Polje, o Campo dos Melros na Sérvia, dois meses antes,

Vlad não recebera nenhuma informação sobre a morte deles. Havia despachado Albu Cel Mare antes de saber se eles ainda estavam vivos. E ali, nos limites ocidentais de seu reino, Hunyadi tinha a fortaleza de Hunedoara. Para lá ele teria ido, seria lá que Cel Mare o teria encontrado — e Vladislav Dan, já não mais pretendente: rei outra vez. Se o homem cujas botas Vlad escutava agora não estivesse trazendo a notícia de que suas orações haviam sido atendidas.

— Meu príncipe.

Vlad ergueu os olhos, tentando encontrar um exército no rosto de Ion, assim como tentara ver um no mapa à sua frente. Novamente, não conseguiu.

— Qual é a notícia?

— Nada de novo.

— Mas escutei um cavalo. Quem chegou? Ou... — Sua voz caiu, tornando-se um suspiro. — Quem mais partiu?

— Alguém chegou. Ela...

— Ela? Quem?

— Ilona.

Vlad esfregou os olhos.

— Quem? — repetiu.

— A concubina.

Vlad olhou para baixo. Por um momento, foi só isso que fez. Então disse simplesmente: — Ah.

— Ela pediu para vê-lo. — Nenhuma resposta. Ion sentiu sua esperança crescer. — Ela veio cavalgando das Irmãs das Mercês, em Rucar, onde estava abrigada com sua madrasta. — Nada ainda. — Deseja vê-la?

Subitamente, Vlad se sentou. Ion viu as mãos inchadas e avermelhadas que agora cobriram seu rosto.

— Não — veio a voz abafada. — Não verei ninguém a não ser o mensageiro do... Não verei ninguém.

— Meu príncipe!

Seu grito veio da porta aberta, onde os dois guardas estavam tentando segurá-la.

— Eu disse para mantê-la fora daqui — disse Ion, dando um passo à frente, braços abertos. — O voivoda não receberá ninguém.

Um soldado passou sua alabarda para o outro, curvou-se e passou os dois braços pela cintura de Ilona. Ela gritou e lutou, fazendo o homem ofegar e apertar mais forte.

— Solte-a — disse Vlad, levantando-se.

— Eu cuidarei dela — disse Ion, desesperadamente, avançando. — Venha, Ilona...

— Eu disse: solte-a — rugiu o Drácula de repente —, e saia.

— Mas, meu príncipe...

Ion não conseguiu terminar a frase. O aperto de Vlad em sua garganta o impediu. Ele segurava o homem mais alto, que se mantinha nas pontas dos pés, os dedos do Drácula como barras de aço enfiadas em sua pele.

— Enquanto eu ainda for o voivoda, não serei questionado, apenas obedecido. Faça-o, ou deserte como os outros, não me importa. E retorne apenas se um mensageiro vier do oeste, ou se meus inimigos o fizerem.

Com isso, ele curvou os joelhos e lançou Ion de costas na direção dos guardas. O que segurava Ilona a soltou, fazendo-o cair no chão. Então os três saíram aos tropeções, fechando a porta às suas costas.

Vlad voltou para a mesa, sentou-se e olhou outra vez para o mapa a sua frente. Ilona, ainda no chão, olhou-o e, por um momento, não falou; não conseguiu: tudo que havia planejado dizer foi esquecido depois de vê-lo. Ion estava certo. Embora ela o tivesse examinado apenas uma vez, naquele momento em Erdine, antes de a barca flutuar para longe, podia ver que ele havia mudado. A maneira como se portava. O seu porte. O rapaz desaparecera; ou

então, ela compreendeu em um instante, o rapaz fora levado embora.

— Príncipe — murmurou, por fim.

Ele começou, erguendo uma das mãos como se para repeli-la.

— Esqueci que você estava lá.

— Então, foi diferente para mim — respondeu Ilona, levantando-se.

— Desde que você me ofereceu uma escolha em Erdine, não houve um único momento de qualquer dia que eu tenha esquecido você.

Ela se moveu na direção dele e Vlad viu que ela se aproximava, mas o príncipe não tinha nenhuma expressão em seus grandes olhos verdes. Quando parou ao lado dele, Ilona olhou do rosto dele para o mapa.

— Está tudo perdido? — perguntou.

Ele passou os dedos pelos contornos do seu reino.

— Sim — respondeu suavemente, erguendo depois os olhos para ela. — Você é a primeira pessoa para quem admito isso. Antes mesmo de tê-lo admitido a mim mesmo. Por quê? — Talvez porque contar a alguém seria dar a outrem uma arma contra você. Mas eu não tenho poder, portanto uma arma é inútil para mim.

— Talvez. — Ele abaixou os olhos outra vez. — Você conhece Albu Cel Mare? Ela assentiu, estremecendo, lembrando do homem enorme e devasso que deixara marcas em sua coxa sob a mesa do Dragão, com a esposa sentada do outro lado.

— Tenho quase certeza de que ele foi um dos responsáveis pelo assassinato de meu pai — Vlad continuou —, e por enterrar vivo meu irmão mais velho em algum lugar que fui incapaz de descobrir.

— E mesmo assim você lhe deu seu exército?

— Não tive muita escolha. Os boiardos ficam do lado de quem mais lhes oferece. Pensei que lhe havia oferecido o suficiente,

portanto aceitei seu beijo de paz, embora queimasse meu rosto como o beijo de Judas deve ter queimado o do nosso Salvador. — Ele ergueu a mão para o próprio rosto. — E ele me disse o que eu precisava escutar, que traria a cabeça do meu primo em uma estaca. — Vlad estremeceu. — Enquanto isso, a cabeça de meu pai está perdida em algum campo, servindo de comida para cachorros. Os cachorros gostam dele.

Ele cobriu o rosto com as mãos. Depois de um momento, ela as tomou, colocando a ponta dos dedos na testa dele, movendo-os por entre o cabelo negro e volumoso.

Sentindo-os, ele pensou em Tokat, no toque dela na cela, o breve alívio de uma delicadeza imaginada. A realidade desse toque era diferente. Não... era delicado.

Ele pegou a mão dela, puxou-a de leve, ela se curvou... e a água correu de sua cabeça para a dele.

— Senhora — ele exclamou —, está ensopada.

— Acontece quando se cavalga na chuva.

— Temos que encontrar roupas secas para você. Venha...

Ele se virou em direção à porta, enquanto ela deixara cair os dedos até tocarem a boca de Vlad.

— Não preciso de outras roupas, meu príncipe. Só preciso tirar estas.

Trocaram olhares e o sentimento do momento anterior retornou, redobrado. Pressionou os lábios contra os dedos dela, expirando, e ela deslizou-os sobre aqueles lábios, apertando o inferior. Ele se curvou, pegou Ilona no colo, ela envolveu o pescoço dele com os braços.

— Tem uma lareira aqui — falou Vlad. — Vai aquecê-la.

— Sim — ela riu —, mas suspeito de que você me aquecerá mais.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou, sorrindo, enquanto a carregava em direção à lareira.

— Você me perguntou isso antes, em Erdine. Estou um ano mais velha do que era na época, portanto, 17. A mesma idade que você.

— Bom — ele retrucou, seus olhos escurecendo — se a experiência nos envelhece, então sou mais velho do que contam meus anos.

— Então somos um par, meu príncipe — respondeu Ilona, estendendo a mão para o cinto na túnica dele —, pois eu também tenho experiência.

Seus olhos se abriram.

— Quanta experiência?

Ela riu.

— Só em algumas maneiras do mundo. Mas não em... amor, exceto em relação ao que se aprende na escola. Você evitou isso quando me roubou, lembra? — Ela removeu o cinto, deixando-o cair no chão. — E você? A escuridão veio outra vez, depois desapareceu quando ele sorriu.

Ela percebeu que era uma coisa rara, e que valera a pena esperar.

— Então somos um par, realmente, senhora — respondeu, tirando a capa encharcada dos ombros dela.

E ele a beijou, com força, o beijo de um homem jovem. E ela, que aprendera as mil maneiras de agradar um sultão, imediatamente se esqueceu de quase todas elas. Quase todas. Pois, na casa da Rua Rahiq, ela fora alertada sobre a urgência dos desejos de um jovem, a pressa de realização. Haviam-lhe dito que muitos homens ficavam tristes depois disso, e ela já havia visto tristeza o bastante nos olhos de seu príncipe para saber que, quando o pesar retornasse, o faria voltar para sua causa — para a família a ser vingada, para um trono recebido e perdido. Mas, por enquanto, ela o manteria ali, na frente da lareira...

— Devagar, Vlad — sussurrou, seus lábios na orelha dele. Sentiu-o tenso, e se perguntou se falar havia sido um equívoco. E então, sentindo o corpo dele relaxar, voltou o rosto em sua direção.

Ele estava sorrindo outra vez.

— Como minha estrela ordenar — disse.

Obedecendo, ele a despiu tão lentamente quanto ela a ele, rindo juntos quando a blusa ensopada grudou no rosto dela, sufocando-a. No momento em que conseguiu tirá-la, no entanto, o riso tinha desaparecido. E ela viu algo mais à luz das chamas, algo que nunca vira antes nos olhos de um homem. Não luxúria, que já vira mais do que o suficiente. Desejo — desejo puro.

— Oh, Ilona — murmurou, estendendo a mão. No entanto, era ela que se movia rápido agora, deslizando sobre ele, pressionando seu corpo contra a pele firme, cada músculo treinado e condicionado para a luta; e ela já não era a criança abandonada que havia sido quando fora uma escolhida do sultão. Era uma mulher agora, e eles combinaram ao se unirem, o macio e o duro, a seda e o aço.

O seco e o úmido. Ele moveu a boca sobre o corpo dela, sua língua em círculos, nos seios, na barriga, descendo por entre suas coxas. E ali parou, respirando profundamente, olhos abertos. Erguendo-os, olhando, murmurou uma palavra: — Santuário.

— Seu — sussurrou ela.

Ele então se ergueu e suas bocas se encontraram. Unidos ali, ela foi erguida e envolveu os quadris dele com as pernas. Ele deu dois passos até a parede ao lado da lareira, pressionando-a contra a tapeçaria. Preparou-se, pairando como um falcão, no momento antes de cair. Até que ela estendeu a mão, pegou-o, conduziu-o. E, quando ele se afundou dentro dela, mais lentamente do que qualquer ave caindo na caçada, ela arfou, com a pequena dor, com a delícia, a pressão, a entrega. Ele continuou, devagar, e quando parou, quando ela o tinha, todo ele, apertou as pernas e o puxou ainda mais fundo.

Eles pararam por um momento, sem se mover, com os olhos abertos. Então, começaram a se mexer, não podiam parar, e tudo se tornou um borrão, um frenesi, tudo que ela aprendera foi esquecido. De repente, ele a afastou da parede e ela teve de se segurar firme em seu pescoço, enquanto ele os levava para trás, deitando-a na mesa.

Ela segurou a cabeça dele enquanto ele a erguia para lambe seus seios outra vez, circulando seus quadris pressionados contra ele.

Apenas sonhara com isso antes, nunca havia experimentado. Uma parte dele, uma pequena parte, estava separada, maravilhando-se, acima da rendição de sua carne. Então, ele foi trazido de volta abruptamente, quando de repente ela se inclinou, girando os quadris, fazendo-o gritar de choque e um pouco de dor. Eles se separaram e ele a viu deslizar à sua frente, abaixando os seios sobre o mapa.

Ela olhou por sobre os ombros, sorrindo.

— Venha — convidou.

E ele não estava lá. Outra memória, outro toque — outra pessoa, elevando-se assim. As chamas moviam-se, lançando suas sombras unidas contra os tecidos. De lona, não tapeçaria...

Ela estava esperando deleite nos olhos verdes. Viu outra coisa — aquela escuridão de volta, redobrada. Então, antes que essa escuridão o engolissem, ela virou-se novamente e puxou-o com força, fazendo-o deslizar para dentro dela outra vez.

— Agora, Vlad — sussurrou, mordendo sua orelha. — Agora.

A escuridão desapareceu. Houve momentos nos quais ela sabia que ele estava obedecendo, tomando cuidado. Não queria nada disso agora.

Nem ele.

Dezenove



O fugitivo

Ela estava certa sobre a tristeza.

Mais tarde, deitados com os corpos ainda quentes sobre os tapetes do vale Olt, tecidos tão maravilhosamente com flores que eles pareciam estar deitados às margens de um rio e não em frente a uma lareira, ela sentiu o corpo que abraçava mudar, reverter ao que ela sabia que devia ser seu jeito normal, aquela tensão rígida. Podia senti-lo se preparando para levantar, e o segurou ainda mais apertado.

— Vlad — sussurrou. — Príncipe. O que você fará agora?

— Colocarei minha armadura. Juntarei os poucos que ainda me seguem. Morrerei com a espada de meu pai na mão. — Ele falou friamente, tentando levantar-se uma vez mais.

De novo, ela não deixou.

— Esta é a única escolha?

— Não vejo outra. Não fugirei para os turcos outra vez, para ver Mehmet excitado com sua parte dos espólios de Kossovo, com as mãos sobre meu irmão... — Ele parou, ergueu-se, enrolou um manto sobre si mesmo e caiu em sua cadeira.

Ilona pegou a túnica dele e vestiu-a por sobre sua cabeça, desfrutando seu perfume. Aproximou-se de Vlad, levantou o longo cabelo para um lado e colocou suas mãos sobre o pescoço dele.

— E você não pode fazer a paz com Vladislav? Vocês são parentes, não são?

— Primos. Mas o clã Danesti odeia os Draculesti, e sempre odiou. Nós também os odiamos. — Ele apertou os braços de sua cadeira. — E só um de nós pode ter o trono.

A raiva veio, assim como a tristeza.

— O trono não vale a sua vida.

— Ele é do meu pai. Meu agora. Meu primo deve tomá-lo, mas antes precisa me matar, a menos que eu consiga matá-lo primeiro.

— Príncipe... — Ela parou diante dele e se ajoelhou, de modo poder olhar nos olhos de Vlad, que evitavam os dela. — Ele não lhe dará chance de fazê-lo. O Cavaleiro Branco, Hunyadi, o apoia com todo o seu poder. Vladislav tem seu próprio exército, e provavelmente agora o seu também, com Albu Cel Mare à frente. Todos os outros boiardos se unirão a ele.

— Sim. Chacais atrás da carniça.

— Então, não é vitória o que você procura. Só o martírio. Ele olhou para ela.

— Você está me questionando?

— Perdão, meu senhor — falou, abaixando os olhos. — Mas quando sua história for contada depois que você morrer, quer que seja a história de um asno ou de um leão? — Ela não ousou erguer os olhos, apenas escutou o repentino arfar da respiração acima. Então, continuou enquanto podia: — Um leão esperaria o momento propício, reuniria suas forças, esperaria pela hora em que os chacais caíssem sobre outra carniça, e então atacaria.

Ela fora longe demais. Soube disso pelos sons emergindo da garganta contraída acima dela, a fúria prestes a se abater sobre sua cabeça. E então reconheceu o som e ergueu os olhos para ver Vlad rindo, seu rosto se fragmentando em linhas tão pouco usadas.

— Bom, Estrela da minha noite — falou. — Acho que talvez tenha sido Mehmet que salvei e não você, se esse for o jeito como você fala com príncipes. Um asno, é? — Ele ergueu-se rapidamente, bateu o dedo contra o mapa. — Ali, no noroeste. Moldávia, onde Bogdan, meu tio, governa. Ali posso ter abrigo... — ele se virou para ela — até os chacais se virarem de novo uns contra os outros.

Então, ambos escutaram o bater dos cascos nas pedras da pavimentação. Vlad foi até a lareira, pegando a arma apoiada ali.

— Se for meu inimigo, morrerei com ela, a Garra do Dragão, em minhas mãos. — Ele baixou a espada ao seu alcance. — Se for um mensageiro, confirmando o que já suspeito ser verdade, então irei para a corte do meu tio... e para outra chance.

Enquanto falava, ele já estava se vestindo e incitando-a fazer o mesmo. Ela começou a tirar a túnica dele, mas ele a impediu.

— Será mais fácil para você se vestir como homem, pois apenas a tempestade e São Cristóvão a protegeram na estrada esta noite. — Ele foi até uma arca e a abriu. — Aqui há mais roupas minhas.

Ambos se vestiram, tão rapidamente quanto haviam se despido. Estavam amarrando as botas quando escutaram passos correndo pelo corredor, seguidos por batidas na porta.

— Fique atrás de mim — disse Vlad, então desembainhou a grande espada. — Entre — gritou.

Ion entrou apressado, e parou ao vê-los.

— Meus inimigos vieram? — Vlad perguntou.

— Não, príncipe. Mas um mensageiro leal chegou. Ele diz que Albu Cel Mare se uniu aos Danesti e que estão marchando para Targoviste. Estarão aqui antes do alvorecer.

— Então.

Ion olhou para Vlad, depois para a mulher que ambos amavam. Viu que estavam diferentes, os dois. A maneira como se portavam. Sem se tocar. Sem manter distância.

Ele balançou a cabeça e respirou fundo.

— Vamos lutar?

— Você e eu contra um exército, Ion?

— Uma morte de herói.

— Não — Vlad retrucou, olhando para Ilona. — De asno. — Ele a fez seguir em frente. — Os vitoriosos de hoje contarão esta história, e não farão de minha morte a de um herói. — Olhou para Ion. — Você levaria Ilona de volta para o convento, para minha madrastra? E depois me seguiria? — Para onde? — Para meu tio, na Moldávia.

Ion deu de ombros.

— Você pede, Príncipe. Mas só precisa ordenar.

Vlad balançou a cabeça.

— Ao alvorecer, já não serei um príncipe, mas sim um fugitivo na estrada. — Estendeu a mão para a garganta do amigo, tocou-o ali na marca que seu aperto anterior deixara. — Uma estrada que provavelmente terminará em alguma viela, sob a faca de um assassino. E já que não mais serei um príncipe, não posso lhe ordenar tal vida, Ion. — Ele sorriu. — Mas, como amigo, posso pedir.

Ion estendeu sua mão e pegou a dele.

— Sou seu, Vlad, como sempre.

— Ótimo. — Vlad apertou brevemente a mão de Ion, depois colocou a de Ilona nela. — Agora, vão.

— Espere! — exclamou Ilona, que se retraía, resistindo. — É porque sou mulher, e fraca, que não posso compartilhar essa estrada também?

— Não — retrucou Vlad —, é porque amo você e, se meus inimigos souberem disso, eles a usarão para me atingir. Eu morreria em algum quarto em uma taverna, em alguma viela, tentando proteger você. Por agora, só posso proteger a mim mesmo.

— Bom, então — ela disse com leveza, afastando-se. — Esperarei no convento e rezarei todo dia por seu retorno seguro.

Ele pegou a mão dela.

— Não espere, Ilona. Se sobreviver, só retornarei quando estiver suficientemente forte para retomar meu trono, e mantê-lo. — Ele apertou a mão dela.

— Isso pode levar anos.

— Então esperarei anos. — Ela sorriu. — É a vantagem de servir uma senhora que mora em um convento. — Olhou para os dois homens, — Nenhuma tentação. — Pegando a mão dele, ela a beijou e, sem outra palavra, caminhou em direção à porta.

— Cuide da segurança dela, Ion — disse Vlad. — E depois me alcance na corte do meu tio, ou na estrada.

— Meu príncipe.

Enquanto os passos de Ion se afastavam, Vlad juntou algumas roupas, embrulhando-as em um dos tapetes onde havia se deitado. Vestiu a capa, pegou sua espada e passou pelos corredores desertos, reparando que os últimos guardas haviam fugido. Esperando nas sombras do pórtico, viu Ion e Dona tomarem os cavalos. Então foi até os estábulos.

Kalafat estava lá, limpa e alimentada. Sacudiu a cabeça para cima e para baixo, contente ao vê-lo. Além dos soldados, ela fora o único obséquio que pedira a Murad.

Alisou sua crina dourada, depois a selou ele mesmo. Para Vlad, todos os cavaliários tinham partido, mas então um garoto, de não mais que 10 anos, apareceu com lágrimas nos olhos e algo enrolado em seus braços.

— O outro homem disse para lhe dar isso, senhor — falou, antes de largá-lo nos braços de Vlad e correr.

Ao levantar um canto do tecido escuro, Vlad viu o brilho da prata, curvada em uma garra de Dragão. Era a bandeira de seu pai, agora dele, e balançara sobre o palácio por apenas dois meses.

Vlad ajoelhou-se. E ali, na palha do chão dos estábulos, fez um juramento: — Por Deus Todo-Poderoso, a quem venero. Por meu pai, a quem amei em vida e reverencio na morte. Por Valáquia, minha terra, que merece mais do que ser governada por chacais que lutam pelos restos jogados a eles pelos turcos e húngaros. Por tudo isso, e pelo sangue dos Draculesti, juro: eu voltarei.

Então ele montou Kalafat. Em um segundo, a égua turcomana disparou dentro da noite de chuva grossa, levando seu cavaleiro e a si mesma a um destino desconhecido.

Parte dois

O Empalador

"Concluo que, já que alguns homens amam como lhes apetece mas temem quando apetece ao príncipe, que um príncipe sábio deve contar com o que pode controlar, não com o que não pode controlar."

NICOLAU MAQUIAVEL, O príncipe

Vinte



Os anos de deserto

Castelo Poenari, 1481

No salão do castelo era a mulher que estivera falando mais. Ainda havia atração em sua voz, e o que antes havia atraído príncipes se somava ao arrebatamento da história.

As penas dos escribas registravam as palavras, o relato simples; mas a história se expandia nas mentes tanto dos que contavam quanto dos que a escutavam. Dentro deles, cada um tecia para si mesmo uma versão levemente diferente dos relatos, de acordo com suas necessidades e desejos.

Todos tinham ficado espantados quando finalmente o eremita falou. Ele comentara pouca coisa antes. Mas parecia que Vlad não contara a mais ninguém sobre seu tempo em Tokat; e, embora os dois mais próximos dele tivessem lido, nas sombras em seus olhos, os horrores que lhe haviam sido infligidos ali, ninguém sabia o que havia acontecido — até agora. E lágrimas caíram enquanto escutavam.

No entanto, assim como cada um refez a história à sua própria maneira, cada um deles também tinha seus próprios motivos para ouvir. E, ao terminar o primeiro e breve reinado de Drácula,

esticavam as pernas contra as câimbras e recordavam que motivos eram esses.

Ion acabara de proclamar o juramento de Vlad sobre seu retorno. Tomando-o como um sinal, Horvathy se levantou e foi até a mesa. Com um gemido de dor, ao pisar com seus pés inchados, o cardeal o seguiu.

Petru fez um sinal para seu ajudante levar água e comida aos confessionários, depois se juntou aos outros à mesa.

— É tudo verdade? — perguntou.

O conde virou-se para ele.

— O que, em especial, spatar? — perguntou, com a boca cheia de pão e queijo de cabra.

Petru fez um gesto irritado para os três confessionários.

— Que Drácula chegou ao poder por capricho dos Infiéis? Que ele reinou... mas não fez uma matança? Horvathy resmungou: — Ele reinou por apenas dois meses, naquela primeira vez. É preciso tempo para organizar um massacre.

— Mas os turcos? — Todos nós fizemos arranjos com os turcos, jovem. — O cardeal tomou um grande gole de vinho. Estava apreciando-o mais agora. Não era o veludo produzido perto de sua casa, em Urbino, claro. Mas sua aspereza de alguma maneira combinava com o cenário e a história, que começava a in-trigá-lo. — O que diziam aqueles da Igreja grega em Constantinopla, depois de sua queda? "Melhor um turbante na Hagia Sophia do que uma mitra?" — Lambeu os lábios. — Bem, eles tiveram seu desejo satisfeito. Pois o que alguns chamam de a maior catedral do mundo agora é uma mesquita, a Aya Sofya Camii.

— Suspirou. — O problema com o poder cristão é que em geral odiamos um ao outro pelo menos tanto quanto odiamos os maometanos. O que Vlad disse no campo de azagaia é verdade: podemos nos unir e tomar Jerusalém; porém jamais conseguimos ficar juntos por tempo suficiente para mantê-la. — Fez uma pausa,

bebeu outra vez, e então continuou: — Sempre precisamos de algo especial para nos unir.

O conde estudou o sacerdote, procurando esperanças em suas palavras — pela causa do Dragão, pela redenção de sua própria alma. Era por isso que estavam aqui, para persuadir esse homem, que então poderia persuadir o papa.

— Talvez o Dragão, Eminência? — sussurrou, inclinando-se. Grimani ergueu os olhos.

— Mas como Drácula passou dessa marionete — Petru interrompeu abruptamente, mastigando salsicha —, esse catamito dos turcos — ele cuspiu a palavra—, ao empalador lendário?

— Se você conseguir ficar em silêncio, spatar — retrucou o conde, furioso —, acredito que seja isso o que estamos prestes a saber. — Mas quando Grimani nada falou, apenas continuou enfiando mais queijo na boca, Horvathy suspirou e continuou, impaciente: — Mas deixe-me pelo menos preencher alguns detalhes, para registro, para que não vivamos cada dia de cada ano da vida de Drácula no deserto.

Secando seu cálice de vinho, ele o colocou sobre a mesa e retornou a sua cadeira. O cardeal o seguiu, coçando a cabeça.

— No deserto? Eu pensei que ele havia fugido para o tio? Horvathy virou-se para os confessorários e ergueu a voz: — Para registro — anunciou, fazendo os escribas começarem a escrever. — O tio de Drácula, príncipe Bogdan da Moldávia, foi assassinado por um irmão três anos depois da chegada de Drácula em sua corte, em 1451. Vlad fugiu de novo, desta vez com o primo, filho de Bogdan, Stephen.

O spatar sorriu. Finalmente, alguém sobre quem não poderia haver nenhuma dúvida.

— Stephen Cel Mare. — Ele virou-se para o cardeal. — Significa "o Grande", Eminência. E ele o é. O Martelo dos Turcos, o maior dos heróis cristãos.

— Ah, é mesmo? — O conde franziu a testa. — Ou apenas outro pragmático? Pois ele também negociou com os turcos quando quis roubar terras de seus companheiros cristãos. Eu lutei ao lado dele, contra ele... bem! — Ele deu de ombros. — Mas, em 1415, ele era apenas mais um pretendente, procurado, e com uma bolsa de ouro à espera do homem que conseguisse trazer sua cabeça de volta à Moldávia. Assim como Vlad, acompanhado, presumo, pelo homem que está sentado à nossa frente. — Olhou brevemente para o confessor de Ion, depois ergueu de novo a voz para os escribas.

— Os fugitivos vagaram desesperados, quase sem dinheiro, vigiando as costas um do outro contra a faca dos assassinos. Aprenderam a dormir com um olho aberto.

Petru mexeu-se em sua cadeira.

— Mas ele voltou. Retomou o trono, como havia jurado.

— Sim. E dessa vez também havia aprendido a mantê-lo.

— Como?

Horvathy olhou para o homem mais jovem.

— Por acaso se lembra do que aconteceu em 1453? — perguntou, a voz cheia de sarcasmo.

O spatar notou o tom.

— Claro — disse. — A queda de Constantinopla.

— Muito bem! Sim, Murad havia morrido, de apoplexia, depois de um surto de bebedeira, dizem, e Mehmet voltara a ser sultão. Estava livre para perseguir seu sonho de ser o próximo Alexandre, o novo César. Ele se preparou correta e longamente, reuniu um exército poderoso, trouxe o melhor armeiro do mundo, que construiu o maior canhão jamais visto...

— Húngaro, não era, conde Horvathy? — interrompeu o cardeal, calmo.

— Sim — veio a resposta. — E o canhão foi forjado pelos germanos, do outro lado da fronteira aqui em Sibiu, enquanto os sérvios enviavam mineiros para cavar por sob os muros de

Constantinopla, que os valaquianos escalaram ao ritmo do tambor kos... e o papa não enviou nenhum navio, nem uma companhia de soldados para defendê-los. Mas qual exatamente é a questão?

— Ah, nenhuma. — O cardeal sorriu e sentou-se de novo. — Por favor, continue seu admirável resumo.

O conde resmungou, mas continuou: — Não há muito mais a contar sobre a cidade lendária. Mehmet a sitiou, no final derrubou seus muros com seu canhão, atacou-a e saqueou-a. A Roma do Oriente caiu. E os líderes cristãos, que haviam lavado as mãos quando não estavam sentados sobre elas, compreenderam que um Alexandre não para em uma cidade, por mais fabulosa que ela seja. Ele precisa conquistar o mundo. E que, se não pusessem de lado suas brigas e se unissem, Mehmet acabaria com todos, um a um. — Ele umedeceu os lábios secos com a língua. — Era tempo de todos os que odiavam o Turco se unirem.

Petru inclinou-se para a frente, animado agora.

— E ninguém odiava Mehmet mais do que Vlad Drácula.

— Sim. Enquanto isso, o homem que havia usurpado o trono da Valáquia, Vladislav dos Danesti, havia se desentendido com seu mentor, Hunyadi, e estava agora assinando tratados com o Infel. Então o Cavaleiro Branco precisava de um novo protegido. Precisava de Drácula.

— Mas... mas... — gaguejou o spatar. — Hunyadi tinha assassinado o pai e o irmão de Drácula... — Quase certamente.

— Devo dizer — murmurou o cardeal — que vocês dos Bálcãs mostram uma... flexibilidade em seus negócios que não deixaria por menos para qualquer corte na Itália.

Ignorando-o, Horvathy continuou: — Então, Drácula jurou inimizade ao Turco e amizade eterna a Hunyadi e seu Senhor suserano; meu próprio soberano, o Bastião da Cristandade, rei da Hungria.

Com esses homens apoiando-o, providenciando ouro e soldados, em 1456 Vlad estava pronto para tentar retomar seu trono. E com os chacais da Valáquia se desentendendo outra vez sobre restos... Bem, não sei esses detalhes. Estava apenas economizando algum tempo. — Ele se inclinou para os confessionários, olhou para cada um. — Quem gostaria de falar agora sobre os acontecimentos de 1456? Não foi preciso que o conde elevasse a voz para os escribas compreenderem sua deixa. Eles guardaram a pena com a tinta azul e esperaram para escutar de quem seria a voz que viria, que cor deveriam usar.

As três testemunhas haviam comido, bebido, se preparado. Não tinha sido fácil reviver o que fora difícil viver uma vez. Cada um também sabia que, se não tinha sido fácil, só poderia ficar ainda mais difícil. Mesmo assim, cada um, a sua própria maneira, estava pronto.

O turbilhão na mente de Ion diminuiu sua velocidade outra vez. 1456! Foi o seu tempo. O deles. Um tempo durante o qual ele e Vlad fizeram tudo o que haviam sonhado fazer durante os anos no deserto. Ambos com 25 anos de idade, com corpos endurecidos pelo sofrimento e treinamento de guerra. Portanto, nesse momento, inclinou-se à frente, ansioso, enquanto sua mente retornava a um dia de julho, quando lutara a primeira vez em batalk. e quando um cometa incendiava os céus da Valáquia.

— Eu falarei sobre isso — sussurrou. — Eu falarei.
Tinta preta começou a rabiscar o pergaminho.

Vinte e um



O cometa

Julho de 1456 — oito anos após o início do exílio de Drácula

Vlad encontrou a fraqueza que estava procurando, tanto no homem quanto em sua armadura. Ajoelhando-se, de súbito, sobre o joelho esquerdo, ele torceu a mão com a adaga do homem para baixo, desequilibrando-o. Ao mesmo tempo, arremessou a mão livre, erguendo sua própria adaga e enfiando-a no leve rasgão que percebera na cota, na garganta do homem. Os rebites cederam pela força do aço temperado. A carne foi ainda menos resistente.

O homem tentou gritar, mas sua voz se perdeu em sangue. Vlad, levantando-se, segurou-o tão perto de si que pôde ver os olhos aterrorizados pelo visor estreito.

Então olhou para além deles, virando o corpo ora para um lado, ora para o outro, como um escudo contra seus inimigos. Ele fora ensinado que, enquanto você está se parabenizando pela sua vitória, seus inimigos estão prestes a matá-lo. Como esta era a sua primeira batalha, ele não ia discutir sobre isso.

No entanto, por trás do homem morto, seus camaradas fugiam. Fizeram a escolha como se fossem um só, parecendo um

bando de pássaros virando de repente no ar. Ninguém ordenou; todos compreenderam, correram, fugiram.

Ele olhou outra vez pelo visor, viu a luz ir embora. O homem ficou instantaneamente pesado com a morte. Vlad deixou-o cair, deu um passo para trás, adaga a postos — mas não era necessária. Os inimigos desciam pela suave ladeira correndo, passando ao largo ou sobre os corpos que enchiam o vale nas três horas em que vinham lutando, e subiam a ladeira oposta, igualmente suave. Os mais rápidos chegavam até os camaradas daquele lado em quarenta batidas do coração.

Não era apenas o sangue em seus olhos. Estava ficando mais difícil distinguir os indivíduos do outro lado do pequeno vale. Logo seria noite.

Ele olhou com firmeza para o noroeste... e ali estava. Pelo céu incendiado, descendo em direção à terra, o cometa de rabo duplo queimava, como fizera toda noite desde que seu exército primeiro avançou pelos desfiladeiros da Transilvânia. Seus homens o haviam saudado como um Dragão, um sinal seguro de que sua causa era santa. No entanto, Vlad estava certo de que seu primo, Vladislav do clã Danesti, no meio do seu exército no monte oposto, pensava exatamente o mesmo.

— Príncipe? Vlad virou-se em direção à voz. Agrupados atrás dele, como sempre, estavam seus companheiros mais próximos: Negro Ilie, o enorme transilvano, contratado nos anos de fugitivo como seu guarda-costas, embora durante a maior parte desse tempo recebesse seu salário em vinho e comida e, com frequência, muito pouco dos dois; Gregor Risada, seu rosto agora coberto de sangue, mas ainda aberto em seu sorriso desdentado permanente; e Stoica, o Silencioso, servo pessoal de Vlad, um mudo que não precisava de voz para atender a toda necessidade de seu senhor. Todos usavam armaduras descombinadas, mas pelo menos eram pretas — como a do príncipe.

Foi Ilie quem o chamara, a voz do homem trovejando de um rosto tão escuro que diziam que ele tinha o sangue da África em suas veias. Mas era Stoica quem segurava o que ele precisava: a Garra do Dragão, a espada do seu pai, derrubada quando um inimigo de alguma maneira se esgueirara entre sua guarda e precisou ser enfrentado com uma adaga. Ele a pegou e ergueu-a para colocar na bainha que usava sobre suas costas, todo o tempo procurando à sua volta pela pessoa de quem mais precisava.

— Onde está Ion?

— Aqui, príncipe.

Vlad franziu as sobrancelhas quando Ion se aproximou.

— Você está ferido. — Estendeu a mão e girou o rosto do amigo. Uma ferida do tamanho do indicador corria com a profundidade de uma unha, da mandíbula até o queixo.

— Fui descuidado — respondeu Ion. — Esqueci que um homem não está morto até estar morto.

— Se me permite a ousadia, jupan — disse Ilie —, você não está tão bonito quanto era.

— Que Cristo seja louvado — riu Gregor. — Talvez agora o restante de nós tenha alguma chance com as mulheres das tabernas.

Vlad não sorriu, seus olhos ainda em Ion.

— Eles fugiram. E nenhum de nossos homens os perseguiu?

— Não, senhor. Temo que a disposição para a luta os tenha abandonado.

— Ou o dinheiro — acrescentou Gregor.

Vlad olhou ao longo do espinhaço. Além de seus companheiros e de talvez quinhentos exilados valaquianos, o resto do seu exército, cerca de seis mil homens, era pago por seus financiadores para estar ali — os banqueiros de Brasov e Sibiu, o rei da Hungria e o Cavaleiro Branco, Janos Hunyadi, antigo inimigo de Vlad, agora seu aliado. Os homens lutavam por ouro, até mesmo

bravamente, mas apenas por um tempo. Muitos agora estavam tirando seus elmos, agachando-se no chão, bebendo vinho.

Vlad viu que Gregor estava certo — eles acreditavam que já haviam merecido o ouro que lhes fora pago.

Ion viu o desespero nos olhos de Vlad.

— Se é verdade para os nossos, também é verdade para os dele — disse, apontando para o outro lado do vale. — O mesmo número de mercenários nas fileiras dos Danesti sentirá que já fez o bastante pelo salário recebido. Eles não virão outra vez. — Ele se aproximou, abaixando a voz: — Podemos esperar até o cair da noite, e então escapulir e nos reagrupar nas montanhas.

Vlad estava olhando por sobre Ion, para o cometa, já mais brilhante nos poucos momentos em que estavam conversando. Sentiu como se tivesse cavalgado seu rabo duplo até o coração de sua terra. Ainda estava voando em direção a seus inimigos.

— Você está tão ansioso para ser outra vez um fugitivo? Pois, se nos retirarmos agora, se fizermos debandar essa força, é isso que seremos. E nossa chance talvez não venha mais.

— Mas talvez venha — insistiu Ion. — Enquanto aqui... — Fez um gesto para o campo, para os mortos.

Vlad voltou-se naquela direção, olhando para mais além do que para o estandarte da Águia Negra no monte oposto, ao sul. Ao contrário de Vlad, Vladislav nem uma vez deixou a sombra de seu estandarte para lutar; apenas enviou seus homens para a morte.

Seu olhar voltou-se para o monte menor que contornava o lado leste do vale. Outros estandartes flutuavam ali. Alguns dos boiardos da Valáquia lutavam por Danesti.

Poucos, exilados como ele, serviam nas fileiras dos Draculesti. Muitos, os mais importantes, simplesmente tinham observado daquele monte, sem tomar parte; comendo, bebendo, comentando. Divertindo-se com o espetáculo de dois primos em luta, e não se preocupando muito com o resultado. Quem

sobrevivesse, eles aceitariam como voivoda — até um outro líder, mais generoso, aparecer.

— Minha vista está borrada — disse Vlad, erguendo a mão, limpando o suor dos olhos. — Quem ainda está lá em cima? Gregor seguiu a mão que apontava.

— Albu, o Porco... perdão, "o Grande", Codrea, Gales, Udriste...

— Todos os mais poderosos, príncipe — interrompeu Ion. — Esperando, observando, sem se moverem...

— Esperem — disse o Negro Ilie. — Vejam quem está mexendo o bundão gordo! Vlad olhou. Cavalos estavam descendo a ladeira. Um cavaleiro levava a bandeira com a cabeça de urso de Albu Cel Mare. Outro, um pano branco.

— Estão pedindo para parlamentar — disse Ion.

— Às armas — gritou Vlad —, em caso de traição.

Seus companheiros e alguns outros responderam. A maioria o ignorou. O esquadrão, cerca de vinte homens fortes, atravessou o vale e subiu a ladeira em instantes, parando então a dez passos deles. No meio dos cavaleiros, sob as duas bandeiras, estava um homem enorme, montado em um cavalo de guerra igualmente enorme. Ele levantou seu elmo.

— O próprio Albu Cel Mare — cuspiu Ion. — O homem que tomou seu exército e desertou oito anos atrás.

— Não acho que mencionarei isso agora — murmurou Vlad. O grande homem controlou sua rédea.

— Quem de vocês é o garoto Drácula? — gritou. — Não o vejo desde que ele era um filhote franzino.

— Aqui estou — disse Vlad, dando um passo à frente.

— Hmmm — grunhiu Albu, depois virou-se de lado para um companheiro e, com uma voz não muito baixa, disse: — Não cresceu muito, hein? — Então se virou outra vez. — Jupan Drácula — disse,

dirigindo-se a ele como apenas "senhor" —, parece que este dia termina em um empate.

— O dia ainda não terminou, jupan Albu. Por que não se unir a mim para terminá-lo? — Curioso — riu o homem montado —, mas isso foi exatamente o que seu primo me pediu também. — Ele se inclinou. — E eu lhe disse o que agora digo a você: é muito difícil escolher entre a prole da linhagem de Mircea, o Grande. Por que deveria favorecer alguém até que um de vocês se prove?

— Isso não é prova suficiente? — Vlad apontou para os corpos atrás dos cavaleiros.

Albu nem sequer se virou.

— Mercenários mortos? Não. — Suspirou. — Mas a guerra não é boa para a nossa terra, ou nossos cofres. Precisamos de um voivoda que tenha se provado forte o suficiente para manter o trono.

— Por que não você, Albu Cel Mare? — disse Vlad, suavemente.

— Você sabe, todos me perguntam isso. — Ele coçou o queixo.

— Muitas responsabilidades. Muitas... reuniões. Prefiro aconselhar, influenciar...

— Ficar nas suas terras e enrabar ovelhas — murmurou Gregor.

Ilie riu. Albu escutou a risada, não as palavras, mas seu rosto se endureceu de qualquer maneira.

— Então, qual de vocês é o mais forte? Drácula ou Dan? Vlad ou Vladislav? Já que não conseguiram prová-lo ao conduzir seus exércitos, tal' vez possam prová-lo como homens. — Ele sorriu outra vez. — Deixem Deus decidir. Sugeri isso a seu primo e ele aceitou prontamente.

— Você deseja que um de nós mate o outro para sua diversão?

— Não. — O sorriso do homem desapareceu. — Um de vocês deve matar o outro pela coroa da Valáquia.

Não era incomum convocar o líder oposto para um combate corpo a corpo. Aceitar, sim, era incomum. Ion viu a hesitação do amigo.

— Príncipe — disse, baixo —, não...

A mão levantada de Vlad parou sua fala.

— Onde e quando, jupan Albu?

O sorriso voltou ao rosto largo.

— Já que estamos todos reunidos, e ainda há um pouco de luz no céu... — o sorriso cresceu. — Que tal aqui e agora?

Ion quis falar, protestar. Mas a mão de seu amigo ainda estava levantada para ele.

— Que armas? — perguntou Vlad.

— Bom... — disse o homem montado. — Que tal lanças, para começar? Pela tradição. E depois, se for preciso — ele deu de ombros o que desejarem?

Vlad mal o deixou terminar.

— De acordo. Uma condição.

— Diga.

— Eu não lutarei com ele enquanto estiver usando a coroa de meu pai. Coloque-a à margem do campo, como prêmio por nosso empenho.

— De acordo. Vamos dizer... — Ele olhou em volta. — Quando a sombra daquele carvalho tocar o regato. Devemos dar tempo suficiente para tirar os feridos e os mortos do campo, e para vocês dois se prepararem.

— Como o jupan quiser.

— Ótimo, então. — Albu virou a cabeça de seu cavalo, depois deu uma olhada para trás. — Você não se parece muito com seu pai. Será que tem metade da habilidade dele nas liças? Vlad sorriu.

— Isso você logo descobrirá, jupan Albu.

O boiardo assentiu, esporeando os flancos de seu cavalo. Ao cavalgar, a bandeira branca da negociação foi erguida três vezes; obviamente era um sinal, porque a águia de Vladislav foi erguida em resposta. Imediatamente, alguns soldados Danesti desceram para o vale, para recolher os feridos e os mortos; os outros se espalharam pelo espinhaço. No monte dos Danesti, gritos rapidamente confirmaram a notícia que já havia sido sussurrada, e o exército de Vlad começou a fazer o mesmo — recolher os companheiros caídos, encontrar um lugar com uma vista melhor.

Agora Vlad se virou, finalmente abaixando sua mão.

— Sim, Ion?

— O que me resta dizer? — retrucou o amigo. — Você aceitou o desafio na frente de todos. Mesmo se você agora quiser desistir...

— Não quero. — Ele olhou para o vale, depois para cima. — Isso termina hoje. Com meu Dragão no céu sobre mim. — Ele começou a caminhar pelo espinhaço; mais além, Kalafat estava amarrada e Stoica já estava reunindo o que seria necessário para o combate montado.

— Algum pensamento, Ion — continuou Vlad, — além de suas preocupações?

— Não muitos — disse Ion. — Vladislav é famoso nas justas, triunfa com frequência nas liças... — Ele se interrompeu.

— Enquanto eu, você ia dizer, não tenho tido tempo para torneios e normas da cavalaria. — Ele sorriu, erguendo a mão para cancelar as desculpas. — Mas este não é um torneio decoroso, combatido pelo favor de uma dama vestida de seda. Combatemos pela coroa da Valáquia. A coroa do meu pai. — O sorriso o abandonou e mais uma vez ele olhou para a luz resplandecente no céu. — E vou tomá-la.

Vinte e dois



O combate

— A sombra do carvalho tocou o regato. Está na hora.

Vlad ergueu-se com a voz de Ion. Gemeu. Não devia ter se ajoelhado, nem mesmo para orar. Ele havia lutado durante toda a tarde e, embora não tivesse sido ferido, seu corpo estava duro, tenso.

Ele torceu o tronco de um lado para o outro, curvou-se sobre as pernas esticadas, girou os braços, erguendo-os quando estava pronto. Stoicaveio para vesti-lo outra vez com sua armadura preta. Ela era apenas um pouco mais bem encaixada que as dos seus companheiros, e mal houvera tempo para martelar as mossas maiores. Pelo menos Stoica conseguira limpar a maior parte da lama. Durante anos, Vlad não teve dinheiro para comprar um traje melhor e, quando o dinheiro veio para a invasão, precisou escolher gastá-lo com outras coisas — mais soldados, para começar. E, enquanto era armado, reparou outra vez que não tinha nenhum dos equipamentos especiais exigidos para o torneio. Seu escudo era sólido, não se economiza em escudo — um retângulo de madeira coberto com metal rebitado, a ponta superior cortada em curva —, mas não tinha reentrância para apoiar uma lança de torneio. Nenhum metal extra reforçava o lado esquerdo de sua armadura, onde a lança do oponente provavelmente atacaria. O elmo era o mesmo que usara

quando veio de Edirne, oito anos antes, para tomar o trono — um turbante turco de metal, o pescoço protegido com cota, o rosto aberto, não fechado como geralmente se usava nas Justas para se proteger dos estilhaços da lança. Stoica enfiou-o na cabeça dele... e então Vlad estava pronto. Armado. Não havia demorado muito. Ion olhou-o e não pode segurar um suspiro.

Kalafat o viu à distância de quarenta passos e começou a dançar, jogando a cabeça para cima e para baixo, mostrando os dentes, dando pequenos relinchos de boas-vindas.

Ele esfregou as orelhas dela, estalou sua língua.

— Tem certeza de que não quer levar o meu? — Ion tinha oferecido seu cavalo de batalha. Era um macho, enorme. O mesmo que Vladislav com certeza montaria.

E Vlad, que não era o mais alto, pareceria pequeno.

— Não — retrucou ele. — Não é hora de aprender os modos de um novo cavalo. Além disso — ele se inclinou e beijou Kalafat entre os olhos —, eu já a montei em um torneio antes.

— Eu não ia mencionar isso — murmurou o amigo.

Ilie se aproximou, juntando as mãos para erguê-lo. Vlad colocou um pé e o grande homem o levantou para a sela. Ele olhou para baixo.

— Já lhe disse, Ion. Eu falhei na época, na minha única liça, porque havia recompensa. O lenço de uma dama que eu nem conhecia. Agora, não vou falhar. — Tocando seus calcanhares nos flancos de Kalafat, ele a dirigiu pela elevação suave até a crista do monte.

Os dois exércitos estiveram ocupados no pouco tempo em que Vlad tinha orado e se armado. O chão do vale estava vazio de corpos. O solo aquecido pelo sol, ensopado de sangue, tinha vomitado insetos, e andorinhas se arremessavam e volteavam em torno deles. Os homens que sobreviveram tinham se espalhado ao redor do vale, os exércitos misturados, pois a maioria deles era de

mercenários reencontrando velhos camaradas. Só uns poucos no alto de seu monte, um pouco mais no topo do monte dos Danesti, permaneciam leais e à parte. Sobretudo, Vlad viu homens bebendo, comendo, gargalhando... e estremeceu, olhando para o monte oposto no momento em que vivas vinham de lá enquanto a bandeira da Águia era levada à frente. Algo brilhava abaixo dela. O vale seguia irregularmente de norte a sul, portanto nenhum dos cavaleiros teria o sol poente no rosto. Mas os raios ainda se refletiam na armadura que cobria homem e cavalo, fazendo-os parecerem ainda maiores. Ele se lembrava de ter encontrado o primo poucas vezes, nas poucas vezes em que havia paz entre os clãs Dracul e Danesti. Vladis era dez anos mais velho, uma cabeça mais alto, experiente em justas e batalhas. E governara a Valáquia por muitos anos, agora. Certamente tinha a melhor armadura! Enquanto ele observava o oponente, as trombetas soaram. Um escudeiro se adiantou, carregando a bandeira da Águia. A meio-galope nabast do vale, ele levantou alto o mastro da bandeira e depois o enfiou no chão. Então virou-se, cavalgou de volta, deixando a Águia esvoaçando na brisa entre as andorinhas voando.

— Ilie — chamou Vlad.

O carregador de seu estandarte saiu das fileiras. O Dragão esvoaçava às suas costas. Quando chegou no fundo do vale, ele puxou as rédeas, fazendo seu cavalo empinar.

— A Drácula! — gritou, antes de cravar o mastro na terra.

À esquerda, mais acima, dois trombeteiros avançaram um pouco e fizeram soar alto um refrão. As gargalhadas e a farra cessaram quando, de entre os trombeteiros, outro homem surgiu. Ele também portava uma bandeira enrolada em um mastro e, quando a desenrolou, todos viram que não trazia nenhum escudo de boiardo, mas era toda preta.

— Até a morte! — veio o murmúrio de milhares de vozes.

Quando Ilie voltou, sorrindo, Ion perguntou: — Que outra arma você leva, príncipe? Vlad apontou para a que Stoica já segurava.

— A Garra do Dragão. A espada do meu pai para reivindicar a coroa do meu pai. — A arma foi-lhe entregue, enfiada na bainha atravessada em suas costas. Ele montou.

Gregor passou-lhe a lança.

— Seu kebab, senhor — comentou. — Só precisa ser enfiado em um carneiro valaquiano.

Vlad olhou para Ion.

— Algum último conselho, velho amigo?

— Exibido — gargalhou Gregor.

— Sim — veio a resposta resmungada —, não morra.

— Tentarei não morrer.

Um zurro de trombetas. No outro lado da descida, uma forma prateada começou a se mover. Com um toque, Kalafat também se moveu.

— Vá com Deus, príncipe — gritou Ion, dando um passo à frente. — Mas lute como seu pai, o diabo! Houve silêncio enquanto os dois cavaleiros desciam as encostas. Os únicos sons que Vlad escutava eram os gritos agudos das andorinhas mergulhando, o marulhar da água no regato, o estalido das bandeiras na brisa. Mas, quando ele chegou ao nível do mastro do Dragão, as vozes vieram, gritando e repetindo dois nomes.

— Dan. Dan. Dan.

— Drácula. Drácula. Drácula.

Então, como se por comando, as vozes cessaram de repente. Vlad olhou para o homem a poucas centenas de metros de distância. O voivoda da Valáquia. Seu primo. Seu inimigo. O sol poente o envolvia, incendiando sua armadura.

Vlad olhou para trás, para cima, para o leste.

— Ele pode ficar com o sol — murmurou —, pois eu cavalgo o cometa.

Um grito o fez se voltar. Vladislav havia esporeado seu cavalo, ganhando chão. Deitando sua lança, Vlad pôs os calcanhares nos flancos de Kalafat.

Um homem rápido poderia percorrer o campo em dez segundos. Os cavalos, treinados para o galope instantâneo, encontraram-se em dois. A luz do sol faiscou nas armaduras e nas pontas das lanças de aço. Estonteado, Vlad procurou um alvo, tensionou-se para o golpe.

Ele nunca fora acertado com tanta força. O som foi alto, súbito, um guincho agudo quando a ponta de metal da lança chocou-se contra o metal do escudo. Em seguida veio o silêncio e a vermelhidão, e os movimentos lentos de tudo. Seu próprio escudo colidiu violentamente contra ele, logo arrebatado de sua mão, levando carne de seu dedo através da luva, tamanha a força com que o segurava; seus pés saindo dos estribos; suas costas sobre as ancas de Kalafat, depois fora delas; os pés alcançando o chão primeiro, de maneira que pareceu que ele ficaria de pé; depois caindo, feio, de cara na terra seca; girando devagar para um lado. Sem jamais ter fechado os olhos, viu rostos nos montes, bocas arreganhadas em um grito que ele não podia ouvir. Mas os viu como se através de um véu de seda vermelho. Viu a bandeira preta, levantada por uma brisa; sem se dobrar, de tão lenta que se movia.

A terra estava girando. Ele a sentiu, a vibração, enquanto o sol retornava parcialmente — gritos distantes, um relincho de um cavalo mais perto. Uma sombra se pôs entre ele o sol, alguma coisa reluziu e ele girou, conseguindo ver a ponta da lança se enfiar na terra, no lugar de onde ele acabara de sair. A ponta pescou a relva e foi levantada, sumindo. Ele sentiu a vibração dos cascos, um punhado de lama atingiu-o no rosto e de alguma maneira isso limpou o vermelho de sua vista e trouxe os sons de volta.

— Dan! Dan! Dan! Ninguém gritava Drácula agora. Ele se ajoelhou. Olhou para o brilho se afastando dele, viu-o dissolver-se em homem e cavalo, que agora passavam debaixo da bandeira da Águia. Ali o homem fez um sinal, e um escudeiro desceu correndo o monte, trazendo alguma coisa, entregando-o. Então o homem — seu primo — deixou a coisa cair e Vlad viu o que era: uma bola de ferro, cravada com agulhões afiados, a corrente do comprimento de um braço ligando-a ao bastão que Vladislav segurava.

— Uma clava — disse Vlad em voz alta. E dizer o nome de uma arma o fez se lembrar de outra. Enquanto o primo girava seu cavalo e começava a trotar em direção a ele, Vlad esticou a mão e puxou sua espada da bainha às suas costas; viu, com gratidão, que ela não empenara nem se quebrara com a queda.

Ele ainda estava de joelhos. Ainda não conseguia se erguer, só podia levantar a espada em ângulo à sua frente. Vladislav era forçado a se curvar para atacar, girando a grande bola repetidas vezes, finalmente baixando o braço em um grande arremesso. Vlad não podia fazer nada a não ser deslizar para o lado, a espada voltada para baixo para evitar a força total que poderia quebrá-la e afastar o golpe dele. A bola atingiu o guarda-mão, curvando-o, mas não o fez se soltar.

O cavalo de Vladislav interrompeu o avanço, fazendo um círculo largo, dando a si mesmo espaço para atacar. Ele esporeou seu cavalo... e também deu a Vlad um momento. O suficiente para se por de pé, plantar-se solidamente, afastar a última névoa dos olhos e, quando o cavaleiro se lançou sobre ele outra vez, girando a bola em um grande arco, deu um passo para dentro e não para fora, a espada paralela ao solo sobre sua cabeça, a ponta em sua outra mão enluvada. Foi a corrente que a encontrou, e não a bola, que teria estraçalhado a lâmina; a corrente que, devido à força do giro e do ataque e do peso da bola, girou várias vezes em volta da espada. No

momento em que a corrente parou, Vlad puxou com força, jogando todo o seu peso para baixo, e puxou o outro cavaleiro para o chão.

Na queda, a tira que prendia a clava ao pulso deslizou, e a arma caiu junto com o homem. Vladislav de alguma maneira ainda estava de pé, balançando para a frente, e com a mão procurava sua espada. Estava a meio caminho da bainha quando Vlad se lembrou de que ainda tinha sua própria espada apoiada nas duas mãos; e então pensou nos dias de treinamento com um mestre de luta suábio, em um golpe em particular. Era um dos favoritos do alemão. Tinha um nome alemão.

Mortschlag.

Tirando a mão direita do cabo, ele a colocou na lâmina, abaixo da corrente enroscada. Então, erguendo a arma em um arco alto, enfiou a ponta rígida da guarda da mão direita bem no topo do elmo de Vladislav.

Um momento de imobilidade; nenhum dos dois se mexeu. A única coisa que se moveu foi a corrente, finalmente desenroscando-se da lâmina, a clava caindo com um baque surdo no chão. E foi só quando ela caiu que Vladislav também tombou, como se fosse se sentar, sua mão ainda segurando a espada no meio de sua bainha.

A guarda da espada de Vlad ainda estava cravada no elmo. Com força, ele a volteou e finalmente soltou a arma do metal amassado. Depois, girou a espada, segurando outra vez o cabo em sua mão. O homem à sua frente não se mexeu, a cabeça caindo para a frente. Inclinando-se, Vlad cuidadosamente colocou a ponta de sua espada sob o visor do homem e puxou.

O visor levantou. Os olhos de seu primo estavam abertos e Vlad viu que eles eram do mesmo verde que os seus. Também viu que a vida os estava deixando; enquanto olhava, um jorro de sangue brotava de sua testa e empoçou em suas órbitas, avermelhando o verde.

Por fim, o corpo caiu para o lado. Vlad se ajoelhou, colocando a ponta da espada no chão para que ele pudesse se apoiar nas guardas, uma curvada, uma reta. Só então teve consciência de uma ovação, um nome. O seu.

— Drácula. Drácula. Drácula.

Olhou em torno. Todos pareciam estar ovacionando. Seu exército, O do seu primo. Ele ergueu os olhos. As andorinhas ainda atravessavam pelo céu entre ele e o cometa, indiferentes ao homem.

Então Ion estava a seu lado.

— Vlad — murmurou ele. — Vlad! Vlad se deixou ser levantado. Outros vieram, seus companheiros próximos. Ilie levantou a bandeira do Dragão e a balançou alegremente. Gregor segurou as rédeas de Kalafat. Stoica lhe passou um odre de vinho e Vlad tomou um grande gole. Quando estava pronto, acenou, e o grupo subiu o monte entre os dois exércitos, agora silenciosos, até o ponto onde estava a bandeira preta.

Vlad não reparara antes, porque ela era muito pequena. Mas, pendurado na ponta do mastro da bandeira, estava o fino círculo de ouro, sem enfeites além de uma esmeralda do tamanho de um ovo de gaivota no seu centro.

— A coroa de seu pai... príncipe. — Albu Cel Mare se aproximou, falando com um tom diferente. O desprezo desaparecera de seus olhos. — Claro que ela não significa nada até que o metropolitano a coloque em sua cabeça e você seja ungido na catedral de Targoviste.

— Ela significa... tudo — respondeu Vlad, estendendo a mão para segurá-la. Levantou alto o círculo de ouro e gritou: — Eu reivindico o trono de meu pai. Eu reivindico seu título, o título de voivoda da Valáquia.

Vieram aclamações de todo o entorno. De ambos os exércitos; mesmo dos boiardos, Albu no centro-pelo menos entre os que haviam permanecido, pois, Vlad pôde ver, alguns tinham se retirado

quando Vladislav morreu, para oferecer lealdade ao pretendente seguinte. Mas ele mal se dava conta do barulho. Voltando-se, de repente, enterrou o rosto no peito de Ion.

Poucos podiam ver. Eles estavam cercados por homens grandes. As aclamações continuaram. Em todo o tempo em que se conheciam, Ion nunca o vira chorar. Assim, ele apenas o abraçou, olhando por sobre sua cabeça para Albu Cel Mare e os boiardos e, através de suas próprias lágrimas, desafiou qualquer deles a zombar.

Vinte e três



Preparativos

**Corte do príncipe, Targoviste, domingo da Páscoa de 1457,
nove meses depois**

— Está tudo preparado? — Tudo, meu príncipe. Tudo que pude fazer sem saber de tudo.

— Você não precisa saber de tudo, Ion. E eu mesmo só sei um pouco mais do que você, pois a maior parte está nas mãos de Deus, e

assim é impossível de se conhecer, não é verdade? Vlad sorriu, olhando outra vez pelas grades erguidas no centro da porta. De pé ao lado dele, Ilona desviou os olhos do cenário do Grande Salão abaixo, visto através dessa janela reticulada, e os ergueu para ele.

— Você está contente esta noite — falou.

— Por que não estaria? — retrucou Vlad. — O metropolita de nosso reino, supremo chefe da Igreja Ortodoxa, não me coroou "o governador soberano da Húngaro-Valáquia e duque de Amlas e Fagaras"? — Vlad pronunciou esses títulos com uma perfeita imitação do chiado nasalado do metropolita, fazendo Ilona rir. Ele se virou para ela.

— E a barriga da mulher que amo não está crescendo com meu primeiro filho homem?

— Você não pode ter certeza disso — disse ela, apertando a própria barriga ao sentir um chute. — Até agora você só teve meninas.

— Ah, Ion, só porque ela morou em um convento por oito anos, acha que eu deveria ter vivido como um monge.

Ilona empurrou o braço dele. Mas não se importava com o que ele havia feito nos anos que ficaram separados. Ele havia voltado para ela, algo em que ninguém teria acreditado. Vlad era dela agora, e o tempo que passaram separados parecia apenas um dia.

Ele se afastou, ainda sorrindo, e olhou outra vez pelo gradeado.

— E aqui estão meus amigos, os homens mais nobres do meu reino, reunidos para comemorar comigo. Por minha felicidade. Pela ressurreição de Cristo.

— Amigos?

— Claro. Amigos não ajudam a realizar os desejos de alguém? Eles estão reunidos para isso. — Ilona abraçou a barriga

outra vez e Vlad instantaneamente a guiou para uma cadeira. — Descanse, minha estrela. Deixe Ion ficar aqui e contar meus amigos.

Ion tomou o lugar de Ilona ao lado de Vlad, espiando pelo buraco. Foi outra coisa que Vlad aprendera com o Turco, pois se dizia que Mehmet espiava assim seu conselho, o Divã. E abaixo, no Grande Salão da Corte Principesca, estavam reunidos os membros do equivalente da Valáquia, o Sfatul I Domnesc, as esposas ao lado deles, alguns acompanhados pelos filhos mais velhos. Se alguma vez haviam se preocupado com a possibilidade de Vlad os estar observando, essa preocupação havia muito passara durante duas horas de festa, enquanto o voivoda tratava de negócios do Estado. Os cálices nunca ficavam vazios, não importava com que frequência fossem esvaziados. Malabaristas e acrobatas se apresentavam. Músicos tocavam sem cessar, trazidos dos estados dos Draculesti no vale Arges, tocando a música camponesa da região em flautas tilinca, as cordas do cobza, os tons profundos da flauta taragot.

Os boiardos os ignoravam completamente, preferindo suas próprias conversas aos berros — quando suas bocas não estavam entupidas de comida. Chegavam travessas após travessas — espetos de aves canoras, lúcios inteiros recheados com trigo-sarraceno e salsa; e principalmente porcos em todas as suas formas.

Salsichas de sangue, orelhas fatiadas em conserva, nariz recheado de pão doce, torresmos assados reluzentes. Se em algum momento houvesse uma pausa, qualquer boiardo faminto ou sua parceira podiam pegar um pedaço de javali em uma estaca no meio do salão.

O barulho tinha crescido de murmúrios controlados a uma gritaria incessante. Os nobres agarravam as moças que serviam os pratos, ignorados por suas esposas que estavam ocupadas correndo atrás da comida que passava.

— Amigos? — desdenhou Ion. — Não vejo nenhum. Só alguns que são menos inimigos, talvez.

— Como você é cínico, Ion. Pode-se imaginar que teve uma vida dura.

Vlad passou um dedo pela longa cicatriz no rosto de Ion. O dedo pescou uma madeixa grossa do seu cabelo, deslizando para a marca feita pela ponta do tição, antes de Ion jogar a cabeça para trás. Ele odiava quando seu príncipe estava brincalhão. Em geral significava que alguma coisa estava prestes a acontecer. Alguma coisa contra a qual ele teria de reagir.

Um grito especialmente forte chegou a eles. Um homem, notável por sua enorme circunferência e seu pescoço grosso, tinha de alguma forma conseguido subir na mesa à qual estava sentado, no centro da festa, e se ergueu mais alto que os outros. Estava tentando dançar um pouco, pois os músicos tocavam uma dança camponesa, o mocaneasca. Eles escutaram a madeira quebrar sob seus pés, mesmo entre os berros e as gargalhadas.

— Cuidado, Abu. — Vlad franziu a testa, seu rosto só se tranquilizando quando o homem enorme, seguindo a brecha de um aplauso, se curvou e desceu. — O Grande está se divertindo.

— Por que não estaria? Ele está melhor agora, sob sua benevolência, do que estava com o usurpador. Quando todos pensaram que você o mataria, você o tornou mais rico.

— Claro. Albu Cel Mare é um poder na terra, abaixo apenas de mim mesmo. Homens assim devem ser... — Ele se interrompeu e se virou. — Como estou, Ilona?

Seu amado estava usando um gibão tão escuro que qualquer um pensaria que era negro. Mas, quando ele se virou na direção da tocha de junco, o reflexo vermelho das chamas brilhou no veludo acolchoado. A vestimenta, costurada larga de modo a esconder os ombros e o tórax, que haviam ficado enormes pelo manejo incessante das armas, chegava até o meio da coxa e caía sobre as meias com listras alternadas em carmim e preto, que davam a suas pernas algum comprimento. O único adorno estava abaixo do ombro

esquerdo, onde um dragão, do tamanho da palma de sua mão, estava bordado com fios de prata, com o rabo escamoso curvando-se para cima para lhe envolver o pescoço, a cruz de São Jorge em vermelho ao longo de sua espinha.

O rosto havia perdido toda a suavidade de menino nos anos que passara como fugitivo, e o cabelo caía em ondas pesadas sobre os ombros e até a metade de suas costas.

Em ambos os lados do nariz comprido, seus olhos eram esmeraldas brilhantes, que quase obscureciam a que ele erguia agora e que se assentava no centro de uma estrela de ouro, ela mesma incrustada em uma faixa de exatamente trezentas pérolas de água doce — que Ilona sabia porque havia costurado cada uma delas. O barrete, feito do mesmo veludo do gibão, estava encimado por um penacho de penas de avestruz.

Os olhos dela encontraram os dele, para a pergunta entre eles.

— Um príncipe da cabeça aos pés — respondeu, começando a se levantar.

Ele a impediu ao se ajoelhar.

— Você sabe que me casaria com você, se pudesse.

Ilona riu.

— Comigo? A filha de um curtidor? Você não pode. O casamento é outra arma sua, para usar contra eles. — Ela inclinou a cabeça em direção ao salão abaixo.

— Você deveria casar com a dama que espera por mim lá fora, então, a cuja presença você me condenou.

— A dama Elisabeta? Se eu tiver que me casar com uma égua, prefiro que seja minha Kalafat. — Ambos riram. — Mas a amante de um príncipe deve ter uma dama da corte para cuidar dela quando...

— Ele abriu uma das mãos sobre a barriga de Ilona.

— Então é verdade. Amante ou não, se o nosso filho for menino...

— Será.

— Então ele poderá herdar?

— É a lei da Valáquia. Inúmeros bastardos reinaram aqui.

O sorriso estava só em seus olhos. Ela riu pelos dois e suspirou.

— Então eu terei que aguentar meu... cavalo.

Vlad ergueu os olhos.

— Ion ainda se casaria com você. Não casaria, meu amigo? Ion assentiu.

— Eu pedi a mão dela justo ontem. Ela me recusou pela quadragésima vez.

— Está vendo? — disse Vlad. — Você ainda terá alguém quando eu morrer.

O sorriso dela desapareceu.

— Santa Teresa! Não diga isso. Nem por brincadeira — resmungou ela, abraçando a barriga.

Vlad virou-se para Ion.

— Chame a dama.

Ele tentou levantá-la; ela resistiu.

— Não, senhor. Deixe-me descansando aqui até você fazer tudo o que precisa fazer. — Desviou os olhos para o Grande Salão, e olhou de volta para ele, justo a tempo de ver a escuridão em seus olhos. E alguma coisa mais, semelhante à sua expressão quando eles chegavam juntos ao clímax. Um tipo diferente de fome.

— Não — disse ele. — Quero você a salvo, em sua casa. Pela misericórdia divina, encontrarei você lá amanhã.

— Amém — respondeu, preocupada. Foi a primeira vez que ela expressou alguma dúvida sobre o assunto.

A dama Elisabeta entrou, incapaz, como sempre, de manter o desprezo completamente fora de seu rosto equino.

— Meu príncipe me chamou? — Sim — disse Vlad levantando-se e, depois, ajudando Ilona a se erguer. — Leve minha

senhora de volta para sua casa.

— Príncipe. — Ela mal fez sua cortesia, depois deu um passo à frente.

Mas Ilona se agarrou a ele, inclinando-se mais para perto.

— Tenha cuidado — sussurrou.

— Sempre.

Elisabeta veio, pegou o braço de Ilona e caminhou com ela até a porta. Ali, Ilona parou, olhando para trás. Seu amado estava se colocando na frente da outra porta, ajustando a capa curta e azul-escura que vestia. Terminando, ele se virou para Ion.

— Abra a porta — disse —, depois vá para seu posto. Espere o meu sinal.

Por um momento, eles olharam um para o outro. Depois, Ion se curvou.

— Meu príncipe.

Vlad fixou os olhos na porta à frente. Então balançou a cabeça, e Ion puxou os três ferrolhos. Estavam lubrificados e deslizaram sem ruído. A porta se abriu, deixando entrar um bramido de barulhos, um calor digno de forja. Vlad atravessou. Ion fechou a porta atrás dele, deixando-a sem trancar, virou e caminhou até Ilona.

— Eu a acompanharia até sua casa...

— Para seu posto, Ion — retrucou ela, controlando os espasmos que estavam começando a sacudir seu corpo. — E eu irei para o meu.

Ele se curvou, depois saiu.

Elisabeta manteve a porta aberta, mas Ilona não passou por ela.

— Deixe-me aqui — disse.

— Mas a ordem do voivoda...

— Eu assistirei por um momento e depois a chamarei outra vez — comandou. — Puxe a cadeira até ali, e me deixe.

- Mas...
- Faça o que eu digo.
- Como minha senhora desejar — disse Elisabeta, fechada.

Pegou a cadeira, carregou-a até a porta. Ilona, seguindo devagar, afundou-se nela, agradecida. Quando a outra porta bateu atrás, ela se inclinou e empurrou a pequena chapa de metal. No começo, tudo que pôde ver pelas grades foi uma escuridão tingida de azul. Então a luz veio, enquanto seu príncipe começava a descer os degraus até o Grande Salão.

Vinte e quatro



Ressurreição

Não o notaram de imediato, tão silenciosamente ele entrou, tão entretidos estavam com a farra. E Vlad sabia que, de qualquer maneira, pouca o reconheceriam de imediato. No meio ano desde sua coroação, ele só havia convocado o Sfatul Domnesc uma vez, um dia depois que recebera a coroa.

Ele os havia enviado de volta a seus Estados para passar o longo inverno com vagas lembranças de um jovem de cabelos escuros que bebia e falava ainda menos. Tinha certeza de que, se pensaram alguma vez fora para compará-lo negativamente com seu

pai, o Dragão. Ion havia lhe contado a piada que era repetida em todos os castelos de sua terra — que Dracul, mesmo sem a cabeça, ainda era uma boa cabeça mais alto! Duas vezes mais homem em tudo. Esse jovem seria manobrado. Se se provasse problemático — pouco generoso —, seria descartado. Em uma terra onde a bastardia não era empecilho para o trono, outro bastardo sempre poderia ser encontrado, outro fantoche para girar em suas cordas enquanto os grandes homens dividiam as pilhagens.

Ele sabia o que seus boiados achavam dele. E, enquanto passava por eles, distribuindo vinho de uma jarra, despercebido como qualquer escravo, pensou sobre eles outra vez. Essa classe de homens que pouco se preocupava com a terra e nem um pouco com o príncipe. Que ajoelhavam à frente de Deus, depois violavam cada um de seus mandamentos. Que acreditavam que o sacrifício feito por Jesus nesse dia — cuja representação sanguinolenta em tamanho natural pendia sobre a lareira — era para dar esperanças aos escravos e assim mantê-los quietos enquanto seus donos prosperavam. Nos dias antigos, Valáquia fora a encruzilhada do mundo, e a riqueza do mundo vinha até ela. Já não era assim. Não desde que os bandoleiros e ladrões tinham tornado as estradas impraticáveis para todos, exceto para exércitos. E os chefes dos criminosos agora sentavam-se a sua mesa, rostos reluzindo com gordura de porco e avermelhados pelo vinho.

Eles estão entre meus sonhos e eu, pensou Vlad, enchendo outro copo, ainda despercebido. Esta noite devo esmagá-los... ou não.

Engoliu em seco, subitamente inseguro. Ergueu os olhos para se tranquilizar; viu Ion, que aparecia no arco da entrada do salão menor, onde os guarda-costas dos nobres festejavam com os de Drácula. Ion estava olhando para ele, sobrancelhas levantadas.

Tinha que ser feito. Mais, tinha que ser visto, ao ser feito. Poder sem demonstração era poder desperdiçado. Não fora apenas o

Sagrado Corão que ele aprendera na corte turca. Além disso, pensou, passando a língua pelos lábios, esperei um longo tempo por esta noite. Vou desfrutá-la.

Olhou outra vez para Ion e balançou a cabeça, depois virou seu olhar para o único outro homem que o observava desde o momento em que entrara. Era o guslar, o cantor de baladas, que também comandava os músicos. Perguntando-se por um momento se alguma balada seria alguma vez cantada sobre essa noite, Vlad fez um gesto com a cabeça.

A música parou no meio. Mas tal era o rugido da conversa que foi preciso um tempo para alguém reparar. A dama Udriste, sentada àquela mesa levemente mais alta, cansada da conversa que seu marido estava tendo sobre lanças para javali, finalmente ergueu os olhos... e se sobressaltou. O pai dela havia morrido no ano anterior, fora enterrado em vermelho e negro, e ela havia visto seu espírito três vezes desde então. Ele parecia querer avisá-la de alguma coisa, mas não conseguia entendê-lo.

No entanto, quando compreendeu quem era o homem, puxou a manga do marido. Irritado, ele se virou, olhou para onde ela apontara. Sussurrou com o homem a seu lado.

O barulho se reduziu a uma série de sussurros, depois ao silêncio. Vlad, de pé com a cabeça baixa, o mais leve dos sorrisos nos lábios, deixou o silêncio se prolongar por alguns batimentos antes de falar: — Bem-vindos, nobres boiardos e finas damas, bispos da Sagrada Igreja. Bem-vindos, todos os meus leais compatriotas que vieram compartilhar este dia comigo, este que é o mais santo dos dias santos, quando Cristo se ergueu outra vez em toda a Sua glória e nos deu o presente da vida eterna, Louvado seja Ele! Améns ecoaram pelo salão. Vlad continuou: — Eu sei que oramos juntos neste dia. Eu vi todos vocês beberem o sangue dele na Biserica Domneasca. Louvando-O — fez um gesto para a cruz, Jesus em sangue sobre ela —, pedindo-Lhe para perdoar nossos pecados,

Orando também por outra ressurreição, para a Valáquia se reerguer como uma terra forte e poderosa. Ser liberada da falta de lei que nos empobrece, onde um homem não pode se distanciar um quilômetro de sua casa sem temer os bandoleiros. Por justiça entre nossas fronteiras e sem medo dos estrangeiros que procuram nos usar como combustível para seus fogos de guará. Pela prosperidade que é nosso direito, compartilhada com nosso povo, não recolhida por poucas mãos ou vendida para mercadores estrangeiros por uma migalha. Por uma terra unida por um príncipe forte.

Vlad parou, olhou ao longo da mesa alta, antes de acrescentar, mansamente: — Pelo menos, foi por isso que eu orei. E vocês? — Ele levantou a jarra, aproximou-se de um nobre e da dama que primeiro o notara e despejou vinho nos copos dos dois. — Você rezou por tudo isso, Manea Udriste? O boiardo, o rosto fino sobressaindo por entre uma gola de arminho três vezes maior do que seria adequado para ele, sorriu.

— Certamente, voivoda. Por todas essas coisas. E por sua saúde incessante.

— Ah, como você é leal — Vlad continuou, e despejou mais vinho.

— E você, meu vornic, Codrea?

Rezou por sua preocupação especial, justiça para nossa terra? O boiardo, o rosto porcino, cheio de papadas, enrubescido pelo vinho, assentiu.

— Como chefe de justiça, meu príncipe, vivo de acordo com este código.

— Com certeza. — Vlad encaminhou-se para o centro da mesa alta, olhou por sobre ela. Se o homem que acabara de responder era corpulento, o que estava do outro lado era enorme. Ocupava praticamente três lugares, sua esposa, quase a metade. Não era só por seus feitos que o chamavam de "o Grande".

— E você, Albu Cel Mare? Suas preces também foram tão nobres?

— Acho que foram suficientes — veio a resposta, em um tom aborrecido. — E em geral consigo o que quero. Mas você sabe disso, não é, Drácula?

Isso significava simplesmente filho de Dracul. Mas todos sabiam que deveria ter sido precedido por um título, todos escutaram a ênfase no "a".

De outro lugar da mesa, alguém riu. Sorrisos vieram, alguns disfarçados, enquanto os dois homens, um jovem e um velho, um magro e outro gordo, se entreolhavam.

— Você consegue o que quer, Albu Cel Mare. — Uma igualmente leve ênfase em "o Grande". — Com certeza consegue. Recentemente conseguiu as aldeias de Glodul e Hintea, não foi? — Elas faziam fronteiras com minhas terras.

— São suas agora. — Vlad inclinou a cabeça para o lado. — E as pessoas que viviam lá? Cel Mare estalou os dedos.

— Desapareceram. Foi uma grande surpresa.

— Realmente. Desapareceram como o ouro do mosteiro de Govara.

— Ah, não. — O grande homem inclinou-se para a frente, o sorriso se alargando. — Este está no meu porão. Quando o monastério misteriosamente foi incendiado, era meu dever cristão dar santuário a seu ouro.

Ele ergueu os olhos para o crucifixo enquanto falava, fez o sinal da cruz. Mais risadas soaram, menos reprimidas. E Vlad, olhando em torno do salão, juntou-se a elas.

Lá em cima, chocada, Ilona pressionou-se mais contra a grade. Seu príncipe às vezes ria com ela. Era uma coisa rara, pela qual valia a pena esperar. Mas ele ria tão raramente, e nunca na frente dos outros.

Pôs os dedos sobre a tela reticulada e sentiu uma fisgada de dor por dentro.

Abaixo, a gargalhada deu lugar ao silêncio. Vlad se inclinou, encheu o cálice à sua frente.

— Então, brindemos a isso, Albu. Ao dever cristão. — O grande homem não pegou seu vinho. — Você não bebe, meu senhor?

Albu sorriu.

— Beberei se você beber.

Vlad apontou para as pequenas árvores de metal posicionadas a poucos passos de distância ao longo das mesas. A luz, que vinha do único candelabro sobre cada uma, cintilava nos pequenos pedaços de carne vermelha sobre elas.

— Não confia no fruto da árvore, meu senhor? Albu grunhiu.

— Línguas de serpente penduradas em languiers são uma coisa. Muitos dizem que podem detectar venenos. Mas nada faz isso melhor do que um homem beber o que oferece. — Fez um sinal para a jarra na mão de Vlad.

— Você beberá?

— Certamente. Qual era o brinde? Ah, sim, o dever cristão! — Vlad ergueu a jarra e bebeu, vinho escorrendo pela borda ampla. Depois Albu tomou um gole, e abaixou seu cálice.

— Dever — murmurou Vlad. — Eu queria lhe perguntar uma coisa, A todos vocês. — Ele olhou ao longo da mesa alta, depois em torno no salão, — A quantos príncipes da Valáquia, no decorrer de suas vidas, vocês já prometeram seus deveres?

Os homens desviaram o olhar, evitando os olhos do príncipe, Só Albu não o fez.

— Príncipes? — disse, a voz firme. — Já perdi a conta. Dez? Doze? É difícil lembrar. Eles vêm e vão.

Ninguém ria agora.

— Eles vêm e vão — ecoou Vlad. — E você permanece. — Olhou em torno outra vez. — Todos vocês permanecem. — Então,

olhou de volta para o homem à sua frente, falando agora tão baixo que os que estavam em outras mesas tiveram que se inclinar para ouvir. — Tem outra história que escutei sobre você, Albu. Que você estava lá quando meu irmão Mircea morreu.

Respirações silvadas. Todos encararam os dois homens, que encaravam um ao outro.

— Não é verdade — retrucou o homem grande.

— Não? — Vlad inclinou sua cabeça. — Então meu informante se enganou. Pois ele disse que você estava lá, junto com meu leal Manea aqui, e meu distribuidor de justiça, Codrea. — Deu uma breve olhada para os dois homens, que recuaram, murmurando negativas.

— Prove-o, Drácula. — Albu Cel Mare tinha se afastado da mesa de modo a poder olhar em torno do salão. Mas não havia guardas à vista. Só trinta boiardos e alguns dos seus filhos, o seu inclusive. Cada um tinha uma faca de trinchar à frente. E ali estava Drácula, sozinho, com nada a não ser a jarra em suas mãos.

Albu, apreendendo o cenário, se tranquilizou, sorriu de novo. — Prove.

Atrás da grade, Ilona deu um grito. A dor tinha voltado, redobrada, intensa. Ela sabia que devia chamar sua dama. Mas não podia ir embora. Não quando via seu leão cercado por tantos chacais.

— Eu me pergunto se poderia — Vlad disse mansamente, pousando a jarra, levando a mão para o canto da volumosa toalha de damasco vermelho, uma das várias que cobriam a mesa alta, esfregando uma borla dourada entre seus dedos. — Possivelmente não. Mas se não posso provar quem estava lá, talvez possa provar outra história que escutei, sobre a maneira como ele morreu. Pois me disseram que ele não foi decapitado, como meu pai. Que Mircea foi torturado, seus olhos foram queimados... e que depois ele foi enterrado vivo.

— Eu também escutei esse rumor, príncipe — disse o chefe de justiça Codrea, olhando desconfortavelmente para os dois homens. — Investiguei isso, como era meu dever. Certamente era impossível investigar a fundo porque, infelizmente, seu caixão nunca foi encontrado.

— Você está certo. Ele nunca foi... — Vlad olhou para o outro lado do salão, fez um único sinal a Ion, depois abaixou os olhos para a peça de pano em sua mão. — Até agora.

Ao som dessa palavra, Vlad se curvou e arrancou o pano da mesa. Cálices e talheres, jarras e árvores de línguas de serpente ergueram-se, caíram, chocaram-se, quebraram.

E então todos viram que os mais nobres dos convidados não estavam comendo a uma mesa. Estavam comendo sobre um caixão.

Vinte e cinco



"Cristo se levantou"

Foi o caos. Gritos das mulheres e dos homens; cadeiras empurradas com força para trás, corpos trombando uns com os outros; travessas e velas caindo no chão. Boiardos praguejando, muitos agora com suas facas nas mãos, tinham se postado em frente

às esposas. Só Vlad não se moveu, ficou de pé, parado, olhando para baixo.

Um rugido de javali cortou o tumulto: — O que você pretende com isso, Drácula? — gritou Albu.

Vlad ergueu os olhos.

— Eu o vi dançando antes, Albu Cel Mare. Estranho não saber que estava dançando sobre uma sepultura. Uma sepultura que você ajudou a cavar.

— Não ficarei aqui para ser acusado por você — gritou Albu. Virou-se para o arco central que levava ao outro salão. — Miklos! — berrou. — Traga os homens. Vamos partir.

Todos, exceto Vlad, haviam se virado para o arco, assim todos viram quando um homem passou por ele. Estava vestido com um gibão branco, marcado com uma cabeça de javali, sinal de sua fidelidade a Albu Cel Mare.

— Miklos! — gritou seu senhor. — Onde estão os outros?

O homem sob o arco não respondeu. Em vez disso, olhou para seu senhor e depois para a frente de seu gibão de puro branco. Ao fazer isso, o gibão tornou-se vermelho, encharcando-se de dentro para fora. Alguma coisa caiu dele, uma coisa que ele tentou e não conseguiu pegar, embora logo se juntasse a ela, desmoronando sobre suas próprias entranhas.

Mais gritos encobriram o som de homens marchando nas galerias acima; afogando o som das cordas de arco sendo retesadas. No entanto, todos os viram, os trinta homens escolhidos — os vitesji de Drácula, como eram chamados —, vestidos com as cores de seu senhor, de coletes pretos e carmim, com o brasão de um dragão de prata. Já que uma flecha agora estava dirigida ao peito de cada um dos homens no salão, eles lentamente abaixaram suas facas, deixando-as cair no chão ou na mesa. Só duas facas continuavam armadas — as de Ion, pingando vermelho, enquanto ele se

aproximava limpando-a em sua manga, e a que Drácula agora levantava.

— Codrea — Vlad chamou.

O vornic deu um pulo, encolhendo-se de novo atrás de sua mulher.

— Meu... meu... meu príncipe?

— Você disse que, se tivesse sido capaz de encontrar o caixão do meu irmão, teria investigado o crime mais profundamente? — Vlad colocou os dedos sobre a tampa de madeira. — Pode me ajudar a investigá-lo agora?

— Mas... mas... — Codrea engoliu em seco. — São... são dez anos desde o infeliz, hum, desaparecimento de Mircea. O que poderia... — Ele tateou seus dedos pelo caixão.

— Se é verdade que meu irmão foi torturado, seus olhos retirados, antes que fosse enterrado vivo, podem restar alguns sinais disso.

— S-s-sinais, meu príncipe?

— Vamos procurar? Sua faca, Codrea. Não, não, pegue-a. Ajude-o, Ion.

O vornic, suando copiosamente, foi empurrado para a frente, forçado a pegar uma faca. Vlad enfiou a ponta de sua adaga na fenda entre a tampa e a parede do caixão.

— Comece daquele lado.

Os pregos foram tirados, um a um, Ion fazendo a maior parte do lado de Codrea. Quando todos foram retirados, Vlad olhou uma vez em torno do salão, depois colocou seus dedos sob a borda e a levantou, apenas um dedo de abertura.

Houve uma lufada imediata de algo fétido. Não podre, pois os vermes havia muito tempo tinham feito seu trabalho na carne. Mas deteriorado, como uma carne inadequadamente salgada.

— Hmmm — disse Vlad, tentando erguer mais a tampa. — Alguma coisa está presa. Ion, Codrea. Gentilmente Os três homens

levantaram. Houve gritos quando a madeira foi erguida, alguma coisa se erguendo com ela — duas mãos esqueletais, os dedos grudados na tampa como se soldados, como se quem estivesse ali dentro estivesse tentando levantá-la. Então, de repente, alguma coisa estalou e as mãos caíram, com um tinido de ossos.

Com a tampa erguida, Vlad olhou para seu interior. Uma única junta de um dedo ainda estava dependurada ali e ele estendeu a mão, tocou-a por um momento, depois a puxou.

— Lascas de madeira — disse, examinando mais de perto. — Devem ter prendido suas mãos na madeira, especialmente depois que as unhas continuaram crescendo. Estão vendo? — Ele ergueu a junta do dedo mais alto para que todos pudessem ver a unha amarelada e curva. — Sei que Mircea deixava as unhas da mão direita mais compridas, pois era um formidável tocador de alaúde. Mas não tão compridas assim. Ele girou a junta contra a luz. — Estranho pensar na bela música que este dedo já tirou de uma corda. — Cuidadosamente, colocou o osso dentro do caixão, depois passou seus dedos pelo interior da tampa. — E essas linhas aqui, Codrea. Escavadas, você não concorda? O que você, meu chefe de justiça, conclui a partir disso?

Os olhos do vornic estavam arregalados, seu queixo pendido.

— Que... que ele foi enterrado vivo, meu príncipe. E tentou abrir caminho com as unhas.

Vlad assentiu.

— Concordo. Uma conclusão razoável. Portanto — disse rapidamente, olhando em torno do salão —, agora sabemos como ele morreu. Mas e antes disso? O que mais você pode ver, vornic? Vamos, você não pode investigar daí. Ajude-o, Ion.

O homem foi arrastado para a frente outra vez, uma das mãos de Ion atrás da nuca dele, curvando-o sobre o caixão.

— O que você está vendo? — continuou Vlad. — Sem dúvida, mais do que o meu irmão viu. Pois, embora o vítreo tenha se

dissolvido há muito tempo, esta raspadura na órbita do olho, esse osso lascado, esse escurecimento, eu diria... uma barra de ferro incandescente foi enfiada, e mantida tempo demais? É isto que você vê, Codrea? Um homem cegado antes de morrer?

— Cristo misericordioso! — gritou Codrea, tentando se afastar. Mas Ion era grande e forte, e o manteve onde estava. A seu sinal, Ilie e Stoica, também vestidos de preto, se aproximaram. Cada um pegou um braço.

— Realmente — disse Vlad, encaminhando-se para a tocha de junco do candeeiro central, colocando a ponta de sua faca na chama.

— Cristo é misericordioso. Mas Mircea Drácula não recebeu nenhuma misericórdia. E tampouco vocês receberão.

— Não! Não! Não! — gritou Codrea, enquanto Ilie e Stoica o curvavam sobre o caixão. Os gritos elevaram-se, agudos, enquanto Vlad, muito lentamente, deslizou a faca incandescente no primeiro globo ocular, mantendo-a ali alguns minutos antes de enfiá-la no segundo.

Dois observadores desmaiaram, um homem e uma mulher, chocando-se contra o chão, onde Codrea se juntou a eles, berrando, as palmas das mãos pressionadas contra o que permanecia de seus olhos.

— Leve-o para fora — disse Vlad. — Seu caixão espera.

Ninguém mais se mexeu, enquanto os dois homens o agarraram pelos tornozelos, arrastando-o pelo arco central. Mas todos se encolheram ao escutar a cabeça dele batendo em cada degrau. O som atravessava claramente o salão, chegando sem problemas à câmara superior onde Ilona tentava se erguer e não conseguia, não conseguia tirar seu rosto da grade e da visão do homem que amava, o homem que ela não conhecia, seus dedos presos nas frestas, mantidos ali tão fechados quanto a tampa de um caixão sempre mantinha os ossos.

Os sons acabaram desaparecendo. Vlad limpou a lâmina na capa.

— E agora... — disse.

Ele foi interrompido por outro grito.

— Não! — Marea Udriste, com uma pequena espada aparecendo de dentro de seu casaco de gola de arminho, gritara. Ele estava a três passos de Vlad e conseguiu dar um antes que as flechas o pegassem, uma no pescoço, outra no peito. Elas foram atiradas de dez passos de distância, com um arco turco que atiraria uma flecha a quinhentos passos e ainda assim furaria a carne. Essas fizeram mais do que isso; fizeram-no cambalear para trás, pregando-o em uma cadeira onde ele ficou sentado, olhos arregalados pelo choque.

Vlad virou-se rápido, observando-o. E Ion subitamente se lembrou de uma caçada que fizeram quando garotos. Vlad curvando-se diante do javali que acabara de esfaquear.

"Você não se lembra, Ion", disse, com aquela voz macia. "Você precisa olhar dentro dos olhos deles enquanto estão morrendo." Seu príncipe nada disse agora. Apenas olhou para o homem até que a luz o deixasse. Então se ergueu, murmurando: — Uma pena. Eu tinha planejado algo melhor para retribuir sua... lealdade.

Atrás da cadeira do esposo agonizante, a dama Udriste subitamente soube o que o fantasma de seu pai estava tentando lhe dizer. Com um ganido, pulou para a frente, mãos puxando as flechas que fixavam seu esposo na cadeira e que não se mexiam. Gregor se aproximou, pegou-a, ergueu-a. Chutando, a dama foi arrastada do salão, seus gritos finalmente interrompidos pela mão dele sobre sua boca.

— E o que você planejou para mim, filho do diabo? Vlad olhou para Albu Cel Mare, o homem enorme que o olhava desafiadoramente. Demorou para que ele respondesse.

— Algo à sua altura.

— Você ousaria lutar comigo, Vlad Drácula? Aqui, agora, com facas. — Ele estendeu lentamente a mão para a adaga na sua cintura. Todos ouviram as cordas dos arcos esticando, até Vlad levantar a mão para pará-los. A mão ficou congelada enquanto Albu desembainhava sua lâmina.

— Ousar? — ecoou Vlad. — Eu poderia ousar. Mas de que propósito serviria matá-lo desse jeito?

— Provaria que você é um homem.

— Ah, acho que todos sabem que eu o sou. — Vlad balançou a cabeça.

— Mas lhe daria tanto uma chance quanto uma morte honrada, quando sua traição não merece nada disso.

Antes que Albu pudesse responder, Ion avançou, batendo com o punho de sua própria adaga no pulso gordo. A arma do boiardo caiu no chão. — Então me mate — rugiu o boiardo. — Corte minha cabeça, por que não? Foi a morte que dei a seu pai, o Dragão — zombou. — E ele era duas vezes o homem que você jamais será.

— Uma cabeça por uma cabeça — retrucou Vlad —, e assim eu estaria vingado? — Ele balançou a cabeça enquanto se aproximava vagarosamente. — No entanto... de novo, ela é muito honrosa, muito rápida. Além disso, a vingança nada significa se é apenas pessoal. A vingança deve dizer algo ao mundo. — Ele ergueu os olhos do rosto marcado por dor de Albu e pelo salão, aos outros rostos que se desviavam dele. — Eu não posso fazê-los me amar — disse. — Homens e mulheres amam a quem desejam. Mas eles terão medo como o príncipe quiser. E, se temerem o suficiente, não ousarão me trair. — Ele se virou para a entrada principal, para quatro de seus homens de pé ali.

— Tragam-na — disse a eles. — Tragam tudo.

Todos o escutaram, o som estranho no salão cheio de homens e mulheres, a batida firme do ferro na pedra, o relincho revelando o que era antes de o cavalo ser conduzido através do salão.

— Esta é Kalafat — disse Vlad, indo até lá, tomando sua rédea. — Eu a cavalgo desde os meus dias com os turcos. Ela pode ser tão rápida quanto o vento, e luta como o filho do diabo que a cavalga. — Estendeu a mão e tocou-a entre os olhos. — Mesmo assim, pode ser gentil e caminhar lentamente ao meu comando.

Outros homens estavam descendo as escadas, trazendo cordas, roldanas, madeira. Outros usavam suas alabardas para manter a multidão em um canto, enquanto alguns limpavam o centro do salão, afastando mesa, cadeiras, caixão, deixando Ion com Albu, Vlad com Kalafat, observando os procedimentos de seus homens que lhes havia ensinado, amarrando a corda na sela e na madeira. Quando tudo estava pronto, ele se virou para o homem que Ion segurava.

— Você poderá nos perdoar, Albu Cel Mare, se formos um pouco desajeitados? Eu só vi fazerem isso uma vez.

E Vlad riu.

Acima, incapaz de tirar os olhos ou os dedos da grade, apesar da agonia que estava se armando dentro dela, Ilona se espantou. Seu príncipe não ria. Não assim.

Seu príncipe não ficaria parado ali enquanto Ion pegava sua faca e cortava as roupas do homem, arrancando-as de seu corpo enorme. Seu príncipe não se ajoelharia entre as pernas nuas do homem — pernas gordas, azuladas e manchadas — a quem seus guardas haviam jogado de cabeça no chão.

Ela pôde ver a adaga descer, mas não pôde ver através dele. Ouviu o berro terrível cada vez mais alto, mais terrível, enquanto os outros homens abaixavam uma estaca rombuda, curvavam-se sobre o enorme corpo nu. Vlad ia até a cabeça da égua e murmurava em sua orelha macia. Quando Kalafat começou a andar lentamente, Ilona conseguiu fechar os olhos, mas não pôde fechar os ouvidos — ao choro dos homens e das mulheres, ao berro profundo de Albu Cel Mare que se elevou, de súbito, para um guincho agudo.

— Minha senhora! — Era a voz de Elisabeta chegando através do som, o horror nela. Mas sua dama de companhia não estava vendo o sangue lá de baixo, mas o sangue se empoçando nos pés da cadeira de Ilona. E então mãos estavam sobre ela, tentando levantá-la, e ela abriu outra vez os olhos, viu mãos levantando a estaca lá embaixo, outras mãos puxando as cordas. Escutou seu príncipe dizer "Esta é a parte mais difícil", enquanto Albu Cel Mare era erguido, escorregava, seus pés batendo e sendo unidos, pregados... e então ela caiu, escorregando por entre as mãos de sua dama, esperando o esquecimento, embora ele não viesse imediatamente. Não antes que ela escutasse aquela voz outra vez, clara, calma, passando por sobre os gritos.

No salão, Vlad desamarrava as cordas da sela de Kalafat.

— Entendeu agora, Ion?

— Acho que sim, príncipe.

— Então deixarei você continuar. A esposa e o filho não precisarão de cavalos. De qualquer maneira, para apressar as coisas, devemos aprender a usar apenas homens. Coloque-os a cada lado do Grande. Já que ele ainda parece estar vivo — uma rara sorte na minha primeira tentativa! —, pode vê-los morrer.

Vlad montou, virou a cabeça de Kalafat, olhou outra vez para a multidão, a maioria agora chorando no chão; depois para acima dele e do homem na estaca, para o homem na cruz. Jesus sofredor.

— Cristo se levantou — exclamou, tocando os flancos de Kalafat com seus calcanhares, saindo do Grande Salão.

Vinte e seis



Penitência

O canto fúnebre encheu o quarto, tão pesado aos ouvidos quanto o incenso era para os pulmões. Ambos vinham do padre que estava ao lado da cama, balançando o pesado incensório, cantando o hino da morte.

Ele usava vestes cinzentas, um contraste com a camisola branca de Ilona, a quarta que ela vestira e a única que não estava manchada porque, finalmente, seu sangramento cessara. Tarde demais, suas damas pensaram, e chamaram o padre. Enquanto esperavam por ele, elas prenderam seu cabelo, afastando-o do rosto, mais branco que a roupa, colocaram as mãos flácidas em volta de um ramo de rosmaninho e um rosário de contas.

Agora o homem cantava e balançava. Duas das damas choravam, embora não Elisabeta, a filha do boiardo.

Houve um estrondo, depois botas subindo a escada. A porta foi empurrada para abrir. Duas mulheres ajoelhadas se ergueram, se abraçaram, gritando, com a figura negra de um homem, manchado de sangue, respirando pesadamente na soleira da porta. Vlad deu um grito e cambaleou pelo quarto, afastando o padre para um lado, agarrando as mãos de Ilona, esmagando rosmaninho, rosário e tudo.

— Ilona — murmurou, deitando a cabeça sobre o peito dela. Então, depois de um momento, sua cabeça subitamente se ergueu. —

Ela vive — exclamou.

Elisabeta deu um passo à frente.

— Ela vive, príncipe, ela...

— Então, o que esse corvo está fazendo aqui? — Vlad voltou-se para encarar o padre.

— Eu fui chamado, portanto vim — respondeu o homem em voz baixa. — E embora não seja médico, já vi muitas passagens da vida para morte. Esta mulher paira no limite e eu a preparo para sua passagem.

— Se você não é médico, então não vou considerar seu parecer de que ela já está pronta para partir. — Vlad olhou para as mulheres. — Algum médico veio?

— Meu príncipe, ele veio há uma hora e partiu. Fez o pouco que podia.

— Nada. — Vlad olhou por sobre elas, para o Negro Ilie de pé na porta. — Há uma parteira que mora perto da curva na Strada Caloian. Seu nome é Marca. Traga-a.

O grande homem curvou-se e saiu.

O padre arfou.

— Você mandou chamar uma bruxa? Quando eu estou aqui com as palavras de Deus saindo de mim?

— Ela é do povo dos rom e lê a sorte, sim. É por isso que a conheço. E ela cura, com ervas e orações. Se isso é bruxaria, então terei bruxaria neste quarto. — Ele se levantou e aproximou-se tanto do padre que seus narizes quase se tocaram. Eram da mesma altura, talvez da mesma idade, embora a barba grossa do padre o fizesse parecer mais velho. — E eu lhe digo, farei um pacto com Satã em pessoa se ele fizer minha Ilona viver. Portanto, é melhor você sair.

Mas o padre não se mexeu. Em vez disso, falou, calmo: — Não, príncipe. É melhor eu ficar. Alguém deve ficar para defender a alma dessa criança do filho do diabo.

Elisabeta prendeu a respiração. Stoica e Gregor deram um passo à frente, o mais rápido para responder a qualquer ordem do príncipe de punir esse desafio. Mas Vlad não fez nenhum sinal, apenas continuou olhando-o, e finalmente falou: — Você sabe o que fiz esta noite? — Ouvi falarem. E posso ver. Ainda há sangue em seu rosto.

Vlad estendeu a mão, limpou o rosto, examinou as lascas vermelho-amarronzadas das pontas de seus dedos.

— De Albu Cel Mare. — Olhou para o homem à sua frente.
— Poderia ordenar o mesmo destino a você.

— Sei que poderia, príncipe. Acho que não o fará.

— Não ousaria?

— Não. Mas Drácula mata quando é necessário. Para demonstrar sua força. Não há necessidade de me matar. Nenhuma força seria provada.

Vlad inclinou-se para trás, para examinar melhor.

— Você acha que me conhece.

— Um pouco. Tenho observado. Marchei com seu exército no ano passado, quando o cometa estava no céu.

— Um soldado e um padre?

— Só padre agora. — O homem fechou os olhos. — O que vi naquela campanha me fez mudar.

— Um raio a caminho de Damasco?

— Não, príncipe — retrucou o homem em voz baixa. — Apenas sangue demais.

Vlad o encarou por um momento.

— Qual é seu nome?

O homem hesitou.

— Agora sou chamado de... irmão Vasilie.

No andar de baixo, a porta da rua se abriu. Houve um estrépito nas escadas.

— Você me interessa — disse Vlad, virando-se. — Fique.

Ilie empurrou uma velha para dentro do quarto. Seu vestido era uma confusão de roupas sobrepostas em diferentes cores, e o lenço de sua cabeça, tecido com fios de prata, reluzia como minúsculos espelhos. Era uma mulher rica, então, recompensada pelas habilidades da profecia, da leitura da sorte. E por outras habilidades, as que fora chamada para praticar agora. Era seguida por uma garota, vestida de forma parecida, porém menos luxuosa.

Ambas menearam um cumprimento quando viram o príncipe, persignaram-se quando viram o padre, e então a mais velha se encaminhou rigidamente para a cama. Ali, ela levantou as pálpebras de Ilona, pôs a mão em sua cabeça e seu coração, curvou-se para cheirar sua respiração. Depois, voltou-se para as damas, balbuciou uma pergunta em sua própria língua. A mais nova, a mais escura, obviamente tinha sangue cigano. Ela respondeu, apontou, e a mulher se ergueu, foi até um balde no canto do quarto, levantou sua tampa, examinou o que havia ali dentro. Recolocando a tampa, disse alguma coisa para a jovem, que assentiu e desceu correndo as escadas.

Vlad, sem cor, apontou.

— O que...

Uma das damas começou a soluçar.

— O quê? Diga-me! — Rugindo, ele atravessou o quarto, pegando Elisabeta pelo braço.

Ela gritou quando os dedos dele apertaram sua carne.

— Príncipe! É... era seu bebê.

Vlad a soltou, bambeando como se tivesse sido atingido. O Irmão Vasilie passou por ele, curvando-se rapidamente para pegar o balde.

— Eu levarei isto. Aquela cigana o viu. Todos sabem que os ciganos usam a gordura dos recém-nascidos em suas poções infernais. Eu...

Vlad estendeu a mão, segurou-o.

— Deixe-me ver — sussurrou.

— Príncipe...

Vlad olhou para ele.

— Verei o que Ilona e eu fizemos. O que Deus tirou de nós. —
Fez um sinal com a cabeça. — Abra.

Com um suspiro, Vasilie abriu. Os dois homens olharam.
Depois de um longo momento, Vlad disse: — Um filho. Com o
cabelo negro dos Draculesti. Olhou para a figura deitada na cama.

— Falei a ela que desta vez eu teria um filho.

— Desta vez? — O padre tampou de novo o balde. — Você já
cometeu esse pecado antes?

Vlad olhou-o.

— Pecado?

— Você tem outros filhos? Vlad, os olhos vidrados, assentiu.

— Duas filhas. É tudo o que sei.

— E você não se casou com a mãe delas? Nem com esta
mulher?

— Você sabe que não.

— Pecados.

Todos esperaram pela tempestade desabar sobre a cabeça do
padre. Ela não veio.

— Você acha que isso é punição para meus pecados? Quando
tantos pecara da mesma maneira diariamente e, no entanto, reúnem
seus bastardos aos seus pés?

Vasilie sacudiu a cabeça.

— Não posso afirmar que entendo a vontade de Deus. A
quem ele escolhe punir e por quê. Mas talvez de um príncipe seja
exigido um padrão mais elevado.

— Pecados — murmurou Vlad, olhando outra vez para Ilona.
Depois, ergueu novamente seus olhos para o padre. — E se eu
expiasse meus pecados, Deus pouparia a vida desta mulher?

— Você não pode negociar com Deus.

— Não mesmo? — Vlad sacudiu a cabeça. — Acho que fazemos exatamente isso cada vez que rezamos. Dizemos: "Desistirei disso, Senhor, se o senhor me conceder aquilo."

— Rezar é só uma parte de algo maior. Você deve confessar, fazer penitência...

— Confessar? — Vlad interrompeu, dando um passo à frente.

— Sim. Não tenho um confessor há anos. Então, nomeio-o meu confessor.

O padre deu um passo para trás, o espanto visível em seu rosto.

— Príncipe, não, eu não estou... equipado. Sou novo, inexperiente. Tenho minha paróquia...

— E você pode continuar lá. Apenas terá um novo paroquiano.

— Mas... — O padre encolheu os ombros, impotente. — Por que eu?

— Você já foi um soldado. Viveu a vida de um homem. Entende os pecados de um. Além disso... ninguém falou comigo como você acabou de falar desde que eu era um aluno do enderun kolej.

— Eu não posso...

Abaixo, a porta se abriu outra vez. Soaram passos. O rosto de Vlad estava sem cor, sem luz. A escuridão voltou quando ele olhou para a cama.

— Basta — disse. — Está decidido. Confessarei a você e expiarei este pecado. E mesmo se não for possível barganhar com Deus, juro isso a Ele, e Ele sabe que eu mantenho meus juramentos: se minha Ilona viver, nunca mais terei filhos fora do matrimônio.

A moça entrou, trazendo um pequeno balde. Vapor saía por baixo de sua tampa. A cigana mais velha pegou-o, foi direto para a cama, sentou-se, Colocando a cabeça de Ilona em seu colo, ela levantou o balde até seus lábios exangues, murmurando o tempo

todo. A maior parte do líquido transbordou, Ilona engasgou, mas engoliu.

Vasilie suspirou. Não havia mais nada que pudesse fazer.

— Vamos orar — disse —, pela palavra do príncipe, dada a Deus. E pela vida desta pobre mulher, nas mãos Dele.

Todos ajoelharam, exceto o padre, que colocou o outro balde atrás de si e pegou o incensório outra vez. Balançando-o, puxando a corrente com uma parada brusca para provocar a fumaça de cheiro doce, começou a entoar, os outros respondendo. Em algum lugar próximo, o sino da igreja bateu seis horas.

Eles ainda estavam ajoelhados, ainda orando, quando sete badaladas começaram a tocar. Mas apenas três tinham soado quando um gemido veio da carria. Em um segundo, Vlad estava de pé, a seu lado, ajoelhando, tomando as brancas mãos agonizantes.

— Meu amor — ele disse mansamente. — Volte para mim.

Os olhos dela se abriram.

— Meu príncipe — suspirou ela. Ele viu luz em seus olhos antes que eles se fechassem outra vez.

Vlad ficou olhando-a algum tempo, depois voltou-se para a velha cigana que ainda embalava a cabeça de Ilona.

— Ela viverá?

A cigana deu de ombros.

— Se assim desejar, príncipe.

O padre se aproximou mais.

— Ela está nas mãos de Deus.

— E nas minhas — Vlad disse, apertando-a ainda mais.

Vinte e sete



A primeira confissão

- Pai, eu pequei contra os céus e contra o senhor.
- Príncipe, levante!
- Não. De joelhos, aqui e agora. A primeira vez, pelo menos.

Não posso garantir que sempre teremos esse luxo — uma capela calma, um carpete para me ajoelhar.

Mas agora, nesta primeira vez...

— Então, eu também me ajoelharei. Assim podemos rezar juntos.

Os dois homens estavam frente a frente na passarela em frente ao biombo do altar. A igreja estava vazia agora, a congregação tinha vindo, cantara, partilhara a hóstia e o mistério, depois partiu revigorada, renovada na fé e esperança.

Vlad não havia provado a hóstia sagrada, o vinho sagrado. Havia se passado tempo demais desde sua última confissão. E havia pecados para se discutir primeiro.

Nas paredes, afrescos de santos olhavam para baixo em vários estágios de beatificação ou martírio. Atrás do padre e do biombo, sobre o altar, Cristo pendurado na cruz, a agonia expressada em cor e esculpida em gesso sobre seu rosto. Diante dele, a fumaça de incenso se erguia em uma coluna estável. Ao lado do incensório, estava o cálice de comunhão de ouro com que Vlad presenteara a igreja nessa manhã.

— Príncipe — disse o padre —, antes que comece, devo lhe perguntar outra vez: é a mim que você quer? Certamente um voivoda exigiria nada menos que o cabeça da Igreja na Valáquia, o metropolitano, para ser seu confessor. Alguém que entenda os altos assuntos do Estado, o contexto de seus supostos pecados? Eu sou apenas um homem simples...

— Que já foi soldado?

— Sim.

— Um pecador.

— Todos os homens nascem pecadores.

— Mas você é um dos que mataram?

— Que Deus me perdoe, sim.

— Amou uma mulher?

— Sim. Cometi a maioria dos pecados comuns. E alguns incomuns. — Ele tossiu. — Cacei com falcões.

— Você acha que isso é um pecado?

— É, quando você o faz de forma obsessiva. Quando renuncia a tudo para encontrar o pássaro certo.

— Então somos mais semelhantes do que antes. E somos da mesma idade, não somos?

— Próximos, eu acho. Mas...

— Não preciso de um velho que esqueceu as urgências e ambições de um jovem. Que pensa, sobretudo, na eternidade. Preciso de alguém que vive agora. E quanto ao contexto dos meus pecados, é simples. — Vlad inclinou-se para a frente. — Eu preciso governar.

— Você governa.

— Não. Eu me sento no trono. Ele está colocado no centro da terra mais sem lei do mundo. E fui colocado nele para mudar isso. Este é o meu kismet.

— Não conheço essa palavra.

— É uma palavra dos turcos. Uma tradução aproximada seria um "destino inalterável". Dado por Deus no nascimento. — Fechou os olhos. -Há um dito de Maomé, um dos hadiths, que diz: "O destino de todo homem está amarrado em seu próprio pescoço." — Você está dizendo que não pode evitar o que faz?

— Sim.

— Este não é o ensinamento de nossa Igreja, de sua fé. Cada homem tem uma escolha, fazer o bem ou o mal.

— Então talvez eu tenha me desviado da Ortodoxa nesse ponto. Porque sei o que estou destinado a fazer e como devo fazê-lo. Não posso fazer outra coisa.

O padre passou a língua pelos lábios secos. Ambos os homens podiam ver uma discussão sobre a doutrina à frente deles. E havia muitos rumores sobre Vlad e a quem ele adorava. O Demônio não estava apenas no nome, alguns diziam. Outros murmuravam que sua mãe tinha sido da odiada fé católica romana, e assim ele apenas fingia ser um bom filho da Igreja grega, que era a fé de sua terra. Enquanto outros ainda murmuravam sobre uma heresia ainda maior — que ele havia sido forçado a adorar Alá antes de os turcos lhe darem um exército.

Mas doutrina não era o motivo pelo qual estavam ali. E o voivoda estava agora ajoelhado em uma igreja grega.

— Qual é o seu kismet então?

— Servir a Deus.

O padre franziu a testa.

— Mas esse é o destino de todos. Todo camponês acredita no mesmo, ou deveria.

— Verdade. Mas tendo nascido Drácula, meu destino é diferente do de qualquer camponês. Eu não posso apenas louvá-Lo em palavras e arar meu campo. Devo ser a afiada espada reluzente de Deus. E, para fazer isso, primeiro tenho que afiar a minha própria espada.

— Como?

— Em três passos. — Vlad levantou-se, depois se agachou à maneira dos turcos. — Primeiro, devo trazer a justiça de volta à nossa terra. E devo começar com aqueles que mais me ameaçar, os boiardos.

— Foi justiça o que Albu Cel Mare recebeu a noite passada?

— É claro. Ele admitiu o assassinato de meu pai e meu irmão. Merecia morrer.

— Daquela maneira? — O padre estremeceu. — Você escolheu algo humilhante, tomar um homem como um homem toma uma mulher, prolongando o sofrimento...

— Não. Sim! Mas esse é apenas um de seus propósitos.

— Quais são os outros?

Vlad se inclinou para a frente.

— Uma vez me ensinaram uma frase, pessoas que sabiam do que estavam falando: "Você tortura os outros para que eles não possam torturar você."

— Então, você se livra de um inimigo de modo horrível antes que ele possa se livrar de você da mesma maneira?

Vlad assentiu.

— Sim. E ao mesmo tempo, você oferece às pessoas uma escolha simples: obedecer ao Ungido de Deus ou ser punido. Além disso, punido de uma maneira que lhe dará uma ideia dos tormentos que o esperam por toda a eternidade se pecar.

— Mas o nosso Salvador não falou de amor como a única maneira segura de percorrer o caminho da salvação?

Vlad fechou os olhos. Teve que estender a mão até o tapete para se firmar, pois a última palavra trouxera com ela a visão de outra pessoa que a dissera — a única palavra que havia falado, e Vlad o único a entendê-lo, no pátio de Tokat, pouco antes de a estaca ser inserida. Vlad engoliu em seco, e abriu outra vez os olhos.

— Ele falou. Mas não posso controlar o amor dos homens, apenas seu medo. O amor muda. O medo é constante como uma estrela.

— Então, você faria seu povo viver no medo?

— Eu o faria viver na certeza. A conhecer seu lugar no reino de Deus. A obedecer, sem questionar, as leis que eu faço em nome Dele. — Vlad balançou a cabeça.

— E saber que, se não obedecerem, serão punidos de uma maneira que fará os outros hesitarem antes de pecar, ou até não pecarem.

— Para que crimes você aplicará essa punição?

— Todos.

— Todos? E se alguém roubar uma vaca?

— Será empalado. Se você cortar a mão dele, terá um ex-ladrão que agora é um mendigo, pois não pode trabalhar. Mas, com seu tempo na estaca, ele se torna um exemplo.

— Rapina?

— Empalado. Entendido como você falou.

— Falsificação de moeda? Trapaça? Tumulto?

— Empalado. Empalado. Empalado.

O padre desmoronou, sentou-se e suspirou. A confissão tinha se perdido em algum lugar.

— Você pretende fazer isso?

— Eu farei isso. A Valáquia costumava ser a encruzilhada do mundo, Agora o mundo nos considera a todos como bandoleiros, e leva suas riquezas para outros lugares, empobrecendo-nos, limitando nosso poder de governar, pois que poder um príncipe falido possui? Mas está vendo aquele cálice de ouro sobre seu altar? Dentro de cinco anos, colocarei outro, muito mais luxuoso, recheado de joias, sobre o poço de Targoviste, para que todos o usem... e ninguém o roubará.

— Isso não acontecerá.

— Prometo a você, aqui, diante de Cristo, que acontecerá.

Por um momento o padre apenas olhou para ele, procurando uma bravata, ou o brilho de um fanático, nos olhos verdes à sua frente. Mas só viu certeza.

— Mesmo assim — continuou —, se você tem seu governo aqui, existem coisas, pessoas, que você não pode controlar. Como aqueles além de suas fronteiras, que desejam seu fracasso. Como tratará com eles?

— A mesma regra. A mesma punição. O exemplo mil vezes.

— Você quer dizer...

— Quero dizer que enfrentarei os saxões que controlam a Transilvânia de dentro de suas cidades muradas: Brasov, Sibiu e outras. Se continuarem a asfixiar nosso comércio — empalando, por falar nisso, qualquer mercador valáquio que encontrem comerciando em seus domínios... — Vlad balançou a cabeça. — Ah, sim, padre. Empalar é uma punição germânica, parte das Leis de Iglau* e, portanto, aplicada muito antes que eu a trouxesse para a Valáquia. Os turcos aprenderam com nossos companheiros cristãos.

**Cidade de colonização alemã na Morávia (República Tcheca) que, no século XIII editou uma compilação de jurisprudência conhecida como Leis de Iglau. (N. da T.)*

— Seja quem for que a pratique, ainda assim é uma abominação.

— Verdade. E se os saxões da Transilvânia continuarem a dar refúgio a todo rival do meu trono e a conspirar para frustrar a realização do meu destino, descerei sobre eles como Haníbal sobre Roma e os destruirei com espada, fogo e mil estacas rombudas.

Outra vez silêncio. Os dois homens se encararam até o padre conseguir falar: — E depois? Você pacificou sua terra. Restaurou a ordem e a lei, seja qual for o meio. Subjugou os saxões que estrangulam seu comércio. Enriqueceu outra vez a Valáquia. Você terá cumprido seu destino?

— Não — retrucou Vlad, os olhos brilhando. — Mal terei começado. A espada estará afiada, mas ainda na bainha. A espada de Deus e a Garra do Dragão, a mesma e única lâmina. Pois quando finalmente eu a desembainhar, darei tal golpe que qualquer pecado que eu tenha cometido será cortado para longe, deixando apenas redenção. — Ele levantou a mão, impedindo a pergunta. — Eu sei! Se meu kismet é inalterável, como minhas ações podem alterá-lo? É uma contradição. Mas — disse com um sorriso — eu também o sou.

— Mas varrer todos os pecados... só há uma maneira de um cavaleiro ganhar esse perdão total.

— Sim, só uma.

— Cruzada — disseram juntos.

Vlad assentiu.

— A Guerra Santa. Colocarei outra vez a cruz de Cristo no altar de Santa Sofia, em Constantinopla.

O padre arfou. Procurara bravata ou fanatismo nos olhos verdes. Como não havia percebido a insanidade?

— É impossível.

— É mesmo? Eles diziam que Constantinopla jamais cairia e, no entanto, Mehmet a tomou.

— Mas a pequena Valáquia contra... — Ele se interrompeu. — Dizem que o Turco pode juntar um exército do tamanho de nossa população inteira.

— Não exatamente. Mas, ao contrário do que você possa temer, não sou louco. A Valáquia será a ponta de lança, como sempre. Mas toda a cristandade será a haste e a arremetida.

— E este é seu destino?

— Sim. — Vlad olhou para um ponto acima do padre. — Sei disso desde meus dias como refém. Desde que recebi as... bênçãos da educação deles. — A escuridão não extinguiu completamente a luz em seus olhos. — E conheço Mehmet, o homem que eles chamam "Fatih", o Conquistador. Ele é vaidoso além da imaginação. Por

causa disso, pode ser derrotado, como Hunyadi o derrotou ano passado, em Belgrado. — A escuridão se aprofundou, — Ele ainda está com meu irmão. Mas, com a graça do bom Deus, um dia eu o terei à distância de uma espada. E então... — Ele parou.

— Então?

— Eu morrerei feliz no momento do destino cumprido.

Morrerei como um cruzado, com todos os meus pecados perdoados. Morrerei nos braços de Deus.

Outra vez silêncio. Os dois homens agora olhavam para além das paredes e das palavras. Então o padre se inclinou para a frente.

— Você veio aqui confessar. E o propósito disso, em nossa fé, a única verdadeira fé, é que você possa seguir em frente, com todos os seus pecados remidos. Absolvê-lo para que possa cumprir seus... propósitos. — Ele estremeceu ligeiramente. — Talvez, quando você sentir a graça de Deus, quando tiver confessado, feito penitência, provado outra vez do corpo e do sangue de nosso Salvador, você pensará de maneira diferente sobre seus... métodos.

Vlad ergueu os olhos acima do padre, para o crucifixo sobre o altar, para o Cristo agonizante. Por fim, falou uma palavra: — Talvez.

— Lembre-se de Lucas: "Ninguém que coloca sua mão no arado e olha para trás está pronto para o reino de Deus." — O padre engoliu. — Então, deixe-me escutar os pecados que cometeu. Para que possamos olhar para a frente.

Vlad sacudiu a cabeça, um leve sorriso chegando.

— Por onde começar...

Barulhos vindos do lado de fora, passos se aproximando da porta da igreja. Vlad virou-se para a direção do som.

— Estou sendo convocado. — Outra vez se ajoelhou. — Mas venha comigo, padre. Pode se sentar para me julgar com uma jarra de vinho.

— Não sou eu que se senta para o julgamento, Vlad Drácula
— disse o padre severamente, ao se levantar —, mas Deus.

— Verdade — disse Vlad, ainda sorrindo. — Mas não posso beber com Ele.

— Blasfêmia, príncipe?

— Sim. — O sorriso cresceu. — Perdoe-me, padre, pois pequei contra os céus e contra o Senhor.

A porta da igreja se abriu. Ion estava ali, piscando contra a escuridão. Por fim, viu a figura, ajoelhada perto do altar.

— Voivoda — disse, aproximando-se —, está na hora.

Vlad ergueu os olhos.

— Já vou, Ion. E meu confessor também virá.

— Confessor?

Vlad se voltou. A escuridão profunda além do biombo do altar estava deserta.

— Não importa — disse Vlad, levantando-se. — Ele estará lá quando eu precisar.

Parte três

Cruzada

*"Primeiro Moloch, horrendo rei, lambuzado de sangue
De sacrificio humano, e lágrimas dos parentes."*
JOHN MILTON, Paraíso perdido.

Vinte e oito



O cálice

Targoviste, dezembro de 1461, quatro anos depois

Eles tinham caminhado por horas pelos becos e ruas de Targoviste, saindo da cidade por seu portão oriental, atravessando a pequena ponte sobre o rio Lalomita, parando para se esquentar um pouco no caravançar armado ali para os viajantes e mercadores que não haviam conseguido, ou não quiseram, chegar à cidade antes que seus portões fossem fechados para a noite.

O estalajadeiro mal reparara neles, apenas na riqueza das roupas sob seus mantos; e isso apenas por negócio, para lhes servir um vinho melhor, cobrar-lhes um preço mais alto. Homens assim não eram incomuns, pois sua taberna tinha boa reputação e muitos mercadores ricos ficavam ali. Estava quase cheia esta noite, mesmo nesta noite gelada de dezembro. As bênçãos da paz e a prosperidade que ela trouxe o fizeram tão rico quantos muitos daqueles que servia. Lembrando-se de agradecer tanto a Cristo quanto a São Nicolau, patrono dos agiotas — pois foram os lucros desse negócio que ele exercia, nos dias ruins antes do príncipe Drácula, que lhe permitiram investir na estalagem —, o estalajadeiro colocou no bolso a moeda de ouro que eles deixaram e abençoou os dois.

Se soubesse que os dois homens estavam discutindo a melhor maneira de terminar aquela paz, ele talvez rezasse mais

fervorosamente à Virgem.

Vlad e Ion voltaram para a cidade, os portões abertos para eles como não se abririam para mais ninguém. Ao atravessarem a praça em frente à catedral, a Biserica Domneasca, a porta de uma das tabernas se abriu de repente, batendo contra a parede do prédio. Gritos e ruídos bêbados se seguiram, depois o som de passos cambaleantes.

Vlad puxou Ion para as sombras da grande fonte.

— Os boiardos, príncipe — alertou Ion.

— Eles já esperaram por nós até agora. Um pouco mais só os faria ainda mais... tratáveis. Além disso, gosto de escutar o que é dito.

Agachados em estilo turco, coxas contra panturrilhas, costas na pedra, os dois homens escutaram.

A primeira voz chegou a eles grossa pelo vinho e pelo timbre gutural típico de sua terra: um búlgaro, sem dúvida.

— Esterco de cavalo — exclamou o homem. — É só outra das muitas mentiras contadas sobre ele.

— Verdade, senhor. — Era a voz de um segundo homem, não tão bêbado, com tom mais agudo e o sotaque da cidade. — Um ano desde que foi colocado ali, e ali permanece.

— Esterco de cavalo — repetiu o primeiro homem.

Cuspiu: — Onde?

— Ali.

Um momento de silêncio, um tartamudeio.

— Cristo em um cavalo manco! — exclamou o búlgaro.

— Consegue ver, senhor?

— Bem o bastante, mesmo à luz da Lua... — Assobiou. — Ouro maciço, você disse?

— Sim.

— E o que é aquilo... São pérolas? Hum. Mas e aquelas outras? Não consigo ver o que são.

— São rubis, safiras, uma esmeralda...

— Um cálice de imperador! E ele o deixa aí para camponeses usarem. — O homem arfou. — Pesada, por Deus. E sem corrente.

— Beba dela, senhor. A água da fonte é mais doce do que qualquer vinho que bebemos esta noite.

— Eu beberei.

O som de líquido escorrendo chegou aos homens que escutavam. Ion fez um gesto para irem embora. Vlad o parou com a mão.

A voz veio outra vez, mais baixa, levemente menos borrada.

— Eu poderia comprar um palácio em Sofia pelo preço disso — resmungou. — Você falou que jamais foi roubado?

— Falei que nunca foi vigiado. Foi roubado duas vezes. A primeira vez, um dia depois que o voivoda o colocou aí. Uma semana depois estava de volta ao muro da fonte, e o ladrão e sua família inteira foram espetados em doze estacas ao lado. Da segunda vez, voltou em um dia. O próprio pai entregou o ladrão, portanto só uma estaca foi usada.

A voz caiu para um sussurro.

— Mas como ele saberia? Eu poderia estar fora daqui amanhã, assim que os portões se abrissem.

— Sacuda-o, senhor.

— Hein?

— Sacuda-o.

O homem sacudiu. Um tinido indistinto soou.

— O que é isto?

— Aí. Na base. Um sino de prata, enjaulado no ouro. Dizem que nosso voivoda pode escutá-lo toda vez que é levantado. Que pode seguir seu som aonde quer que vá. E que ele leva uma estaca para onde quer que o sino o conduza.

O homem sacudiu-o outra vez, sua voz cheia de admiração.

— Ele ama tanto assim a empalação?

— Talvez, senhor. Mas ele certamente odeia crimes. Portanto, não há nenhum em nossa terra. Todos seguem livres e seguros. O comércio e todos os seus benefícios retornaram à Valáquia. É até melhor do que no tempo do pai dele, o Dragão. E é por isso que você está aqui, não é?

O espanto ainda estava ali. O ouro reluziu quando foi levantado sob o luar.

— Quem fez isto?

— A Guilda dos Ourives de Brasov. Foi parte do tributo que as cidades saxônicas enviaram, quando nosso voivoda as forçou à paz. Eles libertaram os mercadores valaquianos que haviam aprisionado e agora os deixam passar livremente. Pagam uma fortuna para ter as rotas do comércio vigiadas por um exército. E enviaram o cálice para a mesa dele.

— E ele o deu ao povo. — O homem bufou de novo. — O que os saxões receberam em troca?

O outro homem riu.

— Ele parou de empalá-los aos milhares.

Outra vez Ion fez o sinal de que deveriam ir. Outra vez Vlad acenou que não.

O búlgaro falou: — E se eu simplesmente o escondesse sob meu manto? E partisse ao alvorecer?

— Ao meio-dia você estaria olhando para ele do alto de uma estaca.

— O homem riu outra vez. — Beba bem, meu amigo, no cálice do imperador, Depois o coloque de volta para os camponeses.

Os homens na sombra escutaram o bater do metal na pedra.

— Não quero mais dessa água suja. Dê-me mais vinho! — Sua voz estava raivosa agora, como se, de alguma forma, ele tivesse sido humilhado.

— Certamente, senhor — disse o homem de Targoviste. — E talvez então possamos discutir sobre como eu posso ajudá-lo com as

minas de cobre. Os proprietários são notórios...

A voz se afastou. Uma porta se abriu e o barulho da taberna se espalhou mais uma vez, cortado quando a porta foi fechada.

Vlad e Ion se ergueram e caminharam em volta da fonte. Ion ergueu o cálice, encheu-o, estendeu-o.

— Um filho leal da Valáquia. Ou você acha que ele sabia que alguém estava escutando? — perguntou.

— Certamente sabia. — Vlad esvaziou o cálice, sacudiu-o. O tinido fraco soou. — Pois eu sempre estou escutando. — Colocou o cálice na pedra. — Agora, Ion, aos outros filhos de nossa terra. Menos leais, talvez.

Caminhando rapidamente, os dois homens atravessaram a praça e se encaminharam para a corte do príncipe.

No Grande Salão, os fogos não tinham sido acesos. A respiração dos boiardos enchia o ar. Apesar de suas peles, de suas botas forradas de lã, cada membro do Sfatul Domnesc sentava-se em sua cadeira de costa alta e congelaram-se.

— Talvez eu devesse ter aquecido a sala — disse Vlad, olhando pela tela reticulada da grade. — Não posso falar com blocos de gelo.

— Se estivessem aquecidos — retrucou Ion —, poderiam discutir mais. Como estão, concordarão com tudo o que você disser só para poderem se esquentar em suas próprias lareiras outra vez.

Vlad inclinou-se para trás para que seu amigo também pudesse olhar.

— E quem vai discutir mais?

Ion apertou os olhos.

— Os três grandes jupans, Turcul, seu irmão Gales e Dobrita, que têm mais a perder se a guerra for mal. Eles têm as maiores propriedades.

— E assim ganharão mais, se a guerra for bem. Os outros homens mais velhos?

— Buriu, como spatar, comanda a cavalaria, e o que é um cavaleiro sem uma luta? Cazan, seu chanceler, vai se preocupar com quem pagará por tudo...

— Ele ficará aliviado quando eu lhe contar sobre meus planos de pilhagem. O resto?

— São todos homens seus, sob juramento.

— E ele? — Vlad apontou.

— O metropolita? — Ion suspirou. — Você lhe prometeu o que um homem da Igreja deveria desejar mais do que tudo: a Guerra Santa. No entanto, ele tem propriedades até maiores do que o jupan Turcul, e monastérios que serão saqueados se a guerra se voltar contra nós... — Ion deu de ombros. — Mesmo assim, ele é um homem devoto e odeia os Infiéis. Pode se inclinar para qualquer um dos lados.

— Bem — disse Vlad, afastando-se —, bispo ou nobres, todos eles são homens. E serão dobrados à minha vontade pelos meios usuais.

Ion pegou o manto curto de Vlad e colocou-o sobre seus ombros.

— Que são? — Ganância e terror. — Vlad e ergueu os braços bem abertos. -Como estou? Vlad estava usando um gibão de seda negra sob o manto; um leve shalvari turco envolvia suas pernas. Ion estremeceu.

— Você me faz sentir mais frio só de olhá-lo.

Vlad sorriu.

— Ótimo.

Diferente de uma certa Páscoa, desta vez Vlad não entrou no salão em silêncio, mas batendo a porta ao abri-la. Ion seguiu-o. Os homens abaixo se sobressaltaram, levantando-se apressados enquanto o voivoda descia os degraus e se encaminhava rapidamente para sua cadeira no final da mesa.

— Meus senhores, leais boiardos, Santo Padre... Peço desculpas por deixá-los esperando. Mensageiros chegaram com notícias quentes que tive de ouvir, e que vocês também precisam ouvir. Por favor, sentem-se.

Eles assim fizeram.

— Que notícias, príncipe? — Foi Turcul quem falou, seu tom tentativo. — Espero que sejam quentes o bastante para diminuir as hemorroidas que cresceram enquanto eu estava sentado nesta cadeira.

— Pode ser. — Vlad assentiu. — Uma lareira foi acesa para nos esquentar a todos. — Ele inclinou-se para a frente. — O Corvo voa para o sul na primavera.

Os homens prenderam a respiração, olharam para ele e entre si. Ion estudou a reação deles, uma mistura de desejo e medo. Se o rei da Hungria estivesse vindo lhes prestar auxílio, trazendo seu exército pelos desfiladeiros quando a primeira neve derretesse, então eles não teriam escolha a não ser lutar. Na verdade, como o voivoda já havia insistido, seriam obrigados a começar essa luta.

Mas Ion também sabia que, na verdade, Corvinus não prometera isso.

— Esta era a notícia que estávamos esperando, não era, senhores? — Vlad continuou. — Enquanto outros príncipes na Alemanha, Polônia, Veneza, Gênova e Itália hesitam, a Hungria se move. Com essa força às nossas costas, podemos vencer o Turco.

Muito atrás de nós, pensou Ion. Sentado em Buda esperando Vlad transformar fagulhas em chamas. Só então Mateus Corvinus, o esperto Corvo, decidiria se se moveria de seu ninho ou não.

— E, portanto, senhores, digo outra vez, ainda com mais urgência: é tempo de guerra. — Vlad, que não havia sentado, curvou-se para a frente, apoiando os dedos sobre a mesa. — Mehmet Fatih agora já negociou com Uzbeques do Carneiro Branco, no leste. Foi a rebelião deles que o fez concordar com um tratado conosco,

dois anos atrás; um tratado que ele não tinha intenção de manter. Agora exige o que foi acordado: o tributo em ouro que devemos pagar como vassalos dele. — O tom era de mofa.

— E, pior, ele reinstituiu o devsirme. Mil e quinhentos de nossos melhores jovens, os mais fortes e mais talentosos, devem sair de nossas terras para serem treinados como guerreiros do sultão, para viverem como escravos do sultão. Eu prefiro que eles sejam guerreiros valaquianos... e livres! Houve um murmúrio de assentimento. O recrutamento de jovens que a maioria dos estados vassalos enviava à Porta Sublime sugava uma força vital de suas terras.

— Eu nunca os enviei. Sei o que é aprender sob a... tutela deles. — Vlad continuou calmo. — A maioria sucumbe. Alguns, muito poucos, não.

— E você é o Drácula que não sucumbiu, príncipe, não é verdade? — Foi outro boiardo, Dobrita, quem falou. — Enquanto seu irmão Radu se ajoelhou e ofereceu seu traseiro para o prazer do sultão? Uma risada baixa se ouviu. Vlad se endireitou.

— Meu irmão ainda é um príncipe deste reino, Dobrita. Qualquer um com o sangue dos Draculesti deve ser tratado com respeito.

O boiardo ficou vermelho.

— Eu... eu... eu não quis desrespeitá-lo, príncipe. Eu...

Vlad o interrompeu: — Isso não importa. Meu irmão cavalgará ao lado de Mehmet.

Muitos inimigos não serão turcos, mas e daí? Eles se curvaram perante o Crescente, agora procuram plantar seus estandartes de rabos de cavalo em nossos muros e erigir um minarete sobre o domo da Biserica Domneasca, como fizeram com Hagia Sophia. Portanto, devemos ser os primeiros a responder o chamado para a cruzada. Por nossa terra, nosso povo, nossa fé.

— Que fé, voivoda?

— Foi o metropolita que falou então, sua voz aprofundada por uma vida de cantos a sua fé. — Esta cruzada foi convocada pelo bispo de Roma. — Ele cuspiu o título. — E o que nós, da Igreja Ortodoxa, temos a ver com ele? O que você tem a ver com ele? Todos se voltaram do prelado para o príncipe. Era uma pergunta que todos tinham se feito. Mas só o metropolita, que não fora indicado por Vlad, que controlava riquezas e recursos quase tão grandes quanto o voivoda, ousava perguntar em voz alta. Sempre houve rumores sobre as crenças de Vlad.

Ele respondeu calmamente e em voz baixa: — Sabe que acredito no mesmo que o senhor, Eminência. Que até que eles reconheçam seus erros, as duas crenças devem permanecer separadas. Acredito que os romanos estão aprendendo, devagar. — Ele balançou a cabeça. — Mas o chamado do pontífice em Mântua não pode ser respondido desta forma. Escutem o que ele disse.

— Vlad levantou um papel à sua frente.

— "Mehmet nunca deporá suas armas exceto na vitória ou derrota completa, Cada vitória será para ele um degrau para outra até que, depois de subjugar todos os príncipes do Oeste, ele tenha destruído o Evangelho de Cristo e imposto a lei de seu falso profeta pelo mundo inteiro." Ele baixou o papel e ergueu os olhos.

— Por mais que o bispo de Roma possa errar em sua doutrina, ele está certo sobre o perigo que a cristandade enfrenta. O Evangelho de Cristo, seja como for que o interpretemos, é o que Mehmet quer destruir. Ele levantará o Crescente em nosso sagrado monte Athos e em Roma. Cada país entre um e outro é um degrau ao longo do caminho. E a pequena Valáquia é o primeiro sobre o qual ele pisará.

Vlad saiu da mesa, caminhou até a lareira apagada. Sobre ela, o crucifixo ainda se erguia, como na Páscoa de quase cinco anos antes, o martírio de Cristo transparecendo na figura crucificada.

— Temos uma escolha, senhores — continuou Vlad, olhando para cima. — Nós nos chamaremos de maometanos? Ou lutaremos? — Ele se voltou outra vez para os homens. — Mehmet me convocou para encontrar seus embaixadores em sua fortaleza de Giurgiu, no Danúbio, fortaleza que meu avô Mircea construiu. Devo entregar ali o tributo em jovens e ouro.

Tenho a intenção de responder com homens e espada. E depois atravessar para além do Giurgiu até as terras búlgaras que os turcos governam e começar a destruir meus inimigos ali. Tomar o ouro, não dá-lo. Matar seus jovens antes que ele escravize os nossos.

Estendendo a mão, ele ergueu o crucifixo do consolo da lareira.

— Quem se unirá a mim pela glória de Cristo? Pela redenção de todos os pecados? Pela Valáquia? Metade dos homens se ergueu, deu vivas, embora os vivas não tenham sido muito fortes. Então, abaixando a cruz, Vlad estendeu a mão até o outro lado da lareira e levantou o que estava ali — uma sólida estaca de freixo, da altura de um homem e meio. Tinha manchas em tons de vermelho e marrom. Sua ponta era rombuda. Erguendo ambos, cruz e estaca, ele gritou: — Quem não seguirá seu príncipe para a glória?

Ninguém, parecia, pois os homens restantes se ergueram, os três jupans dando vivas, erguendo as vozes ao máximo. Os gritos logo se fundiram em uma só palavra, tornando-se um cântico: — Cruzada! Cruzada! Cruzada!

Vinte e nove



Despedidas

Depois que os boiardos foram despachados para juntar seus seguidores e o metropolitano para reunir o ouro, Vlad e Ion sentaram-se no Grande Salão, mas perto de uma lareira agora chamejante. Eles planejaram, estudaram mapas e listas. Mensageiros foram chamados, despachados. Era tarde da noite quando puderam relaxar e conversar sobre outras coisas.

Ion despejou vinho em ambos os cálices.

— Você ainda não me contou: que ilustre representante Mehmet vai enviar para que rastejemos à sua frente? Vlad estava com seu cálice na mão. Neste momento, abaixou-o, sem bebê-lo.

— Paxá Hamza.

— Nosso antigo professor? O falcoeiro? É um paxá agora? Ele subiu mesmo no mundo.

Vlad olhou para o fogo.

— Ele sempre foi muito mais do que um falcoeiro, embora suas habilidades nesse campo fossem grandes. Mehmet o fez alto almirante em Constantinopla, durante o cerco. Desde então ele foi incumbido de várias embaixadas para a Porta Sublime. Tornou-se paxá. Há rumores de que será grão-vizir um dia. Atrás somente do sultão.

— Um homem eminente. Que honra para a pequena Valáquia!

Vlad sacudiu a cabeça.

— É uma mexida no tabuleiro. Mehmet está enviando alguém de quem eu... me lembrarei.

Ion ergueu os olhos, percebendo alguma coisa na voz de Vlad, sem entender. Mas seu príncipe e amigo ainda observava as chamas.

— Claro. Você era mais do que seu aluno, não era?

Agora os olhos voltaram-se para ele, as chamas ainda presentes.

— O que você quer dizer?

Ion vacilou.

— Eu... não quero dizer nada. Só me lembro de que você falava com ele de um modo que ninguém mais fazia. E... você não fez uma coisa para ele?

— Uma luva de falcoaria. — O olhar de Vlad retornou ao fogo.

— Isso mesmo. E não foi ele quem o salvou de Tokat?

— Não — Vlad murmurou, finalmente bebendo um gole do vinho. — Ele foi me buscar. É diferente.

Havia alguma coisa que seu amigo não estava dizendo, embora isso não fosse incomum.

— Você acha que Hamza vem com a traição em mente?

— Não sei. Pode ser que Mehmet espere que eu beije os pés de seu embaixador, entregue o que é exigido. É o que a maioria das pessoas em minha posição faria.

— No entanto, ele provavelmente ainda tem a sua marca do jereed nas costas. Tenho certeza de que lembra qual é sua natureza.

— Verdade. E mesmo se ele não planeja me matar, por que não faria o que seu pai fez ao meu em Galípoli? Acorrentar o Dragão em uma roda de carro? Levar seus filhos como reféns.

— Você não tem filhos para serem levados.

— Não, não tenho. — Vlad olhou por um momento e então se levantou repentinamente. — Ilona — lembrou-se. — Prometi que a

visitaria esta noite.

— Príncipe — disse Ion, seguindo-o pelas escadas —, você precisa descansar um pouco, se vamos partir ao nascer do sol.

Vlad empurrou a porta de seu quarto. Olhou para trás, a escuridão já não mais no rosto.

— Depois de todo esse tempo, você ainda tenta nos manter afastados?

Ion abaixou os olhos, gaguejou.

— Claro que não. Eu...

— Há 13 anos ela é minha amante. Mas você ainda a ama?

Ion ergueu os olhos e falou em voz baixa: — Eu me casaria com ela amanhã.

— Ah. — Vlad pegou sua capa de cavalgar. — O fato de você já ser casado não interferiria nisso?

— Eu conseguiria uma anulação.

— Com que fundamento?

Ion franziu a testa.

— Não consumação.

— Sei. E suas três filhas?

— Nascimentos virgens, todas elas. Você sabe com que ardor minha Maria reza para sua xará.

Ambos riram, Vlad colocando uma das mãos no ombro de Ion. Quando a risada cessou, ele a manteve ali.

— Você sabe, existem momentos em que eu desejaria que ela fosse sua e não minha. Acho que a faria mais feliz.

— Não. — Ion sacudiu a cabeça. — Desde aquele primeiro olhar na doca de Erdine, não há no mundo nenhum outro homem exceto você.

Vlad apertou o braço do amigo.

— Se tudo... tudo der errado em Giurgiu. Depois. Você cuidará de Ilona, não cuidará? Os boiardos a detestam. Acham que

meu amor por ela me impede de casar com uma de suas filhas com cara de cavalo. — Sorriu.

— Talvez tenham razão.

— Eu matarei o homem que fizer mal a ela. Seja ele o mais alto que for. — Ion colocou sua própria mão por cima da de Vlad. — Isso eu juro, meu príncipe.

— Ótimo. — Vlad passou à frente dele. — Quer eu esteja no paraíso ou no inferno, seu juramento fica valendo.

A luz da vela a enfeitiçava. Havia alguma coisa na dança da chama que a aliviava, libertando sua mente, deixando-a se mover por onde quisesse em torno de sua aura amarela, o centro azul. Sua vida se movia ali, como tinha sido, como poderia ter sido. Como era.

Sua vida era isso. Esperar por ele, por suas visitas cada vez mais escassas. Ela havia perdido a conta das vezes em que ele disse que viria e não veio. Ela sabia que ele era ocupado, sabia também que não puramente com negócios do Estado. Ele tinha outra amante, talvez mais do que uma.

O que sua vida poderia ter sido. Encontrando alguém como... Ion, que a amaria, talvez apenas a ela. Teria tido seus filhos, teria-os criado em algum canto tranquilo do reino...

Ela piscou, dissolvendo a visão. Não, ela nunca teria conhecido o filho de um boiardo. Criada em uma aldeia remota, filha de um curtidor, teria se casado com o aprendiz do pai aos 14 anos, parido para o bruto uma dúzia de filhos. Se sobrevivesse a eles, a essa altura estaria corcunda, de cabelos grisalhos, gorda. Não esperando em sua própria casa, ainda bonita o suficiente, seu cabelo ainda cor de avelã, vestida com luxuoso damasco. Embora tivesse 30 anos agora, não aparentava essa idade. Não ter filhos fazia isso. Não ter filhos e viver uma vida fácil.

Ela agitou a mão, viu a chama se encompridar para o lado, mudando a história. Nunca teria encontrado o aprendiz de curtidor. Porque era bonita, fora escravizada e preparada para uma vida de

concubina. Mehmet a visitaria ainda menos do que Vlad, com suas muitas esposas, suas outras moças, seus rapazes.

Teria vivido sua vida na indolência do saiay, primeiro em Erdine, depois em Constantinopla, até o momento em que ela engravidaria ou seria dada como esposa para algum oficial da província ou soldado.

A chama esticou-se outra vez. Em algum lugar da casa, alguém talvez tenha aberto uma porta. Ela tremeu e puxou um manto em volta de si; então, inclinou-se para a frente e apagou a vela. Ele não viria mais. Tinha esquecido... ou escolhido ir a outro lugar. Escolhido outra pessoa e não ela. Então sua porta se abriu e lá estava ele. Ela não podia ver seu rosto, com a vela apagada e o fogo quase no fim, mas uma tocha de junco iluminava o corredor e sua silhueta era clara contra a luz.

— Ilona.

— Príncipe.

Ele não seguiu em direção a ela, parado à porta pela frieza do título.

— Sinto muito — murmurou. — Eu...

— Deixe-me acender a vela — disse ela, pegando uma vela da mesa, com a intenção de passar por ele até o corredor. Mas ele segurou o braço dela, parou-a na soleira da porta. Uma luz fraca passou pelo seu rosto e imediatamente Ilona se arrependeu de sua frieza.

— Vamos ficar no escuro — murmurou ele.

— Mas tenho comida para você, vinho...

— Nada — ele disse, puxando-a para dentro. — Nada a não ser você.

Enquanto ele a puxava para a cama, a raiva dela voltou. Ele não tinha putas para usar dessa forma? Mas quando ele a deitou e se deitou ao seu lado, ela compreendeu que o havia entendido mal.

— Ah — resmungou ele —, que Deus seja louvado pela maciez das penas de ganso.

— Meu príncipe não requer nada além de penas para suas costas? — perguntou ela, com tom divertido.

— Um travesseiro, talvez? — Ele parou a mão que ela estendeu para pegar um. — Não. Este — disse, levantando a cabeça. Ela deslizou para baixo e ele relaxou a cabeça em seu colo com um suspiro. — E que Deus seja louvado pela maciez das coxas de uma mulher.

— Qualquer mulher? — perguntou ela, erguendo os dedos que acariciavam sua testa para dar-lhe um piparote.

— Ei! — ele gritou. — Suas coxas, eu quis dizer. Só as suas, Ilona.

Ela decidiu não argumentar que isso talvez não fosse verdade. Mas talvez ele tenha sentido seu travesseiro endurecer.

— Só aqui, deitado assim, eu tenho paz, meu amor. O único lugar neste grande mundo.

— Adulador — disse ela, as mãos voltando a correr pelos grossos cabelos dele.

— Verdadeiro — murmurou ele em resposta.

Ela o acariciava e sentia sua respiração acalmar-se, sentiu o corpo dele relaxar sobre ela. Depois de um tempo, pensou que ele estivesse dormindo. Então viu seus olhos se abrirem lentamente.

— Você sabe que parto amanhã. Hoje. Em algumas horas.

— Então haverá guerra?

— Haverá cruzada. — Houve um tremor em sua voz. — O triunfo da Cruz sobre o Crescente. O Dragão empoleirado no rabo do cavalo. Mehmet curvado sob minha espada.

— E de tudo isso, esse último não é o principal?

— Talvez. — Ele sorriu. — Como guerreiro de Cristo, sei que eu deveria ser apenas um condutor de sua glória. Mas também

procuro a minha. Estou ardendo por isso. Para conquistar o conquistador.

— E você conseguirá? — disse Ilona ternamente, movendo o cabelo dele para um lado. — O Turco não é poderoso demais?

— Poderoso? Sim. Invencível? Não. Como fez Hunyadi, em Belgrado, em Nis, como Skanderberg fez várias vezes na Albânia, eu posso fazer aqui. Com um pouco de ajuda.

— Da Hungria?

— Sim. Posso começar a guerra, prosperar por um tempo. Mas se Corvinus não começar a usar todo aquele ouro que o papa lhe deu para lutar...

— Então?

— Então estaremos condenados. — Ele levantou os olhos. — Você entende que é só para você, aqui, que eu posso dizer isso?

— Sim.

Ela o acariciou. Ele respirou fundo. Depois de um tempo, ela chamou: — Vlad? Ele, porém, não se mexeu. Ilona tirou as botas dele e, depois de um momento, seu vestido, deixando-os apenas com a roupa de baixo, depois puxou um macio manto de Olteni sobre os dois e se encaixou nele.

Ela não achou que dormiu. No entanto, abriu os olhos para umaluz fraca vindo das venezianas. Em silêncio, deslizou para o lado, abriu-as em uma fenda. Havia realmente uma luz vindo do leste.

— Já é a aurora? — perguntou ele, a voz sonolenta.

— Não, amor — respondeu ela, fechando as venezianas, voltando outra vez para o lado dele —, apenas Targoviste em chamas. Volte a dormir.

— Ótimo. — Ele respirou fundo outra vez, depois disse: — Você está brincando, certo?

— Sim. Volte a dormir.

Depois de um momento, ele disse: — Seus pés poderiam ficar mais frios?

— Eles são carvão quente comparados com minhas mãos. Sinta! — E ela deslizou uma das mãos para dentro de seu shalvari e envolveu seu pênis com os dedos.

— Jesus! — gritou ele, erguendo-se e caindo para trás. — O que você está fazendo comigo?

— Isto — disse ela, acariciando-o. — E... ah! Você não parece se incomodar.

— Ilona — gemeu ele, virando-se para ela, suas mãos também se mexendo, deslizando sob as roupas. — Quem está com as mãos frias agora? — Ela riu, apertando-o mais firme. — Você se incomoda?

— Não me incomodo com nada que você faz comigo. Nunca me incomodarei.

— Verdade?

— Verdade — respondeu ela. — Sou sua, de qualquer maneira que você me quiser. Aqui. Agora. Sempre.

— Aqui e agora já está bom — respondeu, e a despiu.

Ele tinha vindo a ela em muitos estados de espírito. Eles tinham feito amor de muitas maneiras. Mas essa era sua preferida — perdida em seu calor, ele mais perdido ainda. Ele nunca esteve perdido em nenhum outro lugar, com ninguém mais, ela sabia disso. Sempre precisava mostrar alguma coisa para o mundo, mas não aqui, não com ela. Que ele se perdesse nela a excitava além de qualquer medida. Pois, em seu abandono, ela também podia se abandonar.

Eles se mexeram, para cima, para baixo, do frio ao quente, ficando cada vez mais quente. A luz fraca ficou mais forte atrás das venezianas, e ela sonhou que Targoviste estava em chamas, chamas devoradoras que levariam os dois. Então ela o sentiu tenso, a primeira vez em séculos, e soube, enquanto ele tentava se retirar,

como sempre tinha feito desde que fez um voto a um padre de não ter mais bastardos em troca da vida dela. E ela soube também que, como talvez jamais fosse vê-lo outra vez, não podia deixá-lo ir.

— Não, meu príncipe, fique — murmurou ela, enroscando as pernas com força em torno dele.

— Ilona... — gemeu ele.

— Não tem problema, meu amor. Eu conheço minhas regras.

— Você tem certeza?

— Eu nunca mentiria para você.

— Não, você não mentiria. A única pessoa que não mentiria. É por isso que você é meu santuário. — Ele sorriu. — Então graças a Deus — exclamou, relaxando outra vez.

A pausa lhes deu um momento, que se estendeu. Gritos vieram, a carne deles se encontrando, misturando-se.

Ficaram deitados juntos, abraçados, deixando os corações pulsarem mais devagar e a respiração acalmar. Os olhos dele estavam fechados de novo, o rosto, calmo.

Os dela estavam abertos para examiná-lo. Ele parecia quase o menino que fora quando ela tirara seu véu de moedas e o vira de verdade pela primeira vez.

Ela conhecia as histórias. Havia inúmeras na corte tão desejosa de recontar seus feitos — sua dama, Elisabeta, filha do jupan Turcul, era a mais ansiosa até que ela lhe dissesse para parar. Mas as que ela conhecia — de crueldade, de punições horrendas — não combinavam com o homem que estava em seus braços. Ele não falava delas aqui, nem de nada do tipo; nunca revelara a ela a fonte da escuridão que podia invadir seus olhos em um instante. Essas palavras eram para o confessor a quem diziam que ele ia, e para Deus, não para ela. Ele a chamava de seu santuário. Ela não violaria o único lugar onde ele se sentia seguro, não importava o que dissessem que ele tinha feito.

Um cavalo vinha descendo a rua. Siga em frente, ela rezou, mas ele parou. Uma voz suave entrou pelas venezianas.

— Príncipe?

Ela tapou os ouvidos dele com as mãos, mas ele escutou de qualquer maneira.

— Estou indo — disse.

O cavalo seguiu. Não muito longe. Ele tentou se levantar e ela ainda o segurou.

— Meu amor — falou, colocando as mãos sobre as dela.

— Fique.

— Não mais — disse com firmeza. — Deus me chama.

— Estranho Deus esse que fala com a voz de Ion.

Ele riu, soltou-se do aperto dela, levantou-se, vestiu-se rapidamente enquanto ela o observava, estudando cada curva de músculo, reparando em cada cicatriz.

Nenhuma delas era nova para acrescentar ao mapa que ela levava no coração.

Ele se virou, uma das botas calçada, vendo a intensidade do olhar dela.

— O que foi? — perguntou.

— Volte para mim — murmurou ela.

Ele calçou a segunda bota e sentou-se na cama.

— Voltarei — respondeu —, e se não voltar, Ion jurou que...

Ela pousou o dedo sobre os lábios dele.

— Eu sei. Mas suspeito que, se você não voltar, Ion também não voltará, pois não posso vê-lo vivendo se você morrer. — Ele tentou interrompê-la, mas ela continuou: — Eu estarei em segurança. Eu me vestirei outra vez como um rapaz e irei para junto das freiras em Clejani cujos mosteiros você tão generosamente dotou. É o lugar final de toda amante real, não é?

Ele sorriu à súbita calma dela, puxou seus dedos e beijou-os.

— Por algum motivo, não consigo vê-la com uma touca de freira.

Ela não sorriu.

— Se você não voltar, rasparei minha cabeça e usarei uma até minha morte.

Ele segurou os volumosos cabelos dela, levantando-os do seu ombro.

— Por nenhuma outra razão, então — disse. — Ela deitou a cabeça na palma da mão dele. Vlad se curvou e beijou seus olhos fechados. — Mantenha-os fechados — sussurrou. — E, quando abri-los, estarei aqui outra vez.

Ela obedeceu, como sempre. Escutou a porta abrir, depois a porta da rua lá embaixo, um murmúrio de vozes. Enquanto os cavalos se distanciavam, Ilona ainda manteve os olhos fechados, apesar das lágrimas que escorriam por entre as pálpebras. Ele nunca quebrara uma promessa a ela e, pelo maior tempo que pudesse, ela acreditaria que ele não o faria.

Trinta



Gritos noturnos

Foi o grito que o acordou. Primeiro, Hamza não estava seguro se o chamado do falcão tinha vindo de dentro de seus sonhos ou de fora. Se fosse de dentro, então ele o escutara no lugar dos sonhos, as dunas de areia sob os muros de Laz. Se fosse de dentro, então, talvez, pudesse voltar para lá, o lugar onde nasceu, nas praias do mar Negro, no breve tempo que ainda tinha antes do chamado do muezim para a oração. Alguns momentos de calor, de iluminação, antes de se levantar para o gelo e a monotonia do castelo Giurgiu, onde as pilhas de peles e couro de carneiro sob as quais se deitara não conseguiam impedir o rio gelado de correr por todos os seus ossos.

Se o grito era de fora, provavelmente seria o sacre que trouxera consigo. Embora seu título de cakircibas — falcoeiro-chefe — agora fosse sobretudo honorífico, tão ocupado estava com os assuntos de Estado e as ordens do sultão, cada homem, quando podia, tinha de labutar em seu ofício contra o dia do desastre. O próprio Mehmet às vezes podia ser encontrado em seus jardins, com a colher de jardineiro na mão. Isso acontecia com frequência, na verdade, tal era o amor do sultão por todas as coisas que cresciam. Todo emissário recebia a ordem de procurar as plantas mais raras nas terras que visitava.

Essa embaixada era uma boa chance para Hamza preparar uma ave caçadora para a primavera e para o punho de Mehmet. Mas

era um filhote, roubado demasiado cedo de seu ninho, muito nervoso e de temperamento ruim. Até agora, a gentileza tinha falhado. Logo seria o momento da severidade.

Agora ele estava desperto, sonhos sobre um mar morno fora do seu alcance. Em poucos momentos, seria forçado a se ajoelhar, seu kilim de oração uma proteção insuficiente contra a laje. Embora fosse dos turcos agora, Giurgiu fora construído pelos francos anos antes e eles não pareciam se importar com o frio.

Outro grito, mas dessa vez era mais como uma risada, e vinha de perto. Hamza virou-se e viu o contorno de uma cabeça sobre o travesseiro, o cabelo precioso e cheio de estilo em um halo vermelho ao redor dela. Ele podia imaginar o tipo de sonho que o homem a seu lado estava tendo. Um que envolvia causar dor.

Thomas Catavolinos. Embora depois da queda de sua cidade, Constantinopla, ele tenha se convertido ao islã para servir ao sultão, e adotado o nome de bei Yunus, Hamza ainda pensava nele com seu antigo nome.

O homem tinha feito pouca concessão à fé além dessa; manteve as roupas, o cabelo descoberto, o prazer grego pelas coisas tortuosas. E tinha subido alto devido a certas habilidades...

Hamza suspirou. Ele sabia por que Mehmet tinha lhes dado a carga dessa embaixada. Como falcoeiro, muitas vezes ele usara um rato cego, amarrado perto do ninho de um sacre, como armadilha para um pássaro adulto. Ele era esse rato, para atrair aquele que deveriam encontrar. Enquanto isso, o homem a seu lado fora indicado por seus talentos especiais. As ordens do sultão tinham sido claras: depois que o príncipe da Valáquia fosse aprisionado, ele precisava ser quebrado. Como com seu falcão, Mehmet não tinha tempo para fazer ele próprio seu inimigo obedecer. Só queria desfrutar os resultados. E ninguém estava mais preparado para quebrar homens do que esse grego.

Hamza estremeceu. Não era uma coisa com a qual se envolveria, louvado seja Alá, o Mais Misericordioso. Ele se lembrou de como tinha sido difícil quebrar o jovem.

O que mais seria necessário, agora que era um homem? Um homem que havia governado, e sobre quem... histórias perturbadoras eram contadas agora. Uma parte dele esperava que o príncipe não viesse, que a isca de sua própria presença tranquilizadora não fosse suficiente.

No entanto, que escolha tinha Vlad? Hamza tinha espiões em todas as cortes da Europa. Todos lhe falaram a mesma coisa: que embora Vlad pudesse estar se coçando para enfrentar seus inimigos, todos os outros monarcas estavam olhando em outra direção.

Apenas a Hungria estava realmente reunindo as tropas. Mas Corvinus pegara demasiado ouro papal para não montar um espetáculo. Hamza estava seguro de que ele não tinha intenção de ir à guerra.

Vlad provavelmente sabia disso. Na verdade, seu espião em Targoviste, um boiardo chamado Dobrita, havia lhe contado como o príncipe estava isolado, mesmo em sua própria terra. Ele teria de vir, trazer seu tributo em moedas e jovens, ajoelhar-se. E isso não lhe traria nenhum benefício. Mehmet havia decidido que o trono da Valáquia precisava de outro ocupante, mais dócil — seu amante, o irmão de Vlad, Radu "Cel Frumos" — "o Bonito" —, mais bonito agora do que quando era um belo garoto, e ainda no coração de Mehmet. Com frequência ainda ao lado dele no divã.

Outro barulho, um gemido desta vez. Hamza olhou de novo, desgostoso. Ele não conseguira recusar a esse companheiro embaixador o conforto e o calor da única cama de Giurgiu, já que eles tinham o mesmo status. Imaginava que ele mesmo poderia ter escolhido dormir nos estábulos. Mas o inverno havia aguilhado forte.

Na primeira noite deles em Giurgiu, Hamza suspeitou que o Grego tentaria seduzi-lo, e tinha se deitado tenso, pronto para se defender. Mas na semana que passaram na fortaleza, ele acabara compreendendo que o homem não estava interessado nem em homem nem em mulher — dessas maneiras. Só na dor. E, na verdade, Hamza sabia, seu próprio apetite por homens nunca tinha sido forte. Em sua vida, ele havia simplesmente... amado, suas quatro esposas, especialmente a primeira, Karima; Murad, o antigo sultão, quando costumava ser seu copeiro. Por um tempo, aquele que eles haviam sido enviados ali para capturar. E o jovem de olhos verdes era o único homem sobre o qual às vezes ainda pensava, à noite.

Hamza tremeu. Talvez ele não venha, pensou.

E então soou outra vez o grito que o despertara, e o pôs fora da cama em um segundo, apesar do ar frio, da pedra gelada. Pois o pássaro que gritou não devia estar ali! Só uma garça ou um búteo de pernas grosseiras poderia estar caçando no delta do Danúbio em dezembro. Não um açor. Esse pássaro deveria estar aninhado nas florestas do norte, esperando pela primavera.

Alguém deve tê-lo levado até ali.

Ele encontrou os chinelos, um roupão, e subiu as escadas que conduziam do quarto até a plataforma do torreão acima. À última luz de uma pálida lua cheia, o Danúbio reluzia prateado nos três lados da ilha sobre a qual a fortaleza fora construída, os três que se podia ver. Mas não era para a água que Hamza olhava agora e sim para a terra, a planície inundada levantando-se suavemente nas encostas de juncos até uma plataforma de salgueiros brancos a cerca de duzentos passos de uma ponte estreita que ligava a ilha à costa. A lua derramada contornava as árvores de prata, em torno de âmagos escuros.

E então, uma forma se separou dos salgueiros, indo para o lado de tal maneira que sua silhueta podia ser vista contra a luz da

aurora. Quando um braço foi levantado, Hamza sabia que estava olhando para um homem, não um animal, um tão negro quanto a escuridão da qual saíra. Um grito soou, o mesmo grito que o despertara; levemente diferente, porque este vinha de uma garganta humana.

— Criei-ak, criei-ak.

Foi apenas porque a lua ainda estava brilhando, sua visão era boa e porque estava se esforçando tanto para olhar que viu a forma veloz descendo, viu o homem se curvar para absorver a rapidez da descida do açor. O homem se endireitou e, por um momento, tudo ficou parado. Então, desapareceu entre as árvores, e Hamza, que estava prendendo a respiração, deixou-a sair em uma única palavra lenta: — Drácula.

— Voivoda? Onde está você? O sussurro áspero de Ion se perdeu sob os salgueiros. Seu príncipe estava a seu lado alguns minutos antes. E então desapareceu, sem som, e o próximo barulho que ele ouviu foi o grito de caça do falcão amaldiçoado que Vlad insistira em trazer! Ion compartilhava a paixão de seu amigo pela falcoaria. Mas aqui, agora? — Voivoda — sibilou ele outra vez.

— Aqui. — Vlad deslizou para o lado de Ion tão silenciosamente quanto o deixara.

— O que você está fazendo? — Caçando. — Vlad ergueu seu punho esquerdo. — Mas minha linda Kara Khan não teve sucesso.

— É claro que não — disse Ion, exasperado. — Que tipo de tolo solta o falcão à noite?

Os dentes de Vlad reluziram em um sorriso.

— Esse tipo. — Deu um assobio baixo e imediatamente seu seno falcoeiro, Stoica, o Silencioso, saiu das sombras, o luar refletindo em sua careca. — Tome-a — disse Vlad, e o homem balançou a cabeça, a única resposta que podia dar desde que os padres cortaram sua língua por blasfêmia. Ele pressionou sua luva

na de Vlad, atraindo a ave com carne saída de uma bolsa, depois se retirando para a escuridão outra vez.

Ion não estava satisfeito.

— Você não está preocupado em ter sido visto?

— À noite, a essa distância do castelo?

— Alguém pode ter visto você. Até reconhecido. E se reconheceram, vão contar ao paxá Hamza.

— Ele já sabe que estou chegando. Nós não fizemos disso um segredo.

— Mas ele pode se perguntar por que nenhum de seus homens o avisou de nossa aproximação.

— É verdade. — Vlad sorriu outra vez. — Você está com as roupas?

Ion sacudiu a cabeça, suspirou.

— Stoica está com elas.

Vlad assobiou outra vez.

— Você se preocupa demais, meu amigo — disse enquanto seu servo, sem o pássaro, se aproximou com as roupas e a armadura. Vlad pegou a chapa do peito, segurou-a contra si. — Ótimo — disse. — Estava preocupado em não encontrar uma que servisse. É possível que os turcos estejam ficando mais altos? Ele começou a tirar suas roupas pretas, Ion segurando o que era descartado, Stoica passando as peças que deviam substituí-las.

— Pegamos essa de um dos que matamos esta noite — disse Ion, observando seu príncipe se transformar em um guerreiro turco. Ele ficou de tanga, depois colocou duas túnicas de algodão, cobrindo-as com um capinat de lã até a altura do joelho. Sobre isso, colocou a cota de malha que o cobriu do ombro até a canela.

A proteção do peito e das costas foi deslizada por um saiote de fios de aço caindo até o meio da coxa. Quanto Stoica foi amarrar as correias, Vlad olhou para Ion.

— Vamos, Ion, antes que você ponha suas tripas para fora. Diga o que deseja dizer.

— Bem, já que você está usando títulos turcos... Hospodar — retrucou Ion —, eu acho que isto é loucura.

— E já disse isso suficientes vezes. Embora nunca na frente dos homens. — Ele deu uma olhada para Stoica, que continuava amarrando. — Nem dos mudos. Mas eu já lhe disse antes: preciso garantir o castelo. Ele será minha base para tudo que deve se seguir.

— Entendo isso. O que não entendo é por que não posso ser eu a tomá-lo.

— Comigo seguro no campo, você quer dizer? — Vlad sacudiu a cabeça, enquanto Stoica se abaixava para fixar as grevas em seus tornozelos.

— Depois de todo esse tempo, você ainda não aprendeu? Eu nunca, nunca, liderarei por trás. Meu kismet já está fixado. Se eu tiver que morrer hoje, não há nada que possa fazer a respeito.

— Talvez você não morra. Talvez você seja reconhecido e preso — resmungou Ion.

— O quê? Com esse disfarce ardiloso? — Enquanto o príncipe falava, Stoica amarrava um lenço de seda em volta de seu rosto, e depois lhe passou o elmo turbante.

Quando Vlad o enfiou em sua cabeça e espalhou a malha de metal que descia dele para seus ombros, só seus olhos apareciam, o verde pálido na primeira alvorada da luz. Ele os apontou com dois dedos.

— Além disso, se alguém notar esses aqui, e Ilona garante que eles são minha melhor característica, espero que estejam usando os próprios olhos para observar para você.

Ion suspirou.

— Você está contente, meu príncipe.

— Certamente. Estou prestes a começar a matar turcos. — Ele deu um passo atrás. — Como estou?

Ion pensou.

— Como um asno sodomita — disse por fim.

— Excelente — retrucou Vlad. — Vou me misturar perfeitamente.

Stoica voltou para os arbustos. Retornou segurando várias armas.

— Ah! — disse Vlad, sua mão pousando por um momento na Garra do Dragão.

— Príncipe... — Ion alertou.

— Você tem razão, meu amigo. Eles podem não reconhecer meus olhos mas uma yaya de um palmo e meio, com a marca do Dragão...-suspirou, olhou para o céu.

— Logo, Pai — murmurou, largando-a, pegando o sabre mameluco de lâmina levemente curva e cabo, cortando o ar com ele, girando-o rápido para baixo. — Bom equilíbrio, mas... não — disse —, para onde estamos indo acho que levarei esta clava — pegou o porrete pesado de cabeça de ferro com quatro estrias — e uma cimitarra.

Enfiando a adaga de lâmina comprida e a clava em seu cinto, ele se virou e começou a caminhar por entre as árvores, a crosta de gelo no riacho raso estalando sob seus pés. Ion o seguiu e logo chegaram a uma lagoa de forma côncava, cercada por salgueiros, suas margens forradas de junco. Sentados entre eles estavam vinte homens vestidos exatamente como Vlad. Enforcados nos ramos das árvores havia o mesmo número de homens, nus, as línguas pretas projetando-se dos lábios inchados.

Os soldados levantaram-se quando Vlad e Ion entraram no círculo. O líder não teve pressa e olhou cada um dos homens nos olhos e assentiu. Eles estavam havia muito tempo com eles, esses vitesji, homens selecionados que o ajudaram a reconquistar seu trono e a mantê-lo.

Trinta de seus companheiros estavam em Targoviste, controlando os boiardos. Esses aqui, quase todos valaquianos, tinham sido escolhidos porque haviam passado algum tempo entre os turcos — como soldados e escravos — e falavam a língua deles.

Vlad chamou um deles à frente.

— Então, Illie — disse ao homem de pé a seu lado, que parecia ser duas vezes mais alto e incomumente escuro —, você já o dominou?

— Não, voivoda. — A voz do homem era tão escura quanto seu rosto. Agora, ele mostrou o que tinha nas mãos. — Tem algo errado com ele. Não pode ser esticado completamente.

— Não?

Ilie agarrou a corda, inalou, depois puxou. Mas não foi além da altura do queixo. Depois de um momento tremendo, ele relaxou a corda.

— Está vendo? — grunhiu. — Quebrado. — Olhou em torno. — Todos tentaram. — Seu olhar voltou para encontrar o de Vlad. Ele balançou a cabeça e estendeu o arco.

— A não ser você.

Vlad olhou para os olhos pretos de Illie, e ao redor, para o restante dos seus homens; todos agora mudos como Stoica, olhando de volta. Só Gregor sorriu como sempre fazia. Ion sacudiu a cabeça muito lentamente. Ele também tentara o arco e falhara, e estava lembrando a Vlad que o arco turco era uma arma muito incomum. Usá-lo requeria uma habilidade que poucos homens que não a praticaram desde a infância tinham. Pois ele não exigia apenas força, mas força e foco. E o balançar de cabeça era também para lembrar a Vlad de algo mais: os soldados sempre procuram sinais favoráveis antes de entrar em uma batalha. Se o líder falhasse com o arco, mesmo se todos falharam antes dele...

Portanto, Ion sacudiu a cabeça. Não, seus olhos diziam.

Vlad pegou o arco. Viu imediatamente que um dos homens que estavam dependurados atrás deles devia ter sido rico, pois a arma era do tipo mais fino. A madeira certamente era bordo, o tendão esticado sobre ele sem dúvida de búfalo. Parecia antigo, embora fosse difícil dizer, em se tratando de um arco turco. Os melhores, diziam, podiam durar duzentos anos.

Vlad estendeu a mão, sem se virar. Stoica colocou seu anel de flecha em sua mão. Ele o tinha desde Edirne, quando um arqueiro o ajustou a seu dedo com lacre de cera. Enfiando-o, pegou uma das compridas flechas de pinho que seu servo segurava, passando o dedo ao longo da pena de cisne. Ergueu outra vez os olhos para os olhos pretos de Ilie. Então, ajustando o arco, ele puxou, parou por um momento onde Ilie havia parado, a corda no queixo, respirou fundo... depois puxou-a completamente até a orelha; segurou-a ali por um momento antes de soltar a flecha. Ela disparou por entre os salgueiros, em direção ao rio além.

Vlad abaixou o arco.

— Ficarei com este, se puder.

— É seu, voivoda. — O Negro Ilie sorriu, abaixou-se, deu um passo atrás.

— Então, vamos seguir a flecha — disse Vlad, e enquanto os homens se curvavam para pegar suas armas, ele se virou para outro, vestido com as roupas e a armadura de um valaquiano, seu comandante da cavalaria.

— Você sabe qual é o sinal, Buriu. Mantenha Stoica antes das árvores para que nada o atrapalhe. — Ele fez um gesto para o homem mudo. — E, quando vierem, venham rápido.

— Voivoda — respondeu Buriu. Então os dois homens se curvaram antes de desaparecer entre os juncos, para se unir ao segundo grupo de homens, muito maior, escondidos em um pequeno vale mais além.

Seus vitesji formaram duas filas. Ele se encaminhou para a frente.

A mão de Ion o deteve.

— Príncipe... — começou.

Vlad colocou sua mão sobre a do amigo.

— Em uma hora, Ion. No castelo que meu avô construiu. Será o começo.

E então ele se foi, as filas seguindo-o. O espaço era pequeno entre dois salgueiros, e os dois homens dependurados ali eram girados para lados opostos pelos ombros que passavam. Quando o último soldado passou, Ion se ergueu, parando o balanço, as mãos nos pés desnudos.

— Vão com Deus — murmurou. Depois se voltou para as próprias tarefas.

Trinta e um



Troia

Para Hamza, o cenário ao redor de Giurgiu era tão monótono à luz do Sol como tinha sido à luz da Lua. As intermináveis moitas de junco ainda balançavam-se com o Austru, o frígido vento sul-leste. O Danúbio ainda se movia, indolente e cinzento, entre elas. No pico do pequeno monte, os salgueiros e álamos eram esqueléticos, ainda mais áridos agora que seus galhos sem folhas podiam ser vistos.

Pelo menos, agora havia alguma vida, algum movimento. Na água, barcos zarpavam incessantemente da margem da Trácia, trazendo suprimentos e homens. Ele tinha visto uns dois barcos cheios de soldados. Embora ainda fosse começo de inverno, Mehmet já estava se preparando para a guerra, e essa fronteira precisava ser reforçada.

Uma guerra que talvez não aconteça se Vlad Drácula estiver fazendo parte do outro movimento, o que acontecia na margem, pensou, e se espantou com os sentimentos diferentes que isto lhe provocava.

— É ele?

A voz o sobressaltou, pois o Grego tinha vindo com os pés em chinelos pelos degraus de pedra até as ameias. Puxando a barba três vezes — um gesto que, ao perceber que tinha se tornado um hábito, o deixara chateado —, Hamza olhou por um momento para Thomas Catavolinos, depois outra vez para o grupo de homens

começando a aparecer por entre as árvores, 12 cavaleiros e três carruagens, sendo a última um palanquim de cortinas negras.

— Talvez — respondeu. — Os dois vagões podem conter o tributo.

E o príncipe mandou avisar que estava doente, lembra? Então, pode estar naquela última carruagem.

— Mas onde estão os jovens? — perguntou-se Thomas, inclinando-se para olhar por uma das ameias.

— Eles virão a seguir. Nossos espiões disseram que o príncipe Drácula estava recrutando em todas as aldeias.

Hamza examinou o homem a seu lado. Tinha feito a toalete, pois seu cabelo mais uma vez estava dominado em espirais ruivas que caíam sobre seus ombros. E os olhos que ele agora virava para Hamza estavam sutilmente sombreados com carmim.

— Você deve estar muito ansioso, enishte. Por ver outra vez seu antigo amante.

Hamza resmungou e desviou os olhos para a água, para os barcos que agora ancoravam, vomitando sua carga de soldados. Odiava que os outros soubessem sobre sua vida, especialmente esse homem a seu lado. Mas ele, é claro, contara ao antigo sultão sobre a subjugação final de Drácula, Murad contara a seu filho e Mehmet contara ao Grego. Desde a queda de Constantinopla, o sultão tinha incluído mais e mais dos nobres conquistados em seu círculo íntimo. Era difícil, nesses dias, encontrar alguém no Divã que falasse fluentemente o osmanli.

— É verdade que esse Drácula estudou um tempo em Tokat? Hamza assentiu.

— Estudou. Relutantemente.

— Assim como eu. Mas de maneira nenhuma relutante. — Ele bateu palmas, deliciado. — Tenho certeza que adicionamos alguns refinamentos desde a época dele lá.

Terei prazer em demonstrá-los a ele. Nele.

Ele riu outra vez e Hamza estremeceu. Sabia que as ordens de seu sultão deveriam ser obedecidas sem questionamento; já vira o que acontecia com quem desapontava Mehmet. Mas isso não significava que tinha que gostar de seu papel. E ele ainda estava desconfortável em relação a seu sucesso. O Vlad de quem se lembrava estava longe de ser estúpido. Saberia o que Mehmet ainda sentia em relação a ele. E ele os surpreendera no passado.

Murad havia contado a assombrosa história do rapto de uma concubina nas ruas de Edirne.

Talvez ele os surpreendesse agora. Talvez estivesse acomodado no palanquim de cortinas pretas, lutando contra a febre que diziam tê-lo acometido. E caso estivesse...

Hamza deu uma olhada final ao redor do pátio. Havia homens em todo lugar, claro, fazendo suas tarefas. Mas muitos — os seus homens — estavam quietos; observando e esperando. Isso era particularmente verdadeiro na torre principal do portão, quase uma fortaleza separada dentro da outra, maior. Ele ergueu os olhos para as ameias. Toda seteira tinha um soldado. No entanto, Hosnick, seu comandante, obviamente tinha decidido usar até os recém-chegados, pois um grupo dos homens novos estava se aproximando da torre, vindo da doca.

Tudo estava pronto. Dependia agora de Drácula surpreendê-los ou desapontá-los. Puxando sua barba três vezes, Hamza não tinha certeza de qual preferiria.

Olhou para a estrada. O grupo valaquiano tinha passado pelas cabanas amontoadas em volta da estrada de acesso e estava agora se juntando para atravessar a ponte estreita que conduzia à fortaleza da ilha. Embora não fosse Vlad, havia algo familiar em relação ao comandante alto.

— Vamos descer para cumprimentar nossos hóspedes? — disse.

Eles desceram as escadas, precedidos e seguidos por sua guarda cerimonial de seis alabardeiros. Chegaram ao pátio do castelo justo quando O primeiro dos cavaleiros passava pelo portão. Hamza não precisava olhar para saber que seus homens estavam prontos. Podia escutar o leve estalar das flechas encaixando em suas marcas e as cordas dos arcos sendo puxadas para trás. Então houve um barulho repentino, inesperado, alguém deixando a armadura cair na torre acima. Atônito, ele ergueu os olhos... mas lá estava Ionick, inclinando-se por entre uma brecha na pedra, a mão erguida.

O grupo que chegava parou. Todos estavam desmontando ou descendo dos vagões. Hamza deu um passo à frente.

— Que Alá, o Mais Sublime, seja louvado por sua chegada segura — cumprimentou.

O líder dos valaquianos deu suas rédeas para um de seus homens. Tirando o elmo, ele se virou e falou: — E que o Pai Mais Sagrado abençoe esta reunião de amigos.

Hamza parou, a meia dúzia de passos de distância.

— Pelas barbas! Ion? Ion Tremblac? — Em pessoa, paxá Hamza. Seu aluno mais estúpido — retrucou Ion.

Os dois homens fizeram a vênia — da cabeça à boca e daí ao coração, mãos se abrindo em boas-vindas.

— Não é verdade, Ion. Às vezes as árvores mais fortes crescem de um broto que não prometia. E olhe só para você, um excelente carvalho valaquiano, realmente.

— Hamza, que não se considerava pequeno, viu-se tendo que erguer os olhos para Ion. Ele procurou pela tugra de Mehmet abaixo da franja do belo cabelo comprido, mas a marca estava escondida. — Perdoe-me. Meu colega embaixador, bei Yunus.

O Grego fez a mesma vênia, depois se aproximou.

— Antes que Mehmet Fatih, o mais glorioso, erguesse os véus de meus olhos e me trouxesse até Alá, o Mais Misericordioso — disse —, eu era chamado de Thomas Catavolinos. E eu costumava

saudar meus companheiros cristãos dessa maneira. — Ele estendeu a mão. — Não é assim? — Realmente, senhor.

Thomas pegou a mão, surpreso pela força no aperto de mão feminino do homem.

— Estou honrado.

— Como eu também.

As mãos abaixaram-se. Os três se entreolharam por um momento em silêncio, até que Hamza falou: — E o meu outro aluno? Seu príncipe, Drácula. Ele está bem?

— Ai de mim!, enishte — disse Ion, dando um passo atrás —, ele ainda está enfraquecido pela enfermidade que o tomou. Mas não teria ficado para trás.

— Ele está aqui? — Sim. — Ion engoliu, erguendo os olhos. Então avançou, os outros atrás. Ele os conduziu pela fileira de vagões cobertos, passando pelos soldados desmontados que, Hamza notou, estavam armados só com as adagas combinadas nas cartas preliminares. Enquanto caminhava, Ion falou: — Esses dois vagões contêm não apenas as 10 mil coroas de ouro mas também alguns presentes, para vocês dois e, claro, para o sultão.

— Muita amabilidade — murmurou Hamza.

— O devsirme está vindo. Vocês sabem como meninos caminham a com lentidão. Mil e quinhentos dos melhores de nossa juventude.

— Gratificante — disse o Grego.

Eles tinham chegado ao palanquim. Ion começou a desamarrar as tiras que mantinham fechadas as cortinas pretas. Imediatamente houve um som vindo lá de dentro, um farfalhar.

— Calma, príncipe, calma — murmurou Ion. Seus dedos tremiam enquanto ele desfazia as amarras.

Hamza franziu a testa com o tom apaziguador da voz. Que doença era essa que tinha acometido o príncipe? As histórias da corte de Vlad tinham se tornado cada vez mais estranhas. Tinham

dito que, em seus ataques, ele fazia as coisas mais terríveis. Na verdade, muitos falavam de um homem que havia enfraquecido. No entanto, na Morada da Paz, os insanos eram tratados com respeito, pois tendo abandonado as amarras deste mundo eram considerados um passo mais próximos do paraíso. Assim, enquanto Ion lutava para desamarrear a última das tiras, enquanto começava a puxar a cortina, Hamza se preparou para uma visão. Não apenas de um antigo amor, mas um dos amados perdidos de Deus.

E viu um falcão. No centro da carruagem, além disso, vazia, havia um poleiro. Um açor estava preso ali, um falcão macho a seu lado. Ele levantou as pálidas asas azuis, estufou as penas pretas e brancas da barriga e soltou um grito de ultraje — "Cra! Cra! Cra!" — a essa súbita exposição à luz.

Ion tinha enfiado a luva que estava guardada do lado de dentro. Agora, fazendo sons tranquilizadores com sua garganta, desfez o fecho na parede de treliça do palanquim, abriu uma pequena porta, enfiou a mão, desamarrou as tiras de couro e conduziu o pássaro gentilmente para seu punho. O falcão macho abaixou rápido a cabeça, mordendo com força o couro grosso do polegar. No entanto, apesar de sua surpresa, ele se acomodou rapidamente. Era belamente treinado, Hamza pôde ver instantaneamente.

Thomas, que obviamente não era um falcoeiro, recuara rápido para longe do pássaro e de seu grito agudo. Agora, olhava em volta de Hamza.

— O que é isto? — disse.

— Um açor. É uma beleza. — Ele estendeu a mão e o falcão olhou, procurando a presa. Hamza a retirou e sorriu. Decidiu não mostrar nenhuma surpresa. — Sem dúvida, um presente de Drácula para mim? Ion não respondeu. Mas outra voz, sim, gritando do alto.

— Não, enishte. O Príncipe Negro é meu.

O Turco, erguendo os olhos, viu duas coisas. A primeira foi Hosnick, a garganta escorrendo sangue, caindo de cabeça para se esborrachar no chão do pátio.

A segunda foi o homem que tinha falado, seu rosto escondido por um lenço, estendendo um punho enluvado.

Ion saiu do vagão e lançou seu braço para cima. Kara Khan, o Príncipe Negro, levantou voo rapidamente. Em apenas quatro batidas de asas, alcançou a outra mão. Ficou ali só por um momento, no entanto, antes de ser lançado ao ar outra vez.

— Boa caçada — exclamou Drácula, enquanto o mundo enlouquecia.

Trinta e dois



A tomada

Por cima do portão, em cada seteira agora havia um valaquiano, todos retesando seus arcos ao máximo, os homens mais baixos de pé sobre os corpos dos turcos cujas gargantas haviam cortado, para ter mais altura.

Vlad tinha derrubado seu tamborete no pátio. Então, pulou na abertura, equilibrou-se ali, armou sua flecha e atirou. O alabardeiro à direita de Hamza estava agarrando a flecha em seu peito quanto caiu de costas no chão.

Não havia necessidade de comandar. Cada um dos vitesji sabia exatamente o que fazer. Assim, Ion apenas passou um braço pela garganta de I Hamza, "Mova-se e morre", sibilou, colocando a ponta de sua adaga no ouvido do homem.

Congelado, Hamza olhou para o que estava acontecendo. Para as outras flechas, que derrubavam o restante de seus guardas. Para os valaquianos no pátio, correndo para os dois vagões, tirando as coberturas, puxando espadas e escudos. Para os escudos erguidos sobre e ao redor deles, ele e Thomas no centro de uma barricada de madeira reforçada com aros de metal, as costas pressionadas contra o palanquim. Ion precisou soltar a garganta de Hamza para pegar um escudo. E o Turco sabia que, se fosse capturado — se Drácula tomasse Giurgiu, pois claramente era isso o que estava acontecendo —, ele seria um homem morto. Príncipe ou sultão cuidariam disso. Assim no momento antes de o escudo de Ion fechar seu mundo das

imagens e dos sons, ele gritou: — Pegue-os! O estranho silêncio que seguira os poucos momentos depois da queda de Hosnick, preenchidos com o estalar e o zumbido das cordas dos arcos e a visão de homens morrendo subitamente, foi rompido pelo grito.

Todos no castelo imediatamente começaram a gritar, todos exceto o príncipe da Valáquia e seus homens, que lançavam flechas ininterruptamente enquanto tinham a chance.

Muitos caíram. Mas Vlad sabia que tinha uma guarnição de trezentos homens — e que eles eram os turcos, os conquistadores do mundo. Sabia que os oficiais deles haviam reconhecido a velha tática romana do testudo, que temporariamente estava protegendo Ion e sua presa. Que muitos também deviam ter se lembrado de uma história mais antiga — do Cavalo de Troia. Vinte homens não tomam uma fortaleza. Mas poderiam tomar e manter um portão até que o exército chegasse.

Enquanto as primeiras flechas turcas batiam na ameia a sua frente, Vlad se afastou, moveu-se para o lado da torre e viu ali o que esperava — oficiais começando a juntar os homens na torre oeste ao longo das ameias. Deveria haver uma arregimentação semelhante a leste.

— Espadas, para mim! — gritou. Metade dos homens se juntou a ele. — Ali! — Vlad apontou e seus homens lançaram setas após setas enquanto os turcos começavam a correr pelas ameias em direção a eles. Muitos caíram, outros tropeçaram nos corpos. Mas a maioria manteve os escudos erguidos. E Vlad também podia ver que alguns carregavam um aríete no meio do grupo.

Do outro lado, outra chuva de flechas, outro avanço prejudicado mas não impedido. Era hora. Lançando uma última flecha, ele nem parou para ver se atingira o alvo.

— Agora! — gritou, e seus homens o seguiram, deixando apenas "os Arcos", os seis melhores arqueiros, para permanecer ali e cobrir os outros.

Ele olhara uma vez em direção ao lado de fora. Kara Khan devia ter encontrado a mão de Stoica, porque cavaleiros estavam emergindo da linha das árvores, devagar como era necessário para não torcer os pés nos riachinhos e poças escondidos nos juncos. Levariam alguns minutos para alcançar o terreno de galope, minutos durante os quais a ponte levadiça deveria ser mantida abaixada.

Os quatro homens que ele deixara no local do mecanismo tinham feito o melhor que podiam. Barris, caixas e rolos de corda tinham sido empilhados contra as portas de madeira trancadas, a leste e oeste. Agora, homens estavam de frente para cada porta, Vlad virando-se para aquela de onde veio a primeira pancada. Da tipoia em seu cinto, ele tirou a clava.

Ele tinha acertado na escolha das armas pois, como em todos esses locais, havia pouco espaço ao redor do molinete gigante que erguia a ponte levadiça. Sua espada bastarda seria difícil de manejar.

Ele olhou para seus homens quando a segunda pancada veio.

A maioria havia tomado a mesma decisão, largando as espadas turcas que tinham sido parte do disfarce, segurando machadinhas, pequenas lanças e adagas.

Só o enorme Negro Ilie carregava uma arma digna de seu tamanho — o machado de guerra, com a lâmina afiada, ponta de lança e gancho. Ele virou para Vlad, e girou a lâmina em saudação.

E então a porta leste caiu. Foi presa por um momento pelos barris empilhados contra ela, depois foi levantada, empurrada. Vlad e seus homens foram para o lado, evitando o primeiro turco que vinha pela porta.

Ele tropeçou em uma corda enrolada e Vlad enfiou o elmo do homem no crânio com uma rápida girada de sua clava.

Muitos outros esperavam atrás dele.

— Allah-u-akbar — os turcos gritaram, avançando.

— São Jorge — gritaram os valaquianos, indo ao encontro deles, Vlad estava bem no meio. Era sempre assim com ele. As

batalhas simplificavam tudo, reduzindo o mundo a sons distintos, claros — o raspar do aço contra aço, o quebrar de ossos, gritos de raiva, dor, terror. Ele não sentia nem ódio nem medo, só a ânsia de tirar a vida de outro inimigo.

Uma centena ou um, era o mesmo para ele. Alguém que queria se provar mais forte, e fracassava.

Como esses, que vinham um depois do outro e morriam um depois do outro. Mas o sucesso valaquiano — e seus homens estavam matando tanto quanto o próprio príncipe — também era um problema. O monte de corpos crescia, mas era uma barreira móvel, forçando os defensores a retrocederem. E então um turco enorme, esbravejando com fúria, passou correndo por sobre os corpos de seus camaradas, golpeando Ilie para um lado com um giro de escudo, levantando sua espada em um arco impossível de deter em direção à cabeça de Vlad. Não havia outro lugar para ir a não ser para trás. Seu pé bateu na plataforma do molinete, a lâmina passou a um dedo de seu rosto, a força fazendo-a se enfiar no chão, e a madeira segurando-a ali o tempo suficiente para Vlad passar sua cimitarra direto pela garganta do Turco.

Mesmo assim, a porta atrás dele estava desimpedida e, por onde esse havia passado, agora vieram três.

— Comigo — gritou Vlad, embainhando sua cimitarra, agarrando o escudo do homem. Arremessou-o no rosto de um dos outros, esquivou-se do golpe tentado pelo segundo, lançando sua clava contra o joelho do terceiro. Lâminas passaram por ele, de ambos os lados, fazendo os turcos recuarem.

— Voivoda — veio o grito por trás. Vlad virou-se e viu na outra porta, ocidental, os dois homens que ele deixara ali afastando-se dela, enquanto os machados, cujo ruído surdo Vlad tinha escutado em algum lugar na carnificina, reduziam o que restava dela a lascas e quebravam ao meio a barra cruzada. Seus dois homens

mataram os dois primeiros inimigos que vieram. Mas outros assomavam na soleira da porta. Muitos outros.

— Esperem aqui! — comandou Vlad. — Gregor! Ilie! Gheorghe! Comigo!

Com uma olhada, ele pôde ver que seus quatorze homens tinham sido reduzidos a dez. Cinco para cada porta. É o fim?, Vlad pensou, com a mesma clareza, a mesma falta de paixão. Ele agarrou outro escudo, olhou sobre ele para o primeiro dos seus inimigos, um enorme bruto barbado, hesitando na soleira da porta leste. Não demoraria muito. Os turcos nunca hesitavam por muito tempo.

E então os lábios do homem se dividiram, seus olhos se arregalaram — chocado, sem dúvida, pela cabeça da flecha enfiada a um palmo de profundidade em sua garganta. Por um momento, ele olhou para baixo, enviesando os olhos para ver o que estava ali. Depois, caiu, e homens saindo de cada lado dele pularam por sobre seu corpo, fugindo das ameias em frente à porta, preferindo uma queda às flechas chegando a eles por trás. Vlad viu uma flecha passar pelo espaço onde uma cabeça acabara de estar, e errando-o por uma unha. Ele virou-se e viu um inimigo tentando tirá-la de seu olho, desistindo, caindo. Mais além dele, veio Ion e seu testudo, escudos bloqueados investindo contra os turcos da passarela.

Vlad sentiu-se cansado. Ajoelhou-se, como os homens ao seu redor.

— Está ferido, meu príncipe?

Ion agachou-se a seu lado. Vlad balançou a cabeça.

— O castelo?

— É quase nosso. Poucos grupos ainda lutam; a maioria está fugindo. Buriu está liquidando-os.

— Hamza?

— Em segurança. Stoica está com ele, e com o outro, o Grego.

— E meu Príncipe Negro?

— De volta a seu poleiro.

Ele ofereceu um braço e Vlad se ergueu.

— Ótimo — disse —, ele deve estar faminto.

Trinta e três



Mensagens

Vlad sabia que era meio-dia porque, surpreendentemente, o muezim tinha começado seu chamado para as orações. Seus homens tinham achado que isso era inapropriado no que agora era um castelo cristão, e usaram o imã como alvo para prática por um tempo. Ele deve ter morrido feliz, apesar da intrusão de flechas, um mártir confirmado em direção ao paraíso.

Vlad tinha acabado de dar suas ordens. Quantos deveriam ser mortos e de que maneira; quantos mutilados e deixados soltos no mundo. Os mais fortes dos prisioneiros deveriam marchar de volta a Targoviste, pois sobreviveriam por mais tempo com o mínimo e, se as coisas corressem bem, poderiam ser trocados mais tarde pelos poucos que Mehmet pouparia. Se as coisas corressem mal... bem, isso seria resolvido então.

— Voivoda — disse Ion, entrando no salão principal de Giurgiu, passando pela armação que cobria a porta; os turcos tinham estado reconstruindo, ferramentas dos trabalhadores espalhadas por todo canto. — Quer vê-los agora? Vlad olhou para baixo, considerou. Sob circunstâncias normais, havia um decoro em tais embaixadas, um protocolo a ser observado. Em geral, não se saudavam os embaixadores com o sangue e os miolos os dos seus servos no gibão. Mas isso, sem dúvida, fazia as circunstâncias anormais.

— Sim, meu amigo. Traga-os.

Os quatro estavam vigiados por seus homens de espada e arco, todos a agora outra vez usando os uniformes negros. Eles foram levados até o estrado 1 erguido, com sua mesa coberta de mapas, listas, restos de pão e carne. Vlad examinou-os, notando o machucado no rosto de Hamza; a extraordinária profusão vermelha do cabelo do Grego. Não estava escondido por nenhum turbante e Vlad suspeitou que, apesar de sua conversão ao islã, esse cabelo glorioso raramente era ocultado. O turbante de Hamza tinha sido derrubado, talvez com o mesmo golpe que lhe causara o machucado. Vlad ficou surpreso com o grisalho em seu cabelo. Os outros dois embaixadores ainda usavam seus turbantes, ainda que um pouco desalinhados.

Ele olhou para a mesa à sua frente. Devido à brisa passando por um dos grandes arcos de pedra, ele usara um macete e pregos abandonados por algum trabalhador em fuga para firmar seus papéis. Puxou um dos papéis, estudou os nomes daqueles a sua frente. Abdulaziz, ele se lembrava, um oficial menor sob Murad, agora promovido. Abdulmunsif, o mais jovem dos dois, ele não conhecia. Pegando sua pena, molhando-a, ele hesitou um momento antes de passar uma linha por um dos nomes. Então, sem erguer os olhos, disse com suavidade: — Não é costume tirar o chapéu na presença de um príncipe? Ergueu os olhos. Todos os quatro homens estavam olhando para ele, perguntando-se a quem ele se dirigia. Ele decidiu especificar: — Abdulmunsif. Significa "Servo do Justo", não é? O homem engoliu, e assentiu.

— Sim, senhor.

— E sem dúvida você faz como seu superior. Portanto, trate-me com justiça. Não se tira o chapéu na presença de um príncipe? O homem piscou. Foi Hamza quem respondeu, sua voz enrouquecida pelos gritos: — Você sabe a razão pela qual eles não o fazem, príncipe Drácula.

— Por causa do exemplo do Profeta, na presença de Alá, o Mais Misericordioso. — Ele desceu do estrado, parou de pé, mãos juntas. — Mas se temos certeza de que um príncipe está aqui, também temos certeza de que Deus está? Aqui, agora? Hamza passou a língua pelos lábios.

— Você blasfema. É um pecado tanto na sua religião quanto na nossa.

— Ah, mas não tenho certeza disso. Talvez Deus, seja lá como chamemos, esteja em outro lugar neste momento. Ocupado com outros pecadores. — Ele deu um passo na direção de Abdulmunsif. — Você me faria justiça, você que é justo? Tiraria seu chapéu? O Turco começou a tremer, erguendo os olhos para Hamza, que outra vez tinha afastado o olhar.

— Efendi Senhor príncipe! Eu... eu não posso. Alá proíbe. Vlad assentiu e sorriu.

— Você é tão corajoso quanto justo.

Abdulmunsif não era um homem pequeno. Mas Vlad o ergueu facilmente pela gola de suas roupas até o estrado em frente à mesa. Acenando para seus homens, dois deles se aproximaram e prenderam o Turco pelos braços. Vlad pegou um dos pregos compridos.

— Admiro a coragem — disse —, e o ajudarei a se manter inabalável em sua fé.

Então, pegando o macete, prendeu com seu joelho o pescoço do Turco, forçando sua cabeça a tocar a mesa e, com um golpe, enfiou-lhe o prego no crânio através do turbante. O grito do homem foi curto. Suas pernas agitaram-se por mais tempo, enquanto os homens o seguravam. Quando elas finalmente se aquietaram, Vlad pegou mais três pregos e os prendeu também com golpes simples. Então, se afastou.

— Abdulaziz — chamou.

— Não, mestre, não! Está vendo? Está vendo? — O homem menor, mais velho, estava de joelhos, e tirou seu turbante e jogou-o no chão.

— Abdulaziz? — falou Vlad gentilmente, ao se curvar.

O homem continuou não reagindo, os olhos fechados, balbuciando orações. Então Vlad bateu levemente em sua testa com o martelo. O balbudo parou.

— Ótimo — disse Vlad. — Agora escute. Não é o seu kismet morrer hoje, mas só aquele que Deus escolheu, se você fizer exatamente o que eu disser. Você será escoltado através do rio e um pouco adiante na estrada. Você então continuará até chegar ao seu senhor. Você não estará completamente sozinho, pois terá a companhia do servo justo com você, exatamente como está agora. — Ele se inclinou, colocando o martelo sobre a cabeça do homem.

— Mas me escute bem. Não, Abdulaziz, abra seus olhos e ouvidos e me escute. — O homem obedeceu. — Se você não entregar Abdulmunsif a Mehmet exatamente como ele está, eu ficarei sabendo e então... — Ele afastou o martelo e o golpeou com um *toc* leve, mas distinto — então eu o encontrarei. E, nessa hora, você rezará pelos pregos. Está me entendendo?

— Sim, efendi. Sim, príncipe. Obrigado! Eu... sim.

Vlad ergueu o martelo, parando o fluxo de palavras.

— Levem-no — exclamou.

Os dois homens levantaram o Turco e o arrastaram para fora do salão. Dois outros levaram o corpo do morto, depois de uma pequena dificuldade para soltá-lo da mesa. Vlad esperou até as portas se fecharem atrás deles antes de falar outra vez.

— Thomas Catavolinos?

Engolindo em seco, o Grego observou Vlad se aproximar.

— Estou sem chapéu, príncipe Drácula.

— Com certeza, está. — Vlad sorriu. — Além disso, essa piada só é realmente engraçada na primeira vez. — Ele parou na

frente do homem ajoelhado. — Escutei dizer que você esteve em Tokat? — Um dos alunos.

— Sim. Embora eu tenha certeza que você estava lá por vontade própria. — Deu uma olhada para Hamza, que não olhava para ele, ainda ajoelhado, olhos voltados para baixo como estavam desde o golpe do martelo.

— Portanto, estou interessado em sua opinião sobre a empalação. Acredito que fiz algumas melhorias. Dei mais rapidez à coisa toda. Prático, hein? — Sorriu outra vez. — Ion, leve o nosso belo amigo para o pátio. Faça-o ficar em um bom lugar para ver tudo.

Ion se aproximou, agarrou o Grego pelo cabelo, jogando o gemente Catavolinos a seus pés.

— E ele? — disse, apontando para Hamza.

— Deixe-o comigo. O resto de vocês, saia.

Ion franziu a testa.

— Deixarei dois guardas...

Vlad balançou a cabeça.

— Não, meu amigo. Meu antigo professor e eu temos muito a conversar. Melhor estarmos sozinhos. E o paxá Hamza não é do tipo que mata, — Ele olhou para baixo. — Ele mente. Ele... corrompe. Mas manda outros matarem por ele. Vá.

Eles obedeceram. Logo o salão estava vazio exceto pelos dois homens, um de joelhos, o outro de pé. Vlad voltou à mesa, levantou um cálice.

— Vinho, Hamza? Não, claro! Você era um dos poucos homens da corte de Murad que não bebiam.

— Nem mesmo treme. Ficou tão fácil para você matar um homem que nem estremece? Vlad passou o cálice para ele e fez um gesto para que sentasse em uma cadeira.

— Por que tremeria? Se alguma vez o fiz, foi muito tempo atrás. Antes que minhas aulas começassem. E você foi um dos meus

primeiros, meus melhores professores, agá Hamza.

— Eu não lhe ensinei isso. Tentei lhe ensinar outras coisas.

— Tais como?

— As filosofias do amor. Da compaixão. Como estão expressas em nosso Sagrado Corão e em sua própria Bíblia. Nos versos de Jalaluddin e Hakim Omar Khayyam. Não se lembra deles?

— Não — disse Vlad, inclinando-se mais para perto, sua voz suave.

— Tudo de que me lembro agora é da lição que você me ensinou quando me curvou sobre as almofadas...

— Pare — disse Hamza, retraindo-se. — Não foi assim, Vlad. Nós... compartilhamos...

Hamza ergueu a cabeça, limpou a garganta. — Os homens mudam. — Levantou-se, reuniu-se a Vlad na mesa.

— Mudam, realmente. — Vlad encheu dois cálices e estendeu um. Hamza fez uma pausa antes de pegá-lo, olhando para a mão de Vlad.

— Como está meu irmão?

Hamza piscou com a interrupção, a mudança repentina.

— Radu... floresce. O sultão o mantém em grande estima.

— Tenho certeza que sim. Eles ainda são amantes?

— Eu... não creio.

— Não. Radu tem 25 anos. Mehmet estará procurando companhia mais jovem. — Vlad encheu outra vez o cálice de Hamza pois o vinho já fora bebido. — E como está meu antigo colega de escola? Eles o chamam de "Conquistador", depois de Constantinopla. Mehmet Fatih. Mas conquistar pode ser tão compulsivo quanto o vinho. — Ele levantou seu cálice. — O desejo dele alguma vez será saciado?

— Eu não...

— Ouvi dizer que ele chama a si mesmo de o novo Alexandre. Que não se deterá até ter um império tão vasto quanto o

do primeiro. E aqui estou eu. Eu e meu minúsculo país. Em seu caminho.

— Ainda há tempo, príncipe. — Hamza colocou seu cálice sobre a mesa. — Não o enfrente em uma guerra que você não poderá vencer. Submeta-se. Envie o tributo, os jovens recrutados. Não o provoque mais.

— Acho que já estamos além disso, professor — retrucou Vlad, dobrando um pedaço de pergaminho, usando-o para desviar o sangue do embaixador que escorria em sua direção. — Cortarei os narizes de seu pessoal e os enviarei para ele em sacos. Queimarei suas plantações, matarei seu gado. Empalarei seus soldados e, se as pessoas se acostumarem com isso, planejarei novos métodos e ainda melhores de morte lenta.

— Mas... por quê? — Hamza engoliu em seco. — Por que esse... excesso?

— Para fazer exatamente o que você diz que eu não deveria: provocá-lo. Para fazê-lo vir até mim antes de estar completamente pronto. — Vlad balançou a cabeça.

— Você sabe o que eles nos faziam entoar em Tokat? "Você tortura os outros para que eles não possam torturar você." Este era o lema daquele lugar. — Vlad sorriu. — E não foi isso o que Mehmet tinha planejado para mim? Eu poderia ter lhe trazido todo o ouro da Valáquia e dez mil jovens excepcionais e ainda assim estaria em uma cela ao cair da noite, e o Grego tentaria me quebrar no caminho de Constantinopla. Deixando-me pronto para que Mehmet tivesse... diversões mais fáceis. Verdade? Parecia não haver razão para negar. Hamza assentiu.

— Claro. Você vê, nós entendemos um ao outro, Mehmet e eu. Nós enviamos mensagens um ao outro. — Vlad se inclinou por sobre a mesa. — Soa tão glorioso: o novo Alexandre. Mas a história já não nos disse quantos tiveram que morrer de maneiras horríveis para que o Macedônio pudesse construir seu império? E este Fatih...

quantos foram abatidos quando os muros de Constantinopla foram rompidos? Quantos rapazes e moças foram estuprados aquele dia no altar de Santa Sofia? — Vlad se levantou.

— Se eu fosse seguir o exemplo de alguém na história, não seria o do Macedônio, mas sim o do cartaginês.

Hamza também se levantou. Suas pernas estavam fracas e ele encostou-se na mesa.

— Haníbal? Por quê? Ele não foi o mais cruel de todos?

— Por que ele foi o mais cruel de todos. Ele tomou Roma, uma nação cinco vezes mais forte, e a derrotou repetidas vezes. Menos de cem anos atrás, um pastor do leste, Timur-i-leng, fez o mesmo, derrotando os turcos, matando o sultão. — Os olhos de Vlad brilharam. — Não pretendo ser Alexandre. Mas talvez seja Haníbal. Eu talvez seja Timur-i-leng.

— Não, Vlad — disse Hamza, dando um passo à frente, pegando o braço do homem mais jovem. — Você será o que eles já lhe chamam, bei Kaziklu, "o bei Empalador". É este o nome com que deseja ser lembrado?

— Hamza — disse Vlad, levantando a mão do outro homem, segurando-a por um momento —, se eu tiver sucesso, só serei lembrado como o homem que libertou a Valáquia.

Eles olharam um para o outro por um momento, então Vlad deixou a mão cair, voltou para a mesa, pegou a clava que estava ali. Quando se virou, estava sorrindo.

— Você não acha estranho eu ser conhecido por uma habilidade que adquiri quase a seus pés? Mas, se você tem uma reputação por alguma coisa, é melhor preservá-la.

— Ele se encaminhou para a porta. — Venha. Tenho algo para lhe mostrar.

Hamza não o seguiu.

— Eu já vi empalação, príncipe.

— Está vendo, você se torna conhecido por uma coisa... — Vlad sacudiu a cabeça, pesaroso. — Não, agá Hamza. Eu ia lhe mostrar outros frutos de seus ensinamentos. Você ainda é um falcoeiro-chefe, não é?

— Sou no título. Mas tenho pouco tempo para os pássaros. — Hamza começou a segui-lo. — Você tem?

— Ah, meu tempo é também escasso. — Ele abriu a porta. — Você ainda tem a luva que fiz para você?

— Está comigo. Nunca viajo sem ela.

— Verdade? — Vlad inclinou a cabeça. — Estou honrado, enishte.

Eles entraram no pátio. Hamza olhou em torno. Do lado oeste, os da guarnição que não haviam sido mortos ou não conseguiram fugir estavam reunidos. Valaquianos, com flechas armadas, vigiavam-nos. Outros estavam perto dos cavalos.

As cordas estavam enroladas. Hastes de madeira encostadas em feixes, como os molhos de feno nas fazendas da Valáquia. Ninguém se mexia. Hamza estremeceu.

Vlad não olhara. Continuou caminhando, passando pela porta da torre do leste, subindo a escada circular até o quarto que Hamza e Thomas recentemente tinham ocupado.

O Turco viu que suas coisas tinham desaparecido. No lugar delas havia um baú com um dragão prateado estampado na tampa.

Eles não pararam no quarto, subindo direto para o torreão.

— Você viu meu belo Príncipe Negro, mas você não o conheceu — disse Vlad. Ele foi até o poleiro montado ali, vestiu uma luva, estendeu o braço e desamarrou as tiras de couro que prendiam a ave, passando-a para sua mão.

— Uma beleza, realmente — Hamza murmurou, admirando o açor macho outra vez. — De trânsito ou roubado do ninho?

— De trânsito, graças a Deus. Pego o ano passado. Já deve estar com cinco, você não acha? Vê o toque de vermelho nos olhos?

Os olhos estavam disparando, procurando carne. Vlad enfiou a mão em uma bolsa pendurada ali, passando-lhe um pedaço.

— Um tolo o pegou, tentou treiná-lo. Falhou. Eu não. — Ele curvou a cabeça para a ave, arrulhando gentilmente. — Ainda treinando sobretudo sacres, Hamza? — ele perguntou, seus olhos ainda no pássaro.

— Na verdade tenho um... — Ele parou. Havia alguma coisa nos olhos de Vlad, um lampejo vermelho, quase como o do falcão.

— Você gostaria de ver Kara Khan caçar? — disse Vlad. — Ele é um verdadeiro pássaro de cozinheiro. Já o vi pegar dez coelhos em um dia, três lebres, pombos...

— Pombos são difíceis — disse Hamza, desconfortável, embora não soubesse por quê.

— E raros nesta época do ano. Eu me pergunto o que poderíamos...

Vlad soltou um assobio repentino, agudo. E, na torre do portão, uma portinhola foi escancarada. Da abertura saiu um pássaro e, pela maneira como voava, Hamza soube imediatamente que era um sacre. O seu sacre.

— Mate — disse Vlad, jogando o pulso.

Não foi uma caçada demorada. O sacre vinha direto do poleiro, desorientado, voando em território novo, território que o açor já havia percorrido. Mas o sacre viu o outro vindo, naquelas cinco batidas, naquele voo planado. Tentou subir mais alto, mais rápido, usar suas asas maiores. Mas um açor ama um baixo-ventre. Mais cinco batidas, um girar de costas, um outro voo planado. Garras alcançando, afundando.

Os dois pássaros espiralaram para baixo. Justo antes de chegar ao chão, o açor girou outra vez, rodopiando para ficar no topo, soltando o outro pássaro que possivelmente já estava morto e com certeza estava quando foi esmagado contra o terreno gelado antes da pequena ponte. O Príncipe Negro se acomodou, um pé

plantado, suas penas eriçadas na brisa que vinha do rio. Ele olhou em torno uma vez, depois arremeteu seu bico para rasgar e despedaçar.

Hamza certificou-se de ter o controle de sua voz antes de falar: — Ele voa bem. Você não vai chamá-lo de volta?

— Não — disse Vlad, tirando a luva, colocando-a no chão. — Deixe-o se alimentar.

Ele se virou, foi até o lado do castelo no torreão. Todos os homens ali estavam olhando para cima. Prisioneiros amarrados. Guardas com cordas, roldanas, madeira.

Esperando.

O silêncio era completo. Vlad levantou um braço...

Trinta e quatro



Guerra

Julho de 1462, sete meses depois

O crepúsculo estava afetando os olhos de Ion.

Toda vez que ele olhava para um de seus companheiros, o rosto do homem mudava, traços dissolvendo-se em outros traços. O Negro Ilie estava sentado ali, então seus traços escuros mudavam, seu nariz encompridava, seus olhos afundavam, seu cabelo mudava, clareava... e Gheorghe estava em seu lugar. Gheorghe, que teve os dois pulmões perfurados por uma flecha, tentando deter o inimigo no vau sobre o Dambovníc. Ele tinha passado três noites tossindo sangue, e no entanto eles o carregaram durante sua retirada, colocando a recuperação nas mãos misericordiosas de Deus. Mas quando, no quarto dia, Deus não mostrou nenhuma, Ion recebeu a bênção engasgada de sangue do moribundo, depois cortou sua garganta. Ele não podia continuar. E não deixariam ninguém para os turcos.

Era por isso que ele não deveria estar aqui agora. Por isso Ion agora tinha certeza que Gheorghe havia se tornado um varcolaci, um dos mortos-vivos, seu casaco negro do Dragão transformado em pele de lobo, seu desejo claro no rosto tão pálido: vingar-se daqueles que

o mataram. Por isso, quando Ion estendia a mão para seu cinto agora, não era para sentir o conforto da espada, mas sim do crucifixo.

Ele olhou; os traços se realinharam. Era Ilie outra vez sentado do lado oposto a ele, Ilie que disse: — Você está bem, vornic? Ion assentiu, deitou a cabeça nos joelhos, fechou os olhos. Quando foi a última vez que dormira? Verdadeiramente dormira? Quando qualquer um deles dormira? A maioria das noites era passada fazendo todo o possível para retardar o inimigo. Queimando qualquer plantação que já aparecesse no campo em julho. Esvaziando as fazendas, tanto as pequenas posses camponesas quanto as propriedades dos boiardos, de tudo que pudesse ser comido ou bebido. Forçando as pessoas a seguirem em frente com o pouco que pudessem levar, matando os animais que não podiam seguir, jogando os cadáveres nas fontes ou usando-os para represar os rios e envenenar toda a água. Se não dormiam, pelo menos comiam bem, e bebiam antes de envenenar. Os turcos, no verão mais quente que qualquer um podia lembrar, matavam seus cachorros e camelos, assim como aos cavalos que morriam de sede, e assavam a carne sem ajuda de fogo, sobre suas armaduras peitorais fumegantes.

E durante o dia eles lutavam. Não em batalha, não desde o Danúbio, em sua primeira tentativa de deter o inimigo, e mataram tantos que o rio ficou vermelho. Os valaquianos lutavam em ataques surpresa, irrompendo por trás das faias e dos carvalhos para atacar qualquer um que se distanciasse de sua coluna na busca desesperada por água potável. Lutavam em emboscadas, nos desfiladeiros, empurrando troncos para esmagar, usando arcabuzes para atirar, explosões de pólvora aterrorizando homens e animais.

Lutavam com doenças, enviando os doentes vestidos como turcos para o campo inimigo, tendo o martírio como prêmio se morressem, ouro se, de alguma maneira, voltassem vivos. E, em

cada um desses homens e mulheres doentes, Vlad dava um beijo antes que eles partissem, beijando com força seus lábios como se abençoando-os. Quando Ion tentou dissuadi-lo desse ato, seu príncipe respondera com apenas uma palavra: "Kismet." Ion ergueu os olhos outra vez, tinha que fazê-lo ou então sabia que dormiria. Viu os oficiais do exército que minguava sentados em círculos concêntricos em torno do buraco da pequena fogueira. Na sua beirada, o resto do exército tinha se comprimido, sob a ordem de Vlad, que partira três dias antes.

— Eu retornarei antes do pôr do sol do terceiro dia, Ion. Mantenha-os aqui — ele disse antes de sair, vestido como turco e acompanhado por Stoica. E de alguma maneira Ion os manteve ali, sob a convocação de lealdade ao príncipe e pelo amor à Verdadeira Cruz. Mas se Vlad não retornasse esta noite, só Deus restaria.

E Ele não seria capaz de mantê-los juntos.

Uma voz forçou-o a levantar a cabeça.

— Vornic — disse outro homem à sua frente —, o sol se põe. Ele não virá.

Ele havia falado baixo. Mas qualquer som chegava até o círculo da clareira e todos os duzentos oficiais olharam.

— Ainda há luz no céu, jupan Gales. Nosso voivoda merece um pequeno prazo.

— Não muito — resmungou Gales, suficientemente alto para ser escutado.

Ion o examinou. Era um homem pequeno, redondo, cuja gordura as privações da campanha pouco conseguiram diminuir. Um de seus olhos era de madeira pintada. Ele afirmava que havia perdido o outro lutando por Drácula anos antes, embora a maioria acreditasse no rumor de que o perdera caindo, bêbado, na estaca de uma cerca. Ion muitas vezes se perguntava por que Gales ficara, um dos apenas dois boiardos que permaneceram com o exército; o segundo era Cazan, o chanceler de Drácula, e tão leal ao filho quanto

fora ao pai. Os outros cinco tinham desertado em silêncio, deixando para trás cartas detalhando suas muitas justificativas, levando seus homens com eles. Mas Gales era irmão de Stepan "Turcul" — e Stepan "o Turco", denominado assim por seu tempo como prisioneiro de guerra, era o maior entre os boiardos, o segundo homem do reino. Ion supunha que até Vlad ser completamente derrotado, ou de preferência morto, nenhum dos irmãos ousaria desafiá-lo.

Parecia que Gales estava se preparando para um desafio agora. E Ion sabia que, se não o detivesse, pelo menos metade dos oficiais sentados ali partiria com ele.

No entanto, a exaustão segurou sua língua. Que palavras poderia falar? E então, já não era necessário. Pois o Negro Ilie, sentado à direita do boiardo, estendeu sua enorme mão e a pousou no braço do homem, apertando. Gales deu um pequeno gemido, seu único olho irritado de dor e protesto. Porém, não falou mais e Ion sorriu. Alguns anos antes, qualquer camponês que sequer tocasse um boiardo logo estaria dependurado na árvore mais próxima. Mas Ilie estava vestido de negro com o dragão prateado; era um dos vitesji de Vlad, seus homens escolhidos. Eles faziam qualquer coisa que o voivoda ordenava. Gales tinha visto o que isso significava, e calou-se.

Ion olhou para o oeste e foi a primeira vez que não precisou proteger seus olhos. Metade do sol estava mergulhada abaixo da beira da clareira. Logo seria noite.

Vlad não tinha chegado.

Então algo se moveu naquele último lampejo de raio de sol. Ion viu uma silhueta familiar — o turbante de um inimigo. Estava prestes a gritar que haviam sido surpreendidos pelo adversário, quando a figura saiu da luz do sol, abaixo da linha do espinhaço, e Ion viu quem era.

— Levantem-se todos para o príncipe — exclamou.

Os homens pularam, limpando a poeira das roupas, olhando para todos os lados, tentando ver em tudo o movimento de alguém em particular.

O homem que passou entre eles não era conspícuo e a maioria ainda procurava pelo seu voivoda de armadura negra. Em vez disso, homem por homem, finalmente viram alguém vestido com a mais simples das roupas turcas. Não como um guerreiro sipahi, nem mesmo como um patrulheiro akinci. Um artesão usando um turbante cinza, uma túnica amarela manchada, shalvari frouxo e sandálias de corda. Mas, atrás dele, de uniforme negro, vinha uma sombra, Stoica, o Silencioso, levando a Garra do Dragão. Os homens reconheceram seu senhor pelo homem — e pela arma.

Ion curvou-se profundamente, como fizeram todos quando entenderam. Pegou o braço estendido e Vlad o puxou para perto.

— Ainda aqui? — sussurrou, pegando a bolsa de água que Ion lhe passou, bebendo abundantemente.

— No limite — retrucou Ion.

— Ótimo — disse Vlad, afastando-se. Ele ergueu a mão, tirou o turbante e seu longo cabelo negro cascadeou sobre suas costas. Então, com os braços bem abertos, ele fez um giro completo, e se mostrou.

— Conterrâneos — exclamou. — Trago boas novas do campo turco. Todos eles querem voltar para casa. — Gritos de prazer, de alegria. Então Vlad acrescentou: — Só temos de lhes dar um pequeno empurrão.

— Quão pequeno, voivoda? — veio um grito do declive.

— Nada de mais — retrucou Vlad. — Tudo que temos a fazer é matar o sultão deles.

Arfadas, algum riso. A mesma voz falou outra vez: — Então, podemos conseguir que ele venha até aqui, príncipe? Meu cavalo está com diarreia.

Risadas mais altas.

— Então você terá que tomar um emprestado, Gregor. Pois teremos que ir até ele.

Não havia humor na voz de Gales.

— Que plano você arquitetou, voivoda? Em vez de responder, Vlad se virou, passou seu turbante para Stoica e pegou a espada que seu servo tinha desembainhado, levantando-a alto no ar. Gales cambaleou para trás, mas Vlad não foi em direção a ele.

— Aproximem-se — disse Vlad —, assim todos poderão ver.

Então, com a ponta de sua lâmina, desenhou a circunferência de uma roda na área do leito seco do rio, o diâmetro duas vezes a altura de um homem. Depois, começou a fazer os quatro raios.

Quando seus homens se juntaram em três círculos apertados, o mais próximo sendo o dos vitesji e os dois boiardos, Vlad tinha terminado. Então, foi até o centro do que havia modelado.

— Mehmet — disse calmamente, abaixando a espada. Deu um passo, o crepúsculo lançando um crucifixo móvel sobre o chão.

— A espada é o tug do sultão. Está erguida na frente de seu pavilhão no centro do vasto acampamento que é armado toda noite. Aqui fica Mehmet, cercado por seu exército. Aqui ele toma seus sherbets enquanto seus homens morrem de sede. Aqui ele diverte seus... amigos. Aqui, tem 40 mil motivos para acreditar que está seguro. — Vlad levantou os olhos. — Ele não está seguro.

Ele foi até a beirada do círculo, curvou-se e pegou um punhado de seixos.

— Essas linhas — disse — são os quatro caminhos principais para entrar. Ainda que tudo em volta seja uma rede de cordas erguendo uma cidade de lona, esses caminhos têm que ficar desimpedidos. Para os mensageiros. Para Mehmet, que de repente pode decidir cavalgar e caçar com seu falcão. Essas são as saídas dele. — Ele sorriu. — São também nossas entradas.

Ele começou a caminhar em torno da circunferência, soltando as pedras.

— Na orla mais externa ficam as massas recrutadas, a infantaria yaya da Anatólia. Também seus akincis, os patrulheiros e batedores das montanhas do Tártaro que vão à frente do exército. — Ele sorriu. — Já matamos milhares desses. — Começou a andar por uma linha em direção ao centro, distribuindo pedras. — Aqui, os beleibey's das províncias armam seus pavilhões, cercados pelos guerreiros sipahis que trouxeram da Anatólia, da Rumé-lia, do Egito e das margens do mar Vermelho. — Uma pedra aterrissou em cada quadrante enquanto ele os nomeava.

Ion, vendo que o príncipe estava com as mãos vazias, buscou mais pedras. Vlad pegou-as, continuou jogando e nomeando.

— Aqui, mais perto, ficam os ortas dos janízaros, e aqui os que são ainda mais seletos. À direita do tug (à direita de Mehmet, pois sua tenda fica de frente para Meca), está colocado o auriflame, o estandarte vermelho da asa direita de sua cavalaria particular. À sua esquerda, o estandarte amarelo da esquerda.

Vlad encostou-se agora na guarda da Garra do Dragão, a esquerda para sempre curvada para que todos a notem e se lembrem de seu triunfo no combate corpo a corpo com seu primo Vladislav. Jogou as últimas pedras.

— Aqui, no exato coração do acampamento, cercado os dois pavilhões que ele usa, um para dormir, o outro para seu Conselho, estão os homens mais próximos do sultão. — Pedra. — Aqui os solaks, os que atiram suas flechas com a mão direita, aqui os que atiram com a esquerda, fazendo com que ele esteja sempre protegido.

— Pedra. Pedra. — E aqui, no centro exato, está Mehmet. — Vlad colocou a última pedra no metal e deixou-a deslizar até o chão. — Um homem.

Vlad deu um passo atrás, fez um gesto para o caminho do sul.

— Nós entraremos por aqui, com a lua cheia em nossas costas. Eu sei que os akincis aqui estão fazendo seu serviço de má vontade. Os sipahis depois deles são do leste e foram os que mais sofreram na última guerra contra os Uzbeques do Carneiro Branco. Nem tudo está bem sob a auriflama amarela do lado esquerdo. O antigo comandante de Mehmet foi estrangulado com um arco de seda no ano passado, e seu sucessor tem tentado comprar o amor com raki, que agora eles bebem em vez da água que economizam para seus cavalos.

Um murmúrio estava se formando sob suas palavras, um alvoroço de espanto. Ele levantou uma das mãos para sufocá-lo.

— E aqui estão os peyk. A remoção de seus baços deve tê-los colocado em uma disposição mais conciliadora. Mas também os fez menos ferozes. E, no final, eles serão tudo que estará entre mim e Mehmet. Um homem.

— Vlad se endireitou. — Alguém deseja fazer alguma pergunta? Gales, o boiardo, deu um passo à frente. Mas foi o Negro Ilie que levantou a voz profunda primeiro: — Voivoda, alguns de nós visitaram os acampamentos turcos. Alguns de nós viveram nele. Mas, pelas bolas gigantes de Sansão, como você sabe tudo isso? Quando a gargalhada arrefeceu, Vlad sorriu.

— Isso é fácil de responder, Ilie. Havia um rasgão na parede da tenda de Mehmet. Eu a consertei.

Vlad deixou os ares de espanto e murmúrios continuarem por mais tempo do que as gargalhadas, depois continuou: — Todos vocês sabem que o Turco tem dois acampamentos.

Um que é erguido, outro que é arriado, um saltando sobre o outro para que o Preto possa avançar sem problemas. Nessa manhã, andei pelo que estava sendo construído. Passei o dia caminhando por ali, conversando com servos e escravos. Então, pediram-me para costurar o rasgão de Mehmet. — Ele se voltou Para Ion — Parece que não me esqueci de todas as habilidades que aprendi em Edirne para

o dia do desastre, embora não tenha feito um trabalho muito bom. Você nunca sabe quando vai precisar sair de uma tenda por suas paredes e não por sua porta. — Ele olhou ao redor do círculo. — Outras perguntas? Foi Gales quem falou: — Não tenho certeza se entendi, voivoda. Quantos homens estão no acampamento? — Eles têm batedores em um grande raio de ação. Forças foram destacadas para atacar lugares diferentes. Estimo que terão perto de trinta mil ao redor do tug. Mais ou menos.

— Mais ou... — A boca do boiardo abriu ao máximo. — E você planeja entrar com os cavalos e os 4 mil homens que ainda temos? — Não — disse Vlad. — Haverá 2 mil comigo vindo do sul. E, pouco tempo depois, você trará os outros 2 mil do norte.

— Eu... eu — Gales falou, gaguejando ruidosamente. — Mas ainda que o caminho até o sultão seja defendido por homens irresponsáveis, bêbados... sem baço, ainda haverá perto de 10 mil deles apenas naquela quadra. pensamento — Você perdeu o juízo? Os homens assobiaram. Vlad não foi um deles.

— E você perdeu seu coração? — perguntou, aproximando-se. Eles eram da mesma altura, seus olhares nivelados, presos um no outro. — Você viu o que Mehmet lançou sobre nossa terra. Sabe o que ele continuará fazendo se não for detido. Não podemos vencê-los em campo aberto. Só conseguimos retardá-los com ataques de surpresa e destruição. — Seus olhos brilharam.

— Mas podemos pará-los com uma única investida de espadas. No terror da noite, no caos do acampamento deles, alguns homens que sabem exatamente o que estão fazendo podem terminar a guerra. Podem salvar nosso país. Talvez possam salvar a cristandade.

Ele tinha falado com o boiardo, mas todos os homens ali escutaram. Agora, Vlad se virou para eles.

— Cruzados — exclamou, sua voz ultrapassando a clareira, levada pelos aclives íngremes para os soldados que haviam se

reunido no canto extremo quando a notícia de seu retorno se espalhou —, nosso destino paira na lâmina de nossas espadas, erguidas sob a cruz de Cristo. Se morrermos nesta Guerra Santa, morreremos como mártires e iremos para o céu, e nos sentaremos à mão direita do Senhor, com todos os nossos pecados perdoados. Se triunfarmos, então vingaremos Constantinopla. Conquistaremos o Conquistador. — Levantando sua espada, ele a segurou no ar, sua voz crescendo para um grito. — Então, vocês seguirão o filho do Dragão para a vitória ou para o Paraíso? O grito rompeu muito além da clareira. Agora o som voltava, dos oficiais de dentro, dos seus homens de fora: — Vitória! Vlad deixou-os entoar por um tempo, depois ergueu sua mão de comando.

— Vão para suas fogueiras. Afiem suas lâminas. Alimentem seus cavalos, comam o que puderem, durmam se conseguirem. Façam as pazes com Deus e com seus companheiros.

Reúnam-se na beira oriental da floresta duas horas depois da meia-noite. E preparem-se para cavalgar para a glória, neste mundo ou no outro.

E outra vez se ouviu um grito: — Vitória! Os oficiais se viraram, saindo da clareira.

Um permaneceu, seu único olho girando selvagememente.

— Esta noite? Você atacará esta noite? — Nós atacaremos, jupan. Ou outra pessoa deve liderar as tropas de Amlas e Fagaras? O olho único se centrou — Eu os conduzirei, príncipe. Como sempre. — Então, levantou-se e seguiu os outros pelo aclave.

Vlad e Ion observaram-no ir.

— Ele não virá — disse Ion.

— Acho que virá. Ele sabe o que acontecerá com sua família e com ele mesmo se eu tiver sucesso e ele tiver me abandonado. Mas se ele não vier...

— Ele se virou, passou sua espada para Stoica, que a embainhou, curvou-se e correu à frente. Vlad começou a seguir,

subindo lentamente o aclive em direção a seu próprio acampamento. Ion podia ver o quanto seu amigo estava abatido, agora que o rumo fora estabelecido. — Se não vier, então você estará lá para matá-lo e dirigir você mesmo os homens dele.

Ion parou.

— Eu? Eu ficarei guardando suas costas, como sempre.

Vlad parou também e olhou para trás.

— Não desta vez, velho amigo. Preciso de sua espada às costas de Gales ou enfiada em sua garganta. Preciso que o segundo ataque aconteça.

— Então por que não me deixa liderá-lo? — Você fará isso, na verdade. Mas Gales deve ser visto liderando. Os outros boiardos estão vacilando. Especialmente em Targoviste. Se o jupan Turcul vir seu homem ainda lutando do meu lado, eles podem se manter leais um pouco mais. Então minhas costas estarão verdadeiramente seguras.

Eles tinham chegado à crista. Trilhas sulcavam o chão da floresta de carvalhos grossos e faias da Vlasia, escondendo o exército valaquiano dos olhos turcos. Uma das trilhas conduzia, com poucos passos, à tenda de Vlad.

E até os dois homens de pé a sua frente. Ion não pôde ver-lhes os rostos no começo, tão rapidamente a escuridão se abateu sobre a floresta. Apressou-se à frente, preparando-se para mandá-los embora, fossem quais fossem suas notícias, pois o príncipe precisava descansar se iria conduzir seu exército à batalha em poucas horas.

Mas então ele viu quem eles eram, e não conseguiu falar.

Trinta e cinco



Votos

Vlad também os viu.

— Eminência — cumprimentou, ajoelhando-se para beijar o anel do metropolita —, o que o trouxe de Targoviste?

O clérigo era alto e magro, levando seu papel espiritual de Designado por Deus muito mais seriamente do que muitos que engordaram com os lucros da posição.

Seu rosto sério agora estava perturbado.

— Tenho notícias, príncipe. E não confiava em mais ninguém para trazê-las.

— Entendo. Um momento. — Ele virou-se para o outro homem, que estava de pé com a amassada armadura incrustada de pó, o rosto tão sujo que mal podia ser reconhecido.

— E você, Buriu, meu boiardo mais leal? Você também não poderia confiar suas notícias a mais ninguém?

— Ai, meu príncipe — retrucou o homem —, não sobrou ninguém de confiança vivo.

Ion encolheu-se. Vlad tinha sido forçado a enviar Buriu para o leste com metade de seu exército para defender a fortaleza-chave de Chilia. Não dos turcos; de seu próprio primo, seu antigo companheiro de fuga, Stephen da Moldávia, que escolheu esse momento para traí-lo, e a Cristo, tentando se apoderar do que mais desejava. Que Buriu estivesse aqui outra vez, sozinho...

Vlad deve ter compreendido a mesma coisa.

— Para dentro, amigos. E falem baixo, eu lhes peço.

As notícias do velho boiardo foram dadas em voz baixa e rapidamente. Não havia muito a dizer.

— Meus batedores não retornaram. Eu sabia que devia proceder com rapidez, antes que aquele maldito moldaviano tomasse a fortaleza. Mas deve ter sido ele quem avisou os turcos... — A voz de Buriu pareceu rachar. — Eles nos esperaram nos juncos de ambos os lados da ponte. Deixaram a metade dos meus homens atravessarem, então atacaram de ambos os lados. Tinham cinco vezes o nosso número. Eu... estava na retaguarda. Ainda não sei como escapei, por que fui poupado...

O homem mais velho começou a chorar. Vlad sentou-se ao lado dele, pôs a mão em seu ombro.

— Você não morreu, spatar, porque preciso de você a meu lado, o mais antigo amigo de Dracul.

O homem ergueu os olhos, limpou-os.

— É verdade o que ouvi? Que você vai atacar o acampamento de Mehmet esta noite?

— É.

O velho boiardo levantou-se, cada junta estalando.

— Então devo ir e tirar as mossas da minha armadura.

— Meu senhor — Vlad também se levantou. — Você já fez bastante. Descanse esta noite.

— Enquanto a bandeira do Dragão voa contra o inimigo? — Um pequeno sorriso apareceu. — Seu pai nunca me perdoaria.

Ele abaixou-se para atravessar a abertura da tenda e saiu. Stoica entrou com pão, carne e vinho. Vlad voltou-se.

— Vossa Eminência me perdoará se eu...? O padre fez um gesto para que se sentasse.

— Você vai precisar de sustento, príncipe, pelo que vai tentar esta noite. E, ai de mim!, pelo que deve escutar.

Vlad sentou-se, bebeu e mastigou.

— Continue.

— Você sabe que, quando tomou o trono, eu não tinha certeza de suas intenções. Pensei que talvez você fosse apenas mais um na linhagem dos voivodas, buscando o poder apenas para sua própria glória.

— E agora?

— Eu vi como você tem lutado. Posso questionar alguns de seus métodos... — o prelado engoliu — mas vi os resultados. Uma terra livre de bandidos, onde homens e mulheres podem viver sem medo de outro homem tomar o pouco que têm. Uma terra onde a Igreja floresce, pois você tem sido um dedicado benfeitor. E o que está fazendo agora, esta cruzada...

Vlad interrompeu com um suspiro: — Eminência, fico contente que aprove. Sempre tentei seguir as ordens da Igreja... com algumas adaptações pessoais. — Ele deu uma olhada para Ion. — Mas daqui a algumas horas enfrentarei meu maior inimigo, e todo o meu trabalho pode ser desfeito se não obtivermos sucesso. E o seu olhar me enche de receio. Não preciso disso. Portanto, por favor, diga por que veio.

O homem mais velho assentiu.

— Então é isto que você precisa escutar: os boiardos conspiram contra você.

Vlad sorriu.

— Vossa Eminência poderia ter se poupado esta viagem desde Targoviste. Cada vez que um corvo canta na floresta eles cantam para mim esta mesma canção.

— Mas agora eles acreditam que têm uma arma contra você.

— Que arma?

— A mulher, Ilona Ferenc.

Ion deu um passo à frente. Vlad se levantou.

— Ela está bem?

— Meu senhor, ela carrega um filho.

Vlad fechou os olhos. Por um momento, ele não estava ali, um príncipe se preparando para uma batalha. Por um momento, estava de volta à casa dela, em sua cama, um amante apenas, e Ilona lhe prometia abandono, sem consequências. "É seguro, meu amor, seguro. Eu conheço minhas regras." Ela mentiu. A única pessoa que nunca mentiria mentiu.

O padre olhou para as pálpebras do príncipe, que tremiam. Olhou para Ion, engoliu em seco, e continuou rapidamente: — E os boiardos, que sempre a detestaram pelo domínio que tem sobre você, pelo fato de que você não desposaria nenhuma das suas filhas enquanto ela vivesse, veem isso como uma chance de feri-lo.

Vlad, olhos ainda fechados, assentiu.

— Por causa do meu voto.

— Sim. Seu voto de não ter mais bastardos, feito a seu confessor, reafirmado a mim diante do altar da Biserica Domneasca. Eles ainda acham que você não casará com ela. Que quebrará o voto, desonrando a ela e a si mesmo. Sobretudo quebrando seu pacto com Deus, justo quando a Valáquia mais precisa Dele.

— Entendo. — Vlad levantou a cabeça, escutou. Do lado de fora da tenda, um exército estava se preparando para a batalha. O assobio do metal sendo afiado na pedra de amolar. A batida do macete na armadura para retiraras mossas. Em algum lugar perto um homem cantava uma doina, um triste lamento do amor perdido de um pastor. Vlad escutou por um momento o som queixoso, esperou a harmonia... que veio, lindamente, de uma voz mais aguda e infantil. Então ele assentiu, aceitou a Vontade de Deus e chamou: — Stoica! Seu servo apareceu. Carregava um gibão de guerra. Vlad começou a tirar seu traje turco.

— Eminência, quando nos reunirmos, o senhor abençoará a hoste e beijará a bandeira da Cruz Sagrada. Depois, retornará a Targoviste e fará os preparativos para meu casamento. — Apenas

com uma camisa comprida, Vlad levantou os braços e Stoica deslizou o gibão sobre eles, começando imediatamente a apertar os cordões de couro. — Daqui a uma semana, ao meio-dia da festa dos santos João e Simeão, eu irei à Biserica Domneasca. Estarei ou em meu caixão ou em meus pés. Se o primeiro ocorrer, reze a missa por minha alma, pois morri como um guerreiro príncipe da Valáquia. Se for o segundo... bem, que toquem os sinos do casamento.

Stoica, sua tarefa inicial terminada, pegou as primeiras peças de metal, a testeira de ferro e as grevas para a parte baixa da perna. Vlad olhou para a armadura negra empilhada a um lado. Uma fortuna fora paga por ela, ao artesão de Nuremberg. Muito diferente das armaduras emprestadas que ele usara para conquistar seu trono.

Desde então um caminho tão longo, pensou. Tantos pecados. Ele deteve as mãos de Stoica.

— Escuta minha confissão, Eminência? — perguntou, ajoelhando-se.

— Ainda que eu não saiba se terei tempo para fazer penitência.

Pela primeira vez, o metropolita sorriu.

— Traga a cabeça de Mehmet Fatih para sua festa de casamento, príncipe Drácula, e terá feito penitência para o resto da vida.

— Não tenho tanta certeza. Tenho muito a reparar. E mais que virá.

— Vlad fez o sinal da cruz. — Mas tentarei. Por amor a Deus, por todos os meus pecados, tentarei.

Eles se reuniram no abrigo da comprida fileira de juncos onde a floresta dava lugar a um prado em declive. No céu claro, uma lua cheia prateava os contornos da terra, traçando-os em preto. Parecia que centenas de milhares de estrelas estavam refletidas no centro do prado bem abaixo. Mas era o acampamento turco, seus quatro caminhos formando uma cruz escura dentro do círculo.

Vlad fez Kalafat avançar, Ion e Gales seguindo atrás.

— Levaremos duas horas para chegar até o lado sul. Então, com a luz da Lua por trás, avançaremos por aquele caminho. Jupan Gales, vá para a encruzilhada do carvalho abatido. Assim que escutar que a luta começou, e eu acho que os gemidos do inimigo chegarão claramente a você, avance pelo caminho do norte. Com a ajuda de Deus, nos encontraremos outra vez sob o tug de Mehmet.

— Como reconheceremos seus homens na briga, no escuro, voivoda? — disse Gales. — Sua própria armadura, claro, é muito característica. Mas muitos dos nossos homens pegaram armaduras de inimigos nas batalhas.

— Preparei-me para isso. — Vlad levantou sua voz e falou claro por toda a beirada do abrigo. — Que cada homem desmonte agora e, ajoelhado, peça a remissão de seus pecados, pagos com o sangue do Infiel. E que cada homem amarre uma fita branca, símbolo da pureza de Maria, a Mãe Sagrada, em seu elmo.

A ordem se espalhou entre os que não a escutaram. Os soldados desmontaram, ultrapassaram a linha das árvores, ajoelharam-se nas ladeiras. Padres com mitras altas, segurando o cajado da fé, caminharam por entre eles, abençoando-os e distribuindo lenços de seda brancos, que os homens fixaram em seus elmos.

Vlad e Ion, ajoelhados lado a lado, foram abençoados pelo metropolita e se levantaram, retornando juntos para suas montarias. Cada um começou a verificar suas correias e armas.

— Você sabe quem provavelmente vai estar lá, sob o tug do sultão? — Ion perguntou em voz baixa.

Vlad assentiu.

— Durante anos sonhei em libertar meu irmão do abraço de Mehmet. Só espero que, quando nos encontrarmos de novo, Radu se lembre de que é também filho do Dragão. — Ele pegou seu arco turco, que carregava desde Giurgiu, que nenhum outro homem ali

conseguia puxar, e passou a corda do arco sobre sua cabeça, certificando-se de que a arma repousasse dócil em suas costas. Depois se virou. — Então, Ion. Vejo você lá.

A resposta de Ion foi baixa, apenas para os ouvidos de um homem: — Bem no meio da luta, Vlad. Como sempre.

Seu príncipe sorriu, depois olhou quando a bandeira branca com a cruz vermelha balançou pela última vez antes de ser levada de volta para a floresta. Vlad esperou que Cristo tivesse seu momento. Depois, voltou-se para seu lado esquerdo e para o enorme e escuro homem ali.

— Agora — disse.

O Negro Ilie se curvou, depois avançou com seu cavalo à frente, parando vinte passos antes da floresta. Visível para todos os que estavam ali, levantou-se em seus estribos e começou a girar o mastro alto que segurava, desenrolando o pano nele. Quando o pano se soltou, ele se inclinou para trás, e arremessou a bandeira para a frente. Iluminado pela luz da lua, o dragão prateado planou.

— Drácula! — Ilie gritou com sua voz tremenda e profunda.

— Drácula! — veio o eco de quatrocentas gargantas. E com o grito, com o Dragão voando à frente deles, a hoste da Valáquia se arremessou declive abaixo.

Trinta e seis



Bei Kaziklu

Eles cavalgaram a meio-galope, rodeando o acampamento turco, pausando para se reagrupar no início do vale que se transformara em planalto. Agora que estavam outra vez galopando ladeira abaixo, se aproximando, começaram a ir mais rápido, embora ainda não a toda velocidade. Os contornos do vale, estreitando-se embaixo, forçaram-nos a se agrupar, uma falange de homens e cavalos. Quando o vale terminou e eles estavam na pista achatada, seus homens se espalharam pelos dois lados de Vlad em fileiras de duzentos homens, com dez filas de profundidade.

Próximos dele estavam seus vitesji, os cinquenta que restaram dos cem originais, e mais próximos ainda seus carregadores de bandeira: Negro Ilie, Gregor Risonho, Stoica, o Silencioso. Todos os cinquenta estavam armados, como o líder, com o melhor, o metal escurecido de Nuremberg, o mais leve e mais resistente que podia ser comprado. Atrás de cada um deles cavalgava um escudeiro — também de armaduras, embora não fossem tão valiosas. Cada um desses homens mais jovens carregava uma tocha de piche, acendida antes de começarem a descida, chamas curvando-se para trás pela velocidade de sua passagem.

Todos tinham visto o cometa de rabos gêmeos que cortara o céu da Valáquia no ano em que o filho do Dragão tomou de volta o trono de seu pai.

Foi dito então que Vlad tinha-o cavalgado em direção à vitória. Para aqueles que o seguiam agora, parecia que esse cometa voava outra vez, o práváçt mais uma vez montando-o.

O chão do vale estava tão ressecado quanto todo o resto, alguns tufos de grama agarrando-se à poeira que se levantava e os seguia em uma grande nuvem. Foi isso que o primeiro dos inimigos viu, tomando-a como uma nuvem de tempestade, as chamas como os primeiros raios, o som dos cascos como o rugido do trovão. Quando eles o viram, até o Dragão podia ser explicado — pois esses nômades do Tártaro sabiam que os dragões moravam nos picos montanhosos e desciam para chupar os ossos dos homens. Eles sequer tentaram pegar as armas, pois nenhuma lâmina mortal podia matar essa fera. A coisa mais segura a fazer era aguardar, imóvel, ao lado dos cavalos, e esperar que outro fosse escolhido para aplacar a fome da fera. Alguns morreram esperando, caindo não pela garra de um dragão mas pelas flechas que os companheiros de Vlad lançavam. Não foram muitas. Havia alvos mais importantes à frente.

Foi um yaya das planícies da Anatólia, um fazendeiro pobre despertando de um sonho sobre colheitas e água fresca em seu próprio poço, o primeiro a compreender a verdade. Seu irmão havia desaparecido nos porões do Tokat para nunca mais voltar, e ele tinha vivido no pavor das punições que ali se praticavam desde então. Assim, quando acordou e viu a bandeira do Dragão, soube que não era nem fera nem tempestade, e sim coisa muito pior.

— Bei Kaziklu — gritou, usando o título de Vlad em sua própria língua.

O Príncipe Empalador.

Eles tinham avançado vindos dos lados, porque havia mais guardas nos cantos extremos do começo do caminho. Mas agora já tinham atravessado as linhas externas, passado os akincis, que dormiam ao lado dos cavalos ao ar livre, e os yaya, que dormiam em enormes tendas que podiam ser evitadas. À frente, no entanto, as

tendas iam diminuindo e se aproximando umas das outras, as cordas uma armadilha para cascos velozes.

O Negro Ilie estava observando-o de perto, cavalgando nos seus calcanhares. Assim, quando Vlad virou para a direita, a bandeira do Dragão virou com ele e a falange dos homens o seguiu, indo em direção ao caminho.

Era a hora. Vlad não precisava olhar para Stoica. O pequeno homem cavalgava do outro lado, seu robusto cavalo tarpan quase a todo galope para seguir Kalafat. Para todo lado que Vlad olhava agora, as chamas chegavam, alguns aos cotovelos de seus vitesji, e todos agora o imitavam — tirando os arcos dos ombros, pegando nas aljavas flechas com pontas de pano molhadas em óleo, tiravam-nas e, em um único movimento ondulante, passavam as pontas pelo fogo e acomodavam-nas nos entalhes, atirando rapidamente. Os alvos não exigiam muita pontaria. Todas as flechas encontraram seus objetivos: os pavilhões dos cavaleiros sipahi. Suas lonas calafetadas com piche pegavam fogo em segundos.

— Bei Kaziklu — O grito vinha de inúmeras bocas agora, o terror espalhado.

— Você pode me ouvir chegar, Mehmet? — sussurrou Vlad. Seu visor ainda estava levantado e seus olhos moviam-se constantemente, procurando mais alvos para suas flechas normais, de ponta de osso; procurando sobretudo uma mudança nas tendas que lhe dissesse onde ele estava. Ela veio. Atrás dos pavilhões menores dos sipahis havia fileiras de cones de pelo de camelo que apontavam para um único pavilhão maior. Um mastro levantava-se diante dele e, à luz da Lua, Vlad foi capaz de ver a bandeira no topo, o elefante levantando-se no fundo amarelo e verde. Ele podia lembrar — pois quando estudante adorara esses homens — a orta que a bandeira representava.

Ele pensou, e lembrou-se da última vez que tinha visto um elefante, do lado de fora da taverna de Erdine, quando havia

roubado Ilona. O pensamento estava ali, logo desaparecendo quando ele gritou: — Janízaros! — Então armou sua flecha e atirou, armou e atirou outra vez. Uma flecha o acertou, a primeira que recebia, ricocheteando na superfície acanelada do peitoral da armadura. Ele desceu o visor. Sua montaria usava pouca proteção, pois Vlad não queria restringir a agilidade de Kalafat. Mas ela usava uma grossa manta acolchoada, guarnecida com pequenas placas de metal, e uma testeira de aço para proteger sua cabeça e seu focinho. Isso, junto com o espigão afiado, do comprimento do braço de um homem, erguido sobre seus olhos, a transformavam. Era um unicórnio que os turcos viam, um demônio negro em suas costas, galopando sob um dragão prateado. Ondas de homens berrando tinham fugido ante a tempestade, derrubando mastros de tenda, arrancando cordas. Vlad os viu indo de encontro a homens que tentavam se agrupar, viu esses janízaros acabando com os desertores. Alguém estava batendo no grande tambor kos; e soldados, alguns de elmos, alguns com chapas no peito, a maioria sem nada, mas todos armados, estavam se amontoando junto ao estandarte do elefante.

Seu desejo era lutar e matar apenas um único homem aquela noite. Mas esses janízaros eram o coração do exército inimigo. E estavam entre ele e o caminho até Mehmet.

— A mim — gritou, ainda que não houvesse necessidade, pois seus homens ainda estavam bem apertados junto a ele, seus camaradas mais próximos de armaduras negras. Não havia tempo para um último arremesso de flechas. Então os arcos foram pendurados e, no instante seguinte, espadas foram desembainhadas.

— Drácula! — gritaram, e avançaram contra os janízaros reunidos. Havia talvez trezentos janízaros, talvez mais. Eram ceifados como trigo, as lâminas dos vitesji descendo, levantando: uma colheita de sangue.

E então Vlad tinha passado, a maior parte de seus homens também, e o caminho estava ganho, largo o suficiente para levar vinte homens ombro a ombro. Depois de um pouco de confusão, cavalos e cavaleiros se acertaram e aumentaram a velocidade, uma lança flamejante dirigindo-se direto ao coração dos inimigos de Deus.

A deles não era a única chama. Havia fileiras de ambos os lados da avenida com lampiões, trapos ensopados de óleo queimando dentro deles. A velocidade em que ele ia agora fazia parecer que as luzes também se moviam, bolas de fogo correndo para o final do caminho — o pavilhão de Mehmet.

Centenas de homens podiam se deitar na largura de sua frente. Ele podia ver as lonas que ajudara a reparar no dia anterior; divisou o portão duplo que era a entrada. Ele ainda estava bem longe, mas o suficiente para ver a bandeira no mastro, embora não o que a encimava; ainda assim Vlad sabia que o tug tinha seis rabos de cavalo, o crescente dourado de Cibele e milhares de sinos repicando.

E podia ver que homens tinham se juntado em sua base. Talvez um deles fosse quem ele procurava.

Dois, lembrou a si mesmo, enquanto flechas o atacavam pelos lados, e ele se abaixou junto à cabeça de Kalafat como uma vez tinha feito ao disputar o jereed. Onde Mehmet estivesse, Radu também estaria, o irmão que ele fora incapaz de salvar. Outra arremetida, o espaço consumido pela velocidade de Kalafat, e ele estaria sobre os dois.

E então sua visão mudou. Onde só havia algumas figuras frenéticas entre ele e o tug, agora homens a cavalo bloqueavam a passagem. Podia ver a luz da lua reluzir nas chapas peitorais e nos elmos, homens que foram avisados a tempo suficiente para se armar, pelo menos parcialmente. Não podia ver a cor do estandarte, mas sabia que seria amarelo — a auriflama de seda da cavalaria da Anatólia.

Ele tinha dito a seus homens que eles estavam desligados, insatisfeitos com o comandante, provavelmente embriagados. Não precisou avisá-los que ainda eram excelentes guerreiros, membros da principal elite da guarda de Mehmet. E, atrás deles, também se agrupando, viu a infantaria segurando as alabardas — os sem baço, os peyk.

Não havia momento para parar, para desanimar. Vlad esticou sua espada no mesmo nível da cabeça de Kalafat, girando uma investida dupla de aço contra o inimigo — o chifre do unicórnio e a Garra do Dragão.

Ele avançou para um homem, um oficial, considerando o elmo com penacho. Seu adversário segurava uma lança e assim avançou — mas havia tantas maneiras de se desviar, especialmente porque o homem estava começando a galopar, e Vlad já estava movendo-se rápido. Quando se aproximaram, ele fintou para a direita de modo a desviar da ponta da lança com seu escudo levantado; girando repentinamente para a esquerda, deixou a arma deslizar sob o braço levantado de seu escudo; congelando de repente, ao fazer Kalafat parar instantaneamente, trouxe a arma do homem em sua direção, puxando o Turco e desequilibrando-o. Ele abaixou bem o punho da sua espada, a ponta em ângulo ascendente. Inserindo-a entre a malha de corrente e o queixo, Vlad forçou para cima.

Um girar da lâmina, um inimigo caindo, a procura de outro enquanto se virava para trás no que havia se transformado em uma confusão. Ao lado dele, Stoica enfiava sua tocha ainda queimando no rosto de um turco enorme que gritou e caiu, a barba em chamas. Atrás dele, viu Gregor rindo ao esmagar o turbante de metal de um guerreiro com sua clave. O Dragão voou à frente quando Ilie impeliu o estandarte com a ponta afiada; outro Infiel morto, alegrando o coração de Deus. E então a próxima onda de valaquianos se lançou, e os anatólíes da ala esquerda foram varridos para longe.

Homens com enormes cavalos de guerra passaram por Vlad. A um toque dos calcanhares, Kalafat alcançava seus irmãos maiores e mais lentos. E embora Vlad não estivesse na primeira arremetida que destroçou os peyk, ele pôde ver o dano causado pelas alabardas com cabeças de martelo — seus ganchos laterais puxando os homens de suas selas, o martelo de trás esmagando elmos, as pontas enfiadas nos visores. Ainda assim, as fileiras do inimigo logo perderam a ordem em uma série de combates individuais, e os vitesji de Vlad não perderam de vista o seu príncipe. Eles e muitos mais seguiram o filho do Dragão e o Dragão voador, avançando por entre o combate.

No campo aberto e à luz da lua, Vlad estava suficientemente perto agora para ver os rabos de cavalo do tug, os homens agrupados à frente dele. Reconheceu os solaks, os arqueiros janízaros da guarda, entre sipahis montados e desmontados. Quando Vlad e seus homens irromperam, milhares de pontas de aço estavam niveladas contra eles em arcos, lanças e espadas.

Ele olhou para além dos homens — e ali, por fim, estavam os dois que procurava, o propósito de toda essa matança. Mehmet, com uma veste noturna violeta, com brocados de ouro e prata, seu grande elmo enfeitado por uma pluma de avestruz, estava de pé com a espada na mão. Enquanto a seu lado, vestido exatamente da mesma forma, segurando um arco, estava um homem que Vlad vira pela última vez ainda menino. Seu irmão, Radu.

Lágrimas vieram a seus olhos. Ele levantou o visor para limpá-las, olhou para a esquerda e a direita, para seus homens. Alguns ainda estavam engajados em pontos ao longo do caminho. Alguns tinham fugido. Muitos estavam mortos. Dos 2 mil que começaram aquela louca jornada, havia talvez duas centenas controlando suas rédeas ao lado dele agora. No entanto, de algum lugar atrás do pavilhão do sultão, Ion a esta altura estaria trazendo mais 2 mil.

Ele não podia esperar para descobrir. Olhou para os homens que procurava, e para os olhos à sua frente. Não era exatamente um silêncio; combate e medo não permitiam isso. Mas a matança tinha abrandado o suficiente para Vlad escutar outra coisa — o repicar fraco dos sinos de prata.

Durou um momento, então veio o grande grito.

— Allah-u-akbar — rugiram os turcos, apontando para o avanço dos cristãos.

A resposta veio fácil para os homens que viram o que ela provocava nos inimigos.

— Bei Kaziklu — gritaram os homens da Valáquia, e seguiram o Príncipe Empalador ao ataque.

Mas Vlad e seus vitesji tinham embainhado as espadas. Mais uma vez, os arcos estavam em suas mãos. Quando as flechas de ponta de osso começaram a cair sobre eles, uma vintena de flechas voou na direção oposta.

Essas, no entanto, tinham novamente pontas de chamas que mergulhavam no pavilhão do sultão, encrespando em um instante as sedas luxuosas que decoravam a lona, correntes de fogo correndo ao longo das cordas com alcatrão. Assim que Vlad atirou sua flecha, tirou outra vez sua espada, abaixou a cabeça como se o que caísse fosse água, não osso. Na tempestade de flechas, tudo o que podia desejar era que a mais cara armadura da terra dirigisse a morte para longe de sua carne.

Uma pancada forte no peito o golpeou contra a sela. Ele recuperou o equilíbrio. Kalafat tropeçou, mas continuou. E então eles tinham passado pela tempestade e entrado nas fileiras do inimigo, próximos demais para as flechas voadoras. Era o momento de outras formas de matar.

O ataque o levava mais longe no acampamento. Ele fez Kalafat empinar sobre as patas traseiras, as da frente agitando o ar. Tinha consciência de seus homens a seu lado, depois só teve

consciência dos golpes chegando, que eram empurrados para longe ou então retribuídos.

Ele estava matando. Era uma coisa na qual sempre fora bom.

Então, dentro da névoa manchada de sangue na qual se afundara, ele se lembrou de por que estava ali, e olhou para além da confusão: viu Mehmet a uma dúzia de passos, arqueiros solak e alguns alabardeiros em torno dele.

A barba estava mais comprida, mais avermelhada. Os olhos estavam mais fundos, os lábios, ainda mais cheios. Mas era o mesmo fanfarrão que conhecera na juventude, o mesmo perverso. O homem que viera até sua terra para destruí-lo. Que talvez tivesse destruído o irmão de Vlad. A fúria veio, mas não o cegou. Em vez disso, naquele instante, ele recordou como havia vencido esse homem uma vez antes, no campo de jereed. Então, quando dois de seus vitesji irromperam da multidão e avançaram, ele seguiu, usando-os como um escudo, como uma vez usara Ion e Radu.

Dois corpos caíram a seus dois lados. Dois cavalos recuaram das flechas e lâminas à direita e à esquerda. Mas Vlad veio até o meio e despedaçou o inimigo. As fileiras implodiram, arqueiros sem armaduras fugindo dos golpes dos cascos e da espada que girava. Os que não se afastaram morreram, enquanto os homens de Vlad, vendo as fileiras se partirem, o seguiram.

Vlad perdeu a visão de seus alvos. Agora os viu outra vez, o sultão gritando desafios, sendo puxado para trás pelo último de seus guarda-costas, com Radu ainda ao lado dele.

— Mehmet — Vlad gritou com alegria, dando tapinhas nos flancos de Kalafat. Cinco passadas e ele o teria, como Kara Khan agarrara sua presa em cinco batidas e um voo planado.

Mas Kalafat não se moveu. Seus cascos dianteiros caíram, depois pareceram se afundar no chão. De repente, se ajoelhou, tossindo sangue entre os dentes. Deslizando para fora da sela, Vlad viu o que não tinha visto antes — as flechas porcos-espinhos que

havam se eriçado dentro de sua manta de proteção. A maior parte não tinha penetrado. Três estavam mais fundo e a última tinha entrado em seu coração. Enquanto ele se afastava, Kalafat rolou para o lado e fechou os olhos.

Não era o momento de lamentar, nem de pensar. Só de reagir contra os dois homens que corriam para ele com sabres curvos mamelucos. Colocando a mão esquerda em sua própria espada, Vlad se abaixou e pulou contra os braços levantados do primeiro homem, enfiando a ponta em sua garganta, só um pouco, só o suficiente. O homem gritou enquanto caía, mas Vlad ficou por perto, colocando o corpo do primeiro no caminho do segundo homem, que atacou sobre seu companheiro moribundo e errou. Enquanto tava sua arma para um novo ataque, Vlad colocou a outra mão ao lado da primeira e, segurando completamente a lâmina, ergueu-a e abaixou-a como um machado, a pesada guarda golpeando, enfiando o turbante do homem em sua cabeça. Uma vez matara um príncipe da Valáquia dessa maneira. Funcionou igualmente bem em um escravo.

Antes que os dois homens alcançassem o chão, Vlad avançou em direção ao inimigo enfurecido que era puxado para seu pavilhão. O pavilhão estava queimando, mas a lona principal não fora atingida. De qualquer maneira, enquanto ele passava pela porta dupla, Vlad viu que os guarda-costas não tinham intenção de parar ali.

A entrada dos fundos, menor, estava aberta, e o grupo estava se apressando para a segurança.

"Onde está Gales?", Vlad se perguntou por um momento. Então dois homens estavam a seu lado — o pequeno Stoica, Gregor, o Sorridente — e os três rapidamente alcançaram o grupo à frente. Havia oito guardas, armados com espadas ou lanças, e eles os enfrentaram no centro exato do pavilhão, em frente à cama suspensa, enquanto as cordas de alcatrão incendiadas caíam ao redor. Oito contra três, mas os três tinham armaduras e os oito

mantinham um dos olhos no sultão enfurecido, combatendo no meio deles.

Gregor, o Sorridente, morreu, ainda rindo, sua clava tão mergulhada em um crânio que ele não conseguiu retirá-la para bloquear o ataque que o matou. Stoica caiu com uma lança na cabeça, matando o homem que o atacou mesmo durante sua queda. Havia mais dois guardas na frente de Vlad e, girando sua espada bastarda em ambas as direções, acertou um por cima, outro por baixo.

E então só havia os dois.

Eles o encararam, um valaquiano e um turco, ambos vestidos como gregos, com túnicas em tons de roxo, dourado e prateado. Ele não tinha visto seu irmão desde que ele era um garoto de 11 anos. O rosto angelical tinha amadurecido para um rosto de mito, um herói ateniense. "Cel Frumos", eles o chamavam, "O Belo", e ele era, seus olhos da turquesa do Bósforo, seu cabelo castanho cortado em ondas volumosas sobre os ombros, a barba sofisticadamente aparada. Ao lado dele, Mehmet, com seu nariz tão curvo, os lábios carnudos e a barba cheia, parecia grosseiro e tão cruel quanto sua reputação.

Os dois homens seguravam as espadas levemente curvadas dos turcos em posição de combate, lâminas para trás, mãos para a frente.

De fora da tenda incendiada e enfumaçada vinham os sons enfurecidos da batalha. O grande tambor kos estava sendo batido. Então, uma trombeta soou — a valaquiana — apressando o reagrupamento, a retirada. Nenhuma trombeta anunciou outro ataque. Gales não tinha vindo, mas não importava. Não com seu maior inimigo a um golpe de distância.

Vlad levantou o visor e avançou um passo. Os homens à sua frente recuaram um.

— Irmão — disse Vlad, sua voz rouca pela súbita dor de todos os anos perdidos —, você agora está finalmente livre. Que os

filhos que restam de Dracul se juntem e derrotem o tirano.

Radu engoliu em seco, sem piscar.

Foi Mehmet quem falou: — Ele agora é meu irmão, Vlad Drácula. Já não é mais seu. E vou dar a ele o trono da Valáquia.

— Não é de sua competência dá-lo, Mehmet Celebi — disse Vlad, virando-se para o sultão, usando um antigo nome. — E meu irmão ainda tem o sangue do Dragão, por mais que você o tenha corrompido. — Sua voz se quebrou. — Eu sei o que você tem sido — continuou. — Portanto, não vou pedir a ele para que o mate. Apenas pedirei que se afaste enquanto eu o faço.

Com isso, Radu realmente deu um passo para o lado. Mehmet olhou para Radu, voltou-se para Vlad e rosnou.

— Enquanto você tenta, bei Kaziklu. Pois eu sou tão guerreiro quanto você.

— Isso nós veremos — disse Vlad, abaixando seu visor, segurando a espada à sua frente e avançando.

Ele estava tão focado no homem que odiava que não viu a espada reluzindo até que fosse quase demasiado tarde. Deu um salto para trás, sua própria espada se erguendo...

mas uma guarda-mão estava curvada, nunca fora levantada, em memória de seu triunfo sobre Vladislav. Então, não estava lá para bloquear o aço damasceno de Radu, que cortou através de sua luva, separando o dedo mínimo da mão esquerda.

O dedo caiu sobre o chão atapetado. Todos os três homens olharam.

— Radu... — Vlad arfou.

— Não! — gritou seu irmão. — Você nunca veio me buscar. Você me deixou... para eles. Bom, sou deles agora. E o trono do meu pai será meu.

Mehmet estava caminhando na direção dele, sorrindo. Vlad ainda tinha sua espada na mão direita. Ele a levantou agora, embora parecesse duas vezes mais pesada do que antes. — Radu... — Tossiu.

E então um enorme pedaço de tela em chamas caiu do teto, passando por entre eles, suspensa ali por um momento antes de cair.

A visão ficou perdida em chamas e fumaça. Figuras moviam-se, vozes gritavam, homens se apressavam. Não havia como ir para a frente, ou para trás. Puxando sua espada, suja agora com seu sangue, ele encaminhou-se para o lado da tenda que começava a esquentar mas que ainda não estava em chamas. Estava sem fôlego; sua mente, já paralisada, afundava no esquecimento. Então, ele viu uma abertura na lona, porcamente costurada, e reconheceu seu próprio trabalho. Tossindo, chutou-a até ela ceder, e assim pôde rastejar para fora.

Os olhos embaçados pela fumaça e pelas lágrimas, ele olhou seus homens, seus vitesji, ainda lutando. Uma vez mais a trombeta da Valáquia soou com a chamada, o reagrupamento sob a bandeira do Dragão, que ainda balançava. Ele foi tropeçando até lá. Mas os turcos também estavam se reagrupando, alguns virando-se em direção a ele. Tentou levantar sua espada.

Um grito à direita, por trás do que restava da tenda do sultão. Ele se virou para onde 2 mil guerreiros novos estariam atacando e viu um, cavalgando entre duas ortas de janízaros arregimentados.

— Ion — gritou Vlad, e de alguma maneira seu amigo o escutou, o viu, virou a cabeça de seu cavalo e cavalgou até ele.

— Vlad — respondeu Ion. Mas os janízaros agora estavam correndo na direção deles e não podiam parar. Agarrando o braço que foi lançado para baixo, Vlad, com um grito de dor, montou atrás de Ion.

Ion olhou para a mão que tinha segurado.

— Meu príncipe! Você está sangrando!

— Ande! — sussurrou Vlad, deitando sua testa na armadura fria do amigo.

— Você...

— Ande! — repetiu, e fechou os olhos.

Ion enfiou as esporas nos flancos de seu cavalo. Ele avançou à frente para o meio do conflito. Em seu centro, o Negro Ilie estava girando uma enorme espada com ambas as mãos. Ele tinha enfiado a bandeira do Dragão na terra para poder fazer isso. Agarrando-a, Ion gritou: — Valaquianos! Sigam-me! Poucos puderam escutá-lo. Mas a visão do Dragão voando e se afastando era clara, e os que conseguiram a seguiram. Uma falange muito menor correu de volta pelo caminho por onde vieram. Como muitos tinham fugido quando eles entraram, poucos fizeram qualquer tentativa de pará-los agora.

Trinta e sete



Moloch

— Vlad — chamou ela, tentando se erguer ao ver a porta se abrir.

— Não, Ilona. Só eu. — Ion foi até ela, tocando seu ombro. — Descanse.

Ela tentou resistir até ao toque gentil.

— Deve estar na hora. Eu devia...

— Não é hora. E você teria que ficar em pé lá fora. O calor está terrível na igreja. Aqui está mais fresco e você ainda está fraca. Descanse.

— Estou melhor — mentiu ela, afundando-se na cadeira. — Um pouco mais e então... — Ela colocou a mão na que ainda estava em seu ombro. — Ele vai me procurar primeiro quando chegar, como sempre faz. Não quero desapontá-lo.

— Se ele vier — disse Ion, sentando, encostando-se na mesa para colocar a cabeça entre as mãos. Havia meses ele estava cansado. Desde quando os turcos atravessaram o Danúbio.

— Se? Você escutou alguma coisa? Ele ergueu os olhos e viu o medo dela.

— Não. Apenas os mesmos rumores.

Ela olhou para o outro lado.

— Os que dizem que ele está morto. — Quando Ion não respondeu, ela fechou os olhos. — Conte-me outra vez.

— Ilona...

— Conte-me. Da última vez que o viu vivo, uma semana atrás. Quando você fala, eu o vejo aqui. — Ela indicou com os dedos suas pálpebras fechadas. — E então ele ainda está vivo aqui.

Ion suspirou. Gostaria de poder mentir para ela. Mas, em todos os anos de sua amizade, em todo o tempo que passaram juntos — tempo que Vlad não podia desperdiçar —, ele nunca foi capaz de lhe contar nem mesmo uma mentira tranquilizadora.

— Os turcos vieram atrás de nós. Cavaleiros sipahis. Batedores akinas. Tivemos que combater para conseguir chegar à floresta Vlasia. Por um momento, apesar de tudo, pensei que Vlad estivesse dormindo, tão silencioso ele estava encostado em minhas costas. Mas então, na beirada das árvores, a cinco passos da segurança, um de seus vitesji, Nicolae, foi alvejado com uma flecha na garganta e caiu morto de seu cavalo a nosso lado. E Vlad estremeceu, pulou, e em um segundo estava naquele cavalo. Ele havia enfiado a luva de sua mão direita na esquerda, tentando estancar o sangue. Mas eu podia ver que gotejava... — Ion parou. Tinha que ser a exaustão.

Não contar mentiras não significava contar tudo. — Ele gritou para mim: "Siga para Targoviste." E então se virou de volta, para lutar, para matar, para trazer o resto de seus homens. E eu obedeci. — Ele engoliu. — Eu o deixei.

Ilona ainda estava com os olhos fechados. Ela parecia estar estudando alguma coisa dentro deles, inclinando-se ligeiramente para a frente, sua visão de Vlad mantendo-o vivo.

— "Siga para Targoviste" — ecoou ela suavemente. Então seus olhos se abriram. — E ainda há luta. Os rumores falam disso.

Ion assentiu.

— O Infiel voltou, porém muito mais lentamente. O ataque noturno os deixou mais desconfiados. E, se os turcos ainda estão

sendo mortos, então acredito que é o nosso príncipe que os está matando.

— Também acredito nisso. E o ataque noturno? Quase deu certo? — Quase. Se Gales tivesse vindo, não fugido para algum buraco. Se eu tivesse conseguido impedi-lo... — Ele sacudiu a cabeça, olhou para a porta. — Mas quase não é o bastante. Não para os chacais lá fora. Para eles, "quase" é uma derrota.

Ela estendeu a mão, apertou a dele.

— E foi por isso que ele o enviou para Targoviste. Foi por isso que você teve de obedecer, deixá-lo. Para manter a lealdade dos boiardos.

Ion colocou sua outra mão por cima da dela.

— Ele também me enviou para um casamento, Ilona. — Sorriu. — Vlad entende uma das principais lições das coisas do Estado: para unir um povo, tudo que um príncipe necessita é de uma guerra... ou de um casamento. E veja só... nós temos os dois! Tinha que ser a exaustão. De repente, os dois estavam rindo muito. Durou cinco batimentos, depois, tão subitamente como viera, o riso se foi. Espantado pelas trevas nos olhos dela, Ion tentou segurar suas mãos, mas ela as puxou.

— Vlad deu essa ordem — ele disse —, porque ama você.

— Ah, Ion. — Seu riso agora foi amargo. — Ele deu essa ordem devido a seu voto, feito a Deus, não a mim. Deus, de quem ele precisa agora mais do que nunca.

O voivoda da Valáquia jamais deixaria sua cruzada para se casar com uma plebeia se não fosse por esse voto. — Ela apontou para a igreja. — E ainda os deixaria na esperança de que escolheria uma de suas filhas, traria uma das famílias para mais perto do trono.

Ion deu de ombros. Ele nunca fora capaz de mentir a ela e não poderia começar agora. Eles haviam tentado tanto mantê-la fora do jogo de xadrez que todo voivoda joga com seus boiardos. Fracassaram. E Ion sabia que, mesmo se um milagre acontecesse e

Vlad viesse para se casar com ela neste dia, Ilona nunca seria uma rainha, nem mesmo um peão.

Ela fechou os olhos.

— A essa altura ele já teria vindo. Ele não virá.

Ion não sabia dizer se havia esperança ou temor em seu sussurro. — Em todo o tempo em que o conheço, Vlad nunca chegou cedo para nada. Ele sempre chega exatamente na hora. — Ele sorriu de novo. — Isso me deixa louco.

Ela olhou para ele, esperança — e temor — clara em seu rosto, que estava mais branco do que o vestido que usava, mais branco do que qualquer estátua. E então um sino soou. Três toques.

— Um quarto antes do meio-dia — falou. — Preciso ir.

— Ilona...

— Não — disse ela, esforçando-se para levantar. — Dê-me seu braço ou saia do meu caminho, Ion. Pois eu irei saudar meu príncipe.

Ilona vacilou. Outra vez, Ion estendeu a mão, segurou-a até que ela se firmasse.

— Deixe-me pegar um banquinho para você — murmurou ele gentilmente. — Todos entenderão.

Ela não deixou. Não podia. Se sentasse, sabia que não se levantaria outra vez naquele dia. Se sentasse, temia que o sangue, diminuindo agora, inundasse. Que, não importava quantas camadas de grosso linho branco compusessem seu vestido, a mancha apareceria através delas. Insígnia de sua tristeza, cor de sua vergonha.

Ele não devia ver isto. Não aqui, diante do altar da Biserica Domneasca. Não no dia de seu casamento.

Ela fechou os olhos, respirou fundo para combater a náusea, grata pelo aperto de Ion em seu braço. A onda passou. Ela os abriu outra vez, estreitando-os contra o brilho da chama do candelabro e do candeeiro, contra o sol queimando através das grandes janelas de

vitrais que a salpicavam de azuis, vermelhos, verdes, amarelos, como se seu vestido fosse um arco-íris e não do mais puro branco.

Ela desejou também poder estreitar as narinas, tentou respirar apenas pela boca. A catedral era o lugar mais frio de Targoviste e o calor ali era quase esmagador.

Homens suando nos trajes da corte, mulheres suando nos seus vestidos de festa, o cheiro doentio misturado a poções e à doçura do sândalo, da mirra e da lavanda, flutuando na fumaça dos turíbulo que os padres balançavam. Isso não fazia nada para dissipar o ar viciado. Em vez disso, pelo contrário, o ressaltava.

O brilho a forçou a desviar os olhos; para Ion a seu lado, sempre leal, segurando-a. Atrás dele estavam os da família da noiva, que tinham feito a viagem de Curtea de Arges. Tios, primos, todos artesãos, todos suando tanto quanto qualquer nobre; mais, talvez, desacostumados como estavam com tanto pano. Mas seu príncipe os havia elevado e eles tinham de mostrar seus favores.

Ilona olhou para onde os outros se agrupavam. Os boiardos. Todos evitaram os olhos dela, evitaram olhar para qualquer lugar próximo a ela, caso seus olhos pudessem encontrar os dela e ser maculados pelo olhar de uma camponesa.

Como eles a odiavam. Ainda que ela nada tivesse feito, nem desejado nenhum de seus títulos, nem seu status. Tudo que ela queria era ser deixada em paz, para esperar pelos raros momentos em que seu amado viria até ela.

Ali! Um deles olhou. Jupan Turcul. O segundo homem da Valáquia. Seu irmão, o jupan Gales, que tinha vindo da guerra com as piores notícias, não estava presente. Gales desertara seu senhor no campo de batalha e sem dúvida Vlad o mataria quando o visse, dia de casamento ou não. Mas seu príncipe ainda precisava dos outros boiardos e principalmente de Turcul, o mais rico. E de todos os nobres, Turcul a odiava mais, mesmo tendo lhe dado sua filha, Elisabeta, como dama de companhia. Ela estava ao lado dele agora,

murmurando em sua orelha cabeluda. E, quando Ilona olhou, Elisabeta olhou de volta. Não para seu rosto. Para baixo.

Apesar do calor, o frio se espalhou por Ilona. Ela sentiu uma onda de sangue, como se chamado pelos olhares deles. Inclinou-se mais em Ion, fechou outra vez os olhos contra o brilho de arco-íris.

Talvez ele não venha. Jesus Sagrado, faça com que ele não venha. Santa Maria, faça com que não venha.

E então ele veio.

Ela não soube que metal ouviu primeiro, o toque do grande sino na torre, ou o bater das ferraduras nas pedras do pavimento da praça. Eles se alternaram a partir daí, ferro e ferro, até que um por fim cessou, deixando o silêncio ser rompido apenas pelo toque duodécimo e final.

O eco desapareceu entre as colunas de pedras enormes da catedral.

O metal foi ouvido outra vez — a empunhadura de uma espada, batendo na madeira. Três vezes soou, o espaço de uma respiração entre elas. Os padres passaram apressadamente. As duas grandes portas da igreja se abriram. Ele havia se encostado contra a porta antes de empurrá-la. Os 12 passos tinham-no esgotado e desembainhar sua espada parecia impossível. A menos que fosse usá-la para matar. Era o único momento em que se sentia desperto, quando o Infiel estava sob sua lâmina. O resto era um sonho de vida através do qual ele cambaleava.

Quando dormiu pela última vez? Não conseguia se lembrar. Havia se esquecido de como se fazia isso. Ele fechava os olhos... mas não em saí ciente. Pois através de suas pálpebras ainda havia luz do dia. E eles viriam.

Kalafat, sua amada égua, fechando seus mansos olhos castanhos enquanto se ajoelhava tão lentamente, para que ele pudesse sair de suas costas antes que ela morresse; Hamza, amarrado em uma sela, tropeçando no pó da estrada; sobretudo, os

mesmos dois homens — Mehmet, tão perto que Vlad podia cheirar o gengibre e o almíscar, e Radu, belo Radu, cuja beleza fora torcida pelo ódio. Radu abaixando a espada vinda da alta planície...

Seus olhos se abriam para o sangue, sangue verdadeiro, seu sangue, A ferida onde seu dedo tinha estado não cicatrizava. Foi-lhe dito para deixá-la descansar. Ele riu. Ele matava com a Garra do Dragão, e precisava das duas mãos.

No entanto, não era seu próprio sangue nem o sangue dos outros que o atormentava mais. Nem mesmo o corte mais cruel, de irmão em irmão, Era um momento anterior a isso. Quando Mehmet, o Conquistador, ficara à distância de uma espada e os seus destinos haviam se juntado. Toda a sua vida, ele tinha falado do kismet, do seu destino.

Aquele único momento foi ele. Mas então... então, em vez de avançar, atacar, matar, ele tinha... parado. Outra pessoa atacara.

Ele ainda lutou, ainda matou. Mas agora não era as mortes dos outros que ele verdadeiramente procurava. Era a sua. E o kismet lhe negou até isso.

Vlad abriu os olhos, afastando-se daquele único momento e acordando contra uma porta de carvalho. Escutou o relinchar de um cavalo atrás de si, virou-se. Seus homens, seus vitesji, estavam montados em seus cavalos, olhando para ele em silêncio. Stoica, que de alguma forma tinha escapado da tenda em chamas do sultão e o reencontrado; o Negro Ilie; o resto. Agora só restavam vinte deles e suas armaduras estavam tão amassadas e sujas quanto a dele, tão manchadas de sangue.

Ele procurou uma resposta nos olhos dos homens. Por que ele estava aqui? Já não havia turcos para matar? Que porta era esta? Então, ele se lembrou. Estava ali para um casamento. O seu casamento. E, entre todas as traições, outra. De alguma maneira, a pior.

Ela havia mentido para ele. Mesmo assim, um voto havia sido feito. Puxou sua espada.

Ali estava ele, sua silhueta à luz do Sol, a Garra do Dragão estendida a um dos lados.

Drácula. O príncipe dela.

Ele não era o mais alto dos homens. Mas era largo e forte, e sua armadura negra fazia parecer que um gigante negro estava na entrada da Bise-rica. E quando ela o viu, seu coração, como sempre fazia quando eles ficavam separados por algum tempo, bateu mais forte, a respiração ficou presa. E, como sempre, ela se lembrou da primeira vez que o viu — salpicado pelo pôr do sol turco, através da treliça de uma liteira. Ela o vira outra vez através de um cordão de moedas de ouro quando ele a raptou; mas por fim e claramente só quando o barco estava se afastando da doca. E nesse último olhar, o curso de sua vida foi fixado. Kismet, ele dizia.

Seus homens apareceram às suas costas, cada um se curvando rigidamente, persignando-se antes de se espalharem pelo fundo da nave.

Houve silêncio por um longo momento, interrompido quando Drácula embainhou sua grande espada e começou a caminhar pela nave central. Caminhava lentamente, olhando direto à frente, ignorando os camponeses e boiardos se prostrando enquanto ele passava. Enquanto se aproximava, ela podia ver sua exaustão, as marcas pretas sob seus olhos, sobressaindo-se no rosto tão pálido, tão escuras quanto a armadura coberta de pó. Mais perto ele veio, e mais perto. Ao lado dela, Ion apertou seu braço e ela olhou para cima, viu o sorriso dele por seu príncipe estar vivo. Ilona estava contente por ser ele quem a entregaria, já que ela não tinha pai. Eram tão somente seu único amigo e seu único amor que a mantinham de pé. Dez passos e Drácula estaria a seu lado. Apenas dez...

Ele não os deu. Um homem se pôs entre ela e seu amado.

— Você veio, voivoda — disse o jupan Turcul. — Não acreditávamos que o conseguisse.

A resposta demorou um pouco. Sua voz sempre fora baixa, e aqui ela soou por entre o pó da estrada e os estragos da exaustão.

— Um homem não deve vir a seu próprio casamento? As palavras eram para o boiardo. Mas seus olhos, aqueles grandes olhos verdes, eram apenas para ela.

— Ainda assim, tal casamento deve mesmo acontecer? Com ela? — Todos escutaram o desprezo na última palavra.

Os olhos mudaram. O gelo que poderia varrer todo calor tomou conta deles e, pela primeira e única vez em sua vida, Ilona teve pena do jupan.

— Com ela? — Agora não havia cansaço em sua voz. — Claro. Só com ela.

O boiardo engoliu em seco. Era um homem poderoso, segundo apenas ao próprio Drácula em todo o reino. Mas era o segundo.

— Meu príncipe — murmurou ele —, procuro apenas preservar sua honra.

— Se ao menos isso fosse verdade. — As palavras vieram como um sussurro, mas alto o suficiente para serem ouvidas. — Diga-me o que você quer dizer, jupan.

Agora.

O boiardo hesitou. Mas já fora longe demais agora. E vendo o quanto o homem estava preparado para arriscar, Ilona compreendeu, pela primeira vez, a verdadeira extensão do perigo que corria, e estremeceu no calor.

— Ela o trouxe aqui com falsidades, meu príncipe. Para enganá-lo a se casar.

— Enganar-me? Ninguém me engana. — Um grito súbito. — Ninguém! — No entanto...

Houve um borrão em movimento, uma sombra passando pelos raios de sol, uma mão enluvada agarrando uma garganta. Turcul era uma cabeça mais alto, mas foi sobrepujado como uma boneca para que Drácula pudesse olhar para ele de cima.

Os outros nobres se agitaram. Todo homem ali tinha uma espada a seu lado. Nenhum a pegou. Talvez tenha sido o som dos homens de armaduras escuras armando as flechas nos arcos.

O sussurro outra vez.

— Fale o que você quer dizer.

Um gorgolejo soou. Dedos de metal afrouxaram o suficiente para permitir que o som saísse.

— Ela mentiu. Não está com uma criança.

— Mentiu? — A palavra ecoou pela pedra. — Ilona nunca mente.

— Ele olhou em volta. — A única que... que...

Todos viram como ele gaguejou, dando um passo à frente, o homem deslizando de seu apertão.

— Então pergunte a ela, príncipe — Turcul silvou do chão. — Pergunte a ela.

O olhar dele se voltou para ela, uma escuridão nos olhos que ela já vira se voltar para outro lugar, mas não para ela. Jamais para ela. Ilona sentiu toda a sua respiração abandoná-la, como se tivesse esquecido como respirar.

— Uma palavra, Ilona. Termine isto com uma palavra. — Sua voz soou, outra vez baixa. — Você está carregando meu filho? Ela quase desmaiou então, no calor, na repentina onda de sangue, na escuridão terrível nos olhos dele.

— Meu príncipe...

— Uma palavra! — gritou ele agora. — Você está carregando meu filho? Ela sentiu. No vazio dentro dela. No olhar que a filha de Turcul lhe dera. No pano ensopado em sua barriga. Na mínima mudança dos dedos de Ion em seu braço. Ela estava em um arco-íris

e depois estava caindo nas trevas. Mas não poderia ir para lá outra vez antes de responder a ele. Ele pedira uma só palavra. Ela sempre o obedecia.

— Não.

A palavra ficou suspensa como uma partícula de pó em um raio de sol. E todos puderam ver o efeito que teve em Drácula; como ele murchou, como se dentro de sua armadura a carne tivesse encolhido, contraindo-se pelo toque do metal.

— Não — ecoou. Então, fechou os olhos e murmurou: — Outra mentira.

Levantando-se, Turcul foi se juntar aos outros nobres, uma falange cercando-o.

— E como você tratará disso, meu senhor? A escuridão que o chamava se manteve. "Meu senhor?", ela quis gritar. Ele era seu príncipe. Mas ela sabia qual a intenção de Turcul. Estava lembrando a Drácula que ele era na verdade apenas primus inter pares — o primeiro entre iguais —, que devia sua coroa a eles.

— Tratar de quê? — A exaustão voltou a sua voz, a seu corpo. — Você me pergunta isso agora, com os turcos a um dia de Targoviste? -Um murmúrio soou. — Você me pergunta isso, você, que deveria, neste exato momento, estar reunindo seus homens, afivelando sua armadura, para me seguir? Outra voz, um nobre diferente: — Como podemos seguir alguém que permite essa traição passar? Que não fará o que precisa ser feito? Outras vozes se juntaram, com a coragem do bando.

Ele as silenciou com um punho levantado. E ela notou então como o dedo mínimo de metal estava amarrado ao seguinte. Reluzia à luz da tocha e o laço estava vermelho de sangue.

Suas palavras levaram um longo tempo para chegar: — O que é preciso ser feito. — Era um eco, infinitamente cansado. Mas não era uma pergunta.

E então Drácula estava avançando, tão rápido quanto avançara para Turcul. Mais rápido. Pegando Ilona pelo braço.

— Não! — Ion a soltara, dera um passo à frente, tentando ficar entre o homem com a armadura negra e a mulher com o vestido branco. — Príncipe! Vlad! Não! Ela...

A mão que tinha apertado a garganta de um nobre agora estalava contra o rosto de Ion. Ele foi jogado para trás, caindo entre as pedras. Então Vlad puxou Ilona pela porta de tela, subindo dois degraus, jogando-a no chão do altar. Ninguém mais entrou no espaço depois da tela, nem o metropolitano que reinava ali, nem o jupan Turcul e os outros nobres. Eles se amontoaram nas duas portas, mas não as cruzaram.

Por um momento, Drácula olhou para o crucifixo na mesa alta, para a figura do Salvador torturado. Por um momento, fez uma pausa. Então fechou os olhos... e tirou seu punhal, a arma de lâmina fina coroada com o mesmo dragão de sua espada, tão afiada quanto. Levantando-o alto, sua lâmina e guarda à altura da cruz a sua frente, ele gritou: — Moloch! O grito ecoou ao redor da grande abóbada de pedra da catedral. Todos sabiam o que significava — os homens amontoados nas portas, a congregação na nave, o homem cuspidor dentes e sangue sobre as pedras onde o golpe de Vlad o havia jogado.

Eram os cananeus, atirando seus filhos no fogo.

Era o sacrifício do que alguém mais amava.

A adaga caiu. Não na carne. Não ainda. Ela penetrou no pano branco, rasgando, em um único movimento rápido, o vestido da barra ao pescoço. Ele rasgou como uma Bíblia, abrindo-se.

Seus rostos estavam tão próximos que ela podia tê-lo beijado. Ela ficou ali, sem reagir, gelada pelos olhos do homem que amava. Neles havia alguma coisa que ela nunca vira antes. Não, não alguma coisa. Uma ausência de alguma coisa. De vida.

Ele estava tão perto, só ela podia escutá-lo.

— Não mexa — ele sussurrou. — Nem um fio de cabelo.
E então ele empurrou a ponta de seu punhal no seio dela.

Trinta e oito



Uma única lágrima

Castelo Poenari, 1481

— Basta! Com certeza isso já basta! — gritou Petru, pulando de seu assento.

Isso trouxe subitamente, forçadamente, o conde de Pecs de volta ao salão do castelo Poenari, para os três confessionários cortinados e a história de um homem emergindo deles. Por um momento, ele não esteve ali, perdido, como todos eles devem ter estado perdidos, na última confissão de Drácula, como contada pelas três pessoas que melhor o conheceram. Ele tinha estado perdido mesmo de suas razões para escutar esses horrores... até que este último horror foi demasiado para um jovem que, Horvathy agora se lembrava, tinha uma jovem esposa no andar de cima, pesada com seu primeiro filho.

— Paz, spatar — falou, levantando-se da cadeira para puxar o braço do homem mais jovem. O toque silenciou o cavaleiro, embora Horvathy pudesse sentir, no tremor sob seus dedos, o quanto o silêncio lhe custava. — Todos nós sentimos sua repulsa. Mas, no fim das contas, não estamos aqui para sentir. Estamos aqui para refletir.

Estamos aqui para julgar, não estamos? As palavras de Horvathy foram faladas para o spatar, mas sua verdadeira intenção era atingir outro homem ali, o que ainda estava sentado. Pois

dependeria do cardeal Grimani, o núncio papal, fazer o julgamento, depois aconselhar o papa se deveria permitir ao Cruzado de Cristo emergir dessas histórias e assim permitir que a Ordem do Dragão se erguesse outra vez, unindo os Bálcãs sob esta bandeira na Guerra Santa. E se ele julgasse assim, se os pecados de Drácula fossem perdoados, então... talvez Horvathy pudesse perdoar a si mesmo.

O conde virou-se então para Grimani e, como fizera de tempos em tempos enquanto a história se desdobrava, novamente tentou ler alguma coisa definitiva no rosto do italiano. No entanto, como das outras vezes, havia pouco que ele pudesse perceber. Horrores tinham sido descritos, no entanto, mesmo com esse último, essa profanação, a expressão de Grimani pouco havia se alterado. Seus lábios continuavam divididos no que poderia ser um sorriso. Suas pálpebras ainda curvavam-se, como se fosse dormir. Embaixo delas, no entanto, os próprios olhos estavam brilhantes como sempre, e se movendo.

— Julgar — exclamou Petru, puxando o braço para soltá-lo do conde.

— Só pode haver um julgamento depois disso! Ele era o próprio diabo, não apenas seu filho. Diante do grande altar? Foi uma blasfêmia! — Talvez. — O tom tranquilo do cardeal chocou tanto quanto um grito.

— Talvez? — falou Petru. — Você, um homem de Deus, pode dizer isso?

— Eu sou um homem de Deus — retrucou o cardeal. — Sou também, à minha maneira, um soldado de Cristo. Sei o que é ter o Infel nos portões da minha cidade.

Mas tê-lo prestes a irromper por minha porta? — Ele balançou a cabeça.

— Está dizendo que esta obscenidade é uma necessidade? — Petru se virou. — Meu senhor Horvathy, eu apelo a você.

O conde vinha observando o italiano, a esperança crescendo nele.

— Como eu disse, compartilho de sua repulsa, spatar, mas Vossa Eminência está certa. Considere a ameaça que Drácula enfrentava. Você alguma vez já viu o que acontece quando os turcos saqueiam uma cidade? — Ele estremeceu. — Essa obscenidade em suas palavras seria rapidamente encoberta pelas milhares que aconteceriam a seguir.

— Isso não pode justificar...

Horvathy ergueu uma das mãos.

— Drácula era um pragmático, spatar. Precisava dos boiardos para agrupar suas forças e seguir com ele. Os homens raramente fazem isso por amor. Nem mesmo por Deus. — Ele fechou seu único olho. — Mas já testemunhei, com frequência, que farão isso por terror.

— Mas não estamos deixando passar outro ponto, meu senhor? — disse o cardeal. — Em muitas partes da Itália, temos a Festa dos Tolos, quando os loucos têm durante um dia a permissão de agir de acordo com sua loucura. Vocês não têm o mesmo na Valáquia? Pelo que temos escutado, Drácula estava, no mínimo, enlouquecido. Não deveríamos lhe dar permissão?

— Claramente não é possível ter os dois, meus senhores — silvou Petru. — Um pragmático louco não soa como uma combinação provável.

— Ao contrário, meu jovem. A maioria dos príncipes que conheço na Itália tem exatamente essa combinação. — Grimani riu e continuou: — Tem uma coisa, no entanto, sobre a qual estou curioso. Como de alguns desses horrores, escutei uma versão deste último antes. Mas falava do assassinato da amante. — Ele se virou para o confessor do meio. — No entanto aqui está ela, contando isso ela mesma. Em quem devemos acreditar? Todos agora olharam para aquele confessor. Dentro dele, Ilona realmente não estava

escutando a conversa deles, mas as lágrimas de Ion na cabine ao lado. Escutando-as, ela se lembrava de outras. Das suas, aquele dia, de agonia, de tristeza. As duas vezes que ela havia chorado desde então. A primeira, depois do corte, a caminho do convento, quando ela entendeu exatamente o que ele tinha feito, e por quê, e como ela nunca poderia, nunca teria permissão de vê-lo outra vez. E a segunda vez, quando percebeu que estava errada, e o viu. Uma parte dele, pelo menos.

Mas o cardeal tinha feito uma pergunta que só ela poderia responder. Então ela o fez.

— Acredite nisto, para que possa saber de tudo — disse ela, suavemente. — Ele me cortou de seio a seio. Depois completou o crucifixo, cortando-me da garganta para baixo, até o fim...

— Blasfêmia sobre blasfêmia! — Petru avançou para o confessionário dela, braços abertos completamente, como se pudesse parar as palavras.

— Basta! O que mais é preciso saber?

— Só isto. — Sua voz ficou mais forte, pois o que tinha a dizer agora a havia sustentado em todas as noites de suas trevas. — Quando ele colocou sua faca... lá, quando ele me cortou lá, a dor foi... — Ela suspirou. — Mas, no final, não foi a lâmina que me destroçou. Foi a única lágrima que caiu dentro de mim. A única que jamais o vi derramar.

Silêncio, o farfalhar da chama o único som, até as penas dos escribas esperavam. Depois de um momento, ela falou, mais baixo agora, de modo que todos tiveram que se inclinar para ouvir: — Ele me chamava de seu santuário. Naquela única lágrima estava todo o seu adeus. O adeus para a única paz que ele jamais conhecera.

— Você o perdoa?

— Não é isso que os filhos de Deus devem fazer, Eminência?

— Mas... isso? Como ela poderia fazê-los compreender? Não era tão simples, afinal?

— Eu o amava — disse —, e nunca deixei de amar.

— É impossível — sussurrou Petru. — Ninguém que recebeu ferimentos assim poderia sobreviver.

Outra voz veio — a de Ion, áspera de dor: — Só ele poderia infligi-los e deixar alguém viver. Ele aprendera muito bem as lições de Tokat. Conhecia, melhor do que ninguém, a linha limítrofe entre a vida e a morte. Ele morava aí, meio a meio. Deus me perdoe, muitas vezes ajudei-o a atravessá-la.

Outra vez o silêncio, mais longo do que os anteriores. E o grito que finalmente o rompeu não veio de dentro do salão, mas de fora.

"Cri-ak, cri-ak." Todos que puderam, ergueram os olhos para o grito do falcão. Através da opaca cortina encerada que bloqueava a abertura para a flecha, veio uma luz muito fraca. Eles tinham falado e escutado por um dia e metade de uma noite. No entanto, ninguém se sentia cansado.

O conde gesticulou em direção às mesas. Petru, reprimindo seu descontentamento, virou-se e ordenou aos servos para levar comida e água para os confessionários. Horvathy atravessou a sala, serviu-se de vinho. Grimani o acompanhou, caminhando silenciosamente com pés acolchoados. O olho bom do húngaro não estava no italiano, que estudava o outro, franzindo os olhos antes de falar baixo.

— Meu senhor — disse ele, enquanto Pecs parava e voltava-se. — Antes de continuarmos, tenho algo a lhe perguntar.

O conde tomou um gole.

— Pergunte.

Grimani lançou um olhar por sobre os ombros. Ninguém estava perto, mas de qualquer maneira sua voz se tornou um sussurro: — Você deixou claro seu desejo de ver sua Ordem do Dragão restaurada para a glória. Você julga que tal resultado seria vital para o sucesso da cruzada que esperamos lançar contra os

abusos dos turcos, unindo líderes de todo os Bálcãs sob a bandeira do Dragão. Talvez você esteja certo.

— Ele se aproximou mais. — Mas vejo outra coisa, conde Horvathy. Escuto isso no que você diz e na maneira como o diz. Escuto isso talvez mais no que você não diz.

O conde permaneceu em silêncio. Grimani continuou: — Há uma ânsia em você por alguma coisa além do sonho de uma irmandade restaurada. Maior talvez até do que seu amor por Deus? E posso ver que essa ânsia esta enraizada no sofrimento. — Ele apertou com gentileza o braço do outro homem. — Não tenho razão? O olho único estava virado completamente para ele agora, refletindo a luz da tocha de junco.

— Talvez.

O cardeal estendeu a mão e a colocou gentilmente no braço do homem mais alto.

— Meu filho, sou um padre assim como um juiz. E você é um verdadeiro filho de nossa Santa Igreja. — Sua voz era doce. — Antes de continuarmos com a confissão de Drácula, você deseja que eu escute a sua? Que alivie você do peso que vejo que carrega? — Ele apontou com a cabeça para os confessionários. — Podemos fazer com que todos saiam do salão, e nos sentaremos em um desses. Sem a necessidade de nada ser colocado no papel.

Horvathy soltou seu braço do aperto do outro.

— Falarei disso quando chegar a hora. Não vai demorar muito, agora. E falarei para o registro, para que todos possam escutar. Assim todos poderão julgar meus pecados. Você. O Santo Padre. Essas pessoas.

— Muito bem. — A voz de Grimani endureceu. — Então, por Cristo misericordioso, vamos continuar rapidamente. Pois tanto tempo sentado está acabando com meu traseiro.

Horvathy assentiu, tomou outro gole de vinho. Deixando o cálice, ele caminhou de volta para o estrado. Grimani acompanhou-

o, o meio sorriso desaparecido, acomodando-se em sua cadeira com um gemido. O conde esperou que Petru sentasse, e só então falou: — Então, quem continuará a história? Meu jovem amigo aqui disse o que todos devemos sentir, que o que vocês acabaram de descrever é blasfêmia tanto quanto crueldade. Há ainda pior? Ou este foi o ápice? Foi a voz ouvida com menos frequência que falou agora: — Não foi o ápice, meu senhor — disse o ermitão. — Nem mesmo perto.

Horvathy assentiu, e sentou-se.

— Então fale.

— Falarei.

Trinta e nove



A festa do casamento

Quando terminou de cortar Ilona, Vlad se levantou e puxou o pano branco do altar. Jogou-o sobre ela e imediatamente o sangue o ensopou nas linhas de um crucifixo esfarrapado. Por um momento, ele o olhou. Depois, lentamente se virou, com a adaga ainda nas mãos, para olhar os rostos horrorizados dos boiardos empilhados nas portas de tela do altar.

— A mim — gritou ele, como em batalha, e os nobres foram jogados de lado pelos vinte companheiros se apressando para seu lado. Ele se inclinou para Stoica, sussurrando. Um sinal, e o pequeno homem se curvou, levantou sem esforço o pano manchado de sangue e o corpo, e o carregou para a sala do padre, atrás do altar.

— Agora — exclamou Vlad, caminhando até a porta da tela do altar —, estamos prontos para um casamento? Duas centenas de rostos olharam para ele com horror. Nem todos tinham visto. Mas todos tinham escutado os gritos, as testemunhas cambaleando para trás, rostos brancos, vomitando.

— Vamos! — Vlad deu um passo à frente. — Eu procuro uma noiva. Não é isso que todos vocês querem? Que me case com uma de vocês? Bem, aqui estou! — Ele abriu os braços, rindo. — Quem vai me querer?

Todos olharam para outro lugar. Ele desceu até a nave principal.

— Você, senhora? — Ele apontou para uma mulher com a adaga ensanguentada que ainda segurava. — Não. Você já é casada. E no entanto... esse é seu marido, meu visitador, Iova, escondendo-se atrás de você? Vamos, devo fazer de você primeiro uma viúva e logo depois uma noiva? Você é recatada? Muito bem. — Ele caminhou pela nave. — Você? Não, velha demais. Preciso de filhos, para que os Draculesti reinem para sempre na Valáquia. Você? — A filha de um boiardo, gritando de medo, enterrou o rosto nos ombros do pai. — Não! Jovem demais. Tenho certos... gostos e pouco tempo para ensiná-los.

Ele parou, girou em um círculo até seu olhar chegar a um homem.

— Jupan Turcul. Então você conseguiu o que queria, hein? Não desposei minha amante. Você deve estar feliz. Como posso lhe tornar mais feliz ainda? — Vlad caminhou em direção ao boiardo. — Quem é que você esconde com o corpo? Seria...? — Ele rodeou o homem. — Elisabeta! Claro. A dama de companhia de Ilona, que sempre a odiou. Perfeito! — Ele agarrou o braço dela, puxou-a para a frente com violência.

— Meu príncipe! Por favor! — Turcul agarrou o outro braço de sua filha. — Por favor. Você não pode...

— Eu lhe mostrei o que posso fazer, Jupan — disse Vlad, sua voz de gelo. — Você viu meu sacrifício para Moloch. Agora o amor está morto e só resta o dever. Seu para comigo. Meu para com Deus. Você se colocaria entre mim e Ele?

— Príncipe... — Turcul disse, abatido.

Mas deixou sua filha ir, e Vlad empurrou para a frente a mulher em lágrimas, atirando-a na frente do altar, aos pés do metropolitano.

— Case-nos — disse.

— Eu... eu... não posso. — O velho segurou o crucifixo que carregava à sua frente como se estivesse enfrentando o diabo. —

Depois dessa... profanação! — Ele apontou para a porta de tela, o fino fio de sangue correndo por baixo, manchando o tapete de vermelho.

— O quê? — gritou Vlad. — Preocupado com um pouco de sangue? E o sangue de Cristo? E o sofrimento Dele, Seu sacrifício? Cristo sabia tudo sobre Moloch. — Ele se ajoelhou, puxando Elisabeta para seu lado. — E agora você também sabe.

— Príncipe! Eu... não devo...

— Case-nos — retrucou Vlad, com uma voz baixa que ainda conseguia se espalhar por cada canto da igreja — ou eu queimarei a catedral ao redor de sua cabeça com todos vocês dentro dela. Abandonarei Deus e me tornarei para sempre quem vocês todos dizem que sou... o filho do diabo! — Sua voz elevou-se para um grito. — Case-nos! Não demorou muito. Vlad dispensou qualquer pompa, reduziu as orações e as bênçãos ao mínimo, permitiu apenas o estritamente exigido. Fez seus votos, confirmou que o choro engasgado de lágrimas que vinha de Elisabeta significava "Sim". Assim que o metropolitano colocou a coroa dourada de folhas de carvalho e hera de noivo em sua cabeça, o príncipe se levantou e virou-se para a multidão.

— Os turcos estão a um dia de Targoviste. Tenho que pará-los. Não... nós temos, já que agora todos estamos unidos. Não é verdade, sogro?

Turcul assentiu devagar, mudo.

— Portanto, coloquem suas armaduras, reúnam seus homens... — Um murmúrio se elevou. — ... Mas não temam. Não planejo conduzir vocês em outro ataque noturno. Tenho um plano diferente agora. Moloch me inspirou! — Ele se virou para a soluçante Elisabeta, ainda no chão, colocou suas mãos outra vez sobre seu cabelo já manchado de sangue. — Temos que ter uma festa de casamento. E minha esposa precisa receber seu presente.

— Seus olhos brilharam. — Cinco mil presentes. — Ele se endireitou. — Ion? — gritou.

Ninguém se mexeu. Ninguém veio. Por fim, Negro Ilie deu um passo à frente.

— Voivoda — disse ele, baixo —, o vornic foi embora.

Vlad oscilou, Elisabeta chorando enquanto sua mão permanecia no cabelo dela. Então ele voltou a si.

— Você deve fazer isto, Ilie. Esta é minha ordem. Levante a guarnição. Esvazie as cadeias. Todos os turcos que temos. Todo desertor, todo criminoso, homem ou mulher. Todos.

— E onde devemos levá-los?

— Para o Campo dos Corvos — Vlad respondeu.

— Meu príncipe. — Negro Ilie curvou-se, virou, fez um sinal para metade dos vitesji o seguirem, e saiu da igreja.

Vlad deslizou seu braço em volta de Elisabeta, levantando-a. Sorriu para ela, depois se voltou outra vez para a multidão.

— Venham, todos vocês! — exclamou. — Venham para a festa do casamento! As mesas foram carregadas para o Campo dos Corvos, diante dos portões de Targoviste. Vlad as arrumou com a precisão de um acampamento turco, mas como um crucifixo em vez de um círculo. A mesa alta foi colocada no centro, onde estaria o altar se fosse uma igreja. Os espaços entre as mesas, em volta da área, foram deixados livres.

A comida não chegava a ser suntuosa. Os convidados, todos aqueles que estiveram na catedral, comeram o que o exército comeu — todas as partes do porco, carne que foi cozida, frita, moída, enfiada em espetos. A cabeça do maior javali tinha sido assada, para que fatias de carne pudessem ser tiradas de suas bochechas gordas.

Para que ficasse acessível, essa iguaria foi colocada no cruzamento do crucifixo, enfiada em uma estaca.

Foi apenas o começo.

A escassez da comida do casamento mal importava. De qualquer maneira, só o noivo e seus soldados realmente comeram, com o apetite de homens em campanha que mal tinham visto comida durante semanas. Os outros convidados sentaram-se quase imóveis, segurando talheres que não usavam, olhos fixos à frente, como se a salvação estivesse no rosto oposto ao deles.

Ficaram assim até que os gritos começaram.

Os prisioneiros vieram. Primeiro, foram os turcos, quase todos soldados, aprisionados no dia que Giurgiu caiu e sempre que houvesse tempo na guerra de ataques e emboscadas que se seguiram. Esses homens orgulhosos, guerreiros do Crescente, tentaram marchar, insultar seus guardas — até que viram para o que estavam sendo conduzidos.

Então orações substituíram as maldições.

Os valaquianos seguiram — homens e mulheres, servos e ciganos —, criminosos que haviam ficado em suas celas, sofrendo certamente, mas com pouca esperança. Pois desde o dia que Drácula foi coroado, a justiça sempre fora rápida, os pecadores executados no dia em que eram condenados. No entanto, ninguém tinha sido morto durante os sete meses de guerra. Portanto, seus pedidos agora eram do tipo usual — por comida que pudessem cheirar, água pela qual ansiavam.

Seus gritos mudaram quando viram as estacas. Elas estavam enfileiradas, suas bases tocando os buracos cavados logo atrás das mesas, ao longo de todo o comprimento da forma da cruz, três fileiras de profundidade.

Se os convidados do casamento podiam fechar os olhos, não podiam fechar os ouvidos. Para os gritos. Para Drácula, levantando-se agora, um espeto de carne em uma das mãos.

— Há dois tipos de empalação — declarou —, e a mentira que foi espalhada sobre mim é que uso apenas um. É conveniente que os inimigos acreditem nisso. Mas a realidade é que a verdadeira

empalação, o " trusus in anum" — ele sacudiu seu espeto à frente —, como qualquer habilidade difícil, toma tempo, potencial humano, perícia. É para as horas tranquilas. E com os turcos a menos de um dia de marcha...

Ele levantou alto seu espeto, olhou para a extensão do crucifixo e os grupos de homens de pé atrás das mesas. Eles haviam sido agrupados em quatro, dois homens segurando os braços de um prisioneiro, dois agora erguendo entre eles uma estaca de ponta fina, olhos voltados para o seu príncipe. Atrás deles, outros soldados com lanças controlavam os infelizes que aguardavam sua vez, chorando, orando.

— Ainda assim — disse Vlad —, nós teremos que fazer funcionar.

Ele abaixou o braço. Então, por todos os lados do crucifixo, pares de homens avançaram e enfiaram suas estacas nos corpos dos prisioneiros.

— O problema com esse método é duplo — disse Vlad, levantando sua voz sobre os gritos, as ânsias de vômito, os gemidos dos prisioneiros e dos convidados do casamento. — O primeiro é que a maioria morre instantaneamente, como todos vocês podem testemunhar. O segundo é que depois que as estacas são fixadas nos buracos... sim, como aquela ali, um cálice de vinho para você e seus homens, Negro Ilie, por serem os primeiros!... Os corpos começam a deslizar para baixo. Em uma estaca lisa, o cadáver pode seguir suas entranhas até o chão em menos de uma hora, o que estraga o efeito. — Vlad levantou seu cálice, bebeu, continuou. — Mas nossos carpinteiros resolveram o problema, aparando os galhos, mas só até a altura de um homem. Estão vendo como o pecador fica preso neles? Veja, esposa, aquele, que se retorce mas só até ali? Não, não, não deixe de olhar! Drácula se curvou, puxou as mãos de Elisabeta de seu rosto, sua outra mão virando a cabeça dela. Soluçando, ela olhou, depois se contorceu e vomitou.

Ela não era a única. Em todas as filas, homens e mulheres estavam fazendo a mesma coisa.

— Sim. — Drácula balançou a cabeça, olhando para a esquerda e a direita. — Vocês são todos tão agradecidos por eu ter restaurado a lei na Valáquia. Pelos caminhos estarem livres de bandidos e mendigos, por poderem cavalgar desde as montanhas Fagaras até as planícies do Danúbio. Mas nenhum de vocês jamais pensou no preço. Até agora.

Outra leva de prisioneiros foi empurrada para a frente, despachada; depois uma terceira. No campo, crescia uma floresta de madeira, sangue e carne. Vlad sentava-se, agora em silêncio, olhando para o nada à frente enquanto os gritos recrudesciam, atingiam um ápice, refluíam, finalmente cessavam. Ainda havia choro, vômito. Mas havia algo próximo a silêncio quando Negro Ilie aproximou-se do seu príncipe, parou e sussurrou.

Drácula assentiu, levantou-se, continuou falando como se não tivesse parado.

— Mas como poderia lhes negar um relance do que me fez tão... famoso. O motivo pelo qual vocês me chamam de Tepes pelas costas. O motivo pelo qual os turcos me chamam de bei Kaziklu. — Sorriu. — Portanto, reservei três prisioneiros especiais. Aqui eles serão colocados, bem aqui, no centro da encruzilhada e da cruz.

Ele fez um sinal e servos vieram para tirar as mesas e cadeiras, todos obrigados a se levantarem, darem um passo atrás, embora a cerca de estacas impedisse a fuga de alguém. A festa do casamento ficou fechada, rodeada por um semicírculo de vitesji. Só Drácula permaneceu onde estava, olhos baixos.

Uma entrada fora deixada na base da cruz. Agora um homem foi trazido por ela, empurrado à frente, atirado aos pés de Drácula, que se curvou e ergueu o rosto do prisioneiro para que todos pudessem ver e sufocar um grito quando o vissem.

Era o boiardo, Gales.

— Sim, seu irmão, jupan Turcul. Aquele que você disse não saber onde estava. Alguém sabia e o desencavou de seu buraco... — Fez um gesto para três servos que cavavam rapidamente. — Para trazê-lo para outro.

— Príncipe, eu imploro por sua... misericórdia... — o homem ajoelhado gemia.

Drácula o ignorou.

— Este homem me abandonou no campo de batalha. Quando a vitória estava em minhas mãos, ele a arrebatou. Ele traiu não apenas seu país e seu voivoda, mas ao próprio Deus, cujo apontado sou eu, cuja cruz carrego contra o Infel. — Olhou em torno para os boiardos e suas famílias, para a longa fila deles se estendendo ao longo do crucifixo feito de madeira e carne. — Alguns de vocês viram o destino de Albu, que chamava a si mesmo de "o Grande". Parece que não aprenderam a lição.

Portanto, é preciso repeti-la.

Gales estava soluçando. Seu irmão deu um passo à frente, ajoelhou-se.

— Príncipe, eu imploro...

— Um lugar ao lado dele, sogro? Claro. Está lá, se você o deseja tanto.

Turcul levantou-se, cambaleou para trás, puxando a barra de seu manto do aperto desesperado do irmão. Drácula fez um sinal para Ilie. Seis homens aproximaram-se, todos de armadura preta. Homens habilidosos. Traziam uma estaca maior, cordas, polias. Um trazia um cavalo de fazenda com antolhos.

Ele teve que erguer a voz para ser escutado sobre os gritos de Gales, quando seus homens começaram.

— Estão vendo como é demorado? Quanto esforço? — Olhou em volta, para todos os rostos que evitavam a cena, então gritou: — Ordeno a todos vocês que observem.

Observem e aprendam o preço da justiça. — Um por um, os rostos pálidos e molhados se ergueram para ele. Vlad fez um gesto e todos desviaram os olhos para o prisioneiro. — Ótimo. — Drácula assentiu, e também olhou. Só quando a extremidade mais grossa foi erguida, depois fincada no buraco, quando os pregos tinham sido martelados nos pés até a parte de madeira, ele deu um passo adiante, olhou para cima. — Morto — murmurou -; acontece. — Voltou-se, sua voz agora gentil. — Ilie, tente ter um pouco mais de cuidado da próxima vez.

— Meu príncipe.

Trouxeram um segundo homem arrastado. O maravilhoso cabelo ruivo de Thomas Catavolinos era um pântano de cor indeterminada, cheio da imundície do piso de alguma cela onde estivera preso nos sete meses anteriores. Suas roupas finas estavam em farrapos. Mesmo assim, em seu rosto imundo, os olhos eram desafiadores.

Drácula os encarou.

— Você tem alguma coisa a dizer, embaixador?

— Só isso, Empalador. — O Grego se inclinou para a frente, fungou exageradamente. — Tem um fedor assustador aqui. E acho que vem de você.

Houve um arfar. Drácula meramente assentiu.

— Deve ser difícil para você, acostumado como está aos perfumes orientais. — Apertou os olhos contra a luz do Sol. — Lá em cima o ar é mais agradável, tenho certeza. — Virou-se para seus homens que aguardavam. — Busquem uma estaca maior.

Ele foi obedecido. Seus homens tomaram mais cuidado e os olhos de Thomas estavam abertos quando a estaca foi levantada para o alto, embora se algum ar mais fresco alcançou suas narinas sobre a estaca saindo de sua boca, só ele poderia dizer.

— E agora — Vlad disse, virando-se devagar — por fim.

Hamza tinha sido mais bem tratado do que os outros prisioneiros. Vlad o ordenara e Ion fiscalizara, visitando o antigo agá em algumas ocasiões, ficando para conversar, trazendo comida melhor, água mais limpa. As roupas com que fora preso em Giurgiu estavam rasgadas mas relativamente limpas; sua barba estava cortada, seus olhos azuis claros estavam limpos. Ele olhou em volta — para os valaquianos, que retornaram o olhar. Para os milhares de mortos que não o fizeram. Para seu companheiro embaixador, bem mais alto que todos eles. Finalmente, para seu antigo aluno.

— Está na hora, Vlad?

Um sussurro espantado passou pelas fileiras dos convidados. O príncipe apenas assentiu.

— Está na hora, agá Hamza.

— E mesmo assim — Hamza disse, passando a língua em volta dos lábios —, eu não deveria morrer hoje. — Ele ergueu os olhos para Thomas Catavolinos, desviando-os rapidamente. — Você sabe como são essas coisas. Qual a utilidade desse... exemplo... se não é para ser informado? Deixe-me retornar a meu senhor. Ele me escuta. Eu posso persuadi-lo... a terminar esta guerra, talvez? A deixar você em paz? Ele me escuta — repetiu, a voz enfraquecendo. — Por favor. Deixe-me ir até Mehmet.

Houve um silêncio. Uma brisa tinha surgido, mas não havia nenhum frescor nela. Ela farfalhou por entre roupas empapadas de sangue, levantou cabelos encharcados.

Por fim, veio um corvo, pousando na estaca de Thomas antes de emitir um grasnido áspero.

Vlad deu uma olhada na direção do grito, observou por um momento. Depois, olhou de volta.

— Não, velho amigo — disse, dando um passo atrás. — É melhor que Mehmet venha até você.

Seus homens se aproximaram, despindo-o, virando-o. Quando o jogaram de rosto para baixo, Hamza gritou: — Ali,

príncipe! Dobrada em meu cinto! Ali! Vlad levantou a mão e seus homens pararam instantaneamente. Ele abaixou, procurou entre as roupas descartadas, depois se levantou.

Em sua mão estava uma luva de falcoeiro.

— Você se lembra de quando a fez para mim? — disse Hamza, espichando a cabeça, tentando ver os olhos de Vlad.

— Sim. — Vlad girou a luva em sua mão. — Eu era bom no ofício, não era?

— Você era. E você se lembra do verso?

Vlad assentiu. Suavemente, leu-o em voz alta.

— "Estou na armadilha. Preso nesta jaula de carne. E mesmo assim afirmo que sou um falcão voando livre." — Vlad sorriu, depois se ajoelhou ao lado do homem deitado de bruços. — Jalaluddin era o nosso favorito, não era? O poeta da mística e dos falcoeiros.

— Como nós. — Os homens tinham soltado Hamza o suficiente para que ele pudesse se virar completamente, olhar dentro dos olhos verdes de seu antigo aluno.

— Poupe-me, Vlad — implorou. Quando o príncipe não se mexeu, não piscou, ele continuou em um sussurro: — Você disse uma vez que me amava.

Vlad olhou só mais um momento. Antes que seus olhos se focassem e ele dissesse: — Amava. Amo. Morra bem.

Então, inclinando-se para trás, ele enfiou a luva na extremidade rombuda da estaca.

Quarenta



O traidor

Ion chorou enquanto cavalgava. Por seu país devastado. Por seu príncipe, preso no inferno. Por ele mesmo.

Sobretudo, chorou por Ilona.

Ainda estava chorando quando o akinci o encontrou. Eram tártaros, montados em seus pôneis de pelo desgrenhado, sem ferraduras. Vindo de lugar nenhum, cercaram-no por um momento. Debateram se deveriam assá-lo na fogueira. Assaram seu cavalo, não tendo utilidade para os grandes cavalos de guerra que os Infiéis montavam. Mas a ordem era levar todos os prisioneiros vivos para o acampamento do sultão. Eles podiam ter desobedecido se não temessem tanto o Olho-Que-Tudo-Vê que diziam que Mehmet tomara emprestado de um famoso djim. E se não fosse a peça de ouro que era oferecida em troca dos prisioneiros mais valiosos. Ion parecia valioso, julgando pela armadura que tiraram dele. Eles gostavam de ouro; poderiam trocá-lo por bons cavalos, ao contrário desse cujos ossos chuparam antes de amarrar os polegares de Ion em seus dedos dos pés com couro cru molhado e o jogar nas costas de um burro.

Ion estava deitado olhando para a beleza de uma orquídea tecida no tapete izmeriano. Eles haviam cortado a tira de couro de seus polegares, portanto ele não perdera a capacidade de usá-los. Ainda sim, não conseguia senti-los, apenas os novos grilhões que atavam os pulsos às canelas atrás.

Havia silêncio na tenda do sultão. Os homens que o compraram dos tártaros não achavam que ele falava turco, ou não se importavam, pois disseram abertamente que o senhor havia saído para soltar falcões, não tanto pelo esporte quanto para sua panela. O Kaziklu podia ter devastado a terra e a água da Valáquia antes do avanço do inimigo, pouco deixando para a cozinha — inclusive a do sultão —, mas nem mesmo o filho do diabo podia arruinar o ar, e Mehmet estava colocando todos os seus sacres à caça de tetrazes e pombos.

Talvez Ion tenha dormido, talvez não, mas estava olhando para a orquídea outra vez e o barulho estava ficando mais alto. Então o retinido dos arreios de cavalos soou, gargalhadas na entrada, rapidamente interrompidas, e ele foi cercado por sandálias, as bainhas do shalvarí sobre elas cobertos com o pó da estrada. Ele fechou os olhos.

— Você o conhece, meu coração? O som da voz de Mehmet não era algo que Ion pudesse jamais esquecer, estranhamente agudo para um homem tão grande, estranhamente gentil para um tão cruel. Mas a voz de Radu tinha passado de garoto para homem desde a última vez que se encontraram.

— O nome dele é Ion Tremblac — disse Radu —, e ele é a mão direita do Empalador.

— Ele precisa de uma inteira agora, já que você tirou um dos seus dedos — riu Mehmet. — E perdeu essa, também... — Ele curvou-se para examinar. — Sabe, eu me lembro deste aqui. Ele estudou no enderun kolej. Cavalgou com vocês no jereed.

— Exatamente, amado.

— Espere! — Mehmet ajoelhou-se, puxou o cacho de cabelo suado da testa de Ion. — Achei que fosse o mesmo! Está vendo como ele ainda tem minha tugra? — Deixou o cabelo cair outra vez sobre a marca, levantou-se, limpando a mão em seu shalvarí. — Então, o que ele faz aqui? Ion espichou a cabeça para olhar nos olhos do sultão.

— Eu vim me oferecer a Drácula... — Sua voz falhou. — ...a Radu Drácula. Ele me soltará para que eu possa me ajoelhar diante dele? Um grunhido surpreso de Radu. Mehmet sorriu.

— Meu bisavô, Murad, o Primeiro, que sua memória seja abençoada, foi morto por um sérvio em sua tenda depois da primeira batalha de Kossovo. Tenho certeza que há valaquianos que fariam o mesmo. Mesmo assim, você foi trazido pelos tártaros, que certamente tiraram de você tudo que é pontudo.

— Ele ergueu os olhos. — Cortem as correias de suas pernas.

Foi obedecido. Depois de várias tentativas, Ion conseguiu rolar e se pôr de joelhos. Mehmet estava sentado agora em um divã roxo ornado. Radu estava de pé ao lado dele. Com os olhos baixos, Ion começou.

— Ofereço a você tudo o que tenho, príncipe Radu. Conduzirei seu exército pelos pântanos que o Empalador criou em seu caminho. Mostrarei os poços que foram cavados para que seus cavalos caíssem. Farei passar por todas as fontes envenenadas, até as escondidas, onde a água é doce. Levarei você até os portões de Targoviste.

Ele não planeja defendê-la, nem a corte do príncipe que está lá. Nenhuma foi construída para um cerco. Mas, se elas estiverem fechadas contra você, eu as abrirei e o conduzirei até o porão onde ele escondeu o trono do Dragão, seu pai, para que você possa ser coroado sobre ele.

Radu o olhou por um longo momento antes de falar.

— E por que você fará tudo isso, Ion Tremblac? Você, que esteve ao lado dele enquanto cometia os piores pecados...

— Que os cometeu ao lado dele, alegremente.

— Então, por quê? Por que agora? É por que ele está derrotado? Ion sacudiu a cabeça.

— Não está. E mesmo se estivesse, eu ficaria ao lado dele como sempre, guardando suas costas como sempre, tomando

qualquer morte dirigida a ele sobre mim mesmo.

— Bom, então — disse Radu, aproximando-se, curvando-se —, o que meu irmão poderia ter feito para perder tal lealdade? Finalmente, Ion ergueu os próprios olhos, olhou os que estavam a sua frente.

— Ele assassinou a mulher que eu amo.

A mulher assassinada gemeu.

Um rosto se assomava sobre ela, um de seus pesadelos. Careca, mudo, ele fez um ruído com a garganta e foi substituído por outro horror — a mulher cigana com o xale colorido que a atendera quando ela perdeu o primeiro filho de Vlad. Levantou Ilona pelo pescoço, ergueu uma garrafa até sua boca.

O líquido derramou, enquanto a carruagem dava uma guinada sobre um buraco. Um pouco entrou por sua garganta. Ela gemeu e a cigana, pensando que chorava de dor, fez com que engolisse mais do líquido para acalmá-la antes de deitá-la cuidadosamente.

Mas não era dor, reduzida ao embotamento pelo elixir, que a fazia gemer. Nem o sangramento, que havia parado não muito depois do corte, pois ele não marcara a cruz muito profundamente em nenhum lugar de sua carne.

Não, seu horror vinha da lembrança — de uma lágrima e uma palavra.

— Adeus — dissera Vlad, justo antes de a lágrima cair, antes do último corte com sua adaga.

Ela gemeu outra vez. Através dos olhos molhados, ela viu o mudo, Stoica, dar uma palmadinha no ombro da cigana, chamando-a com as mãos; viu-a dar de ombros em resposta.

Tudo que podiam fazer fora feito. Cuidaram das feridas dela, sequestraram-na da cidade dos mortos em direção ao desconhecido.

O amado dela se fora. Ele dissera adeus, com uma lágrima, com uma palavra, com sangue. E ela agora chorava, não de dor, mas

porque sabia que jamais o veria outra vez.

Eles tinham visto a forma da cruz desde a margem. Seu perímetro fora marcado com tochas a cada dúzia de passos. Mas a escuridão da meia-noite cobriu o resto até que estivessem próximos.

Os batedores akinci tinham informado, contado sobre a floresta de mortos diante dos portões, uma cidade deserta do outro lado, os portões escancarados pelo vento.

Porém, como em tais situações eles tendiam a falar na linguagem do mito, de demônios e fantasmas, eram difíceis de serem entendidos. Oficiais veteranos do sultão tinham cavalgado até lá e retornado, pálidos, tremendo, esforçando-se para distinguir entre fatos e horror. Impaciente como sempre, Mehmet descartou seus murmúrios, e esporeou seu cavalo para seguir em frente, Ion e Radu a seu lado, arqueiros solak cercando-os. Para além do clarão da luz das tochas, a guarda avançada do exército do sultão, 5 mil de seus mais ferozes guerreiros cercavam o crucifixo de cinco fileiras de largura. Olhavam para longe, armas abaixadas. Desde o ataque noturno, o choque de um inimigo tão perto com uma espada, Mehmet tinha dormido mal, e se cercado de homens que raramente dormiam.

As fileiras se dividiram, só o suficiente para que os três passassem, com um arqueiro de cada lado. Eles chegaram ao pé da cruz. Seus lados eram feitos apenas de mortos, em três fileiras. A maioria estava empalada pela frente e agora se curvavam, braços e pernas dependurados. Ocasionalmente, para variar, algum deles tinha sido espetado por trás, os membros balançando ao reverso.

As tochas tinham sido colocadas na margem interior da cruz, assim a luz refletia nos olhos mortos... aqueles que ainda os tinham. Só os corvos se moviam e o faziam lentamente, as gargantas inchadas. Alguns grasnaram quando os cavaleiros passaram, seus protestos tão apáticos quanto seus movimentos.

Os turcos eram a maioria dos que estavam dependurados ali, e tanto Mehmet quanto Radu davam vários gemidos de reconhecimento. Mas também havia valaquianos dependurados; traidores, ladrões, os sem sorte, algumas mulheres entre os homens.

Depois das olhadas iniciais à esquerda e à direita, Mehmet manteve seus olhos fixados à frente, para o meio da cruz e a iluminação maior que havia ali. Ion olhava, contava, desistia de contar. Se o amontoado fosse o mesmo dos dois lados, então pelo menos cinco mil tinham sido empalados no Campo dos Corvos.

O amontoado era menor no centro da cruz. Consistia de apenas três estacas, a do meio colocada mais acima. Ion reconheceu o homem à direita como sendo o boiardo, o desertor, Gales. À esquerda, viu os ornamentos puídos de um traje grego. Por fim, ele olhou para a última estaca, para seu ocupante. Como aqueles a seu lado, ele fora empalado da maneira tradicional.

Os olhos do falcoeiro-chefe estavam abertos e não haviam sido bicados. Não tinham o olhar vidrado dos mortos, e sim pareciam estar olhando para o que saía de sua boca. Porém, ao contrário dos homens a seu lado, não era um pedaço de madeira familiar, rombudo, ensanguentado, e sim uma mão, cinco dedos duros de sangue, que se projetava dali. Como se alguém tivesse enfiado a mão por todo o corpo do Turco e puxado suas entranhas.

Ion virou-se para o sultão. Ele sabia que Mehmet era um homem acostumado com a crueldade, que tinha matado, com frequência com as próprias mãos. No entanto, Ion via agora alguma coisa trabalhando dentro do rosto usualmente calmo de Mehmet. E sua voz, quando veio, era tão áspera quanto a de um corvo: — Paxá Hamza — gritou ele.

Com o grito, o corpo repuxou. Todos ergueram os olhos e viram o monte de sangue coagulado que cascadeava pela estaca. Viram os olhos, que estavam olhando direto para a frente, rolar para cima. Nenhum som poderia sair daquela garganta. Não era preciso.

— Não! — gritou Mehmet, assustando seu cavalo, que dançou em direção às três estacas até o sultão puxar as rédeas de volta. — Não! Eu não posso... Eu não...

— Virou-se até estar de frente para Radu. — Isto não é apenas uma blasfêmia contra o seu Deus — gritou. — Isto é uma blasfêmia contra a humanidade. Eu não posso...

Eu não vou... Retornarei a meu palácio, meu saray, meus jardins... — Vociferava agora. — E se você quiser tanto assim este lugar terrível, você pode ficar com ele.

— Amado...

— Não! — Esporeando os calcanhares nos flancos de seu cavalo, avançando pela avenida dos mortos, Mehmet se foi.

Seus arqueiros seguiram, deixando os dois valaquianos para trás. Eles olharam para Mehmet, depois um para o outro. Para qualquer lugar menos para cima. Nenhum falou.

Por fim, tudo que Ion pôde fazer foi levantar uma das mãos e fazer um gesto para além das três estacas, para os portões de Targoviste atrás dele, escancarados.

Enquanto saíam do crucifixo de carne em direção a eles, um corvo gritou.

Quarenta e um



Último posto

— Vorvinus veio? Foi a primeira pergunta que ele havia feito em junho, às margens do Danúbio, enquanto observava o enorme exército turco a bordo de embarcações, procurando um lugar para ancorar. Ele a fez várias vezes enquanto retirava por seu país, retardando o inimigo de toda a maneira que podia — com fogo, praga, fome, sede, tiros, flechas e espadas. Com terror. Os turcos tinham pago por cada milha do solo valaquiano arrasado, e cada milha vencida era dez vezes mais do que a que o exército húngaro podia ganhar, marchando em socorro de seus companheiros de cruzada.

Agora Vlad fazia outra vez a pergunta, no final de agosto, no salão principal de sua fortaleza, no topo da montanha chamada Poenari, no lado mais distante de seu reino. Do castelo ele podia olhar para sua terra abaixo, no vale do rio Arges. Também podia ver, ao norte, as montanhas Fagaras. Além delas ficava outra província — Transilvânia, terra de seu nascimento.

Vlad olhou para a mesa comprida, para os vinte homens que ali se sentavam com os restos de uma refeição simples à frente. Quando fez a pergunta pela primeira vez, ele comandava 20 mil homens. Agora, tinha esses vinte, alguns dos quais ainda usavam as últimas peças da armadura negra. Esses, e mais trinta soldados acima patrulhando os muros, era tudo o que lhe restava. Ele havia

construído o castelo Poenari para ser mantido por cinquenta homens. Agora teria que provar que isso era possível.

Se Corvinus estivesse vindo.

Cada rosto que Vlad examinava era um espelho do seu. Se ele pouco tinha dormido em meses, seus vitesji não tinham dormido muito mais. Isso aparecia nos olhos afundados, na pele que estava cinzenta sob o bronzeado de um sol de verão ainda feroz. No entanto, ele sabia que continuariam lutando, enquanto lhes desse alguma esperança.

Era por isso que fazia em voz alta a pergunta que usualmente só fazia a si mesmo. Não era conselho que ele buscava. Já não era verdadeiramente uma pergunta. Mas esses homens, esses últimos poucos na extremidade de seu país e de sua força, tinham que ser estimulados para uma última resistência. Precisava lhes pedir que acreditassem uma última vez.

Ele havia construído Poenari para ser defendido por cinquenta homens. Mas eles teriam que lutar.

A pergunta, que não era uma pergunta, ficou suspensa ali como fumaça do fogo da cozinha. Agora Vlad se inclinou, pousando seus punhos na mesa.

— Ele vem. Tem de vir. Ele levantou a bandeira da cruzada como nós, e ficaria desonrado se a enrolasse outra vez sem desferir nenhum golpe. Meu último informe dizia que o rei estava em Szeged três semanas atrás. Ainda em seu próprio reino, sim. Mas meus mensageiros lhe contaram sobre o perigo em que estamos. Se ele agiu segundo sua palavra, uma vanguarda de cavalos pode estar atravessando a Transilvânia e se aproximando de Fagaras agora. Ele pode estar aqui em uma semana.

Silêncio por um momento. Então, veio uma pergunta.

— E ele estará, voivoda? Vlad agora estava olhando para o tampo da mesa, como se através dela até as profundezas das montanhas. Outro silêncio veio, cresceu. Os homens começaram a se

mexer em seus assentos, a olhar um para o outro. Todos eles tinham visto seu príncipe olhar assim, durante minutos, às vezes. Às vezes mais.

— Voivoda? — Sim, Ion? O grande homem escuro olhou em volta, constrangido.

— É Ilie, meu príncipe. Ion... foi embora.

Os olhos de Vlad se focaram no homem a sua frente.

— Sim, Ilie. Corvinus virá.

— Este é para a Gralha Corvinus — Turcul berrou —, e suas asas tosquiadas.

Um brinde, uma dúzia de cálices levantados. Ion bebeu com os outros, riu com os outros, cuidadosamente.

— Onde ele estava, voivoda, em seu último informe? — Turcul prosseguiu.

Todos olharam para Radu, príncipe da Valáquia, que estava sentado à cabeceira da mesa. Ele sorriu.

— Ainda acorrido na fronteira da Hungria. Do lado dele.

— Então, se alguma vez teve a intenção de lutar, chegará tarde demais? — Ele nunca teve essa intenção — disse Ion, e todos os homens o olharam. — Ele usará o ouro do papa, não para a cruzada, mas para comprar de volta do imperador a coroa de Santo Estevão e se firmar no trono da Hungria.

— Então, o que ele fará agora, Ion Tremblac? — perguntou Radu.

— Ele atravessará para a Transilvânia. É seu feudo e ele o reforçará caso decidamos seguir para o norte. Se não fizermos isso, ele voltará para Buda e dirá como Vlad fracassou tanto com ele quanto com Deus.

Radu se inclinou para a frente.

— Como você sabe que ele fará isso? — Você não o faria, meu príncipe? Não é isso que todos os homens fazem quando uma causa está perdida? Distanciam a si mesmos do perdedor? — Como você

fez? — Radu sorriu e Ion ruborizou antes de continuar. — E o que o Corvo fará depois, o que você acha? — Fará paz com o vitorioso. Com você, voivoda. Assim que você devolver o exército que o sultão lhe emprestou para conquistar seu país.

Radu franziu o cenho.

— Meu exército é valaquiano também, spatar.

Ion assentiu, em silêncio.

Outro homem falou — o bei Mihailoglu Ali, o comandante turco: — E Mehmet Fatih, louvado seja o nome do Conquistador, só nos mantém aqui para cumprir a obra de Deus. Livrar da besta a terra sofrida de nossos irmãos.

Turcul bateu seu copo sobre a mesa.

— E o que faremos se pegarmos a besta viva — perguntou, os olhos incendiados.

— A cabeça dele deve ser levada para o sultão — disse o Turco.

— Certamente — retrucou o jupan, sorrindo —, mas não precisa ser separada do corpo imediatamente.

— Ele deve ir enfiado em uma estaca — gritou outro boiardo.

Houve um assentimento total a isso, com outros refinamentos acrescentados, sugestões gritadas. Enquanto cada uma ia sendo expandida, Ion examinava o rosto do outro Drácula. Sua beleza não revelava nada. Radu escutava a cada mutilação a ser infligida no corpo vivo ou no cadáver destroçado de seu irmão, e nem sequer piscava.

Por fim, terminou a discussão levantando uma das mãos.

— Ainda temos que capturá-lo — disse. — E agora é o momento de revelarmos como faremos isso, a partir de amanhã.

— Com certeza nossos aliados correrão para os muros e formarão uma ponte com seus corpos, como fizeram em Constantinopla — Turcul gargalhou. — Eles todos não buscam o martírio da morte? — Sim — disse o bei Mihailoglu Ali, levantando-

se —, mas não uma morte de tolo. — Ele estendeu a mão sobre a mesa, pegou o copo de Turcul e despejou o conteúdo na mesa, espalhando seu vinho. — E você já bebeu demais se pensa que pode zombar de nós e de nossa fé.

Turcul ficou branco, engoliu em seco, erguendo os olhos para Radu.

— Meu príncipe, eu... eu objeto...

— Silêncio, Turcul, antes que confirme a opinião do bei sobre você.

— Enquanto o jupan se afundava para trás, Radu continuou.

— E não há necessidade de martírio quando temos traição. — Virou os olhos para Ion, que desviou o olhar. — Quando meu irmão escolheu Poenari, escolheu bem, algo bem construído.

As ladeiras são muito íngremes, os muros altos demais para serem tomados com um simples ataque. Mas há uma única fraqueza, informação que ele compartilha com um homem. Diga-nos, Ion Tremblac, qual é essa fraqueza.

Isto era parte da punição por sua traição — o reconhecimento público. Ion aceitou essa pena, falou.

— Existe apenas um topo de montanha adjacente ao Poenari que pode chegar a ele. Existe apenas um caminho para ele, sua entrada escondida por arbustos espinhosos.

O caminho é tão íngreme que só bodes sobem por ele; tão espessamente coberto que precisaria um exército para alargá-lo o suficiente para permitir passagem. Mas por onde um bode passa, um homem pode seguir. E se homens suficientes conseguem ir até lá, e você não se importar de perder alguns, eles podem arrastar um canhão. Se um exército abrir o caminho primeiro.

E então, como se seguindo uma ordem, veio o som distinto de um único machado cortando madeira. Outro também, depois outro, até ficar claro que havia um exército lá fora, manejando machados.

— Estamos trabalhando à luz de tochas, queimando algumas árvores, abatendo outras — disse Radu. — Teremos aberto uma clareira ao alvorecer, e um campo de fogo até o meio-dia. O bombardeamento começará então. Os muros são altos e grossos, mas são, afinal, só pedra sobre pedra. Só a torre de menagem é de granito, e depois que os muros externos tiverem caídos, bem...

Ele parou, sorrindo. Foi o bei Mihailoglu Ali que terminou para ele: — Com tanta madeira cortada, podemos empilhá-las ao redor das paredes da torre e assar vivo o Empalador. — O Turco se levantou, erguendo o copo. — Amanhã a essa hora estaremos olhando para seu corpo carbonizado ou assando-o em uma estaca. Talvez os dois.

Os homens se ergueram, copos nas mãos, dando vivas. Ion era um deles, embora não pudesse encontrar sua voz, tão espessa estava sua garganta. Ele olhou para Radu, sorrindo amplamente. Erguendo o copo, Ion brindou com ele, até sorriu antes de fechar os olhos.

Os vivas, as gargalhadas, os brindes continuaram, os homens se afastando da mesa, reunindo-se em volta. Ion brindou com eles, gargalhou. Mas alguma coisa estava trabalhando em seu estômago, além do excesso de vinho que tomara para se convencer que estava onde deveria estar, fazendo o que estava certo, ao lado do verdadeiro Drácula. Quando teve certeza de que ninguém do grupo bêbado e ruidoso notaria, ele escapuliu da tenda.

Foi até a margem do rio, pisou na areia, curvou-se, vomitou, uma série de ânsias que esvaziaram seu estômago e deixaram sua boca cheia de bÍlis. Era amargo — o próprio gosto da traição, parecia —, portanto ele o deixou assentar nos lábios e não limpou o rosto.

Ele odiava Vlad. Odiava-o com uma totalidade só possível em alguém que já havia amado. E ódio substituíra o amor em um instante, naquele momento quando ele estava caído na laje da Biserica Domneasca, e escutou o grito de morte de Ilona, o horror

sussurrante do que estava acontecendo do outro lado da tela. Não importava que ela nunca tivesse sido dele, nem nunca fosse ser. Ele a amara. Se Vlad estivesse à sua frente agora, ele o esfaquearia em um piscar de olhos, com alegria.

E no entanto... esses traidores de cara gorda, esses turcos que tudo conquistavam, aquele belo irmão, todos preparando para torturar seu príncipe até a morte? Seu Vlad, cuja vida ele tinha salvado nas vielas e nos campos de batalha, que o salvara também, e tinha as cicatrizes para prová-lo. Eles lutaram um pelo outro, incontáveis vezes.

Ion ergueu os olhos. A floresta e as dobras da montanha escondiam o pico. Mas Vlad estava lá em cima, com o restante dos antigos companheiros de Ion.

Por fim, Ion limpou a bÍlis da boca. Ele odiava o homem que esperava lá em cima. Seria o primeiro a passar pelo muro para matá-lo, se pudesse. Mas não poderia ficar de lado e observá-lo ser destruído pelos chacais.

Ele foi até sua tenda, escreveu. Depois pegou o arco turco e começou a subir a montanha.

Quarenta e dois



Flecha na noite

Era um som normal, um machado atingindo madeira. Um exército precisava de lenha, para combustível, para defesa, especialmente se estivesse formando linhas de cerco.

Era menos comum cortar lenha à noite. Então, quando havia dois machados, dez, 15, inúmeros, ele foi até uma flecheira, olhou, tentou avaliar onde estavam caindo, e por quê.

Ele deve ter cochilado. Um gemido o despertou e ele se voltou rápido, mão no cabo da adaga. Mas era apenas a mulher na cama, e um de seus pesadelos. Ele a olhou por um momento, depois voltou-se para os machados turcos na montanha.

Uma batida na porta o fez virar-se outra vez. Foi até a porta.

— Quem é?

— Ilie.

Vlad levantou a trava pesada, colocou-a de lado, guardou sua adaga, deu um passo atrás.

— Entre.

A porta estalou para abrir, Ilie ficou ali. Vlad estava prestes a dizer que havia escutado os machados, que não havia nada a temer, quando reparou na sombra atrás do homem.

— Quem está com você? — perguntou, segurando sua arma à frente.

— Homens — retrucou Ilie. — Camponeses de Arefu.

— Como eles...? — Vlad começou, parou. Os camponeses de Arefu eram seu povo, os mais próximos que tinha como apoiadores. Eles amavam o Dragão. Amavam o filho dele. Foi um dos motivos pelos quais construía o castelo ali. Portanto, não era preciso perguntar como eles tinham vindo até aqui passando por um exército sitiante.

Essa era a montanha deles.

— Eles foram revistados? — Ilie assentiu. — Então, traga-os. E fique aqui ao meu lado, com sua espada desembainhada.

Três homens entraram. Os dois primeiros eram sem dúvida irmãos, provavelmente gêmeos. Pastores, uma vida passada no trabalho duro, poderiam ter qualquer idade entre 30 a 70 anos.

Atrás deles, uma sombra nas sombras, outra figura estava de pé. Estava vestido como um monge comum, manto marrom, o capuz caindo sobre o rosto. No entanto, quando Drácula olhou, o capuz subitamente caiu... e os joelhos do príncipe cederam. Ele deu um grito, cambaleou para trás, na direção de Ilie, e o grande homem o firmou.

A respiração de Drácula ficou entrecortada. Olhos fechados, tentou firmá-la. Quando se sentiu pronto, olhou outra vez; mas agora o capuz fora abaixado, o rosto escondido.

Ainda assim, ele sabia o que tinha visto — os olhos de seu pai, assim como os seus próprios, o mesmo verde dos Draculesti.

Ele tinha visto seu pai às vezes, nas noites insones da guerra constante, na dor dos ferimentos e das poções tomadas para aliviá-la. Tinha até mesmo falado com ele, como fizera na cela de Tokat. Mas nunca via o Dragão quando outros estavam em volta. Até agora.

Ilie ainda estava apoiando-o com a mão. Murmurou alguma coisa e Drácula olhou para os pastores, os rostos assustados. Respirando profundamente, certificando-se de olhar apenas para eles, não para suas sombras, ele falou: — Saudações, pais — disse —, o que desejam de mim? Os dois homens se aproximaram,

ajoelharam, beijaram o anel do Dragão, tocaram os pés de Vlad com as testas. A figura com o capuz não se mexeu.

— Não viemos pedir, mas oferecer, príncipe Vlad — disse um dos homens, com o sotaque gutural da região. — Oferecer-lhe a salvação.

— Tenho um confessor para isso — retrucou Vlad —, embora pareça que o perdi em algum momento da jornada.

— Não é sua alma que buscamos salvar, voivoda, mas seu corpo — disse o segundo irmão, com voz idêntica. — Podemos tirá-lo do castelo da mesma maneira que entramos. Há um caminho, que só nós conhecemos. Ele vai de uma caverna abaixo de seus muros até o rio.

Vlad engoliu. Tentou olhar apenas para os pastores à sua frente, não para a figura silenciosa nas sombras.

— Conheço bem estas montanhas. Não há caminho.

O segundo homem passou a língua pelos lábios, olhou para o primeiro.

— Perdoe-me, senhor, o pecado de contradizê-lo. Mas... existe. Pode confiar em nós sobre isso. Confie também que o levaremos por ele e que temos uma dúzia de cavalos esperando com outros guias para levá-lo até Fagaras em segurança.

— Estou seguro aqui.

— Talvez não por muito tempo.

— Não precisarei de muito tempo. Corvinus virá... — Ele viu o olhar que passou por eles. — Vocês sabem de alguma coisa? — Nada... de ce-cer-to, príncipe — gaguejou o primeiro homem —, só ouvimos que há dúvida sobre a vinda dele.

— Bem, não há — disse Vlad, alto o suficiente para ser escutado por ouvidos além do quarto.

— Que Deus assim o queira, senhor — disse o segundo homem, com mais calma. — Mas o que é certo é que podemos tirá-lo

daqui esta noite. Depois... — Ele balançou os ombros, dando uma olhada para a flecheira.

Vlad olhou para eles por um momento.

— É perigoso para vocês oferecerem isto. Por que o fazem? — Nós sempre amamos sua família, príncipe. E...

— E? — E sua família sempre nos amou. Seu pai nos deu os direitos de dez topos de montanha ao nosso redor, apriscos para nossos rebanhos no verão. Ele... morreu antes que pudesse formalizar a garantia. E agora jupan Turcul afirma que eles jamais nos foram prometidos. Se você conseguir... — ele olhou para o anel com o selo do Dragão na mão de Vlad — ...então nós...

Ele deixou a promessa no ar. Vlad olhou em torno — pela abertura para as luzes turcas e o som das machadadas; para as vigas acima. De volta para os homens. Por fim, quando estava seguro de que estava pronto, para trás deles. Então, tirando sua adaga, atravessou o quarto em três passadas, pegou a figura com o manto, jogou o capuz para trás, e ergueu a faca para golpear...

Na cama, Elisabeta gritou. Os dois pastores deram um passo à frente — mas Ilie os deteve, espada na mão, e eles pararam. Todos apenas olharam para Drácula... e um jovem curvou-se diante dele, choramingando debaixo da lâmina erguida.

E então tanto Ilie quanto Elisabeta ofegaram.

— Quem é você? — murmurou Vlad.

Um dos homens mais velhos deu meio passo, lembrou-se de Ilie, parou.

— Príncipe, este... este é seu filho.

Outro grito veio da cama. Elisabeta ergueu-se para olhar. O rapaz, cujos olhos estavam fechados ante o golpe que pensou estar vindo, abriu-os com a suavidade da voz de Drácula.

— Quem é a mãe dele? — O nome dela era Maria Stanctu. Ela morreu quando deu à luz.

— Não me lembro dela.

— Não, meu príncipe.

Lentamente, Drácula abaixou sua arma, guardou-a, estendeu a mão, pegou o queixo do rapaz e com gentileza o ergueu. O rosto era de um jovem, não de um homem, com a suavidade da juventude; mas era também quase um espelho, e um retorno ao passado. As mesmas maçãs do rosto, a mesma testa alta, o mesmo nariz comprido, o mesmo cabelo e sobrancelhas negros.

Só os olhos eram diferentes, o formato deles não tão fundo, embora do mesmo verde; e ao vê-los, Vlad assentiu.

— Agora me lembro dela — falou, e era verdade. Ele viera aqui durante seu breve primeiro reinado, em 1448, 14 anos antes, para visitar o povo do Dragão, e a torre de menagem que seu pai construía. Uma pastora bonita, um jovem solitário, uma noite.

— Qual é seu nome? — perguntou, ainda segurando o queixo do rapaz.

— Minha mãe pediu que eu fosse batizado de Nicolae, como o pai dela — disse o jovem, sua voz alternando entre o tom de um garoto e o de um homem. Então alguma coisa chegou a seus olhos e sua voz se aprofundou.

— Mas eu sempre me chamei de Vlad. Como o meu pai.

Silêncio no quarto. Todos escutaram outra vez o cair das machadadas, os gritos dos soldados. E então um som diferente. Agudo, repentino e terminando com um grito.

Uma flecha tinha passado pela abertura da janela e se enfiado na cabeceira da cama, a um palmo de distância do rosto de Elisabeta.

Ion esfregou os olhos e abaixou o arco. Sempre fora bom com ele, quase tão bom quanto Vlad. Não havia vento. Mas este era um tiro noturno, a duzentos passos de distância, de topo de montanha a topo de montanha, e ele estava apontando para a chama de uma vela dentro da flecheira. Tinha falhado as duas primeiras vezes, sabia; e só escrevera o bilhete três vezes, o número da Santíssima Trindade, da salvação.

Uma para Deus, uma para o Homem... e uma para o diabo, ele pensou ao levantar o arco outra vez, a última, e apontar. Pensou nessa última seta com o papel enrolado nela, carregando o destino de Drácula. Respirou, soltou... e um grito de mulher soou quase imediatamente. Ele encontrara um alvo. O destino escolhera qual.

Não escutou outros gritos, pelo que agradeceu. Eles o lembrariam de um outro, e Ion já havia esquecido como era dormir.

Vlad reconheceu a letra. Ele e Ion tinham aprendido a escrever juntos quando tinham 7 anos.

— O que está dizendo? — murmurou Elisabeta, sua voz tremendo.

— Leia — respondeu, dando o bilhete para ela. — Em voz alta.

— "O Corvo está sentado em seu ninho. Machados limpam uma clareira que será coberta de canhões que florescerão com o sol. Estão preparando uma estaca para você. Se puder, saia." — Ela olhou para ele. — O que você fará? Todos olharam para ele. Ele olhou de volta para cada um — os pastores, Ilie, seu filho. Não olhou outra vez para sua princesa. — Eu sairei.

Ilie pegara o bilhete.

— Voivoda, esta é a letra do vornic.

— Sim.

— Então... — O grande homem hesitou. Todos os vitesji remanescentes sabiam que era melhor não falar da traição de Ion. No entanto... — Será que isto não é um ardil? — Ele olhou para os pastores. — Tudo parte da mesma armadilha? Drácula pensou por um momento, depois sacudiu a cabeça.

— Ion Tremblac cortaria meu coração se pudesse. E talvez ele tente, um dia. Mas não ficaria vendo outros fazerem isso. Disso tenho certeza. — Ele foi até os homens mais velhos. — Uma dúzia de cavalos, vocês disseram? — Com o assentimento deles, ele se virou

para Ilie. — Eu levarei você, Stoica e outros oito. Que os outros vitesji tirem a sorte. — Ele se virou. — E levarei meu filho.

O garoto arfou.

Ilie balançou a cabeça.

— E o resto? — Eles devem controlar os muros até que estejamos a salvo, depois verão como se entendem com os turcos.

— E eu? — Elisabeta avançou, a voz tremendo. — Também terei que me entender com eles? Vlad fez um gesto para que todos saíssem. Seu filho demorou mas Ilie o puxou para o lado de fora da porta. Quando todos saíram, Vlad deslizou a barra pesada para seus suportes e começou a juntar o que era essencial, falando sem erguer os olhos.

— Seu pai está lá fora, senhora, esperando a glória que virá com minha queda. Meus homens esperarão um pouco e tentarão fugir, ou se render. Se você tiver sorte e o inimigo garantir os termos, tenho certeza que o jupan ficará feliz em reavê-la. Pois, como nós dois sabemos, sua virgindade ainda está à venda.

— Se eu tiver sorte... — Ela ecoou as palavras dele, com espanto na voz. — Você me odeia tanto assim que arriscaria que fosse estuprada até a morte pelos Infiéis? Vlad ainda não ergueu os olhos.

— Odiar você? Não pensei o suficiente em você para odiá-la.

— Você é realmente o demônio — gritou ela. E então foi em direção às escadas que levavam à torre, correndo para cima. Vlad continuou empacotando... até que os gritos começaram. Então, subiu as escadas dois degraus de cada vez. — Pai! — gritava ela. — Jupan Turcul! Socorra-me! — Os machados pararam de cair. No silêncio que se seguiu, a voz dela soou clara: — Pai. O diabo quer fugir. Ajude-me! Aju...

A mão dele envolveu sua boca.

— Silêncio, senhora. Já será difícil escapar sem...

Ele não pôde impedir um ganido de agonia. Elisabeta agarrou sua outra mão, apertou-a com força. Só tinha três dedos e era permanentemente dolorida. Arfando, ele a soltou.

Ela se libertou, correu para o outro lado da torre. À luz fraca que penetrava sob o telhado de madeira, uma lâmina agora brilhava.

— Sabe — falou, a voz cheia de amargura. — Acho que esta foi a primeira vez que você me tocou.

Agora ela estava no lado mais distante da torre, e começou a gritar em direção às luzes turcas.

— Ajude-me, Pai. Ele vem hoje à noite. Drácula vai fugir...

Vlad pulou até ela, que se desvencilhou para trás, rápido, rápido demais, seus pés se enroscando na camisola comprida, fazendo-a tropeçar. Então mergulhou pela abertura entre dois contrafortes de pedra, sua própria força fazendo-a cair.

Ele agarrou a barra de seu vestido, mas três dedos e um polegar não poderiam ampará-la. Ela caiu. A torre era da altura de seis homens, mas fora construída contra a beira do precipício mais escarpado da montanha; ela não bateu na pedra, nem parou de gritar, até estar a cerca de metade do caminho.

Vlad olhou para baixo na escuridão no longo momento entre o final do grito, e os machados começando a cortar outra vez. Então ele se virou e desceu rapidamente as escadas.

O empacotamento durou meros instantes. Ele se lembrou de quão pouco um fugitivo precisava e pegou só isso, colocando tudo o que realmente importava em seu corpo — a Garra do Dragão pendurada nas costas; o Anel do Dragão no único dedo mínimo que ainda lhe restava. Embaixo, na bolsa de sua sela, Ilie já teria dobrado a bandeira do Dragão.

Um portão secreto levava até o lado da face norte da montanha, uma ladeira tão íngreme que nenhuma torre fora construída para protegê-la. Um homem poderia escalar para cima.

Ou para baixo. Bem no fundo, o rio Arges fazia uma curva, uma lasca prateada à luz da lua.

Vlad olhou para baixo, depois para as ameias acima. Quem não iria com ele estava espiando os que desciam. Eles obedeceram-no completamente — por medo, por amor, por todas as razões entre um e outro. Entenderam porque só os dez que agora estavam ao redor dele podiam ir. E Vlad sabia que o juramento de lealdade deles terminava quando os fugitivos chegassem ao piso do vale; que eles, então, fariam seus próprios acordos. Alguns, talvez a maioria, sobreviveria. O Turco valorizava os escravos e os tratava bem, como um rebanho — embora Vlad não tivesse certeza se isso seria verdadeiro em relação aos valaquianos que também esperavam por eles, sedentos de vingança.

Ele olhou em volta para seus escolhidos, para os pastores que os conduziam; por último, para seu filho. Os olhos do rapaz brilhavam no espelho que era aquele rosto.

E nele Vlad via a si mesmo jovem — orgulhosamente cavalgando ao lado de seu pai para encontrar o sultão. Diferente de seu filho ao seu lado, Vlad não estava fugindo então, mas se dirigindo para um destino ignorado. Em direção a seu kismet. E, naquele espelho, percebeu que ainda estava em seu caminho.

Para o som dos machados, e o ganido dos corvos, os homens e o rapaz deslizaram ladeira abaixo. A pior escarpa terminava em uma caverna e dali uma trilha descia até o rio. Em suas margens, os cavalos estavam amarrados. Não eram cavalos de guerra mas rudes tarpans das montanhas. Seus cascos estavam envolvidos em panos para não retinirem no cascalho do leito do rio enquanto eram levados pelos homens de Arefu.

Havia um ponto onde o rio começava a se curvar. À frente deles, outras montanhas escondiam o vale na escuridão. Atrás, estava a última visão do castelo. Vlad puxou as rédeas, deixando os outros passarem à frente, então ergueu os olhos. A lua era um arco

turco, descansando sua ponta nas ameias. Quando não era muito mais velho que o jovem que acabava de passar por ele, tivera o trono pela primeira vez, e pela primeira vez o perdera. Fizera, então, um juramento de retornar. O juramento de um jovem. Agora que estava mais velho, prometeu a si mesmo e a Deus exatamente nada.

Com um empurrão das esporas — o cavalo não era Kalafat —, ele seguiu os outros através da escuridão.

Quarenta e três



Traição

Brasov, Transilvânia, seis semanas mais tarde

— Como estou? Stoica e Ilie deram de ombros. Não podiam falar, não se atreviam a falar. Mas o dar de ombros expressou claramente seus pensamentos. Que o voivoda da Valáquia deveria se encontrar com os emissários do rei Matthias e o Conselho de Brasov, vestido esplendidamente, como convinha a um príncipe. Os dois homens sabiam que ele tinha um belo traje feito de seda negra, encomendado no dia que chegara a Brasov, cinco semanas antes, entregue uma semana depois, pago pelos brasovianos. Eles não ousaram lhe recusar isso, considerando a visita que fora feita apenas três anos antes, com fogo e madeira.

Mas neste dia o traje estava pendurado no guarda-roupa. O príncipe tinha vestido sua armadura. Nem mesmo deixara que Stoica consertasse as mossas, nem limpasse a lama, e as manchas de sangue que pareciam ferrugem.

Vlad sorriu diante da eloquência do dar de ombros. No entanto, ele sabia algo que os dois não sabiam — como a mente dos homens funciona. Se ele se apresentasse perante o Conselho e aos embaixadores da Hungria vestido para a corte, pareceria apenas outro pretendente, implorando por armas e ouro para retomar um trono. Vestido com uma armadura bem usada, ele ainda era um

guerreiro; mais importante, um guerreiro com uma guerra ainda em curso, em uma mera pausa.

Também os faria lembrar outra coisa. Do que ele fazia melhor.

Matar.

Ele se virou, olhou para a porta. Recordou outro momento, outra porta, a que o conduzira ao Grande Salão de Targoviste. Ele ficara de pé à frente dela naquela Páscoa um pouco antes de descer e derrotar os boiardos. Perguntara a Ion como estava. Ion tinha lhe dito, como diria agora, sem poupá-lo nem de elogio nem de insulto.

Seu sorriso definhou. Ion não estava ali. Vlad estava só, exceto por esses dois, leais e desaprovadores homens. Todos os outros tinham partido. No entanto, em poucas horas, ele teria o começo de um exército e ouro para pagá-lo, pois a guerra estava apenas em uma pausa.

— Espada — ordenou.

Stoica trouxe a Garra do Dragão, e se aproximou para amarrar a faixa sobre os ombros do príncipe. Vlad o fez parar com uma das mãos erguida, sua esquerda mutilada, erguendo-a para passar os três dedos pelo emblema da empunhadura da espada, sobre o Dragão que ali voava. Pensando no outro Dragão que esperava, no Salão do Ourives, com o Conselho de Brasov.

Janos Horvathy. Ele o conhecera pouco, quando estava exilado na corte de Corvinus. Um dos 12 "novos homens" ao redor do novo rei — pois Matthias não confiava na nobreza antiga, queria homens leais apenas a ele, nobres menores que procurassem posições mais elevadas. Horvathy, para ser enviado em uma embaixada tão importante como esta, devia ter começado a se sobressair.

No entanto, não era o juramento que Horvathy tinha feito a seu rei que fazia Vlad sorrir agora. Era outro juramento — jurado para a irmandade a qual os dois pertenciam.

— Irmão Dragão — Horvathy tinha dito uma semana antes, ao saudar Vlad pela primeira vez. Houve calor no aperto de mão especial do Conde de Pecs, no beijo de boas-vindas, no sorriso. Ele havia negociado duramente nos dias seguintes, em benefício de seu soberano. Mas Vlad sabia que, por trás da insistência do húngaro, nos termos húngaros, havia uma lealdade tão profunda quanto a para com seu rei. De várias maneiras, mais profunda e ligada por juramentos mais sagrados.

— Irmão Dragão — Vlad murmurou.

Stoica, sem ouvir ou entender, pensou que uma ordem lhe fora dada e ergueu de novo a faixa da espada. Dessa vez, Vlad deixou-o amarrá-la em seus ombros, cruzada no peito. A ponta da grande arma quase chegava ao chão.

Vlad tocou o cabo em seu ombro. Poderia desembainhá-la em um momento. Mas ela estava ali apenas para completar a impressão do guerreiro pronto. Não precisaria dela.

Não quando um Dragão esperava por ele no Salão do Ourives.

— Vamos — disse.

Janos Horvathy limpou os olhos. Não conseguia clarear o borrão. Só conseguiria se dormisse, e ele dormira muito pouco durante a semana que esteve negociando com Drácula; e praticamente nada nos três dias desde que seu senhor, Matthias Corvinus, rei da Hungria, decidira que as negociações haviam terminado. No entanto, não foram os arranjos posteriores, detalhados como tiveram que ser, que mantiveram seus olhos abertos à noite. Era a memória de um juramento.

— Conde? Está me escutando? Horvathy sobressaltou-se com a voz. Havia esquecido que Jiskra estava ali. Agora seus olhos começavam por fim a entrar em foco, nos detalhes do rosto do velho guerreiro: o nariz, torto por algum golpe há muito esquecido, inclinado para a esquerda; a pele com um tom rosado, descamando,

de tal maneira que ele parecia manchado de farinha; a barba grisalha, grossa e desalinhada; os olhos pequenos, muito juntos. Os detalhes finalmente clarearam o borrão.

— O que você disse?

— Disse que está na hora, Horvathy. Tudo está pronto.

— O Conselho?

— Os membros já tomaram seus assentos no salão.

— Seus homens?

— Em seus lugares.

— Tem certeza que serão suficientes?

Jiskra fez uma careta.

— Por que, por Cristo Crucificado, todo mundo tem tanto medo desse valaquiano? Por que teve alguns sucessos contra os turcos e usa alguns... métodos brutos? — Ele riu. — Bem, eu já estava matando turcos brutalmente, quando Drácula estava mamando nos peitos de sua ama. Além disso, ele só tem aqueles dois homens com ele.

E eu conheço meu serviço.

— Tenho certeza que sim. É só... — O conde parou. — Você não lamenta a necessidade?

— Lamentar a necessidade? Que idiotice é essa? — cuspiu o guerreiro mais velho. — Um homem age de acordo com o que é decidido. Nosso rei decidiu que esse Drácula é uma dificuldade. Ele é! E é um tolo! Exigir que o Corvo cumpra suas promessas? — zombou. — Reis não honram promessas, não a menos que lhe seja conveniente.

Eles agem por conveniência. Não é conveniente entrar em guerra contra os turcos, e o Corvo realmente nunca pretendeu fazer isso. Ele tem outros usos para seus soldados, no norte. E melhores maneiras de gastar seu ouro. O Corvo não se sentará tranquilamente no trono da Hungria a menos que a coroa de Santo Estêvão esteja em sua cabeça.

O não tão Sagrado Imperador romano exige 80 mil coroas para entregá-la. O Corvo poderia comprar uma pequena guerra com isso, com todos seus riscos. Ou poderia empenhá-la para recuperar sua coroa. — Ele se virou, limpou ruidosamente a garganta, cuspiu no fogo da lareira. — Além disso...

— Eu sei! Eu sei! — Horvathy levantou a mão para deter o fluxo de palavras. Jiskra, depois que começava, falaria durante dias sobre as "realidades da política" se lhe fosse permitido. — Eu apenas lamento verdadeiramente que tenha de ser dessa maneira. — Ele fez um gesto para os três pergaminhos enrolados sobre a mesa.

Jiskra deu de ombros.

— O que são mais algumas mentiras entre muitas? Este valaquiano está causando confusão, com seus apelos ao papa, a outros soberanos. Devemos provar que ele traiu a causa, para que possamos nos livrar dele.

— Traiu? Quem é o traidor aqui? — murmurou Horvathy.

— Homem! — exclamou Jiskra, olhando para o teto. — Você é um dos homens promissores, a quem Corvinus está promovendo. Os homens dele. O Corvo não vai tirar seu castelo da penhora, como fará com a coroa, quando você fizer isso? Bem, estou lhe dizendo, você não durará uma semana no ninho da serpente da corte em Buda se tentar manter a consciência limpa.

— Mas não é apenas para o rei que devo lealdade — retrucou o conde, enraivecido agora. — Drácula e eu somos ambos membros da mesma irmandade, a Ordem do Dragão.

Formada para lutar contra os Infiéis. Jurada para proteger uns aos outros. Eu fiz um juramento...

— Foda-se o juramento — gritou Jiskra. — Eu não pertencço a nenhuma ordem. Sirvo a um Deus e a um homem, e faço juramentos apenas aos dois. Fica mais simples. — Ele se endireitou. — Portanto, é a eles que estou obedecendo agora. O inimigo deve ser acusado e preso publicamente, para que todos conheçam sua traição, saibam

de sua desgraça. — Inclinou-se para a frente. — Você está pronto para fazer o que precisa ser feito? Ou você vai preferir se esconder aqui com seus juramentos e sua consciência enquanto eu faço o trabalho sujo?

Horvathy levantou-se, pegou a espada.

— Não, Jiskra. Farei o que preciso fazer. Não tenho escolha.

— Não, não tem. — A porta abriu. Um soldado apareceu, fez um sinal. Jiskra virou-se. — E Drácula está aqui.

A porta para o Salão do Ourives foi aberta. Instantaneamente, os membros do Conselho de Brasov, sentados em fila em ambos os lados do piso principal, calaram-se e se viraram para ela. Horvathy, em um estrado no extremo do salão, olhou, sua visão novamente embaraçada, desta vez pela luz do sol. Então, a figura escura entrou e o conde pôde ver claramente o homem, reparar na armadura golpeada e na capa manchada. Sorriu por um momento ao constatar o que Drácula queria demonstrar, depois se lembrou que nada significaria o que Drácula dissesse ali naquele dia.

Desviou a vista, olhou para os membros do Conselho no outro lado do salão, seus mantos ricos e formas redondas contrastando com o guerreiro esguio e sujo que agora caminhava em direção à mesa central, flanqueado por seus dois guardas. A maioria olhou para ele com desgosto, medo, pois ele os havia forçado a um acordo três anos antes, com chamas e estacas. Agora estava ali como suplicante. Horvathy podia ver, nos rostos dos poucos a quem foi necessário contar, um triunfo mal encoberto.

Vlad não olhou para os lados. Caminhou até o meio do salão, parou diante da mesa onde estavam os registros do Conselho em pesados tomos, encadernados em couro. Ao lado deles, símbolos da riqueza da corporação assim como amostras de suas façanhas, havia dois objetos de ouro. Um era uma lua de ouro, adornada com folhas de parreira.

O outro era um falcão, a extensão de suas asas da largura de uma mão, curvando-se sobre uma lebre, os dois animais finamente esculpidos com detalhes.

Vlad examinou o artesanato por um momento, a expressão do caçador e da presa. Depois ergueu os olhos para os conselheiros que os encomendaram, viu os sorrisos em alguns rostos que os homens não se preocupavam em ocultar; olhou para o outro lado da mesa, para o estrado levantado, o homem sentado ali; viu a tristeza nos olhos cinzentos do conde. Observou quando Horvathy deu uma olhada à esquerda, seguiu o olhar. Para Jan Jiskra, fazendo um gesto. E então soube.

Os doze homens vieram rápido através da luz do sol, alguns com espadas, outros com porretes. O Negro Ilie viu o metal, tentou tirar sua arma. Porretes desceram — na mão, no estômago — e ele caiu. Stoica tinha uma espada em sua garganta, sua própria adaga rapidamente removida, provavelmente porque seus braços estavam erguidos no ar, no gesto inconfundível de rendição.

Ele deixou a gritaria ceder antes de falar: — Por quê? — disse claramente.

O Conselho havia se levantado mas Vlad não estava se dirigindo a eles. Sua pergunta era para o húngaro, a dez passos de distância no outro extremo da longa mesa.

Horvathy deu um suspiro, certificou-se de que sua voz estava firme antes de responder. Ele entoou, falando lentamente, porque escribas estavam colocados ao redor do salão e precisavam anotar tudo o que seria dito.

— Vlad Drácula, ex-voivoda da Valáquia, foi com grande tristeza que ficamos sabendo de sua traição. Que você, que reivindicava ser um guerreiro de Cristo, e um vassalo leal de nosso bom rei Matthias, provou-se um traidor de ambos.

A voz de Vlad, quando soou, era um calmo contraste ao tremor na do húngaro.

— Provei? Como poderia provar tal coisa quando minha vida inteira é uma prova ao contrário?

— Temos as cartas, Drácula.

— Que cartas?

— Estas. — O conde fez um gesto para os três rolos de pergaminho a sua frente, na mesa. — Uma que você escreveu para seu primo igualmente traidor, Stephen, voivoda da Moldávia. Uma segunda para o grão-vizir dos turcos, Mamoud. A última para o próprio sultão, o homem que você afirmava ser seu inimigo mortal. Todas as três são provas de seus planos traiçoeiros. Que você pegaria as forças que meu poderoso soberano lhe emprestaria para virá-las contra Sua Majestade. Que usaria o ouro oferecido por Brasov para corromper homens leais. E finalmente, e mais hediondamente — Horvathy estendeu a mão e pegou um dos papéis —, que você planejava sequestrar o rei Matthias e o entregar, nu e amarrado, para o Turco.

Com as palavras do húngaro, os conselheiros começaram a murmurar. Com a última, muitos gritaram, amaldiçoando o traidor. Corajosos agora, alguns até se inclinaram para cuspir. Vlad parado, quieto, de pé, ignorou-os, olhando para um único homem.

Esse homem levantou a mão para deter o barulho, depois continuou.

— Está tudo escrito aqui, assinado com seu nome, selado com seu selo. Isto entrará para os registros do Conselho de Brasov. E serão impressos panfletos e distribuídos para que o mundo saiba de sua infâmia. — Horvathy abaixou o papel que segurava quando notou que sua mão tremia. Com voz mais baixa, disse: — Você tem alguma coisa a dizer?

— Só uma coisa. — Vlad inclinou-se, colocando as mãos na mesa à sua frente. Embora seus movimentos fossem vagarosos, soldados deram um passo um pouco mais perto, espadas levantadas. — Eu sei por que os homens de Brasov fizeram isso, pois há muito

me odeiam. Também sei por que o rei da Hungria fez isso, pois o trono não está firme sob seu traseiro e ele precisa do ouro do papa, que pegou para servir a cruzada, para apoiá-lo. — Levantou os olhos. — No entanto, não sei por que você fez isso. Ou permitiu que fosse feito. Pois você deve saber, irmão Dragão, a desgraça que essas falsificações trarão para a irmandade. Essa é a verdadeira traição, e amaldiçoará todos os Dragões e danificará, talvez permanentemente, a ponta da lança de Cristo, justo quando ela era mais necessária.

Horvathy sentiu os joelhos fraquejarem. Curvou-se, segurou-se na mesa, também, olhou para o homem do outro lado, unido a ele pela madeira.

— Eu faço o que é preciso ser feito, Drácula. Pelo reino. Por meu rei...

— E por você mesmo. Tenho certeza que, ao me entregar dessa maneira, você será erguido mais alto, mais rápido, na corte do Corvo. Mas eu lhe digo uma coisa, Janos Horvathy... — E então Vlad se endireitou, jogando sua mão aleijada para a frente, três dedos e polegar abertos em um gesto de aviso. — Você nunca encontrará satisfação em sua escalada. Pois minha maldição sempre estará com você. Eu o amaldiçoo. Amaldiçoo você e sua família, para a eternidade! E você aprenderá, muito breve, que minha maldição é tão real quanto essas mentiras são falsas. Que não sou chamado de filho do diabo por nada! A maldição tinha se elevado para um grito.

— Agarrem-no! — gritou Jan Jiskra. Um soldado se aproximou, e Vlad se enfiou debaixo do braço esticado, agarrou-o, quebrou-o e atirou o homem aos berros contra o segundo que o seguiu. Então, no instante que teve, Vlad agarrou o falcão de ouro sobre a mesa à sua frente e o arremessou para o outro lado. O bico dourado, na posição para estraçalhar a carne da lebre, afundou no olho esquerdo de Horvathy. Ele gritou e cambaleou para trás, enquanto os soldados caíam sobre Drácula, em silêncio agora, por fim impotente.

Parte quatro

A última cruzada

*"Revelei-te o meu pecado, o meu erro não escondi... e tu perdoaste a
malícia do meu pecado."*

SALMOS 32:5

Quarenta e quatro



O exílio

Castelo Poenari, 1481

— E acabou que ele estava certo.

Silêncio, por fim, no salão do castelo Poenari. Horvathy tinha parado de falar, pela primeira vez em um bom tempo. E as interjeições que ocasionalmente tinham vindo do eremita em seu confessionário também haviam cessado. Mas, enquanto concluía sua história, Horvathy tinha falado cada vez mais rápido, e os escribas agora aproveitavam a chance para descansar os dedos doloridos e apontar outra pena.

E então ele começou a falar: — Isso — disse, tocando a cicatriz franzida que havia no lugar do seu olho esquerdo —, foi a menor parte da maldição. Drácula estava certo, pois fui promovido rapidamente, e Pecs cresceu de cabanas empobrecidas para o feudo mais proeminente da terra. Enquanto estive por trás do trono e ajudei Matthias a tornar-se o poderoso monarca que ele é. No entanto, enquanto eu crescia, a maldição me acompanhava. — Ele fechou o outro olho. — Minha esposa morreu aos 25 anos. Nossos dois filhos perdidos, um para a guerra e os ferimentos, outro para a peste. Nossa filha morreu no parto do primeiro filho, que morreu com ela. Eu sou, e serei, o último da linhagem dos Horvathy.

Outra vez silêncio, por um momento, até que outra voz soou:
— Um homem menor teria sucumbido às suas tristezas, conde Horvathy — disse o cardeal, suavemente. — No entanto, aqui está você, ainda lutando para manter seus juramentos a seu rei e a Deus.

— Não, cardeal Grimani. Eu os sirvo no que faço aqui, talvez. Mas luto por outro juramento. O que quebrei a um companheiro Dragão. E pelo qual fui amaldiçoado, pelo qual nunca fui perdoado.

— Ele abriu o olho, olhou para o italiano. — Contudo, talvez aqui, no que foi escutado... o que, lembro a você, ainda terá que julgar...

a maldição talvez possa terminar e o perdão venha junto. Perdão... e o ressurgimento da bandeira do Dragão.

Grimani desviou-se do único olho e seu apelo, sem nada revelar.

— Isso ainda teremos que decidir. E logo — disse, rispidamente.

— Pois parece que essa confissão está chegando à sua conclusão. Sugiro que continuemos neste ritmo — ele olhou para a flecheira, observando a luz se ampliando lá fora —, para que eu possa ir embora, com minhas recomendações para o papa, antes de outro pôr do sol. No entanto... — Fez uma pausa.

— Estou curioso sobre algumas inconsistências no relato. — Ele olhou para o último dos confessionários. — Onde estava você, padre?

O grunhido do eremita soou. — Onde?

— Sim. Quando você relatou as palavras de Drácula, disse que o voivoda o havia perdido. Onde?

— Eu... — O eremita tossiu. — Quando escutei o que tinha acontecido na catedral, eu me uni aos milhares que fugiram de Targoviste com a aproximação dos turcos.

— Então você não viu o... casamento? Nem a empalação do lado de fora dos portões?

— Não, não vi.

— No entanto você ajudou os outros a descrevê-la com alguns detalhes.

O conde se inclinou para a frente.

— Aonde você quer chegar?

— Apenas que mesmo esta testemunha, que parece às vezes conhecer a própria alma de Drácula, com frequência fala de segunda mão. — Grimani apontou para o confessorário de Ion. — Enquanto aquele outro até escolhe falar pelo Turco, paxá Hamza.

— Eu o conheci — protestou Ion. — Eu o visitei várias vezes em sua cela.

Ambos os homens o ignoraram.

— E daí? — perguntou Horvathy.

— Daí — retrucou o cardeal —, o testemunho dele, todos os testemunhos, deve ser tratado com precaução.

— Nós não temos feito isso? Colher três versões para combiná-las em uma, consensual?

— Realmente. — O cardeal apoiou as costas para trás. — Eu apenas expressei isso. Para os registros. As versões das pessoas são apenas isso, no final. Portanto, as conclusões que tiramos só podem ser mesmo nossas.

Horvathy assentiu.

— As que precisamos que sejam.

— Realmente.

Petru, menos versado nas maneiras políticas, acreditava em verdades mais simples.

— Mas este homem foi o confessor dele! Ele fala o que escutou. E ainda que seja um pecado trair essas confissões agora, ainda assim, devemos acreditar na verdade delas. Um homem não mente ao padre no confessorário.

— Não? — O cardeal sacudiu a cabeça. — Conheci homens que exageraram enormemente seus pecados, pensando que, quando forem perdoados, isso lhes dará certa margem.

O pior é perdoado, portanto se um pecado menor é cometido mais tarde...

Petru estava chocado.

— Isto pode ser verdade na Igreja de Roma...

O conde interveio: — É a verdade de homens em qualquer lugar, spatar. Tenho certeza de que dentro de seus próprios rituais os turcos devem fazer o mesmo. Perdoar a si mesmo pelo que ainda vai fazer. — Ele limpou a garganta. — Mas chegamos na ideia em questão. O registro está feito. E concordo com Vossa Eminência. Vamos proceder rapidamente.

— Virou-se. — E também não tenho clareza sobre uma coisa, eremita. Quando você voltou outra vez a se unir a Drácula? O chiado soou.

— Eu fui à prisão onde ele estava. A Visegrado.

— De novo enjaulado — murmurou o cardeal.

— Nada semelhante a Tokat — comentou o conde —, mais um palácio do que uma prisão. As janelas não eram trancadas. Os jardins eram lindos, ao estilo italiano. E o campo ao redor! Cheio de presas para caçada e falcoaria. — Ele fez um gesto com a cabeça. — Um homem poderia viver contente ali.

— Contente? — explodiu Petru. — Depois de toda a matança que ele fez, tudo pelo que lutou reduzido a cinzas, seu trono perdido, seu amor... mutilado. — Engoliu em seco. — Seu melhor amigo, um traidor, que se senta a nossa frente tentando justificar sua traição. — Ele balançou a cabeça. — Você está dizendo que ele estava feliz vivendo a vida de um... cavalheiro provinciano?

Horvathy resmungou: — Contente? Não sei. Talvez ele tenha ficado enfurecido por um tempo. Mas no final, que escolha tem o pássaro canoro a não ser cantar? O mundo tinha mudado. Como você diz, Drácula tinha perdido tudo, trono, poder, apoio, o amor daqueles que amava. — Ele olhou para os dois confessionários. — Ele já conhecia a vida de um fugitivo. E agora tinha mais dez mil

inimigos armados emboscados nas vielas, ansiando por vingança. Lembre-se, uma jaula mantém os outros do lado de fora, tanto quanto alguém do lado de dentro.

— E ele simplesmente não poderia ter se cansado, meu senhor? — disse o cardeal. — Mesmo Drácula. Cansado de sangue?

— Bom. — Horvathy passou a língua pelos lábios rachados. — Isso ainda teremos que ouvir.

Petru ergueu os olhos, para a seteira, para os primeiros raios da madrugada.

— Não deveríamos fazer um recesso? Atravessamos um dia e uma noite. Talvez a última parte possa ser ouvida depois de um pequeno descanso? Horvathy olhou para o cardeal.

— Não. Concordo com Vossa Eminência. Vamos ouvir até o fim. Não demorará muito para que você se aninhe ao lado de sua bela jovem esposa outra vez. E nós teremos partido, e não perturbaremos mais seu sono. — Ele levantou uma das mãos. — Mas deixe-me, pelo menos, apressar o processo. Sei de algo que aconteceu depois. Pois eu estava na corte de Corvinus, e escutei as histórias que acabamos de escutar recontadas. Leiam os panfletos — ele fez um gesto para a pilha sobre a mesa — que amaldiçoaram o nome de Drácula por todo o mundo. E, que Deus me perdoe, aprofundei minha danação e a da minha irmandade ajudando a espalhar algumas delas. — Ele esfregou a testa. — Mas o tempo passou. Logo tivemos outros ogros em que nos concentrar. Cristãos atacaram cristãos outra vez, enquanto os Infiéis olhavam e riam.

— Como sempre — murmurou o cardeal. — E depois?

— Depois, cerca de quatro anos mais tarde — continuou o conde — com todos os olhos voltados para outros lugares, Drácula foi levado sem alardes de Visegrado para Peste, do outro lado do rio do palácio do rei, em Buda. Foi-lhe dada uma casa. Mais do que isso, foi lhe dada uma prima do rei como esposa.

— O quê? — Petru arfou. — Por quê?

— Ele ainda estava acorrentado, mas com uma corrente frouxa. Pois Corvinus combateu o primo de Drácula, Stephen da Moldávia, que, vocês se lembram, traiu o príncipe no ponto máximo de sua cruzada, forçando-o a dividir seu pequeno exército. Assim, Drácula era outra vez uma ameaça... para talvez ser usada. Portanto, quando os dois monarcas cristãos resolveram seus problemas e olharam outra vez para os Infiéis, era-lhes conveniente manter Drácula sendo exatamente isto: uma ameaça.

O cardeal inclinou-se para a frente.

— Você o viu?

Horvathy sacudiu a cabeça.

— Não. O rei me poupou de suas raras visitas à corte. Ele era exibido algumas vezes, geralmente quando um embaixador vinha do sultão. O rei se divertia vendo os emissários do Grande Turco identificá-lo, e se apressarem a tirar seus turbantes. — Horvathy deu uma gargalhada, mas havia pouco humor no som. Continuou: — Mas você só pode fazer uma ameaça até certo ponto, e aí precisará usá-la.

— Realmente.

— Então o que aconteceu? — Petru se inclinou para ouvir.

— O que aconteceu? — ecoou o conde.

— O mundo mudou outra vez. — Ele olhou para os confessionários. — Qual de vocês gostaria de nos contar como?

Quarenta e cinco



Dragão adormecido

Peste, Hungria, fevereiro de 1475, 13 anos após a prisão de Drácula

Anoitecia quando Ion chegou à vila nos arredores da cidade. Ele pretendia chegar ali bem mais cedo, para que pudesse entregar sua mensagem e retornar ao palácio do rei, em Buda, antes de escurecer. Ninguém viajava sozinho à noite em nenhum lugar perto de uma cidade.

As frustrações da viagem, que havia começado um mês antes com passagens bloqueadas nos Alpes da Transilvânia, tinham continuado até o final da jornada. A ponte sobre o rio que dividia Buda de Peste tinha sido queimada recentemente. Isso não teria sido um problema, pois o gelo em geral era grosso o suficiente para suportar a travessia de um homem com seu cavalo. Mas um repentino degelo antecipado tornou-o fino e perigoso, porém ainda grosso demais para permitir a passagem dos barcos. Ele teve que ir mais adiante, até uma seção mais estreita do rio onde uma passagem tinha sido cortada, pagou duas vezes mais pela balsa, subiu pela margem oposta. Este último atraso significava que seria necessário pernoitar em uma estalagem de Peste, pois ele não passaria uma noite sob o teto do homem que fora visitar.

O telhado era idêntico à sua esquerda e à direita, ardósia cinzenta subindo inclinada até a cumeeira de madeira vigorosa. As casas eram sólidas, quadradas; uma entrada arqueada em cada uma delas era larga o suficiente para admitir uma carruagem pequena; venezianas se erguiam a dois níveis acima das paredes de reboco ocre, todas firmemente fechadas contra o ar do inverno. As residências eram comuns. Sem dúvida alguns mercadores ou cidadãos viviam nas casas ao lado.

Um mês fora necessário para chegar ali e agora Ion sentava-se em seu cavalo, sem querer desmontar, apesar da neblina que enfiava os dedos gelados sob as peles e aguilhoava suas múltiplas cicatrizes e seus ossos rejuntados. Cada inverno era mais duro, enrijecendo-o, embranquecendo o cabelo que ainda caía volumoso sobre suas sobrancelhas e ainda escondia a marca que Mehmet havia lhe deixado, quase trinta anos antes, a borda agora púrpura, borrada pelas rugas de seu rosto.

Ele ergueu a mão, passou os dedos sobre a carne que se erguia ligeiramente. Por que hesitava agora, quando não tinha parado exceto quando obrigado, em toda a viagem que começara quatro semanas antes na corte de Stephen Cel Mare, em Suceava? Abaixou a mão. Sabia por quê. Havia 13 anos não via o homem que morava dentro daquelas paredes comuns. Desde um dia muito diferente, um dia de calor terrível em Targoviste. Se tivesse como escolher, nunca mais o veria. Mas um rei e um príncipe quiseram que fosse de outra maneira. E Deus também, ele acreditava. Tinha de acreditar.

Caso contrário, não seria capaz de fazer seu cavalo seguir até a porta de madeira, desmontar diante dela, estender a mão para a grande argola de ferro, levantá-la...

Ele não a deixou cair. Porque, do outro lado da porta, escutou sons familiares: metal batendo em metal; homens gritando. Alguém estava lutando lá dentro, lutando muito. Com um instinto de

soldado, Ion imediatamente deslocou seu cavalo e desembainhou a espada. Pressionando o ouvido contra o gradeamento, escutou passos correndo, um grito de terror.

Ion não tinha percorrido todo aquele trajeto para falar com um homem morto, por mais que o odiasse. Talvez um de seus muitos inimigos o tivesse encontrado. Girando a argola de ferro da maçaneta, ficou surpreso quando a porta cedeu. Abrindo-a completamente, pois não sabia com que rapidez poderia ter que sair correndo, avançou para a escuridão de uma pequena passagem. Gritos ressoavam por ela e no seu final a luz o deslumbrou, pois todo o pátio adiante estava brilhantemente iluminado por tochas. Protegendo os olhos contra o clarão, Ion viu duas formas correndo. Ambas seguravam espadas curtas. Uma eslava se defendendo desesperadamente; a outra atacava no alto, embaixo, ao lado, mais perto.

Ion avançou com cuidado, deixando seus olhos se ajustarem, espada segura à frente. Os homens agora estavam lutando em outra parte do pátio, os golpes e gritos ecoando pelas pedras. Ele agarrou a beirada interna da arcada, respirou fundo, inclinou-se...

Enquanto Ion observava, um dos homens deu um passo com um golpe por cima, sua própria espada no alto. Lâmina bateu em lâmina, o par se imobilizou, atracado, quase paralisados agora enquanto lutavam por controle, e Ion pôde vê-los. Um estava usando um blusão de couro negro sem mangas, um elmo completo obscurecendo seu rosto.

O oponente, virado para o outro lado, estava nu até a cintura, o cabelo negro comprido descendo sobre as costas musculosas que fumegavam no ar noturno gelado.

Ele não sabia o que fazer. Quem estava lutando, e por quê? Ele estava prestes a chamar, dar um passo, distrair... quando o corpo a corpo terminou, o homem de visor dobrando os joelhos,

endireitando-se rápido, lançando o outro para trás. O de peito nu cambaleou sobre a mesa, depois se virou, erguendo a espada...

O homem que se virou era Drácula.

Ion engoliu em seco. Não podia ser! Pois este era o príncipe de suas memórias. O corpo de touro, o cabelo e o bigode pretos como a meia-noite. Cada cicatriz estava lívida à luz da tocha, e Ion podia dizer a arma que as fizera, a viela ou campo onde foram feitas. No entanto, o homem a sua frente não era mais velho do que o que vira pela última vez em Targoviste. Pior! Se possível, era até mais jovem! Ion começou a se persignar repetidamente, murmurando uma prece de proteção. Havia muitos que diziam que seu príncipe era parente de outro, que o filho do diabo era mais do que um apelido. Ele não tinha acreditado... até agora. A prova era clara diante de seus olhos. Drácula tinha feito um pacto com Satã. Tinha trocado sua alma pela imortalidade.

— Santo Pai, proteja-me! — exclamou Ion.

Os lutadores, que tinham investido como touros em outro corpo a corpo, escutaram. Ainda segurando as lâminas um do outro no alto, eles se viraram, como um só. Então Drácula soltou a mão de seu oponente, afastou a espada e começou a dar um passo atrás. E o outro, cujo elmo sem rosto também tinha se virado, agora se voltou. Deixando sua espada cair, ele ergueu o punho e deu um passo à frente do de peito nu, entre Ion e Drácula, que agora gemia em agonia. Então Ion viu por que — no estômago musculoso e retesado, uma fina linha vermelha tinha se aberto e o sangue imediatamente pulsava.

Com outro grito, Drácula deixou a espada cair, apertou seu estômago e cambaleou para trás, caindo em um banco de madeira. O que estava de elmo inclinou-se sobre ele, estendendo a mão para as tiras em seu queixo, começando a desatá-las. Falou suavemente, mas sua voz estava carregada: — Você não aprende nunca? Você não

para de lutar, seja qual for a distração, enquanto um homem tem uma espada perto de sua garganta.

— Você me cortou — gritou Drácula.

— Cortei — disse o outro homem, começando a tirar seu elmo —, e a cicatriz que ficará o fará lembrar-se disso e talvez salvará sua vida um dia.

O elmo foi tirado... e Ion mergulhou ainda mais fundo em seu pesadelo. Pois a cabeça que emergiu era idêntica à que estava ao lado... mas só se tivesse sido subitamente iluminada por um raio em uma noite escura. Tudo que era preto no primeiro homem era branco no outro — o bigode, as sobrancelhas, o volumoso cabelo que agora caía solto sobre as costas, tudo tão branco quanto um crânio. E então, enquanto engolia em seco outra vez e olhava mais de perto, Ion viu que eles não eram idênticos; que os traços do homem mais velho eram uma corrupção dos traços do mais novo; os olhos fundos, o nariz mais fino, a carne menos tesa. E ele o reconheceu, mesmo antes de o homem mais velho se virar e falar: — Bem-vindo, Ion — disse o verdadeiro Drácula. — Eu estava esperando.

Depois de curtas apresentações, o homem mais jovem foi enviado para a governanta. O corte, como ambos podiam ver, não era nada para homens que haviam sido feridos com metais. Era como se um pergaminho bem-cortado tivesse atravessado a pele.

Os dois homens o observaram ir.

— Eu queria que ele se tornasse padre — disse Vlad —, mas ele insiste em ser guerreiro. Então eu o treino para lutar, e sempre o lembro do preço.

— Seu filho — disse Ion. Não era uma pergunta. — Não sabia que você tinha um com essa idade. Quantos anos ele tem?

— Vinte e seis. Um presente de Arefu. Veio a mim na noite em que deixei o castelo. Quando você quase me acertou com sua flecha, Ion.

Ion se enrijeceu.

— Não sei sobre o que você está falando.

— Ah, é mesmo? — Vlad o examinou por um momento, depois desviou os olhos. — Tenho outros filhos, dois. Pequenos. — Ele olhou de volta. — E você? Quantos filhos tem?

— Nenhum. Cinco filhas.

— Cinco? Sua casa deve ser barulhenta.

— Como a sua é silenciosa.

Vlad assentiu.

— Os garotos estão por aí. Minha esposa os esconde quando treinamos. Em geral há sangue. Às vezes até meu, pois estou ficando lento. — Ele segurou o braço de Ion. — Você ficará para a ceia?

Ion olhou a mão que o segurava. Três dedos e um coto.

— Não. Fui ordenado a lhe entregar uma mensagem. Mas eu como onde escolho. Com quem escolho... meu senhor.

O aperto estropiado retesou-se.

— Meu senhor? Ainda sou um príncipe, Ion Tremblac.

— Não meu — disse Ion. — Agora eu sirvo a outro.

Vlad não se mexeu. Mas cores se espalharam por seu rosto, em choque com a brancura ao redor.

— Escutei falar. Meu primo, Stephen da Moldávia. "O Grande", eles o chamam agora, devido às suas vitórias sobre os turcos e os húngaros. Stephen Cel Mare — murmurou. — Enquanto minhas vitórias são esquecidas e sou chamado de Vlad Tepes, o Empalador. Lembrado apenas por um instrumento de justiça que empreguei há muito tempo.

— Ah, o senhor é lembrado por muitas coisas, meu senhor — disse Ion, retirando o braço do aperto do outro.

Vlad olhou, absorvendo a amargura na voz do homem mais alto, em seus olhos. Então balançou a cabeça, falando asperamente:

— Bom, não recebo embaixadores com suor ainda no corpo e garganta seca como um deserto. Assim, ou você fica e come, ou volte outro dia... spatat.

Ion fez uma pausa.

— Eu ficarei.

— Ótimo. — Vlad bateu as mãos. — Você se lembra de Stoica?

Um homem surgiu de sob a varanda. Ao contrário do seu mestre, o pequeno servo careca não parecia ter envelhecido muito. Só quando se aproximou um pouco mais, sob a luz de uma tocha, Ion viu as linhas finas ao redor de seus olhos.

— Certamente. Como está você?

O homem mudo deu de ombros e esperou.

Vlad continuou: — Você reconheceria outros rostos em Peste. Meia dúzia de meus vitesji vive por perto. O Negro Ilie mora aqui, ainda como meu guarda-costas, embora tenha esposa e família na cidade. — Ele se virou para Stoica.

— Leve o cavalo dele para o estábulo, suas coisas para um quarto vago.

— Eu disse que iria comer com você — Ion protestou —, nada disse sobre pernoitar aqui.

— Você não vai querer andar sozinho pelas ruas à noite. Aqui não é a Targoviste de 1462. Mesmo assim, essa escolha pode ser feita depois da ceia. — Ele fez um gesto; Stoica se inclinou e saiu. Vlad já estava se afastando, deslizando para as sombras. — Irão buscá-lo quando os oito sinos tocarem — disse, e desapareceu.

Outro servo veio, inclinou-se. Finalmente guardando sua espada — ele havia esquecido que ainda a segurava —, Ion estremeceu e o seguiu.

Quarenta e seis



Persuasão

Drácula estava só. Sentava-se a uma extremidade de uma pequena mesa retangular. Quando Ion entrou, não ergueu os olhos, que continuaram fixados na luz do candelabro.

Só quando Ion se sentou na cadeira reservada a ele na extremidade oposta da mesa aqueles olhos verdes se ergueram para se fixar nele, embora não houvesse reconhecimento neles, nenhuma admissão, nada. Sem nervosismo, Ion aceitou o cálice de vinho quente que o criado lhe serviu antes de se retirar; mas não o tomou.

Para escapar do olhar fixo, ele se voltou para a mesa. Estava arrumada. Havia duas panelas, ambas fumegantes; uma continha o vinho, inebriante com o perfume de zimbro; a outra exalava um aroma de cozido, caça provavelmente, uma alusão a algo podre que vinha com uma lebre ou coelho devidamente curtidos. Havia tigelas de metal, facas, colheres, dois candelabros e um languier. A peça de metal em forma de árvore era um carvalho no inverno, a casca fissurada e os galhos secos esculpidos com perícia.

Luzes de chamas bruxuleavam nas línguas de serpente penduradas ali.

Finalmente, Ion ergueu a vista, encontrando aqueles olhos sem expressão. Ele apontou para o languier e falou, alto demais, para romper o silêncio: — Então você ainda teme ser envenenado? Drácula se mexeu.

— Não temo nada — retrucou, em voz baixa —, mas não acredito que seja meu destino ser assassinado assim. Portanto, convoco a serpente para detectar qualquer veneno para mim. E o unicórnio. — Ele levantou seu cálice, virando um lado para Ion e a luz. — Tenho um pedaço de seu chifre comigo. Assim como você.

Ion olhou para baixo, viu as estrias do chifre encaixadas no cálice de prata.

— Caro — comentou.

— É da minha mulher.

— Ela não vai se juntar a nós? Ela e seu filho?

— Meu filho foi para Peste farrear com os amigos e exibir sua última cicatriz. Ouvi dizer que há anos ele não paga um cálice, pois todos pagam para ver as marcas da Garra do Dragão em sua pele. É vinho demais, pois o rapaz se distrai facilmente, como você viu. — Drácula levantou seu cálice, bebeu. — E minha esposa virá, mas não para comer. Um dos meninos está doente e ela não o deixa sozinho por muito... e aqui está ela. — Vlad se levantou, sorrindo. — Venha, minha querida, e conheça um velho... amigo, Ion Tremblac. Ion... esta é Ilona.

Esse nome! Quase não estivera fora de sua mente desde que ele partira; como se a sentisse ao lado dele a cada passo, suas feridas gritando por uma vingança que ele não podia obter. Portanto, não pôde evitar o leve cambaleio ao se levantar, e se virar para o impossível.

No entanto, nenhum fantasma estivera ali, apenas uma mulher. Seu rosto tão branco quanto a neve do lado de fora das paredes, olhos escuros brilhando, o nariz longo, as maçãs do rosto salientes. Ela não tinha sobrancelhas, como era o costume na corte em Buda, e sua testa era alta sob uma coifa onde havia uma alusão a seu cabelo negro. O contraste com a outra Ilona, a que estaria para sempre na mente de Ion, era marcante. No entanto, se ela não era

bonita, ao caminhar para a luz do candelabro, Ion podia ver a amabilidade em seus olhos.

Ela estendeu a mão. Ele se curvou e a beijou.

— O senhor é bem-vindo — disse ela em uma voz cálida —, escutei muito sobre o senhor.

Ion, erguendo-se do beijo, estava desconcertado. O que o marido poderia ter dito sobre ele? Ion tinha contado pouco à própria esposa sobre o homem que uma vez amara, e era com frequência gritado depois de muito vinho, ou das profundezas do sono, cheio de ódio e vileza.

— Eu... eu gostaria de poder conhecê-la melhor, senhora.

— Também espero o mesmo. Logo, talvez. Mas tenho um filho doente e um... — Ela estendeu a mão para trás e de repente havia um rosto à altura de seu quadril, com cabelos e olhos enormes da cor dos dela, escuros como a noite, um menino de cerca de 4 anos. Ele espiou ao redor dela, observando o estranho, antes de seu olhar dardejear pela mesa, as línguas de serpente sobre ela, e então para seu pai.

— Posso tocar nelas, papai? — murmurou.

— Sim — disse Drácula. — Mas cuidado! Elas ainda podem morder.

Seu filho avançou devagar, estendeu a mão, tocou em uma língua, rindo. Seu pai estendeu a mão passando por ele.

— Aiii! — gritou, retraindo a mão. — Veja! Elas tiraram meu dedo! Ele mostrou uma das mãos, o coto na frente. O menino gritou com deleite, enquanto o pai desarrumava seu cabelo, depois correu para trás de sua mãe outra vez.

Ela o abraçou, sorrindo.

— Você virá ver Mircea?

Vlad assentiu.

— Irei, mais tarde. Quando meu negócio aqui terminar.

— Negócio — ecoou ela, franzindo a testa. — Não... — Interrompeu-se, e se virou para Ion. — Não entretenha meu marido por muito tempo, senhor.

— Não farei isso, a seu pedido, senhora. — Ele se curvou. Ela inclinou a cabeça e deixou a sala, empurrando o filho relutante à sua frente.

Vlad, ainda de pé, olhou-a. Quando falou, voltou a usar a língua da terra deles.

— Ela é uma mulher sábia. Suas palavras, as que ela não fala, me advertem.

Fez um gesto para a panela de sopa, ao que um servo veio e encheu as duas tigelas, entregando uma para cada homem. Drácula apontou para a porta e o homem saiu. Então, ele se sentou e imediatamente começou a comer.

Ion se sentou.

— Advertem você contra o quê?

— Contra você. E contra o que você me persuadiria a fazer.

Ion pegou sua colher. Ainda assim, não comeu.

— E como ela saberia o que é?

Drácula riu com desdém, engoliu outra colher cheia.

— Ela é prima do rei. Uma Szilagy da própria família de Corvinus. Portanto é minha esposa e também um Corvo. E sabe o que corvos fazem: deixam os outros fazerem a matança por eles, então aparecem para se banquetear com os pedaços. — Ele olhou para outra colher cheia, deteve-a à frente de sua boca. — E você não está aqui para me pedir para providenciar uma ceia para Corvinus?

Ion ainda não tinha comido. Agora, abaixou sua colher.

— Eu não sirvo ao rei Matthias — disse —, mas a Stephen da Moldávia.

Drácula engoliu ruidosamente.

— A quem Matthias odeia ou ama, e combate ou abraça, dependendo do vento de Constantinopla. E agora o Grande e o

Corvo precisam um do outro de novo. E, entre eles, decidiram que também precisam do Empalador.

— Acho que você não entende...

— Eu entendo tudo — gritou Drácula, o rosto lançado para a frente, os olhos verdes brilhando entre a moldura balouçante do cabelo branco como osso. — Lembre-se, fui prisioneiro de Corvinus durante treze anos, desde que ele me traiu, traiu a cruzada, não marchando em meu auxílio; desde que ordenou que cartas fossem forjadas afirmando que eu era o traidor. E usou um homem que pensei ser um irmão para me trair. — Ele jogou a colher na tigela. — Por quatro anos fiquei em Visegrado, um estorvo, esperando para ser assassinado. Mas então o vento mudou. O Corvo lutou contra o Grande, lutou contra o Turco, e o Empalador era útil outra vez. Não para usar sua especialidade... — Um meio sorriso surgiu. — Só como ameaça contra aqueles que Corvinus escolhe. — Com a mão, abarcou as paredes em volta. — Minha prisão mudou. Até recebi companhia para a cela. Ele me mantém por perto, mas não perto demais, do outro lado do rio, para ser apresentado, exibido como um monstro, uma abominação da feira campal.

Ele se levantou, foi até um baú, abriu-o, mexeu lá dentro.

— Vou lhe mostrar uma coisa. — Voltou à mesa e desdobrou um pacote de papéis. — Panfletos — disse. — Feitos primeiro por meus inimigos em Brasov e Sibiu, depois de minha queda. Eles tinham bons motivos para me detestar, aqueles saxões, depois que acabei com o controle deles sobre o comércio valaquiano. E os húngaros, alguns deles até meus irmãos Dragões, ajudaram a espalhar esses panfletos pelo mundo todo para justificar a traição deles. — Ergueu um deles, segurou-o debaixo do nariz de Ion. — Você leu algum? Ion empurrou o papel.

— Eles estão na corte do príncipe Stephen, como em todo lugar.

— Então você sabe o que dizem sobre o que fizemos. O que nós fizemos, Ion. — Ele bateu com um panfleto na mesa. — Este fala dos 30 mil que empalei em Brasov. Você se lembra de como é demorado empalar um homem?

— Eu me lemb...

— Trinta mil! Eu ainda estaria lá, ainda levantando estacas.

— BAM! Outro panfleto jogado na mesa. — Este fala das mães cujos seios arranquei, as cabeças de seus bebês enfiadas nos buracos.

Lembra-se disso?

— Não, eu...

BAM! — E este fala de como eu cortava cabeças de boiardos e as usava para cultivar repolho. Repolho! — gritou. — Eu nem gosto de repolho.

Ele estava de pé em frente a Ion, respirando forte. Então, inclinou-se sobre a mesa, usou-a como suporte para voltar para sua cadeira. Não se sentou, apenas se apoiou nas mãos fechadas antes de continuar, mais calmo: — Eu sei que fiz muitas coisas... questionáveis. Também sei que muitas coisas foram feitas em meu nome. Pois tudo que eu tive que fazer foi soltar a correia e deixar a fera correr livre.

— A fera?

— "Quem é igual à Fera? Quem pode lutar contra ela?" — Drácula se inclinou. — O Apocalipse. Eu o leio constantemente. Pois ele nos diz que, se o diabo corre livre, milhares o seguirão, o imitarão, até buscarão excedê-lo. O diabo... ou o filho do diabo. — Ele apontou. — E todos os que me amaldiçoaram com esses escritos para seus próprios fins sabem que isto também é verdade: quando a Cruz da Cruzada é levantada sobre as hostes, a fera vem e se abriga sob ela. E então todos fazem coisas que outros podem... questionar.

Ele riu asperamente.

— Portanto, eu me tornei uma história para divertir os gordos burgueses em suas ceias, e para aterrorizar as crianças

quando não querem dormir. — Ele levantou seu cálice, bebeu, colocou-o na mesa. — Tudo que fiz, todas as medidas que tomei pela Valáquia, contra ladrões e traidores e Infiéis, resultou nisso. — Ele bateu um dedo nos panfletos. — Eu, reduzido a um monstro sedento de sangue.

Finalmente, ele se sentou, olhou para a frente. Ion o observou, desconfortável agora. Este não era o homem do qual se lembrava. Nem mesmo o homem que ele odiava.

Drácula, com toda a sua miríade de pecados, tinha sido um homem que não justificava nada do que fazia e nunca culpava os outros que atuavam em seu nome. Quem era este... esta casca de cabelos brancos, zangando-se com o mundo que não o compreendia? Ele estava prestes a falar, a provocar, a testar se ainda havia algum âmago nesse homem, quando Drácula falou outra vez: — E agora você foi enviado para pedir o que meu primo, o Grande, e o Corvo já pediram e eu já recusei: que o monstro se solte de suas cadeias. Outra vez. — Ele pegou sua colher, começou a engolir a sopa ruidosamente. — Para quê? Para que possam escrever mais mentiras sobre mim e amedrontar as crianças? — Ergueu as sobrancelhas brancas para a sala. — Este é todo o reino de que preciso agora. Eu leio, penso, vejo meus filhos crescerem. Tenho cinco servos, dois cavalos e um belo açor, que providenciou nossa ceia desta noite. Tudo que eu quero, controlo. Lá fora... não posso controlar nada. — Ele olhou, feroz. — Então me diga. Por que eu renunciaria a isto? Pelo quê?

Ion tinha sido avisado. Por Stephen antes de partir; por Matthias quando chegou. O Empalador havia envelhecido e estava cansado de sangue. Ele olhou para a pilha de panfletos. Eles eram, na maioria, como Drácula tinha dito, exageros sensacionalistas. Mas eram baseados na verdade — a verdade de inúmeros pecados. E pecados, como os dois homens sabiam, podiam ser perdoados — se fossem reparados. Um pecado, especialmente.

Portanto Ion se inclinou e falou suavemente: — Eu lhe direi, Vlad Drácula, por que você fará isso. Você fará isso por Ilona.

Os olhos de Drácula, que haviam se arregalado com suas perguntas, suas justificativas, agora se estreitaram. Ele se sentou de volta.

— Ilona? — murmurou.

— Não me refiro... — Ion fez um gesto para a porta.

— Eu sei a quem você se refere — respondeu Drácula, rispidamente.

Um silêncio caiu entre eles enquanto os dois homens se olhavam, e recordavam. Terminou quando uma língua de serpente, perto demais da chama bruxuleante, se tostou e caiu de seu galho de metal.

Então Ion falou outra vez: — Você ainda se confessa?

— Meu confessor está aqui. Eu ainda o mantenho... por perto.
— Drácula estava olhando para a mesa. — Mas eu só falo. Não me confesso, não posso me confessar. Que penitência poderia fazer? Andar de pés descalços até Jerusalém? Não atravessaria um quilômetro antes de alguém enfiar uma faca em mim. Não, não há nada. Nenhum perdão para meus pecados. — Seus olhos encontraram os de Ion. — Aquele, ou qualquer outro.

Ion sacudiu a cabeça.

— Você está errado sobre penitências. Há uma, sempre houve.

Algo tremeluziu nos olhos verdes de Drácula, em sua voz.

— Que penitência?

— Cruzada.

— Ah — disse Drácula, caindo para trás. — Já tentei isso. Não funciona. Ir para a cruzada não é o bastante. Você deve vencer ou morrer. Eu falhei em ambos.

— Mas desta vez nós podemos vencer. — Ion estendeu a mão. — Moldávia e Hungria estão unidas como nunca antes.

Corvinus virá dessa vez. Mais do que isso, ele conduzirá. E a Valáquia florescerá outra vez, sob a bandeira do Dragão.

Vlad balançou a cabeça.

— Você se esquece de que ela já floresce. Pois meu irmão governa, e ele também é um filho do Dragão.

— Mas esta é a novidade que trago, príncipe. — Ele usou o título pela primeira vez, e deliberadamente. — Pois seu irmão já não governa mais. Seu irmão está morto.

Drácula piscou.

— Quem o matou?

— Deus. — Ion deu de ombros. — Perdeu a maior parte da terra que você governou. Para os boiardos, turcos, pretendentes. Tudo que lhe restara era Giurgiu, a fortaleza que você tomou com força e coragem. Ele ergueu a ponte levadiça, ficando a salvo de seus inimigos. — Ion engoliu. — Mas não de Deus. A doença que o visitara desde anos antes comeu sua carne, destruiu a beleza que uma vez atraía um sultão. Uma punição adequada para os pecados da carne que ele cometeu com Mehmet. No final, Radu, o Belo, não tinha nariz, nem orelhas, metade do queixo...

Drácula levantou a mão.

— Basta! Eu sei que você vê um pecador sendo punido. Mas tudo que eu vejo é um irmão, a quem amei, morto. De forma horrível. — Ele pôs sua meia mão sobre a boca, beijou o coto e murmurou: — Radu. — Então ergueu os olhos outra vez. — Então, quem governa agora em Targoviste?

— Outro primo seu, Basarab Laiota. Stephen o queria no trono para tirar seu irmão. Mas, agora que isso aconteceu, o fantoche se recusa a dançar para seu dono. Ele assinou um tratado com Mehmet. Ele lhe envia ouro, jovens...

Vlad inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto.

— E assim continua e continua, a Dança Macabra. Os mortos dão as mãos aos vivos e fazem piruetas sobre a tumba do Dragão. —

Ele olhou para baixo. — E você quer que eu me una a essa dança outra vez? Para ter a mesma sorte que toda a minha família? Dracul decapitado. Mircea enterrado vivo. Radu... apodrecido?

— Não, meu príncipe — retrucou Ion, menos hesitante na palavra. — Dessa vez, com essa aliança, podemos tomar e manter a terra do Dragão, expulsar o usurpador, terminar o que começamos. Tornar a Valáquia outra vez segura, outra vez forte.

— Nós, Ion? — Drácula jogou a cabeça para a frente, iluminada pelo candelabro. — Você, que me odeia mais do que qualquer outro, ficaria outra vez ao meu lado? Por quê?

Ion não conseguiu sustentar os olhos verdes fixados nele. Olhou para baixo, para as línguas da serpente e a sopa a esfriar, e falou baixo: — Eu o faria por minha terra, que merece mais do que ser governada por simplórios e tiranos. Eu o faria pela cruz de Jesus, levantada em triunfo sobre Seus inimigos. E eu o faria pela expiação de incontáveis pecados. Meus próprios... e seus, também. — Ele respirou fundo. — E, se Deus pode perdoar tantos, então talvez... talvez eu possa perdoar um.

— Perdoe-me por Ilona — Drácula disse claramente, alto.

— Sim — Ion respondeu, encontrando seu olhar outra vez. — Por Ilona.

Por um longo momento, os dois homens se encararam. Então Drácula recostou-se, pegou seu vinho, bebeu tudo, e por fim falou em voz baixa: — Bom. É muito o que você oferece. Mais do que qualquer príncipe já fez. Mas perdão? Não tenho certeza de que possa haver perdão para qualquer um de nós, Ion, deste lado do inferno. — Ele esfregou os olhos. — E vou lhe dizer isto: mesmo se eu quisesse, como poderia fazer o que me pede? Não sou o homem que fui. — Ele sacudiu seu cabelo para a frente até quase cobrir seu rosto. — Olhe para mim! Um velho deveria ficar contente em seu pequeno reino. Contento com o que pode controlar. — Suspirou. —

Temo que o Dragão tenha dormido tempo demais para agora se levantar.

— Você tem a minha idade, meu príncipe — protestou Ion —,
44. Ora, seu pai...

Vlad afastou o cabelo do rosto.

— Velho — interrompeu, pegando outra vez sua colher, tomando a sopa. — Cruzada é para os jovens.

Ion olhou para o homem a sua frente. Queria falar, insistir, usar um argumento final, incontestável. Mas se o homem não o faria por sua terra, por Deus, nem mesmo por Ilona...

Silêncio. Outra língua de serpente se crispou e caiu. E então o silêncio foi interrompido pelas batidas ruidosas de metal na madeira e gritos. Ainda em silêncio, ambos os homens se levantaram e pegaram suas espadas.

Quarenta e sete



Invasão

Eles desceram para o pátio, que estava iluminado com a luz das chamas, pois vários dos estranhos carregavam tochas — além do enorme homem que estava de pé no meio deles, cujas mãos estavam ocupadas apertando a garganta de Stoica.

Eles saíram das sombras para a varanda. Imediatamente, duas bestas se ergueram. Eles levantaram suas espadas à frente, em defesa.

— Paz — exclamou Drácula.

— Se você quer paz — gritou o homem enorme —, então abaixe suas armas agora. Agora!

Eles as deslizaram em cima da mesa do pátio, as empunhaduras viradas para fora.

— E agora — disse Drácula —, você soltará meu mordomo?

— Ahn? — O oficial (eles podiam ver a correia de oficial da cidade de Peste pendurada em seu peito) olhou para baixo como se tivesse esquecido o que suas mãos estavam fazendo. Mesmo assim, não soltou o homem que arfava. — Ele tentou impedir minha entrada. A mim! Depois, não queria responder minhas perguntas.

— Ele é mudo.

— Ah — grunhiu o oficial, largando Stoica como se ele tivesse alguma doença. O homem careca rolou para trás, caindo na mesa, segurando o próprio pescoço. — Bom, você não é. Você ordena seus homens a negarem a entrada aos homens do rei?

— Este é o meu reino — retrucou Drácula. — É costume negociar a admissão.

O homem sacudiu a cabeça para trás, rugindo uma gargalhada.

— Isto é um reino? Vocês, mercadores de Peste. Pensam que são todos príncipes. — Coçou sua barba densa. — Em uma semana aqui, vi mais vaidade que na maioria das cortes da Europa. E já vi muitas.

— De qualquer maneira...

— Silêncio, velho! — Ele era muito alto, com um tórax enorme, e fez Drácula parecer pequeno ao se inclinar, aproximando seu rosto. — Não estou aqui para "negociar" com você. — Ele se endireitou, olhou em volta para seus homens. — Encontrem-no!

— Você não deve...

— Eu disse silêncio! — O oficial levantou uma das mãos enluvadas, e a luz da chama reluziu seus botões de metal. — A menos que queira receber o mesmo que seu servo. — Ele se virou. — Procurem!

Ion olhou para seu antigo príncipe. Nunca tinha visto ninguém falar com ele desta maneira, nem boiardos, nem turcos, nem reis. Mesmo assim, Drácula nada fez, nada demonstrou, apenas olhou. Como havia feito durante a ceia, Ion procurou alguma chama em seus olhos; mas viu apenas um reflexo. E sua ausência confirmava o que ele havia começado a pensar — que cavalgara tanto, por quatro semanas, para nada.

— Quem você procura? — perguntou Drácula, enquanto os vigilantes se espalhavam pelas salas.

— Ahn? — O oficial se deixou cair em uma das cadeiras do pátio, colocou os pés cobertos com botas sobre a mesa. — Ah, um ladrão famoso. Estou lhe fazendo um favor, velho. Este vilão já roubou metade das casas de Peste. A lei local foi impotente. Foi por

isso que me chamaram. — Ele bateu no peito saliente. — Janos Varency. Captor de ladrões.

— Janos Horvathy? — perguntou Drácula, em voz baixa.

— Ahn? Não, Varency. Você é surdo? — O oficial tirou suas luvas, pressionou os dedos no nariz, inclinou-se para o lado e assoprou. Limpando os dedos na jaqueta, sorriu. — Você deve ter ouvido falar de mim. Sou o melhor que existe.

— Este ladrão — disse Drácula, olhando para baixo —, por que você acha que ele está aqui?

— Um rato da taberna nos avisou que ele ia roubar a casa aqui ao lado esta noite. Esperamos lá fora... Jesus, está frio o bastante para gelar as bolas de um Cristo de gesso, hein? Então o vimos. Mas ele nos viu também, pulou para seu telhado e... — Ele abriu os braços. — Aqui estamos nós.

O som de portas batendo e de portinhas e baús sendo abertos vinha de todo canto. Em algum lugar, um prato foi quebrado, seguido de gargalhadas.

— Minha esposa e meus filhos estão no andar de cima. Duvido que ainda estejam dormindo, mas tenho de ir tranquilizá-los.

Varency tirou as pernas da mesa.

— Você não vai a lugar algum. Eles serão trazidos até você.

— Não — veio a resposta baixa. — Eles não têm permissão para ver sangue derramado.

Ion, que estava olhando para baixo, pensando sobre seu fracasso, ergueu os olhos abruptamente. O mesmo fez o oficial.

— Não haverá sangue — disse Varency. — Bem, talvez um pouco. Mas a cidade quer esse desgraçado vivo, para que possam fervê-lo em óleo na praça da cidade no próximo domingo, como exemplo.

— Não é do sangue dele que estou falando — disse Drácula.

— Ahn? — A testa de Varency se enrugou. Então os gritos começaram, de triunfo, de desespero. Dois dos vigilantes vieram da cozinha, um terceiro homem sendo empurrado à frente deles.

— Pegamos! — Varency sorriu e se levantou, enquanto o ladrão era jogado a seus pés. Ele levantou o queixo dele com o bico de uma das botas. O ladrão usava um casaco acolchoado sujo, calças de lã grossa, botas esburacadas. Cabelo castanho gorduroso caía ao redor de seu rosto angular. Não era mais do que um menino.

— Este é ele? — O nariz de Varency se enrugou de desprezo ao examinar o que estava em sua bota, como se o tivessem trazido dos esgotos a céu aberto do lado de fora. — Esse verme?

Ele havia colocado de volta suas luvas de botões. Agora, curvou-se, agarrando a roupa do jovem soluçante, erguendo-o até os dedos de seus pés mal tocarem o chão, puxou uma das mãos para trás, armou um punho e o arremeteu no rosto do jovem. Os soluços cessaram enquanto o corpo se vergava.

Varency o soltou. Limpando o sangue e a pele no casaco, gritou: — Arrastem-no para fora pelos calcanhares.

Dois dos seus homens se aproximaram, cada um agarrando uma bota.

— Esperem!

Ninguém ouviu Drácula, além de Ion, que estava esperando escutar uma palavra, desejando uma palavra. Então ele a disse outra vez, mais alto, avançando para agarrar o ombro de um dos arqueiros prestes a sair.

O homem tentou se desvencilhar da mão, e ficou surpreso quando não conseguiu.

— Senhor? — disse.

O oficial, que já tinha dado alguns passos em direção à arcada, parou, como também pararam os homens que arrastavam o jovem. Ele olhou para trás.

— O que foi? — perguntou.

— Eu sei o seu nome, Janos Varency. Mas você não sabe o meu.

— Por que me importaria? Ah, e solte meu soldado — retrucou o oficial, virando-se, sua mão indo em direção ao punho da espada em seu quadril.

Ele obedeceu, soltando o homem, dando um passo em direção à mesa.

— Você deveria se importar — disse. — Pois meu nome é Drácula.

Os outros homens no pátio pararam, prenderam a respiração. Um deu um assovio. Varency gargalhou.

— O que, o Empalador?

— Este é um título pelo qual sou conhecido, sim. Mas outro é príncipe da Valáquia. — Olhou em volta. — Quando eu disse que este é meu reino, quis dizer exatamente isso. Este é um pedaço da Valáquia enquanto eu estiver sobre ele. — Apontou para o prisioneiro semiconsciente. — E ele buscou santuário aqui, em meu país. Portanto, depende do príncipe dizer se você pode levá-lo ou não.

— Se posso levá-lo? — Varency ecoou espantado. Depois gritou. — Você é tão estúpido quanto é surdo? Eu sou a lei em Peste.

— Acabei de lhe dizer. Aqui não é Peste. Aqui é a Valáquia. Eu sou o príncipe aqui. Portanto, sou também a lei.

O espanto tinha mudado para fúria.

— Bom, eu não me importaria se você fosse o maldito papa — disse Varency, dando um passo à frente. — Se você é Drácula, é também pouco mais do que um prisioneiro para o rei a que sirvo. Agora — continuou, enfiando um pé na costela do jovem, arrancando um gemido —, quando entregar este imundo para a prisão da cidade, ganharei uma sacola de prata em retorno. Uma sacola bem grande. E nenhum assim chamado "príncipe da Valáquia" vai me impedir, compreende? — Virando-se para seus

homens, gritou: — Levem-no para fora. — Ao dizer isso, desembainhou a espada.

— Agora, isso — disse Drácula, calmamente — é um ato de guerra.

— Ah, vá enfiar uma estaca na bunda, Empalador — disse Varency, a última coisa que diria em vida.

Ion duvidou do que tinha visto, pois Drácula se moveu rápido demais. Em segundos, sua espada estava na mesa, e então estava na mão dele, e Drácula pulou, pois Varency era um homem alto, girando ao mesmo tempo. E então a cabeça de Varency estava no chão, embora o corpo continuasse em pé por apenas um momento a mais antes de também cair.

Ion também pegou sua espada por precaução, mas nenhum dos outros homens tentou pegar a sua. Eles simplesmente começaram a caminhar de costas lentamente em direção à arcada. Então, como se por um sinal, todos de repente começaram a correr.

O ladrão ainda estava jogado no chão, consciente agora, olhos arregalados fixos nos olhos surpresos de Janos Varency. Olhou para cima enquanto Drácula se inclinava.

— Encontre outra cidade para roubar — ordenou, cutucando-o com a ponta de sua espada.

O jovem se levantou e desapareceu em um instante.

Vlad girou para olhar nos olhos ainda abertos da cabeça decepada. Esticou as costas e fez um sinal para Stoica, que ainda estava debaixo da mesa.

— Traga um balde. Com tampa — ordenou.

O mudo deixou os dois homens no silêncio até voltar. A um sinal do príncipe, ele levantou a cabeça pelos cabelos longos, jogou-a no balde e abaixou a tampa.

— Corvinus pode querer ver seu oficial — disse Drácula, embainhando sua espada —, e devemos vê-lo. Agora. Esta noite. — Virou-se para Ion, olhos brilhando dentro da moldura de seu cabelo

branco, e sorriu. — Pois parece que, depois de tudo, ainda sou o mesmo homem.



O Corvo em nada se parecia com seu apelido. Era alto, magro e bonito, e não atarracado ou escuro; seu cabelo era uma massa de cachos louros, e seu rosto estava marcado com antigas cicatrizes e novas manchas, que se sobressaíam agora em um rosto ruborizado tanto pelo calor de sua cama recentemente vaga quanto pela raiva.

Um servo trêmulo não estava conseguindo amarrar o cordão ao redor da cintura do roupão de Corvinus. Depois da terceira tentativa malsucedida, o rei da Hungria dispensou o servo com um gesto e amarrou ele mesmo o cordão, sem que seus olhos abandonassem os dois homens de pé a sua frente.

— Muito bem, primo — disse, com a voz dura. — Espero que tenha uma razão muito boa para me tirar da cama a esta hora da madrugada.

Ion examinou o rei. Já o encontrara várias vezes antes, em embaixadas. Mais recentemente, no dia anterior, quando chegara com mensagens da corte da Moldávia e os detalhes de sua missão. Corvinus era uma década mais jovem do que os dois homens, e parecia duas décadas mais novo. Não era só a pele de adolescente que lhe dava essa aparência. Ele era mais um estrategista que um guerreiro, sempre cuidadoso, e passara sua vida em palácios, raramente em acampamentos do exército, ao contrário de seu pai, Hunyadi, o Cavaleiro Branco, que tinha dormido muito pouco em camas de pena de ganso.

— Uma razão muito boa, majestade — disse Drácula, curvando-se. — Eu pensei que você deveria escutar duas notícias de

meus próprios lábios e não de outros.

— Notícias que não poderiam esperar até amanhã? —
Corvinus retrucou, testando.

— Sinto muito, mas... — Drácula balançou o ombro. —
Primeiro, você conhecia um oficial de nome Janos Varency?

— O captor de ladrões? Claro que o conheço. Eu o enviei... —
Ele se interrompeu. — O que você quer dizer com "conhecia"?

— Lamento informar, majestade, que Varency está morto.

— Realmente? E como ele morreu?

— Cometeu suicídio — disse Drácula, e tirou a tampa do
balde.

A cor deixou o rosto de Corvinus quando ele olhou. Forçou-
se a se controlar, conseguiu.

— Isso parece improvável — disse, entre dentes —, já que sua
cabeça foi cortada.

— Não, não. Suicídio, com certeza — disse Vlad. — Ele o
cometeu ao invadir a casa de um monarca. Eu meramente... o ajudei.

O Corvo ergueu seus olhos pálidos.

— Ajudar o suicídio é também pecado, príncipe — comentou.

— Pelo qual farei penitência... rei.

Os dois homens olharam um para o outro por um longo
momento. Ion observou o rosto de Corvinus. Observou-o enquanto
um sorriso veio, seguido por uma risada.

— Primo — o rei exclamou —, você continua incrível como
sempre.

— Fico satisfeito em agradar Vossa Majestade.

O sorriso desapareceu.

— Isso ainda teremos de ver. — Ele caminhou em torno do
balde, passou por entre os dois homens em direção a uma mesa. Ali,
encheu três cálices de vinho, virou-se, chamou-os. Fez um gesto para
que escolhessem um cálice, ergueu o que sobrara e então bebeu.

— O resto dessa história ouviremos com mais detalhes — começou, referindo-se à cabeça cortada. — Mas o que preciso saber é sobre o sucesso da missão desse homem. — Olhou para Ion. — Você vai se unir à Cruz ou não?

Drácula assentiu.

— Esta é a minha segunda notícia, majestade. Eclipsando a outra. Eu vou... me unir. Com algumas condições.

Corvinus abaixou seu cálice.

— Diga quais são.

— Eu luto em seu nome, e no meu próprio, sob as bandeiras da Hungria e do Dragão. Mas não serei comandado por ninguém, exceto Vossa Majestade. Nem por meu primo, Stephen da Moldávia.

— E já que eu, sem contar a parte de levantar um pouco a bandeira, estarei a maior parte do tempo aqui, você sabe que terá o comando no campo.

— E todas as minhas ordens serão obedecidas. Todas. Pois só conheço uma maneira de lutar: sem misericórdia. Misericórdia é para tempos de paz. Não tem lugar na guerra.

O rei, olhando para o balde ainda aberto, estremeceu.

— Você já está afiando estacas assim como espadas, Vlad Drácula?

Um leve sorriso. — Contaram a história errada ao senhor, Majestade. Estacas precisam ser rombudas. — O sorriso desapareceu. — Mas farei tudo o que for necessário para triunfar em nossa Cruzada. Só a vitória importa, e se ela for obtida, nada do que foi feito para consegui-la será lembrado. Nunca é. — Ele olhou para um homem de cada vez, depois estendeu o punho fechado, o esquerdo mutilado. — Estamos de acordo?

— Sim — disse Ion, dobrando sua mão sobre a de Drácula —, em nome de Stephen da Moldávia, juro que faremos tudo o que for necessário para triunfar, mesmo na morte.

Corvinus colocou a mão sobre a deles.

— E juro, sobre a Cruz Sagrada e em nome da cristandade, que você comandará as forças de que precisa para revindicar o trono de seu pai, matar o usurpador e jogar os Infiéis de volta para o outro lado do Danúbio. Você transformará de novo a Valáquia no baluarte que sempre deveria ter sido contra os turcos. — Ele colocou a outra mão por baixo, selando as outras três.

— Juro que farei todo o necessário, mesmo na morte.

— E eu juro o mesmo — disse Drácula, olhando para Ion —, pela redenção de todos os meus pecados.

— Então vá — disse Corvinus, levantando todas as mãos, segurando-as no alto por um momento antes de soltá-las —, leve meus exércitos, e ajude meus inimigos a se... suicidarem.

O rei retornou para sua cama. Vlad e Ion atravessaram o portão principal do palácio. O leste estava se iluminando e os dois homens olharam em sua direção, em meio à neblina que se levantava do rio que descongelava.

— Bem, meu príncipe — disse Ion. — Vamos soltar as correntes do inferno?

Drácula sacudiu a cabeça.

— Não, Ion. Vamos desenrolar a bandeira do meu pai. Vamos hastear a Cruz de Cristo. E veremos a besta vir e se curvar sob as duas.

Quarenta e oito



Dança Macabra

Bucareste, dezembro de 1476, 22 meses depois

Das ameias, Ion observou o último cavaleiro passar pelo portão. O húngaro levantou o braço, mas Ion não retirou o seu da quentura do manto de lã grossa para retornar a saudação. Estava frio demais, para começar. Depois, ele havia feito tudo o que podia para fazer com que esse homem e seus soldados permanecessem. Que os céus o amaldiçoassem se lhes desse adeus! Como se sentisse o descontentamento, Stephen Bathory, voivoda da Transilvânia, deu de ombros e voltou sua atenção para o cavalo, esporeando para se apressar e alcançar seus guarda-costas. O restante de seu exército havia partido no dia anterior para as passagens da montanha, que ainda estavam, quase milagrosamente, sem neve. Foi esse quase milagre que fez o húngaro decidir voltar a Buda e à corte de seu rei para a Festa do Nascimento do Salvador. Por que ele decidiu levar seu exército também não ficou claro. Talvez tenha decidido que o que era bom para Stephen Cel Mare, que havia partido para a Moldávia alguns dias antes com o dele, era bom também para ele.

— Você despertou cedo.

A voz veio de trás dele. Não precisou se virar.

— Como você, meu príncipe.

— Eu? — O homem chegou ao lado dele. — Eu não dormi.

Ion agora se virou, viu que Drácula ainda estava vestido como na noite anterior, no banquete de despedida, suas roupas forradas de couro tão pretas quanto o cabelo.

Foi o seu primeiro ato na cruzada, tingi-lo, junto com as sobancelhas e, como o bigode não pegava a cor, ele o raspou. Seu filho imediatamente o imitou, raspando o dele.

A tintura não foi por vaidade. O príncipe não tinha nenhuma. No entanto, já não era apenas um homem, era um líder que precisava inspirar outros, um que sabia que os soldados seguiam os grisalhos relutantemente.

Ion observou-o. Não dormir deixava-o entorpecido, fazia-o sentir-se velho, fazia pulsar cada osso consertado e cada ferida antiga. No entanto, Drácula parecia estar ficando mais jovem a cada dia. A tintura era o sinal menos óbvio. A pele inchada, os olhos fundos e a palidez cinzenta tinham desaparecido, desprendendo-se como a pele de um lagarto. A guerra fazia isso com os que se sobressaíam. E desde que a bandeira do Dragão e a Cruz Sagrada tinham sido desfraldadas em Buda, um ano e meio antes, tudo tinha sido guerra, os cruzados varrendo a Bósnia, abatendo os turcos onde quer que fossem encontrados, com Drácula sempre na vanguarda. Ion tinha tentado alertá-lo, até mesmo puni-lo, dizendo que era vaidade se expor tão frequentemente à espada dos Infiéis, que a missão de um comandante era mais liderar do que lutar. Ele o disse pela primeira vez em Srebrenica, quando seu príncipe tinha parado à sua frente, amarrando o cabelo em um turbante, uma vez mais trajando uma armadura turca, preparando-se para se infiltrar na cidade e surpreender sua guarnição. Drácula pegou seu arco, o mesmo arco turco que só ele conseguia atirar, e sorriu. "Estou nas mãos de Deus, Ion. Meu kismet, como sempre, já está escrito." — Eu estive caçando — disse Drácula agora, aproximando-se para se encostar na ameia. — Sabe aquele açor doente que encontramos em

Kuslat? Recuperou-se e faz seus voos matutinos. Faz isso melhor quando só há um pouco de luz no céu.

Ion se virou, tremendo ligeiramente. O açor não foi a única coisa que haviam tirado de Kuslat, em Zwornik, em Srebrenica, e outra dúzia de cidades e campos de batalha desde então. Eles tiraram vidas, aos milhares — turcos, búlgaros, valaquianos traidores. A passagem da Cruz era marcada, como de costume, com sangue e estacas. Chegando até aqui, em Bucarest, uma cidade que agora Vlad preferia a Targoviste. Ele dizia que era porque estava mais perto do Danúbio e facilitava a entrega de notícias do inimigo. Mas Ion acreditava que era porque era um lugar novo e carregava menos memórias.

O portão da fortaleza, que mal havia sido fechado, estava se abrindo outra vez. Por um momento de esperança, Ion olhou para ver o húngaro, Bathory, voltando, reconhecendo o perigo atual, concordando em passar o inverno na Valáquia. Mas foi uma esperança falsa. O portão deixou passar o outro Drácula. Ele cambaleou, ele e três companheiros dando risadinhas e tropeçando.

— Meu filho ainda está celebrando nossa vitória sobre os turcos, estou vendo.

Ion resmungou: — Nós nunca celebramos o triunfo da Cruz com prostitutas.

Vlad sorriu.

— Você está ficando velho, meu amigo.

— Bom. Nós não fizemos isso, fizemos? — disse Ion, a boca amarga com as palavras e o vinho velho.

— Eu não precisava disso. Tinha o meu amor... — Ele se interrompeu. — Quem você teve, Ion? Tive o seu amor, também, pensou Ion, mas não disse, seu estômago agitando-se imediatamente.

Eles observaram o jovem Drácula cambalear pelo pátio. Subitamente consciente de estar sendo observado, ele parou, ergueu

os olhos, fez uma medida exagerada, riu, seguiu aos tropeços. Ele havia lutado bem, dentro de suas limitações. Não era o pai e amava demais suas indulgências — mas agora tinha cicatrizes que não haviam sido infligidas pelo Drácula mais velho. Ele havia envelhecido enquanto seu pai parecia rejuvenescer. Era quase como se tivessem se encontrado no meio do caminho.

Os dois não observavam sozinhos. Ela havia sido mencionada e, nas raras vezes em que o era, ela sempre ficava entre eles, trazendo de volta a lembrança de amor e do ódio de Ion. Quando estavam às voltas com as coisas que sempre fizeram juntos — caçar, lutar, governar —, era como se nada tivesse mudado entre os dois, desde os dias do enderun kolej, desde antes. E então ela aparecia, em uma palavra, na sombra de um olho, e trazia consigo o ódio com força total, nem um pouco mais fraco.

Como o dedo que Radu uma vez tirara de Vlad, a ferida não estancava. No entanto, mesmo aquele corte tão cruel tinha, por fim, cicatrizado. A ferida de Ion, não.

Era como se Drácula sentisse uma brasa dentro, sentisse a presença dela assim como Ion. E aqui, agora, pela primeira vez, ele escolheu falar sobre isso.

— Ilona — começou, limpando a garganta. — Tem uma coisa que você precisa saber.

— Não... — disse Ion, com um olhar raivoso. — Eu lhe avisei. Não tente se justificar, explicar, nem...

Ele não continuou. O portão o interrompeu, batendo ao se abrir pela terceira vez. Dessa vez, um único cavaleiro estava ali. Enquanto observavam, ele desceu do cavalo, apoiando-se contra ele por um momento, exausto.

— Ele cavalgou bastante — disse Ion, falando por cima do que havia bloqueado sua garganta. — Deve trazer notícias urgentes do usurpador.

Desceram para o saguão principal, para ouvir notícias que não eram novidades. O mensageiro informou o que seus espiões já haviam visto e escutado. Basarab Laiotas estava expedindo convocações para que os boiardos descontentes da Valáquia se unissem a ele; seus aliados turcos estavam reunindo tropas no Danúbio para apoiá-lo.

— Está vendo?

— Isso não significa que ele o atravessará, Ion. Ele ameaça para nos manter em vigília, perturbados, como eu faria.

— Seja como for, não deveríamos ter permitido que os húngaros e os moldavianos partissem. — Ion batucou na mesa, impaciente. — Se ele vier mesmo...

— Então cuidaremos dele. — Drácula partiu um pedaço de pão e mergulhou-o no vinho quente à sua frente. — E como poderíamos manter nossos aliados com a força desses rumores? Eles queriam celebrar a Festa do Nascimento de Cristo com suas famílias. Você também deveria fazer o mesmo. Volte para Suceava e suas cinco filhas.

— E você? Você não vai voltar para Peste.

— Você sabe que não posso.

— E não vai mandar buscar sua família para se reunir com você aqui.

— Não. Mas...

Ion atirou-se outra vez na cadeira.

— Então também não vou a lugar algum.

— Você sabe que esta não é a estação das lutas. Os exércitos raramente atacam no inverno.

Ion riu com escárnio.

— Como não fizemos em Giurgiu? Como você não fez ano passado, na Bósnia?

— Bem... — Vlad deu de ombros. — Estamos nas mãos de Deus, como sempre.

— Sim. Mas não é por isso que devemos ficar sentados sobre as nossas. — Ion levantou-se. — Como seu logofat, tenho muita coisa para organizar. O primeiro é mandar mensagens a todos os boiardos que juraram lealdade a você ordenando que provem isso enviando homens e dinheiro, agora.

Vlad cuspiu a crosta que estava mastigando.

— Eu também tenho cartas a escrever. Os saxões de Brasov e Sibiu ainda estão segurando o ouro que prometeram para a Cruzada. — Ele esfregou as mãos. — E depois vou cuidar da minha açor. Ela está com piolhos e Stoica acabou de achar uma reserva de mercúrio para eu esfregar nela.

Ion sacudiu a cabeça.

— Este é um momento para falcões, voivoda? Vlad sorriu.

— Sempre é tempo para falcões, logofat. A esta altura, ainda não entendeu isso? Mais notícias vieram uma semana depois. Notícias que eram novidades.

Ion o encontrou, como sempre, nas cavaliças dentro dos estábulos, a açor em seu punho. Quando Ion irrompeu, ela forçou até os limites de suas tiras, esvoaçou de cabeça para baixo, asas abertas, gritando.

— Calma, minha joia! Minha amada, calma — sussurrou Drácula.

— Meu príncipe! A mão aleijada, sem luva, acenou para Ion parar.

— Paz — Drácula disse, usando o mesmo tom que usara para acalmar a ave. — E espere! Ion parou, abrindo e fechando as mãos. Olhou para trás do príncipe... e sobressaltou-se ao ver o Negro Ilie e Stoica ali na escuridão, as sombras constantes de Drácula.

O homem grande assentiu, o menor apenas olhou para ele. Os últimos dos vitesji, nenhum dos dois tinha recebido bem Ion, o traidor, de volta ao lado do príncipe.

Ion não se importava. Nenhum deles tinha a mesma causa.

O pássaro foi tranquilizado com palavras suaves e carne crua. Logo, ela estava acomodada, curvando-se para a refeição e para o dedo que se ergueu para coçar entre seus olhos.

— Em voz baixa, agora — disse Drácula.

Ion compreendeu que as palavras se dirigiam a ele.

— Eles atravessaram... — explodiu ele.

— Em voz baixa! Ion fechou os olhos, respirou fundo, abriu os punhos. Quando falou, estava mais calmo.

— Basarab Laiota atravessou o Danúbio.

— Com quantos homens?

— Os informes variam. Pelo menos 3 mil.

— Não são muitos. E o boiardo que mandei espiar e atrasar o inimigo? Gherghina, que me prestou tantos juramentos de lealdade em minha coroação?

— Passou para o lado do usurpador.

— Entendo. Não, calma, minha linda, calma! — Ele não ergueu os olhos. — E os outros boiardos que você convocou para vir nos encontrar aqui, para a Festa do Nascimento do Salvador?

— Recebi muitas garantias de partidas. Não soube de nenhum que efetivamente tenha partido.

— Verdade? — Um pequeno sorriso apareceu. — Alguém poderia pensar que tenho fama de receber mal.

Ion se ruborizou.

— Você está aceitando tudo isso com muita calma, meu príncipe.

— O que você queria que eu fizesse?

— O que precisa fazer. — Ion puxou um banco, sentou, inclinou-se.

— Ordenei que as tropas viessem para cá, assim como estão, para nos reunirmos. Estaremos prontos para marchar em uma hora.

— Para onde? Ion franziu a testa.

— Para onde? Para Targoviste, claro. Se pelo menos alguns dos boiar-dos de lá se unirem a nós, e o usurpador não receber reforços, poderemos defender a corte principesca até os húngaros poderem ser chamados de volta. Se não conseguirmos mais apoio (e temo que não consigamos), podemos nos retirar para mais além, para Poenari.

Uma vez você disse que poderia resistir ali com cinquenta homens. Acho que ainda temos quinhentos, portanto...

— Quinhentos? — Drácula tirou os olhos do pássaro, finalmente. — E Laiota está trazendo 3 mil? Isto é um para seis. Boas chances. Chances valaquianas. Éramos um para vinte quando partimos da floresta de Vasia e atacamos o acampamento de Mehmet.

Um tremor tomou Ion.

— Meu príncipe... nós perdemos aquele dia.

— Por pouco.

— O pouco que você perdeu foi um dedo — disse Ion, alto, brutalmente —, que ainda está perdido.

Na sombra, o Negro Ilie se mexeu, avançou um passo. Drácula o acalmou com a mão levantada.

— E daí? — Sua voz não se elevou. — Foi uma chance que tivemos, e falhamos. Outra chance e poderia haver outro resultado. — Ele fez um gesto com a mão para evitar interrupção. — Não, Ion. Não rastejarei outra vez pela mesma antiga, terrível rota. Targoviste a Poenari a Peste. Um fugitivo, logo um exilado, e então, mais uma vez, o parente pobre de um rei; um monstro para assustar os convidados em um banquete... até aprenderem a rir de mim. Não.

— Ele olhou para além da ave. — Você sabe, alguém uma vez me perguntou, em situação semelhante, se eu seria um leão ou um asno. Bom, ser um leão o tempo todo é cansativo. — Ele balançou a cabeça. — Tentei durante toda a minha vida me libertar dos cordões com os quais um voivoda valaquiano é amarrado; tentei não dançar

ao toque de um sultão ou de um rei, mas apenas do meu kismet, como ditado pela vontade de Deus e minhas próprias ações. Mas estou cansado de tomar o trono e perdê-lo, tomá-lo e perdê-lo, tomá-lo... — Ele parou. — Ao mesmo tempo, este círculo tem de ser rompido. Portanto, irei e darei uma olhada em Basarab Laiota e seus 3 mil turcos. E o matarei, se puder.

A voz de Ion era tão baixa quanto a do príncipe: — E se ele matar você? — Então estarei morto. E meu sofrimento, terminado. — Drácula estalou sua língua para acalmar a ave, cujas penas haviam se arrepiado com o som. Ele afrouxou as tiras de couro de seus dedos, rapidamente amarrou-as outra vez no poleiro, pegou um pedaço de carne crua, ergueu-a até o bico do falcão. — Mas não vamos falar da minha morte e sim da dele. Convocaremos outra vez Bathory e Moldávia. Insistiremos para que os boiardos venham para nosso lado... e se a Cruz não os atrair, quem sabe as estacas, hein? — Ele sorriu. — Acredite-me, não busco a morte de um asno, apenas um final para esta... Dança Macabra. Você o buscará comigo? Um pouco mais de tempo, pelo menos? — Eu tenho escolha? Drácula, que havia virado e acenado para Stoica se aproximar, voltou-se, algo diferente no olhar.

— Escolha? — disse, entregando o pássaro. Ergueu os olhos. — Você se lembra daquele tempo em Erdine, quando ofereci a Ilona uma escolha?

O nome o queimou. A fúria, como sempre, foi instantânea. — Que escolha ela jamais teve? — gritou.

— A mesma que todos nós temos, Ion — retrucou Drácula. — Ficar ou partir. A mesma que você tem agora. — Os olhos verdes escureceram.

— Que você uma vez escolheu, lembra? O nome dela, seu destino, a lembrança de sua traição que Drácula agora trazia de volta. O motivo da traição para sempre entre eles.

Alguma coisa deslocou-se nele, agitando sua bÍlis e seu sangue, e ele avançou, agarrou o outro homem pelo colarinho do casaco, puxou-o para perto. Às costas de Drácula, o Negro Ilie deu um passo à frente, praguejando, mas o príncipe parou-o, erguendo a mão.

— Pare! — disse, depois olhou direto para os olhos de Ion. — O que é? — disse baixinho. — O que é que você quer me dizer que sempre quis dizer?

Por um momento, Ion não conseguiu falar. Depois foi em frente: — Jurei a você uma vez que mataria o homem que a ferisse. Foi mais um dos juramentos que quebrei. Mas eu lhe digo agora, Vlad... — Ele tossiu, recobrou a voz. — Nunca... nunca fale sobre ela comigo outra vez, seu... maldito... filho de meretriz — sussurrou. — Nunca fale dela, nem tente dizer que sempre a amou. Pois se o fizer, eu o deixarei outra vez. Dessa vez, para sempre! — Aproximou ainda mais seu rosto, até que os narizes se tocassem. — Mas antes de ir, verei você morrer!

Ele empurrou Drácula, que cambaleou para trás, na direção de Ilie, que avançou para aparar sua queda. Os dois bateram no poleiro e o pássaro ali cambaleou e começou a gritar, abrindo completamente as asas.

Ion se virou e correu do estábulo, batendo a porta. Mas isso não cortou o grito do falcão, nem bloqueou o olhar verde que perfurava suas costas.

Quarenta e nove



A última estaca

Ion cambaleou colina acima, cego pela neve. A tempestade, com ventos que o lançavam ora de um lado, ora de outro, havia confundido seus sentidos. Seu cavalo tinha se recusado a continuar; ele teve que apear e conduzi-lo, uma das mãos puxando a rédea, a outra adejando à frente, tateando com a mão gelada os troncos lisos das faias, cujos galhos sem folhas não ofereciam nenhum abrigo ao violento ataque branco. A visão era inútil; havia tempos ele já envolvera completamente seu rosto na estola, do elmo para baixo. Sua única esperança era que as árvores ainda delineassem o caminho por onde Drácula o trouxera em uma manhã clara, ensolarada e sem neve, cinco dias antes, para espiar o inimigo acampado na colina oposta.

O exército de Laiota estava ali havia uma semana, obviamente esperando reforços antes de fazer a arrancada final para Bucarest. Ion havia sido despachado em uma última tentativa de convocar seus próprios reforços. Tinha fracassado. Tudo que trazia de volta era seu próprio ser congelado.

E então seu único outro sentido que ainda funcionava o alertou de perigo. O estalar de um graveto e o resfolegar repentino de seu cavalo o fizeram desembainhar a espada. Ele havia estado fora por três dias e o inimigo bem podia ter se apoderado também

desta colina. Se descobrissem que ele estava ali, Drácula não tinha homens suficientes para detê-los.

Ele puxou a estola, olhou através da brancura.

— Amigo? — chamou, mas o vento esfrangalhou a palavra em voz baixa. Encolhendo-se para colocar suas costas contra um tronco, ele tentou falar mais alto. — Amigo de quem? — veio a resposta em uma voz profunda e ele se sobressaltou, pensando no que dizer. Quando partira, os céus estavam claros, o ar cálido para dezembro. Eles não haviam pensado em combinar palavras de reconhecimento para os cegos. Ion se agachou, sua espada erguida em guarda sobre sua cabeça.

— Amigo do Dragão? — respondeu, estremecendo contra um golpe do vento.

— Logofat? — Ele reconheceu a voz, um moldaviano chamado Roman, um dos duzentos que Stephen Cel Mare se dignou a deixar.

— Sim. Sou eu — disse Ion, levantando-se. — O voivoda ainda está aqui?

— Eu o levarei até ele. Dê-me sua mão.

Ele guardou a espada, estendeu a mão e apertou a do outro. Com uma das mãos esticada atrás de si, ainda puxando seu cavalo, ele foi conduzido por entre as árvores, subindo a colina. Sua vista clareou um pouco e ele percebeu que aqui, mais alto, havia pinheiros entre as faias e eles bloqueavam um pouco da neve. Então o chão se aplanou de repente e ele caiu de joelhos, perdendo a mão que o orientava. Erguendo os olhos, viu o bruxulear de um fogo.

— Vamos, logofat — disse a voz. — Drácula está lá dentro.

Era uma caverna, uma das grandes, Ion pôde ver imediatamente, pois pelo menos meia dúzia de covas com fogueiras estalavam e suas chamas refletiam paredes a no mínimo vinte passos de distância. Ele não podia ver o teto, apenas colunas de fumaça espiralando para algumas fissuras naturais ou buracos. Uma dúzia

de passos para dentro da caverna e seu rosto começou a esquentar, a neve em suas sobrancelhas derretendo. Ele compreendeu, enquanto seguia Roman mais para dentro, que não eram apenas as fogueiras que provocavam o calor. Tinha que olhar onde colocava os pés, tal era o ajuntamento de homens deitados de ambos os lados. Ele sabia que o exército valaquiiano consistia de não mais de quinhentos soldados. A maioria devia estar empilhada naquela caverna. E mais à frente, em um degrau erguido como um estrado sobre o chão da caverna, diante de seu próprio fogo, Drácula estava agachado.

Ele se levantou.

— Bem-vindo — disse, depois levantou a mão quando Ion quis falar.

— Sem palavras ainda. Sente-se, coma, beba. Aqueça-se.

Agradecido, Ion afundou-se. Stoica chegou com duas tigelas, mergulhando uma em cada um dos pequenos caldeirões pendurados em treliças de metal. Estendeu a primeira e Ion engoliu vinho quente, engasgou, engoliu mais. A segunda tigela continha algum tipo de cozido de caça, e Ion a engoliu com um suspiro.

— Meu príncipe... — começou ele, mas Drácula ergueu a mão, parando as palavras.

— Coma. Beba. Aqueça-se — repetiu.

Gradualmente, o resto de seu corpo degelou e ele foi capaz de usar os dedos, que funcionaram outra vez para desabotoar a capa, tirar o elmo, colocar ambos a seu lado no chão. Quando suas tigelas ficaram vazias, Drácula lhe fez sinal de silêncio com um dedo, depois se ergueu, acenando-lhe que o seguisse. Eles se retiraram para mais além do círculo de fogueiras e se agacharam sob as paredes inclinadas no canto extremo da caverna. Uma corrente de ar entrava ali por uma das fissuras escondidas e Ion começou a tremer outra vez.

Ele falou simples e rapidamente. Drácula balançou a cabeça.

— Então nenhum dos meus boiardos virá. — Não era uma pergunta.

— Eles mandam mensagens que virão, príncipe. Fazem até grande alarde de reunir as tropas, dizem. Mas nenhum tinha saído de seus salões quando deixei Bucarest.

— Ion suspirou. — E, com essa tempestade traiçoeira, nossos mensageiros talvez nem tenham alcançado os húngaros, nem tampouco chegado à corte de Suceava.

— A tempestade está passando com o chegar da noite — disse Drácula. — Você não sente o cheiro? — Ele ergueu o nariz, fungou. — E estamos sozinhos, como sempre.

— Olhou para a caverna. — Bom.

Ion seguiu o olhar.

— Você não pensa em lutar?

Uma gargalhada baixa soou.

— Nunca penso em outra coisa.

Ion virou.

— Mas se eles conseguirem reforços...

— Já conseguiram. Mais 2 mil turcos cruzaram o Danúbio dois dias atrás. Nós pegamos alguns, matamos alguns. A maioria conseguiu chegar aqui, ao encontro marcado. Eles partirão hoje, para Bucarest.

— E nós? — disse Ion, debilmente, já sabendo.

— Nós vamos detê-los.

Era provavelmente inútil, mas ele tinha que tentar: — Príncipe, eles têm 5 mil homens agora. Nós temos quinhentos...

— O que você quer dizer?

— O Negro Ilie partiu.

— Morreu?

— Desertou.

— Ilie? — Ion parou. O gigante da Transilvânia foi o primeiro dos vitesji, ele e Stoica. E o último. Era ele quem carregava o

estandarte, passou por tudo, pelo pior de tudo. Ion olhou para Drácula.

— O que você fez com ele?

— Eu lhe dei uma escolha. Ficar e morrer. Voltar para sua esposa em Peste e viver. Ele escolheu a vida.

Ion voltou os olhos para a fogueira, para o pequeno homem silencioso.

— E Stoica?

— Stoica não tem para onde ir. Mas você tem. — Drácula se inclinou. — Você deveria fazer o mesmo.

Antes que Ion pudesse responder, Drácula levantou.

— Veja quem está vindo.

Era o Drácula mais jovem que se apressava em direção a eles, seu casaco e seu elmo cobertos de neve derretendo.

— Você pediu para ser informado.

— Sim? — O inimigo começou a levantar acampamento. E a tempestade está passando. — Ele limpou a neve suja da testa e sorriu. — Vamos atacar, pai? — Vamos dar uma olhada neles. Diga a meus capitães para levantar os homens.

Uma saudação, e ele saiu, gritando alto, excitado.

— Ele é louco — disse Ion.

— Claro — disse Drácula, afastando-se. — Está no sangue.

Eles ficaram do lado de dentro da orla da floresta, sombras dentro de sombras. O céu do amanhecer curvava-se, cinzento, pesado de neve para cair, a neve que cobriu como um manto cada arbusto e tronco de árvore na descida até o vale. Ali, o inimigo estava se reunindo para a marcha: akincis, os destruidores tártaros, embrulhados em pele de camelo, as cabeças gigantescas de tanta lã; sipahis, de armaduras e grossos casacos acolchoados sobre o metal e a cota. Mesmo assim, a maioria dos homens que se reunira na estrada para Bucareste escondida pela neve não era turca. Búlgaros, sérvios, montenegrinos, croatas — e valaquianos, vestidos como os

valaquianos que os observavam, com lã, couro e algodão enfiado em qualquer brecha que pudesse deixar passar o vento que vinha desde o distante Danúbio congelado.

Ion olhou para seus próprios homens e de repente se lembrou de outra linha de árvores, em um tempo muito diferente, homens que teriam cavalgado nus para aliviar o terrível calor se não fosse pelas espadas que enfrentariam. Mas, naquele dia, na floresta de Vlasia, justo antes de invadirem o acampamento de Mehmet, ele não conseguira ver o final das fileiras de cruzados, só sabia que quatro mil homens esperavam o comando. Aqui, ele podia ver claramente o final da única fileira, mesmo nessa luz precária do amanhecer. Meros quinhentos homens esperavam. Menos, como já fora ressaltado; ainda menos agora, pois podia ver alguns bem no final deslizarem para trás, escutava o estalo abafado de gravetos sob a neve enquanto alguns homens fugiam por entre as árvores.

Ele olhou outra vez, impaciente, para os dois homens a seu lado, os Draculesti, pai e filho, com suas armaduras negras combinando. Mas enquanto o mais jovem estava tremendo muito e resmungando blasfêmias, o mais velho estava imóvel, em silêncio. Um pingente de gelo começara a se formar na ponta de seu comprido nariz.

É o momento, pensou Ion. É o momento de seguir o exemplo dos homens mais sábios distantes do centro e se retirar em silêncio pela floresta.

— Meu príncipe? Drácula agitou-se, os olhos focando. Ergueu a mão para limpar o pingente de gelo.

— Está na hora? — murmurou, ainda olhando para baixo.

— Sim. Se girarmos à frente deles, podemos tomar primeiro a estrada para a cidade. Reunir a guarnição, marchar...

Ele parou. Havia algo naquele rosto de brancura óssea, naqueles olhos verdes, que o fez parar. Então Drácula falou: — Não é hora para a retirada, Ion — disse, baixo. — É hora de atacar.

— Não, meu príncipe. — Fez um gesto para a colina oposta.
— Eles são muitos.

— Lá em cima, sim. Mas aqui embaixo... — Ele se inclinou levemente para a frente. — Infiéis para matar. — Virou-se para seu filho. — Sussurre a ordem: primeiro as flechas, daqui. Depois as espadas.

— Espere! — Ion avançou, segurando o braço do jovem. Ele olhou para o mais velho. — Não faça isso agora. Mais alguns mortos, não fará diferença. — Os olhos não mudaram. — Príncipe, pense em seu país, outra vez sob o usurpador. Pense em sua família...

— Eu penso — A voz de Drácula era gelo. — Penso no meu pai, decapitado por traidores. Penso em um irmão, seus olhos arrancados, enterrado vivo. Em outro irmão, o rosto carcomido por uma doença passada a ele por um sultão. — Apontou. — Ali embaixo, posso vingar tudo isso, repetidamente. Ali embaixo, turcos e traidores morrerão.

— Ele estendeu a mão, tirou a mão de Ion do ombro de seu filho e repetiu: — Dê a ordem. Flechas, depois espadas.

O Drácula mais jovem saiu, murmurando. O primeiro homem assentiu, dirigiu-se para o outro lado, fez o mesmo. Os homens começaram a tirar os arcos de suas capas de couro.

Ion balançou a cabeça.

— Por que fazer isso?

— Porque é um tempo de escolha, Ion. Para todos nós. — Drácula inclinou-se. — Eu escolhi. E você? Você vem conosco?

Ion engoliu em seco. — Para nossas mortes?

— Marchamos em direção a ela todos os dias. Talvez a sua esteja lá embaixo. Talvez a minha. Ambas. — Seus olhos verdes moveram-se entre os de Ion, procurando. — Portanto, escolha.

— Eu... — Ion fez uma pausa. E na pausa, o mundo mudou.

— Tarde demais. — Drácula recostou-se, desviou os olhos. — Eu escolho para você. Estou dispensando-o de meu serviço. Volte

para sua esposa, suas filhas. Morra em sua cama.

— N... não — gaguejou Ion. — Eu vou...

— Você não entende? — Drácula voltou-se, a certeza agora em seus olhos; fúria, também. — Não quero você aqui. Por que eu deixaria um traidor confesso cavalgar ao meu lado?

Ion arfou. — Isso foi...

— Por causa de Ilona. O nome que não devo falar. Você me deixou por causa de seu amor por Ilona. — Sua voz era de zombaria. — E vou lhe contar agora sobre Ilona, o que você se recusou a ouvir. Como...

— Não faça...

— ...como eu a matei...

— Eu... sei...

— Não, você ouviu dizer. Você entreviu o resultado, antes de correr aos soluços para meus inimigos. Mas como eu o fiz... — Ele deu uma gargalhada. — Enfiei a ponta da minha adaga em um de seus seios primorosos. No direito, na verdade. E então eu...

— Pare! — Ion tentou se virar, sua voz se elevando, mas Drácula aproximou-se mais, um braço enroscando-se no peito de Ion, uma mão cobrindo sua boca. Ion poderia ter resistido, poderia talvez ter conseguido se soltar. Mas os olhos o prenderam, os olhos verdes, que reluziam agora, aquela voz, chegando como um sussurro.

— Rasguei de lado a lado, peito a peito, depois coloquei a ponta em seu queixo, rasguei até embaixo, embaixo...

— Pare — implorou Ion debaixo da mão.

Mas a garra e a voz e os olhos eram implacáveis.

— E quando terminei, eu ri. Porque não era diferente de quando fazíamos amor. Eu gostava de machucá-la. Ela gostava de ser machucada. Ser machucada por mim.

O gemido veio, negando. Mesmo assim, não conseguia se libertar.

— É verdade. Nós sempre não falamos de escolhas? Bem, essa foi a dela. Ficar comigo, ser machucada por mim, quando podia ter se casado com você, ser amada por você. Ela me escolheu, escolheu a dor. Como eu ria ao machucá-la! Uma e outra vez, e principalmente quando enfim atingi o lugar da traição, de onde meus bastardos deslizaram para fora, malformados...

— Não!

Ion então soltou as amarras da mão, olhos e voz. Mas o príncipe estendeu a mão e o ergueu facilmente, jogou-o no chão, depois se curvou até seus narizes se tocarem.

O sussurro terrível veio outra vez: — Acabou, Ion Tremblac. Todo o amor, toda a lealdade, toda a verdade. Só existe a morte. A de Ilona, a dos Infiéis. A minha. Sigo para ela. Abraço-a como uma vez abracei minha amante. Morrerei agora, se Deus assim o quiser.

— Deus? — Ion silvou. — Ele não terá nada para fazer com você. Você, entre todos os homens, queimará no inferno para sempre.

— Bem. — Os olhos verdes não vacilaram. — Então eu esperarei por você nas chamas.

Drácula avançou, erguendo Ion, jogando-o em direção a seu cavalo, virando-se. Amaldiçoando, soluçando, Ion procurou sua espada embaixo das mantas, desfez a cordas, desembainhou-a, deu um passo para trás. Mas teve que parar para limpar as lágrimas dos olhos e, quando eles ficaram claros, viu que Drácula já tinha montado, e estava esporeando seu cavalo para além da fileira de árvores.

A espada escorregou de sua mão. Ele só conseguiu cambalear para a frente, amparar-se em uma árvore, observar os homens da Valáquia marchando em silêncio para se unir ao voivoda na ladeira. Olhou para o vale abaixo, viu um turco olhar para cima, olhar para baixo outra vez, olhar para cima de novo, gritar.

— Bei Kaziklu!

Então o Empalador ergueu seu arco, um dos quase quinhentos que se ergueram.

— Atirem! — gritou e o soltou, um instante antes dos outros. Encontrando seu alvo, o primeiro turco a reconhecê-lo, o homem caiu, tentando arrancar a flecha do olho. Então o céu cinzento escureceu ainda mais com setas e penas, os arcos puxados e soltos até as aljavas esvaziarem, e homens e cavalos gemeram como um só sobre o chão do vale.

— Espadas! — Drácula gritou, abaixando seu visor sobre o rosto, enquanto seu filho fazia o mesmo ao seu lado. Mas ele mesmo não desembainhou a sua, apenas inclinou-se para um lado e agarrou uma lança de javali que estava com a base enterrada na neve. O pano estava dobrado ao redor de seu comprimento, mas com cinco grandes floreios com as duas mãos, ele o desenrolou, o vento vindo do Danúbio o estendeu, e o Dragão voou mais uma vez.

— Drácula! — gritou, ecoado por seus homens. Então, esporeou seu cavalo colina abaixo.

A maioria dos que estavam no vale, os que viviam, estava tentando escapar em direção ao acampamento no alto da colina. Mas os homens estavam saindo de lá também, e muitos fugitivos escapavam da morte só para encontrá-la sob os cascos dos camaradas. O inimigo estava pronto. E, embora eles descessem em esquadrões separados, Ion podia ver que eram milhares.

Ainda assim, os valaquianos tinham a vantagem do impulso, do choque, do terror. Os que não haviam fugido, que tentaram se juntar, foram varridos para os lados. O primeiro ataque dos inimigos foi esmagado, rechaçado. Então o principal corpo turco chegou e a refrega se transformou em centenas de lutas individuais. Tudo que Ion podia distinguir, no meio da massa de homens de couro, pele e metal, deixando a neve como lama e mingau sob seus cascos, era o Dragão mergulhando, pulando, erguendo-se outra vez para cair, até ser finalmente erguido alto, seguro e firme, e Ion vislumbrou a Garra

do Dragão, a espada de Drácula, erguida no ar por apenas um momento.

Então, um novo destacamento do inimigo, todos sipahis com pesadas armaduras, atacou direto vindo dos lados, visando o estandarte. Eles abriram caminho pela multidão, abatendo amigo e inimigo, seguindo em linha reta e, na brecha que abriam, Ion pôde ver que o líder deles era um turco enorme, envolvido em branco, desde o elmo em formato de turbante e o lenço do rosto até as esporas. Ele segurava um gigantesco machado de guerra, e se dirigiu para a figura de armadura preta, subitamente sozinha sob a bandeira do Dragão. O machado encontrou a espada, derrubando-o, mas Ion viu Drácula se arremeter para trás, para cima. Então alguma coisa aconteceu com a espada, ela deslizou sob o braço do guerreiro vestido de branco, que girou cavalo e corpo, arrancando a arma. Por um momento, Ion viu Drácula, desarmado, olhando para cima, para um machado erguido. No entanto, mesmo quando o machado começou a descer, a confusão se fechou outra vez, fazendo desaparecer de sua visão bandeira, príncipe e tudo o mais.

— Não! — gritou Ion. Em um momento ele havia montado e estava se arremetendo pela ladeira. Nem havia parado para pegar sua própria espada. Não havia tempo.

Ele chegou perto, rápido, porque não parou para desferir golpes. E as bordas da luta já estavam se afinando, pois os valaquianos que tinham visto o estandarte cair começaram a fugir — que conseguiram, que não estavam sem cavalo, deitados de costas, contorcendo-se, enquanto quatro soldados seguravam cada homem e enfiavam adagas por entre os visores.

Ele chegou perto. Mas então homens correram para ele, um agarrou o freio de seu cavalo, usando seu peso para abaixá-lo. Outro cortou as pernas de sua montaria e ela encolheu-se com um grito, caiu, lançando-o para a frente. Ele caiu no chão; o elmo, que não tivera tempo de prender, voou de sua cabeça e um turco o atacou

com uma alabarda; Ion ainda estava rolando e a lâmina não o atingiu. Mas o cabo sim, madeira batendo com força, afundando seu rosto na lama e sujeira. Ele sabia que estava perdido, viu que a mesma alabarda se erguia de novo, esperou por sua descida, a lâmina cortante desta vez, em um mundo que se transformava em sombra...

E então, além do inimigo, ele viu outra coisa, uma coisa que não o deixou perder a consciência, alguém... Drácula, levantando-se da terra, longos cabelos negros como um véu sobre metade de seu rosto, a metade que estava esmagada. A outra metade estava limpa, sem marcas, um único olho arregalado, brilhando, verde, olhando: olhando direto para ele. E então o resto dele entrou em seu campo de visão, o pouco que havia — um pescoço, uma linha sangrenta atravessando-o; nada mais. E, enquanto a luz minguava, enquanto a alabarda caía outra vez pela escuridão, Ion viu uma última coisa... a cabeça de Drácula enfiada em uma estaca, e então erguida para o alto.

Cinquenta



O sudário

Ela estava sonhando com ele. Ele a tocava, gentilmente, como era seu jeito... e sentiu a necessidade por ele que sempre sentia. Mas queria que ele fosse mais rude.

Na casa da Rua do Néctar, aprendera maneiras de lidar com isso, um papel a desempenhar, habilidades para aumentar o prazer de seu senhor. E ela sabia que, se os fizesse corretamente, eles aumentariam também o dela. Não queria sua tristeza agora; não queria ser o santuário de ninguém. Queria ser tomada com força, rapidez e crueldade, para encher seu vazio, seu desejo. Queria que ele a virasse, abrisse suas pernas, erguesse sua cabeça pelos cabelos, se curvasse para morder seu pescoço enquanto avançava para dentro dela. Se pudesse, ela morderia a mão dele, a mão machucada, retribuindo dor com dor, e então decidiria qual, de suas mil e uma habilidades, ela usaria a seguir.

Um grito a acordou. Não de prazer, não de dor seletivamente aplicada. Era um choramingo de terror, e Ilona, instantaneamente desperta, pensou que talvez tivesse machucado outra vez sua companheira de cama. Acontecia raramente, mas o suficiente para algumas se recusarem a dividir a cama com ela — pois as freiras dormiam em duplas no inverno ou morreriam congeladas em suas celas. Em seu despertar instantâneo, Ilona percebeu que era Maria que estava a seu lado — Maria, rechonchuda e tagarela — e esperou

não tê-la machucado. Ilona gostava dela. E a risonha garota do campo era a mais afetuosa do convento.

Maria agora não estava rindo, mas soluçando. Presa em um sonho, talvez. Ilona estendeu a mão para acalmá-la.

— O que foi, criança? — murmurou.

— Você não escutou, irmã Vasilica? — A pele da garota estava toda arrepiada, e sua voz tremia.

Ilona escutou. A tempestade havia passado; o vento já não sacudia as árvores do lado de fora dos muros do convento, nem assobiava pelas chaminés. Não escutou nada a não ser o silêncio amortecido, sinal de que o mundo do lado de fora estava coberto de branco. Esta primeira, tardia e enorme tempestade de neve as isolaria completamente.

Viveriam com o pouco que tinham até que a estrada para Clejani fosse outra vez aberta com o primeiro degelo.

E então ela escutou o que Maria havia escutado e se arrepiou, também.

Três golpes bateram na grande porta de carvalho do convento. E, quando o silêncio veio outra vez, não foi total. Ambas escutaram claramente o relinchar de um cavalo.

— Varcolaci! — Maria gemeu, enfiando a cabeça sob as cobertas. Ilona a aconchegou, murmurando palavras gentis. Algumas das outras jovens freiras andaram contando histórias aterrorizantes, depois das orações, de predadores noturnos — dos mortos-vivos que dormiam em suas tumbas com os olhos abertos e saíam na lua cheia para roubar os bebês dos berços e chupar seu sangue.

Não que Ilona não acreditasse naqueles que caminhavam à noite. Mas havia algo na qualidade rítmica das batidas que a fez pensar que eram provocadas por um humano vivo, não alguém que se erguera de sua tumba. O convento era distante mesmo sem a

neve. Só aqueles em grande necessidade o procuravam nos dias mais claros. Para alguém vir em meio a uma nevasca, à noite...

A urgência a tomou. Sempre a tomara.

— Irei ver quem é — disse, saindo de sob os grossos cobertores de lã.

— Devo ir também? — A voz de Maria ainda tremia.

Ilona sorriu.

— Não, criança. Mantenha a cama quente. — Abaixando os pés para a laje do piso, ela estendeu a mão para pegar seu hábito.

O velho Kristo, o porteiro, e o único homem que morava dentro dos muros do convento, estava de pé em frente à porta de carvalho. Seus olhos estavam enevoados pelo sono e pelos efeitos do licor de ameixa.

— Eu disse a quem quer que esteja lá fora que vá para os estábulos e espere até o amanhecer, irmã Vasilica — resmungou ele, sua boca sem dentes cheia de saliva —, mas ninguém respondeu e... — Ele fez um gesto, enquanto a batida medida soava outra vez.

— Quantos são? — Ela apontou para as grades da porta.

— Um. Eu só vi um. Mas outros podem estar escondidos. — Ele coçou o queixo coberto pela barba espetada. — Devo acordar a abadessa? Ilona balançou a cabeça. Madre Ignatia era velha e difícil de acordar; também, estava cada vez mais passando as decisões para a irmã Vasilica.

— Não — respondeu, subindo para ver pela grade, abrindo-a. — Chamarei, se for preciso...

O rosto deteve suas palavras, parou sua respiração. Stoica tinha envelhecido nos 14 anos desde que a deixara em seu primeiro convento, as sobrancelhas agora grisalhas, as rugas de seu rosto multiplicadas. Mas os olhos azuis e a cabeça careca eram exatamente como ela se lembrava. Como era a maneira que ele assentiu ao também reconhecê-la, apesar de suas igualmente grandes mudanças.

Ela bateu o gradeado, fechando-o, colocou sua testa sobre ele, agradecendo pelo frio seco do metal em sua pele. Era real, a dor, diferente de todos os pensamentos que se chocavam em sua mente. O convento era distante, mas as notícias acabavam chegando. Ela ficara sabendo que ele se casara um ano depois do evento; sabia que ele se tornara pai, também. Quando ele invadiu a Valáquia mais cedo naquele ano, derrotou seu rival na batalha, sentou-se outra vez no trono de seu pai, réquiens foram cantados em seu louvor, mesmo no Convento de Clejani. Antes que a neve começasse a cair, um madeireiro tinha trazido notícias junto com as lenhas — que o usurpador estava outra vez chegando à frente de um exército turco, que o voivoda iria marchar a seu encontro. Ela fizera suas próprias preces, então. Por ele. Por ela mesma. Pois, em algum lugar naquele redemoinho de pensamentos, uma pequena esperança havia subsistido. Ele não precisaria de uma amante. Seu espetacular cabelo castanho havia muito fora ceifado em um restolho grisalho, ela caminhava curvada devido às cicatrizes, e toda a carne que não fora cortada agora cedia. Se olhasse para ela, ele não veria nenhum traço da jovem concubina, nem mesmo da amante que mantivera em Targoviste. Mas ele sempre a chamara de seu santuário. Talvez, assediado por tantos inimigos, ele precisaria dela para isso outra vez? E Stoica ali? Só poderia significar que seu príncipe ainda sabia onde ela estava, tinha conhecimento de sua peregrinação de convento a convento, até que todos que a conheciam como outra coisa além da irmã Vasilica tivessem ficado para trás. Ninguém jamais viu suas cicatrizes. Mas ele havia se lembrado delas... e dela.

Tomando fôlego, enchendo-se com ar e súbita esperança, ela fez um gesto para Kristo abrir a porta. Ele abriu os ferrolhos, levantou a barra pesada, colocou-a de lado, curvou-se para puxar. A porta se abriu, e neve da altura do joelho rolou para dentro. Ela não precisou da tocha que o velho ofereceu, pois a lua cheia brilhava alta

em um céu recentemente limpo das nuvens de neve. Puxando seu hábito, pisou ansiosa sobre o monte de neve.

Stoica tinha se curvado e dado um passo para o lado, seu braço passando à frente para mostrar a ela o que esperava — um burro, de pé em seus caniços na neve. O coração dela bateu mais forte enquanto pensava como não podia ir, nesse momento, de noite. Havia suprimentos a pegar para o caminho, peles para vestir contra o frio. E, no entanto, talvez a necessidade dele fosse por demais urgente. Então ela viu a carga do burro.

Era um cone de couro e tela, lançado à sela. Ela parou.

— O que... — sussurrou.

Stoica passou por ela, abriu a lona gelada. Ela viu os pés nus, azuis, endurecidos. Havia um cocho de água na frente do portão, a água congelada dentro dele. Ela caiu sobre ele e o gelo rachou, mas não rompeu.

— É ele? — disse em voz baixa, depois se lembrou de que Stoica era mudo e ergueu os olhos.

Ele assentiu, uma vez.

— Ele pediu... — Ela engoliu em seco. — Ele pediu que eu preparasse seu corpo para o túmulo? Outro assentimento.

Ela só precisou de um momento para compreender que o desejo dela fora atendido. Seu príncipe precisava dela, uma última vez.

— Então é isso que vamos fazer — falou, limpando as lágrimas dos olhos, suas juntas estalando enquanto ela caminhava e acenava a Stoica para passar pelo portão.

Ele a deteve erguendo a mão, apontando para a traseira do animal, conduziu-a até lá, levantou outra vez o pano endurecido.

O primeiro pedaço cortado era a mão, a esquerda, a que devia ter só três dedos — levada, sem dúvida, por causa do anel do Dragão que estaria nela. O segundo era pior, claro, porque uma das últimas coisas que ela desejava fazer era beijar os lábios dele, por

mais frios que estivessem. Mas não havia cabeça, o buraco esfarrapado ali uma massa de sangue congelado, duro.

— Ah, meu amor — suspirou ela, colocando a mão sobre o ombro dele, seus dedos em uma cicatriz que ela achou que recordava. Então Stoica pegou a rédea e juntos eles levaram o corpo de Drácula para o convento.

Ela cuidou dele sozinha. Stoica desapareceu tão subitamente quanto chegara, levando o burro de volta para dentro da noite. As outras freiras, quando ouviram falar do corpo que supuseram ser de um dos parentes da irmã Vasilica, se ofereceram para ajudar. Ela as deixou ferverem água em um grande caldeirão e trazerem-na até uma cela vazia perto da cozinha, permitiu que rasgassem lençóis em centenas de pedaços. Mas, depois, mandou todas embora. Havia sonhado por tanto tempo em ficar a sós com ele outra vez. Agora ficaria.

Seu corpo estava um pouco diferente do que recordava, além da imobilidade do frio e da morte. Mas havia 15 anos que ela o segurara pela última vez; sabia como ela própria havia mudado nesse tempo. Havia cicatrizes de que ela se recordava, as que uma vez percorrera com as pontas dos dedos e a língua; outras, novas, que tinham aparecido. Uma vida de batalhas esculpida na carne. Terminada agora.

Ele estava curvado como um arco, o rigor mortis mantendo-o na forma que tomara sobre as costas do burro, portanto ela teve que deixá-lo apoiado de lado. Ao mergulhar o primeiro pano na água, ao tocá-lo em sua pele ensanguentada, começou a cantar. Em Edirne, ela aprendera mil e uma canções para agradar um homem. Mas esta era uma canção de sua infância, da aldeia de seu nascimento; uma doina, cantiga de ninar e lamento.

Ela não se apressou, começando pelos pés, subindo lentamente, limpando, cantando. Recordando o dia quando ela fora banhada, o dia em que ele veio roubá-la. Virá-lo era difícil, mas,

apesar de sua idade e, das enfermidades, ela ainda era forte. Quando todo o sangue desapareceu e a água já fria no caldeirão se tornara cor-de-rosa, ela começou a suturar, fechando as feridas que o cobriam, juntando a carne da melhor maneira que conseguia. A ferida escancarada no pescoço, ela cobriu com um pedaço de linho, costurando-o no ombro. Depois, pegou um óleo com fragrância de salva e bergamota e esfregou-o por todo o corpo outra vez, até que reluzisse à luz do lampião.

Ele tinha sido ungido como príncipe e agora era ungido novamente, na morte.

Ela estava cansada quando um quadrado da pálida luz de um dia de inverno caiu sobre ele. Mas havia uma última coisa a fazer, um último esforço. Ela pegou um lençol e, depois de um pouco de dificuldade, conseguiu enrolá-lo nele. Então dobrou-o sobre as pontas e, com barbante grosso, selou-o em seu sudário.

Ela se afastou da mesa, esfregando a própria nuca. Murmúrios de vozes estavam se avolumando na porta. Agora ela aceitaria ajuda.

— Entrem — chamou.

Elas cantaram preces enquanto o carregaram através dos portões. Ilona ia à frente, seis das freiras mais jovens vindo com ele atrás, o resto do convento depois.

Havia uma árvore um pouco adiante no caminho, descendo a colina, e os homens das hortas e dos estábulos estavam de pé embaixo dela, pás nas mãos. Eles haviam retirado a neve e acendido uma fogueira para esquentar a terra, embora apenas a superfície estivesse solidamente congelada, tal fora a rapidez da chegada do inverno. Um buraco fora cavado, e ela viu que era maior do que o necessário, pois ele nunca fora o mais alto dos homens e agora... não pôde evitar um sorriso. Era o tipo de piada que seu príncipe teria apreciado. Ela quase o escutou então, aquela risada rara, tão duplamente prodigiosa quando vinha.

Eles o colocaram na beirada do buraco. Ela viu bolotas lá dentro, pois a árvore era um carvalho vermelho. Sabia que ele teria gostado disso, dissolver-se na terra da sua Valáquia. A partir dele, outras árvores cresceriam.

Enquanto a canção simples crescia a seu redor, ela se ajoelhou e pousou uma das mãos no peito dele. Sua cabeça podia estar faltando, mas seu coração ainda estava lá, ela sabia. "Descanse em paz, meu amor", sussurrou. Então, sozinha, ela o pegou por baixo e fez o corpo amortalhado de Drácula cair em seu túmulo.

Cinquenta e um



O castigo

Castelo Poenari, 1481

Isso foi contado, a última parte, por ela finalmente. Terminou quando o corpo foi coberto com a terra. Nenhuma marca jamais foi colocada. Ela sempre soube exatamente onde ele estava, pois um carvalho vermelho cresceu a partir de uma das bolotas que foram enterradas com ele. Agora, tinha cinco vezes o comprimento do antebraço de um homem, um para cada ano. Logo, ela sabia, a árvore mais jovem lutaria por espaço com a mais antiga da qual brotara. Era a natureza tanto das árvores quanto dos homens. Ela não tinha dúvida de que, com o sangue de seu príncipe para alimentá-lo, o broto prevaleceria.

Tudo isso Ilona pensou mas não disse, enquanto as penas traçavam suas últimas palavras, e a última queda de Drácula, em tinta sobre o pergaminho. Então houve silêncio no salão, embora lá de fora chegassem os barulhos do dia. A tempestade que viera, trazendo a última grande nevasca, tinha passado. O sol voltara à terra, quente o bastante para começar a derreter a neve. Todos no

salão ficaram em silêncio por um tempo, escutando as gotas, e ouviram uma enorme estalactite cair de um torreão e se despedaçar nas pedras sob os muros.

Foi o conde quem quebrou o silêncio. Virou-se para o cardeal, procurando alguma reação, alguma esperança. Mas o rosto gordo do italiano estava impassível como sempre.

Horvathy engoliu em seco e certificou-se de que sua voz encontrava-se estável antes de falar: — Há alguma outra coisa que precisaria escutar, Eminência?

— Drácula está morto — retrucou o cardeal. — Foi interessante, na verdade, saber o que foi feito de seu corpo. Mas talvez eu possa dar o último detalhe necessário para os registros? — Ele sorriu. — Sua cabeça decepada, como todos sabem, foi enviada para Mehmet. Ouvi dizer que foi a única vez que o Grande Turco se deliciou por receber outra coisa que não uma planta exótica para seus jardins. Tanto foi que a manteve ao lado por uma semana, antes de permitir que fosse enfiada em uma estaca e colocada sobre os muros de Constantinopla. — Ele levantou-se, esticando as costas. — Então agora, sua última confissão terminou. Embora eu deva dizer que estou um pouco curioso... E os escribas não precisam anotar minha curiosidade... Queria saber como nossas três testemunhas sobreviveram. E como viveram esses cinco anos desde então.

Outra vez silêncio, até Petru se inclinar para a frente e gritar: — Respondam!

Ilona falou outra vez: — Vocês sabem, porque foram seus homens que me trouxeram aqui. Onde eu era uma irmã, agora sou a abadessa do Convento de Clejani.

— E que segredos escondem esses hábitos, hein, reverenda madre? Embora suas cicatrizes sejam mais interessantes do que as minhas. — O cardeal virou o rosto para o confessionário à esquerda. — E o amigo de Drácula? Pelo que contou, só poderíamos supor que

você também estivesse morto. No entanto, é óbvio que não está. O que aconteceu com o valioso traidor?

A mente de Ion, que havia vagado como uma folha desde que falara sobre a última estaca, voltou outra vez ao mundo.

— Preferiria ter sido morto. Mas esse não foi meu destino. O meu foi me tornar prisioneiro de Laiota Basarab, enterrado no mesmo momento em que Drácula, mas enterrado vivo, como o irmão dele foi anteriormente! No entanto, ao contrário de Mircea, tive ar para respirar, e assim fui condenado à mais desprovida forma de vida. Esquecido, vivo, em minha tumba, até esse dia. E preferia ter continuado lá, esquecido. — Sua voz se quebrou e ele soluçou. — E se houver alguma misericórdia em suas almas, me mandarão de volta para lá, e pararão de me atormentar com essas lembranças!

O conde Horvathy, agora impaciente, olhou para o último dos confessorários.

— E você, o confessor dele? Escutamos pouco de você nesta última hora. Pode satisfazer a curiosidade de Vossa Eminência e nos deixar ir embora deste lugar?

A voz do eremita soou áspera mas clara: — O que havia para contar? Fui deixado para trás em Peste. E Drácula partiu para a guerra sem pedir absolvição. Portanto, nada escutei de seus pensamentos derradeiros.

— Mas então, depois da morte dele, você veio para cá, para a caverna no alto desta montanha, não foi?

Nenhuma resposta.

— Fale rápido! — Petru rugiu. Havia uma última tarefa que ele devia realizar e, depois de uma noite sentado, estava ansioso para termina-la logo.

— Eu vim para cá.

O cardeal, girando seu pescoço carnudo, olhou para baixo.

— Uma curiosidade especial entre muitas. Por que você fez isso?

— Porque pensei que, talvez aqui, neste lugar que ele amava, seus pensamentos finais pudessem ser escutados. — Uma risada soou, a primeira que ele dava, um som estranho. — E eu não estava certo?

— Basta — cortou o conde, levantando-se. Virou-se para o homem a seu lado. Horvathy estava exausto como nunca; no entanto, sabia que sua única esperança de um sono sem fantasmas repousava na reação do homem a seu lado. — Eu pergunto outra vez, Eminência, há alguma outra coisa, além da satisfação de sua curiosidade, que precise saber? O cardeal olhou para o único olho do conde, cheio de esperança.

— Não — respondeu.

Horvathy hesitou, olhando para o homem menor e mais gordo, para seu rosto impenetrável. Então engoliu.

— E pode nos dizer a que conclusão chegou? — Ele ergueu a mão, esfregou seu único olho. — Sei que aqui, esta noite, escutamos uma história de horror. Mas também escutamos sobre um príncipe da Cruzada, Guerreiro de Cristo, derrotando seus inimigos sob a bandeira do Dragão. Morrendo por fim, sob essa bandeira, ainda matando Infiéis. Com a exoneração do papa, e nosso ouro para contrapor-se às mentiras que têm sido contadas, e atenuar o pior da verdade, o filho do Dragão pode se erguer outra vez. Então, também poderia o Dragão e toda a sua raça. — Ele fez uma pausa, procurou algum sinal nos olhos a sua frente. Quando não viu nenhum, deixou escapar: — Então, Grimani? Minha Ordem deve se levantar ou cair?

O cardeal ergueu os olhos para o conde, depois para o homem mais jovem, cuja esperança também brilhava claramente em seu rosto; e, por fim, para os três confessorários.

— Nenhum dos dois — respondeu, depois controlou o arfar que soou —, por enquanto. — Desceu do tablado, caminhou em direção à porta. Parando à sua frente, ele se virou. — Realmente, conde Horvathy, você não pode esperar que uma decisão, baseada

nessas histórias e depois de uma noite tão longa, venha em um instante. E você sabe que não é, no fim das contas, uma decisão minha. Eu represento a autoridade, mas não sou sua voz mais alta. Vou reler tudo que se passou aqui esta noite. Então falarei com o papa. Dessa conversa — ele olhou outra vez para os confessionários e fez o sinal da cruz — uma absolvição deve vir. Ou não. Só o Santo Padre pode perdoar um pecador como Drácula de seus... pecados espetaculares.

Horvathy se aproximou dele.

— Posso ter esperança? Para mim mesmo? Para a sagrada Ordem do Dragão?

— Bom — retrucou Grimani —, existem precedentes. Portanto, prepare o ouro para sua Ordem. E tenha esperança para você mesmo.

Horvathy assentiu. Ele havia feito tudo o que podia.

— Vamos reunir as confissões. Marcaremos todas as três com nossos três selos. Então você levará uma consigo. Levarei uma para Buda, para impressão secreta. E deixaremos uma aqui, onde a lenda foi contada.

— Ótimo. — Grimani olhou outra vez para os três confessionários.

— E, hã, o outro assunto?

— Trataremos das questões aqui, Eminência — respondeu Horvathy, olhando para Petru.

O cardeal olhou outra vez para eles por um momento.

— É claro que sim — disse baixo. — Cada um com suas habilidades, não é? — Ergueu os dedos unidos. — Dominus vobiscum — entoou, fazendo o sinal da cruz.

— Et cum spiritu tuo — disse Horvathy, fazendo uma reverência.

Com uma ligeira inclinação da cabeça, o cardeal Grimani deixou o salão.



A figura rija de Bogdan, tenente de Petru, substituiu-o na soleira da porta. Ele ergueu as sobrancelhas e Petru assentiu. Bogdan se virou, fez sinal para dois soldados; um jovem e ansioso, o outro mais velho, irritável.

De trás dos soldados veio outro homem. Estava vestido de maneira completamente diferente, com um avental de couro cobrindo-o da nuca aos tornozelos. Seu rosto estava marcado pela fuligem e ele segurava uma espada. O cabo da arma estava à altura de seu queixo enquanto a ponta da lâmina descansava no chão.

Horvathy sorriu.

— A Garra do Dragão — disse. — Tinha me esquecido de que ela estava sendo reforjada.

Ele fez um sinal para o ferreiro se aproximar, pegou a espada com ambas as mãos, levantou-a bem.

— Que arma! — maravilhou-se, girando a lâmina para um raio de luz que entrava pela abertura de flecha. O raio reluziu sobre a empunhadura da espada e fez os dragões de cada lado parecerem voar. — Sabe, Petru, os que nunca viram uma espada bastarda pensam que ela deve ser pesada, porque você a maneja com as duas mãos.

Mas ela é forjada de maneira tão refinada que é leve, pode ser erguida repetidas vezes. Pode matar repetidas vezes.

— Ele a levantou, pegou-a, suspirou. — Apenas com ela, sinto que poderia recuperar Constantinopla.

— Meu senhor? Horvathy olhou para Petru. O homem mais jovem estendeu as mãos. Quando o húngaro não abaixou a espada, Petru disse: — Ela é a espada da Valáquia, meu senhor. Pertence a meu príncipe.

O único olho do conde se estreitou. Então ele deu de ombros, abaixou a espada, entregou-a. Petru a pegou e a segurou por um momento antes de colocá-la deitada sobre os braços da cadeira central. Então fez um sinal para o ferreiro sair, fechando a porta atrás de si.

O conde respirou fundo antes de descer do tablado.

— O testamento — falou, ríspido, e imediatamente a cortina do lado do padre no primeiro confessionário foi aberta. O monge lá dentro piscou com a luz mais forte do salão. Ele já havia enrolado e amarrado os documentos com uma fita. Horvathy pegou-os.

— Obrigado por seu trabalho. Você será recompensado. — Ele assentiu. — Por favor, saia e espere ali.

O monge se levantou, esticou as costas, caminhou até ficar na frente de Petru e seus homens. O conde se aproximou do segundo e terceiro confessionários, onde as mesmas ações e palavras foram repetidas. Os três monges, como os prisioneiros, só tinham recebido permissão para sair duas vezes durante os procedimentos, e pareciam fatigados e famintos. Petru apontou para a mesa menor, no outro canto do salão.

— Comida e vinho são oferecidos. Sirvam-se.

Famintos, os monges, escoltados pelos soldados, caminharam até o outro extremo do salão.

Horvathy apertou os três rolos de testemunhos contra o peito com uma das mãos. Com a outra, lentamente voltou para a primeira das cortinas que permaneciam fechadas.

Ion piscou, erguendo uma das mãos para proteger os olhos da luz. Em seu pouco tempo fora da cela, tinha recuperado um pouco mais de sua visão. Ele podia inclusive ver os traços de um rosto, um oval sobre ele, contornado pela claridade.

Sem uma palavra, Horvathy continuou, puxou outra cortina. Ilona não ergueu os olhos, não os abriu. Sua boca se moveu, mas se

numa prece ou no lamento que ela havia pouco cantara, como havia cantado sobre o corpo de Drácula, Horvathy não saberia dizer.

No último confessional, o confessor de Drácula não levantou a cabeça. Dentro do capuz, tudo que o húngaro pôde ver foram a boca e o queixo do homem na sombra, seus lábios, como os da abadessa, movendo-se lentamente.

Ele hesitou por um momento, depois engoliu, virou-se, deixou os testemunhos sobre sua cadeira. Pegou no braço de Petru, levando-o até a porta.

— Faça o que tem de ser feito — murmurou.

— Eu... — O homem mais jovem olhou para trás, passou a língua nervosamente sobre os lábios. — Eu só lamento... a mulher — murmurou.

— Parece um pecado.

— Você escutou a confissão. Os pecados dela são inúmeros. — O conde apertou o braço dele com força. — E lembre-se disto: todos os nossos pecados serão perdoados na cruzada. Quando o Dragão e a Cruz voarem lado a lado outra vez e varrerem os Infiéis dos Bálcãs.

Petru engoliu em seco e assentiu.

— O que deve ser feito — ecoou.

Horvathy pegou na maçaneta da porta, mas Petru pôs sua mão contra a madeira.

— Você não ficará, meu senhor, para testemunhar? Horvathy olhou nos olhos do homem mais jovem; viu dever, alguma apreensão. Mas havia apetite, também. Petru tinha escrupulosamente, lealmente, executado os estranhos desejos de seu voivoda, mas Horvathy sabia que ele também aspirava a ser iniciado na Ordem do Dragão, se ela pudesse reviver. E, na verdade, se fosse, se tudo que tinham feito aquela noite obtivesse sucesso, então não seria nada ruim ter um Dragão comandando um posto de fronteira tão valioso quanto Poenari, na cruzada que seguiria. O jovem spatar

tinha mostrado habilidade organizacional. Mas seria capaz de matar? Isso valeria a pena saber.

Horvathy tirou sua mão da maçaneta.

— Eu ficarei. Mas seja rápido! — Levantou os rolos de pergaminho. — Isso deve ser assinado e selado antes que Grimani parta para Roma. E o italiano está ansioso para ir.

Petru assentiu, fechou o ferrolho da porta, então se voltou para olhar por um momento para os confessionários e seus três ocupantes silenciosos. Então, olhou para o outro extremo do salão, onde os monges comiam e os soldados os vigiavam.

— Bogdan — chamou e, quando o homem olhou para ele, ergueu a mão.

Foi feito rapidamente, sem demasiado sofrimento, pensou Horvathy. Ele estava observando os confessionários para ver se os que estavam dentro reagiriam ao súbito ruído, o arfar, o sorvo peculiar do metal na garganta, o arquejar. Ninguém pareceu escutar, apenas continuaram com o que estavam fazendo — murmurando, olhando sem ver. Quando olhou outra vez, os soldados estavam de pé sobre dois corpos ainda se mexendo enquanto Bogdan estava se abaixando para levantar a laje perto da parede pela argola de metal incrustada. Petru e Horvathy observaram-no se curvar, puxar, empurrar. O corpo do primeiro monge desapareceu rápido. O homem cuja confissão eles escutaram ser contada esta noite havia construído a eclusa sobre o precipício para limpar os dejetos. Sem dúvida também tinha sido útil para se livrar dos corpos que não deviam ser vistos. Ainda era.

Quando o último corpo desapareceu — um braço adejando como se acenasse em adeus —, os soldados se aproximaram.

— Venham — disse Petru, sua voz estalando na palavra enquanto caminhava para os confessionários. — Venham — disse outra vez, mais firme. — Vocês se comportaram bem, todos os três. Tem comida esperando no final do salão, e um lugar confortável

para descansarem por uns dias. Depois, retornarão para suas residências. Embora você, Ion Tremblac, vá receber um lugar honrado em um lar em Suceava. — As mentiras aliviavam quem falava, sua voz tornando-se mais forte. Ele até sorriu. — Vocês estiveram a serviço de Deus esta noite e dia. Venham.

Em seu confessionário, Ion parecia não ter escutado, olhando para as formas sob suas pálpebras. A um sinal de Petru, o jovem guarda estendeu a mão e o puxou para fora. Ele ficou lá, suas pernas enfraquecidas não suportando o próprio peso, portanto o soldado o deixou deslizar para o chão.

Ilona ergueu-se sem ajuda, ficou de pé em frente ao confessionário, virando-se para ver o homem a seu lado pela primeira vez. Sua voz, seu lamento, sua risada enlouquecida a haviam preparado um pouco — mas não para a ruína que agora podia ver.

— Ah, Ion — murmurou ela, ajoelhando-se, envolvendo-o com seus braços. Lágrimas deslizavam por entre as pálpebras apertadas.

— E você, eremita... padre — Petru se corrigiu. O homem que ele havia considerado apenas mais um louco solitário tinha sido padre antes. Como a abadessa, seria mais difícil matá-lo por esse motivo.

O eremita não se mexeu, sua cabeça ainda abaixada, apenas seu queixo e sua boca aparecendo sob o capuz. Ele estava sorrindo ligeiramente, e então Petru pensou no louco e não no padre e disse mais ríspidamente: — Levante-se. — Incomodado, ele se virou, fez um sinal para Bogdan, que se aproximou. Mas, ao fazer isso, o eremita se levantou, saiu do confessionário, ficou lá, em pé, tão quieto como tinha estado sentado, cabeça baixa, mãos do lado. Seria melhor matá-los onde haviam matado os monges. Mesmo se não fossem usar a eclusa — pois não havia perigo se esses corpos um dia fossem encontrados —, era melhor manter as manchas de sangue em

uma mesma área. Além disso, ali perto do tablado era onde eles ceavam; e sua esposa, grávida, ficava facilmente nauseada.

— Venham — disse Petru, outra vez calmo —, à comida.

Eles caminharam, e o spatar os seguiu.

Ion começara se arrastando lentamente. Bogdan se aproximou, pegou um braço, puxou. O segundo soldado pegou o outro. O terceiro caminhava ao lado de Ilona, e Petru viu que o ansioso e tolo jovem já havia tirado sua faca, ainda que pendesse a seu lado. Você não assusta animais a caminho do matadouro, e isso era duplamente verdadeiro para os humanos.

Foi então que o eremita falou: — Esperem — disse.

Sua voz foi baixa, a palavra, falada de maneira suave. No entanto ela soou clara, e todos pararam. Na porta, Horvathy se endireitou. No silêncio do salão, os únicos ruídos vinham de fora, de homens preparando cavalos para a partida. E mais além, o grito de um único pássaro.

— Criei-ak, Criei-ak.

O eremita voltou-se ligeiramente para ele, depois olhou para trás enquanto, a um sinal de Petru, o guarda mais velho deixava Ion e ia em direção a ele. O homem não teve a sutileza de seu comandante.

— Vamos, você — gritou, estendendo a mão e avançando, e então voltando um passo, olhando para baixo. — O quê? — perguntou, confuso. E então subitamente se sentou, a mão em volta da faca que estava enfiada nele.

O eremita deu passos à volta dele. Tudo aconteceu tão rápido que nenhum dos guardas tinha completa certeza do que tinham visto. Foi Petru quem reagiu primeiro. Desembainhando sua espada, gritou: — Pare! — E deu um passo à frente.

Mas o eremita mergulhou por baixo da lâmina que se erguia e chegou mais perto dele, colocando sua mão esquerda sob o braço de Petru, estendendo a direita para a mão da espada, girando-a com

força contra sua inclinação. Petru gemeu com o choque, com a súbita dor, deixando a espada cair. O eremita pegou-a, agarrando-a de modo reverso, a lâmina apontada para trás, às suas costas.

Os outros começaram a se mexer. O guarda mais jovem jogou Ilona no chão, pulou para a parede, sobre a qual pendia uma besta, sempre a postos ali, preparada para um ataque repentino. Ele a agarrou, enquanto Bogdan gritava: — Solte-o.

Então desembainhou sua própria espada e correu para a frente. Mas o eremita arremeteu contra Petru, lançando seu ombro contra o peito do homem, girando ao fazer isso, a espada ainda segura de maneira reversa e precedendo os corpos em rodopio mas não o suficiente para Bogdan vê-la claramente, ou para fazer algo a seu respeito.

O gibão de couro não podia resistir ao metal. Ele guinchou, deixou a espada cair, cambaleou para trás, caiu, tentando agarrar a arma que o eremita soltara.

Petru deu uma guinada, quase se soltou do ataque.

— Não — gritou, enquanto o guarda apontava a besta e disparava o gatilho, justo quando o eremita deu um passo atrás, puxando Petru para a frente.

A flecha atravessou a garganta de Petru, levando a ordem que ele se preparava para dar, e alguns momentos depois, sua vida.

O eremita deixou o spatar moribundo cair. Ele parou perto de onde Bogdan havia caído. As mãos do tenente estavam em volta do cabo da espada cuja lâmina se projetava de suas costas a uma distância de um antebraço, como se estivesse decidindo se devia puxá-la ou não. Então, antes que pudesse decidir, caiu de lado e fechou os olhos.

O eremita olhou para trás. O guarda que primeiro havia chegado perto dele ainda estava sentado, mas seus olhos também estavam fechados e ele já não se mexia mais.

O guarda mais jovem abaixou a besta, deu um passo para trás, compreendeu que não havia como sair dali, então tentou avançar. Mas o eremita foi em direção a ele, abaixando-se para pegar a arma que o jovem deixara cair quando pegou a besta.

— Socorro! Pelo amor de Deus, socorro! — gritou o jovem para Horvathy. Mas o conde não tinha se mexido, não conseguiu. E os que estavam acima com certeza esperavam gritos, e os ignoraram. Quando o jovem chegou à parede, enquanto o eremita avançava, compreendeu que só havia uma maneira de escapar. Com um último e desesperado grito, ele se atirou na eclusa.

O grito continuou por um momento enquanto o homem caía montanha abaixo; então, subitamente, parou. O grito do pássaro soou outra vez, depois também terminou de repente.

E quando terminou, os quatro sobreviventes se entreolharam.

— Quem...? — sussurrou Ion, embora ele soubesse, mesmo que não conseguisse acreditar.

Horvathy sabia, também. Subitamente, claramente, sem nenhuma dúvida. E foi ele quem sussurrou o nome: — Drácula.

— Sim. — A resposta veio calmamente de dentro do capuz.

— Não — disse Horvathy, deixando cair os rolos de pergaminho que segurava. Ele só tinha uma faca em seu cinturão. Depois do que acabara de ver, não parecia suficiente. Então, rapidamente se encaminhou para o estrado, para a cadeira central, para a espada que estava deitada ali. Ele a levantou, virou... e Drácula estava de pé, à distância de uma espada.

— Essa é minha — disse, calmo.

Horvathy ergueu a espada à sua frente, levantando a ponta até a distância de uma mão do rosto do outro homem.

— Não... — sussurrou.

— Não pegue o que é meu — disse Drácula.

Enquanto falava, ele se aproximou, e Horvathy não conseguiu avançar, atacar, cortar. Não conseguiu fazer nada a não

ser olhar nos olhos verdes e avermelhados do homem; olhá-lo erguer a mão, pegar o cabo e puxar a arma das mãos do húngaro.

Drácula deu um passo atrás, ergueu alto a espada, examinou sua superfície plana.

— Ele fez um bom trabalho, o ferreiro de Curtea de Arges. — Sorriu. — E agora me sinto outra vez inteiro.

Olhou outra vez para Horvathy. E o húngaro viu o que esperava ver naquele olhar verde — morte. E, ao vê-la, o medo o deixou. Sentiu-se calmo e disse: — Faça o que tem de ser feito, Drácula. Pois você me enviará para junto de minha esposa.

Mas Drácula negou com a cabeça.

— Ouvi falar que sua esposa era uma mulher pia, conde Horvathy. Sem dúvida está sentada à mão direita de Deus agora, enquanto você está destinado a outro lugar. Àquele círculo do inferno reservado para os traidores.

O medo retornou, e Horvathy ergueu a mão.

— Irmão Dragão... — suplicou.

— Você me chamou assim uma vez antes — disse Drácula.

O golpe veio rápido, do alto. Foi até a metade do corpo antes que o conde caísse de joelhos, preso apenas pelo aço. Mas seu único olho permaneceu aberto, e Drácula se curvou para olhar dentro dele.

— E eu não sou seu irmão — sussurrou enquanto puxava a espada.

Então ele se virou e olhou para as duas outras pessoas vivas no salão.

Cinquenta e dois



Vindo dos mortos

Os olhos de Ion por fim estavam claros; mesmo assim, ele era incapaz de acreditar no que via. Apenas conhecera um único homem que era capaz de matar da maneira como acabara de ver esses quatro homens sendo assassinados. Esse homem estava morto. Ion tinha visto sua cabeça empalada em uma estaca.

Então a resposta veio. Quem quer que fosse... o que quer que fosse... que estava outra vez estendendo a espada nos braços da cadeira, que estava caminhando em direção a ele agora, era o varcolaci daquele homem — o morto-vivo, erguido de sua tumba, vindo se banquetear com a carne dos homens.

No entanto, a mão que agora pousava em seu ombro era real o bastante, com seus três dedos, o polegar, o coto. Sua mão se fechou sobre a outra enquanto ele murmurava: — Vlad!

— Sim — respondeu Drácula, abaixando-se, levantando o frágil prisioneiro, quase carregando-o de volta ao confessionário, sentando-o ali.

— Não! — Ilona estava chorando ao se aproximar. — Não! Não pode ser. Que a Mãe de Deus defenda-nos todos, pois você está morto! Morto! Eu o enterrei. — Ela deu um último grito, avançou correndo, ergueu a mão, tirou o capuz dele... e arfou. Pois nenhum

cadáver vivo, saído da mortalha em que ela o envolvera, olhava de volta. O rosto não estava apodrecido, carcomido por vermes.

Estava mais velho, com certeza, com rugas, e tudo que ela conhecera preto estava branco — cabelo, sobrancelhas, barba —, mas era o rosto dele, sem qualquer dúvida.

E ela soube, de repente, com certeza, que não era uma besta noturna que estava à sua frente, mas um homem vivo, o homem que ela sempre amara.

— Eu o enterrei — gemeu ela outra vez.

Drácula baixou os olhos.

— Você enterrou meu filho. E foi a cabeça dele que apodreceu na estaca nos muros de Constantinopla.

— Não! — disse Ion, sacudindo a cabeça. — Eu os vi cortando sua cabeça...

— Você viu um enorme turco decepar uma cabeça. Mas você nunca viu quem estava debaixo do elmo do turco... Negro Ilie, a quem mandei embora na noite anterior, para se vestir como um turco pela última vez, para me prestar este último serviço.

Ilona cambaleou para trás, até ela também conseguir se afundar no banco de seu confessionário.

— Você matou seu próprio filho?

Drácula balançou os ombros.

— Não fiz isso. Ele morreu como queria, na batalha. Por uma causa. A causa de seu pai.

— Mas... por quê? — Ion balançou a cabeça. — Por quê?

— Porque decidi viver, para ver como seria uma vida que pudesse controlar. Uma caverna como reino, um falcão como meu único servo. — Ele assentiu. — E foi bom. Por um tempo.

— Por um tempo?

— Sim. E então... — Ele franziu a testa. — E então, no ano passado, fui vender um filhote na feira de outono em Curtea de Arges, como sempre fiz. Um bêbado se levantou na taberna e

começou a ler um novo panfleto, mais mentiras baseadas em algumas verdades de minha vida. Outros na taberna gritaram para que ele parasse, pois esta é minha região e seu povo sempre amou os Draculesti. Mas pensei nos que viviam longe, em lugares onde nunca se ouviu falar da Valáquia, em homens rindo em seus palácios, estalagens, casas. E compreendi que essas... histórias não estavam amaldiçoando apenas meu nome, estavam amaldiçoando também a Ordem à qual pertenci, enfraquecendo o que havia sido a verdadeira ponta de lança da Cristandade. Em vez de um cruzado, tinha me tornado um monstro, e pior do que qualquer traidor.

Ion estremeceu. Mas Drácula não estava olhando para ele e sim para além, para a poça de sangue que se alargava, o húngaro morto em seu centro.

— Eu queria o mesmo que Horvathy, um Dragão ressurgente. Eu queria que meus filhos, quando tivessem idade, cavalgassem com orgulho sob sua bandeira e carregando o nome do pai deles. Mas não sabia se o que eu desejava seria possível. Eu estava... confuso com as mentiras que estavam sendo contadas, já não podia mais ver o que eu era, o que tinha sido. Então, decidi pedir às pessoas que melhor me conhecem para confessar. E aos que estavam em posição de ganhar mais, para julgar.

— Confessar? — ecoou Ion. — Nunca houve um confessor, houve?

— Apenas uma vez, em Targoviste, aquela noite quando... — Drácula olhou para Ilona, depois ergueu os olhos. — Qual teria sido o propósito? Nenhum homem pode julgar minhas ações e suas razões. Apenas Deus.

— Então tudo isso... — Ion se agarrou na beirada de seu confessionário —, você preparou tudo isso?

— Conservei o selo do voivoda da Valáquia, então pude fazer qualquer documento que quisesse. Eu conhecia os estratagemas secretos dos Dragões desonrados. E tinha ouro suficiente, pois

treinei e vendi falcões nesses cinco anos. — Ele balançou a cabeça. — É bastante fácil arranjar esse tipo de coisa, quando você entende tanto a ambição quanto o terror dos homens.

Do lado de fora do salão, os sons dos preparativos para a partida continuavam a entrar. Drácula escutou por um momento.

— Não sei se será suficiente. O cardeal levará o testemunho para Roma, junto com sua opinião. Talvez o papa pense que é conveniente redimir o pecador, fazer ressurgir seu nome e sua Ordem. Talvez não. Não é algo que eu possa controlar. Fiz tudo o que podia.

— Mas como eles explicarão isto, meu príncipe — disse Ilona, engolindo e apontando para os corpos.

Um meio sorriso apareceu.

— Uma contenda sobre os espólios? Sobre uma espada, talvez? — Ele apontou para a Garra do Dragão pousada na cadeira.

— Húngaros versus valaquianos, romanos versus ortodoxos, como sempre foi, enquanto os turcos se regozijam? — Drácula balançou a cabeça. — Mas nós não estaremos aqui, e pensarão que fomos liquidados, como foram os escribas. Pois há outras maneiras de sair deste castelo, desta mesma sala, que só eu conheço.

Ele foi até a porta, passando pelo corpo do conde, pelo lago de sangue, abriu o ferrolho que Petru havia fechado.

— Eles virão logo — disse. — Vão querer... isto! — Ele se abaixou, pegou um dos rolos de pergaminho. — "A Última Confissão de Drácula." Vocês acham que dará um bom panfleto? Será que as pessoas pelo mundo afora assustarão suas crianças na hora de dormir contando minha história verdadeira? — Sorriu. — Talvez não seja sangrenta o suficiente, hein?

Um grito soou outra vez, um pássaro de caça. Atravessando a sala, Drácula colocou o documento sobre uma cadeira, enfiou a mão no blusão, puxou uma luva e vestiu-a em sua mão esquerda,

aleijada. Então, pela ameia, ele se inclinou para fora e deu um grito alto, "Criei-ak! Criei-ak!", enquanto estendia a mão através da abertura.

Todos eles escutaram o que poderia ter sido um eco, mas compreenderam que era uma resposta. Drácula de repente se curvou, como se puxado do lado de fora. Depois, deslizou de volta. Em seu punho pousava um açaor.

Enquanto Drácula o trazia para o salão, o pássaro piscou para as duas pessoas sentadas ali, depois baixou a cabeça para a carne que Drácula tirava de uma bolsa na cintura, embaixo de seu hábito.

— Minha bela — murmurou, então ergueu os olhos porque Ilona estava se levantando.

— Você me chamava assim antes. Agora já não poderia fazê-lo.

Ele a observou mancar até ele.

— Você sempre será linda para mim, Ilona.

Ion também estava se erguendo, escorregando do banco, arrastando-se para a frente.

— E eu, meu príncipe? Ainda sou seu servo? Ou serei apenas, agora e para sempre, seu traidor?

— Não, Ion. Como espero o perdão, também devo perdoar.

— Assentiu. — Você fez o que precisava fazer. — Olhou para Ilona.

— Por amor e por ódio. Mas você sempre foi, e é, meu único amigo.

Usando a beirada da mesa para se erguer quase inteiramente, Ion ficou meio de pé. Assim de perto, percebeu que sua visão tinha realmente melhorado, pois ele podia ver, como se através de uma neblina, os rostos à sua frente. Esforçando-se, podia mesmo dizer a cor dos olhos deles; os de Ilona, que o enfeitiçaram havia tanto tempo, ainda castanho-claros. Os da açaor, vermelhos. E os de Drácula? Isso o surpreendeu, pois eles já não eram apenas verdes, mas também tintados de vermelho.

— E agora? — perguntou.

Drácula levantou sua outra mão.

— Escutem — disse. — Vocês estão ouvindo?

Eles inclinaram as cabeças. Homens gritavam acima. Um cavalo relinchou.

— Ouvindo o que, meu príncipe? — Ilona perguntou.

— Os sinos do estandarte de Mehmet. Ele levantou seu tug de rabo de cavalo à frente dos muros de Constantinopla. Está indo para a guerra. — Ele se virou para Ion. — Lembra-se do nosso jogo de jereed, Ion? A aposta que fizemos?

Ion esfregou os olhos.

— Não... espere, sim! Seu prepúcio ou... um pássaro, não foi?

— Um falcão. E Mehmet jamais honrou a aposta. Então está na hora de fazê-lo corrigir isso. — Ele se inclinou para a frente e seus olhos vermelhos reluziram.

— Mehmet me deve um falcão.

Epílogo



"Seu nome era Morte, e o inferno o seguia." Apocalipse 6.8
Gebze, Anatolia, perto de Constantinopla, quatro semanas depois
Por um longo tempo o som era indistinguível no rugido rouco de um acampamento turco se preparando para a noite. Havia mesmo outros gritos — de burros e de cavalos, de camelos e de homens. Mas, enquanto o homem cujo ofício era costurar couro e peles caminhava lentamente pela trama espessa de cordas de tendas, os outros ruídos começaram a ficar para trás. Mais próximos do centro, homens murmuravam para si mesmos, raramente entre si, olhando por sobre os ombros, fazendo gestos de aviso como se para bloquear o som que se tornava ainda mais alto à medida que o homem se aproximava — os lamentos de outro homem em agonia. Ainda mais próximo, e mais homens olhavam para o interior, de pé ou agachados, a maioria de joelhos, alguns em silêncio, outros murmurando preces.

Ninguém prestou muita atenção a ele, esse yaya atarracado com sua túnica de retalhos, suja de barro, seu turbante desbotado, barba rala e pés descalços. Ele não tinha armas, apenas uma pequena sacola sobre os ombros com muitos dos implementos de seu ofício enfiados do lado de fora — agulhas de ossos de todos os tamanhos, carretéis de pelo de camelo, tiras de couro, um furador de metal. Se

alguém tivesse reparado nele, podia ter visto que de sua sacola pingava um pouco de líquido. Mas ninguém o fez.

Foi mais fácil do que a última vez que ele tentara se aproximar do sultão. Ele passou pela mesma sequência agora pela qual passara antes. Pelas fileiras misturadas de gazis e batedores akinci, por entre os ainda mais esplêndidos pavilhões dos belerbeys, em volta dos mesmos cones de pele nos quais os janízaros dormiam. Ele reparou em alguns de seus estandartes — a torre, a roda, o sol pela metade; mesmo o elefante familiar da 79a orta. Quando ele viu a auriflama amarela da ala esquerda, soube que estava perto. Embora o silêncio dos guerreiros sipahis também o tivesse avisado; isso e o grito terrível, agora tão perto.

Ele não era o mais alto dos homens, e aqueles pelos quais passava eram a elite do exército turco, assomando sobre ele. Assim, precisava passar pelos últimos antes de poder ver o que seus ouvidos lhe diziam que estava ali, um som baixo, suave, sob o mais alto e terrível.

Ele passou pelas últimas fileiras de guerreiros. E ali estavam eles — os sinos que repicavam no tug do sultão, abaixo dos rabos de seis cavalos. O estandarte encimava um pavilhão idêntico ao que ele queimara vinte anos antes.

Ninguém o parou quando ele se encaminhou para o portão duplo e passou por ele, embora guerreiros estivessem de pé ao redor do pavilhão com espadas desembainhadas e arqueiros solak segurassem seus arcos com as cordas preparadas. Ninguém se mexeu — pois todos os homens sentiam que se o fizessem, mesmo um pouco, então o equilíbrio do mundo mudaria, e o sultão deles, o Mais Exaltado, Mehmet, o Conquistador, se renderia aos demônios que estraçalhavam suas tripas, e morreria.

Assim, sem enfrentar obstáculos, Drácula se curvou, ergueu uma aba da lona e entrou no pavilhão do sultão.

Entrou em um mundo diferente, pois aqui havia movimento e barulho, a maior parte vindo do divã que estava no centro da vasta tenda e do homem que se debatia sobre ele. Homens de roupas brancas e com as faixas púrpuras dos médicos tentavam forçar um líquido dentro da boca do homem doente. Mas o sultão gritava, uma mistura de prece e obscenidade, e derrubava o copo das mãos deles. Outro foi enchido, levantado. De alguma forma, um pouco do líquido foi engolido, depois um pouco mais. Mehmet caiu para trás, de algum modo aquietado, embora suas pernas continuassem se mexendo, como se ele fosse correr da cama suja.

Os gritos viraram um gemido baixo; os médicos se afastaram, limpando o suor do rosto. Um homem alto, com as roupas finas de um vizir — embora mesmo essas tivessem manchas amarelas e marrons, puxou um para o lado e murmurou arrebatado: — O que mais, Hekim Yakub?

O médico sacudiu a cabeça.

— Não sei. Fui chamado tarde demais e não tenho certeza do que meu estimado colega, Hamiduddin al Lari, já lhe deu.

— Estimado saco de merda — silvou o vizir. — Puxarei suas tripas de fodedor de camelo até que ele me diga, se puder encontrá-lo. É veneno, o que você acha?

O médico balançou os ombros.

— Talvez.

— Por quanto tempo?

— Não sei.

O vizir amaldiçoou baixinho. Depois ergueu os olhos, para os rostos dos servos, escravos, soldados, médicos, cerca de vinte homens que olharam todos de volta.

— Ninguém deve sair desta tenda. Nenhuma palavra sobre isto deve sair daqui. Se o filho Bayezid ficar sabendo antes que eu chegue ao príncipe Cem... — Seu olhar passou de homem a homem.

Por último, fixou-se em Drácula, e seus olhos se arregalaram. — Quem, pelos diabos... agarrem-no!

Vlad jogou sua sacola para o lado antes que os quatro homens caíssem sobre ele, cada um agarrando um membro, lançando-o no chão. Ele não resistiu. Não havia sentido... e não era para isso que estava ali.

— Quem é você? Que está fazendo aqui? — O vizir se aproximara rapidamente. Na verdade, todos na tenda olhavam para ele, como se pudesse oferecer alguma distração da visão, som e fedor do homem que morria no divã.

— Eu trago a Luz do Mundo, a mais rara das flores, Excelência — disse Drácula, sotaque duro de camponês turco. — Ela só é encontrada em um único vale do mundo. Do outro lado do Danúbio, na Valáquia.

O vizir o encarou, boca aberta. Todos sabiam que Mehmet era jardineiro, seu ofício contra o dia do desastre. Mas... agora? Por fim, encontrou as palavras: — O quê? Você... você trouxe para ele... uma flor? — Ele olhou em volta e então gritou: — Ele é ou um mentiroso, ou um louco ou um espião. Cortem-no, um de cada vez, olhos, saco e coração, e depois joguem sua carcaça para os cães. Agora!

Os soldados o puxaram, levantando-o. Começaram a levá-lo para a entrada da tenda quando o vizir se lembrou e gritou.

— Idiotas! Falei para ninguém sair. Façam aqui! No canto!

Dois o seguraram em pé. Dois deram um passo atrás, tiraram as adagas. E então um sussurro, fraco pelos gritos, veio da cama.

— Esperem!

Todos, exceto os homens que seguravam Drácula, se viraram.

— Mestre! — O vizir foi para o lado do divã, ajoelhou-se. — Você retornou a nós.

— Traga-o aqui — Mehmet sussurrou.

— Quem, senhor?

— O que trouxe o presente.

O vizir sacudiu a cabeça, atônito, mas virou-se e fez um sinal. Drácula foi arrastado até lá, dois homens ainda agarrando-o com força de cada lado. Ele olhou...

Ele vira Mehmet pela última vez naquela noite, vinte anos antes, em outra tenda, em outro país. Ambos eram jovens e seguravam espadas. Ele sabia como os anos tinham-no estragado, mas foram ainda menos gentis com o sultão. Os anos ou a enfermidade, ou ambos. O cabelo avermelhado desaparecera, exceto por uma mancha sobre cada orelha.

A pele bronzeada agora estava pálida, esverdeada. E o corpo flexível de jogador de jereed era agora uma massa flácida, intumescida sobre lençóis de seda manchados de sangue e excremento.

No entanto, seus olhos estavam claros. Ele olhou para o camponês à sua frente e balançou a cabeça.

— O que você trouxe para mim?

— Está ali, Senhor do Horizonte. Em minha sacola.

— Traga-a.

Drácula ainda estava seguro pelos guardas. Outro foi buscá-la.

— Abra-a — Mehmet sussurrou, enquanto um espasmo o sacudiu.

O guarda abriu, depois enfiou a mão com cuidado — todos sabiam do amor do sultão por plantas, e mais de um guarda tinha perdido sua pele por descuido — e tirou um pequeno saco de lona cheio de terra molhada. Nele havia uma minúscula flor, suas pétalas cor de malva, pontudas como lanças, dobravam-se sobre si mesmas.

— O que é? — Mehmet sussurrou.

— É uma crocus. Ela acabou de se abrir no vale do qual falei, do outro lado do Danúbio. No sol aqui ela vai se abrir outra vez e lhe mostrar suas línguas amarelas e carmim. Em latim, é chamada de "pallasii".

Ambos, o vizir e o médico, olharam com atenção para o camponês falando latim no meio deles. Mehmet olhou para a planta por um longo momento, depois outra vez para o homem que a trouxera. Ele virou-se para o lado, com ânsia de vômito, um fino fio de bÍlis verde escorrendo de seus lábios. Depois, ergueu os olhos outra vez.

— Deixem-nos — grasniu ele.

— Devemos ainda matá-lo na sua frente, senhor?

O vizir levantou a mão para fazer o gesto de liquidá-lo. — Não ele. Todos vocês, saiam. Não ele. Todos... vocês! — Mehmet se ergueu da cama, os olhos excitados, fulminando-os, depois se afundou de novo, seu grande estômago em convulsão.

— Ninguém vá além do portão. Ninguém — silvou o vizir.

Um a um os homens saíram da tenda. O vizir, erguendo a aba, olhou outra vez para trás, balançou a cabeça, e saiu.

Eles ficaram a sós. Silêncio do lado de fora da tenda, silêncio dentro dela, exceto pelos roncos vindo das tripas de Mehmet e suas pernas sem parar de se mexer entre os lençóis. Os dois homens olharam um para o outro. Então Mehmet quebrou o silêncio com uma palavra.

— Drácula — disse.

O príncipe sobressaltou-se. Não esperava por isso, ser reconhecido. Se Mehmet havia mudado, ele também. E não tinha nenhum plano concreto, a não ser a flor e o amor de Mehmet por plantas. Tinha deixado tudo para o kismet o seu e o de Mehmet, de alguma maneira o mesmo.

— Você me conhece?

— Sei quem você foi. Sei que está morto. Portanto, sei que veio do além. Com uma mensagem para mim.

Drácula se inclinou.

— Não, Mehmet Celebi — falou, usando um antigo nome —, eu estou vivo. Não lhe trago nenhuma mensagem dos milhares que

você matou.

— E dos que você matou, Drácula? Você se equiparou a mim, não é verdade? À sua pequena maneira, em seu pequeno país. Eu vi sua fileira de estacas. — Um espasmo o tomou outra vez; ele se curvou, teve uma ânsia de vômito, voltou a deitar.

— Logo irei me encontrar com eles, Mehmet. — Drácula se inclinou mais perto, sem desviar os olhos. — Mas você encontrará suas vítimas antes que eu encontre as minhas.

Algo como uma gargalhada saiu de Mehmet, transformando-se em uma tosse que o retorceu. Mas ele se recuperou e ergueu outra vez os olhos.

— E você acha que não será uma bênção de Alá quando minha morte chegar? — Fixou os olhos, sacudiu a cabeça. — Vivo, hein? Não tenho tempo para me espantar. — Apenas para perguntar... por que está aqui, Empalador?

— Vim cobrar o falcão que você me deve... Conquistador. — Sorriu.

— O... falcão?

— A aposta de nosso jogo de jereed. Meu prepúcio ou sua ave, Sayehzade. Eu venci. Você me deve um pássaro.

— Sayehzade? Filha das sombras. Minha bela. — Os olhos de Mehmet rolaram nas órbitas, sua voz veio como um grasnido. Então ele se concentrou outra vez, e de repente gritou. — Sayehzade morreu nesses vinte anos.

— Então ficarei com outra.

Os dois homens se olharam por um longo momento. Então Mehmet fez um sinal.

— Debaixo do divã. Uma gaveta. Abra-a. — Drácula fez isso. — Tem uma ficha negra aí dentro, de ônix, com minha tugra gravada? Só eu e meu falcoeiro-chefe podemos usar essa ficha; nós a entregamos a alguém que nos serve para que nos traga um falcão.

Um falcão que o mandamos escolher. Pode levá-la, escolher qualquer pássaro. Ainda assim, eu lhe digo para escolher Hama.

— "O pássaro que traz alegria." — Drácula assentiu, levantando a ficha. — Trará?

— Ela é jovem e feroz, e só meio treinada. Mas acho que se você curvá-la à sua vontade, ela matará por você mais do que qualquer outra ave... desde minha Sayehzade. Mas precisará de algum treinamento. Você tem a habilidade?

— Talvez. Se pelo menos o paxá Hamza retornasse do além para me ajudar a treiná-la. Pois ele foi o melhor falcoeiro que jamais conheci.

— Hamza! — Outro espasmo. Mehmet apertou as mãos contra o estômago, alguma coisa agitando sob seus dedos. — Você o matou.

— Sim. Eu o amava e o matei. Você amava meu irmão Radu e o matou.

— Não! Eu não o matei. Eu... — Subitamente, Mehmet se dobrou, gritando de dor. Então, controlando-se, estendeu sua mão, agarrou a mão de Drácula, a mão de três dedos que segurava a ficha, puxou-o para mais perto, até seus rostos quase se tocarem. O príncipe podia sentir o fedor das tripas do sultão, ver o tormento em seus olhos. — Tem um preço pelo pássaro, filho do Dragão. Embora você não vá concordar, já que esperou toda sua vida para pagar por isso. Mate-me — silvou. — Mate-me!

Drácula encarou aqueles olhos. Ele havia encarado tantos nesses anos, os olhos de quem estava prestes a morrer. Em uma estaca. Sob uma espada. Em geral, podia dizer quanto tempo um homem tinha para viver. E podia ver que Mehmet tinha... só mais um pouco.

— Foi outra coisa que me trouxe aqui, Mehmet. Tirar sua vida, se eu pudesse. Morrer também, alegremente, nesse momento. E você está certo, sonhei em fazer isso quase desde o dia em que nos

conhecemos. Quase consegui, uma vez no dia em que perdi isso. — Ele soltou o aperto do sultão, levantou sua mão aleijada, ficou de pé. — E, no entanto, vendo você assim... — Ele sorriu. — Acho que só vou levar o que você me deve.



Era difícil entender o que Mehmet estava gritando quando seus médicos e servos e oficiais entraram correndo. Era tudo confuso, o nome de um antigo inimigo morto gritado repetidas vezes. Hekim Yakub considerou que era efeito do ópio. Mesmo assim, deu-lhe um pouco mais, embora pudesse ver que estava começando a fazer cada vez menos efeito. Se dobrasse a dose, poderia matar Mehmet. Seria misericordioso. Mas não se mata um sultão. Não se se espera viver.

Um pouco mais tarde, o vizir se lembrou do camponês. Mas ele não estava escondido no pavilhão, e não havia passado pelos guardas nos fundos. Uma busca mais apurada revelou um pequeno corte na lona, próxima ao chão, no lado oeste. O vizir ia ordenar uma busca no acampamento, mas então se lembrou que ninguém deveria sair do pavilhão do sultão; ninguém que soubesse que Mehmet estava morrendo. Teriam que esperar até que ele se fosse.

Quanto ao corte na lona, acabariam encontrando alguém para costurá-lo. Não havia falta de homens que praticassem esse ofício, contra o dia do desastre.



Esperando por Drácula.

Parecia a Ion que ele havia passado metade de sua vida fazendo isso. Sem esperar vê-lo outra vez. Surpreso quando o via.

Ele não esperava vê-lo agora. Seu príncipe não havia lhe pedido para vir com ele nessa última pilhagem contra os turcos. Ion tinha insistido. Com sua vista ainda ruim pelo tempo na masmorra, e suas pernas ainda fracas, pouco podia fazer como guarda-costas de seu príncipe. Mas poderia testemunhar.

As sombras estavam cobrindo o vale cada vez mais, desde a pedra sob a qual Ion se abrigara. Drácula disse que retornaria ao pôr do sol. "Se então eu não estiver aqui, tudo está decidido. Mehmet vive, talvez nós dois estejamos mortos. Eu certamente estarei", disse ele. "Diga a Ilona..." Ele sorriu. "Diga que morri como um leão, não como um asno." Ion examinou o vale. Mas ele enxergava pouco. Sua visão era melhor de perto. A cidade de Gebze era uma sombra à esquerda. O acampamento turco era outra, mais longe, à direita. Ele esfregou os olhos...

E então um dos cavalos relinchou em alerta. Ele pegou seu arco. Qualquer batedor akinci que o tivesse encontrado seria um borrão. Mas não saberia disso.

— Quem está aí? — ele gritou.

— Sou eu — disse Drácula, entrando na proteção da pedra.

Ion abaixou o arco.

— Você voltou — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Sim — respondeu Drácula, se agachando.

— E Mehmet?

— Mehmet vive.

— Ah. — Sempre fora um sonho louco. Ninguém chegava perto de um sultão a menos que fosse ordenado por ele, para punição, por prazer, para obedecer. Ele olhou. Assim, de perto, podia ver o rosto do príncipe. Os olhos verde-avermelhados não tinham expressão. Ion supôs que na longa caminhada de volta desde o acampamento ele havia enterrado sua decepção.

Então reparou na sombra no braço de Drácula.

— O que é isso? — exclamou, embora pudesse ver.

— Esta — veio a resposta —, esta é Hama.

— Ave de Mehmet?

— Não. Minha.

Ion se inclinou mais para perto. Viu um dorso preto-amarronzado, um peito com borões brancos e castanhos. A ave estava encapuzada mas o sentiu, abrindo suas asas, jogando a cabeça, dando um grito estridente.

— Uma beleza — murmurou.

— Sim. Forte. Feroz. Mas obstinada, disseram. — Drácula ergueu um dedo até o capuz e a ave lançou seu bico, pegando a carne. — Comecei a treiná-la na caminhada para cá. Encapuzei-a uma e outra vez. Virei-a para todo lado. Dei-lhe um pouco de carne.

— Bem, ela é nova, posso ver. — Ion se levantou, gemendo um pouco ao fazê-lo. — Então. Você conseguiu de Mehmet sua aposta no jereed. Roubada?

— Dada livremente.

— Ah. — Havia alguma coisa a saber sobre isso. Mas Ion não via motivo para não saber disso diante da fogueira de um caravançará. O sol tinha se escondido abaixo da ponta do espinhaço e o frio já estava provocando suas dores. — Vamos? — disse, dirigindo-se para os cavalos.

Drácula não o seguiu.

— Você não gostaria de vê-la voar primeiro? — Ele estendeu a mão, tirou o capuz do pássaro. A cabeça da ave girou enquanto ela absorvia tudo. Os homens. Os cavalos. O vale escurecendo embaixo.

Drácula saiu da sombra mais profunda embaixo da pedra, desamarrando as tiras que prendiam a ave a seus três dedos.

Ion o seguiu.

— Vlad — disse ele baixo —, ela pode não voltar.

— É — respondeu Drácula —, pode.

E então arremessou o braço.

FIM

Nota do autor

"Não abuse dos mortos, pois eles se foram para o que
enviaram antes de si."

DOS HADITS, ou ditos do Profeta

Este foi, de longe, o livro mais difícil que escrevi. O fato de eu estar tão orgulhoso e contente com o resultado final não pode depreciar a dificuldade da jornada.

Para começar, eu estava tratando não apenas de uma, mas duas figuras míticas. Havia o controvertido — para dizer o mínimo! — déspota militar valaquiano do século XV. E também havia o vampiro.

Tratemos do chupador de sangue primeiro — o maravilhoso e assustador personagem gótico de Bram Stoker realmente retrata um vampiro fascinante chamado Drácula. Mas foi provado, pela brilhante professora Elizabeth Miller, que Stoker sabia muito pouco sobre o valaquiano real do século XV. Originalmente, o vilão iria se chamar "conde Wampyr". Então Stoker descobriu um relato de um viajante inglês sobre uma viagem através dos Cárpatos, feita nos anos 1820. O viajante menciona brevemente uma figura notória de séculos anteriores, um homem famoso por suas barbaridades. Ele também escreveu que o nome "Drácula" era a gíria local para "filho do diabo". Perfeito para a visão de Stoker de uma luta do bem contra o mal. Ele usou o nome, uma região famosa por seu folclore gótico, e pouco mais do que isso.

Mas meu plano não era escrever sobre um vampiro. Eu precisava saber sobre o Drácula verdadeiro — e uma vez mais encontrei um mito, histórias quase inacreditáveis de depravação e horror mesmo para uma região do mundo bem acostumada com

ambos. Tive que ler uma enorme quantidade de livros, conversar com muitas pessoas. Não quis "abusar dos mortos". Tampouco queria diminuir seus pecados, como quem diz "Sim, mas afinal de contas, Hitler realmente gostava de crianças pequenas e de pastores alemães." Por um longo tempo, nada me veio. Em desespero, confessei a uma de minhas conselheiras, Marin Cordero, cujo conhecimento detalhado do período me espanta, que eu temia humanizá-lo. "Você não pode", respondeu ela. "Ele já é humano." "Eu sou um homem. Nada do que é humano me é estranho", disse o romano Terêncio. Portanto, a história de Vlad pode não ser "estranha", mas mesmo assim ainda é um lugar muito sombrio para passar o tempo. Sendo ainda um ator em meu coração, sempre me aproximo dos meus personagens como um ator o faria — pela motivação. Que eventos e relacionamentos formaram suas vidas e afetaram suas ações? O que os motivava? Procurei as motivações de Drácula no tenebroso registro histórico, tentei encontrar "justificativas" plausíveis para suas ações. Foi muito difícil. E então tive uma epifania, depois de escrever dois terços do primeiro rascunho — escrito à mão pela primeira vez em uma tentativa de conectar visceralmente imaginação, coração e mão; decidi não julgá-lo. Decidi mostrar o que ele fez e parar de me preocupar com seus motivos. Essencialmente, deixei-o ser quem ele foi, fosse o que fosse, colocar suas ações lado a lado com o registro de sua vida e com o contexto do lugar e época brutais em que viveu. Deixaria o leitor decidir.

O romance se tornou mais fácil de escrever depois dessa decisão, passando por cada rascunho subsequente, enquanto cada peça do quebra-cabeça achava seu lugar. Só escrevi o final no segundo rascunho. Eu o mudei nos três subsequentes. Não porque estivesse mudando de ideia. Mas porque continuava descobrindo cada vez mais. As surpresas continuavam aparecendo. Choques.

Eu também queria me ater ao registro histórico... até onde ele fosse conhecido! Já declarei antes que é nas brechas entre os ditos "fatos" que o romancista histórico vive. E havia enormes brechas aqui. Em parte porque muito pouco fora escrito, em parte porque muito do que fora escrito era propaganda, contada principalmente por seus inimigos e conquistadores. Eles tinham boas razões para querer sujar seu nome. Não estou dizendo que Drácula não cometeu atos horrendos contra os turcos, os saxões da Transilvânia e seu próprio povo. Mas, quando ele afinal foi vencido, foram esses inimigos que contaram sua história.

No entanto, a propaganda não foi a única razão pela qual sua terrível fama se espalhou. A derrota de Vlad aconteceu em um momento quando uma nova tecnologia se tornara disponível. A impressão de tipos móveis fora inventada basicamente na década de 1440. Assim como um outro grande salto tecnológico, a Internet, essa nova tecnologia começou produzindo o que se pensava que o povo queria — Bíblias, tratados religiosos, alguns manuais. Mas, assim como com a Internet no século XX, o mesmo aconteceu com a imprensa no século XV — o que o povo realmente quer é sexo e violência. A história de Drácula oferecia ambos, de forma espetacular, e seus inimigos inundaram a Europa com as propagandas virais da época — panfletos! E como todos os grandes manipuladores políticos, os inimigos de Vlad pegaram e "contaram" sua legenda com seus próprios objetivos.

Eu, com certeza, fiz o mesmo. No entanto, tentei me ater ao registro histórico até onde é conhecido. E tudo o que se segue supostamente aconteceu: — seu período como refém, primeiro como um estudante privilegiado no *endeiun kolej*, depois no inferno de Tokat; — Radu tomando o partido de Mehmet; — o cometa que anunciou o retorno de Vlad; — os boiardos empalados no golpe da Páscoa; — seu irmão, Mircea, ter os olhos arrancados e ser enterrado vivo; — sua limpeza da Valáquia sem lei e o cálice de ouro colocado

na fonte da cidade; — a cabeça do emissário pregada na mesa; — o ataque noturno contra Mehmet; — os cortes em uma amante; — os milhares empalados diante dos portões de Targoviste; — o homem empalado em uma estaca mais alta para alcançar o ar mais limpo; — sua esposa caindo dos torreões do castelo Poenari; — a concessão dos apriscos de ovelhas para os homens de Arefu por terem-no ajudado a escapar; — as cartas de traição forjadas que Vlad supostamente escreveu; — o assassinato do oficial em Peste que "invadiu" sua casa, e chamá-lo de "suicídio"; — sua suposta decapitação em uma batalha final.

Para chegar a essas "verdades", tive que peneirar muitas versões rivais. Com certeza, dei às lendas minha própria "versão", meu propósito sendo contar uma boa história, em lugar de difamação ou propaganda.

Perdi a conta dos livros que li, os websites que percorri. Mas devo mencionar, especialmente, quatro livros muito úteis: o definitivo Vlad III — *The Life and Times of the Historical Dracula*, de Kurt Treptow; o espirituoso e abrangente *Vlad the Impaler: In Search of the Real Dracula*, de M. J. Trow; o obscuro e brilhante, *Observations on Eastern Falconry*, de D. C. Phillott; e finalmente, uma muito manuseada cópia de *O príncipe*, de Maquiavel, que foi escrita cerca de cinquenta anos depois da morte de Vlad, mas está cheia de observações sobre "realpolitik" e sobrevivência que o voivoda teria entendido perfeitamente. Eu coleí citações na parede em frente à minha escrivaninha.

Mas a inspiração não vem apenas de livros. Minha viagem de pesquisa a Romênia e Istambul foi vital nesse respeito. Fiquei primeiro na casa dos Tomescus, Gheorghe e Maria, na vila de Arefu, perto do Poenari, o castelo verdadeiro de Drácula (esqueça Bran, isso é Drácula de Disney, e ele provavelmente nunca nem mesmo foi lá!).

A aldeia é um lugar maravilhoso, onde as pessoas ainda vivem basicamente como viveram durante séculos — subindo as

escarpadas estradas não pavimentadas em carroças puxadas por novilhos, comendo o que criam e cultivam; o que, em abril, significou todos os vegetais em conserva e todas as partes de porco acompanhadas de tuica feita em casa, um conhaque forte de ameixa. E as cinco horas que passei em quase exclusiva posse do arruinado castelo Poenari, 140 mil degraus acima de uma montanha, me deram o cenário e a atmosfera essencial para meu romance.

Fui à deslumbrante cidade murada de Sighisoara, Transilvânia, onde bebi uma cerveja na casa onde Vlad nasceu. No dia seguinte, tive a corte principesca de Vlad só para mim em Targoviste, de forma que pude me sentar onde Vlad se sentou e pensar na cena do golpe do Dia da Páscoa. E eu estava determinado a tentar entender os impulsos religiosos que motivaram os cruzados. Na igreja da vila de Arefu, parei e pensei. E, em uma minúscula capela de paróquia em Bucareste, escutei uma linda cerimônia de cânticos enquanto estudava os afrescos dos santos.

No entanto, uma das imagens mais notáveis me ocorreu durante uma conversa com Nicolae Paduraru, muito generoso com seu tempo e altamente culto, que administra excursões relacionadas com Drácula desde os anos 1960. Ele me contou como, justo na semana anterior, o presidente da Romênia tinha sofrido um impeachment pelo Parlamento.

O impeachment tinha que ir a plebiscito. Os a favor da saída do presidente estavam se reunindo em grandes manifestações. E, em vez de bandeiras, carregavam retratos — o dele e o de Drácula. Pois o antigo voivoda é ainda considerado como uma referência de probidade, justiça e ordem. Os romenos de hoje anseiam por uma época quando um cálice de ouro poderia ficar na fonte da cidade para todos beberem nele! Istambul, Constantinopla gloriosa, é um lugar deslumbrante, sensual, onde você realmente se sente no epicentro do mundo. A cidade informou tudo que escrevi sobre os inimigos turcos de Vlad, especialmente Mehmet, e me mostrou um

pouco como a vida entre eles deve ter formado o jovem valaquiiano. Tive a sorte de ter como guia ali meu grande amigo Allan Eastman, diretor de cinema, escritor de viagem, observador agudo e deliciado da vida em todas as suas cores.

Já mencionei a professora Elizabeth Miller, principal acadêmica de todas as coisas sobre Drácula. E Marin Cordero, que tão generosamente — e espirituosamente! — compartilhou seu conhecimento superior de todas as coisas sobre os turcos e os Draculesti e foi gentil o bastante para revisar o manuscrito. Mas houve muitos outros que também me ajudaram enormemente. Minha esposa, Aletha, que teve que suportar uma obsessão maior por este livro do que por qualquer outro, mais começos em plena madrugada, mais noites interrompidas. Afinal, sempre levo para cama comigo os personagens com quem estou vivendo; não é tão ruim se ele for Jack Absolute, mas não é nada bom se for Drácula! Também devo agradecer ao Dr. Howard McDiarmid, e seu filho Charles McDiarmid que possuem e administram a adorável Wickaninnish Inn, em Tofino, British Columbia, Canadá. Eles me emprestaram a cabana da família perto da estalagem para finalizar o primeiro rascunho no meio de uma beleza que muito distraía, mas era também muitíssimo inspiradora. Da mesma forma, agradeço à mulher a quem este livro é parcialmente dedicado, Alma Lee, que não apenas conseguiu esse retiro mas que também me deu muito auxílio e conselhos durante anos, e o bônus valioso de sua amizade.

Uma tragédia aconteceu justo quando eu estava terminando este romance — minha extraordinária agente, Kate Jones, faleceu, vítima de um câncer. A terrível rapidez foi um choque enorme, pois perdi não só minha guia e mentora, tão responsável pela direção de minha carreira e deste romance em particular, mas também uma amiga alegre, generosa e adorável. Para mim, sua influência é clara em cada página e sinto sua falta todos os dias.

Muitas outras pessoas me ajudaram. Meus primos da Noruega, que me levaram à "Choça do Falcão", em Oppland, Noruega, e me deram uma primeira ideia. Rachel Leyshon, que está comigo desde meu primeiro romance, me aconselhou com sua perspicácia e sabedoria costumeiras. Todos da Orion, da gerência ao marketing, vendas, publicidade e direitos estrangeiros fizeram um trabalho excelente. Como também minha editora canadense, Kim McArthur, que foi, como sempre, um furacão de entusiasmo e capacidade.

Por fim, no entanto, este livro não estaria aqui sem seu editor, Jon Wood. Em um almoço bastante prazeroso, dois anos atrás, Jon foi quem, na verdade, veio com a ideia de escrever sobre o verdadeiro Drácula — e depois apoiou a ideia com generosidade e conselhos certos. Seu toque editorial é sempre leve e bem-humorado, e ele refreia admiravelmente minha tendência para o épico hollywoodiano.

Solte o inferno, realmente!

E quanto ao próprio Drácula?

Eu não o julgo. Deixo isso para os que escutaram sua última confissão... e, claro, para você, leitor.

C. C. HUMPHREYS

Vancouver, Canadá

Bibliografia

Drácula e Valáquia: — Vlad III — The Life and Times of the Historical Dracula, Kurt Treptow.

— Vlad the Impaler — In Search of the Real Dracula, M. J. Trow.

— Dracula — Sense and Nonsense, Elizabeth Miller.

— Dracula, Prince of Many Faces, Radu Florescu e Raymond McNally.

— Rumania, May Mackintosh.

— Vlad Tepes and his Use of Punishments, Constantin Rezachevici.

— The Borgo Post, vários, editora: Elizabeth Miller.

— Journal of Dracula Studies, vários, editora: Elizabeth Miller.

Os turcos: — Mehmet the Conqueror, Franz Babinger.

— The Ottomans, Andre Wheatcroft.

— Lords of the Horizons, Jason Goodwin.

— Constantinople 1453, David Nicolle.

— Inside the Seraglio, John Freely.

Época medieval: — The Waning of the Middle Ages, J. Huizinga.

— Medieval Combat, Hans Talhoffer.

— Warriors of the Lord, Michael Walsh.

— A History of Torture, George Riley Scott.

Falcoaria: — Observations of Eastern Falconry, D. C. Phillott.

— The Honourable Gerald Lascelles: The Art of Falconry.

Religião: — O sagrado Corão.

— A Bíblia ortodoxa.

Psicologia: — Speaking with the Devil, Carl Coldberg.

— The Need to Kill, Steven Egger.

Inspirações: — O príncipe, Niccolo Machiaveli — A divina comédia: Dante Alighieri (ilustrada por Gustave Doré).

— Rumi Poems, vários, editor: Peter Washington.

— Rubayat, de Omar Khayyam.

— Drácula, Bram Stoker.

Glossário

Nota sobre a linguagem: Os valaquianos falavam uma forma do romeno atual, conhecida como a "limba romana" ou "língua romana". Eles teriam escrito em eslavônico eclesiástico, a linguagem da Fé Ortodoxa, ou em latim.

"Osmanli" foi a língua da "Casa de Osman", e falada por toda a região. Era em boa parte turco, mas com muitos empréstimos do árabe e do persa. Para simplificar, eu o escrevi sem seus muitos acentos — cedilhas, tremas etc.

"Grego" significa os homens de Constantinopla. Eles não eram conhecidos como "bizantinos" na época.

akincis — batedores bastinado — bastão bektashi — ramo dos dervixes muçulmanos belerbey — governador da província Biserica Domneasca — catedral de Targoviste bolukbasi — capitão da guarda cakircibas — falcoeiro-chefe cobza — instrumento de corda dai ul harb — Morada da Guerra devsirme — tributo de jovens cristãos doina — canção melancólica valaquiana enderun kolej — colégio interno efendi — cavalheiro, senhor enishte — tio Fatih — o Conquistador gazi — guerreiro sagrado gomlek — túnica de lã gozde — moça escolhida jereed — jogo de azagaia a cavalo jupan — "senhor", título dos grandes boiardos kahya kadin — atendentes do harém Kaziklu — Empalador kilic — espada languier — árvore de metal com línguas de serpentes detectoras de veneno logofat — chanceler valaquiano mescid — pequena mesquita ney — flauta turca orta — companhia de janízaros; classe escolar otak —

pavilhão de lona peyk — alabardeiro da guarda, de baço removido
saray(i) — palácio Sfatul Domnesc — conselho do voivoda shalvari
— calças largas turcas sipahi — cavaleiro de armadura solak —
arqueiro da guarda spatar — comandante da cavalaria/cavaleiro
taragot — flauta turca, espécie de clarinete tellak — atendente nos
banhos Tepes — Empalador tilinca — flauta tug — estandarte de
guerra feito de rabo de cavalo varcolaci — morto-vivo vitesji —
guarda-costas do voivoda vornic — conselheiro sênior/magistrado
yaya — recrutas camponeses